V CONGRESSO BRASILEIRO
IV CONGRESSO IBEROAMERICANO
IV CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE

10 e 11 de outubro de 2016

ANAIS

Tema: “Psicologia da Saúde: Os desafios da formação na perspectiva da integralidade”

Editores
Manuel Morgado Rezende
Maria Geralda Viana Heleno
Maria Aparecida Crepaldi
Lucienne Martins Borges
Saul Neves de Jesus
Gualberto Buela-Casal

ISBN 978-85-67927-01-5

Realização

ABPSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PPGP UFSC

Apoio

Asociación Española de Psicología Conductual

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICOLOGIA DA SAÚDE

CRP CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA SANTA CATARINA - 12ª REGIÃO Filiado à ULAPSI

PROGRAMA

E

RESUMOS

Os textos, bem como posicionamentos teóricos, ideológicos e metodológicos que constam desta publicação são de integral responsabilidade de seus autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

P749p Congresso Brasileiro (5. : 2016). Congresso Iberoamericano (4. : 2016). Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde (4. : 2016 : Florianópolis, SC)
Anais do V Congresso Brasileiro, IV Congresso Iberoamericano, IV Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde, 10 e 11 de outubro de 2016 / Editores: Manuel Morgado Rezende, Maria Geralda Viana Heleno, Maria Aparecida Crepaldi, Saul Neves de Jesus, Gualberto Buela-Casal (Editores) – Florianópolis: UFSC, 2016.
367 f.

ISBN 978-85-67927-01-5

1. Psicologia 2. Psicologia da saúde I. Rezende, Manuel Morgado II. Heleno, Maria Geralda Viana III. Crepaldi, Maria Aparecida IV. Borges, Lucienne Martins V. Jesus, Saul Neves de VI. Buela-Casal, Gualberto VII. Título

CDD 150

Ficha elaborada por Rosangela de Souza Garcia – CRB-8 6062

Associação Brasileira de Psicologia da Saúde - ABPSA

Presidente
Manuel Morgado Rezende (UMESP)

Vice-Presidente
Ana Cristina Garcia Dias (UFSM)

Secretário Geral
Hilda Rosa Capelão Avoglia (UMESP)

Secretário-Assistente
Erica Hokama (FMU)

Primeiro-Tesoureiro
Maria Geralda Viana Heleno (UMESP)

Segundo-Tesoureiro
Carla Luciano Codani Hisatugo (UMESP)

Diretor Científico
Antonio de Pádua Serafim

Conselho Fiscal da ABPSA
Adriana Leonidas de Oliveira (UNITAU)
Anita Liberalesso Néri (UNICAMP)
Claus Dieter Stobaus (PUC-RS)
Eda Marconi Custódio (UMESP)
Katiane Fukamachi
Mariantonia Chippari (UMESP)
Nancy Julieta Inocente (UNITAU)
Jonia Lacerda
Rafael Érik de Menezes

Comissão Organizadora Local

Presidente:
Maria Aparecida Crepaldi – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Membros:
Ana Lucia Mandelli de Marsillac – UFSC
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré - UFSC
Jaira Terezinha da Silva Rodrigues – CRP/SC
Lucienne Martins Borges – UFSC
Elisangela Böing – UFSC
Scheila Krenkel - UFSC
Zaira Aparecida de Oliveira Custódio - HU/UFSC

Comissão Organizadora de Entidades Parceiras
(Associação Brasileira de Psicologia da Saúde/ABPSA, Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde/SPPS e Asociación Española de Psicología Conductual/AEPC)

Direção Geral:
Manuel Morgado Rezende - Universidade Metodista de São Paulo - Diretoria da ABPSA - Brasil

Membros:
Erica Hokama - Universidade São Judas Tadeu - Diretoria ABPSA - Brasil
Gualberto Buela Casal - Universidade de Granada/UGR- Espanha
Isabel Maria Pereira Leal - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida/ ISPA e SPPS - Portugal
José Eusébio Pacheco - Universidade do ALGARVE/UALG- Portugal
José Hipólito - Universidade Autônoma de Lisboa - Portugal
José Luis Pais Ribeiro - Universidade do Porto e SPPS - Portugal
Juan Tobal - Universidade Complutense de Madrid/UCM- Espanha
Maria Geralda Viana Heleno – Universidade Metodista de São Paulo - Diretoria da ABPSA - Brasil
Saul Neves de Jesus - Universidade do ALGARVE/UALG-Portugal
Victor Mantoani Zaia – Universidade Metodista de São Paulo - ABPSA - Brasil

Comissão de Comunicação e Cultura

Coordenação:
Joyce Lúcia Abreu Pereira Oliveira (UFSC)

Membros:
Ana Paula Sesti Becker
Anndrey Sangaletti
João Paulo Koltermann
Larissa Fetter Wegner
Larissa Paraventi
Maria Luiza Iusten da Silva
Mariana Schubert Bakes
Mariana Trajano
Monica Barreto
Rovana Kinas Bueno
Talita de Oliveira Custódio

Comissão de Infraestrutura

Coordenação:
Ana Paula Araújo de Freitas (UFSC)

Membros:
Allyne F.O. Barros
Ana Laura Tridapalli
Anne Luisa Nardi
Cecília Braga Bezerra
Julia de Freitas Girardi
Maiara Pereira Cunha
Márcio Jibrin
Mariá Boeira Lodetti
Natália Lorenzetti da Rocha

Comissão Científica

Coordenação:
Lucienne Martins Borges (UFSC)

Membros:
Ana Cristina Garcia Dias (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM)
Antonio de Pádua Serafim (Universidade Metodista de São Paulo - UMESP)
Carolina Duarte de Souza (Doutoranda - UFSC)
Eliane Seidl (Universidade de Brasília)
Gimol Benzaquen Perosa (Universidade do Estado de São Paulo – UNESP de Botucatu)
Maiara Pereira Cunha (Doutoranda - UFSC)
Manoel Antonio dos Santos (Universidade de São Paulo - USPRP)
Marcelo Afonso Ribeiro (Universidade de São Paulo - USP)
Maria Beatriz Martins Linhares (Universidade de São Paulo - USPRP)
Maria Juracy Filgueiras Toneli (UFSC)
Shana Hastenpflug Wottrich (Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA
Sônia Regina Fiorim Enumo (Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas)

SAUDAÇÕES

Bem-vindo ao nosso Congresso!!!!!

Prezados e Prezadas Colegas,

A ABPSA (Associação Brasileira de Psicologia da Saúde), junto à SPPS (Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde) e à AEPC (Asociación Española de Psicología Conductual) têm a imensa satisfação de convidar a comunidade da(o)s psicóloga(o)s, profissionais da área da saúde e afins, para participarem do V Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde em conjunto com o IV Congresso Lusobrasileiro e IV Congresso Iberoamericano de Psicologia da Saúde no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC nos dias 10 e 11 de Outubro de 2016, na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, que reunirá trabalhos sobre o tema Psicologia da saúde: Os desafios da formação na perspectiva da integralidade.

Agradeço aos colegas da UFSC pelo entusiasmo e empenho no acolhimento de nossa proposta de realizarmos os três congressos de Psicologia da Saúde. Destarte, teremos a honra de celebrar com os pesquisadores, profissionais e estudantes os dez anos da fundação da ABPSA.

Prof. Dr. Manuel Morgado Rezende
Presidente da ABPSA

PROGRAMA

Programação Geral

10 de outubro (segunda-feira)

Horário	Atividade	Centros
07:30	Início do credenciamento	Centro de Eventos
09:00 - 09:30	Cerimônia de abertura	Centro de Eventos
09:30 - 10:30	Conferência de abertura	Centro de Eventos
10:30 - 10:45	Intervalo	
10:45 - 12:00	Grupos de Trabalho (GT) GT01-S1, GT02-S1, GT03-S1, GT05-S1, GT06-S1, GT07-S1, GT08-S1, GT09-S1, GT10-S1, GT11-01, GT22-S1	Centro de Eventos CCE, CFH
12:00 - 13:30	Almoço	
13:30 - 14:45	Apresentação de Pôsteres (P)	Hall do Centro de Eventos
14:45- 16:15	Mesas Redondas (MR)	Centro de Eventos, CCE, CFH, Reitoria
16:30 - 17:45	Grupos de Trabalho (GT) GT02-S2, GT05-S2, GT06-S2, GT07-S2, GT08-S2, GT10-S2, GT12-S1, GT13-S1, GT17-S1, GT18-1, GT23-S1, GT24-S1	Centro de Eventos CFH, CCE, CSE
17:45 - 18:00	Intervalo	
18:00 - 19:00	Conferências	Centro de Eventos e Reitoria
19:00	Coquetel de Confraternização e show com o “Quarteto Passarando”	Hall do Centro de Eventos

Programação Geral

11 de outubro (terça-feira)

Horário	Atividade	Centros
07:30	Credenciamento	Centro de Eventos
08:30 - 09:45	Grupos de Trabalho (GT) GT07-S3, GT12-S2, GT13-S1, GT14-S1, GT15-S1, GT18-S2, GT19-S1, GT20-S1, GT21-S1, GT25-S1, GT26-S1, GT27-S1, GT28-S1, GT29-S1	Centro de Eventos CCE, CFH, CSE
09:45 - 10:00	Intervalo	
10:00 - 11:30	Mesas Redondas (MR)	Centro de Eventos, CCE, CFH, Reitoria,
11:30 - 12:00	Lançamento de Livros	Hall do Centro de Eventos
12:00 - 13:30	Almoço	
13:30 - 14:45	Apresentação de Pôsteres (P)	Hall do Centro de Eventos
15:00 - 16:00	Conferências	Centro de Eventos e Reitoria
16:00 - 16:15	Intervalo	
16:15 - 17:30	Grupos de Trabalho (GT) GT04-S1, GT13-S3, GT14-S2, GT15-S2, GT16-S1, GT18-S3, GT19-S2, GT20-S2, GT21-S2, GT29-S2	Centro de Eventos CCE, CFH
17:30 - 18:30	Cerimônia de encerramento	Centro de Eventos
18:30 - 20:00	Coquetel de Encerramento e Apresentação Cultural com o Grupo Folclórico "Alivanta Meu Boi"	Hall do Centro de Eventos

Lista de Siglas

O EVENTO TERÁ CARGA HORÁRIA DE 16h	
LISTA DE SIGLAS	
GT	Grupo de Trabalho
MR	Mesas Redondas
S	Sessão
P	Apresentação de Pôsteres
CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CFH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CSE	Centro Socioeconômico

EIXOS TEMÁTICOS	SUBTEMAS
1. Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida	1.1 Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento. 1.2 Saúde da mulher 1.3 Saúde do homem 1.4 Saúde da família 1.5 Saúde dos grupos LGBT 1.6 Saúde do trabalhador 1.7 Processo de envelhecimento e saúde 1.8 Morte e processo de Luto 1.9 Atenção Psicológica em situações de emergência e desastres 1.10 Processo de Resiliência no desenvolvimento 1.11 Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida
2. Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde.	2.1 Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação. 2.2 Interdisciplinaridade e Intersetorialidade na Formação e Atuação Profissional 2.3 Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde
3. Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde.	3.1 Atenção Básica 3.2 Atenção Psicossocial 3.3 Atenção Hospitalar 3.4 Psico-oncologia 3.5 Intervenções Comunitárias
4. Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença	4.1 Intervenções em rede em contextos de violência 4.2 Intervenções em rede em situação de imigração

Conferências	10 de outubro (segunda-feira)	Local
	9h30 – 10h30 CONFERÊNCIA DE ABERTURA	
	Os desafios da formação do profissional de saúde na perspectiva da integralidade **Palestrante**: Prof. Dr. Marco Aurélio Da Ros Universidade do Vale do Itajaí	Centro de Eventos Auditório
	18h00 – 19h00 CONFERÊNCIAS	
	Do mal-estar ao bem-estar: contributos da psicologia positiva **Palestrante**: Prof. Saul Neves de Jesus (Portugal) Universidade do Algarve	Reitoria Auditório
	Não ocorreu	
	11 de outubro (terça-feira)	**Local**
	15h00 – 16h00 CONFERÊNCIAS	
	Psicologia da saúde e da criança **Palestrante**: Prof. Drª. Sônia Regina Fiorim Enumo Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Centro de Eventos Auditório
	A IMPORTÂNCIA DO SONO NA SAÚDE E NA QUALIDADE DE VIDA **Palestrante**: Prof. Dr. Gualberto Buela-Casal Universidade de Granada	Reitoria Auditório

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h

GT01 S1	**ATENÇÃO PSICOLÓGICA AO FAMILIAR CUIDADOR DA CRIANÇA HOSPITALIZADA** Adriano V. S. Azevedo, Maria Aparecida Crepaldi Universidade Tuiuti do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Aroeira

O adoecer da criança e o sofrimento dos pais
Cristine Gabrielle da C. dos Reis, Camila P. Farias, Mikaela Aline B. München, Fernanda Nardino, Luísa da R. Olesiak, Alberto M. Quintana
Universidade Federal de Santa Maria

Enfrentamento materno da internação do bebê em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: avaliação e intervenção
Fabiana Pinheiro Ramos, Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente, Kely Maria Pereira de Paula, Sônia Regina Fiorim Enumo
Universidade Federal do Espírito Santo

Elaboração de um roteiro para treino parental (parentcoaching) como intervenção comportamental para cuidadores de crianças com câncer
Inaê Benchaya Duarte, Eleonora Arnald Pereira Ferreira
Universidade Federal do Pará

Ambulatório da Síndrome de Down do Hospital de Clínicas da UFPR: atendimento psicológico ambulatorial em equipe interdisciplinar
Maria de Fatima Minetto, Bianca Nicz Ricci, Leticia de Amorim Cini, Tiago Lopes, Isabel Fernandes de Aguiar, Kathellyn Kazeker
Universidade Federal do Paraná

GT02 S1	**PSICOLOGIA PEDIÁTRICA** Marina Menezes, Camilla Volpato Broering Universidade do Vale do Itajaí	Local Centro de Eventos Sala Pitangueira

O psicodiagnóstico infantil: uma visão psicanalítica
Thaiany Domingues Matos, Luana Tonial, Marina Menezes
Universidade do Vale do Itajaí

O ambiente do hospital pediátrico e seu significado no processo de restauração afetiva do estresse
Maíra Longhiniotti Felippe, Bettiele Barboza da Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Questões de gênero e sexualidade encontradas em atendimentos psicológicos realizados com crianças em um Serviço de Psicologia
Jaqueline Patrícia do Amaral, Yve do Prado Albuquerque, Zuleica Pretto
Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina

Prematuridade ao nascer e hiperatividade na idade escolar
Doane Sábio Servidone, Fabíola Dantas Andréz s Arantes de Carvalho, Maria Beatriz Martins Linhares
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP)

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h		
GT03 S1	**ATENÇÃO INTEGRAL À SAUDE MATERNO-INFANTIL NA CLÍNICA OBSTÉTRICA E NEONATAL** Adriano V. S. Elisângela Böing, Zaira Ap. de Oliveira Custódio Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Goiabeira
Saúde mental materna como fator associadoà interrupção precoce do aleitamento materno Rafaela de Almeida Schiavo, Gimol Benzaquen Perosa, Flávia Helena P. Padovani Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP		
Produção de sentidos e saberes entre a psicologia e a equipe de enfermagem Sara Helen Kolacki, Ana Paula Sesti Becker Centro Universitário de Brusque		
A construção da relação coparental durante a gestação: uma revisão de literatura Amanda Kliemann, Elisangela Böing, Maria Aparecida Crepaldi Universidade Federal de Santa Catarina		
A humanização da assistência ao parto e nascimento: a perspectiva de profissionais e puérperas Mariana Moura dos Santos, Elisangela Böing Universidade Federal de Santa Catarina		
GT05 S1	**IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PARA AS AÇÕES EM PROMOÇÃO DA SAÚDE DA FAMÍLIA E DA CRIANÇA** Carina Nunes Bossardi, Lauren Beltrão Gomes Universidade do Vale do Itajaí, Universidade Regional de Blumenau	Local Centro de Eventos Sala Laranjeira
Envolvimento Paterno em famílias biparentais e binucleares: revisão integrativa da literatura Joyce Lúcia Abreu Pereira Oliveira, Maria Luiza Iusten da Silva, Mariana Schubert Backes, Ana Paula Sesti Becker Universidade Federal de Santa Catarina		
Personalidade de pais e mães e parentalidade: revisão integrativada literatura Maria Luiza Iusten da Silva Universidade Federal de Santa Catarina		
Conjugalidade, Parentalidade e Coparentalidade na perspectiva de gestantes em atendimento pré-natal no SUS Gabriela Gehlen, Vanessa Russi Fiorini, Luciana Suárez Grzybowski Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre		
Grupos de Estudo e Apoio à Adoção e o Sucesso das Adoções Victória Niebuhr Loos, Mariana de Oliveira Bortolatto, Josiane da Silva Delvan Universidade do Vale do Itajaí		

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h

GT06 S1	**SAÚDE DA MULHER NO CICLO GRAVÍDICO PUERPERAL: VARIÁVEIS RELACIONADAS E DESFECHOS ASSOCIADOS** Ana Cristina B. Cunha, Luciana Leonetti Correia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Grande Dourados	Local CFH Sala Carolina Bori

A relevância das intervenções psicoterápicas no período perinatal
Maria Helena Cruz de Moraes
Instituto Pais Bebês

Rede de apoio na gestação: da famíliaao sistema público de saúde
Vanessa Russi Fiorini, Gabriela Gehlen, Luciana Suárez Grzybowski
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Contexto histórico do processo de medicalização da gravidez e do nascimento
Cigala Peirano Iglesias
Universidade Federal de Santa Catarina

Cesárea Eletiva, Violência Obstétrica e Parto Humanizado: uma análise do legado destas intervenções para a vida emocional da mulher através do procedimento de desenho história com tema
Adriana Navarro Romagnolo, Neliane Lazarini, Miria Benincasa Gomes
Universidade Metodista de São Paulo

GT07 S1	**PARENTALIDADE, RELAÇÕES FAMILIARESE SAÚDE FAMILIAR** Mauro Luís Viera, Ana Maria Xavier Faraco Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Auditório

Pai adotivo e relações familiares
Rovana Kinas Bueno, Mauro Luís Vieira, Maria Aparecida Crepaldi
Universidade Federal de Santa Catarina

Crenças sobre as práticas de cuidado que pais e mães têm sobre os seus filhos com Síndrome de Down
João Rodrigo Maciel Portes, Mauro Luís Vieira, Ana Maria Xavier Faraco
Universidade Federal de Santa Catarina

Qualidade de vida e sintomatologia depressiva em mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista
Josieli Piovesan, Silvana Alba Scortegagna, Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Universidade de Passo Fundo

Dialogar ou bater? Um estudo sobre a forma de educar os filhos
Daniele D. Porta, Carolina P. Ferrazza, Carolina S. Colomé, Gabriela S. Rigão, Isadora C. P. Paludo, Jennifer V. A. dos Santos, Marina P. Antoniazzi, Aline C. Siqueira
Universidade Federal de Santa Maria

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h

GT08 S1	**CLÍNICA DA URGÊNCIA PSICOLÓGICA NO CONTEXTO DAS INTERVENÇÕES EM SAÚDE** Ivânia Jann Luna, Lucienne Martins Borges Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Mini-auditório

Clínica do luto na Emergência Geral: recursos terapêuticos
Ivânia Jann Luna
Universidade Federal de Santa Catarina

Intervenção em crise: relato de experiência em serviço de urgência e emergência
Natasha Erthal; Eduardo Grapp, Sueli Terezinha Bobato
Universidade do Vale do Itajaí

O desafio da integralidade: práticas de profissionais de saúde frente às tentativas de suicídio de usuários acolhidos em urgências hospitalares
Ana Paula Araújo de Freitas, Lucienne Martins Borges
Universidade Federal de Santa Catarina

Intervenção em crise na 3ª companhia do corpo de bombeiros militar de Brusque/SC
Maísa Hodecker, Roberta Borghetti Alves
Centro Universitário de Brusque, Universidade Federal de Santa Catarina

GT09 S1	**SAÚDE MATERNO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NO SISTEMA FAMILIAR E NO SISTEMA ESCOLAR** Luciane Najar Smeha, Josiane Lieberknecht Wathier Abaid Centro Universitário Franciscano	Local CCE Sala Hassis

A vivência da amamentação no contexto da maternidade de um bebê com Síndrome de Down
Ana Nathália Eduarda Farias da Silva, Raieli Ciscato Bressan, Luciane Najar Smeha
Centro Universitário Franciscano

Ser mãe diante da deficiência visual: um estudo de caso
Franciane Moreira Moresco, Ana Paula Corrêa de Oliveira Freitas
Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul

Renúncia da maternidade: um estudo de caso para compreender suas singularidades
Marina Peripolli Antoniazzi, Gabrielle Barbieri Bressa, Aline Cardoso Siqueira
Universidade Federal de Santa Maria

Uma leitura da depressão pós-parto a partir da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano
Tatiana Silveira Michaelsen, Josiane Lieberknecht Wathier Abaid
Centro Universitário Franciscano

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h

GT10 S1	**DOENÇA CRÔNICA E DOR AO LONGO DO CICLO DE VIDA** Shana Hastenpflug Wottrich, Cibele C. L. da Motta Universidade Federal do Pampa, Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Auditório

A história dos vínculos afetivos no contexto da obesidade: um estudo de caso
Aline Orlandi Coradini, Carmen L. O. Ocampo Moré
Universidade Federal de Santa Catarina

Sobre encontros, afetações, adoecimento e a tessitura das redes no hospital: a experiência de um grupo de apoio para pacientes cardíacos no Hospital das Clínicas da UFBA, em Salvador-BA
Rosana dos Santos Silva, Igor do Nascimento Mesquita, Marina Marinho, Thyale Brizolara, Zelma Freitas Soares
Universidade Federal da Bahia

As repercussões do tratamento de leucemia aguda na dinâmica familiar: um estudo de caso
Fernanda Martins de Souza, Elisangela Böing
Universidade Federal de Santa Catarina

A imagem corporal de mulheres com Acromegalia e seus impactos psicológicos
Cariele do Sacramento Souza
Faculdade Ruy Barbosa

GT11 S1	**A CLÍNICA PSICANALÍTICA FRENTE À VIOLÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE** Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Beatriz da Fontoura Guimarães Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Sala 310

Adolescência e violência: a importância do suporte social e os desafios à intervenção terapêutica
Patrícia Paraboni, Dorian Mônica Arpini
Universidade Federal de Santa Maria

Projeto clínicas do testemunho: desafios à clínica psicanalítica
Marilena Deschamps Silveira, Juliana Rego Silva, Allyne Fernandes Oliveira Barros
Universidade Federal de Santa Catarina

O Acompanhamento Terapêutico na rede: sobre uma clínica do sujeito
Maria Paula Vieira, Tatiana Rozenfeld , Ana Lúcia Mandelli de Marsillac
Universidade Federal de Santa Catarina

A integralidade em saúde e o cuidado com o sujeito adoecido: considerações sobre o modelo biomédico e a psicanálise na atenção básica
Raquel Lima Pedrosa, Edilene Freire Queiroz
Universidade Católica de Pernambuco

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 10h45 – 12h

GT22 S1	HIV-AIDS Kátia Bones Rocha Pontífica Univiversidade Católica do Rio Grande do Sul	Local CFH Sala 315

Abandono do tratamento da aids e Determinantes Sociais da Saúde
Jaqueline Conz; Kátia Bones Rocha
Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Teste rápido de HIV: a prática do aconselhamento na atenção básica
Raquel de Andrade Souza Ew, Larissa Morais Moro, Gabriela Lemos de Pinho Zanardo, Kátia Bones Rocha
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Percepções de usuários e profissionais da saúde de um CTA acerca da vulnerabilidade, teste rápido para HIV/aids e aconselhamento: um olhar para a integralidade do cuidado
Gustavo Affonso Gomes, Ana Carolina Tittoni da Silveira, Nalu Silvana Both, Fernanda Torres de Carvalho, Kátia Bones Rocha
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aconselhamento em DST/HIV/aids e contexto de testes rápidos: percepções de usuários e profissionais de saúde em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) em Porto Alegre
Katia B Rocha, Jaqueline Conz, Fernanda T Carvalho, Nalu S. Both, Edi M. Alnoch
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 16h30 – 17h45

GT02 S2	PSICOLOGIA PEDIÁTRICA Marina Menezes, Camilla Volpato Broering Universidade do Vale do Itajaí	Local: Centro de Eventos Sala Pitangueira

Bullying: consequências na vida de adultos que vivenciaram o fenômeno na infância
Susan Lusca da Silva, Caroline Rubin Rossato Pereira
Universidade Federal de Santa Maria

Relato das atividades voltadas à saúde do adolescente na estratégia saúde da família, e a participação do psicólogo nestas atividades
José Doriberto Freitas, Elisangela Toht, Alexandre José Raad
Universidade São Francisco

Atendimento interdisciplinar no ambulatório da Síndrome de Down do Hospital de Clínicas da UFPR
Beatriz Bermudez, Maria de Fatima Minetto, Noemia Cavalheiro
Universidade Federal do Paraná

Avaliação psicológica infantil, uma prática de atenção integral à criança
Luana Tonial, Thaiany Domingues Matos, Marina Menezes
Universidade do Vale do Itajaí

GT05 S2	IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PARA AS AÇÕES EM PROMOÇÃO DA SAÚDE DA FAMÍLIA E DA CRIANÇA Carina Nunes Bossardi, Lauren Beltrão Gomes Universidade do Vale do Itajaí, Universidade Regional de Blumenau	Local: Centro de Eventos Sala Laranjeira

Relação de ativação de pais e mães com crianças pré-escolaresem famílias biparentais
João Paulo Koltermann, Carolina Duarte de Souza, Rovana Kinas Bueno, Mauro Luís Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina

Caracterização da mediação materna na relação pai e filho
Larissa Paraventi, Carolina Duarte de Souza, Mônica Barreto, Mauro Luís Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina

O diagnóstico de Síndrome de Down: a perspectiva das mães e dos profissionais da saúde
Raieli Ciscato Bressan, Maria Evanir Vicente Figueira, Louise da Silveira Predotti, Ana Nathália Eduarda Farias da Silva, Luciane Najar Smeha
Centro Universitário Franciscano/Santa Maria

Importância da relação entre engajamento paterno e relacionamento conjugal para a promoção da saúde familiar
Priscila G. Pellegrini, Simone Dill A. Bolze, Carina N. Bossard, Lauren B. Gomes, Beatriz Schmidt, Carolina D. de Souza, Mauro L. Vieira, Maria A. Crepaldi
Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Vale do Itajaí, Universidade Regional de Blumenau, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 16h30 – 17h45

GT06 S2	**SAÚDE DA MULHER NO CICLO GRAVÍDICO PUERPERAL: VARIÁVEIS RELACIONADAS E DESFECHOS ASSOCIADOS** Ana Cristina B. Cunha, Luciana Leonetti Correia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Grande Dourados	Local CFH Sala Carolina Bori

Escuta de uma mulher em sofrimento psíquico relacionado ao puerpério: estudo de caso
Juçara Clemens, Renata Fabiana Pegoraro, Marina Grossi Tollendal, Taís Xavier Rigobello
Universidade Federal de Uberlândia

A percepção dos profissionais sobre a implantação do Teste Rápido para HIV, Sífilis e Hepatites Virais na Rede Cegonha
Isadora Nogueira Freire, Rejane Rosaria Grecco dos Santos, Adolfo Pizzinato, Kátia Bones Rocha
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Renúncia da maternidade: um estudo de caso para compreender suas singularidades
Marina Peripolli Antoniazzi, Gabrielle Barbieri Bressa, Aline Cardoso Siqueira
Universidade Federal de Santa Maria

Saúde da Mulher: Aborto e as implicações do uso irregular e clandestino do Cytotec
Fabiola da Silva Miranda, Mary Neide Damico Figueiro
Universidade Estadual de Londrina

GT07 S2	**PARENTALIDADE, RELAÇÕES FAMILIARESE SAÚDE FAMILIAR** Mauro Luís Viera, Ana Maria Xavier Faraco Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Auditório

Expectativas das avós maternasem relação aos cuidados com os netos
Meiridiane Domingues de Deus, Ana Cristina Garcia Dias
Universidade Federal de Santa Catarina

Maternal gatekeeping: uma revisão sistemática de artigos internacionais
Isabella Goulart Bittencourt, Larissa Paraventi, Carolina Duarte de Souza, Larissa Fetter Wegner, João Paulo Koltermann, Mauro Luís Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina

Pai, filhos e os estilos parentais: uma comparação entre as práticas educativas positivas e negativas descritaspelo pai e por seu filho
Juliana Vieira Almeida Silva, Dayane Canello, Amabli Fumagalli
Universidade do Vale do Itajaí

Proposta de extensão em saúde da família com filhos pequenos: experiência com um grupo de pais
Anndrey K. Sangaletti, Carolina D. de Souza, Elisangela Böing, João Paulo Koltermann, Larissa Fetter Wegner, Larissa Paraventi, Monica Barreto, Rovana K. Bueno
Universidade Federal de Santa Catarina

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira)		16h30 – 17h45
GT08 S2	**CLÍNICA DA URGÊNCIA PSICOLÓGICA NO CONTEXTO DAS INTERVENÇÕES EM SAÚDE** Ivânia Jann Luna, Lucienne Martins Borges Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Mini-auditório
Psicoterapia Breve Operacionalizada aplicada a um caso de luto por acidente de trânsito Regiane Ribeiro de Aquino Serralheiro, Maria Geralda Viana Heleno Universidade Metodista de São Paulo		
Apego ao lugar em uma localidade atingida por desastres: um estudo exploratório Roberta Borghetti Alves, Ariane Kuhnen Universidade Federal de Santa Catarina		
Intervenção psicossocial em contexto de emergências e desastres: Experiência de Mariana/MG Debora Diana da Rosa, Maíra Almeida Carvalho, Érica Santana Candian Universidade Federal de Minas Gerais, Prefeitura de Mariana/MG		
Atendimento psicológico numa Unidade de Urgência e Emergência apessoas que tentaram suicídio Gustavo da Silva Machado, Lucienne Martins Borges, Maria Emília Pereira Nunes Universidade Federal de Santa Catarina		
GT10 S2	**DOENÇA CRÔNICA E DOR AO LONGO DO CICLO DE VIDA** Shana Hastenpflug Wottrich, Cibele Cunha Lima da Motta Universidade Federal do Pampa, Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Auditório
A rede de apoio do candidato ao transplante hepático Leticia M. Gabarra, Paola Nunes Goularte Universidade Federal de Santa Catarina		
Representações Sociais da Hipertensão e práticas de saúde Mirtes Biesdorf, Beatriz Pires Coltro, Andréa Barbará S. Bousfield Universidade Federal de Santa Catarina		
Osteossarcoma como apelo à construção de narrativas: uma análise crítica através da função experiencial da língua Idonézia Collodel Benetti, Andreana Maarchi Universidade Federal de Santa Catarina		
Sintomas depressivos e raiva em hipertensos Gilberto do Carmo Solano Universidade Metodista de São Paulo		

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira)		**16h30 – 17h45**
GT12 S1	**PSICOLOGIA ESCOLAR, EDUCACIONAL E DA SAÚDE NO ENSINO SUPERIOR** Denise Cord, Simone Vieira de Souza Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Aroeira
Estresse no ambiente acadêmico: um estudo transversal com estudantes universitários Joelma do Nascimento Lameu, Wanderson Fernandes de Souza Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro		
Projeto de intervenção participativa em moradia estudantil sob a perspectiva da promoção de saúde Daniele Souza Steglich, Daniela Ribeiro Schneider, Francine Simon, Luciana Oliveira de Jesus e Luiza Harger Barbosa Universidade Federal de Santa Catarina		
Acessibilidade no ensino superior: trajetórias de escolarização de alunos com deficiência Denise Jordão, Denise Macedo Ziliotto Centro Universitário La Salle		
GT13 S1	**SAÚDE, EDUCAÇÃO E CULTURA: DESAFIOS DAS PRÁTICAS INTERSETORIAIS** Daniela Ribeiro Schneider, Leandro Oltramari Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Goiabeira
Avaliação da satisfação de crianças participantes da implementação de um programa preventivo ao uso abusivo de drogas: um estudo de caso Milene Strelow, Daniela Ribeiro Schneider Universidade Federal de Santa Catarina		
Oficinas com adolescentes de uma escola aberta: buscando a promoção de bem-estar psicossocial Renata PetryBrondani, Joana Missio, Fabiana Muller Schmitt, Camila Almeida Kostulski, Patrícia Paraboni, Dorian Mônica Arpini Universidade Federal de Santa Maria		
Intersetorialidade na Implementação de Programa de Prevenção ao Uso Abusivo de Drogas Girlane Mayara Peres Universidade Federal de Santa Catarina		
Avaliação da Satisfação de Adolescentes no Processo de Implementação do programa preventivoUnplugged: uma análise por triangulação de métodos João Fillipe Horr, Daniela Ribeiro Schneider Fundação Univ. Federal de Blumenau, Universidade Federal de Santa Catarina		

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 16h30 – 17h45

GT17 S1	**GESTAÇÃO, PARTO, PÓS-PARTO** Miria Benincasa, Manuel Morgado Rezende Universidade de Taubaté, Universidade Metodista de São Paulo	Local CCE Sala Drummond

Estudo descritivo-exploratório sobre o vínculo pai-bebê e sua relação com a via de parto
Yago Luksevicius de Moraes, Karina S. Müller Argenta, Manuel Morgado Rezende
Universidade Metodista de São Paulo

Função reflexiva e capacidade de mentalização materna em contexto de prematuridade:repercussões a partir de uma intervenção em UTIN
Márcia Pinheiro Schaefer, Tagma Marina Schneider Donelli
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

A perspectiva de profissionais da saúde sobre o que é possível aprender com bebês
Amanda Schöffel Sehn, Beatriz Schmidt, Rita de Cassia Sobreira Lopes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A musicalização como intervenção precoce junto a bebês com risco psíquico e seus familiares
Tatiane Medianeira Baccin Ambrós, Aruna Noal Correa, Ana Paula R. de Souza
Universidade Federal de Santa Maria

GT18 S1	**TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NO TRABALHO** Maria Cristina d'Avila de Castro, Izabel Carolina Martins Campos Polícia Civil, Secretaria da Administração do Estado de Santa Catarina	Local CCE Sala Hassis

Estudos psicométricos da escala de ansiedade no trabalho (EAT-35)
Luciano Franzim Neto, Luciana Amorim, Aline Battisti Archer, Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz
Universidade Federal de Santa Catarina

O adoecimento do professor de readaptação: contribuições da psicologia histórico-cultural
Ana Teresa Fernandes Barros, Marilda Gonçalves Dias Facci
Universidade Estadual de Maringá

Associação entre variáveis sociodemográficas e ocupacionais e prevalência de transtornos mentais e do comportamento em servidores públicos do estado de Santa Catarina
Rafaela Luiza Trevisan, Roberto Moraes Cruz
Universidade Federal de Santa Catarina

Evidências de transtornos mentais e comportamentais relacionados ao assédio moral em servidores públicos do estado de Santa Catarina
Izabel Carolina Martins Campos, Roberto Moraes Cruz
Secretaria de Estado da Administração de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina

Grupos de Trabalho

10 de outubro (segunda-feira) 16h30 – 17h45

GT23 S1	ATENÇÃO BÁSICA Joao Rodrigo Maciel Portes UniversidadeFederal de Santa Catarina	Local: CSE Sala 008

A promoção de saúde mental e a construção de uma prática com os agentes comunitário de saúde (ACS)
Charlie Paulina Ody, Fernanda Furini
Sociedade Educacional Três de Maio

Saúde psíquica dos profissionais dos postos de saúde que atuam como nutricionistas, psicólogos e fonoaudiólogos
Bruna Caron, Cláudia Reis Flores, Loren Aita Riss
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI/FW

Experiências multiprofissionais de estudo de caso com equipes de unidades de saúde da família
Natielle Lopes Borges, Luana Sabrina Correa
Escola da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul

GT24 S1	PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E SAÚDE Ana Paula Sesti Becker UniversidadeFederal de Santa Catarina	Local: CSE Sala 009

Representações sociais da boa velhice: uma comparação entre Brasil e Itália
Amanda Castro,Annie Maldonado Brito, Brigido Vizeu Camargo, Andreia Giacomozzi Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Pampa

Os benefícios da dança para as pessoas idosas: aspectos físicos e psicossociais
Kelly Maciel Silva, Rosane Gonçalves Nitschke, Silvia Maria Azevedo Dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Sexualidade e envelhecimento: as crenças das pessoas com mais de 60 anos
Eduardo Grapp, Natasha Erthal, Katia Simone Ploner
Universidade do Vale do Itajaí

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 8h30 – 9h45

GT07 S3	**PARENTALIDADE, RELAÇÕES FAMILIARES E SAÚDE FAMILIAR** Mauro Luís Viera, Ana Maria Xavier Faraco Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Auditório

Parentalidade: a experiência de filhas adolescentes em famílias pós-divórcio
Camila Almeida Kostulski, Dorian Mônica Arpini
Universidade Federal de Santa Maria

Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa
Beatriz Schmidt, Ana Cristina Pontello Staudt, Adriana Wagner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O nascimento da paternidade sob o olhar psicanalítico
Rute G. Milani, Daniele da Veiga, Franciele C. Camilo, Laura Christofolettida S. Gabriel, Marília P. Ribeiro Scabora, Paulo V. Silva
Centro Universitário de Maringá

Conjugalidade, Parentalidade e Coparentalidade na perspectiva de gestantes em atendimento pré-natal no SUS
Gabriela Gehlen, Vanessa Russi Fiorin, Luciana Suárez Grzybowski
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

GT12 S2	**PSICOLOGIA ESCOLAR, EDUCACIONAL E DA SAÚDE NO ENSINO SUPERIOR** Denise Cord, Simone Vieira de Souza Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Aroeira

Interlocução entre Psicologia da Saúde e Psicologia Educacional: reflexões a partir do projeto "Longe de Casa: e agora?"
Lara Simone Dias, Elisa Eggers Luiz, Luísa Almeida Scaff, Rafael Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina

A interface entre psicologia, educação e saúde na mediação pedagógica do ensino técnico: construindo acessibilidade e ofertando promoção em saúde para estudantes do IFS
Luna Cassel Trott, Cristiane Antunes Espindola Zapelini
Universidade Federal de Santa Catarina, Instituto Federal de Santa Catarina

Psicologia escolar, educacional da saúde no ensino superior
Gabrielle Schneider Pereira, Bárbara Maria Barbosa da Silva
Faculdade Integrada de Santa Maria, Faculdade de Ciências da Saúde

Autoeficácia e consumo de álcool em universitários
Francisca Yana B. A. Souza, Manuel Morgado Rezende, Fábio Camilo da Silva
Universidade Metodista de São Paulo

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira)		8h30 – 9h45
GT13 S2	**SAÚDE, EDUCAÇÃO E CULTURA: DESAFIOS DAS PRÁTICAS INTERSETORIAIS** Daniela Ribeiro Schneider, Leandro Oltramari Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Goiabeira
Oficinas temáticas, mediadas por linguagens artísticas: contribuiçõespara a formação integral de jovens em um contexto da educação profissional e tecnológica Andréia Piana Titon, Andréia Vieira Zanella Universidade Federal de Santa Catarina		
Práticas Discursivas no Cenário das Políticas Públicas da Educação Básica: Gênero e Saúde em Questão Bruna Sorensen, Eliane Cadoná, Marlene Neves Strey Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões		
A educação sexual como foco: desafios e perspectivas na atuação com adolescentes Camila Stolf Marques Pottes Lins, Ana Cláudia Maba Secretaria Municipal de Saúde de Gaspar		
Extensão Comunitária sobre Sexualidade e Prevenção ao HIV/Aids Paula Biazetto Machado Sombrio, Aline Daniela Gonçalves de Oliveira Farias, Raquel de Andrade Souza Ew, Jaqueline Conz, Kátia Bones Rocha Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		
GT14 S1	**PSICOLOGIA, PROMOÇÃO DA SAÚDE E PROMOÇÃO DA CIDADANIA** Tatiana Benevides Magalhães Braga, Sashenka Meza Mosqueira Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Paulista	Local Centro de Eventos Sala Pitangueira
A prática coletiva enquanto estratégia de promoção à saúde Camila Gonçalves Labrêa, Carlos Eduardo Máximo, Josiane Teresinha Ribeiro de Souza, Raquel Ghizoni Argenta Universidade do Vale do Itajaí		
Entraves e subjetividade no trabalho de profissionais de psicologia na saúde eo capitalismo sanitário: relato de experiências Marlon Xavier, Roberta de Alencar Rodrigues, Adriano Beiras Universidade de Caxias do Sul, Núcleo de Apoio à Saúde da Família da Unidade Básica de Saúde União, Universidade Federal de Santa Catarina		
Violência doméstica e experiências de agressores: articulação entre saúde, educação e assistência social na formulação de ações preventivas Hanna Oliveira Silva, Tatiana Benevides Magalhães Braga Universidade Federal de Uberlândia		
A construção da prática em Psicologia na Atenção Básica junto a Residência Multiprofissional em Saúde Patrícia Matte Rodrigues, Dorian Mônica Arpini Universidade Federal de Santa Maria		

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira)		8h30 – 9h45
GT15 S1	**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE** Hilda Rosa Capelão Avoglia, Paulo Francisco de Castro Universidade Metodista de São Paulo, Universidade de Taubaté	Local Centro de Eventos Sala Laranjeira
Avaliação psicológica para cirurgia bariátrica: pesquisa e prática profissional Beatriz Schmidt, Simone Dill Azeredo Bolze, Maria Aparecida Crepaldi Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina		
Avaliação psicológica em psicologia da saúde: questionário sobre coparentalidade Carolina Duarte de Souza, Gabriela Mello Sabbag, João Rodrigo Maciel Portes, Monica Barreto, Mauro Luis Vieira, Roberto Moraes Cruz Universidade Federal de Santa Catarina		
Técnicas projetivas com adultos idosos: revisão de literatura Silvana Alba Scortegagna, Camila Ferraz Bortolini, Thais Salete Chirnev Universidade de Passo Fundo		
Representação simbólica da religiosidade como fator de resiliência em saúde: estudo de caso por meio do desenho-estória com tema Raquel Pereira Branco Santos, Paulo Francisco de Castro Universidade de Taubaté		
GT18 S2	**TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NO TRABALHO** Maria Cristina d'Avila de Castro, Izabel Carolina Martins Campos Polícia Civil, Secretaria da Administração do Estado de Santa Catarina	Local CCE Sala Hassis
A Saúde do Agente Penitenciário da Mesorregião da Grande Florianópolis Leticia Scartazzini, Lucienne Martins Borges Universidade Federal de Santa Catarina		
Transtornos mentais e comportamentais em trabalhadores de frigoríficos no Brasil Romilda Guilland, Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz Universidade Federal de Santa Catarina		
Exposição a incidentes críticos e prevalência de transtornos mentais em policiais civis Diogo Picchioni Soares; Maria Cristina d'Avila de Castro; Roberto Moraes Cruz Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC		
Trabalho policial e afastamento do trabalho por transtornos mentais Maria Cristina d'Avila de Castro, Roberto Moraes Cruz, Gabriela Arantes Wagner, Fabiola Polo, Diogo Picchioni Soares Universidade Federal de Santa Catarina		

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 8h30 – 9h45

GT19 S1	**INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NA ATENÇÃO HOSPITALAR** Cibele Cunha Lima da Motta, Letícia Gabarra Universidade Federal de Santa Catarina, Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina	Local CFH Mini-auditório

A Psicologia em Unidade de Internação Cirúrgica: etapas do atendimento psicológico
Klara Zoz de Souza, Jaqueline Campiol, Andrea Regina de Rezende, Camila Cássio Schutz, Douglas Ferraz de Araújo
Universidade Federal de Santa Catarina

Cirurgia bariátrica: fatores psicossocias relacionados ao reganho de peso no período pós-operatório
Alessandra d´Avila Scherer, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
Universidade Federal de Santa Catarina

Levantamento de demandas emocionais de pacientes com câncer de mama no pré cirúrgico
Michele Patriota de Lima, Lais F. Saraiva de Oliveira, Paula da S. Kioroglo Reine
Hospital Sírio Libanês

Intervenção psicológica vídeo-orientativa em pacientes submetidos ao cateterismo cardíaco
Ana Caroline Secco Dorian, Mônica Arpini, Ciomara Benincá, Silvana Alba Scortegagna, Júlia Mognon, Amanda Valério Espíndola
Universidade Federal de Santa Maria

GT20 S1	**A VIOLÊNCIA E REDES ENQUANTO UMA TRAMA SINGULAR: A IMPORTÂNCIA DE SUA VISIBILIZAÇÃO NO CONTEXTO DA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL** Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Ana Cláudia Wanderbroocke Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Tuiuti do Paraná	Local Centro de Eventos Auditório

Influências da rede de apoio no processo de enfrentamento de mães quetiveram filhos(as) abusados sexualmente
Francieli Sufredini, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
Universidade Federal de Santa Catarina

Facilitadores e dificultadores da notificação de maus tratos contra crianças e adolescentes para profissionais de saúde e educação
Tiago Zanatta Calza, Jorge Castellá Sarriera
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adolescente em conflito com a lei: Intervenções, impasses e possibilidades
Andressa Sauzem Mayer, Samara Silva dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria

Tecendo da paz: relato de uma experiência de intervenção com adolescentes autores de ato infracional
Clarissa Moreira Enderle, Eduardo Turra, Nathália M. S. da Rocha
Polícia Civil de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 8h30 – 9h45

GT21 S1	**MIGRAÇÕES, PROCESSOS PSICOLÓGICOS, SAÚDE E INTERCULTURALIDADE** Lucienne Martins Borges, Elaine Magalhães Costa Fernandez Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Pernambuco	Local CFH Sala Carolina Bori

Desastres naturais e imigração involuntária: os impactos psicológicos em imigrantes haitianos
Allyne Fernandes O. Barros, Lucienne Martins Borges
Universidade Federal de Santa Catarina

O trabalho do NUPSIM com Psicólogos, Migrantes e Refugiados em Curitiba
Luana Martins Sorrentino, Gabriela Carvalho Teixeira, Mariana Bassoi Duarte da Silva, Isabela Cim Fabricio de Melo
Universidade Federal do Paraná

"Day In The Life": Um dia na vida de crianças migrantes em transição para o ensino formal
Alessandra Mafra Ribeiro, Claudia Stella, Anne Kathryn Hunt
Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universityof New Brunswick

Clínica Intercultural:Intervençõespsicológicas com imigrantes e refugiados
Mariá Boeira Lodetti, Lucienne Martins Borges
Universidade Federal de Santa Catarina

GT25 S1	**MORTE E PROCESSO DE LUTO** Scheila Krenkel Universidade Federal de Santa Catarina	Local CCE Sala Drummond

A vivência do luto por suicídio
Edson Pilger Dias-Sbeghen, Lucia Cecília da Silva
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Universidade Estadual de Maringá

As mudanças psicossociais advindas do luto materno
Bruna Fraga Tristão, Vanessa Czerwinski, Viviane Oliveira de Almeida Jeremias
Escola Superior de Criciúma

Microcefalia e o luto do bebê imaginário
Aponira Maria de Farias, Alenilson da Silva Cruz, Elvira Lídia dos Santos Soares, Vanessa Pereira da Silva Rodrigues Félix, Franciane Hanel da Silva Ramos, Valdizia Maria Silva do Nascimento, Camila Araújo de Lima, Rafaela Barros Ramalho
Faculdade Maurício de Nassau

O Luto e As Redes Sociais Virtuais: uma revisão de literatura
Marina Menegueti Vaccaro, Lucia Cecília da Silva
Universidade Estadual de Maringá

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 8h30 – 9h45

GT26 S1	**OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL NOS DIFERENTES NIVEIS DE ATENÇÃO A SAÚDE** Roberta Borghetti Alves Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Sala 333

Educação para a morte na capacitação de profissionais de Saúde
Randolfo dos Santos Junior, Loiane Leticia dos Santos
Hospital de Base de São José do Rio Preto, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

O Trabalho da Equipe Multidisciplinar no Contexto da Saúde Pública: Um relato de Experiência
Greice Kelly Barbosa, Thaynara Magalhães Vieira, Silvia Nogueira Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina

A interface entre Saúde Mental e Vulnerabilidade Social
Carolina Francielle Tonin, Tatiane Muniz Barbosa
Universidade do Planalto Catarinense

VER-SUS: construindo um novo olhar sobre a saúde pública
Camila Ferraz Bortolini, Jaqueline Miotto Guarnieri, Robert Filipe dos Passos
Universidade de Passo Fundo

GT27 S1	**FAMÍLIAS, REDES, SOFRIMENTO** Marcos Henrique Antunes Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Sala 309

O significado de uma associação de usuários e familiares no tratamento e trajetória de vida de seus sócios
Martha Helena Oliveira Noal, Ana Cristina Garcia Dias
Universidade Federal de Santa Maria Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coparentalidade em Famílias Biparentais Heteroafetivas do Sul do Brasil
Monica Barreto, Carolina Duarte de Souza, Mauro Luis Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina

Sofrimento psíquico em contexto familiar de pessoas LGBT
Geni Daniela Núñez Longhini, Maria Juracy Filgueiras Toneli
Universidade Federal de Santa Catarina

A psicologia na prática da educação em saúde: repensando o cotidiano de trabalho de agentes comunitários de saúde
Rafaela Quintana Marchesan, Patrícia Matte Rodrigues, Ana Caroline Secco, Dorian Mônica Arpini
Universidade Federal de Santa Maria

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira)		8h30 – 9h45
GT28 S1	**OS CUIDADOS DA SAÚDE AO LONGO DO CICLO DA VIDA** Rovana Kinas Bueno Universidade Federal de Santa Catarina	Local CFH Sala 310
O papel das mediações artísticas na reorganização das funções psicológicas patologicamente alteradas Ana Flávia de Maschio Álvares, Melissa Rodrigues de Almeida Universidade Federal do Paraná		
O histórico familiar de câncer de mama afeta o autocuidado? Paola Otaran, Carolina Seabra, Maria Júlia Armiliato, Luisa Vital, Miguel Alves de Sousa, Ana Carolina Peuker, Elisa Kern de Castro Universidade do Vale do Rio dos Sinos		
Atenção Integrada: Os desafios da interdisciplinaridade nas patologias alimentares Luísa da Rosa Olesiak, Camila Peixoto Farias, Fernanda Nardino, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Alberto Manuel Quintana Universidade Federal de Santa Maria		
Atenção psicossocial do usuário de CAPSad com problemas relacionados ao uso de álcool: o vínculo como estratégia de cuidado Claudia Daiana Borges, Daniela Ribeiro Schneider Universidade Federal de Santa Catarina		
GT29 S1	**SAÚDE, EDUCAÇÃO, SEGURANÇA PÚBLICA E ASSISTÊNCIA SOCIAL** Ana Laura Tridapalli Universidade Federal de Santa Catarina	Local CCE Sala 315
Psicologia da saúde e promoção no contexto da adolescência em conflito com a Lei João Bezerra de Morais Segundo Universidade Estadual da Paraíba		
Acesso a serviços públicos e questões de saúde da população travesti e transexual de Santa Catarina Mateus Pereira Benvenutti, Ana Paula Silva Hining, Jéssica Janine Bernhardt Fuchs, Maria Juracy Filgueiras Toneli Universidade Federal de Santa Catarina		
Apoio social, Suporte Familiar e perfil sociodemográfico de famílias acompanhadas pelo Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) em Porto Alegre Ezequiel Simonetti Cargnelutti, João Luís Almeida Weber, Adolfo Pizzinato Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		
Uma revisão sistemática sobre reinternações psiquiátricas Guilherme Severo Ferreira Gabriela Lemos de Pinho Zanardo, Larissa Moraes Moro, Kátia Bones Rocha Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 16h15 – 17h30

GT13 S3	**SAÚDE, EDUCAÇÃO E CULTURA: DESAFIOS DAS PRÁTICAS INTERSETORIAIS** Daniela Ribeiro Schneider, Leandro Oltramari Universidade Federal de Santa Catarina	Local Centro de Eventos Sala Goiabeira

Intersetorialidade sob a luz dos Direitos Humanos: um estudo de caso
Mariana Luíza Becker da Silva
Psicóloga do Centro de Referência de Assistência Social de Paulo Lopes

Orientação profissional no CRAS: promovendo saúde aos adolescentes
Michela da Rocha Iop
Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Grupo "Pensando sobre Trabalho": uma proposta de promoção da cidadania com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas
Mariane Comelli dos Santos, Vanessa da Silva Domingos, Mariana Barreto Vavassori, Camila Murakami Delízio Prefeitura Municipal de Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina

Psicologia social na saúde: uma ampliação de possibilidades
Adriano de Sousa Barros, Aponira Maria de Farias
Universidade Estadual da Paraíba

GT14 S2	**PSICOLOGIA, PROMOÇÃO DA SAÚDE E PROMOÇÃO DA CIDADANIA** Tatiana Benevides Magalhães Braga, SashenkaMeza Mosqueira Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Paulista	Local Centro de Eventos Sala Pitangueira

Trabalhadores em saúde e práticas medicalizantes
Renata Elisa F. Brust, Tatiana B. M. Braga
Universidade Federal de Uberlândia

Reconhecimento de direitos e o olhar sobre a coletividade: Oficinas de cidadania para Jovens no contexto da Assistência Social
Maria Chalfin Coutinho, Luna Cassel Trott, Alessandra Mafra Ribeiro
Universidade Federal de Santa Catarina

Teatralidade e cuidado em saúde mental
Gabriela Zuchetto, Daniele Noal Gai
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Promoção de saúde através do brincar: oficinas lúdicas em uma escola aberta
Joana Missio, Dorian Mônica Arpini, Patrícia Paraboni, Camila Almeida Kostulski, Fabiana Muller Schmitt, Renata Petry Brondani
Universidade Federal de Santa Maria

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 16h15 – 17h30

GT15 S2	**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE** Hilda Rosa Capelão Avoglia, Paulo Francisco de Castro Universidade Metodista de São Paulo, Universidade de Taubaté	Local Centro de Eventos Sala Laranjeira

Uma proposta de avaliação do contexto hospitalar percebido pela criança e suas relações com indicadores de saúde e de coping
Kelly Ambrosio Silveira, Kely Maria Pereira de Paula
Universidade Federal do Espírito Santo

A avaliação psicológica no contexto do jovem infrator
Antônio de Pádua Serafim
Universidade Metodista de São Paulo

Relato de experiência em avaliação psicológica: uma prática voltada ao desenvolvimento dos avaliados
José Tadeu Acuna,Vera Lúcia Messias Fialho Capellini
Universidade Estadual Paulista

GT16 S1	**PSICOLOGIA DA SAÚDE AO LONGO DO CICLO DA VIDA E O ABUSO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS** Joseane de Souza, Marciana Gonçalves Farinha UNISINOS, Universidade Federal de Uberlândia	Local Centro de Eventos Sala Aroeira

Dificuldades nas habilidades sociais de mulheres usuárias de crack no contexto hospitalar
Jéssica Limberger, Ilana Andretta
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Oficina de música em saúde mental - um relato de experiência
Gabrielle Schneider Pereira, Lavínia Gampert Scotti, Marion da C. Lencina, Katia Simone da silva Silveira
Faculdade Integrada de Santa Maria

Oficina de artes marciais (muaythay) em saúde mental: um relato de experiência
Fabio Antônio da Silva de Oliveira, Douglas Casarotto de Oliveira, Gabrielle Schneider Pereira, Katia Simone da Silva Silveira
Faculdade Integrada de Santa Maria

Desafios e possibilidades da assistência a indivíduos com problemas relacionados ao uso de substâncias: a perspectiva de profissionais da rede pública de SP
Alessandra Nagamine Bonadio, Maria Valéria Contreras, Danilo Locatelli, Eroy Aparecida da Silva, Ana Regina Noto, Bruno Bittencourt, Tatiana Amato
Universidade Federal de São Paulo

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira)		16h15 – 17h30
GT18 S3	**TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NO TRABALHO** Maria Cristina d'Ávila de Castro, Izabel Carolina Martins Campos Polícia Civil, Secretaria da Administração do Estado de Santa Catarina	Local CCE Sala Hassis
Como estão os professores do ensino privado do Rio Grande do Sul: um estudo sobre riscos à saúde Anelise Schaurich dos Santos, Janine Kieling Monteiro Universidade do Vale do Rio dos Sinos		
Relação trabalho-saúde psíquica dos profissionais enfermeiros da saúde pública de uma cidade do interior do RS Jaciara Luana de Souza, Cláudia Reis Flores, Loren Aita Riss Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões		
As contradições na concepção de Resiliência no Trabalho: uma revisão integrativa de publicações nacionais e internacionais de 2000 a 2015 Thaís Cristine Farsen, Aline Bogoni Costa, Narbal Silva Universidade Federal de Santa Catarina		
Saúde na aposentadoria: estudo sobre o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis Aline Bogoni Costa, Dulce Helena Penna Soares Universidade do Oeste de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina		
GT19 S2	**INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NA ATENÇÃO HOSPITALAR** Cibele Cunha Lima da Motta, Letícia Gabarra Universidade Federal de Santa Catarina, Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina	Local CFH Mini-auditório
A visita em UTI Adulto: intervenções do psicólogo hospitalar Paola Nunes Goularte, Leticia M. Gabarra, Maria Emilia Pereira Nunes Universidade Federal de Santa Catarina		
Percepção do paciente sobre sua autonomia na unidade de terapia intensiva Marina Damion, Mariana Calesso Moreira Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre		
As contribuições da Psicologia em uma unidade de isolamento hospitalar Anne Luisa Nardi, Larissa Santana Cunha, Tamara Santos de Souza Universidade Federal de Santa Catarina		
Contribuições da Psicologia no contexto hospitalar: Experiências de intervenção sob a ótica de humanização da saúde Adriano de Souza, Ana Paula Sesti Becker Centro Universitário de Brusque		

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira)		**16h15 – 17h30**
GT20 S2	**A VIOLÊNCIA E REDES ENQUANTO UMA TRAMA SINGULAR: A IMPORTÂNCIA DE SUA VISIBILIZAÇÃO NO CONTEXTO DA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL** Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Ana Cláudia Wanderbroocke Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Tuiuti do Paraná	Local Centro de Eventos Auditório
Genocídio da população jovem negra brasileira Thiago S. Alves, Adriane Rubio Roso, Willian, Gefferson S. Trindade Universidade Federal de Santa Maria		
Diálogo com a rede de atenção psicossocial sobreHomicídios Conjugais na Grande Florianópolis Natália Lorenzetti da Rocha, Mariá Boeira Lodetti, Ana Laura Tridapalli, Lucienne Martins Borges Universidade Federal de Santa Catarina		
Das marcas as possibilidades de enfrentamento Lusanir Sousa Carvalho, JorgelinaInes Brochier, Maria Heloisa de O. Bevilaqua Universidade Estácio de Sá		
Olhares e práticas sobre saúde e apoio matricial no âmbito do SUS em um estabelecimento prisional feminino Paola Fagundes Pase, Angelo Brandelli Costa, Renata Maria Dotta Panichi Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		
GT21 S2	**MIGRAÇÕES, PROCESSOS PSICOLÓGICOS, SAÚDE E INTERCULTURALIDADE** Lucienne M. Borges, Elaine M. Costa Fernandez Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Pernambuco	Local CFH Sala Carolina Bori
Promoção da saúde e Interculturalidade. Resultados parciais de um estudo comparativo do impacto das NTIC nos jovens da França e do Brasil Elaine Magalhães Costa Fernandez Universidade Federal de Pernambuco		
Identidade, promoção de saúde e promoção da cidadania: relato de experiência das oficinas de turbante para mulheres negras em Salvador – BA Laura Augusta Barbosa de Almeida, Edna Gonçalves de Oliveira Abadia, Raissa Santos Monteiro da Silva, Hellen Ferreira da Silva Santos, Sara Moura de Carvalho, Lara Rejane Gomes, Suzana Maiara Costa Faculdade Ruy Barbosa		
Três gerações de Mulheres Judias e seus cativeiros Bruna Krimberg von Muhlen, Marlene Neves Strey Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		
Teoria da Objetificação: os reflexos da objetificação sexual na saúde mental das mulheres Ana Maria Bercht, Angelo Brandelli Costa Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul		

Grupos de Trabalho

11 de outubro (terça-feira) 16h15 – 17h30

GT29 S2	**SAÚDE, EDUCAÇÃO, SEGURANÇA PÚBLICA E ASSISTÊNCIA SOCIAL** Girlane Peres Universidade Federal de Santa Catarina	Local CCE Sala Drummond

A atuação policial no contexto da morte: quando a sociedade mobiliza afetos
Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman, Marina Menegueti Vaccaro, Lucia Cecília da Silva
Universidade Estadual de Maringá

O trabalho da psicologia com famílias nas políticas públicas de saúde e assistência social
Ana Paula Benatti, Juliana Marion, Caroline Rubin Rossato Pereira
Universidade Federal de Santa Maria

A produção científica sobre pessoas em situação de rua e relações com as políticas públicas no Brasil
Natália Alves dos Santos, Aline Amaral Sicari, Andréa Vieira Zanella
Universidade Federal de Santa Catarina

Oficina com estudantes do sexto ano de uma escola municipal de Santa Maria: "como a escola me vê?" Marjorie Ribeiro Macedo de Olivera, Joana Missio, Cinara Miraglia Ferreira, Taís Fim Alberti, Hector Omar Ardans Universidade Federal de Santa Maria

GT04 S1	**A PSICOTERAPIA NA ÁREA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA** Camilla Volpato Broering, Juliana Vieira A. Silva Universidade do Vale do Itajaí	Local CFH Sala 323

Desenvolvimento cognitivo na infância e adolescência: aspectos neurocientíficos
Natanna Taynara Schütz, Nivaldo Machado
Universidade do Alto Vale do Itajaí

Oficinas de educação sexual com adolescentes: promovendo o autocuidado, autonomia e responsabilidade
Léia Viviane Fontoura, Claudete Demetrio Meurer, Daiane Pereira Miguel Fernandes, Larissa Voigt Nunes, Nathan Haniel de Souza
Universidade do Vale do Itajaí

Intervenção em grupos com famílias: aspectos metodológicos
Dóris Waldow, Geneniéve Tillmann Biz, Joyce Lucia Abreu Pereira Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Relato das atividades voltadas à saúde do adolescente na estratégia saúde da família, e a participação do psicólogo nestas atividades
José Doriberto Freitas, Elisangela Toth
Universidade de São Francisco

Mesas Redondas	10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
	14h45 – 16h15	
	Título – Autor - Instituição	Local
	Fenomenologia e práticas psicológicas na rede de atenção à saúde Tatiana Benevides Magalhães Braga, Marciana Gonçalves Farinha e SashenkaMeza Mosqueira Universidade Federal de Uberlândia	Centro de Eventos Sala Aroeira
	Serviço-Escola de Psicologia da UFCSPA: oportunidades e desafios da Psicologia inserida na atenção básica em saúde Mariana Calesso Moreira, Luciana SuárezGrzybowski e Sheila Gonçalves Câmara Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	Centro de Eventos Sala Pitangueira
	Bioética e clínica ampliada nos processos de morte e de luto na atenção hospitalar Ivânia Jann Luna, Luisa Todeschini Pereira Oliveira e Márcia Lucrécia Lisboa Universidade Federal de Santa Catarina, Hosp. Inf. Joana de Gusmão e Hosp.Univ. Prof. Polydoro Ernani de São Thiago/HU-UFSC	Centro de Eventos Sala Goiabeira
	Os desafios no cuidado pós-operatório ao paciente bariátrico na perspectiva da integralidade Alessandra d´Avila Scherer, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré e Rejane de Farias Universidade Federal de Santa Catarina	Centro de Eventos Sala Laranjeira
	Compreensão dos significados atribuídos à experiência de doenças crônicas em distintas etapas do ciclo da vida Cibele Cunha Lima da Motta, Shana Hastenpflug Wottrich e Marina Menezes Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Pampa, Universidade do Vale do Itajaí	CFH Mini-auditório
	Envolvimento e interação parental: Possibilidades de acesso aos fenômenos e implicações dos resultados para a saúde da família Carina Nunes Bossardi, Rovana Kinas Bueno e Ligia de Santis Universidade do Vale do Itajaí, Universidade Federal de São Carlos	Reitoria Auditório
	Liderança autêntica, sentido e significado do trabalho e construção da felicidade nas organizações contemporâneas Narbal Silva, Suzana da Rosa Tolfo e Cristiano Cunha Universidade Federal de Santa Catarina	CCE Sala Hassis
	Psicologia e saúde do trabalhador: a ética do trabalho contemporâneo e os desafios às ações e à práxis psicológica Fábio José Orsini Lopes, Guilherme Elias da Silva e Lucas Martins Soldera Universidade Estadual de Maringá	CCE Sala Drummond

Mesas Redondas

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
14h45 – 16h15	
Título – Autor - Instituição	Local
Saúde e relações familiares: o papel da família e sua influência na saúde e no desenvolvimento da criança Adriana Leonidas de Oliveira, Paulo Francisco de Castro e Maria Geralda Viana Heleno Universidade de Taubaté, Universidade Guarulhos e Universidade Metodista	Centro de Eventos Auditório
Avaliação do desenvolvimento de crianças em contexto da saúde: especificidades e desafios Flávia Helena Pereira Padovani, Gimol Benzaquen Perosa e Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues Universidade Estadual Paulista	CFH Sala Carolina Bori
Os desafios do ciclo vital tardio: promoção de saúde da pessoa idosa, repercussões da aposentadoria e acesso às tecnologias de informação e comunicação Marcos Henrique Antunes, Amanda Castro e Kelly Maciel Silva Universidade Federal de Santa Catarina	CSE Sala 008
Avaliação do processo de implementação de programas preventivos: exigências a partir do estudo do unplugged Daniela Ribeiro Schneider, João Horr e Jane Moraes Lopes Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Regional de Blumenau e Ministério da Saúde	CFH Auditório
11 de outubro (terça-feira)	**Manhã**
10h – 11h30	
Processo saúde–doença no contexto hospitalar: considerações sobre profissionais e pacientes Jéssica Limberger, Patrícia Dalagasperina e Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Centro de Eventos Sala Aroeira
Sintomas depressivos e o processo gestacional Camila V. de Almeida Procópio, Miria Benincasa e Victor Mantoani Zaia Universidade Metodista de São Paulo	Centro de Eventos Sala Pitangueira
Abordagem multidimensional em saúde Zaira Aparecida de Oliveira Custódio, Elisangela Böing e Armanda Carla Teixeira Brandão Fragata Rufino Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago/HU-UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina	Centro de Eventos Sala Goiabeira
Contribuições da psicologia da saúde e da psicologia pediátrica ao estudo de processos psicológicos no ciclo vital Sônia Regina Fiorim Enumo, Maria Beatriz Martins Linhares e Letícia Lovato Dellazzana-Zanon Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Medicina Ribeirão Preto	Reitoria Auditório

Mesas Redondas

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
14h45 – 16h15	
Título – Autor - Instituição	Local
Conjugalidade e desafios: Infidelidade, conflito e educação conjugal Patrícia Scheeren, Marina Zanella Delatorre e Angélica Paula Neumann Universidade Federal do Rio Grande do Sul	CFH Sala Carolina Bori
Satisfação e felicidade na construção de carreiras ao longo do ciclo de vida: interfaces entre trabalho e saúde Aline Bogoni Costa, Andresa Darosci Silva Ribeiro e Narbal Silva Universidade do Oeste de Santa Catarina e Universidade Federal de Santa Catarina	CFH Mini-auditório
Saúde do Trabalhador: a influência do contexto de trabalho Anelise Schaurich dos Santos, Luciana Gisele Brun e Loren Aita Riss Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Centro de Eventos Sala Laranjeira
Pesquisa sobre coping no ciclo vital: contribuições à avaliação e intervenção em contextos de saúde Andressa Melina Becker da Silva, Jodi Dee Hunt Ferreira do Amaral e Claudiane Aparecida Guimarães Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Federal de Uberaba	CCE Sala Hassis
Coparentalidade e a promoção de saúde da família em diferentes contextos – Discussões sobre instrumentos de medida, envolvimento paterno e transtorno do espectro autista Carolina Duarte de Souza, João Rodrigo Maciel Portes e Thais Ramos de Carvalho Universidade Federal de Santa Catarina	Reitoria CFH Auditório
Otimização dos recursos disponíveis no SUS em equipes multidisciplinares Marcela Silva Baccelli, Marcia Berbert Ferreira e Fábio Camilo da Silva Universidade Metodista de São Paulo	CCE Auditório
Violência e questões de Gênero - Análises e reflexões de pesquisas para as práticas em saúde Andréia Isabel Giacomozzi, Adriano Beiras e Maria de Jesus Hernández Rodriguez Universidade Federal de Santa Catarina	Centro de Eventos Auditório
Trabalho e promoção da saúde Nancy Julieta Inocente, Janine Julieta Inocente e Quésia Postigo Kamimura Universidade Estadual de Campinas	CCE Sala Drummond

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Educação sexual: promovendo o autocuidado, autonomia e responsabilidade com adolescentes Léia Viviane Fontoura, Claudete Demetrio Meurer, Daiane Pereira Miguel Fernandes, Larissa Voigt Nunes e Nathan Haniel de Souza Universidade do Vale do Itajaí	**001**
"Adolescer" com câncer: uma revisão de literatura Tatiana Frazão Bentes e Patrícia Santos Martins Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicologia e Saúde	**002**
Associação entre temperamento e comportamento em crianças nascidas pré-termo com hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar Fabiola Dantas Andréz Nobre, Doane Sábio Sevidone e Maria Beatriz Martins Linhares Universidade de São Paulo	**003**
Crianças e adolescentes hospitalizados: fatores de risco e proteção Lauren Perdigão Affonso, Dolores Sanches Wunsch, Larissa Edom Bandeira e Loredana Amaral Marzocchella Hospital das Clínicas de Porto Alegre	**004**
A percepção de universitários sobre as consequências do beber pesado episódico Marília Ignácio de Espindola, Daniela Ribeiro Schneider e Carolina Bunn Bartilotti Universidade Federal de Santa Catarina	**005**
Aproximação aos contextos naturais da criança: a intervenção precoce centrada na família em pareceria com a escola Mônica Sperb Machado, Angélica Dotto Londero, Renata Petry Brondani, Tamires Dias Santos e Camila Schmitt Pires Universidade Federal de Santa Maria	**006**
Da bolha ao sujeito: intervenções em estimulação precoce Laura de Macedo Haeser e Thiciara Mattiazzi Instituto Pais e Bebês	**007**
Qualidade de vida e diabetes mellitus tipo 1 na adolescência Marina Menezes, Leo Lynce Valle de Lacerda, Jaqueline Borella e Talya Pedron Universidade do Vale do Itajaí	**008**
Violência doméstica e crianças no cenário brasileiro: uma revisão de literatura Luciane Guisso e Milena Carolina Fiorini Universidade Federal de Santa Catarina	**009**

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	**HALL - CENTRO DE EVENTOS**

Título – Autor - Instituição	Nº
Caracterização de uma população envolvida em casos de violência doméstica Samara Morais dos Santos e Maria Geralda Viana Heleno Universidade Metodista de São Paulo	**010**
Adolescentes em conflito com a lei: da violência à medida socioeducativa Andressa Sauzem Mayer e Samara Silva dos Santos Universidade Federal de Santa Maria	**011**
O processo hermenêutico da violência no contexto da prática profissional de assistentes sociais: narrativas de experiência profissional Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Cibele Cunha Lima da Motta, Scheila Krenkel, Helena Viana Fraga e Bruna Hainzenreder Universidade Federal de Santa Catarina	**012**
Revisão de literatura: acolhimento psicológico de pessoas em situação de migração forçada e refúgio Juceleine Pereira Wako e Silvia Viodres Inoue Universidade Católica de Santos	**013**
Intervenção com haitianos em Balneário Camboriú Fernanda Veiga, Maria Vitória Schizzi Tiepo e Raíssa Didzan Universidade do Vale do Itajaí	**014**
Limites e infância: um estudo sobre a construção de limites por mães, pais e responsáveis de crianças pré-escolares e escolares Jennifer V. A. dos Santos, Carolina P. Ferrazza, Carolina S. Colomé, Gabriela S. Rigão, Isadora C. P. Paludo, Daniele D. Porta, Marina P. Antoniazzi, Aline C. Siqueira Universidade Federal de Santa Maria	**015**
Orientações multiprofissionais em saúde às famílias de bebês prematuros Jaqueline Borella, Talya Pedron Alves e Josiane da Silva Delvan Universidade do Vale do Itajaí	**016**
Aceitabilidade como categoria em desenhos avaliativos: uma possibilidade de implicação da perspectiva do adolescente em programas de saúde Daniela Ribeiro Schneider e João Felipe Horr Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Regional de Blumenau	**017**
Determinantes interrelacionais na construção social da identidade de adolescentes Maiara Descovi de Freitas, Hallana Höher Bohrer, Andressa Sauzem Mayer, Ana Cristina Garcia Dias e Samara Silva dos Santos Universidade Federal de Santa Maria	**018**

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
O impacto da dor crônica na sexualidade de mulheres com fibromialgia: um estudo clinico qualitativo Neftali Beatriz Centurion e Rodrigo Sanches Peres Universidade Federal de Uberlândia	019
A humanização em interface com os princípios da integralidade: cuidado à criança hospitalizada Aline de Almeida Silva e Marina Menezes Universidade do Vale do Itajaí	020
CANCELADO	021
Autoestima como potencializador da saúde no âmbito escolar Jamile de Souza Soares, Viviane Américo Florentino e Sílvia Batista Von Borowski Escola Superior de Criciúma	022
Dermatite atópicana criança: quando o corpo fala Priscilla Terumi Moraes e Carolina de Vasconcellos Mazoni Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	023
Desenvolvimento da linguagem na educação infantil Marina Corbetta Benedet, Alana Carmine Alban, Anaíra Espíndola Pereira Kienen, Isabela EckerDresch e Thaiany Domingues Matos Universidade do Vale do Itajaí	024
Menina Mulher: um projeto de extensão Ariádny S.de Campos Abbud, Claudete S. Demetrio, Léia V. Fontoura, Eloysa N. Mosimann, Ionice M. Amaral, Janaina S. de Liz e Cristina Morsch Universidade do Vale do Itajaí	025
Dor crônica infantil: atenção à criança nos diferentes contextos de desenvolvimento Taise Girardi Scheffmacher, Katia Gonçalves e Luís Otavio Matsuda Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí	026
Terapia Familiar Sistêmica com crianças: um recorte da literatura Milena Fiorini e Luciane Guisso Universidade Federal de Santa Catarina	027

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Intervenção psicológica com famílias em ambiente de UTI neonatal como estratégia de promoção e prevenção de saúde mental Ana Paula Magosso Cavaggioni, Célia Mendes de Souza e Miria Benincasa Universidade Metodista de São Paulo	028
LAPPOT: utilizando a Psicologia Positiva como forma de promoção de saúde nas Organizações, no Trabalho e em outros espaços de vida Amanda Isabela Nórcio Scapini, Thaís Cristine Farsen e Narbal Silva Universidade Federal de Santa Catarina	029
Os benefícios de um grupo operativo terapêutico na saúde do trabalhador Mérope Spohr Pereira Vedana e Patrícia Sanches Empresa Qualirede	030
Médicos e o suicídio Tassiéli Mendes Simas, Murilo Domingues Alves, Camila Peixoto Farias e Alberto Manuel Quintana Universidade Federal de Santa Maria	031
Avaliação da vulnerabilidade ao estresse no trabalho observado em um grupo de militares Gustavo de Oliveira Maximiano, Lara Soares Fortes e Paulo Francisco de Castro Universidade de Taubaté	032
Níveis de stress em universitários de instituição particular do período noturno Áurea E Om Spricigo Siqueira,Caio Soares Holzmann e Cloves Antonio de Amissis Amorim Pontifícia Universidade Católica do Paraná	033
Avaliação das habilidades sociais em um grupo de voluntárias em serviço de acolhimento a pacientes oncológicos Alessandra Rodrigues da Costa Pereira, Júlia de Souza Fernandes e Paulo Francisco de Castro Universidade de Taubaté	034
Burnout em funcionários de uma unidade básica de saúde localizada no Vale do Itajaí Simone J. P. de Simone, Rafaela M.M. Buran e Jamir Sardá Universidade do Vale do Itajaí	035
Um diagnóstico do trabalho: o serviço de Psicologia na emergência de um hospital público da Grande Florianópolis Maria Luiza Bianchi; Renata Biava, Selma Maria Coelho Pitz, Suzana da Rosa Tolfo e Carlos Naujorks Universidade Federal de Santa Catarina	036

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Perícia psicológica administrativa em saúde do servidor público em Santa Catarina: percurso histórico Mariana Bonomini Fogaça de Almeida, Roberto Moraes Cruz, Rafaela Trevisan e Elaine Cristina Soares da Silveira Universidade Federal de Santa Catarina	037
Estresse traumático secundário: quando o psicólogo adoece Patricia Dalagasperina, Thaís Massom e Elisa Kern de Castro Universidade do Vale do Rio dos Sinos	038
Processo de restauração do estresse em um hospital de custódia: um método de investigação Bettieli Barboza da Silveira, Maíra Longhinotti Felippe, Ariane Kuhnen e Camila Klein Universidade Federal de Santa Catarina	039
Desenvolvimento de competências profissionais e aconselhamento psicológico em bombeiros militares eisa Benevenutie Karina Martins Centro Universitário de Brusque	040
Correlação entre desemprego e sofrimento psíquico em trabalhadores desempregados Elaine Silva do N. Mendes, Tatiane Cabral de Araujo e Erica Hokama Universidade São Judas Tadeu	041
A família "saudável" na visão de psicólogos do CRAS Juliana Marion, Ana Paula Benatti, Marilise Ferreira, Caroline Rubin Rossato Pereira e Samara Silva dos Santos Universidade Federal de Santa Maria	042
Direitos da criança e do adolescente: um estudo sobre a percepção dos pais Carolina S. Colomé, Carolina P. Ferrazza, Gabriela S. Rigão, Isadora C. P. Paludo, Jennifer V. A. dos Santos, Daniele D. Porta, Marina P. Antoniazzi e Aline C. Siqueira Universidade Federal de Santa Maria	043
Controle e poder materno no contexto pós-divórcio: trabalhando a coparentalidade em prol do bem-estar dos filhos Gabriela Clerici Christofari, Dorian Mônica Arpini, Ângela Roos Campeol e Patrícia Paraboni Universidade Federal de Santa Maria	044
A Psicologia e o trabalho interdisciplinar no âmbito do Direito de Família Ângela Roos Campeol Universidade Federal de Santa Maria	045

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	**HALL - CENTRO DE EVENTOS**

Título – Autor - Instituição	Nº
A construção de vínculo mãe-bebê-famílianocontexto da prematuridade à luz do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano – reflexões e implicação para a Psicologia Djenifer Samantha Marx, Natielen Peixe e Isadora de Azevedo, Amanda Kliemann; Zaira Aparecida de Oliveira Custódio, Elisangela Böing Universidade Federal de Santa Catarina	**046**
Concepções de psicólogos sobre a saúde da família no contexto de violação de direitos Dalila Moreira dos Santos, Gabriela Clerici Christofari, Juliana Marion, Marilise Ferreira e Caroline Rubin Rossato Pereira Universidade Federal de Santa Maria	**047**
O projeto de vida familiar na perspectiva de adolescentes que vivenciaram a separação conjugal de seus pais Mirela Heinen Rediss, Caroline de Abreu Prola Fritsch e Caroline Rubin Rossato Pereira Universidade Federal de Santa Maria	**048**
Interação familiar no contexto de uso/abuso de substâncias psicoativas Célia Mendes de Souza, Ana Paula Magosso Cavaggioni e Manuel Morgado Rezende Universidade Metodista de São Paulo	**049**
Estudo Epidemiológico de Pacientes com Neoplasias Intracranianas Clemilson S. Gomes, Bruna Almeida, Renan Kintopp, TalitaPerboni, Cloves Antonio de A. Amorim, Samanta F. Blattes da Rocha e Ricardo Ramina Pontifícia UniversidadeCatólica do Paraná, UniversidadeTuiuti e do Instituto de Neurologia de Curitiba	**050**
Teses brasileiras sobre o luto – um estado da arte Caio Soares Holzmann, Áurea E Om Spricigo Siqueira, Caique Lima Sette Franzoloso, Cloves Amorim, Ana Maria Moser e Aline Queiroz de Souza Pontifícia Universidade Católica do Paraná	**051**
Doação de órgãos motivos de recusa familiar no Distrito Federal Isabela Castelli e Áderson Luiz Costa Junior Universidade de Brasília	**052**
As mudanças psicossociais advindas do luto materno Bruna Fraga Tristão, Vanessa Czerwinski e Viviane O. de Almeida Jeremias Escola Superior de Criciúma	**053**
Grupo de apoio a familiares e cuidadores enlutados do Serviço de Atenção Domiciliar de Blumenau Jerusa Wilbert Prefeitura de Blumenau	**054**

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
As diferentes concepções sobre a morte e o processo de luto Fernanda Nardino, Luísa da Rosa Olesiak, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Camila Peixoto Farias e Alberto Manuel Quintana Universidade Federal de Santa Maria	055
Análise de um programa de intervenção na implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem Glaucia F. Trazzi, Isabella N. Freire, Rita de Cassia S. Oliveira, Tamires M. Mancusi, Thaís Q. Guimarães, Thamiris M. Silva e Mayra Natalia Evangelista Centro Universitário de Votuporanga	056
Histórias de perdas: uma proposta de (re) leitura da experiência de luto Ivânia Jann Luna e Carmen Ojeda Ocampo Moré Universidade Federal de Santa Catarina	057
Atitudes e crenças de pacientes com dor crônica Loiane Letícia dos Santos e Randolfo dos Santos Júnior Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto	058
A atuação da Psicologia em um programa de atendimento interdisciplinar a mulheres com síndrome de fibromialgia Giovana Delvan Stuhler, Mônica Linder, Taciane Cristina Schlindwein e Thiago Costa Universidade do Vale do Itajaí	059
A Psicologia no contexto dos cuidados paliativos: uma revisão crítica da literatura Carolina Villanova Quiroga e Tatiana Prade Hemesath Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Hospital das Clínicas de Porto Alegre	060
Como homens e mulheres acessam os serviços de saúde? Problematizações sobre as demandas contemporâneas Sabrina Daiana Cúnico, Andressa Botton e Marlene Neves Strey Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	061
Narrativas na produção subjetiva do autocuidado em doenças crônicas Giselda Faes Kichler e Marta Orofino Grupo Hospitalar Conceição	062
Obesidade e transgeracionalidade: uma revisão sistemática da literatura Aline Orlandi Coradini e Carmen Ocampo Moré Universidade Federal de Santa Catarina	063

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
A experiência de adoecer crônico em pacientes com doença de Crohn- uma perspectiva fenomenológico-existencial Ana Talita Costa Ribas e Joanneliese de Lucas Freitas Universidade Federal do Paraná	064
Considerações acerca da vivência em entrevistar homens diagnosticados com câncer de próstata: relato de experiência Maira Julyê Mota Fernandes, Gabriela Borges Carvalho, Cintia Bragheto Ferreira e Stefanie Miranda Porto Universidade Federal de Goiás	065
Impactos pós-operatórios da cirurgia bariátrica no vinculo conjugal: um estudo de caso Morgana Martins de Medeiros, Nikole Fernandes, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Rejane de Farias e Cibele Cunha Lima da Motta Universidade Federal de Santa Catarina e Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	066
Uma leitura da fibromialgia como sintoma histérico: um relato sobre a dor Adiele Nataly Alves Lopes, Joyce Wylla Andrade Almeida e André Mauricio Lima Barreto Universidade Federal do Pará	067
Os comportamentos sociais de acadêmicos e profissionais da Psicologia diante da fibrose cística Renata de Souza Princival e Claudia Consuelo do Carmo Ota Centro Universitário Unibrasil	068
A reconstrução de si na paraplegia adquirida Luísa da Rosa Olesiak, Camila Peixoto Farias, Alberto Manuel Quintana e Cristine Gabrielle da Costa dos Reis Universidade Federal de Santa Maria	069
A relação entre controle cognitivo e processamento emocional em universitários Carolina Baptista Menezes e Rebecca Anne Pimenta- Blight Universidade Federal de Santa Catarina	070
Qualidade de vida, percepção de suporte social e consumo de medicamentos em idosas participantes da universidade para a terceira idade Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco e Manuel Morgado Rezende Universidade Metodista de São Paulo	071
Autonegligência na velhice: implicações biopsicossociais Janete Furtado Duarte e Laura Maza Garrido Faculdade Anhanguera São Bernardo	072

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
As repercussões da intergeracionalidade nos processos de aposentadoria: um estudo com casais aposentados Marcos Henrique Antunes, Dulce Helena Penna Soares e Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré Universidade Federal de Santa Catarina	**073**
Grupos de mulheres com doenças crônicas: relato de experiência Isabela Otechar Barbosa, Greice Kelly Barbosa e Silvia Nogueira Cordeiro Universidade Estadual de Londrina	**074**
Divulgação de material educativo para encontrar mães que renunciam a maternidade Gabrielle Barbieri Bressa, Marina Peripolli Antoniazzi e Aline C. Siqueira Universidade Federal de Santa Maria	**075**
CANCELADO	**076**
Comparação dos índices de depressão pós-parto em mâes de bebês com síndrome de down e mães de bebês típicos Tahena S. Ferreira, Bárbara C. de Campos e Olga Maria P. R. Rodrigues Universidade Estadual Paulista	**077**
Cesárea eletiva: um estudo de caso sobre as repercussões psíquicas na mulher Neliane L. de Sousa, Adriana N. Romagnolo e Miria Benincasa Gomes Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo	**078**
Autoeficácia para a realização do autoexame das mamas na prevenção do câncer de mama Carolina Seabra, Miguel Luis Alves de Souza, Luísa Vital de Souza, Maria Júlia Armiliato, Ana Carolina Peuker e Elisa Kern de Castro Universidade do Vale do Rio dos Sinos	**079**
Mulheres especiais: promovendo o climatério e menopausa saudáveis Janaina S. deLiz, Claudete S. Demetrio, Léia V. Fontoura, Eloysa N. Mosimann, Ionice M. Amaral, Ariádny S. de C. Abbud e Cristina Morsch Universidade do Vale do Itajaí	**080**
Prevenção de desastres e educação: a Psicologia inserida na Defesa Civil na escola Jones Ivan Dias, Roberta Borghetti Alves e Edevilson Cugiki Centro Universitário de Brusque	**081**
A internet como espaço autobiográfico: compartilhando experiências de transição de gênero em vídeos no Youtube Hellena Bonocore Morais e Marlene Neves Strey Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	**082**

Pôsteres

10 de outubro (segunda-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Efetividade de um programa de intervenção online multidimensional para mudar atitudes de profissionais da saúde brasileiros em relação à população de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans Ramiro Figueiredo Catelan, Heitor Tomé da Rosa Filho, Paola Fagundes Pase, Sílvia Helena Koller, Henrique Caetano Nardi e Angelo B. Costa Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul e Univ. Federal do RS	083
Relato de experiência com grupo de jovens no Ensino Médio: cinema como mediador de diálogos Luccas Silva Machado, Gabriela Borges Carvalho, Hugo Ribeiro de Souza, Tales Vilela Santeiro e Renata Magalhães Naves Universidade Federal de Goiás	084
Grupo de mulheres na atenção básica à saúde: a intervenção focal comopossibilidade de atuação Isabella Queiroga Ramos Floering, Manuela PimentelLeite, Marina Gonzalez Valeton, Marina Paula Silva Viana e Maurício João Costacurta Secretaria Municipal de São José dos Pinhais	085
Psicologia Hospitalar: considerações sobre assistência, ensino, pesquisa e gestão Diego da Silva, Alessandra R. Barros, Daniela C. Prestes, Esther Tribuzy, Juliane G. Rosa, Giovana C. Angioletti, Lúcia M. O. Santos e Raphaella R. Souza Conselho Regional de Psicologia do Paraná	167
A relação pais-filhos quando o(a) filho(a) apresenta necessidades educacionais especiais (NEE) Marilise Ferreira, Caroline Rubin Rossato Pereira, Patrícia Paraboni, Luciane Najar Smeha, Juliana Marion e Andréia Sorensen Weber Universidade Federal de Santa Maria	168
A busca ativa no contexto hospitalar: contribuições para a Psicologia clínica Gelson Panisson, Magda do Canto Zurba e Anne LuisaNardi Universidade Federal de Santa Catarina	169
Uma proposta de intervenção da Psicologia no âmbito das migrações contemporâneas: atuação junto aos estudantes intercambistas do Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) Gabriela Carvalho Teixeira, Luana Martins Sorrentino, Caroline França Biasi e Mariana Bassoi Duarte da Silva Universidade Federal do Paraná	170
Perda auditiva e distúrbios psicológicos em pacientes adultos candidatos ao implante coclear no Hospital Universitário - Universidade Federal de Santa Catarina Vitória Nascimento, Lucas Nobrega, Jacksiani Erat, Rosane Porto Seleme e Rachel Schlindwein-Zanini Universidade Federal de Santa Catarina	171

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	**HALL - CENTRO DE EVENTOS**

Título – Autor - Instituição	Nº
Escola e identidade: influência das relações na constituição pessoal de adolescentes Hallana Höher Bohrer, Maiara Descovi de Freitas, Andressa Sauzem Mayer, Ana Cristina Garcia Dias e Samara Silva dos Santos Universidade Federal de Santa Maria	**086**
Uso do teatro de fantoches como recurso terapêutico na internação pediátrica: um olhar integral na atenção à criança Larissa de Cezar, Juliana Macchiaverni e Elisangela Böing Universidade Federal de Santa Catarina e Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	**087**
Famílias nucleares e práticas educativas: um estudo sobre as diferenças parentais no modo de educar os filhos Carolina P. Ferrazza, Carolina S. Colomé, Daniele D. Porta, Gabriela S. Rigão, Isadora C. P. Paludo, Jennifer V. A. dos Santos, Marina P. Antoniazzi e Aline C. Siqueira Universidade Federal de Santa Maria	**088**
O morrer da criança e o processo de luto dos pais Cristine Gabrielle da C. dos Reis e Camila P. Farias, Mikaela Aline Bade München, Fernanda Nardino. Luísa da Rosa Olesiak, Alberto M. Quintana Universidade Federal de Santa Maria	**089**
Instituto Pais/Bebês: espaço especializado em Psicologia perinatal Ana Laura Tridapalli, Juline Aldanê Silveira da Silva e Thiciara Mattiazzi Instituto Pais e Bebês	**090**
A vivência da família frente ao morrer de um filho no cenário do câncer infanto-juvenil Mikaela Aline Bade München, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Sandra Regina Sallet, Murilo Domingues Alves e Alberto Manuel Quintana Universidade Federal de Santa Maria	**091**
Vínculos afetivos e obesidade: um relato de experiência Bruna Hainzenreder, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Cibele Cunha Lima da Motta, Ivânia Jann Luna e Mariana Luíza Becker da Silva Universidade Federal de Santa Catarina	**092**
Influência da autoeficácia e das crenças em saúde no tratamento antirretroviral de pessoas com HIV/AIDS que não aderem ao tratamento Gehisa Amábille Rech, Gisele Regina da Cunha e Giovana Delvan Stühler Universidade do Vale do Itajaí	**093**
Atendimento interdisciplinar a mulheres com síndrome de fibromialgia: o uso de material educativo no incentivo do autocuidado Mônica Linder, Taciane C. Schlindwein, Thiago Costa e Giovana D. Stuhler Universidade do Vale do Itajaí	**094**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Câncer infantil e ciclo de vida familiar: uma perspectiva da Terapia Sistêmica Katia Gonçalves e Taise Girardi Scheffmacher Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí	095
Saúde pública: inserção, possibilidades e práticas em Psicologia da Saúde Gênesis R. Sobrosa, Patrícia Dalagasperina, Jana G. Zappe, Naiana D. Patias, Pascale C. Fiorin, Ana C.G. Dias, Anelise S. Santos, Eliane M.Lume Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Univ. Federal do Rio Grande do Sul, Univ. Federal de Santa Maria, Hospital do Círculo de Caxias do Sul	096
A percepção de doadores de sangue sobre as campanhas de incentivo André Teixeira Stephanou e Mariana Calesso Moreira Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	097
Desempenho e rendimento acadêmico em estudantes universitários: uma revisão de literatura Jéssica Costa Machado e Cinara Miraglia Ferreira, Ana Cristina Garcia Dias Universidade Federal de Santa Maria	098
Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas nos cursos de Engenharia: revisão da literatura Cristiane Maria Barra da Matta, Susana Marraccini Giampietri Lebrão e Maria Geralda Viana Heleno Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia e Universidade Metodista de São Paulo	099
Avaliação e ações preventivas: revisão sistemática da literatura científica em bases nacionais João FillipeHorr e Sara Boege Pickler Universidade Regional de Blumenau	100
O Teste de Desempenho Escolar em alunos de uma escola na Grande São Paulo Bernardete Bezerra Silva Imoniana e Marilia Martins Vizzotto Universidade Metodista de São Paulo	101
Uma análise crtítica da medicalização na educação: o caso do TDAH Bianca Nicz Ricci, Leticia de Amorim Cini e Maísa Pannuti Universidade Positivo	102
A sala de espera enquanto espaço de cuidado à saúde: experiência de atuação interdisciplinar na Atenção Básica Manuela P. Leite, Isabella Q. Ramos Flöering, Kesia Angelina S. Barros, Bianca V. dos Santos, Mauricio João Costacurta e Janyne Dayane Ribas Secretaria Municipal de Saúde de São José dos Pinhais	103

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	**HALL - CENTRO DE EVENTOS**

Título – Autor - Instituição	Nº
Uso da palmada por responsáveis na educação dos filhos e as crenças associadas Gabriela S. Rigão, Carolina P. Ferrazza, Carolina S. Colomé, Daniele D. Porta, Isadora C. P. Paludo, Jennifer V. A. dos Santos, Marina P. Antoniazzi e Aline C. Siqueira Universidade Federal de Santa Maria	**104**
Oficinas educativas com profissionais da saúde: um relato de experiência Léia Viviane Fontoura, Claudete Demetrio Meurer, Daiane Pereira Miguel Fernandes, Larissa Voigt Nunes e Nathan Haniel de Souza Universidade do Vale do Itajaí	**105**
A interdisciplinaridade na atenção à saúde e na formação do estudante: um projeto de extensão da Universidade Federal do Pará Patrícia do Socorro N. Pereira, Alan S. Lima e André Maurício Lima Barretto Universidade Federal do Pará	**106**
Grupo de acolhimento para pacientes em pré-operatório da cirurgia bariátrica no HU Nikole Fernandes, Morgana M. de Medeiros, Rejane de Farias, Francielle L. Alves, Carmen Leontina O. Ocampo Moré e Cibele Cunha Lima da Motta Universidade Federal de Santa Catarina	**107**
Análise da articulação da rede intersetorial de um Centro de Referência da Assistência Social Camila Paravisi Frizzo e Felipe Faria Brognoli Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina	**108**
O método de Rorschach nas pesquisas em Psicologia da Saúde Muriell da Silva Coelho e Paulo Francisco de Castro Universidade Guarulhos	**109**
Interdisciplinaridade nos atendimentos ambulatoriais às doenças inflamatórias intestinais: experiência na extensão universitária Igor Machado de Castro e Sueli Terezinha Bobato Universidade do Vale do Itajaí	**110**
Contribuição de disciplina teórico-prática para a formação em Psicologia: uma oportunidade de aproximação com o SUS Tatiane Maraschin Fermiani, Manuela Pimentel Leite e Melissa R. Almeida Universidade Federal do Paraná	**111**
Intervenção em saúde preventiva: com grupos operativos de avós no ambiente hospitalar Eliane Maria Lume, Mariana Calesso Moreira, Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa e Patrícia Dalagasperina Hospital do Círculo de Caxias do Sul, Instituto de Educação e Pesquisa e Universidade do Vale do Rio dos Sinos	**112**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Análise da produção científica sobre Psico-Oncologia: instrumentos de avaliação psicológica empregados e quadros psicopatológicos associados Jadir M. Francisco Júnior, Maicon O. da Silva e Paulo Francisco de Castro Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté	**113**
A prática supervisionada em Psicologia Hospitalar como ferramenta na formação profissional: relatos de experiência em curso de extensão teórico-prático Gabriele Beatriz Waack, Tatiane Maraschin Fermiani, Ana Paula Burgath, Raphaella Ropelato e Luciane Bozza Bertoncello Care Psicologia Hospitalar	**114**
Relato de experiência sobre o atendimento interdisciplinar a um estudante da Universidade Federal do Pará em situação de vulnerabilidade social Jessika Patricia da S. e Silva, Caroline P. Lobato e André M. L. Barretto Universidade Federal do Pará	**115**
Serviço de acolhimento: relato de experiência interdisciplinar a partir de um estudo de caso Breno Luiz S. da Silva, Joyce Wylla. A. Almeida e André Maurício Lima Barreto Universidade Federal do Pará	**116**
A atuação do psicólogo em equipe interdisciplinar junto a pacientes com doenças inflamatórias intestinais Thaís Bolognini, Eloisa Leoni, Jeisiani M Caldeira, Simone J. Pereira e Sueli Terezinha Bobato Universidade do Vale do Itajaí	**117**
Os desafios da hipercolesterolemia familiar: uma abordagem interdisciplinar Ana B. França, Isabela de C. Back, Katia C. G. Bertoncello, David A. G. Chica, Lia K. Back, Edson L. da Silva, Andreia Valle, Yara M. F. Moreno e Sergio F. T. de Freitas Universidade Federal de Santa Catarina	**118**
Levantamento sobre a presença do tema "Humanização em Saúde" nos currículos dos cursos de Psicologia das IES públicas do Paraná Debora Lydines Martins Corsino e Maíra Bonafé Sei Universidade Estadual de Londrina	**119**
Reflexões teóricas sobre a promoção da saúde no Brasil, Canadá e Cuba Gabriela Cristina Maximo e João Rodrigo Maciel Portes, Ariádny Suci de Campos Abbud, Flávia da Silva Bezerra, Thaiany Domingues Matos Universidade do Vale do Itajaí	**120**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Atuação do psicólogo em uma Unidade de Internação Ginecológica: relato de experiência no contexto da residência multiprofissional em Saúde Amanda Kliemann e Camila Angelina de Moraes Hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	121
Psicologia e Educação: problematizando a interdisciplinaridade por meio de um levantamento bibliográfico José Tadeu Acuna e Vera Lúcia Messias Fialho Capellini Universidade Estadual Paulista	122
Relacionamento médico-paciente no diagnóstico de câncer sem possibilidade de cura: análise a luz da lógica de cuidado Thais Laudares Soares Maia, Juceleine Pereira Wako e Silvia Regina Viodres Inoue Universidade Católica de Santos	123
Práticas psicoterápicas em psico-oncologia: relato de experiência Gabriela Borges Carvalho, Maira Julyê Mota Fernandes, Déborah Leitão Gomes e Cintia Bragheto Ferreira Universidade Federal de Goiás	124
Protocolo de avaliação psicológica em situações de comunicação de diagnóstico recente a pacientes internados na emergência de um hospital geral Waleska Jerusa de Souza Mendonça e Simone Scremin Hospital das Clínicas de Porto Alegre	125
Câncer infantil: reinserção de crianças e adolescentes no âmbito escolar Elaine Cristina C. de Campos, Monica da Silva Rodrigues e Thais Rosso Escola Superior de Criciúma	126
Vida, arte e loucura: a saúde mental em movimento Luthiane Pisoni Godoy e Maria da Graça Dias da Costa Lyra Sociedade Educacional Três de Maio	127
É possível ser mãe? Representações sociais da maternidade em mulheres que superaram o câncer Aline Pereira de Oliveira e Danuta Medeiros Universidade Paulista e Universidade São Judas Tadeu	128
Propostas de intervenção em Psicologia a partir da análise do perfil sociodemográfico dos usuários de uma clínica oncológica Késya Martha dos Santos Cruz Silva e Guilherme de Carvalho Universidade Federal Fluminense	129

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	**HALL - CENTRO DE EVENTOS**
Título – Autor - Instituição	**Nº**
Oncologia pediátrica: transformações corporais causadas pela doença e seus significados para a criança com câncer Ana Aparecida da Silva Azevedo, Brígida Lorana da S. Rodrigues da Silva, Lucas Ferreira Alves e Guilherme de Carvalho Universidade Federal Fluminense	**130**
O significado atribuído à "cura" por pessoas sobreviventes de câncer na infância Daniele Albino e Alessandra d´Avila Scherer Universidade do Sul de Santa Catarina	**131**
Apoio matricial em saúde mental no NASF Caroline Silveira da Silva, Renata Eisermann Rodrigues, Neusa Beatriz Barcelos de Farias, Patrícia Kopaef Ferreira e Rosecler TavaniKich Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Prefeitura Mun. de Porto Alegre	**132**
O tempo como limitador na atuação das clínicas-escola de Psicologia Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman e Susan Lusca da Silva Universidade Federal de Santa Maria	**133**
Oficina de jogos psicodramáticos e de improviso no treino da espontaneidade Evandir Bueno Barasuol, Rúbia Bueno Barasuol e Luthiane Pisoni Godoy Sociedade Educacional Três de Maio	**134**
Do conto ao terapêutico Renata Eisermann Rodrigues, Caroline Silveira da Silva, Neusa Beatriz Barcelos de Farias, Patrícia Kopaef Ferreira e Rosecler TavaniKich Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Prefeitura Municipal de Porto Alegre	**135**
Descrição do processo de avaliação psicológica na atuação profissional do psicólogo no Sistema Único de Saúde Edson Sigueyoshi Hamazaki e Paulo Francisco de Castro Universidade de Guarulhos e Universidade de Taubaté	**136**
Andança circular na atenção primária de saúde: favorecendo o estar junto na pós-modernidade Kelly Maciel Silva, Cecilia Stähelin Coelho e Rosase Gonçalves Nitschk Universidade Federal de Santa Catarina	**137**
Experiência de trabalho na adesão ao tratamento de HIV/AIDS Victória Noremberg Bitencourt e Jorge Ondere Neto Universidade Federal do Rio Grande do Sul	**138**
Educação Permanente: possibilidade de atuação do psicólogo na atenção básica Luana de Souza dos Santos Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul	**139**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
O psicólogo na sala de espera: possibilidade de acolhimento na atenção básica Vanessa Visockas Wiezel, Ana Júlia Lelis Rodrigues e Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis Universidade Estadual de Londrina	**140**
Possibilidades de atuação da Psicologia na atenção básica através de um Grupo Aberto de Apoio Psicológico (GAAP) Lucas Mentor de Albuquerque Nobrega, Lucila Rosa Matte Massignani, Joselma Tavares Frutuoso e Andréia Isabel Giacomozzi Universidade Federal de Santa Catarina	**141**
Atuação do psicólogo na estratégia Saúde da Família: prescindível ou irrelevante Alice A. Oliveira, Andrelise H. Bittencourt, Ariana R. Machado, Caroline P. Labhardt, César J. E. Medeiros, João Pedro B. Borges, Karoláine B. Sizenando, Marilia C. Machado, Rosane Romanha, Taynan M. Silva e Verônica G. Yamashita Universidade do Sul de Santa Catarina	**142**
A práxis do psicólogo nas políticas públicas de um CAPSad de Santa Catarina Isabella Kszani dos Santos e Camila Paravisi Frizzo Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina	**143**
Atendimento psicológico a usuários de substâncias psicoativas em CAPSad e hospital geral – traçando paralelos Larissa Santana Cunha, Paola Nunes Goularte e Douglas Ferraz de Araújo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	**144**
PAV – Projeto de Apoio à Vida Adriana Cristina de Jesus Rosa e Alencar Venâncio Silva Tognon, Maria Celina Trevisan Costa, Mariana Mateus de Queiroz e Valéria Queiroz Centro Universitário de Votuporanga	**145**
Implicações das práticas atuais de diagnóstico psicopatológico Amanda Luiza Stroparo e Luana Dallo Pontifícia Universidade Católica do Paraná	**146**
A importância da família no Programa de Estimulação Essencial Ana Helena de Lara JankeToigo Louise Neiverth e Nathalie Baril Escola Nilza Tartuce - Modalidade de Educação Especial	**147**
A prática do psicólogo na atenção psicossocial: um relato de experiência Emanuele Musskopf, Tamires Dartora e Camila Martins Sirtoli Universidade do Vale do Rio dos Sinos	**148**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Psicologia ampliando a rede de apoio de usuários nos Centros de Referência da Assistência Social Ana Paula M. Freitas, Aline C. Siqueira e Cassiele Pauli Universidade Federal de Santa Maria	**149**
Princípio da integralidade em ações de saúde em oficina terapêutica para adolescentes no CAPSi Talita de Oliveira Custódio e Fernanda Costa Nicolazzi Universidade Federal de Santa Catarina e CAPSi	**150**
O recurso artístico enquanto dispositivo terapêutico em grupo de familiares no CAPSi de Florianópolis Lílian Maria Pagliuca e Talita de Oliveira Custódio CAPSi Florianópolis e Universidade Federal de Santa Catarina	**151**
Reforma psiquiátrica e atenção psicossocial na perspectiva das redes sociais Jeovane Gomes de Faria e Claudia Daiana Borges Universidade Federal de Santa Catarina e Centro Universitário Leonardo da Vinci	**152**
Projeto Terapêutico Singular: dispositivo de cuidado para a singularidade do usuário de saúde mental Tamires Dartora, Camila Martins Sirtoli, Emanuele Musskopf, Vivian Marx e Ana Carolina Einsfeld Mattos Universidade do Vale do Rio dos Sinos	**153**
Critérios científicos e metodológicos para a avaliação de eficácia de programas de intervenção em saúde Helen Durgante, Thais C. Delazeri, Elisabeth Homercher e Eduardo Remor Universidade Federal do Rio Grande do Sul	**154**
Reorganização familiar face o impacto do diagnóstico oncológico: um estudo de caso Samira de Mello , Luísa Susin dos Santos, Claudete Marcon e Joselma Tavares Frutuoso Universidade Federal de Santa Catarina	**155**
A utilização do período de observação passiva como ferramenta para inserção do residente no ambiente hospitalar Marjorie Rodrigues Wanderley, Jessica Molina Quessada, Maria Fernanda Moura da Cunha Faculdades Pequeno Príncipe	**156**
Experiência de intervenção de grupo de enfermaria para pacientes hospitalizados Jorge Ondere Neto Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul	**157**

Pôsteres

11 de outubro (terça-feira)	Tarde
13h30 - 14h45	HALL - CENTRO DE EVENTOS

Título – Autor - Instituição	Nº
Morte e luto no contexto do transplante hepático infantil: o papel do psicólogo hospitalar Loredana A. Marzocchella, Lauren P. Affonso e Márcia Camaratta Anton Hospital das Clínicas de Porto Alegre	158
Avaliação de risco de suicídio e articulação com a rede de saúde no contexto de uma unidade de emergência Juliana Macchiaverni, Lucienne Martins Borges e Lecila D. Barbosa Oliveira Hospital Univ. da Univ. Federal de Santa Catarina e Univ. Federal de SC	159
Convergências, divergências e complementaridades de conceitos técnicos e a prática em Psicologia Hospitalar Francielli Angelotti, Hevellin Nattany Piai Dal Bem, Jessica Molina Quessada, Simone Susana Saad F. Passos Valesi, Daniela Carla Prestes Faculdades Pequeno Príncipe	160
O ambiente da UTI Neonatal e a atuação do psicólogo hospitalar Zaira Aparecida de Oliveira Custódio e Lauren Perdigão Affonso Hospital Univ. da Univ. Federal de SC e Hospital das Clínicas de P. Alegre	161
Formação de psicólogo para atuação em espaços hospitalares: integralidade, humanização e desafio da ação em Psicologia da Saúde no hospital geral Ana Maria P. Lopes, Maria A. G. Machado e Alessandra d´Avila Scherer Universidade do Sul de Santa Catarina	162
Vivências traumáticas sobre acidentes de trânsito: percepção do momento Camilla V. Weigert, Maria C. Bittencourt de F. Santos, Ramylla S. Penha, Juliana F. Tedesco, Andrew Carlos de A. Serrão e Cássia R. Rodrigues Universidade Federal de São Carlos, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos	163
O arquétipo da Sombra nas instituições hospitalares Talita FabieleKarasinski, Andressa Clara França, Mariana do Pilar Rosa Dias, Inaê Benchaya Duarte e Maria do Desterro de Figueiredo Centro Universitário Franciscano do Paraná	164
Desafios na construção de um caderno temático em Psicologia Hospitalar: relato da experiência da Comissão de Psicologia Hospitalar do CRP 08 Alessandra R. Barros, Daniela C. Prestes, Diego da Silva, Esther Tribuzy, Juliane G. Rosa, Giovana C. Angioletti, Lúcia M. de O. Santos e Raphaella Ropelato de Souza Conselho Regional de Psicologia do Paraná	165
O olhar para a família diante da crise no contexto da onco-hematologia Luísa S. Santos, Samira de Mello, Claudete Marcon e Joselma T. Frutuoso Universidade Federal de Santa Catarina e Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	166

Conferência de abertura – 10 de novembro

OS DESFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONALDE SAÚDE NA PERSPECTIVA DA INTEGRALIDADE

Prof. Dr. Marco Aurélio Da Ros

Professor do Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho da UNIVALI e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UNOCHAPECÓ. Professor titular da UFSC aposentado. Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Pelotas; Resiliência em Medicina Comunitária na Unidade Sanitária São José do Murialdo, RS, com título de especialista em Medicina em Família e Comunidade; especialização em Saúde Pública pela ESP-RS. Mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, doutor em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; pós-doutorado em Educação Médica na Universitá de Bologna. Consultor do Ministério da Saúde - DEGES e Ministério da Educação – MEC, na área de Educação em Saúde. Membro do GT Educação e Saúde da ABRASCO e coordenador do Grupo de Pesquisa Educação e Saúde, registrado no CNPq. Foi coordenador da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade UFSC. Membro do Conselho Editorial de diversas revista da área de Educação em Saúde e Saúde Coletiva (Caderno Brasileiro de Ensino de Física; Texto e Contexto Enfermagem; Revista Brasileira de Educação Médica; Interface; Comunicação, Saúde e Educação; Revista Arquivos Catarinenses de Medicina; Revista Trabalho em Educação Médica; Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: SUS/AB, educação em saúde, educação médica, educação popular, epistemologia e saúde, promoção de saúde, humanização e planejamento estratégico em saúde. Atualmente atua como servidor voluntário da UFSC integrando: a Comissão da Verdade; a Implantação de novas faculdades de medicina em SC, e a Tutoria na comissão estadual do Programa Mais Médicos.

Conferência – 10 de novembro

DO MAL-ESTAR AO BEM-ESTAR: CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA POSITIVA

Prof. Saul Neves de Jesus (Portugal)

Saul Neves de Jesus é Professor Catedrático de Psicologia da Universidade do Algarve, desde 2003, e atualmente desempenha as funções de Diretor do Curso de Doutoramento em Psicologia e Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciência Humanas e Sociais (FCHS), tendo sido já Diretor e Presidente do Conselho Pedagógico desta Faculdade. É também Presidente do CIEO, centro de investigação avaliado com “Muito Bom” pela FCT, coordenando o grupo de investigação – Bem-Estar na Sociedade. Tem participado como membro do Painel de Psicologia para atribuição de bolsas de doutoramento e de pós-doutoramento da FCT, desde 2011, tendo sido o seu coordenador em 2013. Desde 2012 é o representante de Portugal na Stress and Anxiety International Research (STAR). Tem orientado pós-doutoramentos de colegas de vários países, já orientou trinta teses de doutoramento concluídas e mais de sessenta teses de mestrado. Tem publicações científicas em sete línguas, incluindo vários livros e mais de duas centenas de artigos em revistas com revisão de pares. Já obteve diversos prêmios e distinções nacionais e internacionais, nomeadamente o Prémio Rui Grácio (1996) e o Premio-Luso-Brasileiro de Investigação em Psicologia da Saúde (2009), integrando ainda, com uma breve biografia, desde 2011, a edição do prestigiado livro Whos Who in the World.

Conferência – 11 de novembro

PSICOLOGIA DA SAÚDE E DA CRIANÇA

Profª. Drª. Sônia Regina Fiorim Enumo (PUC - Campinas)

Tem licenciatura e bacharelado em Psicologia (PUC – Campinas, 1978, 1979), Mestrado em Educação Especial (UFSCar, 1985), Doutorado em Psicologia Experimental (USP, 1993) e pós-doutorado em Avaliação Assistida de Crianças com Deficiência Visual (CEPRE/FCM/UNICAMP, 1998). Foi docente do Curso de Psicologia da PUC – Campinas (1981-1985). É Professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (desde 2012) e do Mestrado em Ciências da Saúde (2015) da PUC – Campinas. Aposentou-se pela Universidade Federal do Espirito Santo [UFES] (1986-2011), recebendo o título de Professora Emérita em 2014. Orienta no Programa de Pós-Graduação e Psicologia da UFES (PPGP/UFES) desde 1992. Foi Chefe do Departamento Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES (1999-2000), Coordenadora do PPG /UFES (2000-2002) e Tutora do Grupo PET/CAPES da Psicologia/UFES (1994-1997). Foi Primeira-Secretária da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental – ABPMC (1998-1999), e da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento – ABPD (2006-2007). Foi representante da UFES no Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia de Vitória, ES – CMCT/FACITEC (2008-2012). É bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2001. É líder do Grupo de Pesquisa em Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Psicologia Pediátrica do CNPq, e Coordenadora do GT – Psicologia Pediátrica da Associação Nacional de Pesquisa de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) desde 2012. Coordena pesquisas nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Pediátrica sobre avaliação, intervenção e prevenção de problemas de desenvolvimento e de aprendizagem, com temas como processos de estresse-enfrentamento e Avaliação Assistida.

Conferência – 11 de novembro

A IMPORTÂNCIA DO SONO NA SAÚDE E NA QUALIDADE DE VIDA

Prof. Dr. Gualberto Buela-Casal (Espanha)

Gualberto Buela-Casal, Universidade de Granada, Licenciado em Psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, Doutor em Psicologia pela Universidade Autónoma de Madrid, foi pesquisador do CIDE, Ministério da Educação e da Ciência e Professor da Universidade da Málaga Jaen, Universidade da Califórnia e atualmente é diretor de um grupo de pesquisa na Universidade de Granada. Publicou mais de 20 livros e mais de 200 artigos em revistas científicas, a maioria em revistas indexadas no Journal Citation Reports (JCR). Já dirigiu 20 teses de doutorado. É Diretor do Programa de Pós-Graduação com Menção Qualidade: Desenho de Investigação e Aplicações em Psicologia e Saúde, que foi premiado com o Prêmio Qualidade AUIP Internacional de Doutorado. Hoje é Presidente da Associação Espanhola de Psicologia Comportamental Cognitiva.

RESUMOS

Atenção psicológica ao familiar cuidador da criança hospitalizada

Adriano Valério dos Santos Azevêdo (Universidade Tuiuti do Paraná),
Maria Aparecida Crepaldi (UFSC)

De acordo com a perspectiva sistêmica, a família representa um sistema aberto que cumpre funções e enfrenta determinadas tarefas desenvolvimentais, que exigem adaptação e reestruturação (Minuchin, 1990). A noção de sistema parte do princípio de que os integrantes estão em constante interação compartilhando crenças e desenvolvendo formas de comportamento por meio de inter-relações. Assim, as ações e comportamentos de um de seus membros influenciam o funcionamento do sistema e a dinâmica familiar. O sistema familiar, para a perspectiva estrutural da terapia familiar, apresenta subsistemas que delimitam diferentes funções, por exemplo, o subsistema conjugal integra a união de dois adultos com o propósito de formar uma família, o subsistema parental possibilita que os pais desenvolvam os cuidados básicos com os filhos, assim como o subsistema fraternal que inclui a dinâmica estabelecida pelos irmãos (Minuchin, 1990). Os subsistemas são formados por uma pessoa ou díade, o que permitem o desenvolvimento de habilidades, a organização de tarefas, e a diferenciação das funções que são estabelecidas. As fronteiras representam o conjunto de normas que organizam a dinâmica do grupo familiar, definem as funções, e orientam o estabelecimento de princípios de moralidade (Minuchin, 1990). A definição do conceito de família relaciona aspectos multifatoriais que estão em constante interação, assim para entender o funcionamento da família é necessário investigar as relações desenvolvidas pelos seus integrantes. Nesse contexto, as pesquisas cumprem um papel fundamental quando investigam a dinâmica familiar e os aspectos específicos de cada ambiente.

No que se refere aos estudos com famílias, pesquisadores apontam a importância de delimitar o objeto de estudo, a perspectiva teórica, as estratégias de investigação, a seleção dos instrumentos e a análise de dados (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008). Estas orientações facilitam iniciar pesquisas com um enfoque científico para investigar temáticas complexas, e com isso apresentar novos estudos sobre famílias.

Diante das possibilidades de investigação, destacam-se os estudos sobre famílias que se encontram vivenciando situações de adoecimento e hospitalização. Há um consenso na literatura nacional e internacional referente às reações psicológicas provocadas nas crianças, com idade pré-escolar e escolar, e nos seus pais, a partir da vivência de eventos traumáticos decorrentes de uma situação de doença e hospitalização (Barros, 2003; Crepaldi, Rabuske & Gabarra, 2003; Roberts & Steele, 2009; Kazak et al., 2006). Outros autores indicaram que o surgimento de uma doença, a necessidade de hospitalização, e os tratamentos médicos representam eventos estressores para a criança e sua família, e por consequência apresenta mudanças no funcionamento familiar (Chorney & Kain, 2010; Coyne, 2006). A hospitalização de uma criança repercurte nas relações que são desenvolvidas entre os familiares, pois ocorre uma mudança na rotina, pelo fato de que o familiar cuidador que é representando geralmente pela figura materna, permanece em tempo integral no hospital e precisa organizar o funcionamento da família. Percebe-se que este familiar cuidador necessita de cuidados para que possa promover apoio e segurança a criança, e dessa forma, a atenção psicológica representa um aspecto a ser explorado nas pesquisas.

As investigações que incluem as vivências, os aspectos psicológicos (estresse, ansiedade, enfrentamento) e sociais (redes sociais significativas), e as relações entre o familiar, a criança hospitalizada e equipe de saúde, representam possibilidades de pesquisas que permitem a exploração dessas categorias. Assim, é possível verificar que existe um universo de pesquisa a ser explorado pela área da Psicologia da Saúde da Criança e do Adolescente, ao considerar

que um dos objetivos desta área é a proteção da saúde da criança e da família (Crepaldi, Rabuske & Gabarra, 2003), o que apresenta congruência com a perspectiva da integralidade da assistência, de tal maneira que é possível refletir sobre a promoção da saúde e as estratégias de prevenção e tratamento a serem realizadas no contexto de hospitalização infantil.

Diante do que foi exposto, o Grupo de Trabalho - **Atenção psicológica ao familiar cuidador da criança hospitalizada** - tem o objetivo de identificar e analisar as pesquisas referentes ao familiar cuidador da criança hospitalizada, especificamente os estudos realizados na área da Psicologia da Saúde da Criança. Este Grupo de Trabalho está inserido no eixo temático I (Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida), vinculado ao subtema (Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento), este que possibilita investigar os estudos sobre o familiar cuidador no contexto hospitalar, pois para garantir a atenção integral à criança, consideram-se as pessoas que estão no sistema de relações familiares, e no ambiente hospitalar, a criança e o familiar cuidador estão num processo contínuo de interações.

Nesse Grupo de Trabalho serão acolhidos os trabalhos de pesquisa empírica, àqueles que se referem às vivências; a avaliação de aspectos psicológicos (estresse, ansiedade, depressão, estresse pós-traumático) e sociais (redes sociais significativas); e outros que enfatizam as relações entre familiar cuidador, criança e equipe de saúde (relação interpessoal, a comunicação, e o cuidado). Serão acolhidas as revisões sistemática e integrativa, pelo fato de que esses estudos possibilitam refletir sobre propostas de pesquisa e intervenção. Os estudos de caso serão acolhidos, desde que apresentem metodologia adequada ao processo de investigação, preferencialmente dados baseados em evidências. Em síntese, estudos realizados por meio de método quantitativo, qualitativo, e quanti-quali serão aceitos, por considerar que isso contribui para uma visão ampliada de investigação.

O Grupo de Trabalho pretende discutir o que se tem produzido no cenário da Psicologia da Saúde da Criança, a respeito do familiar cuidador no contexto da hospitalização infantil. Dessa forma, pretende-se no primeiro plano a identificação desses trabalhos para que seja possível compreender que categorias (vivências, aspectos psicológicos e sociais, relação família, criança e equipe) estão sendo exploradas. No segundo momento, promover discussões sobre os avanços realizados nessa área de pesquisa, assim como os desafios, e com isso verificar a possibilidade de estabelecer parcerias com os pesquisadores visando a realização de estudos multicêntricos. Pretende-se ampliar as discussões de resultados de pesquisas relacionando-as com o papel das políticas públicas de saúde do Brasil, por exemplo, a operacionalização do princípio da integralidade e da tecnologia de cuidado referente ao acolhimento nas relações entre equipe de saúde e familiar cuidador, e as repercussões na atenção integral destinada a criança e o familiar no hospital geral.

O adoecer da criança e o sofrimento dos pais

Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Camila Peixoto Farias, Mikaela Aline Bade München, Fernanda Nardino, Luísa da Rosa Olesiak, Alberto Manuel Quintana
(Universidade Federal de Santa Maria)

O adoecimento na infância institui mudanças que englobam desde a reorganização de tarefas aos vínculos afetivos entre os integrantes da família. Dessa forma, apresenta-se, na maioria das famílias, a angústia e as mudanças que a doença requer desde o pré-diagnóstico estendendo-se ao diagnóstico, etapa na qual a família precisa se reorganizar segundo as exigências da doença e do tratamento. Diante da ameaça de perda iminente e do

desconhecido, a família acompanha as situações dolorosas e vários procedimentos e terapêuticas. Frente a isso a família experiência sentimentos de desamparo, comprometendo sua saúde emocional e física. Tendo isso em vista, objetiva-se pesquisar os sentimentos e vivências dos familiares diante do adoecimento e morte de uma criança. Para tanto, o estudo fundamenta-se em pressupostos psicanalíticos. O presente trabalho é um recorte de um projeto de dissertação intitulado “O processo de luto para pais que perderam filhos crianças”. Este possui como método uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, em que a coleta de dados está se dando por meio de entrevistas semiestruturadas e os dados serão analisados através da análise de conteúdo. Nessa perspectiva, apresenta-se uma íntima relação com o GT (PCV): Atenção psicológica ao familiar cuidador da criança hospitalizada, uma vez que se busca, também, escutar e compreender os familiares quanto ao processo de adoecimento e hospitalização da criança. Compreende-se que existe um temor intenso de separar-se dos filhos, não só pelas ameaças e angústias presentes, mas também por crer que sua presença é capaz de resguardá-los. Nesse sentido, quando os familiares necessitam se ausentar, sentem-se, frequentemente, culpados, sendo que a culpa e os sentimentos ambivalentes perpassam todo o processo de adoecimento. Destaca-se, ainda, a subordinação às normas institucionais e a relação com a equipe, que, por vezes, aumenta o sofrimento gerado pela hospitalização de um filho (a). O papel parental se torna substancialmente exigente, posto que, além das demandas emocionais da criança, ainda é necessário lidar com sua fragilidade física, que exige a realização de cuidados imprescindíveis. Muitas vezes, cria-se um sentimento de desamparo nos pais que não encontram espaço para poder compartilhar suas angústias. Nesse tocante, há a necessidade de se despender uma cuidadosa escuta e atenção, buscando acolher sua dor e sofrimento, auxiliando a amenizar sua sobrecarga psíquica e possibilitar a construção de significados para o momento que está sendo vivenciado. Dessa forma, destaca-se a importância da atuação de uma equipe acolhedora, e, principalmente, de uma escuta psicológica especializada.

Enfrentamento materno da internação do bebê em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: avaliação e intervenção

Fabiana Pinheiro Ramos, Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente, Kely Maria Pereira de Paula - Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento (UFES),
Sônia Regina Fiorim Enumo (PUC Campinas, UFES)

Este trabalho analisao enfrentamento materno da hospitalização do bebê em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), com dois estudos baseados na Teoria Motivacional do *Coping* (TMC). Vincula-se a oGT “Atenção psicológica ao familiar cuidador da criança hospitalizada” (Eixo temático PCV) por avaliar aspectos do enfrentamento (*coping*) materno no contexto da hospitalização e apresentar uma proposta de intervenção para essa população. Foram avaliadas 50 mães com bebês internados em UTINs da Região Metropolitana de Vitória/ES, em diferentes fases do processo. No Estudo 1, foram coletados dados sobre o enfrentamento do diagnóstico de malformação do filho e indicadores emocionais de estresse (Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp), ansiedade e depressão (Escalas Beck) em 25 mães. O Estudo 2 avaliou o enfrentamento de 25 mães de bebês prematuros ou com baixo peso, do diagnóstico até à alta hospitalar, pela Escala Modos de Enfrentamento de Problemas, questionário e entrevista. Essas mães também foram submetidas a uma intervenção em grupo, com duas sessões mediadas por psicóloga. Mediante o diagnóstico da malformação do bebê, 84% das mães tinham estresse, sendo 48% na fase de Resistência, predominando sintomas psicológicos; 76% tinham sintomas de

ansiedade, sendo 32% em grau moderado; e 68% sintomas de depressão, sendo 28% em grau moderado. Para lidar com essa situação, as mães do Estudo 1 apresentaram mais estratégias de enfrentamento (EE) relativas à Autoconfiança, Busca de Suporte (relacionadas a desfechos adaptativos no longo prazo), Delegação e Desamparo (relacionadas a desfechos mal adaptativos). Durante a hospitalização do bebê, as mães do Estudo 2 apresentaram mais EE relacionadas à Autoconfiança, Negociação e Delegação; após a alta hospitalar, foram mais frequentes as EE de Autoconfiança, Negociação e Acomodação. Em comum nas amostras, observa-se que, no diagnóstico e durante a internação, a Delegação foi frequente; mas, durante todo o processo, as mães enfrentaram a situação com Autoconfiança. A intervenção em grupo no Estudo 2 foi bem avaliada pelas mães devido à aprendizagem, ao suporte psicológico oferecido e a troca de experiências. A atuação da mediadora foi analisada pelos critérios propostos pela TMC para a promoção do *coping* (escala: 1-4), apresentando mais Fornecimento de Estrutura (M = 3,87), seguida de Suporte à Autonomia (M = 3,66) e Envolvimento Caloroso (M=3,54). Discute-se a importância de intervenções para essa população, considerando que a internação do bebê é evento estressante para os familiares, e que EE mais adaptativas podem ser promovidas por intervenções psicológicas breves.

Elaboração de um roteiro para treino parental (parent coaching) como intervenção comportamental para cuidadores de crianças com câncer

Inaê Benchaya Duarte, Eleonora Arnaud Pereira Ferreira
(Universidade Federal do Pará, Belém, PA)

Objetivo: Elaborar um treino parental para auxiliar cuidadores de crianças a desenvolver habilidades que visem reduzir o distresse comportamental nos cuidadores e em crianças com câncer durante sessões de procedimentos invasivos. Este protocolo parental se relaciona com o **GT - Atenção psicológica ao familiar cuidador da criança hospitalizada (PCV)** por trazer mais uma possibilidade de cuidado com o familiar e com a criança hospitalizada.
Pressupostos: Intervenções realizadas com os próprios cuidadores (*parent coaching*) têm mostrado vantagens e eficácia na redução do distresse comportamental frente procedimentos invasivos, tanto para o paciente quanto para o cuidador. **Material e Métodos:** Revisão de literatura sobre treino parental, técnicas comportamentais para redução de distresse comportamental e sobre habilidades sociais. Foi elaborado um roteiro para ser aplicado com cuidadores, com ênfase no contexto de punção venosa para quimioterapia em ambulatório. Este roteiro foi testado com três cuidadores e uma versão final foi redigida a partir dos resultados alcançados. **Resultados:** O treino parental adaptado para o contexto hospitalar apresenta a proposta de três encontros com o cuidador principal, com três tarefas de casa, com duração média de 45 minutos. O primeiro encontro tem como objetivo treinar o cuidador a realizar uma análise funcional dos comportamentos emitidos pela criança durante a sessão de punção venosa, através de treino de relato verbal e discriminação. A atividade de casa ("Recreio especial") tem como objetivo aumentar a probabilidade de ocorrência de exposição de reforçadores no ambiente da criança. O segundo encontro tem como objetivo aumentar a discriminação dos participantes dos sentimentos/comportamentos emitidos pela criança no contexto do tratamento, através de um treino de discriminação de emoções. A tarefa de casa do segundo encontro ("O que meu filho está sentindo?!"), tem como objetivo auxiliar o cuidador a identificar quando a criança demonstra cada uma das expressões de sentimentos, especialmente no contexto hospitalar. O terceiro encontro tem como objetivo ensinar e treinar novas habilidades como a Distração e a Informação para serem usadas durante o procedimento invasivo, como tentativa de diminuir o distresse comportamental da criança.

Conclusão: O protocolo de Treino Parental foi programado para auxiliar os cuidadores a desenvolverem habilidades sociais com intuitode desempenharem papel de co-terapeutas no momento da punção venosa, auxiliando a criança no enfrentamento do procedimento invasivo. Acredita-se que a sua aplicação irá trazer benefícios para redução de distresse comportamental do paciente, assim como dos cuidadores, além de possibilitar desenvolvimento de habilidades para outros contextos de cuidado.

Ambulatório da Sindrome de Down (SD) do hospital de clinicas da UFPR: atendimento psicológico ambulatorial em equipe interdisciplinar

Maria de Fatima Minetto (UFPR- DTFE), Bianca Nicz Ricci, Leticia de Amorim Cini, Tiago Lopes, Isabel Fernandes de Aguiar, Kathellyn Kazeker (Autônomos/Voluntários)

O Ambulatório da Síndrome de Down do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, foi criando em 1997, é o único nesse modelo no Brasil, com cerca de 4 mil pacientes com SD e suas famílias oriundas de todo o Paraná, principalmente de Curitiba e região metropolitana, em acompanhamento longitudinal. O serviço atende de forma transdisciplinar com uma equipe composta por profissionais da área da saúde. Os atendimentos de psicologia são feito por profissionais voluntários vinculados ao PRACRIANÇA (Programa de Atenção a Criança com Risco Estabelecido/ Setor de Educação - UFPR). O atendimento tem como **objetivo** oportunizar atenção, prevenção e promoção do desenvolvimento de crianças com síndrome de Down e com isso acompanhar todos os âmbitos do seu desenvolvimento, incentivar a inclusão escolar, a autonomia e orientar as famílias conforme suas demandas. Se relaciona com o Grupo de Trabalho do eixo 2 IAS “Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde: Psicologia, promoção da cidadania e promoção da saúde”. Oportuniza o diálogo sobre práticas e experiências inovadoras que promovem a integralidade da saúde e da cidadania, considerando o sujeito biopsicossocial dentro de sua singularidade. **Método:** A equipe de psicologia realiza atendimento ambulatorial duas vezes por semana, em media 10 famílias por tarde. A atuação é caracterizada por terapia de apoio e aconselhamento na abordagem **relacional sistêmica**, com atendimentos de tempo de duração variado, sendo uma média de trinta minutos. O papel da psicologia se dá, principalmente, em intervir para melhorar a qualidade das relações do sujeito com Síndrome de Down com o meio. **Resultado**: Com relação as famílias são identificadas percepções dos pais, reavaliação crenças e valores, criar estilos de reações adequadas anti estresse, ampliar a rede de apoio dos pais, motivar a estimulação e a autonomia, promover a inclusão e conscientizar as famílias da importância de contar coma equipe nas situações de necessidades. Por meio do diálogo com os profissionais das diversas especialidades que compõe o ambulatório é possível alcançar uma visão integrada do sujeito e, consequentemente, proceder com uma intervenção mais abrangente do indivíduo com Síndrome de Down e sua família. Desta forma, se tem uma equipe que discute os casos e busca soluções em conjunto para as demandas, utilizando-se dos diversos pontos de vista sobre os fenômenos, com o objetivo de beneficiar os usuários do ambulatório por meio da promoção de um atendimento amplo.

Psicologia pediátrica

Marina Menezes, Camilla Volpato Broering (UNIVALI)

A Psicologia Pediátrica é definida como um domínio interdisciplinar que se ocupa do desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional, bem como da relação com a saúde e as doenças em crianças, adolescentes e famílias, enfatizando o desenvolvimento global da criança e do adolescente. Busca promover uma melhor compreensão das perturbações do desenvolvimento, dos problemas emocionais, comportamentais e os concomitantes da doença e dos danos físicos e psicológicos. Ademais, tem-se que a Psicologia Pediátrica se refere à aplicação dos conhecimentos da Psicologia da saúde para a criança, adolescente e suas famílias. Portanto, ela pode ser considerada uma parte da Psicologia da saúde, que abrange o atendimento clínico, a pesquisa e o ensino, no momento em que cientistas e profissionais interessados no cuidado da saúde de crianças, adolescentes e suas famílias reconheceram a necessidade de avaliar e intervir junto a esses indivíduos. Assim, o **GT Psicologia Pediátrica** objetiva promover discussões e socializar experiências de pesquisas sobre avaliação e diagnóstico precoce de alterações no desenvolvimento, ligadas ou não a doenças orgânicas; ciclo evolutivo vital; metodologias de intervenção psicológica com fins preventivos e terapêuticos que favoreçam o desenvolvimento global de crianças, com ou sem condições orgânicas e/ou psicossociais adversas; sensibilização da equipe de saúde para as necessidades emocionais das crianças; intervenção em situações de doenças agudas e crônicas; utilização de estratégias de enfrentamento do estresse em procedimentos médicos e hospitalização; utilização de estratégias no manejo do estresse e da ansiedade em situações pré-cirúrgicas, prevenção, apoio familiar, promoção de saúde e desenvolvimento psicossocial em contextos diversos. **A relação entre o GT Psicologia Pediátrica e o Eixo Temático Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento** assenta-se na perspectiva desenvolvimentista que fornece a base para pesquisas e intervenções que explorem o ciclo vital, a relação entre saúde física e psicológica e o bem-estar de crianças e adolescentes, considerando os diferentes contextos das famílias, dos cuidadores, dos sistemas de saúde, escolas e comunidades. Assim, as pesquisas em Psicologia Pediátrica abarcam a atuação em equipes interdisciplinares de saúde na atenção básica, em ambulatórios especializados e na atenção hospitalar, bem como em escolas, creches, instituições de assistência social, tais como abrigos e medidas socioeducativas. Em termos metodológicos, as pesquisas têm se voltado ao desenvolvimento de instrumentos sensíveis e adequados para avaliar a saúde infantil e determinar quais intervenções serão eficazes na redução dos problemas de saúde, considerando os aspectos globais e culturais.Nesse sentido, a escolha do método, das técnicas e dos instrumentos de medida utilizados nas pesquisas, deve levar em conta as características da população estudada. As pesquisas em Psicologia Pediátrica ainda reconhecem a importância da cultura, do ambiente e dos sistemas sociais no comportamento individual. As normas culturais e os padrões de socialização influenciam o modo como as crianças e suas famílias definem e interpretam a saúde e as doenças, como se sentem sobre si mesmos e como respondem aos tratamentos. Assim, a necessidade de desenvolver intervenções e pesquisas relacionadas à saúde de crianças/adolescentes e suas famílias, a problemas médicos e psicológicos, compará-los em diferentes culturas e etnias, tornou-se uma tarefa primordial para os profissionais de saúde. As implicações psicológicas relacionadas à saúde da criança e do adolescente são variadas, assim como o são os problemas de saúde que eles podem apresentar. As sequelas emocionais decorrentes ou associadas aos problemas de saúde da criança para a sua família também são inúmeras. Concomitantemente, a Psicologia Pediátrica também se ocupa em compreender as situações complexas que envolvam o bem-estar psicológico não só da criança/adolescente, mas de todos os que os rodeiam. Outro aspecto importante de ser destacado no que se refere às pesquisas em Psicologia Pediátrica, diz respeito às fontes de dados. Em um significativo número de pesquisas, os adultos são os respondentes e opinam sobre aspectos que estão relacionados às experiências vividas pela população pediátrica. No

entanto, crianças e adolescentes são os melhores informantes sobre si mesmos. Contudo, ressalta-se ainda a importância dedesenvolver estudos que tentem incluir, na medida do possível multinformantes. O presente **GT de Psicologia Pediátrica** pretende acolher trabalhos oriundos de pesquisas que possam discutir as seguintes temáticas: identificação de situações de risco para a saúde/desenvolvimento infantil e propostas remediativas; identificação precoce de problemas de comportamento/desenvolvimento e propostas de intervenção direcionados a crianças e adolescentes assistidos na atenção básica e na atenção hospitalar; adaptação da criança/adolescente e da família no processo de hospitalização, tratamentos invasivos e dolorosos, tais como cirurgiase procedimentos médicos, e na mudança de rotina decorrente de doenças agudas graves; adaptação da criança/adolescente, da família e da escola em situação de doença crônica e na adesão ao tratamento; comunicação terapêutica; programas de orientação/educação parentais promotores de estilo de vida saudável; programas de educação para a saúde e desenvolvimento de estilo de vida saudável em escolas e outras instituições; metodologias de pesquisas em saúde com crianças/adolescentes; e formação psicológica dos profissionais de saúde que atuam com crianças/adolescentes e suas famílias.

O psicodiagnóstico infantil: uma visão psicanalítica

Thaiany Domingues Matos, Luana Tonial, Marina Menezes (UNIVALI)

Este trabalho tem por objetivo apresentar um processo de avaliação psicológica realizado no contexto da clínica infantil. Está relacionado ao Grupo de Trabalho de Psicologia Pediátrica, sob o Eixo Temático PCV, por buscar a promoção da saúde e integralidade. Compreendendo o sujeito e suas reações às exigências da vida, ao modo como concilia seus desejos, capacidades, ambições, ideais e emoções. Remete à compreensão e corresponsabilidade de um sujeito e seu contexto, seus fatores de risco e proteção. O caso apresentado refere-se à busca espontânea de uma Clínica-Escola de Psicologia, com queixa aparente de ansiedade. A mãe se encontrava em atendimento neste serviço, com diagnóstico de Transtorno do Pânico e buscava atendimento para o filho. A criança é do sexo masculino, atualmente com 11 anos de idade, matriculada no 6º ano do ensino fundamental. Relatos de ansiedade são frequentes na puberdade, embora muitas vezes confundidos com características de comportamentos típicos dessa etapa do desenvolvimento. Foram utilizados como instrumentos de investigação: a Entrevista Inicial, a Entrevista de Anamnese, o Inventario Traço-Ansiedade, o Questionário de Capacidades e Dificuldades – SDQ (versão para Pais, Professor e Autoaplicável), Hora de Jogo Diagnóstica e o Teste do desenho Casa, Arvore, Pessoa - HTP. A análise do contexto familiar no desenvolvimento da criança avalia fatores de risco e proteção presentes nesse histórico. O conjunto dos dados aponta para os seguintes fatores de risco: transtorno de ansiedade generalizado com evolução para transtorno de pânico e superproteção materna, pai exigente em excesso, conflito de regras instruídas à criança. Já como fatores de proteção foram observados: mãe presente e atenta aos sintomas, avós presentes e cuidadosos, pai que tenta exercer suas funções. Tais fatores estão relacionados à uma percepção da figura materna como provedora e mediadora de conflitos e à figura paterna como exigente embora pouco envolvido nos eventos cotidianos. O papel da criança parece cumprir a função de unir o casal e dessa forma, torna-se o próprio sintoma. A mãe descreve sintomas que ela própria vivencia, como sendo experimentados pela criança.
Sob uma visão psicanalítica, conclui-se que a puberdade intensifica os desejos dos pais colocados sobre a criança e os modelos disponíveis para o desenvolvimento do *self*. Justificamos as intervenções clínicas como instrumento facilitador do investimento dos

desejos da criança e daqueles que a cercam advindos da compreensão da puberdade nesse contexto e suas implicações, diferenciando o esperado do que realmente se qualifica como comportamento atípico.

Questões de gênero e sexualidade encontradas em atendimentos psicológicos realizados com crianças em um Serviço de Psicologia

Jaqueline Patrícia do Amaral (UNISUL), Yve do Prado Albuquerque (UFSC), Zuleica Pretto (UNISUL)

Norteado por uma perspectiva histórico-cultural em psicologia este estudo considera que o desenvolvimento humano ocorre a partir da intersecção de aspectos que adquirem particularidades em cada ciclo da vida. Considera também que questões relativas a gênero e sexualidade atravessam todo o processo do desenvolvimento fazendo-se presentes desde a infância. Compondo situações complexas na vida das crianças, já que historicamente submetidas a padrões culturais fixos, vivências que envolvem tais fenômenos podem ser geradoras de sofrimento, alcançando a atenção à saúde e práticas clínicas em psicologia.

O objetivo deste estudo foi o de investigar como questões de gênero e sexualidade apareciam no âmbito da psicologia clínica infantil no contexto de uma clínica escola, localizada no Sul do Brasil. A partir dos registros de atendimentos infantis buscou-se identificar nas queixas relatadas pelas crianças ou pelas famílias questões relacionadas a gênero e sexualidade e como estas vivenciavam e compreendiam tais questões; igualmente buscou-se a compreensão de estagiários de psicologia sobre o tema. Caracterizando-se como exploratória, de campo e documental, a pesquisa analisou 224 prontuários de atendimentos psicológicos infantis realizados entre 2010 e 2015, e aplicou questionários compostos por questões abertas a 24 estagiários das 8ª e 10ª fases da psicologia.

Como resultados foram encontrados 17 prontuários que abordavam a temática. Sete apresentaram como queixa principal questões sobre sexualidade, sendo cinco deles relacionados a abuso sexual infantil, dois a preocupações da família para com o assunto sexualidade já abordado pelos filhos. Verificou-se que as famílias se constituíam com preceitos heteronormativos já que acreditavam na preexistência natural de comportamentos antagônicos entre o gênero masculino e o feminino. Através de suas respostas, os estagiários apresentaram incompreensão ou confusão conceitual entre os termos gênero e sexualidade. A maioria dos participantes afirmou não acompanhar as recentes discussões sobre a temática e referiu serem as reflexões sobre gênero e sexualidade insuficientes durante a sua formação acadêmica, principalmente quando articuladas a infância.

Considera-se que apesar de ainda marginalizadas, questões que envolvem gênero e sexualidade se constituem como importantes na vida de cada um, incidindo em sua condição de saúde. Não discutir tais temas com as crianças e nos espaços de formação profissional em psicologia, pode perpetuar a ideia destes não serem relevantes no desenvolvimento, desconsiderando o espaço legítimo que eles têm no processo de subjetivação. Ampliar os modos de conhecer as experiências que envolvem gênero e sexualidade pode minimizar vivências de sofrimento singular e coletivo, contribuindo para a garantia de direitos.

Prematuridade ao nascer e hiperatividade na idade escolar

Doane Sábio Servidone, Fabíola Dantas A. Nobre Arantes de Carvalho (FFCLRP-USP), Maria Beatriz Martins Linhares (FMRP-USP)

O nascimento prematuro constitui-se em fator de risco que ameaça o desenvolvimento adaptativo, podendo levar a transtornos de atenção e hiperatividade na idade escolar. Relaciona-se ao GT sobre Psicologia Pediátrica do eixo temático PCV po considerar a abordagem da Psicopatologia do Desenvolvimento como relevante na identificação dos fatores de risco para implementação de prevenção de problemas de desenvolvimento. Nesse contexto, deve-se considerar as interrelações entre esses fatores que podem provocar impactos negativos no desenvolvimento. O presente estudo teve por objetivo comparar indicadores cognitivo, de atenção, comportamentais e de temperamento e em dois grupos de criança nascidas pré-termo (<37 semanas de idade gestacional), diferenciados pela presença de hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar. A amostra foi composta por 50 crianças nascidas pré-termo (idade gestacional, média = 31 semanas [26-35] e c peso ao nascimento médio de 1.190 g [650-1.500 g], com idade média de seis anos, participantes de um programa de *follow-up* em um hospital universitário de nível terciário (HCFMRP-USP). As crianças foram avaliadas pela Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III) e Teste de Atenção por Cancelamento. As mães responderam aos *Child Behavior Questionnaire (CBQ),* Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) e ficha de caracterização. A história clínica foi analisada com base nos prontuários médicos. Foi realizada a análise estatística descritiva e de comparação entre grupos independentes, por meio do teste *t*-Student (para variáveis contínuas) e teste de Qui-quadrado/ Exato de Fisher (para variáveis categóricas ($p \leq 0,05$). Os resultados mostraram que, na comparação entre grupos, houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos em cognição, atenção, comportamento e temperamento. Em comparação às crianças nascidas prematuras sem problemas de hiperatividade e atenção, as crianças nascidas prematuras com problemas de hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar apresentaram menores escores nos QIs Total, Verbal e de Execução, pior desempenho em atenção alternada, mais problemas de comportamento em geral, sintomas emocionais e problemas de conduta e menos comportamento pró-social e temperamento com menos controle com esforço/voluntário. Em conclusão, as crianças prematuras com hiperatividade e problemas de atenção apresentaram mais problemas no desenvolvimento, com mais dificuldades cognitivas, de comportamento e de autorregulação, na idade escolar do que as sem hiperatividade e problemas de atenção.

Palavras-chave: Nascimento pré-termo, Hiperatividade, Cognição, Comportamento.

Saúde mental materna como fator associado à interrupção precoce do aleitamento materno

Rafaela de Almeida Schiavo, Gimol Benzaquen Perosa,
Flávia Helena Pereira Padovani (UNESP)

A Organização Mundial da Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo até os seis meses e a manutenção do aleitamento materno, associado à complementação por outros tipos de comida, dos seis aos 24 meses ou mais de idade do bebê. Entretanto, pesquisas apontam que esta meta não tem sido atingida no Brasil, configurando-se um desafio à assistência materno-infantil inicial. Entre os fatores associados à interrupção precoce do aleitamento materno, estudos apontam para a idade e nível de escolaridade das mães e número de gestações. Estudos recentes também tentaram identificar o papel da saúde mental materna em relação ao desmame precoce. Este estudo teve por objetivo identificar o

percentual de mulheres que estavam amamentando seus filhos aos seis meses de idade e sua associação com sintomas clínicos de ansiedade e depressão durante a gestação e puerpério. Assim, 83 mulheres responderam um questionário sobre caraterísticas sócio-demográficas e a escalas de auto-avaliação de sitomas de ansiedade (IDATE) e depressão (BDI) no terceiro trimestre de gestação e aos 6 meses após o parto. Os resultados mostraram que aos seis meses 31,1% das mães estavam amamentando seu filho. Não houve correlação significativa entre o desmame e a idade da mãe, escolaridade ou renda familiar. Por outro lado, foram observadas associações estatisticamente significativas entre desmame e sintomas de ansiedade gestacional e sintomas de depressão aos seis meses após o nascimento. É possível que, como resultado da falta de tolerância para um bebê chorando, as mães ansiosas oferecem várias alternativas, como uma chupeta ou uma mamadeira, ambos competindo com a amamentação. Por outro lado, a percepção de falta de competência, geralmente típica em estados depressivos, pode contribuir para o fracasso associado com a oferta de amamentação. Os dados sugerem que a investigação de saúde mental materna ainda no pré-natal pode favorecer a intervenção precoce e melhorar as taxas de aleitamento materno.

Produção de sentidos e saberes entre a psicologia e a equipe de enfermagem: relato de intervenção na maternidade de uma U.T.I Neonatal

Sara Helen Kolacki, Ana Paula Sesti Becker (UNIFEBE)

A hospitalização na Unidade Terapêutica Intensiva Neonatal (UTIN) provoca diversas implicações para todos envolvidos no processo; desde o recém-nascido que carece de cuidados intensivos, seus familiares e a equipe multiprofissional e interdisciplinar de saúde. Esta, por sua vez, é confrontada diariamente pelo sofrimento e morte de neonatos pré-termos; além de ser muito presente a sobrecarga de trabalho, dobras de plantões e desgaste físico pela repetição de tarefas. Por conseguinte, ressalta-se a importância de um projeto terapêutico que contemple a humanização nas relações de trabalho e incite intercâmbios dialógicos entre a própria equipe de saúde. Assim, este trabalho objetiva apresentar um relato de experiência concernente ao Estágio específico em Psicologia com ênfase em Prevenção e Promoção à saúde, desenvolvido na UTI Neonatal da Maternidade de um hospital catarinense. Em conformidade com a temática, delineou-se para submissão desta proposta de intervenção, o Eixo Temático: Psicologia da Saúde ao Longo do Ciclo de Vida (PCV) – Subtema: Atenção integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento e ao Grupo de Trabalho (GT): Atenção integral à saúde materno-infantil na clínica obstétrica e neonatal, pelas proponentes: Dra. Elisângela Böing e Dra. Zaira Custódio. Adotou-se como pressuposto epistemológico o Pensamento Sistêmico. O delineamento metodológico pautou-se na realização de grupos terapêuticos semanais com uma hora de duração aproximadamente, entre a equipe de saúde (enfermeiros e técnicos de enfermagem) e a estagiária de Psicologia. Num primeiro momento, desenvolveram-se entrevistas semiestruturadas e observações no ambiente hospitalar a fim de conhecer a dinâmica laboral e levantar possíveis demandas de atuação. Posteriormente, iniciaram-se os encontros terapêuticos, que por meio de técnicas de dinâmicas de grupo, discussões temáticas e relatos orais, cumpriram-se os seguintes objetivos: Refletir sobre o autocuidado, rotina laboral, limites e recursos encontrados na prática profissional; Identificar as crenças subjacentes à atuação profissional, tais como: Saúde, doença, morte e hospitalização; Estimular o trabalho interdisciplinar e Promover a humanização da saúde na prática hospitalar. Os resultados apontaram novas produções de sentido entre os profissionais que por vezes, refletiram

desenvolver trabalhos coletivos, mas não um trabalho em equipe. Não obstante, além das ações incitarem uma coesão grupal, oportunizou a humanização estendida à assistência com os neonatos pré-termos e seus familiares. Considera-se fundamental às articulações interdisciplinares e intersetoriais a fim de promover uma atenção integral à saúde da mulher, recém-nascido e familiares; cujo princípio norteador de assistência e planejamento de ações seja a humanização do cuidado à saúde.
Palavras-chave: Serviços de saúde; Unidade de terapia intensiva neonatal; Humanização; Psicologia hospitalar

---

A construção da relação coparental durante a gestação: uma revisão de literatura

Amanda Kliemann (HU/UFSC, PPGP/UFSC), Elisangela Böing,
Maria Aparecida Crepaldi (UFSC, PPGP/UFSC)

Na última década, estudos têm apontado o significativo impacto da relação coparental no desenvolvimento infantil. A coparentalidade refere-se a um subsistema diferente do conjugal e parental e envolve a relação entre dois adultos com o objetivo de cuidar, educar e satisfazer as necessidades de uma criança. Estudos internacionais indicam que o desenvolvimento da coparentalidade inicia-se antes do nascimento da criança. Estudos longitudinais indicam ainda a presença de continuidade entre características do relacionamento coparental no período pré e pós-natal. O presente trabalho objetivou realizar uma revisão da produção acadêmica sobre a coparentalidade no período pré-natal. Considera-se que pode ser inserido no eixo temático "*Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida*" e no subtema "*Atenção integral à saúde materno-infantil na clínica obstétrica e neonatal*", visto que contribui com conteúdos teóricos que embasam intervenções preventivas e de promoção de saúde no ciclo gravídico-puerperal. A pesquisa teve como substrato epistemológico o pensamento sistêmico e a perspectiva de desenvolvimento familiar. O método utilizado foi a revisão tradicional de literatura. A pesquisa ocorreu em outubro de 2015 através das seguintes bases de dados: [Scielo]; [Google Acadêmico]; [BVS-PSI];[LILACS]; [PePSIC], e[Portal CAPES].Os descritores utilizados foram: "*Coparentalidade e Gestação*"; "*Coparentalidade e Pré-Natal*"; "*Coparentalidade e Transição para Parentalidade*" e respectivamente em inglês: "*Coparentingand Pregnancy*"; "*Coparentingand Pre-Natal*" e "*Coparentingand Transitionto Parenthood*".Como resultado obteve-se 140 artigos. Foi constatada uma lacuna de estudos nacionais sobre a coparentalidade na gestação. A partir de critérios de exclusão restaram 29 artigos científicos, sendo que o único artigo nacional foi excluído, pois não tratava do tema na gestação. Após a análise do material evidenciou-se seis recortes temáticos: Avaliação da Coparentalidade Pré e Pós-Natal; Efeitos de intervenções de promoção da coparentalidade no pré-natal; Coparentalidade em arranjo "adolescente-figura materna"; Qualidade da relação conjugal e coparentalidade; Coparentalidade e características individuais dos pais; e Crenças, representações e expectativas pré-natais acerca da coparentalidade. Ressalta-se que a coparentalidade tem sido apontada como um dos elementos essenciais para a harmonia familiar, sendo considerada ponte conceitual entre a qualidade do relacionamento conjugal e os percursos desenvolvimentais ajustados da fratria. Considerando sua importância para o desenvolvimento infantilos achados teóricos da presente revisão podem fornecer subsídios para intervenções preventivas e de promoção de relações saudáveis na família, protegendo assim, o desenvolvimento infantil.

A humanização da assistência ao parto e nascimento: a perspectiva de profissionais e puérperas

Mariana Moura dos Santos, Elisangela Böing (UFSC)

Este trabalho consiste no relato de uma pesquisa que explorou as percepções de 12 profissionais que atuam na assistência ao parto e nascimento, em um hospital universitário do sul do Brasil, sobre o conhecimento e a aplicação de práticas de humanização nesse contexto, bem como as percepções de 10 puérperas atendidas pelos mesmos. Relaciona-se, deste modo, diretamente com o Grupo de Trabalho *Atenção integral à saúde materno infantil na clínica obstétrica e neonatal*, contido no Eixo Temático PCV. Quanto ao método, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, as quais foram submetidas à análise de conteúdo categorial temática, constituindo-se este trabalho, portanto, em um estudo qualitativo de cunho exploratório-descritivo. E tem como referencial teórico os documentos nacionais oficiais referentes à humanização da assistência em saúde, que tratam especificamente ou não da área obstétrica e neonatal. Como resultados, foram criadas duas categorias temáticas a partir da percepção das puérperas: Informação e Aspectos Relacionais Positivos. E a partir da percepção das profissionais foram criadas, além destas duas, as categorias: Produção de Sujeitos e Promoção dos Vínculos Familiares. Além dos aspectos reconhecidos pelos participantes, foram identificados, em seus discursos, outros conteúdos também importantes do ponto de vista da humanização. Por fim, verificou-se na instituição a existência de: aspectos relacionais positivos, como acolhimento e vínculo entre profissionais e parturientes; informação prestada pelos profissionais; e promoção dos vínculos familiares, com o respeito ao direito ao acompanhante e a promoção do vínculo mãe-filho. Identificou-se também a necessidade de melhorias quanto: à infraestrutura; à contratação de profissionais; à discussão e padronização de condutas; e à educação permanente dos profissionais, visando especialmente maior aplicação prática dos conceitos de transversalidade e produção de sujeitos. A discussão destes resultados com a literatura, por sua vez, apontou a necessidade de ações que, dentro da perspectiva da humanização, compreendam: a revisão dos currículos dos cursos de formação na área da saúde; a formação continuada dos profissionais; a inclusão e o fortalecimento, nos serviços de acompanhamento pré-natal, e também peri e pós-natal, de práticas de educação em saúde com as mulheres e suas famílias.

Envolvimento paterno em famálias biparentais e binucleares: revisão integrativa da literatura

Joyce Lúcia Abreu Pereira Oliveira, Maria Luiza Iusten da Silva,
Mariana Schubert Backes, Ana Paula Sesti Becker (UFSC)

Evidências empíricas atestam sobre a importância do envolvimento paterno para o desenvolvimento infantil. Estudos nacionais e internacionais com famílias biparentais apontam a emergência de um novo pai, caracterizado por maior participação nos cuidados e proximidade emocional com os filhos(as). Esta constatação também tem sido observada em pesquisas com famílias binucleares, que em virtude da separação/divórcio se reorganizam em dois núcleos, um coordenado pelo pai e outro pela mãe. O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão de literatura integrativa de estudos empíricos, publicados em bases de dados nacionais e internacionais, nos sítios BVS-Psi e APA PsycNET, com o intuito de verificar os fatores que interferem no envolvimento paterno em ambas as configurações familiares. A análise dos estudos científicos foi delimitada entre o período de 2006 a 2016;

mediante descritores preestabelecidos nos idiomas em Português, Inglês e Espanhol. Diante do exposto, observa-se o alinhamento deste trabalho ao Eixo Temático PCV, subtema Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento e ao Grupo de Trabalho: Implicações da psicologia do desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança. Os resultados desta revisão indicam fatores presentes que interferem na relação pai-filho(a) tanto em em famílias biparentais quanto em famílias binucleares, tais como: as características pessoais do pai, da mãe, da criança e do contexto familiar, social e cultural, a coparentalidade, entre outros. Os aspectos mais destacados pelos estudos analisados que parecem interferir no envolvimento paterno, após a dissolução da conjugalidade são: A coabitação - o fato de o pai morar em outra casa, pois nos países ocidentais os filhos, em geral, moram com a mãe e a coparentalidade – envolvimento conjunto dos pais na educação, formação e orientação quanto à vida de seus filhos; uma vez que se estabelecem novos arranjos entre os progenitores com relação a cuidados e educação dos filho(a)s. Salienta-se a necessidade de investimentos na formação de profissionais da área da saúde, jurídica e na educação. Por conseguinte, discutir sobre o envolvimento paterno em famílias biparentais e binucleares permite contribuir para o avanço do conhecimento científico, especialmente em estudos de famílias divorciadas; subsidiar propostas de intervenção a fim de propiciar o envolvimento entre pai e filho(a), considerando a especificidade de novos arranjos familiares, além de incitar a implementação de políticas públicas de apoio familiar.

Palavas-chave: Envolvimento paterno, Família, Revisão integrativa.

Personalidade de pais e mães e parentalidade: revisão integrativada literatura

Maria Luiza Iusten da Silva (UFSC)

A parentalidade se refere ao conjunto de atividades executadas pela dupla parental que visam assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento dos filhos. Esse fenômeno tem sido compreendido por diferentes perspectivas teóricas, entre elas a teoria ecológica-sistêmica, cujo os autores propõem a investigação dos determinantes que podem influenciar o comportamento parental e a interação entre pais e filhos, tais como a personalidade dos pais, a relação conjugal, o contexto social, as características da criança, a ocupação profissional dos pais, entre outros. Argumenta-se que a personalidade e os recursos psicológicos da dupla parental são os fatores que exercem maior influência sobre a parentalidade, visto que eles afetam o modo como os pais se sentem, como pensam, os tipos de pensamento e a forma de agir. O objetivo desse trabalho é apresentar uma revisão integrativa de estudos empíricos publicados em bases de dados nacionais e internacionais, nos sítios BVS-PSi, Portal de Periódicos da Capes com a finalidade de investigar as características de personalidade de pais e mães e as formas de exercer a parentalidade relacionadas a elas. Os descritores preestabelecidos para a análise foram utilizados nos idiomas português e inglês. Diante do exposto, observa-se o alinhamento deste trabalho ao Eixo Temático PCV, subtema Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento e ao Grupo de Trabalho: Implicações da psicologia do desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança. Os resultados dessa revisão indicam que o modelo teórico mais referenciado sobre a personalidade é o modelo dos Cinco Grandes Fatores, o qual propõe as dimensões extroversão, amabilidade, abertura à experiência, conscienciosidade e neuroticismo. Verifica-se que as características de extroversão e amabilidade tendem a indicar uma parentalidade amorosa, responsiva e envolvida, enquanto que o neuroticismo diz

respeito a uma parentalidade insegura, preocupada e rígida. A abertura à experiência tende a influenciar a comportamento parental quando combinada com as outras dimensões, podendo estar relacionada tanto a uma parentalidade responsiva, autoritária ou permissiva. Já o fator conscienciosidade está relacionado à capacidade de pais e mães em colocar limites na educação dos filho(a)s. Dessa forma, investigar a relação entre personalidade e parentalidade permite contribuir com informações sobre as características individuais mais propensas a fornecer os cuidados parentais e também aquelas associadas a fatores de risco ao desenvolvimento, além de incitar a elaboração de estratégias que fomentam a saúde psicossocial das famílias e a promoção do desenvolvimento infantil.

Conjugalidade, Parentalidade e Coparentalidade na perspectiva de gestantes em atendimento pré-natal no SUS

Gabriela Gehlen, Vanessa Russi Fiorini, Luciana Suárez Grzybowski (UFCSPA)

A conjugalidade e a parentalidade são instâncias centrais na família, reverberando nos níveis de saúde da família como um todo. A forma como ambas são exercidas, especialmente, num processo de transição como o nascimento de um filho, pode ser fator de proteção ou de risco ao desenvolvimento dos membros. Esse trabalho investigou os aspectos pessoais, conjugais, familiares e sociais de mulheres gestantes que realizam o pré-natal no SUS, em Porto Alegre /RS. Está alinhado com o GT “Psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida (PCV)”, focado nas relações familiares e a saúde da família. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, transversal e descritiva, com 10 grupos focais, num distrito sanitário de saúde. As gestantes foram convidadas a participar a partir de contato pessoal nas consultas do pré-natal e por telefone. Foi feita análise categórica do material registrado em áudio, com consentimento das participantes registrado em TCLE, à luz das teorias das relações familiares. Os resultados evidenciam que as gestantes relatam mudanças psicofisiológicas semelhantes entre si. Dentre os achados, identificamos basicamente 5 tipos de rede de apoio: a do sistema de saúde; a de amigos e vizinhos; a da família nuclear; a da família de origem e a da família extensa. Em alguns casos a construção da rede foi inexistente ou falha. Abordando a relação conjugal, percebeu-se que o apoio do companheiro se faz presente no acompanhamento às consultas médicas, maior dedicação e sensibilidade e obtenção de maiores rendimentos. Também surgem como mudanças a diminuição da vida sexual e o fortalecimento da intimidade conjugal, assim como problemas na comunicação do casal ou afastamento mútuo. A parentalidade traz expectativas de bom desempenho do papel, ansiedade pelo nascimento, esperança de adaptação às demandas do bebê. Ao abordar a coparentalidade, surgem expectativas em relação ao companheirismo dos pais e sua importância na criação dos filhos, apesar da sobrecarga feminina na atualidade. Os papéis de gênero pretendem ser ultrapassados com uma divisão igualitária dos cuidados e tarefas na nova função parental. Observamos que apesar de bastante heterogênea, as perspectivas de conjugalidade e parentalidade tem bases comuns a inúmeras mulheres. Os homens ainda têm um contato restrito com o sistema de saúde que atende suas companheiras, sendo necessário abrir um espaço de reflexão, informação e escuta para adupla conjugal e parental pensar sobre esse processo de transformação familiar e potencializar a saúde de todos.

Grupos de Estudo e Apoio à Adoção e o Sucesso das Adoções

Victória Niebuhr Loos, Mariana de Oliveira Bortolatto, Josiane da Silva Delvan UNIVALI)

A adoção no Brasil passou por muitas mudanças, ocorrendo de diferentes formas e representações em distintos momentos históricos. Atualmente, a adoção busca conciliar os interesses dos pretendentes com a realidade que consiste na busca pela garantia do direito de toda criança de crescer e ser educada em uma família. Almejando contribuir para esta mudança de perspectiva, surgiram os Grupos de Estudos e Apoio à Adoção. Esta pesquisa procurou analisar o trabalho realizado pelos grupos de apoio e estudo sobre adoção verificando as possíveis contribuições da participação dos pais adotivos ou pretendentes à adoção, bem como analisar, mediante a perspectiva dos profissionais forenses, os possíveis fatores que contribuem para este sucesso. Este projeto se relaciona com o grupo de trabalho Desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança do eixo temático PCV na medida em que trabalha temas como parentalidade, preparação para a paternidade, adoção, grupos de apoio, relações afetivas, relações familiares e desenvolvimento infantil. Esta pesquisa está epistemologicamente baseada em publicações sobre adoção no Brasil, nos artigos sobre o trabalho em grupos, nas práticas parentais e relações familiares. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, envolvendo como participantes pais implicados no processo de adoção e funcionários do Serviço Social Forense. A coleta dos dados utilizou a entrevista semiestruturada e aberta, cujos dados foram analisados posteriormente por meio de categorias temáticas. Os resultados encontrados apontam que os grupos de estudos e apoio à adoção se constituem como uma importante rede de apoio emocional durante o tempo de espera pela adoção, na medida em que amenizam a ansiedade sentida pelos pretendentes e favorecem a troca de experiências e a socialização de conhecimentos sobre o assunto. Os principais fatores contribuintes para o sucesso das adoções são a orientação, as trocas de experiências, a participação nas reuniões e em cursos preparatórios realizados pelo Poder Judiciário. Destacam-se também a adaptação das crianças e dos pretendentes às mudanças em suas rotinas e o desejo mútuo de exercer a paternidade por parte dos pretendentes, bem como o trabalho da equipe forense pautado na orientação, preparação à parentalidade e no fortalecimento de vínculos e laços afetivos na família adotiva. Com este estudo, pôde-se concluir que as práticas de orientação e preparação à parentalidade, bem como as trocas de experiências possuem um papel significativo no sucesso das adoções.

Saúde da mulher no ciclo gravídico puerperal: variáveis relacionadas e desfechos associados

Ana Cristina B. Cunha (UFRJ), Luciana Leonetti Correia (Univ. Federal da Grande Dourados)

Como **objetivo** deste Grupo de Trabalho propõe-se a discussão e reflexão sobre questões pertinentes à saúde da mulher ao ciclo gravídico-puerperal, com destaque para os fatores de riscos relacionados à saúde mental materna na gravidez e seus desfechos para o desenvolvimento infantil. A gravidez é um fenômeno de grandes transformações físicas, psíquicas e sociais para a mulher, com repercussões no desenvolvimento de todos os envolvidos no ciclo gravídico-puerperal, desde a própria gestante e seu parceiro até os seus contextos ecológicos mais próximos, como por exemplo sua rede social de familiares, amigos e trabalho. É um momento de grandes expectativas e mudanças na vida da mulher e, particularmente quando ocorre sob condições crônicas ou apresenta intercorrências clinicas de risco obstétrico e puerperal, pode gerar um estado emocional de maior insegurança, medos e angústias, que culminam em estresse significativo. Durante o ciclo gravídico puerperal, a mulher passa por situações que requerem ajustamentos e reestruturações psíquicas,

tornando-se vulnerável à manifestação de estresse e outras condições emocionais desfavoráveis. Tais situações podem se caracterizar por intercorrências clinicas físicas e psicológicas ao longo da gravidez e puerpério, que podem gerar níveis diferentes de estresse em geral associados a diversos desfechos psicológicos igualmente graves e negativos, como a ansiedade e a depressão. Estes desfechos constituem riscos à integridade física e psicológica da saúde da mãe e do bebê, a depender da intensidade das alterações e dos aspectos associados. Fatores biológicos e obstétricos, variáveis sócio demográficas e características pessoais da gestante, aspectos da dinâmica familiar e conjugal e recursos psicossociais, como a rede de apoio da mulher, são exemplos de fatores que podem influenciar a saúde mental materna, com consequentes reflexos na relação da díade mãe-bebê e no desenvolvimento infantil. Igualmente, aspectos como gestação precoce ou tardia, baixo nível educacional e socioeconômico, ausência ou inadequado suporte social, não-planejamento da gravidez, intercorrências na gestação, parto e puerpério, como o nascimento prematuro, dificuldades em amamentar e problemas de saúde da criança, podem causar impacto emocional e repercutir negativamente na saúde mental materna. Problemas de saúde mental no ciclo gravídico-puerperal podem se caracterizar por um amplo espectro de sintomas, indo desde um sentimento de tristeza até à depressão grave e altos níveis de estresse. Em geral, a maior parte dos casos caracteriza-se por um desequilíbrio emocional normal no pós-parto, associado a uma rápida alteração dos níveis hormonais no puerpério e relacionado às condições do parto e à construção subjetiva de um significado pessoal da maternidade. Elevados níveis de estresse e ansiedade se associam com problemas no desenvolvimento infantil, além de serem indicativos para manifestação de depressão pós-parto. Estresse materno ao longo da gravidez tem sido consistentemente relacionado com modificações na estrutura e na função cerebral do feto, bem como alterações duradouras na resposta do eixo hipotálamo-hipófise-suprarenal-gonadal (HHSR-G) com desfechos adversos no feto e consequências futuras para a criança. Depressão materna, por exemplo, tem sido associada com a ocorrência de transtornos de ansiedade e maior agressividade nos relacionamentos interpessoais, dentre outros desfechos comportamentais. Desfechos como parto prematuro, problemas de comportamento e sintomatologia depressiva em crianças podem estar associados a ocorrência de indicadores emocionais de saúde mental, como o estresse, ansiedade e depressão, ao longo do ciclo gravido puerperal. Esses achados resultam em desdobramentos importantes no cuidado à assistência e ao atendimento de gestantes em serviços direcionados para prevenção de fatores de risco na gestação. A identificação de fatores de risco na gestação pode contribuir para ações de prevenção de problemas de saúde física e emocional da mulher e seu bebê, além da implantação de serviços de atenção ao parto que possibilite uma vivência positiva dos momentos de pré-parto, parto e nascimento e facilitadora da construção de um vínculo afetivo saudável da díade mãe-bebê. Ações voltadas para a mulher nestes períodos são estratégias importantes para prevenção aos riscos e promoção de saúde materno-infantil quando estão voltadas para auxiliar a mulher a lidar de forma mais resiliente com as emoções e manifestações que ocorrem durante o ciclo gravídico-puerperal. Pensando na assistência recebida no pré-natal e durante o parto, em 2000 o Ministério da Saúde instituiu o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN). O PHPN é um programa cujo objetivo é resgatar a dignidade da mulher durante sua parturição, consolidando as transformações da atenção prestadas tanto durante o parto como ao longo da gestação até o puerpério. Posteriormente, também foram criadas pelo Ministério da Saúde em 2003 as bases das Políticas Nacionais de Humanização (PNH), que tem por objetivo fornecer diretrizes para a assistência dessa natureza. Diante do exposto, destaca-se como relevante a proposição no âmbito do Eixo temático Psicologia da Saúde aplicada ao Ciclo de Vida um GT cuja proposta é discutir questões relacionados a Saúde da Mulher, mais especificamente a saúde mental materna,

durante o ciclo gravídico puerperal. Para tal, pretende-se reunir nesse GT pesquisadores e clínicos que estudem este tópico de discussão sob um enfoque interdisciplinar e que articulem seus trabalhos nas diversas áreas de atenção e acompanhamento de gestantes, casais grávidos e seus bebês, com vistas a pensar medidas de prevenção dos riscos ao desenvolvimento humano e de promoção da saúde física e mental da tríade mãe-bebê-família no contexto da maternidade.

A relevância das intervenções psicoterápicas no período perinatal

Ana Cristina B. Cunha (UFRJ), Luciana Leonetti Correia (Univ. Federal da Grande Dourados), Maria Helena Cruz de Moraes (Instituto Pais Bebês)

O objetivo desta comunicação é discorrer sobre porque e quando as intervenções psicoterápicas são necessárias neste período e quais as principais formas de intervenção. Identifica-se com o citado Grupo de Trabalho, pois parte do pressuposto de que grandes transformações psíquicas acontecem na mulher e no homem durante o ciclo gravídico-puerperal, as quais podem interferir diretamente no vínculo com o bebê, em um momento crucial para a família e para a criança que inicia, através da relação com seus pais, sua formação como sujeito. A clínica de gestantes, casais grávidos e puérperas demonstra que a maternidade e paternidade não são dados pela natureza ou pelo simples desejo consciente. São processos eminentemente inconscientes, baseados nos contextos sociais, nas histórias pessoais e familiares, incluindo seus fantasmas transgeracionaise que veem à tona na presença real da criança. Ouvir, compreender, orientar, informar, tratar da saúde emocional da família, em especial da mulher neste período, constitui-se em fazer prevenção em saúde mental. Em casos onde já estão instalados cenários psicopatológicos, como doenças psicossomáticas como expressão de conflitos psicológicos (gestações de risco), depressão na gravidez, pânico em relação ao parto, depressão reativa a perdas perinatais, depressão pós-parto, dificuldades de amamentação e vinculação com a criança, as intervenções psicológicas devem assumir caráter terapêutico.Dentre as possibilidades de intervenção psicoterapêutica estão: individualmente com a gestante, em casal, em grupos de pais com dificuldades semelhantes ou complementares, ou em família como um todo ou em seus subsistemas.

Rede de apoio na gestação: da família ao sistema público de saúde

Vanessa Russi Fiorini, Gabriela Gehlen,
Luciana Suárez Grzybowski (UFCSPA)

O momento da gravidez é único e complexo, abarcando um emaranhado de mudanças substanciais, tanto corporais quanto psicológicas, familiares e sociais. Para um melhor enfrentamento deste período e dos subsequentes, sabe-se da importância da rede de apoio à gestante. A presente pesquisa qualitativa buscou conhecer as vivências das gestantes durante a realização do pré-natal na saúde pública, a fim de compreender de que maneira elas estavam experenciando este momento, em relação a aspectos pessoais, conjugais, parentais, familiares e sociais. Assim, este trabalho mostra-se alinhado com o GT PCV: "Saúde da mulher no ciclo gravídico puerperal: variáveis relacionadas e desfechos associados", uma vez que foca na saúde materno-infantil e as nuances de apoio do contexto

que possibilitam uma experiência mais ou menos satisfatória. Com delineamento transversal e descritivo, realizaram-se dez grupos focais em Unidades de Saúde da zona norte de Porto Alegre, RS. As gestantes foram convidadas a participar através de contato pessoal nas consultas do pré-natal e por telefone. Os resultados discutidos abordam o eixo "rede de apoio" que foi destacado da análise transversal obtida a partir das falas das gestantes, partindo de uma perspectiva ecológico-contextual para compreensão dos achados. As entrevistadas evidenciaram cinco tipos de rede de apoio, sendo estas: a de apoio da família nuclear, a da família de origem, a da família extensa, a comunitária e a do sistema de saúde. Destacou-se o apoio das mães, sogras e irmãs das gestantes, como auxiliares no período gestacional e também no futuro processo de cuidado ao bebê. O apoio do companheiro é caracterizado pela maior proximidade e preocupação e aumento do investimento em atividades laborais. Também o apoio dos filhos como acompanhantes das mães durante o pré-natal e como potenciais cuidadores dos irmãos que nascerão foram muito enfatizados pelas gestantes. Além disso, as amigas e vizinhas são destacadas como importantes fontes de trocas e segurança emocional, assim como os profissionais e as atividades promovidas pela unidade de saúde. Perceberam-se lacunas no apoio de alguns companheiros e em reações negativas das mães em relação à gestação das filhas. Também algumas mulheres queixaram-se da qualidade da assistência pré e pós-natal. De forma geral, percebe-se que as usuárias pesquisadas possuem uma rede de apoio familiar e comunitária ativa e adequada, bem como beneficiam-se da rede de apoio da saúde. Potencializar as redes familiares, comunitárias e institucionais, com a implementação de espaços de trocas torna-se o desafio de cuidado na saúde materno-infantil.

Contexto histórico do processo de medicalização da gravidez e do nascimento

Cigala Peirano Iglesias (PPGP-UFSC)

A gravidez e o nascimento são fenômenos determinados sócio-historicamente. Neste sentido é fundamental conhecer as aproximações entre diversas disciplinas das ciências sociais sobre a medicalização destes fenômenos para compreender alguns determinantes sócio-históricos da saúde da mulher no ciclo gravídico puerperal. Esta apresentação tem por objetivo historizar o processo de medicalização da gravidez e do nascimento. Diferentes autores situam o princípio do século XX como o momento histórico em que a gravidez e o nascimento passam a ser conceituados como problemas médicos. Até finais do século XIX, não eram fenômenos interpretados desde uma referência médica, o que veio a ocorrer progressivamente ao longo do século XX. Especificamente no Brasil, esta re-conceituação aconteceu num marco mais amplo, dentro de um projeto reformador republicano que teve como eixos centrais a higiene e a eugenia. A medicalização desses fenômenos teve consequências importantes na sociedade, como, por exemplo, a mudança no papel social da mulher e na relação dela com sua gravidez e filhos, entre outras. Através de uma revisão narrativa, pretende-se caracterizar o processo da medicalização da gravidez e do nascimento em geral e especificamente no Brasil. Além disso revisam-se diferentes aproximações da medicalização considerando alguns modelos teóricos das áreas da sociologia, da antropologia e da história. Adicionalmente, revisitam-se as bases do modelo biomédico no qual se sustenta a conceituação médica da gravidez e do nascimento. Dentro das principais implicações do processo de medicalização da gravidez e do nascimento podem-se estabelecer: a passagem do âmbito privado para o âmbito público, a passagem de ser um domínio de mulheres a ser um domínio de homens e a consideração da gravidez como uma doença. Discutem-se as consequências mais relevantes decorrentes do processo de medicalização da gravidez e do nascimento.

Finalmente, analisam–se as implicações desta na atenção médica atual da mulher no ciclo gravídico puerperal.

Cesárea Eletiva, Violência Obstétrica e Parto Humanizado: uma análise do legado destas intervenções para a vida emocional da mulher através do procedimento de desenho história com tema

Adriana Navarro Romagnolo (UMESP), NelianeLazarini (FAPESP),
Miria Benincasa Gomes (UMESP)

No ano de 1985, a Carta de Fortaleza, criada durante a Conferência sobre Tecnologia Apropriada para o Parto intensifica as discussões acerca da Humanização do parto. Esta reunião configurou o início de mudanças no cenário obstétrico daquele momento. Com isso, muitos estudos foram realizados com o intuito de desenvolver uma assistência obstétrica que envolva as melhores práticas, priorizando o bem-estar da mãe e do bebê, de maneira integral. No que diz respeito à realidade atual, estudos indicam que o tipo do processo de parto gera impacto em outras áreas da vida que se estendem para além do momento do nascimento. O objetivo desse estudo foi avaliar estrutura e dinâmica de personalidade de três mulheres e relacionar com o tipo de parto. A amostra é composta por uma mulher que vivenciou a cesárea eletiva, uma que vivenciou violência obstétrica e uma que vivenciou o parto humanizado. O instrumento utilizado foi o desenho estória com tema e a analise dos desenhos foi feita pela perspectiva psicanalítica. Como resultados, pudemos perceber que, dentro dos três tipos de parto abordados, eles se assemelham na questão das dificuldades na mudança de papel entre mulher e mãe, na idealização do vínculo familiar e nas mudanças que ocorrem no relacionamento conjugal. Quanto às diferenças, pudemos perceber que mulheres que receberam uma assistência humanizada constroem uma rede de apoio e um vínculo com a equipe de assistência de forma diferenciada, além disso, há a possibilidade de maior implicação no aleitamento materno. Desta forma, foi possível concluir que o processo de parto pode influenciar em diversos aspectos psíquicos da mulher. Pudemos observar grande importância no campo da Psicologia devido aos fortes impactos biológicos, psíquicos e sociais que a gestação, o parto, o puerpério e a maternidade representam não só na vida da mulher, mas de todos aqueles de seu convívio.

Pai adotivo e relações familiares

Rovana Kinas Bueno, Mauro Luís Vieira, Maria Aparecida Crepaldi (UFSC)

A família é um dos principais contextos de desenvolvimento da criança, e as modificações nas dinâmicas familiares (como o maior envolvimento do pai com os filhos) repercutem nesse desenvolvimento. Como a adoção é uma forma de o homem se tornar pai, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as relações entre o envolvimento do pai adotivo e os relacionamentos familiares. Utilizou-se como pressuposto epistemológico o pensamento sistêmico para a elaboração da pesquisa e compreensão dos resultados. O presente trabalho insere-se no âmbito do grupo de trabalho “Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar” (do eixo temático PVC), por abordar o envolvimento do pai com filho adotivo (parentalidade) e as relações familiares. Participaram deste estudo quatro pais de crianças que foram adotadas até um ano de idade e que tinham três ou quatro anos no momento em

que o estudo foi realizado. Esses pais foram acessados por meio de duas instituições, escolhidas pelo critério de intencionalidade, da cidade de Florianópolis (SC). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter transversal.Utilizaram-se os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico; Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno;e Entrevista Semiestruturada de Genograma. Como resultados, constata-se que nas famílias dos participantes, cuja configuração familiar era a de pai, mãe e filho adotivo, os padrões de relacionamento predominantes foram os de relacionamentos harmônicos e muito estreitos. Constata-se que esses pais brincam, cuidam, conversam, demonstram afeto e têm lazer com seus filhos. Quando disponíveis, buscam ser participativos na vida de seus filhos, e essa disponibilidade está relacionada ao trabalho do pai, que organiza a rotina da família. Esses pais dividem algumas tarefas e responsabilidades com suas esposas, e são provedores do sustento financeiro da família. Eles também apresentam uma experiência positiva da paternidade, reavaliam o modelo de pai que tiveram de seus pais e fazem combinações com sua esposa sobre como criar seus filhos. Desse modo, nas famílias participantes, constata-se um estilo emergente de paternidade, no qual o pai está mais envolvido com as atividades da família. Por fim, constata-se que os resultados deste estudo podem contribuir nas discussões acerca da promoção de saúde familiar.

Palavras-chave: Relações pai-filho, Paternidade, Relações familiares, Adoção, Parentalidade.

Crenças sobre as práticas de cuidado que pais e mães têm sobre os seus filhos com Síndrome de Down

João Rodrigo Maciel Portes (UFSC, NEPEDI, UNIVALI), Mauro Luís Vieira, Ana Maria Xavier Faraco (UFSC, NEPEDI)

O fato inesperado do nascimento de um filho com deficiência, como a Síndrome de Down (SD) tem o potencial de gerar dificuldades na interação dos genitores com essa criança, devido a ruptura das expectativas de um bebê ideal e o sentimento de despreparo para lidar com as demandas desta criança. Diante disso, ressalta-se a importância desse trabalho para ampliar a discussão do Grupo de Trabalho sobre a *Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar,* principalmente no que tange ao fenômeno da parentalidade no contexto familiar de crianças com desenvolvimento atípico. Afinal, conhecer as crenças parentais dos genitores de crianças com SD permite expandir o foco de atenção nas intervenções em saúde realizadas com os familiares e compreender as repercussões no desenvolvimento das crianças com SD.
O objetivo principal dessa pesquisa foi investigar as crenças sobre as práticas de cuidado que pais e mães têm sobre os seus filhos com Síndrome de Down. Os objetivos específicos foram: a) Descrever as variáveis sociodemográficas dos pais e mães; b) Identificar as crenças sobre as práticas de cuidado e c) Comparar as diferenças e semelhanças nas crenças sobre as práticas de cuidado entre pais e mães. Participaram 24 mães e 19 pais de crianças com SD oriundas de instituições de educação especial da região do Vale do Itajaí-SC. As crianças tinham média de idade de 22 meses. Utilizou-se como instrumento a Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado e um questionário sociodemográfico. Os dados foram tratados por meio de análise estatística do tipo descritiva e testes paramétricos.
Verificou-se que, em geral, tanto os pais como as mães das crianças com SD realizam mais práticas voltadas para os cuidados primários do que de estimulação. Entende-se que a maior

ênfase dos genitores no provimento de cuidados primários possa estar relacionada à idade das crianças, pois a maioria delas tinha menos que três anos de idade.
Quando os resultados dos genitores foram comparados, observou-se que as mães prestam mais cuidados primários e atribuem maior importância à estimulação do que os pais. O fato das mães realizarem mais práticas de cuidados primários que os pais pode ser um reflexo das características sociodemográficas dessa população. A metade das mães participantes não exerce atividade remunerada fora de casa, o que pode ter contribuído para o aumento das práticas de cuidados primários.

Qualidade de vida e sintomatologia depressiva em mães de indivíduos com transtorno do espectro autista

Josieli Piovesan (URI-RS), Silvana Alba Scortegagna,
Ana Carolina Bertoletti De Marchi (UPF-RS)

O aumento significativo no diagnóstico de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma realidade. A literatura internacional indica uma prevalência de, aproximadamente, um caso diagnosticado a cada 110 pessoas. O TEA manifesta-se por meio de uma ampla variedade de sintomas e graus de severidade, parte dos casos, a cronicidade e gravidade dos sintomas levam a necessidade de intenso cuidado ao longo da vida, função geralmente ocupada pela figura materna. Diante disso, o estudo objetivou investigar a qualidade de vida e a presença de sintomas depressivos em mães de indivíduos com TEA, e a possível relação com a idade do filho. A pesquisa mostra-se consonante à proposta do Grupo de Trabalho: “Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar”, vinculado ao Eixo temático PCV, ao reflexionar sobre o funcionamento familiar e suas repercussões no bem-estar, qualidade de vida e sofrimento psíquico de mães que tem filhos com desenvolvimento atípico, como é o caso do TEA. Ademais corrobora com a importância atribuída ao ambiente familiar, a influência que os papeis, as interrelações e as funções atribuídas a cada membro repercutem nos processos de bem-estar ou sofrimento familiar. Participaram 40 mulheres, com idades entre 28 e 72 anos, casadas, com níveis de escolaridade e de renda médio-baixos, com filhos entre 10 e 40 anos. Como instrumentos, utilizaram-se questionário sociodemográfico e de caracterização da saúde, Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-Bref), Inventário de Depressão e de Desesperança Beck (BDI-II e BHS), Escala Baptista de Depressão Versão Adulto (EBADEP A). Os dados sociodemográficos e de caracterização da saúde das participantes permitiram verificar que a maior parte delas são casadas, possuem baixo nível socioeconômico, não exercem atividade laboral, dedicando-se aos cuidados do filho. A qualidade de vida e a presença de sintomas depressivos nas mães não apresentaram correlação significativa com a idade do filho. Houve correlação alta e negativa entre qualidade de vida e níveis elevados de sintomas depressivos e correlação moderada e positiva entre o domínio meio ambiente e renda. Conclui-se a necessidade de intervenções preventivas e terapêuticas às mães. Nesse cenário, os profissionais de saúde têm uma função importante na construção do significado que cada mãe fará a respeito de ter um filho com TEA, na apropriação de conhecimentos alusivos ao transtorno e no suporte emocional.

Dialogar ou bater? Um estudo sobre a forma de educar os filhos

Daniele Dalla Porta, Carolina Prietto Ferrazza, Carolina Schmitt Colomé,

Gabriela Sarturi Rigão, Isadora Cristina PuttiPaludo, Jennifer Vanessa A. dos Santos, Marina Peripolli Antoniazzi, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

A construção de limites e a educação na infância constituem temas de discussão na atualidade. As estratégias educativas antes consideradas adequadas têm sido questionadas em decorrência da criação de leis e de novos padrões, valores e modelos de relações estabelecidas entre pais e filhos. É fundamental pensar acerca de como as crianças estão sendo educadas, tendo em vista que as estratégias utilizadas tendem a permear a maneira como estas se relacionam com o meio que estão inseridas e suas habilidades sociais. Assim, o objetivo deste estudo foi investigar as práticas educativas utilizadas por pais, mães e/ou responsáveis de crianças pré-escolares e escolares. Essa proposta se insere no GT "Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar" (eixo temático: PCV). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que pretende entrevistar cerca de 60 mães, pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas na educação infantil e no ensino fundamental de duas escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (30 pais de crianças de escola pública e 30 pais de crianças de escola privada). Tendo em vista que a pesquisa está em andamento, foram entrevistados até o momento 10 mães, pais e/ou responsáveis. Para a coleta dos dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: ficha de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada sobre práticas educativas e questionário sobre os direitos da criança e do adolescente. A partir da análise de conteúdo de Bardin, realizada com dados preliminares, delinearam-se duas categorias: *O diálogo e a negociação como prática educativa* e *O uso da palmada como um recurso possível.* Na primeira categoria, constatou-se a presença de estratégias educativas com foco no diálogo e no uso de explicação em situações em que a criança apresenta comportamentos inadequados. Além disso, os pais afirmaram lançar mão de estratégias de negociação, acordos e estabelecimento de regras claras. A segunda categoria trata do uso da força física como prática educativa, através da palmada. Os dados dessa categoria evidenciaram a naturalização da punição física no cotidiano de muitas famílias, bem como reflete a distinção que os pais fazem entre o ato de bater e/ou espancar relacionado à violência e a palmada como um recurso possível e pedagógico. Para esses pais, quando a conversa e a negociação não são suficientes, a palmada é uma estratégia válida. Desta forma, destaca-se a importância da promoção de espaços destinados aos pais para discussão e esclarecimentos acerca das estratégias educativas empregadas e das possíveis consequências para o desenvolvimento da criança.

Clínica do luto na Emergência Geral: recursos terapêuticos

Ivânia Jann Luna (UFSC)

No contexto das Intervenções em Saúde, especificamente na Emergência de um Hospital Geral, o psicólogo se depara com pessoas que demandam atendimento médico decorrente do agravamento de doenças agudas, crônicas ou avançadas bem como com o sofrimento do luto, deflagrado pelas perdas impostas no contexto adoecimento orgânico. Esse sofrimento é visibilizado pelos profissionais de saúde quando este é traduzido por meio de uma classificação diagnóstica, ou seja, como *depressão e/ou ansiedade, já que o luto em si não é caracterizado como um transtorno mental. Nesse sentido, o atendimento de* uma urgência psicológica relacionada ao sofrimento do luto demanda o reconhecimento deste processo e da utilização de recursos terapêuticos que se assentam na Clínica do Luto. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo principal apresentar a Clínica do Luto bem como os seus recursos terapêuticos, demonstrando a sua relação com a Clínica da Urgência Psicológica. A Clínica

do Luto constitui-se em uma abordagem psicossocial que visa promover recursos terapêuticos para o enfrentamento de perdas, prevenindo complicações no processo de luto e, consequentemente, a instalação de transtornos mentais e comportamentais. Por isso, apresentam-se os dois aportes teóricos que embasam a Clínica do Luto– Teoria do Apego e Teoria Sistêmica - para caracterizar os seus recursos terapêuticos. Também se apresentam e discutem-se exemplos de recursos terapêuticos que se referem às intervenções psicológicas realizadas no sofrimento do luto, tendo em vista a comunicação de um diagnóstico difícil, a iminência da morte ou após a morte. Considera-se que a integralidade do atendimento às urgências psicológicas, no contexto da Emergência de um Hospital Geral, pode ser construída por meio de recursos terapêuticos pautados na Clínica do Luto.

Intervenção em crise: Relato de experiência em serviço de urgência e emergência

Natasha Erthal, Eduardo Grapp, Sueli Terezinha Bobato (UNIVALI)

O presente trabalho constitui-se em um relato de experiência de estágio específico de Psicologia, com ênfase em Saúde e Integralidade realizado em um batalhão do corpo de bombeiros militar no litoral de Santa Catarina, entre agosto de 2015 e abril de 2016. O trabalho do corpo de bombeiros constitui-se em um elo dinâmico entre os diferentes níveis da rede de atenção à saúde, tendo visibilidade por meio dos atendimentos às vítimas. Considerando a necessidade de um cuidado integral das pessoas atendidas, a intervenção teve como objetivo fornecer acolhimento e suporte psicológico às vítimas e familiares atendidos pela ambulância Auto Socorro de Urgência (ASU), minimizando o sofrimento relacionado às situações em que foram expostas. O trabalho relaciona-se ao eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do ciclo vital (PCV), mais especificamente, ao grupo de trabalho: Atenção Psicológica em situações de emergência e desastres. Como pressupostos epistemológicos adotou-se o modelo biopsicossocial com intervenções breves para avaliação das demandas apresentadas pelas vítimas em situações de urgência e emergência. Os atendimentos aconteceram dentro da ambulância juntamente com a equipe de atendimento. As técnicas interventivas utilizadas foram distraibilidade e relaxamento progressivo, com a finalidade de conduzir o indivíduo a um estado de relaxamento muscular e diminuir sintomas, a exemplo da pressão arterial, esta auferida pelos bombeiros. Quanto aos resultados, dentre as 32 ocorrências a que os estagiários tiveram participação, observou-se o predomínio de acidentes de trânsito em vias públicas (12), especialmente motocicletas, seguido de problemas clínicos (7), crise nervosa (7) e condições neurológicas (6). Quanto ao estado de consciência, prevaleceram vítimas conscientes (20), seguidas de vítimas em estado confusional (6), inconscientes (4) e em estado crepuscular (2). Das 32 ocorrências, em 25 foram necessários cuidados médico-hospitalares realizados nas unidades mais próximas. No relato dos atendimentos, evidenciou-se que as maiores preocupações das vítimas atendidas estavam relacionadas ao local para o qual seriam encaminhadas, bem como a comunicação aos familiares. Neste sentido, quando os estagiários não puderam ter contato com a vítima foram realizadas orientações a familiares e acompanhantes (9). Este trabalho evidenciou a relevância do psicólogo no contexto das urgências e emergências juntamente com os demais profissionais em decorrência das intensas reações emocionais observadas. Grande parte dessas manifestações podem ser consideradas compatíveis com o momento traumático vivenciado, no entanto a abordagem precoce do problema no âmbito da saúde mental constitui-se como uma das maneiras mais efetivas de prevenção de possíveis transtornos, passado o evento traumático.

O desafio da integralidade: práticas de profissionais de saúde frente às tentativas de suicídio de usuários acolhidos em urgências hospitalares

Ana Paula Araújo de Freitas, Lucienne Martins Borges (UFSC)

Esta pesquisa está inserida no GT *Clínica da urgência psicológica no contexto das intervenções em saúde*. Esta se propõe a discutir, norteada pelo conceito de integralidade do cuidado, as práticas dos profissionais de saúde que atuam em urgências e emergências hospitalares frente ao cuidado de pacientes atendidos devido a tentativas de suicídio, com enfoque no papel do psicólogo. O conceito de integralidade, ligado à ideia de olhar o ser humano em sua totalidade, tanto na oferta de cuidado quanto na garantia de atenção à saúde nos diferentes níveis de complexidade da rede é uma das diretrizes do SUS. O contexto hospitalar é um desafio às ações integrais, uma vez que a lógica biomédica de olhar o sofrimento, em particular o sofrimento psíquico, a partir das especialidades é o modelo predominante. Desta forma, tem-se como objetivo apresentar como acontecem as práticas junto a pacientes que tentaram suicídio e foram atendidos em urgências e emergências hospitalares e em que medida estas contribuem para a garantida da integralidade do cuidado, com foco na atuação e nas contribuições da Psicologia nestes contextos. Para tal, foram entrevistados 16 profissionais de saúde de diferentes áreas – Medicina, Psicologia, Serviço Social e Enfermagem que atuam em urgências e emergências hospitalares de um município do sul do país. Os resultados apontaram diferentes práticas de cuidado, orientadas por diversos aspectos, dentre eles a formação acadêmica e o lugar que os profissionais ocupam nas instituições pesquisadas. Evidenciou-se ainda que a fragmentação das práticas, ao deixar de considerar a totalidade do sujeito, implica reflexos nos encaminhamentos que são realizados após a alta dos pacientes e no vínculo que estes estabelecem com os profissionais de saúde. Este vínculo é salutar nos casos de tentativa de suicídio, nos quais a escuta e a empatia vão influenciar no cuidado do paciente após a alta. Torna-se, portanto, necessária a reflexão sobre como implementar as ações integrais na atenção terciária bem como o papel do psicólogo nestes contextos.

Intervenção em crise na 3ª companhia do corpo de bombeiros militar de Brusque – SC

Maísa Hodecker, Roberta Borghetti Alves (UNIFEBE)

Durante o ciclo vital do desenvolvimento humano, indivíduos são afetados por emergências e necessitam utilizar habilidades adaptativas, que muitas vezes, os torna vulnerável a ocorrência de patologias e/ou transtornos. No tocante as emergências, o termo remete-se a situações críticas, acontecimento perigoso ou danoso, caso de urgência ou incidente em que há o reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal desencadeada por um desastre, ocasionando danos suportáveis a comunidade afetada. Diante do GT “Atenção Psicológica em Situações de Emergências e Desastres” contempla-se o relato de experiência voltado a Intervenção em Crise em dezesseis afetados por situações de cunho emergencial na 3ª Companhia do Corpo de Bombeiros Militar de Brusque/SC. As referidas intervenções ocorreram mediante o estágio específico do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. Teve-se como o objetivo minimizar o impacto psicológico gerado a partir de uma situação inesperada e/ou traumática durante os atendimentos de emergência. A intervenção em crise consistiu em um procedimento para exercer influência no funcionamento psicológico do indivíduo durante o período de extremo desequilíbrio, aliviando o impacto direto do evento traumático. A intervenção foi realizada em cinco estágios: 1) estabeleceu-se contato

psicológico com o afetado; 2) analisou-se o problema do indivíduo; 3) analisou-se as possíveis soluções; 4) orientou-se o indivíduo para execução de ações concretas; e 5) verificou-se o progresso do afetado. As abordagens aos afetados foram realizadas em conjunto com a equipe do Corpo de Bombeiros que efetuou os primeiros socorros, e posteriormente foi realizado o acolhimento e intervenção em crise no Auto Socorro de Urgência (ASU), durante o percurso até o hospital. As intervenções em crise duraram em média quarenta minutos. Constatou-se que, na maioria dos casos, a situação emergencial decorreu de reações emocionais (choros, desesperos, nervosismo, pânico, ansiedade, despersonalização, desrealização) em função de questões sociais e/ou familiares. Os casos mais severos foram acolhidos e encaminhados ao CAPS do município. Por meio da intervenção em crise conseguiu-se mobilizar os indivíduos a buscar seus próprios recursos para lidar com a emergência, bem como restabeleceu-se as capacidades adaptativas da vítima. Além disso, propiciou-se um alívio imediato das reações emocionais dos indivíduos, de modo a contribuir para o afetado entender e lidar com a situação ocorrida. A partir dos casos atendidos, percebeu-se a relevância da intervenção em crise em vítimas que são atendidas pelo Corpo de Bombeiros por esta contribuir para a diminuição do impacto psicológico do indivíduo frente à emergência.

A vivência da amamentação no contexto da maternidade de um bebê com Síndrome de Down

Ana Nathália Eduarda Farias da Silva, Raieli Ciscato Bressan, Luciane Najar Smeha
(Centro Universitário Franciscano)

A síndrome de Down resulta de uma condição genética devido a trissomia do cromossomo 21, que gera características específicas, como olhos amendoados, hipotonia entre outros. O presente trabalho visa apresentar experiências maternas sobre amamentação de seus bebês com síndrome de Down, demonstrar a importância de tal processo para o vínculo mãe-bebê e o enfrentamento dos empecilhos para realização do mesmo. Em razão dos processos de elaboração vivenciados pelas mães diante do diagnóstico e das peculiaridades da síndrome, como suarepercussão na dinâmica do sistema familiar, o presente estudo se apresenta no contexto do grupo de trabalho Saúde materno infantil: implicações no sistema familiar e escolar – PCV. Sabe-se que a amamentação é uma experiência importante para o vínculo mãe-bebê, mas nos casos em que o bebê tem síndrome de Down, ela também contribui para o fortalecimento dos músculos da face e, em decorrência, no futuro, pode favorecer o desenvolvimento da fala. Esse estudo têmuma abordagem qualitativa e seu delineamento é exploratório, descritivo e transversal. O mesmo foi desenvolvido a partir de um projeto de pesquisa na temática da Saúde Materno Infantil. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada, realizada com 8 mães de bebês com síndrome de Down, no segundo semestre de 2015, os dados sociodemográficos foram obtidos pelo preenchimento de questionário. Os instrumentos foram aplicados presencialmente e individualmente com cada participante. A entrevista foi registrada em áudio para posterior transcrição. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo. Os resultados revelam que, apesar do impacto gerado pelo diagnóstico, o desejo de amamentar predominou entre as participantes. Algumas características comuns, hipotonia e ausência do reflexo de sucção, não impediu as mães de conseguir realizar o aleitamento, com auxílios dos profissionais da saúde. Duas participantes não amamentaram, uma em razão de possuir mamilo invertido e outra porque o bebê não conseguia pegar o seio materno.

A partir das experiências relatadas pelas mães, ficou explícita a importância e influência dos profissionais da saúde no processo da maternidade, principalmente no aleitamento materno. Os mesmos ocupam a posição de facilitadores, fornecendo informações e amparo às mães. Porém, visto que a maioria não possuí uma capacitação voltada para o atendimento da síndrome, alguns não atendem as demandas das mães, não fornecem informações suficientes, o que contribui para uma experiência negativa para o processo de amamentação.

Ser mãe diante da deficiência visual: um estudo de caso.

Franciane Moreira Moresco, Ana Paula Corrêa de Oliveira Freitas (FADERGS)

Este trabalho teve como objetivo entender como se dá a constelação da maternidade para uma mãe cega. A maternidade implica uma série de modificações biopsicossociais para as novas mães, para as mães cegas podem acrescentar questões inerentes à deficiência. A participante do estudo foi uma mãe primípara, com idade de 22 anos, residente do estado do Rio Grande do Sul, cujo primeiro filho tinha 06 meses de idade. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso único. As respostas da participante a uma entrevista semiestruturada foram submetidas à análise de conteúdo qualitativa, utilizando categorias baseadas nos temas descritos pela teoria da constelação da maternidade: *vida-crescimento, relacionar-se primário, matriz de apoio* e *reorganização da identidade*. Procedeu-se análise de conteúdo qualitativa e como principais resultados destaca-se a fragilidade da matriz de apoio da participante como principal dificuldade devido a reações de sua família de origem à gestação de forma a invalidar e desencorajar a mãe por crença de incapacidade da mesma em proporcionar os cuidados necessários ao bebê em virtude da deficiência visual. Embora referindo gratificação, a participante queixou-se de sobrecarga no exercício dos papéis de esposa, mãe e mulher. A deficiência visual foi considerada como uma limitação, mas não impeditivo sobre ser mãe. Diante disto, este trabalho deve ser apresentado pelo eixo temático *PCV*, dentro do grupo de trabalho intitulado *de Saúde materno infantil: implicações no sistema familiar e no sistema escolar*, alocado no subsistema *Saúde da Família e Processo de Resiliência no desenvolvimento*. Este grupo foi escolhido por se tratar de um caso de maternidade que aborda a especificidade da deficiência visual, a qual implica em resiliência neste contexto. Saúde da família também está relacionada ao caso, visto que a chegada de um filho mobiliza todo o sistema familiar.

Renúncia da maternidade: um estudo de caso para compreender suas singularidades

Marina Peripolli Antoniazzi, Gabrielle Barbieri Bressa, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

A renúncia da maternidade ainda é um tabu para a sociedade. Por lei, as mães que entregam os seus filhos para a adoção têm direito garantido. Algumas literaturas apontam que não há um único fator que a faz entregar a criança para adoção. Menezes afirma que a condição socioeconômica é um dos motivos que a levam a esse ato, como a falta de amparo do companheiro e as vivências de carência emocional na infância são complementares para entregar. Por isso, o objetivo desse trabalho é relatar um caso de uma mulher que renunciou à maternidade. Essa proposta se insere no GT “Saúde materno infantil: implicações no sistema familiar e no sistema escolar” (eixo temático: PVC). A participante é uma mulher homossexual, possuia 20 anos, tinha um filho de outro relacionamento que morava com a avó materna, e aproximadamente há um ano vivia com sua companheira. Devido à dificuldade

financeira, a participante decidiu ter relações sexuais com um homem que considerava seu amigo em troca de dinheiro para que pudesse ajudar nos custos do lar. Porém, o amigo a traiu, pois acreditava que ele estourou o preservativo propositalmente. Ao pedir para comprar a pílula do dia seguinte, o mesmo se negou. Como conseqüência engravidou, mas com medo e receio dos julgamentos, escondeu os nove meses de gravidez. Desse amigo, contraiu uma doença sexualmente transmissível. Na entrevista relatou que sofreu violência sexual durante a infância pelo padrasto, e sua mãe não a amparou. A participante decidiu entregar o bebê para a família extensa do amigo. Estava renunciando à maternidade porque o bebê concretizava a traição que ela tinha cometido com a parceira, e apesar da companheira a ter perdoado, a participante não se perdoava e optou pela entrega. Pode-se perceber que na história de vida dessa participante, não existe um único fator que pode ter levado a essa entrega, mas sim inúmeros. Cabe refletir também que esse ambiente não seria propício para o desenvolvimento de um bebê, já que não houve aceitação dessa criança. Em conclusão, pode-se perceber que as histórias das mulheres doadoras são bastante particulares, corroborando a ideia de Badinter sobre os sentimentos serem singulares em relação à maternidade. E que, por mais que exista literatura sobre esse tema, pode-se perceber que ainda não dá conta da complexidade do fenômeno e do significado singular para cada mulher.

Uma leitura da depressão pós-parto a partir da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano

Tatiana Silveira Michaelsen, Josiane Lieberknecht Wathier Abaid
(Centro Universitário Franciscano)

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a relação entre condições socioeconômicas familiares, rede de apoio percebida pela mãe e os sintomas de depressão pós-parto. Ademais, buscou-se conhecer o ambiente ecológico que a dupla mãe-bebê está imersa e analisar durante o período de um mês as mudanças ocorridas na rede de apoio percebida pela mãe e na manifestação dos sintomas depressivos.
A relação com o GT *"Saúde materno-infantil: implicações no sistema familiar e escolar"*, eixo temático PSV, ocorre por tratar-se de uma pesquisa que busca discutir os fatores associados à depressão pós-parto (DPP) a partir da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano. Utilizou-se como fundamentos, os pressupostos teóricos de Bronfenbrenner, segundo o qual há interação de quatro aspectos no desenvolvimento humano: pessoa, processo, contexto e tempo.
Este trabalho teve delineamento quali-quantitativo e é um recorte de uma pesquisa maior intitulada "Aspectos relacionados ao desenvolvimento e crescimento de lactentes: uma coorte de nascimento", aprovada pelo comitê de ética conforme registro CAAE: 19720413.9.0000.5306. Participaram trinta e quatro mães, puérperas, de faixa etária entre 15 e 41 anos, convidadas a participar do estudo nas 48 horas subsequentes ao parto em uma maternidade do interior do Rio Grande do Sul. Utilizaram-se os instrumentos Escala de Apoio Social (EAS) e Escala de Depressão Pós-parto de Edimburgo (EDPS).
Entre os resultados, destaca-se a idade das puérperas que variou de 15 a 41 anos (M= 24,38; DP= 6,56). A respeito do seu estado civil, 18 mães se declararam solteiras, onze viviam com um companheiro, quatro eram casadas e somente uma era separada. O número de filhos das participantes, incluindo o recém-nascido, variou de 1 a 5 (M=2; DP=1,26). Sobre a Escala de Depressão Pós-parto de Edimburgo (EDPS) a média dos escores nos quinze dias foi (M=5,53; DP=3,370). Já a média da escala de um mês foi (M=5,30; DP=3,695). Foram considerados dois pontos de corte (> 10; >13). Durante a primeira aplicação quatro mães apresentaram

ponto de corte >10. Nenhuma apresentou ponto de corte >13. Já no segundo encontro duas mães obtiveram ponto de corte >10, as de número 42 e 83.O apoio melhor percebido foi o afetivo.
Dessa forma, através dos resultados obtidos concluiu-se que o ambiente em que a dupla mãe-bebê está inserido é bastante diverso, tanto nas variáveis idade, renda, escolaridade, profissão e estado civil. Por fim, confirmou-se a correlação entre sintomas depressivos e as redes de apoio.

A história dos vínculos afetivos no contexto da obesidade: um estudo de caso

Aline Orlandi Coradini, Carmen L. O. Ocampo Moré
(Universidade Federal de Santa Catarina)

A obesidade tem sido considerada uma epidemia a nível mundial. O número de indivíduos afetados pela doença cresce progressivamente nos mais diferentes contextos, gerando grande preocupação no âmbito da saúde pública. A obesidade enquanto doença crônica se constitui um grande estressor no ciclo de vida, afetando as relações destes indivíduos. Como um estressor horizontal, seu surgimento é imprevisível, e afeta decisivamente o desenvolvimento individual e familiar. Neste sentido, o presente trabalho se insere no eixo temático PCV, e no subtema 1.11 (Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida). O presente trabalho trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, cujos pressupostos epistemológicos se baseiam na perspectiva do ciclo vital familiar, da teoria sistêmica. O presente trabalho tem por objetivo evidenciar as histórias dos vínculos afetivos e suas repercussões no desenvolvimento da obesidade, tanto no ciclo individual, como no ciclo vital familiar. Para isso, foi realizada uma entrevista semiestruturada e a aplicação do genograma com uma mulher de 27 anos, pesando 121 kg, que aguardava a realização da cirurgia bariátrica. Os resultados da análise do caso foram divididos em três unidades temáticas: A primeira se refere à associação entre o processo de desenvolvimento da obesidade, e os conflitos familiares iniciados no período da adolescência. A segunda, apresenta aspectos relacionados aos estigmas da doença, à questão de ser mulher, e ao desejo de constituir uma família. Neste, apresentam-se os temores com relação à gravidez e à impossibilidade de poder vivenciar plenamente este momento devido ao excesso de peso. Por fim, no terceiro eixo são apresentados os elementos que se congregam no processo de tomada de decisão pela cirurgia. Nas revisões de literatura sobre o tema, observa-se que a questão da presença da família nos processos de saúde-doença ainda é incipiente. Neste sentido, torna-se necessária a discussão da temática da obesidade sob a perspectiva da integralidade, possibilitando a reflexão a respeito dos elementos presentes não apenas na doença, mas também nos indivíduos, e em seus contextos de desenvolvimento. Desta forma, a importância do tema está em promover tais contextos, tanto no nível individual como familiar, na busca pela autonomia destes. Ao gerir suas próprias escolhas, o indivíduo encontra-se diretamente implicado em seu processo clínico, facilitando sua adesão ao tratamento, o qual exigemudanças nos estilos de vida e hábitos alimentares dos pacientes.

Sobre encontros, afetações, adoecimento e a tessitura das redes no hospital: a experiência de um grupo de apoio para pacientes cardíacos no Hospital das Clínicas da UFBA, em Salvador-BA

Rosana dos Santos Silva (UFBA, Faculdade Ruy Barbosa), Igor do Nascimento Mesquita,

Marina Marinho, Thyale Brizolara, Zelma Freitas Soares (UFBA)

Este relato de intervenção, que se integra aos estudos em Psicologia da Saúde sobre adoecimento crônico, se propõe a descrever a experiência de um grupo de apoio (Compartilhar) para pacientes cardíacos no Hospital das Clínicas da UFBA. O conceito de redes sociais, entendidas como laços sociais de interdependência e reciprocidade, recursos que permitem a ampliação dos potenciais cuidativos e interacionais entre sujeitos e que se configuram como um determinante psicossocial em saúde, é o pressuposto teórico-epistemológico que norteia a discussão proposta. A identificação do grupo Compartilhar enquanto uma rede social que possibilita processos desenvolvimentais, que foram paralisados pelas rupturas ocasionadas pelo adoecimento, justifica a submissão deste trabalho para o GT Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida- A rede social no contexto do adoecimento crônico, PCV. Criado em agosto de 2015 na enfermaria de cardiologia do Hospital das Clínicas da UFBA, o grupo é facilitado por uma psicóloga, residentes e estagiário de psicologia. Participam do grupo pacientes internados e egressos da hospitalização, e seu objetivo é permitir o compartilhamento de experiências, a troca de informações e o apoio mútuo, estimulando a construção de estratégias de enfrentamento ao processo de adoecer. A periodicidade do grupo é semanal e sua estruturação é alicerçada em fundamentos da terapia comunitária e da educação popular em saúde. Com a realização dos encontros do Compartilhar foram observados entre os participantes o estímulo ao cuidado de si; a ampliação de seus potencias cuidativos através da troca de experiência; a formação e extensão de uma rede social entre os pacientes, que passa a se articular para além da instituição hospitalar, a qual reconfigura sua significação de espaço biomédico para um lugar de encontros, afetações e cuidado. Analisar o grupo Compartilhar enquanto rede social possibilita uma discussão sobre as implicações/repercussões destes adoecimentos nas vidas e nas relações sociais dos sujeitos e de seu entorno, além de considerações sobre as maneiras como são manejados e gerenciados, cotidianamente, os tratamentos nos contextos das vidas dos participantes e nas relações com o cuidado.

As repercussões do tratamento de leucemia aguda na dinâmica familiar: um estudo de caso

Fernanda Martins de Souza, Elisangela Böing (UFSC)

O presente trabalho teve como objetivo compreender as repercussões do tratamento de leucemia aguda na configuração e dinâmica familiar, a partir da Teoria Sistêmica, especificamente da Teoria do Ciclo de Vida Familiar. A divulgação do trabalho visa ampliar a compreensão sobre a interface entre um adoecimento crônico como o câncer e o ciclo de vida familiar, com temática pertinente ao Eixo Temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” – PCV, ao subtema “Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida”, e ao Grupo de Trabalho “A rede social no contexto do adoecimento crônico”. O estudo se insere no âmbito mais amplo de uma pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso do Curso de Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em Alta Complexidade. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem qualitativa, nos moldes de estudo de casos múltiplos, tendo como respondentes pacientes em tratamento de leucemia aguda em um hospital público do sul do Brasil. Foram coletados dados no prontuário hospitalar e realizada entrevista semiestruturada integrada à construção do genograma familiar. Foram utilizadas estratégia analítica descritiva e estratégia analítica baseada em proposições teóricas. Os dados do genograma foram submetidos à análise qualitativa. A partir do estudo mais amplo

supracitado, foi selecionado um dos casos para apresentação dos resultados e discussão em profundidade. Para compreensão do caso foram considerados os diferentes momentos no ciclo de vida individual e da família e, ao analisar as respostas do participante, os dados denotam que a dinâmica familiar sofreu mudanças em diversos âmbitos: de rotina, de reorganização, troca de funções e responsabilidades entre os membros, principalmente referentes às tarefas domésticas, cuidado com os filhos, liderança, tomada de decisões e suporte emocional. Em contrapartida, a configuração familiar se manteve na maioria de seus aspectos, apresentando mudança apenas no quesito sustento da família. Além disso, o participante percebeu aumento na proximidade das relações familiares significativas para si e verificou-se ainda a mobilização de novas figuras da rede de apoio familiar. A capacidade de adaptação da família se configurou, nesse caso, como importante fator psicológico e social de proteção e de promoção de saúde.

Palavras-chave: Leucemia aguda, Tratamento onco-hematológico, Família, Dinâmica familiar.

A Clínica Psicanalítica frente à violência na contemporaneidade

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Beatriz da Fontoura Guimarães (UFSC)

O objetivo desse GT é aprofundar a reflexão sobre as contribuições da clínica psicanalítica frente a situações de violência na contemporaneidade. Esta é uma temática de difícil abordagem, que vem sendo objeto de investigação e pesquisa na atualidade. Em sua condição estrutural, a violência envolve diferentes matizes simbólicos, decorrentes do contexto em que se insere e de suas amplas e diversas formas de manifestação, desde as mais sutis, presentes nas relações cotidianas, até as mais intensas e avassaladoras, com consequências sociais e subjetivas significativas. A violência irrompe nas mais diversas formas, nos desafiando a buscar circunscrevê-la. Diante desse desafio, encontramos frequentemente o silenciamento, um impossível de dizer e representar, compatível com o excessivo que a violência comporta. Refletir sobre esse “impossível” e sobre as diferentes configurações dos fenômenos de violência a partir da clínica psicanalítica implica em poder abordar essas situações não do ponto de vista de uma condição de vitimização dos sujeitos, como se a violência fosse algo estrangeiro, que estaria apenas nos outros, o que requer que nos confrontemos com a extrema complexidade do tema. A violência não constitui um conceito propriamente psicanalítico, mas podemos entendê-la, desde a psicanálise, como um excesso pulsional e como gozo. Por violência entendemos aquelas situações que implicam o exercício de força ou poder que se impõe sobre o sujeito, contra sua vontade ou sem seu consentimento, na relação com o outro; ela surge precisamente quando o lugar da alteridade - que poderia regular o laço social - sofre apagamento, vindo a incidir sobre o corpo, seja pela ação higienista do Estado ou por regimes ditatoriais, modelos socioeconômicos que agravam a miséria, as situações de vulnerabilidade e exclusão. A clínica psicanalítica parte do princípio do desamparo enquanto condição estrutural humana e debruça-se sobre as vulnerabilidades que denotam as diversas ameaças a que se está sujeito ao longo da vida e que tendem a atualizar essa condição de desamparo primordial. O desamparo diz da condição humana de dependência inicial de um outro, o cuidador, que por meio da linguagem inscreve o sujeito na cultura. O cuidador auxilia na constituição do corpo, na medida em que dá sentido, ao movimento pulsional e inscreve o sujeito, pelas relações de parentesco e pelas ideias culturais, no laço social. Nesse sentido, tanto o sujeito, quanto o próprio laço social se constituem a partir do desamparo primordial humano. As vulnerabilidades são ameaças

difusas presentes no laço social, que se originam na relação com o próprio corpo, nas insatisfações presentes nas relações entre os sujeitos e destes com o mundo externo. A violência, as perdas, as doenças e as catástrofes, dessa forma, articulam-se com o desamparo primordial e muitas vezes configuram-se como tramas irrepresentáveis, pelo excesso que colocam em cena. Cabe destacar, que é inegável que existam situações socioeconômicas e políticas que ampliam as condições de vulnerabilidade a que se pode estar exposto. Essas situações demandam estratégias de escuta, que possibilitem a elaboração e a reinscrição do sujeito com o laço social. A clínica psicanalítica, em sua perspectiva ética de colocar o sujeito em questão, interroga as situações de violência e propicia uma rearticulação diferencial do sujeito na cultura. Ao se debruçar sobre essas situações, afasta-se de uma perspectiva adaptacionista e propicia espaços de escuta que permitem aos sujeitos um recorte simbólico dos significantes que os representam, possibilitando constituir uma ressignificação com o laço social. O analista, dessa forma, dispõe-se a escuta do sujeito do desejo e permite que a capacidade desejante advenha e se inscreva no laço social. Assim, a clínica psicanalítica dá ênfase à influência das redes sociais na constituição subjetiva e nos processos de recuperação ante ao adoecimento sobredeterminado pelas situações de violência. Este GT articula-se com o Eixo temático 4. Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença; 4.1 Intervenções em rede em contextos de violência, na medida em que acolhe propostas que se dispõem a escuta do sofrimento psíquico sobredeterminado ante a situações de violência, possibilitando a criação de testemunhos pela via transferencial, que buscam restituir a dimensão indispensável do laço social na constituição humana e na produção de saúde. Os trabalhos a serem acolhidos envolvem as contribuições da clínica psicanalítica em diferentes contextos ante a situações de violência no laço social. Nesse sentido, o GT busca produzir e qualificar conhecimentos na clínica psicanalítica que envolvam situações de violência e intervenções que buscam minimizar o sofrimento psíquico, pela reinscrição e resignificação no laço social.

A imagem corporal de mulheres com Acromegalia e seus impactos psicológicos

Cariele do Sacramento Souza (Faculdade Ruy Barbosa)

O presente relato de experiência de estágio tem como intuito compreender a dimensão da imagem corporal das mulheres com diagnóstico de Acromegalia e seus impactos psicológicos, bem como refletir sobre a contribuição da psicologia para o enfrentamento do processo de adoecer das pacientes. Com isso, a proposta relaciona-se com o Eixo1: A Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo da Vida- PCV. O Estágio de Psicologia da Saúde é realizado no Centro de Diabetes e Endocrinologia do Estado da Bahia. O relato parte de uma observação participante do grupo de apoio composto por 7 pacientes do gênero feminino e 2 do masculino, com acromegalia. De acordo com o Protocolo Clínico e diretrizes Terapêuticas, a acromegalia é uma doença endócrina que decorre do excesso de produção hormonal do GH que o adenoma hipofásico produz. É predominante em pacientes com faixa etária entre 30 a 50 anos, e causa dores articulares, e outras comorbidades, sendo indispensável o tratamento. Pacientes com acromegalia apresentam modificações físicas, o que mais causa sofrimento psíquico nos pacientes com relação à imagem corporal. Isto corrobora para os pacientes, em especial as mulheres, sofrerem preconceito. O corpo tem um significado simbólico em nossa sociedade e os impactos psicológicos em mulheres com acromegalia são expressivos; é a partir do corpo que a pessoa se enxerga e cria uma percepção sobre si. Através do diário de campo observou-se que as queixas referem-se à sexualidade, voltada ao não sentir desejo; as dores articulares causadas pela doença que enfraquecem a autopercepção do corpo e causa uma

barreira de limitação; notou-se que o olhar da alteridade exerce influência e as alterações físicas geram baixo autoestima e consequentemente gera preconceito e privação, trazendo essa autopercepção. Faz-se mister uma atuação que enxergue o indivíduo para além da doença, de forma que os estigmas sociais e o preconceito não sejam repetidos, reconhecendo a subjetividade do outro e que percebê-lo como um todo, no qual o paciente expresse suas dificuldades, limitações e sentimentos, acolhendo o sofrimento deste indivíduo, contribuindo para a ressignificação da experiência de adoecer, da vida e da imagem corporal, além de favorecer o fortalecimento dos recursos de enfrentamento e a construção de novas formas de viver a realidade.

Adolescência e violência: a importância do suporte social e os desafios à intervenção terapêutica

Patrícia Paraboni, Dorian Mônica Arpini (UFSM)

Este trabalho visa discutir a violência na adolescência contemporânea e seus desafios clínicos no que tange às intervenções no âmbito de uma abordagem psicanalítica. Na atualidade, as relações que se estabelecem, em especial, na adolescência, passam pelas redes sociais. Nela, muitos confrontos violentos são agendados, palavras que “ferem” são proferidas sem nenhum cuidado assim como os mais diversos conselhos são disponibilizados muitas vezes por outros adolescentes. A adolescência, do ponto de vista da psicanálise, constitui uma etapa da vida que comporta caráter violento devido às rupturas, novidades, conflitos e lutos que demandam um intenso trabalho psíquico de elaboração. Devido a esse caráter, essa fase pode ser considerada como comportando, em certo sentido, uma dimensão patológica, por apresentar manifestações na forma de atos e comportamentos que muitas vezes tem caráter violento, expressões de certa dificuldade em lidar com as transformações e novos posicionamentos que essa etapa exige. Por isso, entende-se que as relações sociais constituem importante fonte de apoio e suporte para atravessar esse período turbulento. Neste sentido, a temática proposta para essa comunicação pode ser pensada em sua articulação com a “Influência das redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença” (sigla IRS), assim como das “Intervenções em rede em contextos de violência” para refletir sobre “A clínica psicanalítica frente à violência na contemporaneidade”. Este trabalho constitui um recorte da pesquisa de pós-doutorado “Adolescência: em meio à violência há lugar para a esperança?”, na qual estão sendo realizadas entrevistas com adolescentes de idade entre 14 e 17 anos que estão matriculados em uma escola pública, que funciona na modalidade de Escola Aberta, no interior do Rio Grande do Sul. A pesquisa tem abordagem qualitativa e a análise dos dados será realizada segundo a análise de conteúdo temática. Por ora, os resultados parciais demonstram que a maioria dos adolescentes apresenta comportamentos violentos, têm uma rede de apoio familiar e social frágil, devido à sua situação de exclusão social. Um participante considera que sua entrada na adolescência foi marcada pela inserção nas redes sociais, a qual utiliza para conversar com os amigos, que o aconselham, compartilham fotos, mas alguns amigos a utilizam para agenciar brigas, no entanto, parece temer ou não gostar disso. Assim, entende-se que a problemática da violência na adolescência desafia os modos clássicos de intervenção terapêutica em psicanálise, tornando fundamental pensar em outras estratégias possíveis para trabalhar com esse público.

Projeto clínicas do testemunho: desafios à clínica psicanalítica

Marilena Deschamps Silveira, Juliana Rego Silva, Allyne Fernandes Oliveira Barros
(Projeto Clínicas do Testemunho/Instituto APPOA - Núcleo SC)

Desde o final de 2013, como psicanalistas, temos desenvolvido o projeto Clínicas do Testemunho da Comissão da Anistia do Ministério da Justiça. A execução do eixo clínico deste Projeto está amparada na escuta psicanalítica, buscando reparação psíquica e a recomposição histórica. Portanto, trabalhamos a importância da fala e do testemunho como quebra do silenciamento das repercussões individuais e sociais promovidas pela violência da ditadura civil-militar no Brasil, mais especificamente, em Santa Catarina. De fato, acreditamos que a fala e a escuta permitem um destino diferente àquilo que excede como desamparo psíquico no sujeito diante de um outro semelhante que violenta o corpo e a alma. Promover este outro destino permite a circulação psíquica através das palavras, gerando condições para que o horror possa se constituir numa marca que inscreve e revela uma história. Porém, nossa experiência dentro do Projeto tem revelado o quão grande é a força de silenciamento, tanto a partir do que foi objetivo último da ditadura civil-militar no Brasil, quanto por conta do traumático “enquistado”, sem trâmite por representações. Além da força do silenciamento, esbarramos na desconfiança em relação ao Estado presente nas pessoas afetadas. O mesmo Estado que violentou, que rompeu o interdito, apresenta agora uma outra possibilidade: psicanalistas, num projeto oferecido por ele, comprometidos com a ética se colocam na posição de escuta. Como poderiam aqueles violentados confiar? Como gerar transferência de trabalho? Sabemos que a psicanálise, como experiência intersubjetiva, aponta que a fala e a escuta só vibram no quente leito transferencial, e está assentada numa ética que se funda no reconhecimento do sujeito como desejo, no reconhecimento da singularidade do sujeito. A partir desta especificidade psicanalítica, o Projeto Clínicas do Testemunho tem nos desafiado à criação de espaços e dispositivos que possibilitem Testemunho como uma narrativa onde o sujeito se coloca como protagonista da sua história, calada e interrompida. Assim, pretendemos compartilhar a nossa experiência singular dentro do Projeto Clínicas do Testemunho na criação de transferência por onde possamos trabalhar com a fala e a escuta. Ao mesmo tempo, tecermos reflexões amparadas nos pressupostos psicanalíticos que revelam a condição de potência clínica-política da psicanálise ao aumentar, com algumas intervenções, as possibilidades de liberdade para o sujeito.

O Acompanhamento Terapêutico na rede: sobre uma clínica do sujeito

Maria Paula Vieira, Tatiana Rozenfeld (UFSC)

A partir de um caso atendido pela clínica de Acompanhamento Terapêutico (AT), embasada pela Psicanálise, pretende-se debater práticas na rede de saúde mental e a perpetuação de políticas higienistas, traçando um debate sobre atenção à saúde, violência institucional e o papel da escuta clínica neste contexto.
A clínica das psicoses tem instalado desafios na construção da rede de atenção em saúde mental. A presença de pacientes considerados psicóticos, a expressão de um inconsciente não recalcado e os demais desdobramentos dessa relação particular com o Outro, interroga a maneira de funcionamento da sociedade e de suas instituições de atenção à saúde e assistência social. Profissionais inseridos nessa rede encontram dificuldades para acolher as singularidades que aparecem nessas relações (Ramos e Rey, 2014). A violência institucional, pautada em pressupostos normatizadores e higienistas é ainda recorrente no contexto da

saúde. Intervenções em políticas públicas assistencialistas, ações sistemáticas de repressão e anulação do sujeito são justificadas por supostas verdades científicas. Foucault (1976) discute que, na busca da regulamentação e controle da vida, o estado moderno se vale de diferentes dispositivos do biopoder sobre a população, exercendo poder sobre os corpos. Benevides e Passos (2005) expõem que no exercício de poder na modernidade, assujeitar e subjetivar são ações inseparáveis. A partir do controle do tempo e dos espaços de circulação, busca-se um adestramento das formas de existência. Nesse panorama, o psicótico é coagido em diferentes âmbitos a buscar uma adaptação (Quinet,2011). Percebe-se que a construção de um projeto terapêutico por vezes deixa de ser singular, desrespeitando as necessidades que o sujeito aponta como prioritárias em seu cuidado, tornando-se um plano tutelar, controlador e objetificador. O AT, na construção da rede de atenção psicossocial, mostra-se um dispositivo que contribui na expansão efetiva dos serviços no território. A partir da escuta clínica e pelo diálogo estabelecido em rede, pretende-se reiterar o lugar de sujeito, reafirmando seus direitos e suas formas particulares de vivência. A clínica do acompanhamento terapêutico parte do pressuposto ético de que os sujeitos considerados loucos tem voz e podem falar sobre si, sendo a loucura uma vastidão de sentidos produzidos que devem ocupar lugar de existência subjetiva e territorial (Ribeiro, 2009). Compreendemos o trabalho do AT como ponto de resistência as políticas adaptacionistas e impositivas que se valem de intervenções violentas como forma de controle.

A integralidade em saúde e o cuidado com o sujeito adoecido: considerações sobre o modelo biomédico e a psicanálise na atenção básica

Raquel Lima Pedrosa (UNICAP, UNIT-AL), Edilene Freire Queiroz (UNICAMP)

O cenário da saúde brasileira é marcado pela fragmentação dos serviços e pela hegemonia biomédica. Considera-se a doença em detrimento da história dos sujeitos adoecidos. A partir de experiências nos serviços de saúde básica, observa-se que, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, o modelo biomédico se depara com questões que ainda não conseguem ser respondidas pelo seu saber. São questões subjetivas que extrapolam condutas de observar, diagnosticar e medicar. Tal realidade pode reforçar o sofrimento psíquico do sujeito que, sem ter a quem dirigi-lo, pode vir a apresentar consequências, tais como outros sintomas. Diante disso, a partir de uma perspectiva psicanalítica, este trabalho tem como objetivo analisar as consequências da hegemonia do modelo biomédico no cuidado com o sujeito nos serviços de saúde da atenção básica e os desafios da inserção do psicanalista neste contexto. A metodologia consistiu na observação participativa do cotidiano dos serviços de saúde em uma Unidade da Saúde da Família do município de Maceió, Alagoas, durante o período de julho de 2014 à Maio de 2016, tais como: consultas médicas, de enfermagem, grupos de apoio e visitas domiciliares de agentes de saúde, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e médicos. Diante dos dados colhidos, é possível afirmar que a hegemonia do modelo biomédico dificulta o atendimento integral ao paciente uma vez que, o acometimento pela doença revela o mal-estar subjetivo suscitado quando o sujeito se depara limitado pela sua própria condição. Para além do adoecimento orgânico, o corpo que sofre revela do sujeito uma forma de expressão subjetiva, um modo de existência possível para o sujeito. Neste contexto, evidenciam-se as limitações do modelo vigente e a importância da inserção do psicanalista na avaliação e condução dos casos junto à equipe de atenção básica, viabilizando um olhar subjetivo e integrador ao serviço. Conclui-se ainda a pertinência dos profissionais da saúde em refletir sobre o lugar que a posição discursiva ocupa em sua prática diária para viabilizar espaços e integrar a história do sujeito, da doença e suas vicissitudes em

suas intervenções, implicando o sujeito em sua condição de saúde. Assim como a proposta do GT Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania (eixo temático IAS), esta pesquisa pretende contribuir para as discussões das práticas em saúde no Brasil, assim como promover a aproximação da psicanálise e da psicologia no cenário de rede de atenção à saúde e possibilitar uma visão do sujeito para além do corpo adoecido.

Abandono do tratamento da aids e determinantes sociais da saúde

Jaqueline Conz; Kátia Bones Rocha (PUC-RS)

Objetivo: Descrever e comparar o perfil de usuários com HIV/aids que abandonam o tratamento e acabam o retomando espontaneamente com pacientes que estão aderidos ao tratamento, em relação a variáveis sociodemográficas, clínicas e psicossociais. Além disso, analisar as dificuldades e motivações para o abandono e retorno ao tratamento.
Eixo temático e Relação do trabalho com o GT escolhido: IAS. Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde. Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania. Por fazer uma análise das motivações e dificuldades relacionadas ao abandono do tratamento medicamentoso e clínico, é possível a construção de intervenções baseadas nessas premissas, com vistas a uma maior efetividade do serviço de saúde e uma consequente melhoria na qualidade de vida dos usuários.
Pressupostos epistemológicos: O trabalho é compreendido à luz dos Determinantes Sociais da Saúde, que são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que podem afetar a saúde e que potencialmente podem ser alterados através de ações baseadas em informação.
Método: O projeto foi idealizado em duas partes. A primeira, com caráter quantitativo e comparativo, visa traçar um perfil sociodemográfico e clínico, avaliando possíveis fatores que possam estar associados ao abandono do tratamento da aids. A segunda etapa, qualitativa e exploratória, busca entender e analisar os motivos de abandono e de retorno ao tratamento, descritos pelos próprios usuários
Resultados e considerações finais: Por se tratar de uma pesquisa de mestrado em andamento, os resultados ainda não estão finalizados. Espera-se encontrar associações das variáveis coletadas com o abandono do tratamento, além de compreender outros fatores de vida que interferem na adesão, durante as entrevistas realizadas. Assim como acontece com outras doenças crônicas, entender os motivos associados ao abandono do tratamento da aids, bem como os motivos associados ao retorno ao tratamento, são importantes ferramentas para melhorar a atenção oferecida à população. Portanto, escutar as pessoas que vivem com HIV se faz necessário, na medida em que auxilia a compreender as reais necessidades e dificuldades em aderir ao tratamento.

Percepções de usuários e profissionais da saúde de um CTA acerca da vulnerabilidade, teste rápido para HIV/aids e aconselhamento: um olhar para a integralidade do cuidado

Gustavo Affonso Gomes, Ana Carolina Tittoni da Silveira (PUC-RS),
Nalu Silvana Both, Fernanda Torres de Carvalho (Secretaria Estadual de Saúde - RS),
Kátia Bones Rocha (PUC-RS)

O objetivo deste estudo foi analisar as percepções de profissionais da saúde e de usuários em situação de vulnerabilidade de um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) acerca do aconselhamento e do teste rápido para HIV, levando em conta as adversidades de seus contextos. A discussão se dá sob o prisma da integralidade do cuidado, portanto esta proposta estaria melhor inserida no GT "Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania" (eixo IAS). Além disso, o estudo aponta para a percepção dos participantes acerca do processo de descentralização que a testagem rápida vem sofrendo nos últimos anos pelo SUS, pautando a intersetorialidade. O conceito de vulnerabilidade também é apresentado como central para a discussão. Ele é compreendido por Vera Paiva à luz do Construcionismo Social, ao relacionar elementos singulares, sociais, institucionais e de direitos humanos para explicar a prevalência do vírus HIV em algumas populações. Esta lógica é relevante devido a historicidade do vírus, que nas últimas décadas tem afetado significativamente estas pessoas. Participaram mediante entrevistas semiestruturadas 16 profissionais e 27 usuários em situação de vulnerabilidade, todos vinculados a um CTA localizado na cidade de Porto Alegre, RS. As entrevistas foram transcritas e reunidas em um único *corpus*, sendo analisadas a partir de uma Análise Temática (AT). Após realizadas as etapas da AT, três eixos temáticos foram definidos: "Motivações e características da testagem rápida realizada no CTA"; "Vulnerabilidade, atenção e acesso aos serviços de saúde"; e "Percepções dos usuários de um CTA acerca do teste rápido e aconselhamento na atenção primária". Observou-se que tanto usuários quanto profissionais destacaram aspectos positivos do aconselhamento e testagem rápida no contexto dos CTA para pessoas em situação de vulnerabilidade. No entanto, considerar a relevância de múltiplas portas de entrada para realização do teste, como a atenção primária e os CTA, também surgiu como temática. Além disso, o vínculo profissional-usuário apareceu como uma importante estratégia de promoção da saúde. Assim, os resultados apontaram a necessidade de pensar respostas programáticas no enfrentamento da vulnerabilidade nestes cenários, considerando a integralidade do cuidado como importante princípio nesta tarefa. Ressalta-se também a importância de estudos com esta temática em outros contextos, tanto da atenção primária quanto da secundária, visto que estas análises dizem respeito a um CTA específico. Futuros estudos podem ainda investigar o impacto da descentralização do aconselhamento e do teste rápido para a atenção básica, principalmente no que concerne ao acesso de pessoas em situação vulnerabilidade.

Aconselhamento em DST/HIV/aids e contexto de testes rápidos: percepções de usuários e profissionais de saúde em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) em Porto Alegre

Katia B. Rocha (PUC-RS), Fernanda T. Carvalho, Nalu S. Both, Edi M Alnoch (Ambulatório de Dermatologia Sanitária do Rio Grande do Sul), Jaqueline Conz (PUC-RS)

Objetivo: Este estudo analisa as percepções de usuários e profissionais da saúde acerca da prática do aconselhamento em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de Porto Alegre/RS.
Eixo temático e Relação do trabalho com o GT escolhido: IAS. Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde. Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania. O aconselhamento pode ser considerado uma importante ferramenta para a promoção da saúde e para a promoção da cidadania. O presente estudo foi realizado em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) que tem como missão atender especialmente pessoas consideradas em vulnerabilidade social e o aconselhamento pode ser considerada uma estratégia potente para promoção de saúde e cidadania.

Pressupostos epistemológicos: O trabalho se constrói na interface entre a psicologia social e a saúde coletiva. O trabalho destaca a importância de todos os atores sociais envolvidos no processo de atenção à saúde, profissionais e usuários. Epistemologicamente se propõe a discutir o papel da psicologia historicamente marcada pelo viés assistencialista e individualista e que no contexto a saúde coletiva se vê em um novo cenário de atuação, necessitando redefinir as suas relações com a saúde e com a sociedade (Rasera e Issa, 2007), precisando trabalhar no sentido da identificação de vulnerabilidades, violações, defesas e promoções dos direitos humanos no cotidiano de trabalho.
Método:É uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada com 27 usuários e 14 profissionais, utilizando entrevistas semiestruturadas. Os resultados foram analisados utilizando análise temática de conteúdo.
Resultados e considerações finais: A partir da leitura do material coletado durante as entrevistas, surgiram os seguintes eixos temáticos: 1) Aconselhamento na percepção dos profissionais; 2) Aconselhamento na percepção dos usuários; 3) Mudanças no aconselhamento com o teste rápido. Inicialmente, evidenciou-se imprecisão e aparente contradição entre os elementos constitutivos do aconselhamento. Entretanto, o teste rápido aparece como um convite a repensar os processos de trabalho, aproximando o serviço das necessidades dos usuários.

***Bullying*: consequências na vida de adultos que vivenciaram o fenômeno na infância**

Susan Lusca da Silva, Caroline Rubin Rossato Pereira (UFSM)

O termo *bullying* designa agressões físicas, verbais e/ou psicológicas realizadas por um indivíduo ou grupo dentro da escola. Esse fenômeno não pode ser reduzido a uma brincadeira ou comentário inofensivo, brigas de criança ou violência ocasional, mas precisa ser considerado em sua dimensão complexa, pois, refere-se a um comportamento sistemático e cruel que causa grande sofrimento nas vítimas. Logo, *bullying* é uma agressão que pode favorecer o desencadeamento de transtornos psicológicos por atingir diretamente a autoestima da pessoa que é alvo, além de ocasionar sentimentos de vergonha, culpa e impotência. Assim, propondo inclui-la no GT Psicologia Pediátrica, é pertinente considerar a temática do *bullying* como relevante para a saúde das crianças e adolescentes. O presente trabalho teve como objetivo compreender como adultos que sofreram bullying na infância percebem as consequências e repercussões desta experiência em suas vidas. Este estudo descende do trabalho de conclusão de curso de Psicologia denominado "*Bullying*: memórias e afetos na vida de adultos que vivenciaram o fenômeno na infância" (CAAE 45153715.2.0000.5346). Constituiu-se uma amostra por conveniência formada por cinco adultos jovens, com idade entre 18 e 30 anos, de ambos os sexos e residentes na cidade de Santa Maria/RS. A pesquisa caracterizou-se por ser exploratória, descritiva e de cunho qualitativo. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada e as informações foram analisadas através da análise de conteúdo qualitativa. Os resultados encontrados apontam a insatisfação com a aparência física, a insegurança, a falta de autoestima, o comportamento introspectivo, distúrbio alimentar e tentativa de suicídio como consequências negativas do *bullying* relatadas pelos participantes. Em contrapartida, os adultos mencionaram que as vivências propiciaram o desenvolvimento da resiliência e da empatia como características pessoais. Destaca-se que todos os alunos de qualquer escola podem sofrer esse tipo de assédio, que pode tornar-se diário e, muitas vezes, normatizado. Além disso, deve-se levar em consideração o risco potencial destas experiências para os sujeitos envolvidos uma vez que são indivíduos em desenvolvimento e em busca de sua

identidade. Nesse sentido, a Psicologia pode ser considerada como uma área capaz de oferecer novos instrumentos e intervenções efetivas em relação ao fenômeno, priorizando as formas com que o fenômeno afeta psicologicamente o sujeito.

Relato das atividades voltadas à saúde do adolescente na estratégia saúde da família, e a participação do psicólogo nestas atividades

José Doriberto Freitas, Elisangela Toth, Alexandre José Raad (USF-SP)

O objetivo deste trabalho foi desenvolver atividades voltadas à saúde dos adolescentes na Estratégia Saúde da Família e relatar a participação do psicólogo nestas atividades. Tendo uma relação direta com GT pois refere à aplicação dos conhecimentos da Psicologia da saúde ao segmento adolescente no eixo PCV. **Pressupostos epistemológicos**: Diante das mudanças geradas pela reforma sanitária brasileira, a psicologia busca uma compreensão mais ampla do processo saúde-doença-cuidado e seus determinantes, além de uma atuação integral e coletiva, utilizando referenciais teóricos e metodológicos que estimulem a participação e a autonomia das pessoas, no sentido da promoção da saúd**e.** Na atualidade, a adolescência tem sido foco de muitas pesquisas por profissionais das áreas da saúde e da educação, e também tem despertado a atenção da mídia, tendo muitos de seus aspectos apresentados em diferentes veículos de comunicação. As famílias por sua vez estão atentas aos filhos adolescentes tentando protegê-los da violência urbana, dos riscos das drogas, da iniciação sexual precoce, das DST e AIDS, e da gravidez não planejada. **Metodologia**: Trata-se de uma pesquisa-ação, que além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. Foram desenvolvidos temas em sexualidade de acordo com o conteúdo programático das atividades. Experiência com grupo de adolescentes pertencentes do CSF do Distrito do Jordão e São Francisco em Sobral-Ce, trabalhou-se com cerca de 40 adolescentes entre 12 a 18 anos de ambos os sexos, através da atuação da psicologia no NASF. **Resultados**: Tiveram como resultado uma maior percepção corporal, consciência e mudança de atitude em relação ao uso dos métodos contraceptivos, houve a desmistificação de tabus e preconceitos relacionados ao exercício da sexualidade. **Conclusões**: O presente trabalho aponta para a importância da implementação de atividades grupais de esclarecimento e orientação aos adolescentes sobre temas relativos à sexualidade, visando a promoção da saúde através da um trabalho interativo que tenha como ponto de partida as sugestões, as dúvidas e curiosidades dos próprios adolescentes participantes, efetivando, desta forma, um programa que reflita os anseios e necessidades deste segmento.

Palavras-chave: Saúde da Família, Psicologia, Promoção da Saúde, Adolescentes.

Atendimento interdisciplinar no ambulatório da Síndrome de Down do hospital de clínicas da UFPR

Beatriz Bermudez, Maria de Fátima Minetto, Noemia Cavalheiro (UFPR)

Pioneiro no Brasil e na América Latina, a Associação Reviver Down incentivou o Hospital de Clínicas da UFPR a criar o Ambulatório da Síndrome de Down em maio de 1997 para atender uma angústia... uma dor só ouvida por poucos com uma equipe de profissionais preparados para atender as necessidades imediatas de seus filhos e ao longo dos anos para proporcionar qualidade de vida e desenvolver o verdadeiro potencial que possuem. Um diagnóstico dado

de forma inadequada, insensível, sem perspectivas pode deixar os pais perdidos, sem saber que direção tomar ou até sem força de lutar por seu filho. Além disso, para as famílias mais carentes as coisas tornam-se mais difíceis. O objetivo do ambulatório é prestar atendimento longitudinal a pessoas com síndrome de Down e suas famílias, através de equipe interdisciplinar para que consiga o melhor desenvolvimento com inclusão escolar e no mercado de trabalho, aliado a ensino e pesquisa. Sua equipe é composta por profissionais das áreas de: pediatria, odontologia, serviço social, psicologia, enfermagem, dermatologia e nutrição. O ambulatório tem apoio de outras especialidades como: cardiologia, genética, oftalmologia, dentre outras. A proposta do ambulatório está alicerçada no atendimento humanizado e na experiência de cada membro da equipe. A equipe atua de forma transdisciplinar, num mesmo espaço físico e ao mesmo tempo. Ao chegar ao ambulatório busca-se as necessidades mais imediatas da criança. Nesse momento é que a equipe mais funciona, pois na hora, procura-se checar as possíveis causas e fazer as intervenções necessárias, o que seria impossível para um profissional sozinho. Algumas vezes os familiares estão mais necessitados do atendimento do que a própria criança. Observa-se a criança como um todo, um ser biopsicossocial, agindo de forma preventiva e curativa. Muitas vezes um problema clínico ou nutricional pode ter um conjunto multifacetado de causas. Os resultados são significativos, com acompanhamento longitudinal cerca de quarto mil pacientes com síndrome de Down e suas famílias. A sensibilidade, o respeito à dor, o apoio, o incentivo, a informação atualizada e o acompanhamento longitudinal das crianças têm sido para essas famílias, na sua grande maioria muito carentes, um fio de esperança.

Avaliação psicológica infantil, uma prática de atenção integral à criança

Luana Tonial, Thaiany Domingues Matos, Marina Menezes (UNIVALI)

O objetivo deste trabalho é apresentar um processo de avaliação psicológica realizado no contexto da clínica infantil tendo como princípio fundamental a integralidade. Desta forma, está relacionado ao Grupo de Trabalho de Psicologia Pediátrica, sob o Eixo Temático PCV, visto que aborda a importância de um processo de avaliação psicológica que considera o enredo entre a fase do desenvolvimento infantil, as relações parentais e os diversos aspectos sociais e culturais envolvidos. Assim, a avaliação psicológica infantil é pertinente ao conceito de saúde e integralidade no que diz respeito à diversidade deações, instrumentos e interlocutores que compõe a estratégia de avaliação. O trabalho compõe uma prática de Estágio Específico na ênfase Saúde e Integralidade, em um contexto clínico, com orientação a partir da abordagem psicanalítica. O paciente é uma criança do sexo masculino, com 11 anos, encaminhado pelo pediatra com queixa de crises de ansiedade e baixo rendimento escolar. As etapas da avaliação incluíram encontros com os responsáveis afim de levantar dados sobre as relações parentais e o contexto de desenvolvimento da criança, para isto, foram utilizados os instrumentos de Entrevista Inicial, o Roteiro de Anamnese Infantil e o Questionário de Capacidades e Dificuldades - SDQ versão para os pais, com o objetivo de identificar características comportamentais. A avaliação com a criança incluiu a Hora de Jogo Diagnóstica, o SDQ versão autoaplicável, o Teste do Desenho Casa-Árvore-Pessoa - HTP, e por fim **a Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - 4a Edição (WISC-IV).** Outra ação importante foi a visita à escola a fim de obter informações sobre a história e contexto escolar, sendo também realizada a aplicação do SDQ versão para professores. Enquanto resultados considera-se a realização de um psicodiagnóstico com informações integradas, visando o protagonismo da criança, bem como o desenvolvimento de habilidades parentais e de orientações em âmbito escolar. Conclui-se, portanto, que a integralidade no processo de

avaliação psicológica infantil acontece a partir da compreensão acerca do desenvolvimento da criança enquanto fenômeno multifatorial, sendo desta forma, imprescindível uma atuação pautada na diversidade de técnicas e ações, bem como de multinformantes.

Relação de ativação de pais e mães com crianças pré-escolares em famílias biparentais

João Paulo Koltermann, Carolina Duarte de Souza, Rovana Kinas Bueno,
Mauro Luís Vieira (UFSC)

O GT Implicações da Psicologia do Desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança do eixo temático PCV pretende discutir resultados empíricos relacionados ao envolvimento parental, especialmente o paterno a partir das mudanças socioeconômicas, do compartilhamento ou divisão de funções, da participação parental no cuidado com os filhos. Ao ter como objetivo apresentar a caracterização da relação de ativação de pais e mães de famílias biparentais heteroafetivas do sul do Brasil, este trabalho pode enriquecer as reflexões sobre o envolvimento paterno. A relação de ativação, caracterizada no presente trabalho, é uma teoria desenvolvida no Canadá que busca explicar o papel paterno no desenvolvimento infantil. De acordo a teoria, a relação pai-filho(a) é caracterizada por um maior envolvimento do pai no estimulo à perseverança, à competição e ao risco, ao mesmo tempo que em assegurar adisciplina estabelecendo limites que garantem a segurança da criança e a estimulem a explorar o mundo. Para tanto, foi aplicado o Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) em 129 pais e mães de crianças pré-escolares da região sul do Brasil. O QOM mensura a relação de Ativação do pai com filho(a) em uma escala de seis pontos (entre um e seis) em três dimensões. Realizou-se teste de comparação de médias para amostras pareadas de pais e mães para todas as dimensões. A média geral de abertura ao mundo foi de 4,05 DP=0,47 para pais e M=4,14 DP=0,48 para mães, esses valores foram correlacionados entre si (r=0,50; p<0,01) e apresentaram diferença estatisticamente significativa [t(116)=2,05; p=0,043], apontando que nessa amostra as mães afirmaram realizar mais relação de ativação que os pais. Resultado condizente com o encontrado nas dimensões de disciplina (M=3,09 DP=0,78 para pais e M=3,15 DP=0,83 para mães correlacionados entre si (r=0,38; p<0,01) e sem diferença estatisticamente significativa) e estímulo a perseverança (M=4,91 DP=0,59 para os pais e M=5,09 DP=0,51 para mães correlacionados entre si (r=0,28; p<0,01) e com diferença estatisticamente significativa [t(128)=3,10; p=0,002]), com destaque para diferença estatisticamente significativa nessa última. Entretanto, na dimensão estímulo ao risco os pais afirmaram estimular mais a criança (M=3,33 DP=0,95) que as mães (M=3,30 DP=0,94), essa diferença apesar de correlacionada positivamente (r=0,41; p<0,01), não foi estatisticamente significativo. Esses resultados sugerem que a relação de ativação não parece ser característica prioritariamente paterna nessa amostra. É necessário o aprofundamento e a realização de novos estudo para compreender melhor os resultados encontrados.

Caracterização da mediação materna na relação pai e filho

Larissa Paraventi, Carolina Duarte de Souza, Mônica Barreto, Mauro Luís Vieira (UFSC)

O GT Implicações da Psicologia do Desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança do eixo temático PCV aponta o envolvimento parental, especialmente o paterno, como um dos temas principais a ser abordado no grupo de trabalho em virtude da

sua importância para as discussões a respeito do desenvolvimento infantil e do funcionamento familiar. Ao ter como objetivo apresentar a caracterização do *gatekeeping* materno de famílias biparentais heteroafetivas do sul do Brasil, este trabalho pode enriquecer as reflexões sobre compartilhamento de funções e participação parental no cuidado com os filhos. Para tanto, foi aplicado o Questionário de *Gatekeeping* Materno (GTK) em 134 pais e mães de crianças pré-escolares da região sul do Brasil. O GTK mensura o controle de acesso do pai à criança realizado pela mãe em uma escala de quatro pontos (entre um e quatro) em três dimensões. Realizou-se teste de comparação de médias para amostras pareadas de pais e mães para todas as dimensões. Os resultados indicam na dimensão normas e responsabilidades M=2,04 DP=0,70 para pais e M=2,07 DP=0,69 para mães correlacionados entre si e com diferença estatísiticamente significativa [t(134)=-0,570; p=0,00]; com relação à confirmação da identidade materna indicam -M=2,77 DP=0,64 para pais e M=2,53 DP=0,60 para mães correlacionados entre si entre si e com diferença estatísticamente significativa [t(134)=4,334; p=0,00]; por fim, papeis familiares diferenciados apresentam - M=2,00 DP=0,75 para os pais e M=2,45 DP=0,85 para mães correlacionados entre si, porém não foram estatísticamente significativos. Os resultados obtidos com as respostas dos pais apontam que os parceiros percebem um nível intermediário de maternal gatekeeping. As mães parecem confiar nas competências e habilidades dos maridos, fazendo pouco uso do controle sobre as normas e responsabilidades domésticas. Bem como, as mães aumentam seu senso de identidade materna à medida que demonstram para elas mesmas e para os outros quão boas são em realizar o trabalho doméstico, em uma medida ou pouco menos elevada das mães que percebem essa identificação. Já os pais acreditam que as crenças e expectativas maternas de que o trabalho familiar é principalmente de sua alçada e não dos parceiros é menos frequente na relação do que as mães.

O diagnóstico de síndrome de down: a pespectiva das mães e dos profissionais da saúde

Raieli Ciscato Bressan (FAPERGS), Maria Evanir Vicente Figueira, Louise da Silveira Predotti, Ana Nathália Eduarda Farias da Silva, Luciane Najar Smeha
(Centro Universitário Franciscano)

Resultante da ocorrência de material genético extra no cromossoma 21, a síndrome de Down apresenta determinadas manifestações físicas e clínicas. A notícia da suspeita de síndrome de Down vem, geralmente, logo após o nascimento do bebê, sendo este sempre um momento de impacto para a mãe e toda família, por isso é importante o envolvimento da equipe de saúde promovendo informações adequadas e acolhimento. A partir disso, o presente estudo objetivou conhecer as questões que envolvem as experiências maternas em saúde diante do diagnóstico de síndrome de Down, bem como a percepção dos profissionais da saúde sobre sua atuação neste momento.
O trabalho está focalizado na temática da saúde materno infantil e visa os impactos do diagnóstico também no nível do sistema familiar, em razão disso, contextualiza-se no Grupo de Trabalho Saúde Materno Infantil: implicações no sistema familiar e escolar – PCV.
O estudo teve uma abordagem qualitativa de pesquisa. Os participantes foram oito mães de bebês com a síndrome e dez profissionais da saúde que prestam atendimento na área. Para tanto, utilizou-se da entrevista semiestruturada como instrumento de investigação, onde depois de transcritas na íntegra, foram submetidas a uma análise de conteúdo temática.
Os principais resultados indicam que as mães sentem ressentimento da maneira que a suspeita do diagnóstico de síndrome de Down do filho foi apresentado pelos profissionais, por

uma falta de manejo da situação ou até mesmo pela falta de informações sobre a própria síndrome. Ao mesmo tempo, o grupo de profissionais manifesta que seu papel nessa situação é, principalmente, elucidar as dúvidas das mães, proporcionando a elas mais tranquilidade para enfrentarem a situação. Tanto as mães, quanto os profissionais reconhecem o despreparo da equipe de saúde no momento de informar a suspeita do diagnóstico à família. Os profissionais justificam isso por não terem recebido nenhum tipo de preparo em sua formação sobre como lidar com essa situação, e por isso acabam fazendo do modo como acham mais adequado, sem respaldo científico. Os dois grupos também afirmam que a responsabilidade de transmitir essa informação não deve ser de apenas um profissional, e sim de toda equipe de saúde envolvida.
Em suma, a lacuna deixada pelos profissionais no momento do diagnóstico pode resultar em sentimentos de angústia e desamparo, potencializando os sentimentos já característicos desse momento. Com isso, é necessário que os profissionais tenham mais preparo e habilidade em manejar respostas às famílias que acabam de receber essa notícia.

Importância da relação entre engajamento paterno e relacionamento conjugal para promoção da saúde familiar

Priscila Gasperin Pellegrini, Simone Dill Azeredo Bolze (UFSC), Carina Nunes Bossardi (UNIVALI), Lauren Beltrão Gomes (FURB), Beatriz Schmidt UFRGS),
Carolina Duarte de Souza, Mauro Luís Vieira, Maria Aparecida Crepaldi (UFSC)

O pai tem um papel específico na socialização e no controle da agressividade na primeira infância. Entretanto, o engajamento paterno está associado a uma série de variáveis contextuais, dentre essas, o relacionamento com a esposa. Estudos apontam que problemas de saúde, depressão, desempenho acadêmico precário e baixa competência social são considerados possíveis decorrências do conflito conjugal para a criança. Partindo do pressuposto epistemológico do pensamento sistêmico e da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, a presente pesquisa visa a caracterizar a relação entre o engajamento paterno e o relacionamento conjugal. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e correlacional, do qual participaram 50 pais e mães de crianças de 4 a 6 anos provenientes de quatro cidades localizadas no Sul do Brasil. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Engajamento Paterno e Questionário Floreal. A abordagem dos dados foi quantitativa, por meio de análises estatísticas descritivas e inferenciais. Os resultados mostraram que a maioria dos casais considera ter uma relação conjugal harmônica. Os dados sugerem que, de acordo com a percepção materna, o conflito entre pai e mãe e na presença da criança parece prejudicar, principalmente, duas dimensões do engajamento paterno, que são disciplina ($r_s = 0,28$, $p < 0,05$) e cuidados básicos ($r_s = 0,31$, $p < 0,05$). Constatou-se, também, que o pai investe menos na criança quanto mais a mãe apresenta atitudes de reciprocidade negativa ($r_s = 0,29$, $p < 0,05$) e personalidade individualista ($r_s = 0,44$, $p < 0,01$). Os resultados indicam que o engajamento paterno depende, sobretudo, de comportamentos maternos. O presente trabalho se relaciona ao GT *Implicações da Psicologia do Desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança* (eixo temático PCV), por discutir questões que estão implicadas no engajamento paterno, como as atitudes maternas e o relacionamento conjugal, as quais influenciam no desenvolvimento infantil. Acredita-se que as conclusões desse estudo oferecem subsídios que contribuem para o trabalho de psicólogos e profissionais que atuam na área da família, para que possam planejar intervenções que incluam o pai e o relacionamento conjugal.

Escuta de uma mulher em sofrimento psíquico relacionado ao puerpério: estudo de caso

Juçara Clemens, Renata Fabiana Pegoraro, Marina Grossi Tollendal,
Taís Xavier Rigobello (UFU)

Este trabalho, inserido no GT Psicologia da Saúde ao longo do ciclo vital (PCV), tem como foco a mulher em situação de sofrimento psíquico durante o puerpério. Na atual necessidade de compreender as situações de vida das mulheres que desenvolvem depressão, a ansiedade, dentre outras desordens, pretendeu-se oferecer suporte psicológico para auxiliar a mulher na construção do cuidado de si frente às mudanças e incertezas que vivencia em relação à maternidade, além de proporcionar espaço de escuta sobre a construção da relação mãe-bebê. Utilizou-se como referencial teórico a atual Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher do Ministério da Saúde, tida como um desafio a gestores e profissionais de saúde por apontar para a necessidade de cuidados para além do modelo biomédico e das ações para garantir o bem-estar de mulheres em idade reprodutiva, como historicamente as ações no campo da saúde foram constituídas no Brasil. Além disso, sustenta este trabalho o conceito de consulta terapêutica de Winnicott. Esse trabalho teve como objetivo geral proporcionar um espaço de escuta e vivência para mulheres vinculadas ao Programa Mulher e Saúde Mental do Hospital de Clínicas de Uberlândia (MG). Para tal, utilizou-se como recursos técnicos o acolhimento, a consulta terapêutica (Winnicott, 1984) e a discussão desse caso com a equipe de profissionais do ambulatório (médico psiquiatra, médicos residentes em psiquiatria, psicólogas (docentes responsáveis pelo projeto) e extensionistas do curso de Psicologia). As mulheres atendidas são encaminhadas ao ambulatório por apresentarem problemas psiquiátricos durante a gestação ou após o nascimento da criança. Mediante agendamento, são atendidas pelos residentes de psiquiatria e, após a consulta médica, foi oferecido um espaço de escuta a partir do projeto de extensão universitária. Ao longo do projeto, entendeu-se que seria necessária a escuta de familiares, e não apenas da mulher. Em função disso, será apresentado o caso de uma mulher, com idade 30 anos, mãe de uma criança com 6 meses atendida conjuntamente a seu esposo. Como resultados desse trabalho tem-se a confirmação da importância da escuta dessas mulheres tanto para compreensão de seu sofrimento psíquico, para além do diagnóstico psiquiátrico, o qual possibilita o encontro de novos sentidos que essas mulheres possam dar, como sobre os questionamentos que tanto essa mãe e esse pai atendidos trazem sobre essa construção vincular e familiar que a relação mãe-bebê dá início.

A percepção dos profissionais sobre a implantação do Teste Rápido para HIV, Sífilis e Hepatites Virais na Rede Cegonha.

Isadora Nogueira Freire, Rejane Rosaria Grecco dos Santos,
Adolfo Pizzinato, Kátia Bones Rocha (PUC-RS)

O Objetivo deste estudo foi investigar a avaliação que os profissionais da atenção primária em saúde fazem sobre a implantação do teste rápido de HIV, Sífilis e Hepatites, na Rede Cegonha em Porto Alegre/RS. Se encaixa no Grupo de Trabalho Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo da Vida, pois considera questões associadas à Saúde da Mulher e enfatiza cuidados durante pré-natal como a implantação do teste rápido na rede cegonha, levando em conta como a promoção de saúde materno-infantil está sendo realizada a nível primário. Um dos tópicos principais de discussão e análise deste estudo vai de encontro ao debate da

bioética feminista, pois analisa a questão da autonomia das mulheres nos espaços de saúde, relacionando-se aos Estudos de Gênero, os quais compreendem a necessidade de desnaturalizar prescrições sob o corpo, considerando o próprio conceito de saúde. Foram entrevistados 13 profissionais da Atenção Primária. O caráter deste estudo é qualitativo, descritivo e exploratório. Os resultados apontam como aspectos negativos a falta de apropriação em relação à política, descontinuidade das capacitações e matriciamento, a solicitação compulsória do teste e a dificuldade de os profissionais falarem sobre sexualidade. Entre os positivos, estão que os profissionais consideram o aconselhamento como um instrumento imprescindível na realização do teste rápido e também a importância da participação dos parceiros no pré-natal e na realização do teste rápido de HIV. Conclui-se que é necessário repensar como as redes de cuidado estão sendo realizadas para garantir um melhor acolhimento e atenção integral às gestantes e aos seus bebês. No intuito de qualificar o aconselhamento, além de considerar as especificidades da gestação, destaca-se a importância de problematizar as questões associadas à abordagem da sexualidade. Assim sendo, é urgente se repensar como a autonomia das mulheres vem sendo apagada durante a solicitação compulsória do teste e reforçando a lógica de opressão e objetificação dos seus corpos. Outro desafio é perceber o espaço do pré-natal como um momento de fortalecimento e de acolhimento para as mulheres, no qual estas possam expor suas dúvidas, seus medos e fortalecerem-se enquanto sujeitos de direitos. Nesta mesma direção, aponta-se a necessidade de serem desenvolvidos mecanismos para que os homens consigam também se envolver no pré-natal bem como que os profissionais percebam a importância desses no processo de atenção à saúde puerperal.

Palavras-chave: HIV/aids, Teste Rápido de HIV – Aconselhamento, Gestantes.

Renúncia da maternidade: um estudo de caso para compreender suas singularidades

Marina Peripolli Antoniazzi, Gabrielle Barbieri Bressa, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

A renúncia da maternidade ainda é um tabu para a sociedade. Por lei, as mães que entregam os seus filhos para a adoção têm direito garantido. Algumas literaturas apontam que não há um único fator que a faz entregar a criança para adoção. Menezes afirma que a condição socioeconômica é um dos motivos que a levam a esse ato, como a falta de amparo do companheiro e as vivências de carência emocional na infância são complementares para entregar. Por isso, o objetivo desse trabalho é relatar um caso de uma mulher que renunciou à maternidade. Essa proposta se insere no GT “Saúde materno infantil: implicações no sistema familiar e no sistema escolar” (eixo temático: PVC). A participante é uma mulher homossexual, possuía 20 anos, tinha um filho de outro relacionamento que morava com a avó materna, e aproximadamente há um ano vivia com sua companheira. Devido à dificuldade financeira, a participante decidiu ter relações sexuais com um homem que considerava seu amigo em troca de dinheiro para que pudesse ajudar nos custos do lar. Porém, o amigo a traiu, pois acreditava que ele estourou o preservativo propositalmente. Ao pedir para comprar a pílula do dia seguinte, o mesmo se negou. Como consequência engravidou, mas com medo e receio dos julgamentos, escondeu os nove meses de gravidez. Desse amigo, contraiu uma doença sexualmente transmissível. Na entrevista relatou que sofreu violência sexual durante a infância pelo padrasto, e sua mãe não a amparou. A participante decidiu entregar o bebê para a família extensa do amigo. Estava renunciando à maternidade porque o bebê concretizava a traição que ela tinha cometido com a parceira, e apesar da companheira a ter perdoado, a participante não se perdoava e optou pela entrega. Pode-se perceber que na

história de vida dessa participante, não existe um único fator que pode ter levado a essa entrega, mas sim inúmeros. Cabe refletir também que esse ambiente não seria propício para o desenvolvimento de um bebê, já que não houve aceitação dessa criança. Em conclusão, pode-se perceber que as histórias das mulheres doadoras são bastante particulares, corroborando a ideia de Badinter sobre os sentimentos serem singulares em relação à maternidade. E que, por mais que exista literatura sobre esse tema, pode-se perceber que ainda não dá conta da complexidade do fenômeno e do significado singular para cada mulher.

Saúde da mulher: aborto e as implicações do uso irregular e clandestino do Cytotec

Fabiola da Silva Miranda, Mary Neide Damico Figueiro (Universidade Estadual de Londrina)

No Brasil, a Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG) é realizada clandestinamente por milhares de mulheres devido às restrições legais. Dos permissivos que integram a lei, dois são de 1940: estupro e risco de morte à mulher, e o terceiro é de 2012, referente à anencefalia. Tais critérios não são eficazes na diminuição das mortes ou sequelas por abortos clandestinos. O objetivo geral da presente pesquisa consistiu em conhecer a experiência de mulheres que decidiram pela IVG e o significado que elas dão a essa experiência. De caráter qualitativo e centrada na Psicologia sócio histórico cultural, a pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da UEL, pautou-se em entrevistas individuais semiestruturadas, anônimas e gravadas. Dez mulheres foram entrevistadas e, entre outros resultados, verificamos que seis delas fizeram uso do Cytotec (Misoprostol), adquirindo-o de forma clandestina e seguindo orientações variadas fornecidas por vendedores ilegítimos (traficante, camelô...). Indicado para problemas gástricos, o medicamento teve sua venda autorizada nas farmácias, entre 1986 a 1991. Devido ao seu uso como abortivo, a ANVISA suspendeu a comercialização. (BRASIL, 2009). Duas entrevistadas usaram o medicamento por volta do quarto mês, a ponto de ver o feto formado e com genitália definida, o que torna o procedimento traumático e com possíveis implicações psicológicas. Este fato reforça a importância da utilização do Cytotec no primeiro trimestre e com orientação profissional. Das 10 entrevistadas, três afirmaram que se arrependeram assim que o aborto se concretizou, desejando “voltar atrás”. Interessante que, entre essas, estão as duas que viram a materialização do feto abortado. Das seis entrevistadas que usaram Cytotec, somente duas foram para o hospital para um exame clínico, alegando abortamento espontâneo. As outras quatro não procuraram atendimento hospitalar devido ao medo de serem denunciadas e presas. Também, duas entrevistadas tiveram que fazer tentativa repetida de abortamento, já que o medicamento comprado era falso, o que implicou em maior gasto e stress. Concluímos que, embora o Cytotec possa ser um meio seguro e mais barato de efetivação do aborto, se vendido legalmente, ele tem se tornado um fator de risco para a mulher, seja por sua dosagem errada, seja por não se dirigir ao hospital na sequência. Por isso, e também porque, segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012) o uso inadequado do Cytotec pode gerar efeitos teratogênicos, caso a mulher não consiga efetivar o aborto, consideramos importante a luta pela volta do medicamento às farmácias e pela descriminalização do aborto.

Expectativas das avós maternas em relação aos cuidados com os netos[1]

Meiridiane Domingues de Deus (UFSC), Ana Cristina Garcia Dias (UFSM)

As avós maternas dos bebês (mães de adolescentes) destacam-se na rede de apoio, visto que, muitas vezes, essas mulheres têm como funções auxiliar, cuidar e orientar as filhas durante a gestação e ao longo da criação das crianças. Este resumo tem como objetivo apresentar as expectativas das avós maternas em relação aos cuidados com os netos. A perspectiva epistemológica adotada neste trabalho refere-se ao construcionismo social. Essa concepção caracteriza-se por defender suposições de que os indivíduos desenvolvem significados subjetivos às suas experiências e, com isso, procuram entender o mundo em que vivem. Além disso, baseia-se no modelo teórico da *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). A TFD, então, constitui-se uma abordagem de pesquisa qualitativa que objetiva descobrir teorias, conceitos e hipóteses, baseados nos dados coletados, ao invés de utilizar aqueles dados predeterminados. O presente trabalho trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada "Tornar-se avó no contexto da Gravidez adolescente", realizada em 2014 e 2015. Participaram da pesquisa doze mães de gestantes adolescentes com idades entre 29 e 55 anos (idade média= 38 anos), com filhas adolescentes gestantes primíparas com idades entre 13 e 19 anos (idade média = 17 anos), inseridas no programa de pré-natal das Unidades Básicas de um município do interior do Rio Grande do Sul. Foram aplicados três instrumentos: ficha de dados socioeconômicos; entrevista sobre a relação mãe-filha e percepções sobre a gravidez da filha; entrevista sobre o tornar-se avó. A análise dos dados obedeceu aos pressupostos teóricos da *Grounded Theory*. As avós maternas afirmaram o desejo de dar banho, trocar fraldas, vestir, cozinhar, auxiliar os filhos na educação dos netos, brincar, dar carinho e atenção. Uma avó disse não ter pensado sobre que cuidados desejava realizar com seu neto. Em relação as práticas que não pretendem realizar durante a criação dos netos, nove avós relataram que não querem desautorizar as filhas e os pais da criança em suas responsabilidades parentais, e também, não desejam fazer todas as vontades dos netos. Outra avó afirmou não querer usar de agressão física com o neto. Uma das avós não deseja ficar longe de neta. Outra, não respondeu diretamente a essa pergunta. Destaca-se a importância de maior atenção aos familiares envolvidos no contexto da gravidez adolescente. Sugere-se a realização de pesquisas relacionadas à dinâmica familiar das adolescentes, aos estudos transgeracionais e a relação entre avós/ avôs e netos.

Maternal *gatekeeping*: uma revisão sistemática de artigos internacionais

Isabella Goulart Bittencourt, Larissa Paraventi, Carolina Duarte de Souza,
Larissa Fetter Wegner, João Paulo Koltermann, Mauro Luís Vieira (UFSC)

O maternal gatekeeping trata-se de um construto recente com origem epistemológica nas teorias de gênero, caracteriza-se como o controle de acesso do pai ao filho desempenhado pela mãe e está associado aos comportamentos maternos que dificultam o envolvimento paterno. Entende-se que esse estudo tem relação com o GT escolhido – Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar (PCV) – por apresentar uma temática que se relaciona com a coparentalidade e com o funcionamento familiar. Há pesquisas que indicam a correlação entre os construtos mencionados. O presente trabalho objetivou realizar uma revisão de literatura sobre maternal *gatekeeping*, utilizando os descritores "maternal gatekeeping" e "gatekeeping" nas bases de dados Index-PSI, LILACS, PePSIC, SciELO, Revisões Sistemáticas da Cochrane e Registro Cochrane de Ensaios Controlados, BDTD, RCAAP, Redalyc e CAPES. Foram encontrados 1916 artigos e, a partir dos critérios de exclusão (itens repetidos, acesso incompleto ao texto, materiais que não versavam sobre o fenômeno maternal gatekeeping, mas tinham referências que possuíam o descritor no título e

que citavam marginalmente o maternal gatekeeping sem mensurá-lo), apenas 36 artigos se referiam efetivamente à mediação materna do envolvimento (maternal *gatekeeping*) e foram analisados. Realizou-se análise quantitativa, por meio de descrição das frequências dos documentos elencados a partir de categorias pré-definidas utilizando o pacote estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS), e qualitativa com a descrição dos principais resultados encontrados. As categorias pré-definidas foram: 1) Tipo do estudo; 2) Ano da publicação; 3) Origem do estudo; 4) Enfoque do estudo; 5) Método do estudo; 6) Tipo do acesso aos dados; 7) Técnicas de coleta de dados dos documentos; 8) Técnicas de coleta de dados sobre o *gatekeeping*; 9) Abordagem dos dados; 10) Temas estudados. Por fim, analisaram-se os principais resultados de maneira compreensiva.A revisão de literatura resultou em 36 documentos internacionais, em sua maioria dos Estados Unidos (86%), datados de 2008, 2012 e 2014 (14% cada), artigos (89%), estudos empíricos (83,3%), transversais (36,1%) e com fonte principal mães e pais casados (31%). Maternal *gatekeeping* e Envolvimento Parental foia principal categoria de temas estudados. Os principais resultados compilados indicam que o maternal gatekeeping pode ser um processo dinâmico, contrário ao pensamento linear e unidirecional de que a mãe impediria em certos níveis o acesso do pai à criança. Crenças, valores e atitudes das mães relacionadas ao gatekeeping podem não só mediar o envolvimento paterno, como também facilitar, motivar e reforçar níveis mais elevados de envolvimento do pai com a criança.

Pai, filhos e os estilos parentais: uma comparação entre as práticas educativas positivas e negativas descritas pelo pai e por seu filho

Juliana Vieira Almeida Silva, Amabli Fumagalli, Dayane Canello (UNIVALI)

Criar filhos é uma das responsabilidades mais difíceis e exigentes que uma pessoa pode assumir. A criança em seus primeiros anos de vida exige total atenção dos pais, sendo dependente destes para sua sobrevivência e desenvolvimento. Tornar-se pai e mãe é uma função para qual não existem manuais, os pais vão aprendendo junto com a criança a desenvolver suas habilidades e reconhecer suas necessidades. O presente estudo teve como objetivo comparar as práticas educativas usadas pelos pais, correlacionado os comportamentos do pai em relação a vulnerabilidades e comportamentos funcionais da criança, elencando assim, a importância da relação parental e a interação entre pai e filho estando afim com a proposta do **GT**: Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar. Tratou-se de uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa, no qual os dados para comparações e correlação foram levantados por meio do instrumento Inventário de Estilos Parentais e de um questionário com informações sociodemográficas, a partir desses verificou-se como às influências paternas afetam o desenvolvimento e comportamento infantil, averiguou-se se a criança percebe no seu dia a dia as influências dos comportamentos vulneráveis ou funcionais que o pai exerce sobre ela frente ao seu desenvolvimento. A pesquisa obteve 48 respondentes, sendo 24 filhos e 24 pais, identificou-se a existência dos quatro estilos parentais predominantes sendo eles, dois considerados auxiliares no desenvolvimento de comportamentos pró-sociais e dois de comportamentos antissociais. Os comportamentos pró-sociais são definidos pelos estilos parentais ótimo e bom e os antissociais pelos estilos parentais regular e de risco. A maioria dos pais se considerou ou foi considerado por seus filhos com estilo parental bom, o que os caracteriza como pais que propiciam aos seus filhos desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Os estilos parentais ótimo e bom são considerados como ação parental habilidosa quando relacionadas aos comportamentos positivos dos filhos, sendo que o uso de atenção, afeto e responsividade

estimula as habilidades sociais positivas. Analisou-se também que 16,66% dos filhos descreveram seus pais com o estilo parental de risco, sendo que a mesma porcentagem apareceu quando os pais responderam o teste. As práticas de ações ineficazes do pai são vistas como determinantes do problema de comportamentos das crianças, esses comportamentos podem levar as crianças a terem fracasso escolar e rejeição de colegas, com isso podem contribuir para o aumento no risco de depressão e envolvimento de grupos rejeitados.

Palavras-chaves: Interação pai-criança, Relação parental, Comportamentos.

Proposta de extensão em saúde da família com filhos pequenos: experiência com um grupo de pais

Anndrey K. Sangaletti, Carolina D. de Souza, Elisangela Böing, João Paulo Koltermann, Larissa FetterWegner, Larissa Paraventi, Mônica Barreto, Rovana K. Bueno (UFSC)

O contexto familiar caracteriza-se como um importante promotor de saúde dos indivíduos, principalmente para crianças e adolescentes. Ao considerar sua relevância para o desenvolvimento infantil este trabalho apresenta os resultados de um projeto de extensão que objetivou a reflexão acerca da parentalidade e a troca de experiências parentais que possibilitem práticas educativas positivas e voltadas ao saudável desenvolvimento das crianças, por meio de um grupo de pais. Ele insere-se no GT Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar por ser um relato de intervenção que propõe reflexões para a criação de políticas públicas em saúde da família. O grupo teve periodicidade mensal, com quatro encontros e foi aberto e ocorreu no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina. Os encontros trataram sobre coparentalidade, funcionamento familiar e redes de apoio para a parentalidade; relação entre aprendizagem e afeto; características desenvolvimentais da primeira infância; e limites. Em cada encontro foi entregue um folder com algumas informações sobre o assunto discutido. Ademais, paralelo ao grupo foi criada uma página em uma rede social para a divulgação do trabalho e também para veiculação de informações relevantes sobre o desenvolvimento infantil e proporcionar o esclarecimento de dúvidas de pessoas que não podiam participar dos encontros. Essas atividades possibilitaram conversas, compartilhamento de experiências e conhecimentos que reforçam a importância do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos. Como resultado dessas ações constatou-se uma contribuição às famílias em abertura de um espaço para pensar sobre suas práticas educativas; refletir acerca de suas atitudes e práticas como pais. Sugere-se a realização de grupos fechados, com número limitado de participantes e periodicidade semanal para as próximas edições com vistas a aprofundar as reflexões e trocas de experiências. Destaca-se a relevância social dessas iniciativas, que buscam a aproximação entre os conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento infantil para o público alvo, procuram incentivar práticas educativas não violentas, no aprimoramento da comunicação entre pais e filhos, do relacionamento entre esses, servem como rede social de suporte dos pais e fomentam uma relação de respeito e de ajuda entre os participantes do projeto.

Psicoterapia Breve Operacionalizada aplicada a um caso de luto por acidente de trânsito

Regiane Ribeiro de Aquino Serralheiro (Universidade Cruzeiro do Sul /UMESP),
Maria Geralda Viana Heleno (UMESP)

As perdas por acidentes de trânsito são uma preocupação crescente não só no nosso país como no mundo, e os números no Brasil chegam a 43 mil mortos/ano. Além das vítimas é importante considerar o sofrimento das pessoas que perdem seus entes queridos e que muitas vezes não encontram nenhum tipo de apoio. Por isso os atendimentos breves podem representar uma opção para o atendimento dessas pessoas. Esse é o caso da Psicoterapia Breve Operacionalizada – PBO, que é uma modalidade de atendimento que busca a partir da compreensão da situação-problema, superar as soluções inadequadas, compreender os dinamismos e auxiliar o paciente a esclarecer os aspectos inconscientes de seu comportamento pregresso e o atual, em busca de promover melhor adaptação do indivíduo, por meio de interpretações teorizadas. A PBO tem apresentado resultados profícuos por meio de um trabalho com as situações-problemas em até 12 sessões. O presente trabalho pode ser incluído no GT Clínica da urgência psicológica no contexto das intervenções em saúde, no eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida (PCV), objetiva apresentar o estudo de caso de uma paciente em luto de familiar por acidente de trânsito. Primeiro foi feito o diagnóstico a partir do emprego da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada – EDAO. A situação problema era a situação de perda (luto) da mãe, que faleceu em decorrência de um acidente de trânsito. Em seguida a paciente iniciou o atendimento em PBO. Embora apresentasse resistência e idealizações o que dificultava a resolução da situação problema havia claro potencial de saúde representado pela capacidade de pedir ajuda. A paciente apresentava traços de personalidade que ficam evidentes: confusão, idealização e defesas maníacas. Embora o luto fosse bem recente, no decorrer da PBO a paciente adere ao processo psicoterapêutico e enfrenta a situação de perda o que resultou na redução da intensidade da crise e a utilização de seus recursos adaptativos. Nesse processo foi possível observar a eficácia da PBO por meio da resolução da situação problema.

Palavras chave: PBO, Eficácia adaptativa, Acidente de trânsito.

Apego ao lugar em uma localidade atingida por desastres: um estudo exploratório

Roberta Borghetti Alves, Ariane Kuhnen (UFSC)

Os desastres atingem cada vez mais a população em todo o mundo e ocasionam diversos impactos. Neste panorama, a Defesa Civil depara-se com pessoas que residem em área de risco e que, mesmo quando notificadas por este órgão que devem deixar as suas residências, devido ao risco de acidentes fatais, permanecem neste local, pois criam, um vínculo com a moradia (apego ao lugar) que preferem morrer a deixar sua casa. Diante desta problemática, esta pesquisa buscou compreender as características do apego à moradia localizada em área de risco. O trabalho teve uma perspectiva qualitativa e utilizou-se a abordagem multimétodos para coleta dos dados: *Walk-around-the-block* (caminhada pelo local), documentação fotográfica e entrevista semiestruturada. A pesquisa foi analisada por meio da Grounded Theory com auxílio do software Atlas/Ti 5.0®. A análise consistiu no estabelecimento de categorias, subcategorias e elementos de análise. Foram pesquisadas 18 pessoas que residem em área classificada de muito alto risco onde houve evidências de instabilidade na

moradia, tais como trincas, muros de contenção, cicatrizes de deslizamentos, proximidade da moradia em relação à margem de córregos ou encostas, lixo nas ruas e ausência de saneamento básico. Na análise emergiram duas grandes categorias que contemplaram os principais resultados, a dimensão funcional e a dimensão simbólica do apego ao lugar. A primeira dimensão foi a mais evidenciada pelos participantes, isto ocorreu em virtude da importância da satisfação de algumas necessidades, como ter um lugar para morar e cuidar dos filhos, não precisar ficar na casa dos outros e não ter que pagar aluguel. Para os participantes, ter estas necessidades supridas mostrou-se mais importante do que o risco que correm, demonstrando uma relação de dependência com o lugar. Na dimensão simbólica evidenciou-se a importância que a residência tem para a pessoa, já que os significados estão voltados ao pertencimento ao lugar e ao esforço dedicado à construção da tão sonhada moradia. Com base nesta dimensão e na importância da satisfação das necessidades supracitadas, percebeu-se que os participantes são apegados à moradia e que estas dimensões contribuem para a permanência na casa. Em contrapartida, a ocorrência do desastre natural e os decorrentes sentimentos de insegurança e medo juntamente com as características físicas da moradia influenciaram no apego e no cuidado do ambiente de modo que houve uma ambivalência de sentimentos entre os participantes, repercutindo no anseio entre o partir e o permanecer na casa.

Intervenção psicossocial em contexto de emergências e desastres: experiência de Mariana/MG

Debora Diana da Rosa, Maíra Almeida Carvalho,
Érica Santana Candian (Prefeitura de Mariana/MG)

Este trabalho parte da experiência profissional das autoras no processo de intervenção psicossocial e de saúde mental com as populações atingidas pelo rompimento das barragens de Fundão e Santarém na cidade de Mariana/MG. Ambas eram barragens de rejeitos de mineração, um empreendimento conjunto das empresas de mineração Samarco, Vale S.A. e BHP Billiton. Os distritos de Bento Rodrigues, Paracatu, Pedras, Campinas, Ponte do Gama e toda a bacia do Rio Doce foram afetados pela enxurrada de rejeitos provenientes da extração do minério de ferro. Diante do acontecimento, aproximadamente trezentas e setenta famílias perderam suas casas sendo realojadas, inicialmente em hotéis e atualmente em casas alugadas na sede de Mariana, submetendo-se à perda de suas memórias, referências territoriais e afetivas, além do impacto na garantia de seus direitos. A intervenção junto às famílias apresenta inúmeros desafios, haja vista, os danos e dores causados pela tragédia e o contexto socio-político que envolve a questão. Considerando que o processo de promoção de saúde, envolve – neste caso explicitamente – o auxílio para que essas pessoas exerçam seu protagonismo na luta pela garantia e efetivação de seus direitos e considerando a necessária interconeção entre a clínica e a política para a promoçaõ da cidadania, este resumo aproxima-se das discussões propostas pelo GT “Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania” (IAS). O processo de intervenção junto às famílias é realizado por uma equipe de saúde composta por psicólogos, terapeutas ocupacionais, assitentes sociais e arteterapeutas sendo organizada de forma a promover o resgate da identidade cultural da comunidade, assim como espaços de escuta e ressignificação, além de parcerias com demais serviços, intituições públicas e organizações com o objetivo de promover a saúde e o melhor estabelecimento da população atingida no novo território. Baseamos, assim, nossa intervenção na compreensão de que o empoderamento, essencial para construção cidadã, traz como pressuposto uma postura ativa de enfrentamento de fatores situados em diferentes

esferas da vida social, onde coletivamente se compartilha conhecimentos para ampliação de consciência crítica. Indicando, assim, processos que procuram promover a participação social, o aumento de controles sobre a própria vida por parte de indivíduos e comunidades e à melhoria da qualidade de vida.

Atendimento psicológico numa Unidade de Urgência e Emergência a pessoas que tentaram suicídio

Gustavo da Silva Machado, Lucienne Martins Borges, Maria Emília Pereira Nunes (UFSC)

A tentativa de suicídio pode ser considerada uma demanda de grande impacto nas unidades de Urgência e Emergência, seja pela carga afetiva atrelada ao conteúdo ou pela quantidade alarmante e crescente de casos, já evidenciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O ato de autoagressão, na teoria psicodinâmica, pode ser visto como a simbolização de um pedido de ajuda por meio da passagem ao ato, mais do que um desejo absoluto pela morte. Os serviços de saúde, portanto, precisam estar atentos e preparados para acolher e cuidar de situações assim, as quais fazem parte do debate da vivência e da experiência da violência dentro dos equipamentos e dispositivos de saúde, afim ao eixo temático PCV deste congresso. O objetivo deste trabalho é compreender o atendimento na Unidade de Urgência e Emergência do Hospital Universitário da UFSC às pessoas que tentaram suicídio como um integrante da rede de saúde mental. A atenção especializada às pessoas que tentaram suicídio vem sendo aprimorada desde 2012 no Serviço de Psicologia da Urgência e Emergência do HU/UFSC com a criação de fluxograma de encaminhamento, protocolo de atendimento e, atualmente, serviço ambulatorial. Sobre o último, é oferecido acompanhamento de doze semanas (a depender da evolução) e após isto o encaminhamento pessoalizado para o território, uma vez que este é um dos maiores e potentes dispositivos de cuidado em saúde mental. Considerando tais fatos, a partir de fundamentação teórica e com base nos atendimentos realizados ao longo do ano de 2015 e do primeiro semestre de 2016, busca-se compreender a temática da tentativa suicídio na perspectiva da clínica psicológica no contexto hospitalar em duas instâncias: a entrada na situação de crise e, principalmente, na continuidade do tratamento em ambulatório com base na psicoterapia focal breve. Após, faz-se uma “transição de cuidado” em que o terapeuta vai ao novo serviço apresentar outras possibilidades de atenção. As experiências até agora realizadas mostram que o vínculo, além de instrumento terapêutico, é o elo entre um serviço e outro e isto busca garantir a continuidade do tratamento, uma vez que situações como esta configuram sofrimento psíquico grave marcado pela instabilidade passível de cuidado longitudinal. Pensar-se-á neste trabalho, desta forma, acerca da atuação do psicólogo na porta de entrada hospitalar em confluência com a rede de saúde mental nos municípios da Grande Florianópolis na busca pela garantia da linha de cuidado às pessoas que tentaram suicídio.

A rede de apoio do candidato ao transplante hepático

Leticia M. Gabarra, Paola Nunes Goularte (HU-UFSC)

A avaliação psicológica do candidato ao transplante hepático inclui a investigação da rede de apoio familiar e social, visto que a ausência da rede pode ser um entrave para que o paciente seja listado. O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre a atuação do psicólogo no contexto do pré-transplante hepático, e objetiva discutir sobre a investigação e

intervenção da rede de apoio nesse contexto. Os pacientes hepatopatas candidatos ao transplante possuem o adoecimento crônico com diversas implicações em sua família e grupo social; necessitando de novas organizações para conseguirem oferecer os cuidados. Nesse sentido, o Grupo de Trabalho escolhido para essa discussão é “A rede social no contexto do adoecimento crônico”, pertencente ao eixo temático PCV, subtema Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida. A atuação nesse contexto inclui como pressupostos epistemológicos o modelo multicausal para a compreensão do processo de saúde e doença, a proposta de atendimento multiprofissional do Sistema Único de Saúde (SUS), e a Teoria Relacional Sistêmica. Este trabalho trata de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, a partir das intervenções realizadas pelas psicólogas no Serviço de Transplante Hepático de um hospital universitário de Santa Catarina de atendimentos exclusivos do SUS. A atuação da Psicologia ocorre ambulatorialmente e durante a internação hospitalar, e consiste em inicialmente avaliar o paciente candidato ao transplante, identificando a sua rede de apoio social e familiar. Utiliza-se o Mapa de Rede proposto por Sluzki, no qual caracteriza-se a composição e as funções da rede nos períodos pré, trans e pós-operatórios. Durante esse processo de avaliação realiza-se intervenções conforme as peculiaridades encontradas. Observa-se que a rede dos pacientes com uso prévio de álcool ou drogas costuma ser restrita, e com vínculos frágeis; necessitando de intervenções para ampliação de rede, necessitando de maior suporte institucional da Rede de Atenção Psicossocial. Verifica-se que os pacientes e suas famílias geralmente tem dificuldade na função de ajuda material e instrumental, principalmente para o período de pós-operatório imediato, no qual precisam residir próximos ao hospital por no mínimo dois meses. Considera-se que a intervenção psicológica nesse contexto é fundamental para auxiliar os pacientes e a rede para enfrentarem o adoecimento e tratamento; assim como se reorganizarem para as novas demandas advindas da cirurgia.

Representações sociais da hipertensão e práticas de saúde

Leticia M. Gabarra, Paola Nunes Goularte (UFSC)

O impacto das doenças crônicas não-transmissíveis sobre a população mundial provocou grande mudança no que diz respeito às preocupações sobre saúde pública. No Brasil, mais de 70% das mortes registradas foram motivadas por essas doenças, e a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) está presente em cerca de 22,8% da população. No contexto da aplicação de estratégias terapêuticas no controle da doença, a modificação do estilo de vida e adoção de comportamentos favoráveis à saúde surge como a principal dificuldade na efetivação do tratamento. Por isso, a teoria das representações sociais no estudo da hipertensão arterial pode contribuir para a compreensão do que favorece e o que dificulta a mudança de estilo de vida, o que se torna fundamental para se planejar intervenções eficazes e orientadoras na formulação novas políticas públicas. Este trabalho tem como objetivo verificar as representações sociais da Hipertensão Arterial Sistêmica e as práticas de saúde. Participaram da pesquisa 120 pessoas que vivem com esta condição crônica, sendo 75 mulheres. A média de idade foi de 58 anos (DP = 8 anos). Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e um questionário com questões sobre as práticas de saúde. O material textual da questão sobre o significado da hipertensão foi submetido à análise hierárquica descendente (CHD), por meio do software IRAMUTEQ. Partindo da análise dos dados, é possível identificar comportamentos que demonstram a presença da prática de cuidado e prevenção de saúde nos sujeitos. Os dados apresentam, por exemplo, que 95% dos hipertensos admitiram que consomem remédios para controlar a pressão arterial; 89,2% confirmaram que evitam fumar cigarro, já 73,3% alegaram que procuram diminuir o consumo

de sal na alimentação e pelo menos 58,3% afirmam que evitam consumir bebidas alcoólicas. Já a Representação Social da HAS para a população investigada remete não só à doença em si, mas aos métodos de tratamento, controle e sintomatologia, com ênfase nos elementos de doença grave e silenciosa, que eleva a pressão e necessita de tratamento medicamentoso.

Osteossarcoma como apelo à construção de narrativas: uma análise crítica através da função experiencial da língua

Idonézia Collodel Benetti, Andreana Marchi (UFSC)

O Osteossarcoma gera, enquanto doença crônica, acometimentos e sofrimentos não só psicológicos, mas também físicos semelhantes – dor, recidivas, dificuldade de movimentação do membro afetado, fraturase metástases. O risco de depressão aumenta quando o câncer se encontra em estágio avançado, ou quando ocorre metástase, recidiva, ou a progressão da doença. Para muitos pacientes, a narrativa escrita é uma das estratégias escolhidas para falar sobre a doença, sobre si e seus enfrentamentos como uma maneira de (re)significar a realidade e de (re)construir sua identidade como parte do processo.Através das narrativas, passado e presente recuperam o seu significado. Através das narrativas os indivíduos organizam os significados e o conhecimento que constroem sobre si e o mundo e, a partir daí, interpretam e predizem as experiências pessoais. Neste paradigma, o indivíduo é ao mesmo tempo sujeito e objeto na relação epistemológica, onde o sujeito ocupa um papel central, se interpretando a si próprio na história pela leitura do mundo, num processo constante de atribuição de sentidos. Este estudo tem como principal objetivo verificar as narrativas escritas no blog “Chega de caranguejar”, usado para relataras experiências pessoais e o curso do drama de uma blogueira sobre o câncer, a fim de apontar como tal experiência com risco de morte é percebida e expressa em texto escrito virtual. É um estudo de caso, de levantamento de dados, de cunho exploratório, com base documental de fonte primária (weblog). Quanto à abordagem de análise, caracteriza-se por ser um estudo qualitativo, com base na Gramática Sistêmico-Funcional, envolvendo três categorias gerais da experiência humana – Participantes, ProcessoseCircunstâncias – e na Análise Crítica do Discurso de Fairclough. Os resultados sugerem que o blog funciona como um espaço terapêutico, onde a blogueira relata sua busca pela cura, conferindo poder ao veículo de informação por ela desenvolvido, ao mesmo tempo em que se sente empoderada pelo mesmo.Ela é uma participante ativa do seu próprio drama; ela toma decisões, persegue o que considera valido e significativo e age intencionalmente. Seus registros são constitutivos de tentativas de reafirmação e controle sobre “quem eu sou” e “como tenho vivido e convivido com o osteossarcoma”. Tais resultados contribuíram para trazer mais compreensão para cuidadores, profissionais e pesquisadores, sobre como um paciente com osteossarcoma (re)significa sua realidade, (re)constrói sua identidade durante a sobrevida e lida com uma enfermidade ameaçadora da vida.
Palavras-chave: Câncer. Narrativas. Psicologia narrativa. Análise Crítica do Discurso.

Sintomas depressivos e raiva em hipertensos

Gilberto do Carmo Solano (UMESP)

Objetivo: Identificar a presença de sintomas depressivos e as várias dimensões da raiva em grupos de pacientes hipertensos atendidos de forma consecutiva no Ambulatório de Hipertensão do Centro de Especialidades Médicas do IPSEMG da Cidade de Belo Horizonte

- MG. **Métodos:** Estudo descritivo transversal, realizado no Centro de Especialidades Médicas do IPSEMG em Belo Horizonte - MG, com 40 pacientes hipertensos, com idades compreendidas entre 36 e 84 anos de idade. Para a avaliação de características de raiva dos pacientes foi utilizado o Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço STAXI. O diagnóstico de depressão dos pacientes foi feito usando-se os critérios do DSM-IV e classificados quanto ao grau de depressão, obedecendo à escala Beck de Depressão (BDI). Foram constituídos três grupos de pacientes: sem depressão, portadores de depressão leve e portadores de depressão moderada/grave. A fim de detectar quais dos oito itens da escala STAXI seriam fatores que diferenciariam os pacientes dos três grupos desta amostra, comparamos os oito itens entre esses grupos e os sintomas de raiva. O teste Mann-Whitney, com nível de significância de 5%, foi empregado para analisar a associação entre sintomas de depressão e as características de raiva. **Resultados:** Dentre as oito características de raiva consideradas, apenas o *Temperamento Raivoso* (TP) apresentou diferença significativa na comparação do grupo sem depressão com o de Depressão Leve (p-valor=0,028), levando a rejeição da hipótese nula de igualdade das medianas do escore para os dois grupos em estudo. Comparados os grupos de pacientes classificados como s*em depressão* contra aqueles com *Depressão Moderada/Grave*, os resultados apresentados mostraram diferenças significativas para quatro das oito características de raiva estudadas, *Traço de Raiva* (p–valor = 0,02), *Temperamento Raivoso* (p–valor = 0,021), *Reação de Raiva* (p–valor = 0,013) e *Expressão da Raiva* (p–valor = 0,014).
Por fim houve a comparação dos pacientes classificados como Depressão Leve contra aqueles com Depressão Moderada/Grave. Observa-se que três
características apresentaram diferença significativa sendo eles *Reação de Raiva*

Psicologia escolar, educacional e da saúde no ensino superior

Denise Cord, Simone Vieira de Souza (UFSC)

As políticas de ações afirmativas e a adesão ao SISU (Sistema de Seleção Unificada) do Ministério da Educação pelas universidades garantiram o incremento no ingresso de estudantes de distintas etnias, situações socioeconômicas e regiões nas universidades brasileiras. Tem-se reconhecido, por outro lado, que sem suporte financeiro, pedagógico, cultural, de lazer e à saúde dos ingressantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, dificilmente será garantida a ação afirmativa de superação das desigualdades motivadora desta política pública, devido às dificuldades de permanência, as quais, também, dificultam o sucesso acadêmico. Por entendermos que as ações de acolhimento e de apoio aos estudantes devem incluir políticas institucionais de atenção integrais, interdisciplinares e intersetoriais, defendemos a relevância de um GT que congregue profissionais da psicologia escolar e educacional e da psicologia da saúde, bem como assistentes sociais, profissionais da saúde, pedagogos e sociólogos que desenvolvam pesquisas e intervenções no contexto das instituições de educação superior, especialmente, a partir da implantação do SiSu – Sistema de Seleção unificada do MEC, da oficialização do Programa Nacional de Assistência Estudantil pelo decreto presidencial n° 7234/ 2010 e da implantação do Sistema de Cotas como procedimento de ingresso no ensino federal a partir da Lei nº 12.711/2012. O tema contempla um debate contemporâneo sobre a educação superior, uma vez que a adoção do sistema de cotas e do SiSU pelas IFES contribuiu com a desconstrução da ótica ultrapassada do acesso à igualdade social através da educação superior do indivíduo genérico, desprovido de cor, sexo, idade, classe social, entre outros critérios. As universidades estão recebendo sujeitos historicamente situados, que buscam pelo acesso à vaga exercitar o direito à inclusão,

almejando extinguir ou diminuir o peso das desigualdades impostas econômica e socialmente. A normatização de um sistema de acesso que garante 50% das vagas para negros, pardos e indígenas provenientes do sistema público de educação representa um momento de ruptura na evolução do Estado moderno e traz consigo um campo novo tanto à investigação científica quanto à formação de profissionais para atuar neste contexto de modo a contribuir com a efetividade da inclusão. Nessa direção, se compreende a política de assistência estudantil como um conjunto de princípios que dão direção à implantação de ações, objetivando a garantia de acesso do estudante de origem popular, sua permanência e conclusão no curso universitário nas Instituições Federais de Ensino Superior, e, busca, também, a inclusão social, a formação, a produção de conhecimento, a melhoria no sucesso acadêmico, bem como na qualidade de vida. Como áreas importantes de discussão estão desde o ideário de saúde, o apoio pedagógico e psicológico, a garantia de acessibilidade e acompanhamento às necessidades educativas especiais, assim como o acesso aos recursos para garantir sua sobrevivência (moradia, alimentação recursos financeiros). Este trabalho traz como centralidade a reflexão sobre o cenário das políticas de ações afirmativas e a adesão ao SISU, as histórias e os perfis dos estudantes que são atendidos no programa de assistência estudantil, sua relação com a estrutura universitária, e os desafios colocados para garantir sua permanência. Acredita-se que a relevância do tema e suas interseções anuncia um chamamento a Psicologia Escolar Educacional no âmbito das Instituições de Educação Superior, e, assim, defender-se-á a construção de práticas ampliadas e diferenciadas nesse contexto e área em construção. Considerando-se que a efetividade da inclusão pode ser medida pela conclusão bem-sucedida da educação superior, faz-se importante indagar sobre quais aspectos poderiam ou estão interferindo nesta meta? Estudos têm evidenciado que determinantes pedagógicos, de saúde física e mental, além daqueles próprios às dificuldades de adaptação sociocultural tem contribuído para a evasão e o fracasso escolar nas universidades. Aliadas a estas questões estão a fragilidade das intervenções de profissionais voltados ao atendimento destas pessoas, bem como a desvinculação destas práticas entre si e de um projeto institucional de levantamento e resolução destas. Em síntese, se pretende apresentar ações que possam dar visibilidade por meio de uma perspectiva interdisciplinar e intersetorial de atenção à saúde, desenvolvidas no âmbito da Psicologia Escolar e Educacional, tendo como pano de fundo dessa atuação as políticas de assistência estudantil e de educação inclusiva. Isto posto, serão acolhidos trabalhos provenientes de pesquisa, de intervenção e de problematização teórica que contribuam para a compreensão e a superação da temática do fracasso escolar na educação superior. Objetiva-se que as discussões girem em torno da socialização e construção de conhecimentos que contribuam para a elaboração de referências profissionais para atuação em Atenção Integral e Intersetorial no Ensino Superior, especialmente voltada para a problematização e superação de situações de risco social e/ou de fracasso escolar motivadas por fatores pedagógicos, de saúde física e mental ou de dificuldades de adaptação sociocultural. Objetiva-se mapear e interconectar propostas que possam referenciar a criação de Serviços Institucionais de Atenção à Saúde e ao Sucesso Escolar para além do atendimento individualizado e centrado no(a) estudante, voltado para o reconhecimento e a superação de agravos ambientais, relacionais, pedagógicos, curriculares e/ou institucionais relacionados às situações de risco de fracasso escolar na educação superior.

Estresse no ambiente acadêmico: um estudo transversal com estudantes universitários

Joelma do Nascimento Lameu, Wanderson Fernandes de Souza (UFRRJ)

O ingresso no nível superior de ensino exige uma série de adaptações do estudante que favorece a experimentação de sintomas de estresse. Considerando-se que o estresse em níveis elevados pode comprometer a saúde física e psicológica do aluno, interferindo no bom andamento da sua vida acadêmica, realizou-se um estudo, apresentado como dissertação de mestrado em 2014. Identificou-se a prevalência de stress, através do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), nos estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, relacionando-a com variáveis sociodemográficas obtidas através de um questionário estruturado. A coleta de dados foi realizada em 2013 e utilizou-se um desenho de pesquisa transversal, onde foram inquiridos 635 estudantes de ambos os sexos, numa amostragem representativa por curso, com cerca de 8% do universo estudado. Através dos resultados estatísticos, identificou-se a precariedade na assistência psicossocial ao aluno e a necessidade de criação de programas de assistência à saúde com a contratação de mais profissionais da área. Observou-se a importância do suporte social/ familiar na saúde mental do estudante que, em muitos casos, reside em repúblicas e alojamentos estudantis durante o período de estudos e tem pouco contato com a família. Estes tipos de acomodação se mostraram como uma potencial fonte de estresse. Além da prevalência de estresse, foram também identificadas as fases e a sintomatologia de estresse mais presente. A fase de resistência e a sintomatologia psicológica foram mais predominantes (41,2% e 32,6% respectivamente), assim como houve maior prevalência de stress no sexo feminino (56,2%), entre alunos com menor contato com a família (59,7%) e que residiam em residências privadas (52,3%). Destaca-se também que 59,2% dos alunos já sentiram necessidade de atendimento psicológico, o que estava diretamente relacionado à gravidade da fase de stress. Considerando-se que os estudantes universitários são considerados um grupo especial de investimento social do país, é necessário que se empreenda mais estudos focados nesta área – dando-se ênfase às dimensões mais vulneráveis nessa fase da vida – a fim de se identificar os fatores que predispõem a ocorrência do stress emocional e, consequentemente, sua influência na saúde mental dos estudantes. A identificação de fatores de risco é fundamental para auxiliar as políticas de assistência estudantil, não apenas da instituição estudada, como a de tantas outras com características semelhantes.

Projeto de intervenção participativa em moradia estudantil sob a perspectiva da promoção de saúde

Daniele Souza Steglich, Daniela Ribeiro Schneider, Francine Simon, Luciana Oliveira de Jesus, Luiza Harger Barbosa (UFSC)

Universitários em situação de vulnerabilidade socioeconômica que vêm de outras cidades necessitam de auxílios de permanência como vagas nas moradias estudantis. O acesso propicia uma via de inclusão social pela possibilidade de permanência, entretanto, moradores relatam preconceitos sofridos, dificuldades de convivência e formas de sofrimentos diversas. O Eixo IAS foi escolhido tendo em vista que o trabalho a ser apresentado se constrói na interface entre as políticas de educação do ensino superior e perspectivas de atenção integral à saúde, e tem como objetivo compreender as experiências e dificuldades vivenciadas por residentes de moradia estudantil a partir da realização de projeto de intervenção psicossocial juntamente com os residentes. Trata-se de um Projeto de Extensão no qual estão envolvidos diferentes áreas da Psicologia: saúde, educacional, ambiental e análise institucional, e alunos da graduação e pós-graduação. A perspectiva da promoção da saúde é norteadora da construção teórica e metodológica do projeto, tendo em vista a proposta de que se construam ações coletivas para melhoria das condições de saúde e bem-estar especialmente daqueles

que vivenciam condições de vulnerabilidade. Foram realizados encontros para conhecer o espaços e moradores e levantar junto ao grupo o interesse pelo projeto. Posteriormente, houve a elaboração de um diagnóstico participativo sobre problemas e desafios enfrentados no cotidiano da moradia. Foram identificadas as seguintes dificuldades: regras e regimentos pouco claros ou defasados; falta de coletividade entre os moradores; pouco respeito ao próximo; episódios de discriminação vivenciados pelos moradores no campus; conflitos interpessoais e déficit no acolhimento aos novos moradores. Da devolutiva realizada, decidiu-se formar uma comissão com moradores e equipe do projeto no intuito de ampliar as estratégias de intervenção e o diagnóstico das condições psicossociais. Participantes destacaram que há pouca utilização dos espaços de convivência coletiva e a necessidade de potencializá-los a partir de atividades de lazer e culturais, criando na moradia um espaço de formação e compartilhamento de saberes. Outro ponto primordial para intervenção, apresentado pela comissão, é a necessidade de um projeto de acolhimento aos novos moradores, pois, recorrentemente, os alunos não entendem o funcionamento do espaço e passam a ocupá-lo sem ter muitas referências sobre o local. A construção de um projeto com a participação ativa dos usuários em todas as suas etapas potencializa sua corresponsabilização em buscar soluções para os conflitos e realizar mediação grupal, podendo gerar articulações coletivas no espaço que possam minimizar vulnerabilidades psicossociais.

Acessibilidade no ensino superior: trajetórias de escolarização de alunos com deficiência

Denise Jordão, Denise Macedo Ziliotto (Centro Universitário La Salle)

A história recente da educação inclusiva no Brasil supõe o investimento contínuo na construção de um direito ainda não assegurado a todos. O acesso das pessoas com deficiência à educação superior vem se ampliando significativamente em consequência do desenvolvimento inclusivo da educação básica, pois a política educacional vigente assegura o ingresso do aluno portador de deficiências e de condutas típicas em turmas de ensino regular. Entretanto, em muitos momentos a efetividade desta diretriz ainda precisa se consolidar, pois mesmo quando o aluno consegue reunir condições como acessibilidade e valorização familiar da formação escolar, sua permanência é difícil pois as instituições, a comunidade escolar e ou os professores ainda têm recursos e conhecimentos restritos para garantir seu aprendizado. Considerando este contexto, foi desenvolvida investigação com objetivo de analisar os processos de escolarização de alunos com deficiência que cursam ensino superior, buscando reconhecer necessidades e potencialidades das práticas educativas no que se refere ao atendimento da política educacional destes sujeitos. Os aportes da Psicologia Social e da Pedagogia, especialmente a partir dos estudos sócio históricos, norteiam e balizam a análise da questão proposta, que dialoga com o GT Interdisciplinariedade e Intersetorialidade ao avaliar a acessibilidade no ensino superior. Em termos metodológicos, trata-se de uma investigação qualitativa desenvolvida a partir de pesquisa de campo descritiva, tendo como instrumento entrevistas com intuito de conhecer histórias de vida dos sujeitos da pesquisa. Os resultados evidenciam que, para os alunos que cursaram escolas de educação especial há distanciamento significativo das condições educacionais anteriores, especialmente em relação à acessibilidade oferecida no ensino superior, onde adaptação geralmente precisa ser engendrada por estes sujeitos. Alunos que adquiriram deficiência predominantemente na idade adulta cursaram escolas regulares e encontram dificuldades relativas à sua recente condição, que se intensificam diante das

superações presentes no cotidiano universitário. Observa-se que a escolha do curso encontra-se influenciada – social e institucionalmente - pela avaliação da suposta potencialidade do aluno enquanto deficiente, restringindo a decisão subjetiva do sujeito. Os alunos reconhecem mudanças importantes no decorrer de sua inserção na instituição de ensino, tanto nos recursos pedagógicos que lhe são disponibilizados, quanto nas relações com professores e colegas, advindas das aprendizagens mútuas experienciadas. O apoio de intérpretes de libras, de ledores e de setor de referência para demandas educacionais são decisivos para a permanência na universidade.

Saúde, educação e cultura: desafios das práticas intersetoriais

Daniela Ribeiro Schneider, Leandro Oltramari (UFSC), Tânia Maris Grigolo (CESUSC)

O objetivo do GT é promover a discussão epistemológica e metodológica de ações interdisciplinares na interface saúde, educação e cultura. A intersetorialidade tem sido um desafio para a consolidação das políticas tanto no campo da Saúde, quanto para a Educação e a Cultura, advindos da necessidade da conceituação e construção de práticas que façam frente à complexidade dos fenômenos envolvidos nestas interfaces, sustentados na concepção do sujeito integral e da interdisciplinaridade como princípio de ação. Implica a articulação entre setores sociais diversos na busca de superar a fragmentação dos conhecimentos e das estruturas sociais isoladas. Com isso, a lógica das redes é sua perspectiva. Dessa forma, a Rede de Atenção Psicossocial, a Rede de Ensino e a Rede Cultura Viva, além de outras organizações sociais, têm como desafio planejamento e execução de ações construídas de uma maneira articulada, observando a trama de relações possíveis para usuários e profissionais. Assim, entende-se que a articulação entre distintos setores tem sido percebida como uma fonte eficiente de ampliação das condições de maior cuidado com a saúde das pessoas e uma estratégia de diminuição de vulnerabilidades. Programas como o *Saúde na Escola* (PSE) são exemplos de políticas públicas quem sua origem postulam a articulação da Atenção Básica com o Sistema Escolar público, com foco em territórios concretos, em torno de objetivos comuns, entre os quais: avaliação do estado nutricional, avaliação antropométrica, segurança alimentar, práticas corporais e atividade física e lazer, saúde ambiental, saúde bucal, saúde mental, prevenção ao uso abusivo de drogas, escola da paz. O Programa *Mais Cultura nas Escolas* é outra dessas políticas que tem na intersetorialidade sua essência. Da mesma forma, algumas experiências no campo da *Prevenção* aos problemas relacionados ao uso de drogas têm sido construídas pelo Ministério da Saúde, com base na perspectiva da articulação com outros setores como Educação e Assistência Social. Tais ações e políticas se constituem a partir de uma relação complexa entre sujeito-contexto, dimensão micro-macrossocial, que deve sempre ser levado em conta no planejamento das intervenções. Como pano de fundo da compreensão das problemáticas enfrentadas encontra-se a concepção dos Determinantes Sociais em Saúde e o desafio de construir ações que superem reducionismos e iniquidades. Para tanto, avaliações de programas, de processos, de ações se fazem necessárias, para que se possa verificar a efetividade das proposições construídas. Com isto, o presente GT pretende juntar experiências intersetoriais entre saúde, educação e cultura para realizar uma rede de informações e troca com possibilidade de compartilhamento tanto de experiências exitosas quanto da discussão dos desafios ainda não superados, atendendo a uma das questões mais importantes do campo da psicologia da saúde que é conceber e viabilizar ações com foco no sujeito em sua integralidade. Serão, dessa forma, selecionados trabalhos que promovam a

integração de intervenções nestes campos, vislumbrando ações de promoção de saúde e desenvolvimento educacional e cultural integral de crianças e adolescentes.

Avaliação da satisfação de crianças participantes da implementação de um programa preventivo ao uso abusivo de drogas: um estudo de caso

Milene Strelow, Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

O relato deste trabalho de dissertação de mestrado que está em fase de conclusão, teve como objetivo avaliar a satisfação de um grupo de crianças participantes da implementação de um programa preventivo chamado Jogo Elos no ano de 2015, dando voz a estes atores envolvidos no processo. O "Jogo Elos: construindo coletivos", é um programa de prevenção primária escolar voltado para educandos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, resultante da adaptação transcultural do programa *Good Behavior Game* (GBG), que foi indicado ao governo brasileiro pelo Escritório para Drogas e Crimes da Organização das Nações Unidas (UNODC) como um dos programas preventivos baseados em evidências para atuar no fenômeno do uso e abuso de substâncias psicotativas. O processo de implementação no contexto brasileiro teve início no ano de 2013, por meio da Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas vinculado ao Ministério da Saúde. Por ser um programa de articulação entre os setores da saúde e da educação, justifica-se sua inclusão no eixo temático IAS. Partindo do pressuposto epistemológico da Ciência da Prevenção, que indica a necessidade da avaliação das ações desenvolvidas nesta área, procurou-se através da metodologia qualitativa de um estudo de caso – composto de observação participante, entrevistas com a professora e a multiplicadora do programa e a triangulação destes dados com os grupos focais realizados com as crianças – avaliar a sua aceitabilidade em relação ao Jogo Elos. Os resultados preliminares apontam uma alta aceitabilidade das crianças em relação ao Jogo, o que corroborou com a opinião da professora e da multiplicadora. Os benefícios comportamentais decorrentes da participação no programa indicaram restringir-se aos momentos em que acontecia o Jogo, depois tendendo a turma a voltar as suas características originais. Entretanto, destacam-se resultados nos alunos com comportamentos pouco adaptativos, como os disruptivos e os tímidos, que relataram benefícios nos momentos do jogo e generalizações para outras situações. O desenvolvimento do autocontrole e da empatia através do trabalho em equipe preconizado pelo programa também foram citados como desdobramentos importantes. As limitações dos resultados sugerem que a fidelidade da implementação pode ter interferido na qualidade dos resultados obtidos, conforme também foi encontrado na pesquisa realizada junto aos professores, gestores e multiplicadoras em 2014 (Schneider et al., 2015). O fato das crianças não participarem na construção das regras e combinados, algo sugerido pela metodologia do programa, bem como os poucos momentos em que o jogo foi realizado durante a semana (em média uma vez por semana) e apenas a partir de agosto/2015 indicam que os efeitos positivos poderiam ter tido mais impacto.

Oficinas com adolescentes de uma escola aberta: buscando a promoção de bem-estar psicossocial

Renata Petry Brondani, Joana Missio, Fabiana Muller Schmitt, Camila Almeida Kostulski, Patrícia Paraboni, Dorian Mônica Arpini (UFSM)

O presente trabalho objetiva explanar sobre a atuação no Projeto de Extensão intitulado "Oficinas com adolescentes em uma Escola Aberta: discutindo sobre violência, sexualidade, drogas e projeto de vida", vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Acredita-se que a proposta desse trabalho está em consonância com o eixo temático "Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde" (sigla IAS), do subtema "Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação", assim como do GT "Saúde, Educação e Cultura: desafios das práticas intersetoriais", uma vez que as oficinas da Psicologia no contexto de uma Escola Aberta configuram uma possibilidade de promoção de saúde psicossocial. As escolas que funcionam na modalidade de Escola Aberta consideram em suas propostas pedagógicas as histórias pessoais e realidades concretas dos estudantes e proporcionam um espaço acolhedor para adolescentes em situação de risco e exclusão social. Nesse contexto, acredita-se ser fundamental o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar em prol da promoção de saúde. Com isso, surgiu a proposta das oficinas da Psicologia cujo objetivo é possibilitar espaços de compartilhamento de experiências que, muitas vezes, são permeadas por contextos violentos. Além disso, visa dispor aos estudantes uma atenção qualificada, de modo a considerá-los sujeitos em sua integralidade. Na realidade brasileira, a marginalidade e a exclusão social têm alcançado índices alarmantes devido aos fatores: isolamento, pobreza, violência, fome, desemprego e limitações de oportunidades. No caso desses adolescentes, vários fatores de risco somam-se aos conflitos próprios desta etapa. Nas oficinas, muitos estudantes relatam vivências de violência, sejam sofridas e/ou atuadas. Os atos de violência praticados por eles podem configurar o que Winnicott denominou de tendência antissocial. Devido a isso, destaca-se a importância da relação com o outro, por meio da tolerância e compreensão no manejo de comportamentos antissociais. O presente trabalho trata de um relato de experiência acerca das oficinas, que ocorrem quinzenalmente, com os alunos distribuídos em três grupos conforme a faixa etária e sexo. Percebe-se que vem sendo estabelecida uma relação de confiança nas oficinas, pois os participantes abordam questões difíceis de suas trajetórias de vida, como uso de drogas, relações familiares conturbadas, situações de sofrimento, percepções sobre a escola e dificuldades de vivências diárias. Portanto, através das oficinas busca-se promover um espaço de elaboração de suas experiências de vida com o intuito de contribuir para maior bem-estar psicossocial dos participantes.

Intersetorialidade na implementação de programa de prevenção ao uso abusivo de drogas

Girlane Mayara Peres (UFSC)

O território é o local que envolve normas, crenças, culturas das pessoas que nele habitam, é um espaço rico e complexo e precisa ser reconhecido no planejamento e implantação de políticas públicas. Entende-se que diversos setores públicos territoriais devem planejar suas ações e serviços mediante o contexto, como é o caso das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e escolas públicas. As relações intersetoriais entre esses dois serviços propiciam a reestruturação e reunião de vários saberes, tornando a compreensão e as ações territoriais mais complexas e de melhor resolubilidade. Uma das possíveis ações conjuntas entre a escola e UBS é a prevenção ao uso de drogas, já que ela foi prevista como uma das diretrizes do Programa Saúde da Escola (PSE), sendo que uma das estratégias de prevenção sugeridas pela Organização Mundial da Saúde é o desenvolvimento de habilidades de vida. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa que possui como objetivo compreender as percepções

dos profissionais e gestores da saúde e educação sobre a articulação intersetorial para a implantação de um programa de prevenção ao uso de drogas. Essa pesquisa vai ao encontro do Eixo temático (ET) Interdisciplinaridade e Intersetorialidade e subtema: Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação, uma vez que o ET e a pesquisa relacionam a intersetorialidade entre políticas públicas para a promoção de saúde e prevenção de doenças ou agravos. Teve como método abordagem qualitativa, realizou-se entrevistas semi-estruturadas e grupo focal com dezoito profissionais e gestores de educação e saúde de três escolas e três UBS do município de Florianópolis. Utilizou-se análise de conteúdo para o tratamento dos dados. Com a materialização da articulação intersetorial no programa de prevenção ao uso de drogas pode-se encontrar resultados positivos no território e nos serviços como o início e/ou aumento do diálogo e corresponsabilização entre os serviços de saúde e educação no cuidado às pessoas, mudanças na percepção da dimensão saúde dentro do espaço escolar. No entanto, ainda tem-se como desafio superar diferenças políticas e ideológicas entre gestões dos diferentes setores envolvidos, que se desdobram nas dificuldades de alguns profissionais da saúde e educação não compreenderem o significado de intersetorialidade, implementando, na prática, uma multissetorialidade. Tal compreensão parece afetar o processo de trabalho dos demais profissionais e o planejamento e ações dos serviços.

Avaliação da satisfação de adolescentes no processo de implementação do programa preventivo *Unplugged*: uma análise por triangulação de métodos

João Fillipe Horr (FURB), Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

Este trabalho consiste nos resultados da avaliação da satisfação dos educandos participantes no processo de implementação do programa preventivo *Unplugged* nas escolas do município de Florianópolis. Integra-se ao Grupo Temático (**IAS 2.1**.) por assumir a avaliação em saúde como uma das premissas contemporâneas para garantia dos resultados e continuidade das ações nas políticas públicas em saúde e educação. Teve por objetivo avaliar a implementação do programa na perspectiva dos adolescentes, como um dos componentes para fins de *aceitabilidade* no contexto real de prática. Utilizou-se, como pressuposto epistemológico, a teoria da avaliação em saúde e a construção de um desenho lógico adequado a realidade da avaliação da implementação, a partir das categorias satisfação e aceitabilidade na implementação. Caracterizou-se como uma pesquisa avaliativa, de corte transversal, a partir de delineamentos metodológicos mistos e a estratégia de triangulação de métodos para análise dos dados. Participaram 323 educandos participantes na etapa quantitativa e 30 educandos voluntários para a etapa qualitativa, das sextas, sétimas e oitavas séries do ensino fundamental pertencentes às escolas experimentais que receberam o programa. Utilizou-se dois instrumentos: o Questionário de Satisfação EU-Dap para a etapa quantitativa e grupos focais para a etapa qualitativa. A análise por triangulação buscou o diálogo entre os delineamentos, sendo utilizadas estatísticas descritivas para os dados quantitativos e a análise de conteúdo através dos princípios da *grounded theory* para os dados qualitativos. Os resultados apontaram a aceitabilidade do programa na percepção dos adolescentes, a partir da satisfação positiva dos educandos no que se refere a apreciação de participar do programa *Unplugged*, sendo a metodologia interativa como um dos pontos positivos fortes comparados com outras experiências de programas preventivos. Foi possível identificar mudanças significativas na percepção sobre o conhecimento dos riscos do uso de drogas e o desenvolvimento de habilidades intrapessoais, mas com resultados discretos para habilidades interpessoais e na mudança das relações com o professor. A partir dos resultados desta

pesquisa, apontou-se a necessidade de valorização da perspectiva dos adolescentes, como as expectativas e atitudes dos educandos em relação aos sujeitos que implementam os programas. A necessidade do diálogo entre pesquisa e intervenção se faz necessária, a partir da construção de uma cultura avaliativa, afim de garantir as vozes de todos os atores envolvidos em intervenções complexas.

Estudo descritivo-exploratório sobre o vínculo pai-bebê e sua relação com a via de parto

Yago Luksevicius de Moraes, Karina Sena Müller Argenta, Manuel Morgado Rezende (UMESP)

Sabendo da importância que se tem atribuído à figura do cuidador no desenvolvimento infantil, principalmente à mãe enquanto se negligencia o pai e outros membros da família, tendo em vista as mudanças estruturais que a instituição familiar tem sofrido nas últimas décadas, as denúncias de violência obstétrica e reconhecendo que a chegada de um bebê é um acontecimento importante para os homens, os quais, desejando ou não esse bebê, serão afetados por tal acontecimento, este trabalho teve por objetivo descrever e analisar o vínculo pai-bebê e a relação com as vias de parto entre quatro homens e seus bebês de até 36 meses de idade. Os participantes foram indicados pelo grupo de estudos “gestação, parto, pós-parto e desenvolvimento”, da Universidade Metodista de São Paulo, e após todos os cuidados éticos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, o procedimento de Desenho-Estória com Tema, tendo como tema a paternidade, o preenchimento de um questionário sociodemográfico e aplicação da Escala de autoestima de Rosemberg e Escala fatorial de satisfação com o relacionamento de casal. As entrevistas foram analisadas individualmente com o método da Análise Fundamentada nos Dados (GroundedTheory). Os desenhos-estórias foram analisados tanto separadamente como em conjunto, depois comparados com as análises das entrevistas para cada participante e depois sintetizado os resultados dos quatro participantes. Foi encontrado que todos os participantes parecem estar profundamente identificados com o papel paterno, vendo-o como algo positivo e gratificante, têm autoestima elevada e estão satisfeitos com o relacionamento que possuem com a mãe da criança. O vínculo com o bebê foi construído ainda na gestação ou anterior a essa e mudando em função da etapa do desenvolvimento do bebê. A escolha da via de parto foi distinta entre os participantes e aparentou não influenciar o vínculo, sendo a história de vida de cada participante, aparentemente, a variável mais influente tanto na escolha da via de parto quanto na vinculação. Apesar disso, ressaltase a necessidade de mais pesquisas, especialmente pesquisas que abordem uma população distinta da encontrada neste estudo e apontamos a contradição conceitual de se trabalhar com o conceito de Violência Obstétrica com uma população de homens. Com base no exposto acima, o presente trabalho encaixa-se dentro do Grupo de Trabalho “Gestação, parto e pós-parto” (eixo: IPR).

Função reflexiva e capacidade de mentalização materna em contexto de prematuridade: repercussões a partir de uma intervenção em UTIN

Márcia Pinheiro Schaefer, Tagma Marina Schneider Donelli (UNISINOS)

As interações primárias mães-bebês têm adquirido relevância por sua influência na constituição da personalidade e são amplamente estudadas através da formação do apego,

quando a capacidade de mentalização materna destaca-se como determinante na instauração de um apego seguro, responsável pela constituição de relações afetivas positivas, influenciando no desenvolvimento do psiquismo infantil. Diante de um nascimento prematuro e da permanência do bebê em Unidades de Terapias Intensivas (UTIN), emergem na mãe sentimentos de fracasso e incertezas que, aliados às vivências do bebê, podem afetar a construção deste vínculo primário, gerando manifestações sintomáticas no bebê e afetando o estado emocional materno, justificando a necessidade de propostas de intervenções voltadas à interação mãe-bebê neste contexto e a inclusão deste estudo no GT intitulado *Intervenções Psicológicas na Atenção Hospitalar*(eixo temático IPR). Assim, este estudo objetivou compreender como uma intervenção psicoterápica realizada com duplas mãe-bebê prematuro, durante a internação em UTIN, repercute na capacidade de mentalização materna. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de intervenção, de caráter exploratório e descritivo, através do estudo de casos múltiplos, com avaliações antes e após a intervenção. Participaram duas mães e seus bebês prematuros, internados na UTIN do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas de Porto Alegre, RS. Os instrumentos usados antes da intervenção foram a Ficha de Dados Sociodemográficos e Clínicos, Entrevista de História de Vida da Mãe e após, a Entrevista de História da Internação e como subsidio à análise qualitativa, utilizou-se o Diário Pessoal. Analisou-se os dados através de dois eixos temáticos: a) *Representações maternas sobre si mesma; b) Representações maternas sobre o bebê*. Os resultados apontaram mudanças na capacidade de mentalização maternas, favorecendo a formação de vínculos propícios ao desenvolvimento do bebê. Os achados sugerem que o estudo pode contribuir para a aplicação de intervenções em UTIN que enfoquem as relações iniciais entre mães e bebês prematuros em UTIN.

A perspectiva de profissionais da saúde sobre o que é possível aprender com bebês

Amanda Schöffel Sehn, Beatriz Schmidt, Rita de Cassia Sobreira Lopes (PPGP/UFRGS)

Apesar de inúmeras considerações acerca do cuidado de bebês, pensar no que eles podem ensinar é uma reflexão pouco frequente entre profissionais da saúde e na literatura. O entendimento do bebê como ser ativo dificilmente é referido no contexto hospitalar, visto que nem sempre suas reações diante de técnicas e procedimentos médicos são consideradas. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi investigar a percepção de profissionais que atuam em hospitais sobre o que é possível aprender com bebês. Essa proposta insere-se no GT “Intervenções psicológicas na atenção hospitalar” (eixo temático: IPR). Trata-se de uma investigação exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, em que foi utilizado delineamento de estudo de caso múltiplo. Participaram duas profissionais (enfermeira e psicóloga) que atuavam no contexto hospitalar, com experiência na UTI pediátrica, junto a bebês gravemente enfermos. As participantes foram selecionadas por conveniência e responderam entrevista semiestruturada. Realizou-se análise de conteúdo qualitativa, sendo derivadas dos dados duas categorias: sensibilidade aos aspectos não verbais da comunicação humana e investimento nos bebês. A primeira categoria trata dos aprendizados desencadeados a partir da comunicação estabelecida entre profissionais e bebês, a qual não passa pela via da palavra, por ser não-verbal. Isso demanda das profissionais uma postura empática, que requer atenção e sensibilidade aos sutis sinais emitidos pelo bebê, no intento de compreender as suas necessidades. A segunda categoria aborda aprendizados referentes à importância do investimento nos bebês, pela experiência das participantes em observar o quanto o investimento da família parece fundamental ao desenvolvimento do bebê. Em função da gravidade do estado de saúde dos bebês no contexto da UTI, em algumas situações a

aproximação por parte dos familiares costuma ser cautelosa, face ao medo da morte. Destaca-se ainda que o distanciamento da técnica e da expertise para discorrer sobre aspectos subjetivos que permeiam a relação estabelecida com o bebê pareceu ser difícil, em especial para a profissional da enfermagem. A partir disso, é possível assinalar que o questionamento "o que podemos aprender com os
bebês?" foi recebido com surpresa pelas participantes, considerando a especificidade de cada especialidade. Isso sugere que, embora as profissionais considerassem a importância de uma postura empática e do investimento emocional da família no bebê, demonstrou-se desafiador para elas abordar a subjetividade que perpassava o próprio trabalho que desempenhavam.

A musicalização como intervenção precoce junto a bebês com risco psíquico e seus familiares

Tatiane Medianeira Baccin Ambrós, Aruna Noal Correa,
Ana Paula Ramos de Souza (UFSM)

Objetivo: Analisar os efeitos da musicalização comointervenção precoce junto a bebês em risco psíquico e seus familiares, a partir do estudo de casos. Analisar a eficácia desse método para eliminação/minimização do risco psíquico do bebê, verificar os possíveis efeitos no comportamento familiar a partir dos encontros musicais, e também refletir sobre a percepção dos familiares acerca da experiência proposta. Escolhemos o GT Implicações da Psicologia do Desenvolvimento para as ações em promoção da saúde da família e da criança, por acreditar e comprovar após a pesquisa de mestrado que a intervenção precoce, o trabalho com a música no fortalecimento do vínculo na relação mãe- bebê e familiares é importante para o desenvolvimento da criança. Quando intervimos com a família estamos promovendo saúde para todos os participantes da mesma. Sigla: PCV. **Pressupostos epistemológicos**: Utilizamos a teoria psicanalítica deWinnicott, baseada nas relações familiares entre criança e o ambiente. **Método:** O estudo constituiu-se de uma pesquisa qualitativa longitudinal com estudo de casos. Amusicalização ocorreu com a participação de três bebês, com idades entreseis e nove meses e seus familiares, um bebê a termo com risco psíquico evidente (I), um bebê prematuro tardio com risco psíquico menos grave (K) e uma menina nascida a termo sem risco psíquico (L), juntamente comsuas mães e, em alguns encontros, com os irmãos. De um total de dez encontros.A detecção precoce foi realizada pelos indicadores clínicos de risco ao desenvolvimento e pelos sinais PREAUT. A análise da evolução dos bebês se deu pela análise qualitativa das filmagens dos encontros musicais e por meio da aplicação da escala de comportamentos mãe-bebê para análise da evolução dos comportamentos intersubjetivos. **Resultados e conclusões:** Os efeitos foram positivos para o avanço do bebê com risco mais grave (I) (de evolução para autismo) na sua integração psíquica, também houve progressos psicomotores, cognitivos e linguísticos. Os outros dois bebês evoluíram em seus comportamentos musicais e na socialização. O bebê com risco psíquico leve (no laço) (K) teve seu vínculo com a mãe fortalecido, assim como a bebê L. A musicalização proporcionou maior interação dos bebês com os familiares e na sua convivência social**.Considerações finais**: a pesquisa demonstrou que a musicalização pode ser um dispositivo de intervenção precoce, eficaz em casos de risco psíquico de bebês. Pode ser utilizada de modo exclusivo ou associada à intervenção clínica individual.

Estudos psicométricos da Escala de Ansiedade no Trabalho (EAT – 35)

Luciano Franzim Neto, Luciana Amorim, Aline Battisti Archer,
Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz (UFSC)

Ansiedade é um construto amplamente pesquisado em diversas áreas de conhecimento. Nessa pesquisa é compreendida de acordo com os pressupostos da Organização Mundial da Saúde como um sinal de alerta, associada as reações cognitivas e fisiológicas que, por vezes, torna-se desagradável. Em determinadas ocasiões ela pode ser benéfica, pois favorece um estado de maior atenção que pode facilitar a adaptação do ser humano a novas situações. A ansiedade é um dos transtornos com maior prevalência no contexto organizacional, sendo este objeto de estudo do Grupo de Trabalho -Transtornos Mentais e Comportamentais no Trabalho. Uma forma de mensurar a ansiedade é por meio do uso de escalas, que possuem evidências de validade e precisão. O objetivo desse estudo é construir e validar uma escala para avaliação de ansiedade no ambiente de trabalho. Com base em três fatores da ansiedade contidas na literatura, Humor, Cognição e Comportamento, foi construída a Escala de Ansiedade no Trabalho (EAT-35). Os dados foram coletados a partir das respostas de 220 trabalhadores do Estado de São Paulo com idade média de 34,27 (DP=9,83) sendo a maioria (84,5%) do sexo feminino e 64,5% tinham ensino superior. Foram calculadas estatísticas descritivas, análise fatorial e alfa de Cronbach. Para analisar a fatorabilidade da matriz de dados, examinou-se o índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,856) e os resultados do teste de esfericidade de Bartlett (χ^2= 6176,003,282; $p<0,001$). Esses resultados confirmam a fatorabilidade do construto. Nessa análise foram identificados três componentes, que explicaram 46% da variância total. As cargas fatoriais variaram entre 0,80 e 0,40, dentro do fator esperado para cada item. Em relação à precisão da escala, os coeficientes de Alfa de Cronbach variaram entre 0,91 e 0,86 entre os fatores e 0,93 ao considerar o total da escala. Com os resultados produzidos pelas análises deste estudo é possível concluir que a Escala de Ansiedade no Trabalho (EAT-35) pode ser utilizada como uma ferramenta para mensurar a ansiedade no trabalho.

O adoecimento do professor e o processo de readaptação: contribuições da psicologia histórico-cultural[1]

Ana Teresa Fernandes Barros, Marilda Gonçalves Dias Facci
(Universidade Estadual de Maringá)

Estamos nos deparando, atualmente, com um grande número de professores afastados do trabalho ou readaptados em novas funções por problemas de saúde que impossibilitam atividade em sala de aula, o que se constitui em temática de estudo para a Psicologia. Assim, nosso objetivo é apresentar dados de pesquisa acerca do adoecimento e a medicalização entre os professores readaptados, com base nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. A partir das leituras das obras de A.N. Leontiev e B. Zeigarnik buscamos compreender a relação entre o sentido da atividade e a psicopatologia cada vez mais presente nesta categoria profissional. A metodologia utilizada foi o levantamento de artigos consoantes à temática investigada e entrevista com 20 professores readaptados da Educação Básica, de uma cidade do Norte do Paraná. Como resultados, encontramos apenas 14 artigos, que tratavam da saúde e adoecimento do professor. Em relação às entrevistas, constatamos que 12 professores foram afastados por transtornos psíquicos, sendo os transtornos mais

significativos: depressão, síndrome do pânico e transtorno de ansiedade. Os demais foram afastados por problemas físicos de saúde diretamente ligados aos excessos da atividade profissional: perda da voz, lesões, articulações prejudicadas por sobrecarga, entre outros. A grande maioria dos professores sinaliza que seu adoecimento foi influenciado por seu trabalho em sala de aula e como via de mão dupla, seu desempenho foi prejudicado pelo sofrimento que acompanha as patologias. Aqueles que foram diagnosticados com transtornos psíquicos tiveram mais dificuldades em alcançar a readaptação, uma vez que não havia compreensão acerca da verdadeira dimensão do sofrimento. Em todos os casos, especialmente aqueles em que o professor retorna à escola sem uma função específica, sentem-se desvalorizados e citam a sensação de perda da identidade, pois são vistos com desprezo por alguns colegas de trabalho. Em contraposição, alguns professores encontram na readaptação o caminho para melhoria na atuação profissional, pois são retirados do ambiente estressor e da sobrecarga. Concluímos que dar visibilidade a este grupo de professores é essencial para refletir sobre o desgaste emocional e proporcionar o apoio que necessitam para o enfrentamento do problema. Também identificamos nesta temática a união da Psicologia Escolar, do Trabalho e da Saúde, permitindo que novas investigações sejam realizadas nas escolas para compreender o adoecimento dos professores, bem como pensar políticas educacionais que reduzam o sofrimento do processo de readaptação.

Associação entre variáveis sociodemográficas e ocupacionais e prevalência de transtornos mentais e do comportamento em servidores públicos do estado de Santa Catarina

Rafaela Luiza Trevisan (PPGPsi-UFSC)

Os transtornos mentais e comportamentais (TMC) estão entre as patologias mais prevalentes, que acometem diversas categorias de trabalhadores, inclusive, servidores públicos, e implicam prejuízos pessoais, institucionais, econômicos e sociais, dentre eles a ausência por doença ou absenteísmo-doença. *Objetivo da pesquisa*: verificar a associação entre variáveis sociodemográficas e ocupacionais e a prevalência de TMC em servidores públicos estaduais catarinenses. Foi uma pesquisa de delineamento epidemiológico, descritivo, com corte transversal, de abordagem quantitativa. *Resultados e conclusão*: verificou-se que os TMC se destacam no absenteísmo-doença no contexto nacional e internacional. O perfil epidemiológico dos servidores públicos estaduais catarinenses, acometidos por TMC e afastados em licença para tratamento de saúde demonstrou que cerca de 19,31%, do total de servidores (45.388 indivíduos aproximadamente), esteve em licença, pelo menos uma vez, nos quatro anos analisados, com recorrência de dois terços e gastos de mais de R$3.000,00, em média, por servidor apenas com salários pagos. Houve diferenças significativas em termos de prevalência entre os diferentes grupos comparados, como entre homens e mulheres. Transtornos do humor [afetivos] e Transtornos neuróticos, transtornos relacionados ao estresse e transtornos somatoformes requerem especial atenção, pois apresentaram prevalências de 57,40% e 39,54% (96,89%), entre os 8.765 casos de absenteísmo-doença por TMC. Para esses dois grupos de TMC foi verificada associação entre sexo, idade, estado civil, escolaridade, faixa salarial e tempo de serviço ($p<0,001$; $p=0,004$). Os transtornos do humor (TH) foram majoritariamente classificados como episódio depressivo ou como transtorno depressivo recorrente e os transtornos neuróticos, transtornos relacionados com o estresse e transtornos somatoformes (TA), como outros transtornos ansiosos e reações ao estresse grave e transtorno de adaptação. Entre os servidores em ausência por doença, por TMC encontraram-se diferenças importantes entre o grupo de TH e TA. Essas diferenças, o

elevado percentual de absenteísmo-doença por TMC (40,14%), e a influência dessas diferenças detectadas no perfil dos servidores (afastados e não afastados) são temas relevantes para futuras investigações.
Dado ser uma proposta de comunicação oral a respeito da prevalência de TMC em servidores públicos, está de acordo com o Grupo de trabalho cujo eixo temático é *Psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida*, subtema *Saúde do Trabalhador* e título *Transtornos mentais no trabalho.*

Evidências de transtornos mentais e comportamentais relacionados ao assédio moral em servidores públicos do estado de santa catarina

Izabel Carolina Martins Campos (PPGEP, UFSC)

Os Transtornos Mentais e Comportamentais (TMC) estão entre as patologias que mais afastam os servidores públicos estaduais de Santa Catarina do trabalho e a prática do Assédio Moral no Trabalho (AMT) é uma ameaça à saúde física e mental destes trabalhadores. **Objetivo:** apresentar evidências da relação entre TMC e AMT na perícia de servidores públicos de Santa Catarina. **Pressupostos epistemológicos:** foram utilizadas abordagens com base teórica de HIRIGOYEN, Marie France; PYÑUEL Y ZABALA, Inaki; PARÉS SOLIVA, Marina; BARRETO, Maria Margarida; e outros.
Método: trata-se de uma pesquisa *ex-post*-facto, descritiva, de abordagem quali-quantitativa. Partiu-se de um Roteiro de Investigação, criado para este fim, em 100 prontuários de saúde de Servidores ativos e efetivos, com idades entre 18 e 70 anos, que foram periciados e se afastaram em Licença de Tratamento de Saúde (LTS), no período de 2008 a 2010. O critério de inclusão destes prontuários foi o servidor em LTS com indicativos de evidências de violência psicológica no trabalho praticado por chefias, seus pares, subordinados, ou usuários do serviço público. O estudo, cujos dados foram tratados por meio de estatística descritiva e análise qualitativa, seguiu roteiro de investigação, contemplando categorias como: violência, trabalho, adoecimento e incapacidade.
Resultados e conclusão: há evidência de relações entre AMT e TMC. O AMT é um fator que deteriora as relações de trabalho, gera sofrimento, adoecimento ocupacional, incapacidade, disfunção organizacional, além de decorrências com benefícios previdenciários e custos humanos e financeiros às organizações do poder executivo estadual. A instituição que for notadamente reconhecida como praticante de AMT tem sua imagem maculada perante a sociedade, pois se utiliza de meios arbitrários, constrangedores, que humilham a dignidade da pessoa, causam-lhe sofrimento e danos à saúde.
Palavras-chave: evidências de assédio moral, trabalho, saúde do trabalhador, adoecimento, incapacidade para o trabalho.

A promoção de saúde mental e a construção de uma prática com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS)

Charlie Paulina Ody, Fernanda Furini (Sociedade Educacional Três de Maio – RS)

A atenção básica apresenta muitas possibilidades de intervenção. A área da Psicologia pode contribuir com ações voltadas à promoção de saúde e qualidade de vida dos usuários do SUS e, neste contexto, acreditamos que esta intervenção possa ser incluída no eixo três, de sigla IPR, primeiro subtema. O objetivo desta intervenção foi trabalhar a promoção de saúde mental

em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de um município do noroeste do RS, em parceria com os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs). Método: trata-se de uma abordagem qualitativa que se utilizou de pesquisa-intervenção e pesquisa bibliográfica para trazer aspectos relevantes a serem explorados em relação à promoção de saúde mental. Estabelecido vínculo com os ACSs, foram levantados e analisados os cadastros das famílias do município que cada ACS era responsável. Tabelados e verificados os dados, levantou-se as necessidades e através de uma proposta de trabalho grupal comunitário, com o apoio e participação ativa dos ACSs em todo o processo de intervenção, realizou-se ações voltadas à saúde mental, em especial à prevenção do suicídio. Também participaram da intervenção os profissionais e usuários das equipes Estratégia Saúde da Família (ESF) da UBS, as secretarias municipais (saúde, assistência social, agricultura, educação e cultura) e conselhos municipais. Meios de comunicação como jornal, rádio e TV locais, e a organização não-governamental CVV (Centro de Valorização da Vida). Resultados: a intervenção pôde dar visibilidade ao trabalho dos profissionais ACSs, empoderando-os e motivando-os. Através do vínculo estabelecido, foi possível realizar um trabalho contínuo em promoção de saúde, contribuindo para a participação dos demais profissionais da equipe ESF nas intervenções, como: o movimento do setembro amarelo com o CVV, trabalhando a valorização da vida através de várias atividades (laço amarelo, panfletos, pedágio, confecção de camisetas alusivas à data, enfeite da UBS) no mês de setembro, especialmente no dia 10 que marca o dia mundial da prevenção do suicídio, movimentando todo o município e os meios de comunicações locais. Os encontros grupais nas comunidades urbana e rural – ação resultante do levantamento da demanda do município com os ACS – trouxeram novas perspectivas de saúde e qualidade de vida às pessoas, integrando-os aos profissionais da equipe da UBS, possibilitando encaminhamentos adequados em relação às tentativas de suicídio e à promoção de saúde mental. Assim, é possível acreditar e potencializar ações que integram a Psicologia e a promoção de saúde na atenção básica, propondo ações conjuntas que resultam na melhora da condição de vida e de saúde mental dos usuários, através do viés da clínica ampliada.

Saúde psíquica dos profissionais dos postos de saúde que atuam como nutricionistas, psicólogos e fonoaudiólogos

Bruna Caron, Cláudia Reis Flores, Loren Aita Riss
(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI/FW)

A presente pesquisa tem o objetivo investigar os processos de saúde psíquica relacionados às condições e a organização do trabalho dos profissionais dos postos de saúde, que atuam como nutricionistas, psicólogos e fonoaudiólogos. Tem como objetivos específicos compreender se existem fatores que geram prazer e/ou sofrimento no trabalho, identificar possíveis dificuldades e/ou facilidades no exercício do trabalho, investigar a visão dos trabalhadores frente ao reconhecimento do seu exercício profissional e compreender as implicações da organização de trabalho que caracterizam os processos de saúde e doença. O referencial utilizado para embasar o estudo é a Psicodinâmica do Trabalho, visando à compreensão dos aspectos psíquicos e subjetivos mobilizados pelos trabalhadores, as relações sócio profissionais e a organização do trabalho, no que tange ao prazer/sofrimento e sua repercussão na saúde mental. A pesquisa está sendo realizada numa cidade ao Norte do RS e tem delineamento de abordagem qualitativa e descritiva. É derivada de uma pesquisa maior, ainda em andamento, denominada: Clínica do trabalho: processo de saúde psíquica de profissionais de saúde pública. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas

semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas, com a análise dos dados baseada no método proposto por Bardin. Este está configurado mediante a construção de categorias que propiciem a análise dos achados com base cientifica e técnica, dando validade ao estudo proposto. Os resultados preliminares da pesquisa são evidenciados pelo sofrimento originado pelas dificuldades percebidas no exercício da profissão, relacionadas aos recursos limitados e as questões partidárias, diminuindo a equidade entre trabalhadores. Estas resultam em ameaças, punições e a realização de um trabalho que, muitas vezes, afasta-se de seu foco e de seus objetivos primordiais. Quanto aos fatores que geram prazer no trabalho, o resultado obtido está associado à percepção dos profissionais quanto às relações estabelecidas com os pacientes, referindo proximidade com os mesmos. Afirmam, ainda, que se sentem reconhecidos por estes, propiciando sentimento de satisfação e afinidade com a escolha profissional. Conclui-se que há reconhecimento laboral por parte dos colegas de trabalho e de pares, gerando sentimento de utilidade e produtividade nesses profissionais. Existem déficits no que tange às condições de trabalho e nas formas de gestão da organização, impactando nas relações socioprofissionais e nos resultados do trabalho. A pesquisa tem intenção de ampliar a reflexão e a autogestão dos trabalhadores nesse contexto, visando futuras intervenções e a promoção de saúde.

Palavras-chave: Saúde psíquica no trabalho, Postos de saúde, Psicodinâmica do trabalho.

Experiências multiprofissionais de estudo de caso com equipes de unidades de saúde da família

Natielle Lopes Borges, Luana Sabrina Correa (ESP/RS)

Este trabalho propôs identificar as percepções de Equipes de Saúde da Família sobre a relação trabalho-saúde-doença e intervir sobre/com essas nos seus processos de trabalho a partir dos momentos de Reunião de Equipe e espaços de Educação Permanente em Saúde. Dentro deste cotidiano percebemos diversas falas sobre cansaço e insatisfação, com isso se utilizou as reuniões de equipe para intervir, provocando reflexões e fomentando iniciativas transformadoras. Considerando o trabalho importante fator condicionante da saúde e, portanto, convergente a proposta do eixo temático do GT PCV.
A Lei 8080/90 descreve a saúde do trabalhador como uma das atribuições do SUS, de competência das equipes multiprofissionais, responsáveis pelas ações de vigilância sanitária, epidemiológica e de assistência ao trabalhador, sendo uma de suas principais ferramentas para promoção a saúde, prevenção de doenças e integralidade o trabalho em grupo. Neste contexto, se percebe a importância da formação de grupo não só para os usuários do serviço, mas focados no próprio trabalhador, que em tantas vezes é esquecido. Dentro desta perspectiva, o conceito de Clínica Ampliada se revela como uma produção de desvios inventivos. Clínica esta que traz no seu alicerce uma coprodução singular, a qual ressalta o sujeito na sua co-constituição e dos processos de saúde e doença que o afeta.
Todo o processo se deu a partir de Dinâmicas de Grupo, Rodas de Conversas e Grupos Focais, tendo como facilitadoras residentes da Atenção Básica e Saúde Coletiva, enquanto núcleo de formação de Enfermagem, Psicologia e Odontologia. Resultando em percepções de saúde relacionadas ao trabalho como Impaciência, Desmotivação e Estresse, bem como suas possíveis causas. Assim, demandando um espaço semanal para discutir e refletir sobre equipe, potencialidades e fragilidades para alcançar suas metas. Essas tanto em nível de processos de trabalho como de território existencial - trabalhar em equipe e como se perceber no mesmo.

Logo, esta intervenção se faz contínua, potencializar e fortalecer a atuação e valorizar os sujeitos no seu processo de trabalho, como o relacionamento interpessoal da equipe. É imprescindível a inserção de residentes provocar este olhar diferenciado para a equipe, no intuito de conciliar cuidado à saúde com o autocuidado.

Representações sociais da boa velhice: uma comparação entre Brasil e Itália

Amanda Castro (UFSC), Annie Maldonado Brito (UNIPAMPA),
Brigido Vizeu Camargo, Andreia Giacomozzi (UFSC)

Sob o escopo da Teoria das Representações Sociais este estudo teve por objetivo comparar as representações sociais de brasileiros e italianos acerca da boa velhice para uma amostra de 40 pessoas acima de 65 anos, sendo 20 brasileiros e 20 italianos. Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado composto pelas seguintes questões: Para o (a) senhor (a)o que é a boa velhice; b) O que as pessoas da idade do senhor (a) pensam que é a boa velhice? Os dados foram analisados com auxílio do software IRAMUTEQ. Dentre os resultados foi possível destacar no cenário italiano a representação da boa velhice a partir do aproveitamento do tempo livre, com a manutenção de velhos interesses, constituição de novos hábitos e valorização da manutenção da atividade. Já no contexto brasileiro a vivência da velhice é descrita como boa ou má, dependendo da participação de familiares. Em ambos os cenários (Brasil e Itália) a representação social da boa velhice está vinculada a ter dinheiro para sair ou manter-se confortável em casa. Entretanto, no Brasil, os idosos que ficam dentro de casa são apontados como aqueles que evitam o olhar e as críticas de outras pessoas, sendo que este isolamento é enfatizado como determinante para que se considere a pessoa como velha. Além disso, os participantes brasileiros associam boa velhice à Deus, sendo Ele descrito como aquele que coordena o curso da vida do idoso, em uma perspectiva passiva em relação ao destino. De modo oposto, em uma perspectiva ativa, os italianos apresentam a boa velhice associada à uma forma otimista de perceber os aspectos da vida, como uma condição mental e atitude positiva do idoso. Desse modo, é possível identificar que as representações sociais da boa velhice no Brasil e na Itália abrangem aspectos do envelhecimento ativo e bem-sucedido, aspectos estes que devem nortear as políticas públicas destinadas aos idosos.

Os benefícios da dança para as pessoas idosas: aspectos físicos e psicossociais

Kelly Maciel Silva, Rosane Gonçalves Nitschke,
Silvia Maria Azevedo dos Santos (UFSC)

Introdução: A dança sempre fez parte da existência humana, sendo uma das primeiras manifestações lúdicas e expressivas, estando presente no cotidiano de diversas culturas com gestualidade e aspectos muito específicos. Os benefícios trazidos pela dança, para o corpo e para mente, são descritos na literatura de maneira ampla. No que se refere aos aspectos específicos da dança na terceira idade, fortalece-se a inquietação por saber: Quais os benefícios da dança para os idosos descritos na literatura? **Objetivos:** Conhecer estudos que abordassem a dança e o envelhecimento, publicados no período de 2004 a 2015. **Métodos:** As etapas metodológicas para a realização dessa revisão incluíram: delimitação da pergunta de pesquisa; objetivo da revisão; critérios e estratégias de busca; seleção e avaliação dos estudos; coleta, análise e síntese dos dados. Os resultados foram organizados conforme a

temática, a partir disso foram apresentados de maneira descritiva e estes analisados a partir da análise temática. **Resultados:** Foram submetidos à análise temática 66 artigos, emergindo as seguintes categorias: Benefícios da dança para o corpo; Dança e interação social; Dança na comunicação e expressão cultural; Dança como terapia. Discussão: Na presente revisão constataram-se vários benefícios da dança para a terceira idade. A dança aparece como uma atividade física positivamente associada à melhoria da saúde e qualidade de vida dos idosos. Nos aspectos físicos se destacam os benefícios da dança no fortalecimento da musculatura, flexibilidade, melhora da coordenação e equilíbrio, bem como a manutenção da capacidade funcional. Os resultados das pesquisas analisadas apontam que um programa de dança destinado aos idosos pode contribuir para diminuição deste agravo. Referente aos aspectos psicossociais, os resultados dessa revisão indicam que a prática de dança pode ser considerada uma atividade socializadora para os idosos, além de se apresentar como uma forma de linguagem que favorece a expressão de emoções e a manifestação cultural, elementos evidenciados como influenciadores no processo saúde-doença. **Conclusão:** O presente estudo permitiu uma visão abrangente dos benefícios da dança, para os idosos. Destaca-se que, independente do estilo, a prática da dança como uma atividade regular é de grande contribuição ao cotidiano da população idosa. A dança sendo uma atividade prazerosa e motivadora, pode exercer papel facilitador na inclusão de idosos tanto na prática de atividade física, como no convívio social, contribuindo tanto para a promoção como para reabilitação da saúde.

Sexualidade e envelhecimento: as crenças das pessoas com mais de 60 anos

Eduardo Grapp, Natasha Erthal, Katia Simone Ploner (UNIVALI)

O presente artigo objetiva analisar as crenças das pessoas com mais de 60 anos acerca da sexualidade no envelhecimento, mais especificamente, identificar as crenças; levantar quais os benefícios e dificuldades relacionados à sexualidade no envelhecimento e constatar como essas pessoas percebem o impacto da sexualidade em suas vidas. O estudo em questão se caracteriza como uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, na qual foram entrevistados dez participantes do Centro de Convivência do Idoso (C.C.I), localizado no Vale do Itajaí/ SC. As entrevistas foram gravadas, transcritas e os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo. O material coletado deu origem a quatro categorias: crenças, benefícios e dificuldades relacionados a sexualidade, impactos da sexualidade no envelhecimento e impactos da velhice na sexualidade. Evidenciou-se que as crenças dos indivíduos subsidiam toda uma forma de perceber e entender a sexualidade na velhice. Apesar da maioria dos entrevistados relacionarem sexualidade somente ao sexo, foi possível perceber novas formas de compreender e vivenciar a sexualidade. A identificação da velhice como uma limitação da experiência do viver plenamente ainda é comum e partilhada socialmente. Muitos relacionam envelhecer como limitações na saúde, na sexualidade, na disposição, no desejo, na vida em sociedade. Por isso não percebem que muitas limitações são preconceituosas, vistas muitas vezes como a crua realidade do fenômeno do envelhecer. Sabe-se que o envelhecimento não é sinal do declínio da vida sexual, os indivíduos com mais de 60 anos podem sim, continuar a ter uma vida sexual ativa, além de ser uma fase onde a sexualidade é redescoberta, explorando questões mais abrangentes e biopsicossociais no que tange a sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Crenças, Idosos, Envelhecimento.

Parentalidade: a experiência de filhas adolescentes em famílias pós-divórcio

Camila Almeida Kostulski, Dorian Mônica Arpini (UFSM)

O objetivo desse estudo é discutir como se dá o exercício da parentalidade em famílias pós-divórcio a partir da percepção de filhas adolescentes. A escolha pelo grupo de trabalho Parentalidade, Relações Familiarese Saúde Familiar, incluído no eixo PCV, ocorre, pois entende-se que a família, independente de sua configuração, geralmente é um ambiente favorável para o desenvolvimento pessoal, social e intelectual dos seus membros, principalmente dos filhos. Com isso, pressupões que as atribuições exercidas pela família, especificamente pelos pais, podem ser consideradas uma fonte promotora de saúde, uma vez que, é influenciada pela qualidade da relação entre pais e filhos. A partir disso, esse trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Guarda compartilhada: os significados atribuídos por filhos adolescentes”. Esta pesquisa é de carácter qualitativo, e tem como metodologia o estudo de caso múltiplo, utilizando o pressuposto epistemológico da complexidade na perspectiva de Morin. Participaram do estudo três adolescentes, do sexo feminino, com idades entre 12 a 18 anos incompletos, os quais seus pais foram clientes do Núcleo de Assistência Judiciária, órgão suplementar da Universidade Federal de Santa Maria. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se uma análise documental nos prontuários dos clientes da instituição referida e uma entrevista semidirigida realizada com as adolescentes. A análise dos dados foi realizada segundo a técnica de análise de conteúdo. Como resultados desse estudo, percebe-se que mesmo com as mudanças ocorridas na família, a mãe ainda é considerada a pessoa mais apta para cuidar dos filhos após a separação, sendo que as três adolescentes do estudo residem com as mães. Entretanto, já se percebe uma maior inserção do pai nas responsabilidades e no cuidado com os filhos, de modo que as adolescentes relatam conviverem com seus pais com certa frequência, e não apenas nos finais de semana. As adolescentes apontam que mesmo diante da separação dos pais, conseguem ter uma boa relação com ambos, como também, que os novos relacionamentos dos pais (homens), faz com que as mães se sintam traídas por partes das filhas, quanto ao convívio com as madrastas; podendo isso interferir no exercício da parentalidade. Portanto, com esse estudo, busca-seenfatizar a importância da manutenção dos vínculos parentais após o divórcio para os filhos, e que a inserção da madrasta, pode despertar inúmeros sentimentos,tanto por partes dos filhos quanto da antiga esposa, que pode refletir na parentalidade.

Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa

Beatriz Schmidt, Ana Cristina Pontello Staudt, Adriana Wagner (PPGP/UFRGS)

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão integrativada literatura sobre intervenções voltadas a promover práticas parentais positivas junto a pais de crianças, em situações de desenvolvimento típico. Logo, essa proposta se insere no GT “Parentalidade, relações familiares e saúde familiar” (eixo temático: PCV). Realizou-se buscas nas bases PsycINFO, SciELO e PePSIC, considerando os descritores “intervenção e práticas parentais positivas”(“*intervention and positive parentingpractices*”)e “treinamento e práticas parentais positivas”(“*training and positive parentingpractices*”).Foram analisados artigos publicadosentre 2005 e 2015. Encontrou-se 12 estudos em língua inglesa. Constatou-se que as intervenções enfatizavam a promoção de práticas parentais positivas em famílias com*status* socioeconômico baixo. As modalidades foram: grupos com pais (n=6); visitas domiciliares (n=4); atendimento exclusivo à família em serviço de saúde (n=2). Os grupos com

pais ocorreram no contexto da atenção primária à saúde, com a utilização das seguintes técnicas: treinamento instrucional, dramatizações, vinhetas de vídeos, discussões entre participantes e disponibilização de literatura sobre práticas parentais positivas. As visitas domiciliares foram realizadas exclusivamente a famílias de bebês, com técnicas como oferta de suporte emocional, treinamento de massagem afetiva para bebês, estímulo à vinculação com a rede de apoio social e institucional, oferta de livros e brinquedos para interação mãe/pai-bebê. No atendimento exclusivo à família em serviço de saúde, oferecia-se suporte emocional, aconselhamento e literatura sobre práticas parentais positivas e desenvolvimento infantil. As intervenções apresentaram resultados satisfatórios na promoção de práticas parentais positivas. Entretanto, caracterizaram-se por diferentes objetivos, perfis de participantes, modalidades e técnicas utilizadas, instrumentos aplicados, bem como formas de tratamento dos dados, o que dificulta uma análise comparativa dos resultados. Em apenas quatro estudos foram adotadas medidas de pré e pós-teste, com *follow-up* e designação aleatória dos participantes em grupo controle ou intervenção, o que se associa a evidências mais robustas sobre os resultados obtidos e a sua manutenção ao longo do tempo. Discute-se a relevância da proposição de intervenções direcionadas a famílias brasileiras durante os anos iniciais da infância, por se tratar de período crucial do desenvolvimento humano, em que é possível promover saúde e prevenir a emergência de sintomas desadaptativos, o que se associa a benefícios em longo prazo. Salienta-se também a necessidade de estratégias que favoreçam a participação dos homens nas intervenções parentais, dada a importância do pai no desenvolvimento infantil, além das evidências de melhores resultados nas práticas parentais positivas em propostas implementadas junto a mãe e pai conjuntamente.

O nascimento da paternidade sob o olhar psicanalítico

Rute Grossi Milani, Daniele da Veiga, Franciele Cardoso Camilo,
Laura Christofolettida Silva Gabriel, Marília Parra Ribeiro Scabora,
Paulo Vitor Silva (UNICESUMAR)

O enfoque deste trabalho é compreender, segundo a psicanálise, em que momento nasce o sentimento de paternidade, além de identificar quais fatores influenciam o desenvolvimento desse sentimento. Para realizar esta pesquisa a amostra foi composta por nove homens-pais, com filhos primogênitos na faixa etária de zero a um ano e onze meses, de ambos os sexos. Utilizamos entrevistas semiestruturadas, baseadas em um roteiro de 25 questões pré-estabelecidas a respeito do planejamento da gestação, do nascimento do bebê, do bebê em casa e a definição de quando tornou-se pai.
Os resultados encontrados foram divididos em duas grandes categorias: O momento do despertar da paternidade; e os fatores do despertar da paternidade. Sobre o momento do despertar da paternidade foram abordados o planejamento, a gestação e o nascimento do filho que são fases que se integram para a formação do sentimento da paternidade. O homem vivencia momentos os quais são significativos por toda a vida, e essas experiências proporcionam meios deste construir seu novo papel enquanto pai. Os fatores encontrados como decisivos para o nascimento do sentimento da paternidade foram divididos em duas categorias: sentir o bebê; e o desafio do amadurecimento psíquico.
As entrevistas mostraram que não há um momento propriamente estabelecido para o surgimento do sentimento da paternidade e que são vários os fatores determinantes para tal surgimento dependendo do desejo, planejamento e expectativas do pai. De acordo com os dados da amostra, os pais relataram ser participativos nos cuidados diretos e indiretos com o bebê. A implicação teórica desta pesquisa foi contribuir com novos conhecimentos sobre o

atual papel do pai, diferente do pai provedor e procriador; e a implicação prática foi, possivelmente, levar os pais entrevistados a uma reflexão acerca de seu papel e função paterna.
A relação deste estudo com o Grupo de Trabalho PVC com subtema Saúde da família-Parentalidade, Relações familiares e saúde familiar, acontece ao compreendermos quetal como explicitou Vieira e Faraco, as transformações familiares, o modo de funcionamento da família, os papéis que são exercidos por cada membro participante e as funções atribuídas socioculturalmente à família, em dado contexto histórico, contribuem para compreendê-la como as famílias funcionam, e portanto, ao estudarmos o nascimento da paternidade, este se torna fator colaborador para entender melhor o atual papel do pai, que diferente do pai provedor e procriador, é um participante ativo e essencial na vida do bebê e no bem estar da família.

Conjugalidade, Parentalidade e Coparentalidade na perspectiv de gestantes em atendimento pré-natal no SUS

Gabriela Gehlen, Vanessa Russi Fiorini, Luciana Suárez Grzybowski (UFCSPA)

A conjugalidade e a parentalidade são instâncias centrais na família, reverberando nos níveis de saúde da família como um todo. A forma como ambas são exercidas, especialmente, num processo de transição como o nascimento de um filho, pode ser fator de proteção ou de risco ao desenvolvimento dos membros. Esse trabalho investigou os aspectos pessoais, conjugais, familiares e sociais de mulheres gestantes que realizam o pré-natal no SUS, em Porto Alegre /RS. Está alinhado com o GT "Psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida (PCV)", focando as relações familiares e a saúde da família. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, transversal e descritiva, com 10 grupos focais, num distrito sanitário de saúde. As gestantes foram convidadas a participar a partir de contato pessoal nas consultas do pré-natal e por telefone. Foi feita análise categórica do material registrado em áudio, com consentimento das participantes registrado em TCLE, à luz das teorias das relações familiares. Os resultados evidenciam que as gestantes relatam mudanças psicofisiológicas semelhantes entre si. Dentre os achados, identificamos basicamente 5 tipos de rede de apoio: a do sistema de saúde; a de amigos e vizinhos; a da família nuclear; a da família de origem e a da família extensa. Em alguns casos a construção da rede foi inexistente ou falha. Abordando a relação conjugal, percebeu-se que o apoio do companheiro se faz presente no acompanhamento às consultas médicas, maior dedicação e sensibilidade e obtenção de maiores rendimentos. Também surgem como mudanças a diminuição da vida sexual e o fortalecimento da intimidade conjugal, assim como problemas na comunicação do casal ou afastamento mútuo. A parentalidade traz expectativas de bom desempenho do papel, ansiedade pelo nascimento, esperança de adaptação às demandas do bebê. Ao abordar a coparentalidade, surgem expectativas em relação ao companheirismo dos pais e sua importância na criação dos filhos, apesar da sobrecarga feminina na atualidade. Os papéis de gênero pretendem ser ultrapassados com uma divisão igualitária dos cuidados e tarefas na nova função parental. Observamos que apesar de bastante heterogênea, as perspectivas de conjugalidade e parentalidade tem bases comuns a inúmeras mulheres. Os homens ainda têm um contato restrito com o sistema de saúde que atende suas companheiras, sendo necessário abrir um espaço de reflexão, informação e escuta para a dupla conjugal e parental pensar sobre esse processo de transformação familiar e potencializar a saúde de todos.

Interlocução entre Psicologia da Saúde e Psicologia Educacional: reflexões a partir do projeto "Longe de Casa: e agora?"

Lara Simone Dias, Elisa Eggers Luiz (PRAE/UFSC),
Luísa Almeida Scaff, Rafael Pereira (UFSC)

Nos últimos anos, o perfil dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras vem passando por transformações em decorrência das políticas de democratização do acesso à Educação Superior. As universidades passam a acolher maior diversidade de estudantes – negros, indígenas, de baixa renda, migrantes – como resultado da adoção de políticas, entre elas, ações afirmativas e SISU (Sistema de Seleção Unificada). Paralelamente à democratização do acesso, urge o desenvolvimento da política de permanência estudantil. Permanência com qualidade, capaz de acompanhar as necessidades dos estudantes e de fugir do risco de ser falsa política de inclusão, que os exclui por não considerar suas realidades. A Psicologia no Ensino Superior, tema deste GT, tem também o desafio de buscar a compreensão dos fenômenos envolvidos na assistência estudantil na atualidade. A presente comunicação relata uma experiência de acolhimento deste novo perfil de estudantes e utiliza como ponto de partida para a intervenção a migração e suas repercussões na vida dos universitários. O projeto "Longe de Casa: e Agora?", desenvolvido pelo Serviço de Psicologia da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis/UFSC em parceria com o LAPEE (Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional), objetivou acolher estudantes de graduação oriundos de outros municípios e nas fases iniciais de seus cursos. A iniciativa teve como foco a Saúde na interface com a Educação, buscando diálogo entre a Psicologia da Saúde e a Educacional. Pressupõe-se que as mudanças trazidas pelo ingresso à universidade, especialmente via SISU, que proporciona mobilidade no território nacional, repercutem na vida dos estudantes e exercem impacto sobre sua saúde. Entre as mudanças, estão o distanciamento da rede de apoio, diferenças culturais, saudades da família. A Psicologia da Saúde foi abordada de forma transversal para olhar o sofrimento e as possibilidades de bem-estar dentro da instituição. O projeto acolheu e deu voz aos estudantes em suas necessidades e pretendeu colocar-se como "ponte" entre eles e a universidade neste processo de ambientação. As temáticas, levantadas pelos próprios estudantes, foram problematizadas em grupo durante seis semanas, utilizando-se dinâmicas de grupo e compartilhamento de experiências. Como resultados, o projeto proporcionou espaço de escuta e ressignificação, no qual foi possível nomear os estranhamentos da experiência de ingressante e migrante e transformá-los em ação e ambientação. Ainda, evidenciou as contribuições do acolhimento em grupo na interface saúde-educação. Considera-se que ele pode auxiliar na promoção e prevenção em saúde e na prevenção à evasão no Ensino Superior, sendo campo para pesquisas futuras.

A interface entre psicologia, educação e saúde na mediação pedagógica do ensino técnico: construindo acessibilidade e ofertando promoção em saúde para estudantes do IFSC

Luna Cassel Trott (CFH/UFSC), Cristiane Antunes Espindola Zapelini (IFSC)

O processo de aprendizagem é mediado por inúmeras questões para além da dinâmica da relação professor-aluno. Quando as condições para a aprendizagem não são adequadas, as instituições educativas podem acabar por perpetuar ainda mais as situações de exclusão que a sociedade já produz fora dela. É preciso levar em conta as especificidades dos estudantes, isto é, pensar as condições de acessibilidade, gênero, raça, condição socioeconômica e

saúde mental para a promoção em saúde, diferente da antiga concepção que saúde era apenas a ausência de doenças. Nas instituições educacionais, promover saúde, consiste em rever as práticas da Psicologia que historicamente contribuíram para o processo de marginalização escolar, e significa intervir no acesso ao conhecimento por meio do ensino, nos modos de socialização do saber e na instrumentalização dos professores para esta ação. Este trabalho tem por objetivo relatar as práticas de mediação pedagógica do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis. Esta instituição caracteriza-se por ofertar o ensino técnico e tecnológico abrangendo cursos de nível médio, superior e pós-graduação. Este núcleo é responsável por ações da política de inclusão na busca da permanência e do êxito dos estudantes, por meio do acompanhamento educacional especializado às pessoas com deficiência ou oriundas de políticas de ações afirmativas. No âmbito das deficiências atendemos pessoas com deficiência física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial e múltipla. Neste espectro de atendimento buscamos realizar ações de acompanhamento, sensibilização e formação da comunidade acadêmica, atividades culturais, e na articulação com os professores auxiliar na construção de estratégias de ensino-aprendizagem inclusivas e de acessibilidade. Atualmente são acompanhados cerca de 180 estudantes pelo NAPNE, na busca da inclusão, permanência e êxito nas atividades educacionais, no vínculo com a comunidade escolar, na promoção da aceitação das diferenças e no intuito tornar a instituição um lugar mais humanizado. Nossa reflexão aponta que com o aumento das demandas ano a ano e a estruturação destes atendimentos, as condições de permanência no ensino superior, tem sido resultado do aprimoramento deste trabalho. A interface entre psicologia, educação e saúde na mediação pedagógica do ensino técnico tem contribuído para a promoção de saúde e sanciona o caráter político do fazer profissional do psicólogo. À medida que se trabalha na tentativa de romper com os processos de exclusão dentro e fora da escola, promove-se o acesso pleno à educação e ao bem-estar.

Psicologia escolar, educacional da saúde no ensino superior

Gabrielle Schneider Pereira (FISMA), Barbara Maria Barbosa da Silva (SOBRESP)

Atualmente, os jovens estão cada vez mais apresentando sintomas e perturbações oriundas dos quadros de ansiedade. Sendo algo prejudicial e considerado um risco para a saúde mental. Diante esse cenário, deve ser encarada com certa atenção os estudantes universitários, pois se trata de uma fase de transição entre a vida de acadêmico e o mundo profissional. O que implica uma exigência de amadurecimento para dar conta da demanda de estudos e inserção no mundo laboral. A ansiedade é uma experiência emocional em função da previsão ou antecipação de situações futuras ou em presença de situações particulares consideradas indesejáveis para o individuo. Essa forma de vivenciar as situações de vida se torna especialmente potencializadora ao longo do período em que esta na condição de acadêmico, já que o estudante se depara com situações geradoras de pressão psicológica e ansiedade. Portanto o objetivo desse trabalho foi de encontrar subsídios teóricos na literatura para a avaliação das situações ansiogênicas dos estudantes no contexto da vida universitária. Foi realizada uma busca nas bases de dados Scielo, BVS e Lilacs com dois descritores de busca, a saber Ansiedade e Estudante Universitário. A pesquisa foi realizada durante o mês maio de 2016. Foram encontrados quatro artigos, sendo um deles no Scielo e os outros três documentos no BVS (que se repetiram no Lilacs). Sendo assim, foram analisados quatro artigos ao todo. Um dos trabalhos demonstrou através da aplicação de testes que os estudantes adquiriam certa ansiedade através de trabalhos em grupos assim como

apresentação oral, alem da frequência as aulas. Na mesma medida, também apresentaram sintomas de ansiedade, os que não puderam manter a sua residência durante a frequência no Curso, ou seja, tiveram que mudar de cidade para estudar no ensino superior. Outro dado relevante mostra que os jovens que residem em meio urbano apresentaram valores médios de ansiedade mais elevados do que os jovens que vivem em meio rural. Assim então conseguimos observar através da literatura, o conceito de ansiedade. Portanto, os artigos centraram-se mais na demonstração de situações geradoras de ansiedade do que nas formas de prevenção e tratamentos. Sendo assim, fica evidente um maior numero de estudos nessa temática para que possamos auxiliar com praticas em saúde mental aos jovens acadêmicos para que desfrutem de uma melhor experiência acadêmica de modo a se preparar de maneira mais salutar para o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Ansiedade, Estudantes, Autoconceito, Ensino superior.

Autoeficácia e consumo de álcool em universitários

Francisca Yana B. A. Souza, Manuel Morgado Rezende, Fábio Camilo da Silva (UMESP)

O período de transição para a universidade constitui-se um desafio para os estudantes devido à quantidade e à diversidade de mudanças originadas por um novo contexto pessoal e social que exige o desenvolvimento de recursos adaptativos. A vulnerabilidade trazida por essa fase pode motivar o uso de álcool e outras drogas, sendo um padrão recorrente encontrado em universitários. A autoeficácia (AE) refere-se às crenças que a pessoa tem sobre a sua capacidade para organizar e executar cursos de ações requeridos para alcançar determinados tipos de desempenho. É um exemplo de fator de proteção capaz de influenciar os comportamentos e atitudes dos jovens diante de situações como o consumo de bebidas alcoólicas. Sendo assim, o objetivo geral deste estudo foiverificar a relação entre a autoeficácia e o consumo de álcool em universitários, assunto pertinente ao grupo de trabalho intituladoPsicologia Escolar, Educacional e daSaúde no EnsinoSuperior (IAS). Trata-se de um estudo quantitativo, no qual foram utilizados como instrumentospara a coleta de dados aEscala de Autoeficácia na Formação Superior (AEFS), a Escala de Consumo de Álcool – AUDIT e um Questionário Sócio Demográfico, compondo um questionário único que foi respondido individualmente e posteriormente recolhido pela pesquisadora. A amostra pesquisada foi constituída por 405 estudantes universitários de cursos da área da saúde da região metropolitana de São Paulo, com uma idade média de 21,69 (DP= 5,49), sendo a maioria do sexo feminino (81,5%), cursando o primeiro ou o segundo semestre, tanto do período matutino quanto do noturno. A análise dos dados foi realizada utilizando-se o programa SPSS, versão 20.0 para *Windows* para a realização de cálculos descritivos e exploratórios: média, desvio-padrão, correlações, análises de variância (ANOVA) e teste *t de Student.* Os resultados do estudo revelaram que os universitários apresentaram autoeficácia acima da média e baixo consumo de álcool, sendo classificados na sua maioria como abstinentes. A análise de correlação (*r* de Pearson) revelou que a autoeficácia e o consumo de álcoolguardam relação entre si, apresentando índices significativos e negativos entre o consumo de álcool, a autoeficácia total e seus fatores, indicando que quanto maior o consumo de álcool, menor a confiança dos estudantes nas suas potencialidades. Adicionalmente, é possível concluir que, no grupo estudado, dentre os jovens que consumiram álcool, estudantes do sexo masculino demonstraram um consumo maior da bebida do que as mulheres.

Oficinas temáticas, mediadas por linguagens artísticas: contribuições para a formação integral de jovens em um contexto da educação profissional e tecnológica

Andréia Piana Titon, Andréia Vieira Zanella (UFSC)

Este trabalho tem por objetivo apresentar reflexões decorrentes do projeto de extensão Oficinas temáticas, mediadas por linguagens artísticas, com adolescentes da rede de ensino de Itajaí e do curso Integrado em Mecânica do IFSC/Itaja, coordenado pela primeira autora em parceria com profissionais da coordenadoria pedagógica e professores de diferentes áreas. Surgiu a partir da escuta e diálogo com jovens que frequentam o curso técnico integrado ao ensino médio, a maioria encaminhada por professores para acompanhamento pelos profissionais da coordenadoria pedagógica por problemas de comportamento e/ou de escolarização. Diante da escuta destes jovens e de seus professores, constatamos a necessidade de criar espaços em que as singularidades deste público específico, jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, possam ser acolhidas. O projeto, considerado como estratégia de pesquisa e intervenção, promove oficinas temáticas, mediadas por linguagens artísticas a fim de contribuir com a formação integraldos participantes, assim como visa desenvolver estratégias que contribuam para potencializarprocessos de inclusão, superando estigmas e processos que produzem exclusão e evasão escolar.Com cerca de 10 encontros semanais de 2h cada, foram promovidas oficinas para dois grupos, a partir dos seguintes eixos temáticos: 1) A construção do eu e o meu espaço no mundo; 2) A relação eu-outro e o nosso espaço no mundo. O primeiro eixo teve 17 jovens inscritos e o segundo teve 13. Buscamos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, potencializar diálogos sobre questões que são consideradas problemas pelos jovense processos de criação de formas/sínteses das perspectivas produzidas coletivamente sobre os temas por meio de linguagens artísticas diversas (contos, dramatizações, vídeos, músicas, fotonovela, graffiti, entre outras). Conforme Vigostki (1990), os processos de criação envolvem o sujeito como um todo, com seus conhecimentos, interesses, afetos, permitindo a este, ao mesmo tempo em que cria algo, transformar e ressignificar a si próprio. O projeto prevê ainda que os alunos apresentem essas formas/sínteses para alunos e professores do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas parceiras do projeto. A escolha deste público externo visa o diálogo dos estudantes do IFSC/Itajaí com outros jovens, articulando diferentes saberes e culturas juvenis. As oficinas foram registradas em filmagens, fotografias e diário de campo.As análises estão sendo realizadas a partir da perspectiva dialógica de Bakhtin. Tendo a questão da alteridade como foco, as oficinas se configuraram como espaço de escuta e produção de relações outras dos jovens com a instituição, com os outros e consigo mesmos, contribuindo para a formação integral deles, assim como para a promoção de saúde.

Palavras-chave: formação integral, oficinas, jovens, ensino técnico profissionalizante

---

Práticas discursivas no cenário das políticas públicas da educação básica: gênero e saúde em questão

Bruna Sorensen, Eliane Cadoná (URI/FW), Marlene Neves Strey (PUC-RS)

A presente pesquisa investiga, junto a materiais do Ministério da Educação e da Cultura (MEC) ligados à Educação Básica, sentidos de Gênero e de Saúde. Procura compreender de que forma os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde são contemplados nesse cenário

e que políticas de existência norteiam tais ações. Insere-se no Grupo de Trabalho IAS - Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação. Compreendendo-se a necessidade do exercício interdisciplinar entre os campos da Saúde e da Educação, entende-se a pesquisa como importante fonte impulsionadora dessa prática, à medida que problematiza ações e dá ferramentas para subsidiá-la. A análise do material eleito na pesquisa para ser investigado (Diretrizes Curriculares para a Educação Básica e Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil), bem como a pesquisa em geral, norteia-se pelos pressupostos epistemológicos do Construcionismo Social e dos Estudos de Gênero com inspiração pós-estruturalista. No momento, os documentos estão sendo analisados, com base na análise de discurso proposta por Mary Jane Spink. Os resultados parciais desta pesquisa evidenciam a importância de trazer à tona a discussão da diversidade sexual entre professores/as, tendo em vista que a proposta de Saúde e Orientação Sexual como temas transversais no campo da Educação caminham lado a lado com práticas discursivas ainda atreladas a um modelo biologicista e sexista. Esta pesquisa, segunda etapa de um projeto maior, que procura compreender sentidos de Gênero e Saúde no contexto midiático, das políticas públicas e das práticas de docentes subsidiará a terceira etapa da mesma, que tem por objetivo compreender de que modo professores/as da Educação Básica articulam os pressupostos ligados à temática Gênero e Saúde em suas práticas de sala de aula.

Atuação com adolescentes

Camila Stolf Marques Pottes Lins (GDE/UFSC), Ana Cláudia Maba **(**FURB)

O presente trabalho tem a intenção de relatar algumas intervenções realizadas pelo Serviço de Atenção Especializada (SAE) de Gaspar, Santa Catarina - SC, com adolescentes de uma Escola de Educação Básica, dimensionando uma ação interdisciplinar da psicóloga e da assistente social atuantes nesse espaço, com o apoio da professora de biologia da instituição escolar. O SAE é um serviço ambulatorial de saúde, integrado na Vigilância Municipal de Saúde, que desenvolve ações de assistência, prevenção e tratamento às pessoas que vivem com HIV/Aids e/ou são portadoras de outras doenças infectocontagiosas. Este é referência no atendimento aos diversos níveis de complexidade da rede de saúde do município, com destaque à atuação na educação em sexualidade. Desse modo, considera-se relevante trazer tais relatos para o GT *"Saúde, Educação e Cultura: desafios das práticas intersetoriais"* (IAS), buscando como objetivo promover a reflexão das representações sociais de gênero e sexualidades em adolescentes. Exploram-se as bases epistemológicas cunhadas nas teorias feministas, embasadas em: Scott (1990), Bourdieu (2007) e Butler (2010), tendo em vista, aportes educativos que corroborem com concepções não-naturalizadas da sexualidade. A ação ocorreu com estudantes de duas turmas do 6º ano e duas turmas do 8º ano de uma Escola de Educação Básica do município de Gaspar, no segundo semestre de 2015. Participaram 96 estudantes, sendo 52 homens e 44 mulheres, com idades entre 11 e 15 anos. Utilizou-se nas intervenções a formulação de oficinas dialogadas, desenvolvidas por meio de rodas de conversa, apresentações e distribuição de dispositivos contraceptivos, com suporte de recursos audiovisuais e com a entrega de cadernetas de saúde para adolescentes ofertadas pelo Ministério da Saúde. Os resultados apontaram para uma ampliação da reflexão e do repertório de informações dos/as estudantes relativos ao campo da sexualidade e gênero e para uma chave de compreensão impregnada pelo paradigma das ciências biomédicas. Considerou-se primordial o desenvolvimento de oficinas em educação sexual que prime pelo reconhecimento dos aspectos culturais, políticos e sociais que envolvem esta categoria e

aborde temas como: direitos sexuais e reprodutivos, violência contra as mulheres, homo-lesbo-transfobia, masculinidades e racismo. Para tanto, verificou-se que as articulações dos serviços de saúde com as demais políticas públicas de assistência social, educação, justiça, esporte e lazer se fazem urgentes e necessárias.

Extensão comunitária sobre sexualidade e prevenção ao HIV/Aids

Paula Biazetto Machado Sombrio, Aline Daniela Gonçalves de Oliveira Farias, Raquel de Andrade Souza Ew, Jaqueline Conz, Kátia Bones Rocha (PUC-RS)

Este trabalho é referente a um projeto de extensão que tem como objetivo implementar oficinas sobre sexualidade nas escolas a partir das dúvidas apresentadas pelos adolescentes, com o intuito de aumentar a percepção de autocuidado e consciência em relação às práticas sexuais. O projeto prevê a realização de oficinas em 6 escolas de Ensino Fundamental e Médio do município de Porto Alegre/RS, sendo 3 públicas e 3 privadas. Após o contato inicial com as escolas, é solicitado que os alunos encaminhem perguntas/dúvidas sobre sexualidade para o grupo, que são recebidas e agrupadas com intuito de nortear a realização da oficina. Antes do início da oficina, é pedido que os adolescentes indiquem quais palavras vem à cabeça ao escutar a palavra sexualidade. Essas palavras são analisadas a partir da Psicologia Discursiva, que busca compreender como o discurso realiza práticas sociais, através da metodologia da análise do discurso (Rasera, 2013). Após a realização das oficinas os alunos respondem um questionário para a avaliação da oficina. Os resultados apresentados são preliminares, uma vez que a atividade foi desenvolvida em uma escola privada com 82 alunos do 7º ano do ensino fundamental. Este estudo tem relação com o GT *Saúde, Educação e Cultura: desafios das práticas intersetoriais,* do eixo temático *IAS*, pois as oficinas oferecem um espaço de reflexão e de promoção de saúde no ambiente escolar, que é um dos principais espaços de socialização e de obtenção de conhecimento para o adolescente. Além disso, nos deparamos com um processo de aumento da incidência de casos de aids em jovens entre 15 e 24 anos. Dessa forma, pensar em intervenções que possibilitem a reflexão e debate sobre sexualidade e práticas envolvidas proporcionam um espaço de proteção e autocuidado para os jovens dessa faixa etária, o que caracteriza uma ação de integração entre saúde, educação e cultura. Como resultados preliminares deste estudo, a partir das duas oficinas já realizadas, as cinco palavras mais associadas à sexualidade foram amor, sexo, sexual e reprodução. Foi possível observar que os jovens, apesar de terem um acesso facilitado a informações, muitas dessas informações são divergentes e por vezes carregadas de preconceitos. Assim, parece que é no processo interativo que se torna possível partilhar compreensões, questioná-las e trocar significados para a construção de posicionamentos mais reflexivos sobre a sexualidade.

A prática coletiva enquanto estratégia de promoção à saúde

Camila Gonçalves Labrêa, Carlos Eduardo Máximo, Josiane Teresinha Ribeiro de Souza, Raquel Ghizoni Argenta (UNIVALI)

O presente documento diz respeito ao relato de experiência referente a um Estágio Básico do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí, realizado em parceria com a Estratégia de Saúde da Família de uma Unidade Básica de Saúde em um município do Vale do Itajaí.

Teve por objetivo aproximar teoria e prática, assim como conhecer o contexto sociocultural dos usuários e compreender o sentido atribuído por eles ao processo saúde/doença. Ao trabalhar com territorialização e práticas coletivas como estratégias de educação popular em saúde o estágio vai de encontro ao GT Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania (IAS), possibilitando compartilhar o reconhecimento de um território constituído por múltiplas vozes. Tais vozes subjetivam as formas de dar sentido, experenciar e cuidar das necessidades de saúde no que tange a seus agravos e de gozo de boa vida. Essa prática buscou romper com reducionismos do processo saúde/doença, principalmente no que se refere a centralidade do biológico e da doença. Consideraram-se as peculiaridades dos sujeitos e suas formas inventivas de viver a vida e enfrentar os dados eventuais que esta eventualmente lhes impõe. Para tanto, fez-se necessário perceber que o território trava diálogos entre suas múltiplas vozes, busca desvendar as amarras e conquistas de uma população, rompe com o imperialismo médico ao abandonar a estrutura de um fazer que verticaliza e afasta o outro. Metodologicamente, o estágio fez uso das práticas coletivas enquanto instrumento que se configura em processos psicossociais comunitários, caracterizou-se pela participação e compromisso orientados por valores e objetivos comuns entre os sujeitos, considerando o saber popular. Inicialmente foi feito reconhecimento do território e visitas domiciliares com as Agentes Comunitárias de Saúde, realizando convite para encontros sobre saúde que aconteceram em um Centro de Arte e Lazer do bairro. Totalizaram-se seis encontros, com duração de uma hora em que os temas foram levantados pela demanda dos usuários. A análise dos resultados ocorreu de forma qualitativa, dividindo-se em duas categorias: Determinações Sociais em Saúde e Trajetória de Vida, cartografando as falas que mais se repetiram. Considera-se que o Estágio Básico permitiu conhecer as angústias e frustrações que surgem em resposta de um fazer que questiona o habitual, o costumeiro. Consistiu em rearranjar respostas a perguntas com viés medicalizante, conhecer as práticas institucionais e ser privilegiado com o desenvolver de práticas coletivas que consideram o outro como protagonista e não espectador.

Entraves e subjetividade no trabalho de profissionais de psicologia na saúde e o capitalismo sanitário: relato de experiências

Marlon Xavier (Universidade de Caxias do Sul), Roberta de Alencar Rodrigues (Unidade Básica de Saúde União), Adriano Beiras (UFSC)

Esta comunicação discute os problemas que profissionais da psicologia enfrentam no âmbito da saúde e seus impactos sobre a subjetividade. Trata-se de relato de experiências dos autores com o **objetivo** de refletir sobre os obstáculos encontrados no seu trabalho à luz de colaborações trazidas por estudos sobre o capitalismo sanitário (e suas relações com a cidadania e a capacidade de utilizar/criar espaços de fala/escuta). Desta forma, busca colaborar com o eixo temático IAS, subtema “Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde”. O conceito de capitalismo sanitário pode ser definido como a progressiva colonização e mercantilização dos serviços de saúde pela lógica do capital e do mercado, originando mudanças na *organização* que necessariamente afetam a *subjetividade* dos profissionais. Os **métodos** utilizados foram a observação participante e a autoetnografia. As principais dificuldades experienciadas pelos profissionais foram: falta de capacitação dos profissionais, sobrecarga de trabalho, escassez de recursos humanos, precárias condições de trabalho, falta de conhecimento da gestão sobre o trabalho dos profissionais e consequente verticalização na tomada de decisões sobre os processos de trabalho, e pressão para metas de atendimentos. Segundo a teoria do capitalismo sanitário**,** todos esses entraves respondem

a uma lógica capitalista que, para economizar com a contratação de profissionais, sobrecarrega seus escassos recursos humanos, exigindo o cumprimento de números de atendimentos em serviços que não dispõem de estrutura física nem humana que correspondam às metas da gestão. Nesse sentido, estaríamos observando a passagem de um modelo fordista para um *flexista* e *precário*, num processo que já foi chamado de *McDonaldização* dos sistemas de saúde pública. Os **resultados** indicam que a empresarização da saúde gera impacto na vida dos profissionais da saúde, os quais adoecem e se afastam do trabalho, gerando rotatividade nos serviços. Uma forma de resistência coletiva observada é a participação em sindicatos, para reivindicar a redução de jornada e aumento de salário. Além disso, esses trabalhadores têm de recorrer às modalidades grupais de atendimento para cumprir o número de atendimentos preconizado pela gestão, gerando insatisfação e ansiedade laborais. Conclui-se que o profissional da psicologia é progressivamente forçado a sujeitar-se a práticas e discursos mercantis, mesmo em um modelo de saúde que ainda mantem seu caráter público e gratuito, i.e. não-mercantil. Desta maneira tais práticas e discursos são internalizados (i.e. subjetivados), replicando a lógica de colonização do capitalismo sanitário.

Violência doméstica e experiências de agressores: articulação entre saúde, educação e assistência social na formulação de ações preventivas

Hanna Oliveira Silva, Tatiana Benevides Magalhães Braga (UFU)

A violência doméstica contra a mulher é compreendida como quaisquer ações que se valham da condição de desigualdade de gênero e que acarretem em danos físicos, patrimoniais, morais, sexuais ou psicológicos às mulheres no âmbito familiar. A violência doméstica se constitui como um problema de saúde pública e mesmo após a criação da Lei 11340/06 (Lei Maria da Penha), o número de ocorrências ainda é elevado e as barreiras para sanar esse problema se tornam cada vez maiores, haja vista os inúmeros casos ainda não denunciados. A presente pesquisa tem como objetivo investigar as percepções e significações da violência doméstica por parte de agressores. Adotando uma perspectiva fenomenológica existencial, realiza uma cartografia clínica do fenômeno a partir de entrevistas individuais e semiestruturadas, acompanhando a produção psicossocial da violência por parte de agressores e sua relação com as vítimas. Considerando também que a violência doméstica possui diversas implicações no campo da saúde, tanto no âmbito mais específico da saúde mental quanto no agravo das condições de saúde em geral, explora-se formulação de políticas públicas e projetos preventivos no campo da saúde que trabalhem preventivamente, na inibição das situações de violência.
Como resultados preliminares, identifica-se no contexto da violência doméstica, uma inabilidade por parte dos envolvidos em resolver as desavenças conjugais de outra maneira que não a via da agressão e dificuldades dos agressores em reconhecer suas ações como violentas, atribuindo, por vezes, parte da responsabilidade sobre a atitude violenta à mulher. Nesse processo, verifica-se ampla influência de uma socialização em meio a uma cultura de violência e de desigualdade de gênero. Conclui-se que ações preventivas nesse âmbito incluem tanto o campo da saúde, em ações educativas e terapêuticas, quanto a articulação em rede, incluindo espaços escolares e dos dispositivos do sistema único de assistência social, na discussão da conjugalidade, das relações de gênero e do respeito às diferenças, na produção de contradiscursos e referenciais que oxigenem a produção dos processos de merginalização social e preconceito. O trabalho relaciona-se com o GT Psicologia, promoção

da saúde e promoção da cidadania, já que procura articular a saúde à construção de ações preventivas voltadas à igualdade de direitos e de participação social.

A construção da prática em Psicologia na Atenção Básica junto a Residência Multiprofissional em Saúde

Patrícia Matte Rodrigues, Dorian Mônica Arpini (UFSM)

Este trabalho visa discutir a prática profissional de psicólogos, vinculados a Programas de Residência Multiprofissional em Saúde, no contexto da Atenção Básica. A Residência Multiprofissional em Saúde apresenta-se como uma importante estratégia de formação em serviço de profissionais, entre eles o psicólogo, para o exercício de práticas ancoradas nos princípios do Sistema Único de Saúde visando à integralidade e interdisciplinaridade. Tal modalidade de pós-graduação tem conseguido gerar importantes mudanças na formação de diversos núcleos profissionais. No entanto, ainda há pouca discussão sobre a participação da psicologia no contexto das Residências Multiprofissionais em Saúde e seus efeitos no saber e fazer profissional. Neste sentido, o tema deste trabalho pode ser pensado na articulação com a “Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde” (sigla IAS), assim como “Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde” para refletir sobre a “Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania”. Este trabalho constitui um recorte da pesquisa de mestrado “Práticas psicológicas na Atenção Básica: vivências de psicólogos que atuam em Residência Multiprofissional em Saúde”, na qual estão sendo realizadas entrevistas com psicólogos residentes do segundo ano de duas Instituições de Ensino e Pesquisa em Saúde do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e os dados estão sendo analisados através da técnica de análise de conteúdo. Acredita-se que os achados do presente estudo possam contribuir, de forma significativa, para a compreensão do modo como os psicólogos vêm organizando suas práticas na Atenção Básica inseridos em Programas de Residência Multiprofissional em Saúde. Os resultados, ainda parciais, apontam que os psicólogos têm procurado desenvolver práticas relevantes a realidade onde estão inseridos, assim como a construção de ações pautadas no trabalho interdisciplinar, multiprofissional e intersetorial. Entre as ações realizadas destacam-se: matriciamento em escolas, com a discussão de casos; grupos com crianças e adolescentes devido ao alto índice de encaminhamento das escolas; acolhimento em saúde; atuação em Grupos de Trabalho de participação popular e em Conselhos Locais de Saúde. A experiência da Residência Multiprofissional em Saúde foi apontada pelos psicólogos como uma vivência marcante em sua trajetória acadêmica ao aproximá-los do trabalho com o Sistema Único de Saúde. Comprometimento e responsabilidade foram características apontadas pelos residentes como importantes para a atuação do psicólogo nesse contexto.

Avaliação psicológica em psicologia da saúde

Hilda Rosa Capelão Avoglia (UMESP), Paulo Francisco de Castro (UNITAU)

O Grupo de Trabalho sobre Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde tem como objetivo articular diferentes reflexões, resultantes de práticas diagnósticas ou de trabalhos de pesquisa, com o foco no emprego de diferentes estratégias de avaliação psicológica, sejam elas de qualquer tipo, nas investigações sobre campos na área de Psicologia da Saúde,

considerando-se a relação dessas duas vertentes do estudo e da prática em Psicologia. Parte-se, inicialmente, da relevância da área de avaliação psicológica para a formação e atuação do profissional psicólogo, pois, de acordo com a legislação que regulamentou a profissão, o manuseio de instrumentos de avaliação psicológica, para finalidade técnica ou de pesquisa, é de uso exclusivo e restrito aos profissionais da área de Psicologia, o que confere destaque da referida área nos mais diferentes contextos profissionais e de investigações. Além disso, a crescente demanda de discussões práticas e de estudos na área de saúde, como importante interlocução entre o conhecimento psicológico e as reflexões sobre diversos temas, o que reforça o papel da Psicologia como área da saúde humana. Trata-se de uma prática de uso exclusivo do psicólogo, mas que igualmente contribui com a inserção deste profissional nos mais diversos espaços de trabalho, como por exemplo, na Justiça, no Esporte, no Hospital, nas Instituições, entre outras áreas mais tradicionais como nas Organizações e nas Escolas.Enquanto campo de atuação, a Psicologia constantemente se revigora e redimensiona seus horizontes, é possível observar a ação dos psicólogos nos CREAS, CRASS, na saúde pública, e nesse contexto, vale a reflexão sobre o papel da Avaliação Psicológica, pois, por meio de sua própria finalidade, colabora diretamente para a compreensão do indivíduo inserido em sua realidade. Considerando-se que a área da saúde congrega uma amplitude de saberes e fazeres advindos das mais diferentes áreas do conhecimento, o presente Grupo de Trabalho aponta para a necessidade de se fomentar o debate tendo como premissa a importância da Avaliação Psicológica nesses contextos, uma vez que a presença de profissionais de áreas afins por ocasião do Congresso de Psicologia da Saúde oferece a oportunidade para este momento de troca experiências. Nesse sentido, optou-se pela inscrição do Grupo de Trabalho sobre Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde no eixo temático sobre Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: em busca da integralidade da atenção à saúde, com ênfase na formação e atuação profissional, por se compreender que as diferentes estratégias e instrumentos de avaliação psicológica, em sua totalidade, se coadunam com a concepção interdisciplinar para a integração de informações para a atenção à saúde dos indivíduos. Tal postura pauta-se nas questões de que a avaliação pode subsidiar a compreensão mais ampla dos diferentes fenômenos psicológicos, quando associados à análise dos contextos em saúde humana. Para tanto, o Grupo de Trabalho sobre Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde busca trabalhos que possam gerar discussões, reflexões e, consequentemente, promovam a afirmação de uma postura cada vez mais favorável à Avaliação Psicológica como prática capaz de nortear ações interventivas e preventivas pautadas em subsídios científicos baseadas no emprego de diferentes técnicas, procedimentos clínicos e instrumentos de avaliação, como entrevistas, observações, questionários, escalas, inventários ou testes psicológicos padronizados (com fundamentação psicométrica, expressiva ou projetiva) na compreensão de variados temas relacionados à saúde humana, tais como quadros crônicos, psicossomáticos ou orgânicos e sua relação com a dinâmica psicológica dos indivíduos. A concepção adotada centra-se na possibilidade de discutir Avaliação Psicológica a partir da prática profissional como também da ciência psicológica. Sabe-se que é possível atuar com instrumentos de avaliação, entretanto também é de conhecimento comum as implicações éticas em se fazer uso de um determinado instrumento sem a identificação deste instrumento ser ou não cientificamente qualificado para ser utilizado naquela população e contexto. Sendo assim, trabalhar com Avaliação Psicológica implica necessariamente em conhecer critérios de cientificidade, com a validade, a precisão, a padronização e as normas, que significam os marcos referenciais da qualidade técnica do instrumento psicológico. Evidente que não se trata de afirmar que o psicólogo tenha que conhecer todos esses procedimentos científicos, pois, nesse caso, seria uma tarefa de pesquisa muito complexa. Mas, caberia ao psicólogo conhecer minimamente tais conceitos ao fazer uso de um determinado teste psicológico. Não há como se desconsiderar tais

aspectos quando se pretende fazer uso das técnicas e instrumentos em Psicologia. Portanto, o Grupo de Trabalho em Avaliação Psicológica pretende valorizar a necessidade desse conhecimento adequando seu uso a populações específicas. Destaca-se, ainda, que a compreensão integrada das condições e dos recursos psicológicos dos indivíduos ou grupos, como possibilita a Avaliação Psicológica, certamente se mostra como uma visão mais pertinente à dimensão humana tanto daquele que se encontra enfermo quanto daquele que se encontra em situação de risco ou vulnerabilidade no quesito de sua saúde. Reforça-se a necessidade de articular resultados oriundos do universo psicológico com dados dos exames biomédicos ou de conjunturas socioeconômicas, visando apreender da maneira mais profunda possível o que se passa com aquele que sofre e com sua família.

Avaliação psicológica para cirurgia bariátrica: pesquisa e prática profissional

Beatriz Schmidt (UFRS), Simone Dill Azeredo Bolze, Maria Aparecida Crepaldi (UFSC)

O objetivo deste estudo é discutir aspectos da pesquisa e da prática profissional no contexto da avaliação psicológica para cirurgia bariátrica, com ênfase a técnicas e instrumentos comumente utilizados, formas de devolução de resultados e encaminhamentos. Logo, essa proposta insere-se no GT “Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde” (eixo temático: IAS). Trata-se de revisão integrativa sobre a temática, com base na literatura científica nacional e internacional, bem como em normativas do Sistema Único de Saúde. Conforme Portaria MS/GM nº 424/2013, que redefine diretrizes de prevenção e tratamento de sobrepeso e obesidade, a avaliação psicológica é obrigatória na programação pré-operatória em candidatos à cirurgia bariátrica. A atuação dos psicólogos nesse processo consiste em atividade recente, cujo campo de conhecimento encontra-se em construção, visto que a própria modalidade cirúrgica é relativamente nova. Não obstante, o número de cirurgias bariátricas vem sofrendo significativo incremento; em 2015, por exemplo, 93,5 mil pessoas realizaram o procedimento no Brasil. A cirurgia bariátrica associa-se à significativa redução do peso corporal, o que provoca não somente transformações físicas, mas também psicológicas, face às implicações emocionais decorrentes de mudanças corporais e de hábitos de vida. Para prevenção de desdobramentos negativos, destaca-se a importância da avaliação psicológica considerar aspectos individuais, familiares e sociais do candidato, por se relacionarem aos resultados do tratamento longitudinal. Constatou-se que as técnicas mais aplicadas na avaliação psicológica para cirurgia bariátrica, nacional e internacionalmente, foram entrevista e testagem psicológica. No que diz respeito aos instrumentos de avaliação, em diferentes estudos foram utilizados: Inventário de Depressão Beck (depressão); Inventário de Ansiedade Beck (ansiedade); Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade (personalidade); *Binge Eating Scale* (compulsão alimentar); *Body Shape Questionnaire* e Desenho da Figura Humana (imagem corporal); Entrevista Familiar Estruturada e Genograma Familiar (padrões relacionais e rede de apoio familiar). Nem todos os instrumentos aplicados nos estudos revisados estão favoráveis para uso profissional pelo CFP, de modo que são discutidas alternativas para esses casos. Destaca-se a importância da não banalização de tal processo de avaliação, pois a cirurgia bariátrica acarreta significativas transformações na vida dos envolvidos. Sugere-se a realização de entrevistas devolutivas, para favorecer a compreensão do candidato sobre os achados, bem como de encaminhamentos a outros profissionais ou serviços de saúde, quando necessários. Assim, pode-se contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo, evitando ou minimizando qualquer sofrimento ou dano. Pesquisas adicionais são recomendadas, sobretudo nacionalmente, uma vez que evidências empíricas podem oferecer subsídios à avaliação psicológica para cirurgia bariátrica.

Avaliação psicológica em psicologia da saúde: questionários sobre coparentalidade

Carolina Duarte de Souza, Gabriela Mello Sabbag (UFSC), João Rodrigo Maciel Portes (UFSC, UNIVALI), Monica Barreto, Mauro Luís Vieira, Roberto Moraes Cruz (UFSC)

A coparentalidade consiste na divisão de tarefas entre os responsáveis pelos cuidados e a educação de um filho. Esse construto compreende diferentes definições e dimensionalidades que embasaram diversas propostas de mensuração do fenômeno. A coparentalidade deve ser alvo de estratégias de prevenção em saúde da família e da criança, por ser um fator associado ao desenvolvimento dos membros da família. O emprego de instrumentos de medida construídos e validados em um idioma e cultura em diferentes línguas e contextos culturais tem aumentado. Essas versões adaptadas são tecnologias que podem permitir o avanço nas pesquisas e conhecimento sobre o fenômeno estudado, além de em alguns casos permitir a realização de estudos transculturais, o que pode fornecer dados para estratégias mais eficazes de promoção da qualidade do desenvolvimento humano. A ausência de instrumentos adaptados e validados para o contexto brasileiro e latino-americano evidencia a necessidade de elaboração ou adaptação e validação de questionário/escala de coparentalidade para essas populações. Portanto, este trabalho investigou as propriedades psicométricas de escalas e questionários sobre coparentalidade, e insere-se no GT “Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde” – IAS, visto a necessidade em se considerar critérios de cientificidade, com a validade, a precisão, a padronização e as normas, que significam os marcos referenciais da qualidade técnica de um instrumento psicológico. Para tanto se analisaram as validades totais de seis artigos de construção e/ou adaptação de instrumentos que permitiam acesso ao texto completo, resultantes de uma busca sistemática em portais de pesquisa internacionais. A validade de conteúdo mais citada foi a de face; a análise fatorial foi utilizada por todos os estudos para validade de construto; e quase todas as pesquisas realizaram algum tipo de validade de critério. O Alpha de Cronbach foi a medida de precisão citada em todas as produções. Ao refletir sobre os resultados desse estudo considera-se a *Coparenting Relational Scale* e o *Coparenting Questionnaire* como possíveis candidatos para adaptações no contexto latino-americano por seu embasamento teórico e a qualidade psicométrica.

Técnicas projetivas com adultos idosos: revisão de literatura

Silvana Alba Scortegagna, Camila Ferraz Bortolini, Thais Salete Chirnev (UPF-RS)

Diante do aumento da expectativa de vida, da necessidade responder as demandas de avaliação psicológica ede direcionar intervenções efetivas para atenderos adultos mais velhos, este estudo objetivou analisar as publicações com o uso de técnicas projetivas com idosos, para ratificar sua consistência e efetividade na investigação de aspectos estruturais e emocionais da terceira idade. O seguinte trabalho relaciona-se com o Grupo de Trabalho em Avaliação Psicológica, pois busca evidenciar a necessidade e a importância dessa prática nas populações idosas.A revisão de literatura tomou por base as diretrizes da *PreferredReportingItems for SystematicReviewsand Meta-Analysis* PRISMA, recaiu sobre artigos, dissertações e teses publicados entre 2000 e 2016. As bases de dados envolveram SciELO, PePSIC, Lilacs, BVS, CAPES, IBICT, biblioteca virtual da USP, PUCRS, UPF, UFSM, UCDB, UFRGS, Mackenzine, Pubmed, Elsevier, APA, ScienceDirect. Utilizaram-se as palavras-chave "testes", "projetivos e idosos", “Rorschach e idosos”, “TAT e idosos”, “Pfister e idosos”, “Zulliger e idosos”, “projective”, “test” e “elderly”, “Rorschachandelderly”, “TAT

andelderly", "Pfisterandelderly", "Zulligerandelderly". Os critérios de exclusão foram: duplicidade, amostra não idosa, não aplicação de teste projetivo, revisão teórica e incoerência total com o tema. Dos 506 estudos encontrados, foram incluídos 26, totalizando 14 (53,8%) nacionais e 12 (46,2%) internacionais, entre eles artigos (69,2%), dissertações de mestrado (19,2%) e teses de doutorado (11,5%), Os instrumentos mais empregados foram o Rorschach e Desenho da Árvore (19,2%), Zulliger e SAT (11,5%). Entre os resultados, as técnicas trouxeram uma compreensão expressiva da estrutura global de personalidade dos idosos, no seu funcionamento emocional, tanto em idosos saudáveis quanto os com patologia física e mental, também corroboraram na construção e execução de intervenções e avaliação de mudanças após tratamento psicoterápico.Diante destas relevantes contribuições e dos parcos estudos encontrados, constata-se que o uso das técnicas projetivas neste contexto deve ser incentivado.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Medidas projetivas de personalidade, Teste de personalidade, Psicologia do idoso, Revisão de literatura.

Representação simbólica da religiosidade como fator de resiliência em saúde: estudo de caso por meio do desenho-estória com tema

Raquel Pereira Branco Santos, Paulo Francisco de Castro (UNITAU)

Este trabalho objetiva discutir a representação simbólica da religiosidade, compreendida como fator de resiliência para o enfrentamento de um problema de saúde, por meio de um estudo de caso a partir dos dados do Desenho-estória com Tema. A pesquisa relaciona-se com o GT Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde, por utilizar para a coleta de dados e reflexões posteriores o Desenho-estória com Tema, além disso, associa-se com o eixo interdisciplinaridade e intersetorialidade, por associar religiosidade e resiliência. A religiosidade e a fé podem ser consideradas como fatores de resiliência de significativo impacto na vida dos indivíduos, criando estratégias de enfrentamento em várias situações adversas que podem ser vivenciadas, incluindo-se aqui dificuldades ou problemas de saúde. A percepção que a crença religiosa pode interferir de forma benéfica no processo de cuidado a um determinado quadro clínico, no sentido do reestabelecimento da saúde, é constante, independente da designação religiosa adotada pelo indivíduo. Participou do estudo de caso uma mulher, com 68 anos, ensino superior completo e aposentada, de designação de fé católica. Segundo os dados apresentados por ela mesma, apresentou um problema cardíaco congênito, tardiamente diagnosticado, cuja indicação de tratamento envolvia uma intervenção cirúrgica. Relata que em função de sua fé, obteve a cura desse quadro e a cirurgia não necessitou ser realizada, portanto, acredita que a remissão do quadro ocorreu em função de sua religiosidade. A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada e a aplicação do Procedimento do Desenho-estória com Tema - D-E/T com instruções sobre a representação e sobre a relação com a Beata na qual deposita diretamente suas ações de fé. Após análise do material coletado, observou-se, por meio da entrevista, grade importância da religião e da fé na vida da participante que possui prática cotidiana dos rituais próprios do catolicismo, além de plena convicção da influência e da significação da religiosidade em seu processo de cura. Os dados do D-E/T revelaram atitude básica de aceitação e insegurança, porém com identificação positiva; figura significativa fraterna, sentimentos derivados do instinto de vida, tendências construtivas e impulsos amorosos, todos revelando uma representação simbólica positiva e de crescimento diante do tema abordado. Quando se analisa os mecanismos de defesa, tem-se projeção, idealização e sublimação, o que, em

termos psicodinâmicos, pode ser compreendido como parte dos recursos inconscientes utilizados pela participante para enfrentamento da angústia gerada pelo problema de saúde vivido.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Religiosidade e saúde, Desenho-estória.

A saúde do agente penitenciário da mesorregião da grande Florianópolis

Leticia Scartazzini, Lucienne Martins Borges (UFSC)

No Brasil, existe uma taxa de reincidência criminal em torno de 70%, ou seja, a cada 10 indivíduos que saem do sistema prisional, sete voltam a cometer delitos. Esta estatística clarifica a falta de competência em cumprir o objetivo ideal do sistema prisional: reintegrar o sujeito que cometeu um ato ilegal à sociedade. Basicamente o sistema prisional brasileiro é composto de gestores, agentes penitenciários e detentos. Estes elementos interagem em um ambiente permeado por violência e punição, onde há pouco espaço criativo e saudável. Ao contrário do sujeito julgado criminoso, que cumprirá parte de sua pena em uma instituição prisional, progredindo de regime até a liberdade, o agente penitenciário passará muitos momentos de sua vida, possivelmente até sua aposentadoria, exercendo seu ofício sob a custódia das mazelas desta condição, que envolve: exclusão, estigma, julgamento social e outras questões que podem constituir condições para sofrimento e prejuízo na qualidade de vida deste servidor. Esta temática se insere no eixo temático 1. PCV, no subtema 1.6: Saúde do trabalhador. Neste sentido, esta pesquisa objetivou investigar os fatores de risco, proteção e descrever as formas adotadas para o enfrentamento destes fatores de risco relacionados ao ambiente prisional. Para tal, foram entrevistados quinze agentes penitenciários de duas instituições prisional da Mesorregião da Grande Florianópolis, uma de segurança mínima e outra máxima – amostra que representa10% dos agentes de cada unidade. Além da entrevista semiestruturada também foi utilizado, para a coleta de dados, os instrumentos WHOQOL-100 e SQR (SRQ-A e SRQ-20). Os resultados apontam para fatores de risco no tocante à instituição; fatores de risco relacionados ao cotidiano e por fim, fatores de risco vinculados à violência. No que se refere aos fatores de proteção, os resultados apontam fatores institucionais, de âmbito social e de caráter subjetivo. Acerca das formas de enfrentamento, destaca-se as evitativas, as de distração e, por fim, as previdentes. O referencial epistemológico usado nesta pesquisa considera o sujeito como produtor e produto de seu meio, que opera e se adapta às exigências continuas. O meio referido aqui é o sistema prisional, o qual expõe a vulnerabilidade de todos os envolvidos. A conclusão desta pesquisa indica que a escolha por esta profissão pode ser considerada como um fator de risco, impactando a condição de vida e de saúde destes sujeitos.

Transtornos mentais e comportamentais em trabalhadores de frigoríficos no Brasil

Romilda Guilland, Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz (UFSC)

O trabalho é fonte de ambiguidade. Ao mesmo tempo que realiza inclusão social e satisfação produtiva, pode ser fonte de exclusão e adoecimento das pessoas. Atividades ocupacionais em que as condições de trabalho impactam negativamente na saúde dos trabalhadores constituem um desafio científico e profissional para o seu dimensionamento e controle. Entre os trabalhadores de frigoríficos, dados disponíveis revelam taxas de frequência doenças

ocupacionais e crescimento no número de benefícios previdenciários relacionados aos transtornos mentais e comportamentais. O objetivo deste trabalho é analisar a prevalência de Transtorno Mentais e Comportamentais (TMC) em trabalhadores de indústrias de abate de suínos, aves e outros pequenos animais (CNAE 1012) no Brasil, sendo este um dos objetos de estudo do Grupo de Trabalho – Transtornos Mentais e Comportamentais no Trabalho. Trata-se de um estudo epidemiológico de caráter exploratório e descritivo. Foi caracterizado o perfil da população de trabalhadores empregados em indústrias enquadradas no CNAE 1012, conforme o Relação Anual de Informações Sociais, assim como os benefícios concedidos para trabalhadores e que foram considerados incapacitados, por apresentar transtorno mental, no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2014, conforme dados do Instituto Nacional do Seguro Social. Foram considerados somente os benefícios referentes ao Auxilio Doença Previdenciário (B31) e o auxílio doença por acidente de trabalho (B91). Os resultados revelaram que, no Brasil, no total de pessoas afastadas, somente 8,48% delas receberam diagnóstico de referente a transtornos mentais. Ao comparar a média dos benefícios B31 e B91 concedidos, ano a ano, observou-se que houve diferença entre os estados e entre os tipos de benefícios cedidos. Houve a prevalência de B31 (80,29%), em detrimento de B91 (19,71%), sendo que os transtornos depressivos tiveram prevalência de 37,54%. Essa diferença entre os tipos de benefícios concedidos, indica que o nexo entre transtornos mental e trabalho, pode não estar sendo considerado, em função disto, há mais benefícios previdenciário em detrimento do acidentário. Esses resultados apontam a necessidade de uma reflexão crítica acerca das avaliações clínicas e diagnósticos de TMC em trabalhadores da indústria de frigoríficos, especialmente considerando que, ao analisar o total de benefícios concedidos ano a ano, verificou-se que apesar do Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário (NTEP) ser reconhecido no Brasil no ano de 2007, a partir de 2009, o número de benefícios previdenciários voltou a reduzir.
Palavras-chave: saúde ocupacional, transtornos mentais, frigoríficos, prevalência.

Exposição a incidentes críticos e prevalência de transtornos mentais em policiais civis

Diogo Picchioni Soares, Maria Cristina d'Avila de Castro, Roberto Moraes Cruz (UFSC)

O trabalho policial envolve jornadas prolongadas e estafantes, estrutura precária, salário baixo, falta de reconhecimento ea exposição a incidentes críticos – eventos potencialmente traumáticos que incluema ameaça à própria integridadee situações comcadáveres, pessoas mutiladas, crianças estupradas, desastres naturais, colegas feridos. A ocorrência de agravos à saúde do policial envolve a **sinergia dessas dimensões do trabalho, influenciando o desfecho de transtornos mentais** – quadros clínicos patológicos que expressam variações mórbidas do estado mental, ou síndromes individuais caracterizadas por distúrbios significativos na cognição, regulação emocional ou no comportamento. Nos estudos brasileiros e estrangeiros que abordam os transtornos mentais em policiais há predominância de investigações sobre estresse pós-traumático, síndrome de *burnout*, estresse ocupacional, depressão e problemas de sono. Os estudos consideram a **influência da exposição a incidentes críticos sobre o desfecho**, contudo não realizam a definição operacional do construto, discutindo-o sob diferentes rótulos e de maneira fragmentada entre as demais condições de trabalho. Há indícios de associação entre incidentes críticos e sintomas de transtornos mentais, como a ansiedade e a depressão influenciadas pela incapacidade adaptativa a acontecimentos agudos geradores de estresse. Dessa discussão, emerge o questionamento sobre a associação entre a exposição a incidentes críticos e a prevalência de

transtornos mentais em policiais. O **objetivo do estudo** é investigar a associação entre a exposição a incidentes críticos e a prevalência de transtornos mentais em policiais civis de Santa Catarina, observando a exposição a incidentes críticos e rastreando sintomas de transtornos mentais, identificando a prevalência de transtornos mentais no período de 2009 a 2015. O **método** da pesquisa possui fulcro **epistemológico** de cunho epidemiológico e psicométrico. Na **etapa psicométrica** os policias são convidados a responder um instrumento de pesquisa composto por quatro questionários, abordando a exposição a incidentes críticos e o rastreamento de sintomas de transtornos mentais, com tempo médio de trinta minutos para o preenchimento. A **etapa epidemiológica** consiste na análise da prevalência de afastamentos do trabalho por transtornos mentais entre 2010 e 2015, por meio da observação de dados do Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos da Secretaria de Estado da Administração. A associação de indicadores psicométricos e epidemiológicos indicará fatores de risco para o desfecho de transtornos mentais. Os resultados preliminares da pesquisa indicam uma importante prevalência do desfecho entre os policiais civis, fase de associação às demais variáveis. Isso possibilitará que recursos preventivos sobre o trabalho policial sejam direcionados para grupos, tipos de eventos e momentos específicos.

Trabalho policial e afastamento do trabalho por transtornos mentais

Maria Cristina d'Avila de Castro, Roberto Moraes Cruz (UFSC), Gabriela Arantes Wagner (USP), Fabiola Polo, Diogo Picchioni Soares (UFSC)

Os transtornos mentais e comportamentais (TMC) são definidos como síndromes individuais identificadas por distúrbios significativos na cognição, regulação emocional ou no comportamento. Agravos à saúde mental têm sido determinantes de Licenças para Tratamento de Saúde (LTS) e de benefícios de saúde e previdenciários, marcando a necessidade de maior atenção às condições laborais. O objetivo do estudo foi correlacionar características do trabalho do policial civil e o afastamento do trabalho por diagnóstico de transtorno mental. Portanto, em acordo com o grupo de trabalho que pretende discutir sobre "transtornos mentais no âmbito do trabalho" (PVC). Pesquisa epidemiológica, descritiva, quantitativa e transversal. A variável dependente foi a ocorrência de LTS por TMC e as independentes foram as características sociodemográficas, ocupacionais e clínicas. Análise descritiva e inferencial foi realizada utilizando o teste estatístico Qui-quadrado de Pearson ($\chi 2$) e significância estatística de 5% ($p<0.05$). A magnitude das associações foi estimada pela odds ratio (OR) com intervalos de confiança acima de 95% (IC 95%). A prevalência de TMC em policiais afastados foi 6,4%. Maior tempo de serviço aumenta a chance de afastamento por TMC para os policiais do sexo masculino [OR=3.44(2.25-6.80)] e feminino [OR=4.95(2.12-11.54)], quando comparados com os não afastados. O transtorno de humor foi prevalente (16%), seguido do transtorno de ansiedade e estresse (12,6%). As mulheres se afastaram mais por transtorno de humor (58%) e os homens por transtorno de ansiedade e estresse (47,6%). Os transtornos de humor foram prevalentes em policiais com idade acima de 60 anos (75%) que não trabalhavam na Grande Florianópolis (62,2%). Os de ansiedade e estresse ocorreram mais frequentemente entre aqueles com 25 e 36 anos de idade (65,8%), que trabalhavam na Grande Florianópolis (57,7%). Homens e mulheres com transtorno de humor tiveram mais chance de se afastar [OR=2.25(1.24-4.06)] quando trabalhavam fora da região da Grande Florianópolis. Os com tempo de serviço entre 20 a 29 anos tiveram mais chance [OR=2.06(1.04-4.10)] de afastamentos por transtornos de humor quando comparados àqueles com transtornos de ansiedade e estresse. O ajuste do modelo manteve a região de trabalho associada positivamente aos afastamentos por transtornos de humor [OR=2.56(1.33-4.95)]

para aqueles cuja região de trabalho estava fora da Grande Florianópolis. Os resultados permitem identificar perfis de grupos alvos para prevenção e promoção da saúde e evidenciam a relevância da continuidade de pesquisas, especialmente as longitudinais para compreensão do nexo entre o trabalho e o adoecimento mental em policiais.

A psicologia em unidade de internação cirúrgica: etapas do atendimento psicológico

Klara Zoz de Souza, Jaqueline Campiol (UFSC), Andrea Regina de Rezende, Camila Cássio Schutz, Douglas Ferraz de Araújo (HU- UFSC)

A psicologia está cada vez mais presente em diversos contextos, sendo o hospital um deles. Há a possibilidade do psicólogo trabalhar em Unidades de Internação Cirúrgicas (UIC), caracterizadas pela alta rotatividade de pacientes, que permanecem internados no hospital geralmente por pouco tempo e são submetidos à procedimentos invasivos e complexos. A relação com o grupo de trabalho “Intervenções Psicológicas na Atenção Hospitalar” (IPR) se dá, pois, este trabalho objetiva especificar as etapas do atendimento psicológico realizado no contexto de média e alta complexidade de Unidades de Internação Cirúrgicas, sendo estas: triagem, atendimentos pré, trans e pós cirúrgicos e preparação para alta/encaminhamentos. Os pressupostos epistemológicos orientadores destas práticas são a complexidade, instabilidade e intersubjetividade. A atuação parte do intrapsíquico para o Inter psíquico, através de práticas integradoras que superem a fragmentação e busquem auxiliar no processo de desenvolvimento humano através da produção de subjetividades. A intervenção se dá em contexto complexo, em uma perspectiva de clínica ampliada com foco na universalidade, equidade e integralidade das práticas. Método: São realizadas triagens nas UIC por solicitação da equipe ou busca ativa, para levantar necessidades e disponibilidade do paciente/família de continuidade de atendimento psicológico durante a internação e identificar prioridades de atendimento. Os pacientes identificados na triagem seguem em atendimento pré-operatório para avaliação das condições emocionais e auxilio no enfrentamento e elaboração da experiência de cirurgia. Destes, os que possuem demandas específicas podem ser acompanhados até o centro cirúrgico até o momento de sedação no transoperatório a fim de oferecer segurança e tranquilidade ao paciente/família frente aos riscos intrínsecos do procedimento cirúrgico. No momento pós-operatório é verificada a situação psíquica e emocional do paciente/família após a cirurgia. Já na preparação para alta são trabalhadas as questões referentes à adesão ao tratamento, mudanças de vida e adaptação às novas condições, bem como verificadas as condições da rede de apoio, a fim de pensar nos possíveis encaminhamentos para rede de saúde. Resultados: Organização do serviço de psicologia e sistematização de práticas profissionais, deixando registros de possibilidades de trabalho e colaborando com a psicologia hospitalar e da saúde. Qualificação do atendimento ao usuário e seus acompanhantes. Conclui-se que a sistematização das etapas de trabalho do psicólogo hospitalar em Unidades de Internação Cirúrgicas organiza o serviço e qualifica a equipe de psicologia para atendimento ao usuário, realiza prevenção de agravos e comorbidades, promoção de saúde e ressignificação das experiências do sujeito.

Cirurgia bariátrica: fatores psicossociais relacionados ao reganho de peso no período pós-operatório

Alessandra d´Avila Scherer, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (UFSC)

O presente estudo se insere no contexto da atenção hospitalar ao paciente bariátrico, vinculado ao eixo “intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde” (IPR). A recuperação do peso após a cirurgia bariátrica, compreendida aqui a partir do pressuposto da Complexidade proposto por Edgar Morin, tem sido relatada na literatura especializada e constatada nas evidencias clínicas. Em pesquisa realizada na literatura disponível online, é possível constatar a necessidade da realização de trabalhos de revisão sistemática que englobem somente pesquisas realizadas e publicadas no país. Com o intuito de conhecer a produção científica e as tendências de olhar para este problema no contexto nacional, o objetivo deste estudo foi investigar os fatores psicossociais relacionados ao reganho de peso após a CB, apresentados nas publicações brasileiras, de 2009 a 2015 nas bases de dados, SciELO, LILACS, BVS a Index Psi Periódicos, com os descritores inseridos no DeCS: "cirurgia bariátrica", "ganho de peso", "derivação gástrica". Foram incluídos trabalhos realizados no Brasil e publicados em língua portuguesa, que abordam fatores associados ao reganho de peso no período pós-operatório. Foram encontradas 16 ocorrências que passaram por leitura e análise na íntegra, tendo sido excluídos 7 estudos por não contemplarem os critérios adotados. Os resultados apontaram que os fatores associados ao reganho de peso após CB são: a necessidade de mudança no padrão alimentar que deve ocorrer em longo prazo sendo assimilada com maior ou menor facilidade pelo paciente operado (destaque para a ingesta de carboidratos, padrão “beliscador” e o consumo excessivo de álcool); a atividade laboral que estimula alimentação fora de casa, dificultando a adesão ao novo plano alimentar; os fatores psicológicos e psiquiátricos (destaque para a compulsão alimentar periódica, seguida da depressão, ansiedade e uso de substâncias); a baixa adesão ao tratamento no pós-operatório; a necessidade de acompanhamento com equipe multidisciplinar especializada; a necessidade do acompanhamento psicológico; e, por fim, as diferenças socioeconômicas que levam ao consumo de alimentos ricos em gordura e açúcar, deficientes em nutrientes essenciais e com paladar agradável, muitas vezes mais acessível. Conclui-se que o vínculo entre comportamento alimentar e contextos sociais, em que a família possui papel nuclear, não foi identificada, diante disso, cabe ressaltar a necessidade de investigar o papel da rede social significativa no reganho de peso após a CB.

Levantamento de demandas emocionais de pacientes com câncer de mama no pré cirúrgico

Michele Patriota de Lima, Lais Freitas Saraiva de Oliveira, Paula da Silva Kioroglo Reine
(Hospital Sírio Libanês)

Objetivo: Identificar as demandas emocionais de pacientes com câncer de mama no período pré cirúrgico, participantes de um grupo psicoeducativo multiprofissional.
GT (IPR): Este trabalho apresenta uma proposta psicoeducativa no contexto hospitalar, que em nossa prática tem funcionado tanto como um espaço de orientação e acolhimento, quanto para estabelecimento de vínculo e identificação de demanda para suporte emocional na internação e em ambulatório.
Pressupostos epistemológicos: O câncer traz consigo incertezas e inseguranças comumente observadas como reações na mulher que vivencia este diagnóstico. Suas atitudes e comportamentos são moduladas pelo significado por ela atribuído ao adoecimento, suas relações e interações sociais.
Método: Trata-se de um grupo psicoeducativo realizado por psicólogos e enfermeiros no Ambulatório de Mastologia de um hospital filantrópico da cidade de São Paulo, tendo como participantes mulheres com indicação cirúrgica para o tratamento do câncer de mama e seus

acompanhantes. Neste estudo foram analisados registros de 20 grupos, realizados entre os meses de julho/2015 a março/2016, com um total de 73 pacientes participantes, todas do sexo feminino. O conteúdo destes grupos foi registrado em diário de bordo e por meio da análise de conteúdo, foram realizadas a pré análise e a exploração do material. De acordo com a frequência chegou-se à definição dos grandes temas: Reação ao diagnóstico, Preocupações e dificuldades com o tratamento e Recursos de enfrentamento.
Resultados: Na categoria *Reação ao diagnóstico*, o susto e a surpresa foram as mais mencionadas (22%), seguida pelos questionamentos de culpa e/ou raiva (18%), tranquilidade e/ou confiança (15%) e negação (15%). Em relação às *Preocupações e dificuldades durante o tratamento,* destacam-se: a cirurgia (21%) e o relacionamento com familiares e amigos (20%), seguidos pelas quimioterapias, radioterapia ou hormonioterapia (19%) e os cuidados no pós-cirúrgicos (16%). Também foram citados subtemas relacionados à autoimagem corporal, como reconstrução mamária (11%) e queda dos cabelos (10%). Entre os *Recursos de enfrentamento* foram mencionados: espiritualidade (21%), compartilhamento das experiências (18%), confiança na equipe de cuidado (14%), busca de informações (7%) e acompanhamento psicológico (7%).
Considerações finais: Neste trabalho identificamos que as reações de susto, surpresa, sentimentos de culpa e raiva foram as principais reações ao diagnóstico. As preocupações mais frequentes estavam relacionadas à cirurgia e ao impacto na esfera sócio familiar. A espiritualidade, seguida da possbilidade de falar sobre a experiência do adoecer por câncer, apareceram como os recursos de enfrentamento mais presentes.

Intervenção psicológica vídeo-orientativa em pacientes submetidos ao cateterismo cardíaco

Ana Caroline Secco, Dorian Mônica Arpini (UFSC), Ciomara Benincá, Silvana Alba Scortegagna, Júlia Mognon (Universidade de Passo Fundo/Secretaria Municipal de Saúde), Amanda Valério Espíndola (UFSC)

O objetivo do estudo foi verificar a efetividade de uma vídeo-orientação na redução dos níveis de ansiedade e medo em pacientes submetidos ao cateterismo cardíaco. Apresenta dessa forma, como eixo temático as intervenções psicológicas na atenção hospitalar, correspondendo ao GT atenção hospitalar (IPR), uma vez que a intervenção psicológica desenvolvida se deu nesse nível de atenção. O cateterismo cardíaco, apesar da baixa incidência de efeitos adversos, da possibilidade de morte remota, e mesmo se tratando de um exame e não de uma intervenção cirúrgica constitui-se em um procedimento médico invasivo que gera forte impacto emocional aos pacientes a ele submetido. Nesse sentido, se faz necessário o desenvolvimento de estratégias que visem diminuir os índices de ansiedade, estresse e medo em relação à realização do procedimento, evitando prejuízos para o paciente, a equipe e a instituição, pois há evidências de que pacientes ansiosos têm mais complicações durante o cateterismo do que os outros, o que pode levar ao aumento da extensão e da dificuldade do procedimento e imprecisões no resultado do exame. Para tanto, foi realizada uma intervenção quase-experimental com um grupo intervenção (30) e um não-intervenção (30), com idade média 62 anos, sendo 37 homens e 23 mulheres. Foram aplicados 1) Inventário de Stress de Lipp, escala de ansiedade de Beck e questionário de autorrelato para ambos os grupos; 2) vídeo-orientação para o grupo intervenção. A análise estatística demostrou significativamente que os pacientes do grupo-intervenção apresentaram melhores índices de conhecimento sobre o procedimento, menor preocupação e menor ansiedade e medo do que o grupo não-intervenção. Além disso, no Inventário de Stress de

Lipp e na escala de ansiedade de Beck não houveram diferenças significativas entre os dois grupos, sendo que a maioria dos pacientes apresentavam sintomas de stress com manifestações psicológicas, estando na fase da resistência, e apresentavam também níveis moderados de ansiedade.Apesar da população do estudo ter sido caracterizada por idade elevada, nível socioeconômico e de escolaridade baixos, o que poderia dificultar a compreensão das informações, os resultados evidenciaram a eficácia da intervenção psicológica vídeo-orientativa, caracterizando o recurso audiovisual como uma estratégia acessível e de fácil compreensão a qualquer pessoa. Esse tipo de estudo contribui para o desenvolvimento de intervenções humanizadas e equitativas, que democratizem a informação, e qualifiquem a assistência psicológica oferecida aos pacientes/usuários do sistema de saúde.

A violência e redes enquanto uma trama singular: a importância de sua visibilização no contexto da intervenção profissional

Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (UFSC),
Ana Cláudia Wanderbroocke (Universidade Tuiuti do Paraná)

Congregar experiências profissionais e de produção científica relacionadas à temática da violência e redes sociais, configuradas em diferentes contextos de intervenção. Entende-se a violência, enquanto fenômeno relacional, como um grave problema de saúde pública, que se caracteriza pela singularidade de suas expressões e formas, afetando decididamente o processo saúde-doença. Se caracteriza por ser um fenômeno multifacetado e complexo, em que diferentes elementos se conjugam e se afetam recursivamente, constituindo-se numa trama relacional de difícil acesso, que desafia à intervenção profissional e/ou institucional. Enquanto pressuposto principal que sustenta a violência, se reconhece a impossibilidade de que somente um olhar profissional possa acolher a mesma, razão pela qual, exige estratégias e/ou intervenções em que a postura profissional deve ser construída na perspectiva da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e integralidade. Nesse contexto, a Violência, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, é definida como sendo a ameaça ou prática, por meio da força física ou do uso do poder intencional, contra uma pessoa, grupo ou instituição que resulte em sofrimento, privação, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou morte. Trata-se de um fenômeno complexo, que engloba fatores sociais, históricos, culturais, pessoais, mentais e biológicos, cada um com suas especificidades na forma como se apresentam. A mesma pode se manifestar de diferentes formas: violência física, psicológica, sexual, financeira e/ou negligência/abandono. No que diz respeito aos efeitos deletérios da violência, a mesma afeta decisivamente a todos os protagonistas envolvidos na mesma. Na infância e adolescência, destaca-se que nem sempre as crianças e adolescentes chegam aos serviços de saúde apresentando sinais visíveis de violência, uma vez que a mesma pode estar presente por meio de marcas invisíveis, resultado da violência sexual, psicológica e/ou de negligência. Assim, problemas de saúde, como obesidade, afecção da pele, distúrbios do sono e dificuldades na fala; comportamentos infantis; enurese noturna comportamentos extremos de timidez ou agressividade, destrutividade e autodestrutividade; problemas do sono; isolamento; baixo conceito de si próprio; abatimento profundo; tristeza; ideia e tentativa de suicídio; insegurança, podem ser o leque de possibilidades, em quanto sinais e sintomas, que aparecem como demandas de saúde e que mascaram a violência contra crianças e adolescentes. Com relação à violência contra mulher, a Organização Mundial da Saúde, afirma que vivenciar uma situação de violência prejudica o desenvolvimento vital das mulheres, podendo acarretar em problemas graves para a saúde

física, mental, sexual e reprodutiva, a curto e longo prazo, gerando altos custos econômicos e sociais. A violência contra a mulher, sobretudo a violência por parceiro íntimo e a violência sexual, estão entre os principais problemas de saúde pública e violação dos direitos humanos. Outro grupo vulnerável protagonista da violência, que sofre os efeitos da violência são os idosos. O crescimento da população idosa que tem ocorrido nos últimos anos em nosso país e a violência dirigida contra essas pessoas tornou-se um fenômeno recente, em termos de sua visibilização e pode ser definida como ações ou omissões cometidas uma vez ou muitas vezes, prejudicando a integridade física e emocional das pessoas desse grupo etário e impedindo o desempenho de seu papel social. A violência contra o idoso pode causar: lesões, doenças, perda da produtividade, dor, isolamento, baixa qualidade de vida, sofrimento emocional, perda da confiança em si e da autoestima, desesperança e morte prematura. Dentre os fatores de risco relacionados à violência contra o idoso, pode-se citar: fragilização das relações familiares, estresse do cuidador, isolamento social, psicopatologia, dependência química, relação desigual de poder entre autor da violência e pessoa idosa, existência de antecedentes de violência familiar, comportamento difícil da pessoa idosa, alteração de sono ou incontinência fecal/urinária que causam grande estresse ao cuidador. Com relação aos sinais de maus-tratos aos idosos, pode-se citar: abandono/ausência de cuidador, ansiedade dos familiares em visitas domiciliares, consultas médicas ou internação, presença de lesão sem explicação, divergência de histórias entre idosos e cuidador. Também, os efeitos deletérios da violência, podem ser observados nos profissionais que trabalham diretamente nas redes de saúde configuradas, seja na atenção básica ou nos outros níveis, acolhendo as demandas de violência, as quais se travestem nos mais diferentes problemas de saúde. A violência, enquanto fenômeno, se constitui numa espécie de *fumaça tóxica* que acompanha os processos de saúde e doença, intoxicando os profissionais. As consequências disto são visíveis, seja provocando exaustão profissional, temporalidade da permanência nesses locais de intervenção, como e principalmente, gerando ações que se sustentam num processo de naturalização da violência. Isto nos defronta com a necessária reflexão, em torno da formação dos profissionais que acolhem essas demandas. Por fim, aponta-se a importância da estruturação de programas de atendimento ao autor de violência, o qual, também pode ser considerado um protagonista, com o mesmo nível de vulnerabilidade que os demais protagonistas envolvidos no fenômeno da violência. Estes programas ainda são incipientes em termos de políticas públicas de saúde. No contexto das colocações acima, **o eixo temático quatro foi escolhido** pois abre a possibilidade efetiva de gerar discussões sobre qual o papel e/ou função das redes familiares, de amizades, comunitárias, de saúde e de suporte social, no contexto da intervenção junto à violência, as quais, na maioria das vezes, ficam invisibilisadas, seja pelo impacto e singularidade do fenômeno da violência, como pela falta de recursos institucionais e de formação profissional. Os trabalhos acolhidos neste GT, visam também promover discussões que se assentem nas perspectivas da multidisciplinariedade, interdisciplinaridade e integralidade, trazendo à tona, tanto as repercussões da violência na saúde dos envolvidos, na família enquanto sistema aberto, no indivíduo, como um sujeito em desenvolvimento e na comunidade como uma rede potencialmente de proteção. Buscam-se subsídios para problematizar tanto o papel das redes sociais configuradas em torno do fenômeno da violência, no sentido de buscar corresponsáveis para a intervenção, como o necessário processo de formação e cuidado profissional, para trabalhar junto à violência.

Palavras-chave: Violência, Redes de suporte social, Intervenção profissional.

Influências da rede de apoio no processo de enfrentamento de mães que tiveram filhos (as) abusados sexualmente

Francieli Sufredini (UFSC, PAEFI/CREAS), Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (UFSC)

A Organização Mundial da Saúde considera que a violência mais devastadora em termos desenvolvimentais é o abuso sexual infanto-juvenil, sendo que as mães destas crianças e adolescentes têm um importante papel no prognóstico da violência vivenciada por seus (suas) filhos (as). O objetivo deste trabalho é apresentar as influências da rede de apoio no processo de enfrentamento de mães que tiveram filhos (as) abusados sexualmente. Assim, busca contribuir para as discussões referentes ao GT IRS (Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença -Intervenções em rede em contextos de violência). Este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido a partir dos pressupostos da teoria da complexidade. Participaram 12 mães que estavam em atendimento psicossocial em dois PAEFI/CREAS de um município da região sul do Brasil e que tiveram filhos (as) abusados sexualmente, decorridos pelo menos seis meses a partir da revelação do abuso sexual. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e construção de Genograma. Os dados obtidos foram organizados e analisados utilizando os princípios da Teoria Fundamentada Empiricamente, por meio dos softwares Atlas-ti7.5.7 e Genopro 3.0.0.5. A partir desta análise foram criadas seis categorias, sendo que uma delas constitui o *corpus* de análise deste estudo. Os resultados revelaram que as mães apresentam reações protetivas perante a revelação do abuso sexual de seus (suas) filhos (as) quando recebem apoio familiar, comunitário e institucional. Outros aspectos facilitadores para o enfrentamento da violência sexual foram a sobrevivência da criança ao abuso, a convivência com os filhos, ter uma crença religiosa, o engajamento no trabalho e ter cuidados com a saúde. Entre os aspectos dificultadores para o enfrentamento da violência destacou-se a falta de rede de apoio familiar e social. Conclui-se pela necessidade do fortalecimento e inclusão da rede social das mães nas intervenções realizadas por parte dos profissionais envolvidos com esta demanda.

Facilitadores e dificultadores da notificação de suspeitas de maus-tratos contra crianças e adolescentes para profissionais de saúde e educação

Tiago Zanatta Calza, Jorge Castellá Sarriera (UFRS)

O objetivo desse estudo é investigar as percepções de profissionais de saúde e educação acerca da notificação de suspeitas de maus-tratos em suas práticas profissionais, bem como os aspectos que facilitam e dificultam a realização desta. Tal investigação faz-se importante para o Grupo de Trabalho IRS devido à proximidade desses profissionais no cotidiano de crianças e adolescentes, podendo ser elementos-chave para a descoberta de casos de violência contra essa população. Tal aspecto também é norteado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que preconiza a obrigatoriedade da notificação por profissionais, sendo estes passíveis de punição em caso de omissão. No presente estudo, foram realizados grupos focais com profissionais de saúde e educação do município de Porto Alegre (RS), que lidam diretamente com crianças e adolescentes em suas práticas profissionais. Os grupos foram realizados em seus próprios locais de trabalho (escolas e postos de saúde). Os participantes foram orientados a debater sobre suas experiências com a notificação, bem como a refletirem sobre possibilidades de propostas para potencialização dos fatores positivos e atenuação dos fatores negativos. As falas foram gravadas, posteriormente transcritas na íntegra e analisadas através de análise de conteúdo categorial. Os resultados destacam, entre as principais

dificuldades, a desarticulação da rede de proteção, como na demora para averiguação e prosseguimento do acompanhamento das famílias, e na atuação efetiva dos conselheiros tutelares somente durante período de pré-eleição. Evidenciou-se também o medo de represálias e a falta de capacitação para a temática dos maus-tratos. Entre as facilidades, ressaltou-se a maior proximidade desses profissionais (especialmente de educação), já que podem conversar com a criança ou adolescente em vários momentos e já tem um vínculo de confiança com eles. Outro aspecto facilitador destacado são as discussões em reuniões de equipe, onde os casos são debatidos, e informações novas acerca da suspeita surgem. Discute-se a importância de maiores investimentos na capacitação de profissionais de saúde e de educação no que tange a identificação de maus-tratos, bem como dos profissionais de proteção (especialmente os conselheiros tutelares), para que as notificações possam ser mais resolutivas.

Adolescente em conflito com a lei: Intervenções, impasses e possibilidades

Andressa Sauzem Mayer, Samara Silva dos Santos (UFSM)

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas relacionadas aos adolescentes em conflito com a lei e o cumprimento de medida socioeducativa, considerando as questões entorno da saúde, da violência e da garantia de direitos. Tendo em vista a relação entre adolescência, ato infracional e violência, as medidas socioeducativas se apresentam como uma alternativa necessária de responsabilização e promoção de novas perspectivas e possibilidades saudáveis de desenvolvimento. Assim, problematiza-se junto as ideias do GT "Influências das Redes Sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença", eixo temático IRS, as intervenções para essa população a fim de garantir através da articulação de diferentes serviços, redes sociais e instituições, a satisfação de seus direitos. Tendo como pressupostos epistemológicos o Construtivismo Social e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, contextualizando-se social e culturalmente esse fenômeno e as interações, as relações e a temporalidade por trás do micro, meso, macro e exossistemas que atravessam o desenvolvimento desses adolescentes. Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa intitulado: "Psicologia e políticas públicas: saúde e desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade social", no qual foi utilizada uma entrevista piloto feita com uma psicóloga de uma instituição de meio fechado que atua com essa população. Os dados foram analisados de forma qualitativa, através da análise de conteúdo. A participante fala sobre a importância da individualização e da singularização dos atendimentos aos adolescentes em conflito com lei. Ela afirma que a instituição na qual trabalha deve proporcionar e garantir os direitos desses adolescentes, como a saúde, o bem-estar, a possibilidade de reflexão sobre o ato infracional e exploração de diferentes potencialidades, mas que muitas vezes pela superlotação e impasses institucionais, a qualidade dos acompanhamentos pode cair. Percebe-se o desafio de transformar essa lógica social e propor mudanças significativas. Discute-se a influência da infraestrutura, dos recursos e as estratégias para lidar com essas questões, ou seja, o psicólogo se faz membro de uma equipe técnica diante dessas possibilidades de intervenções e das limitações impostas pela dinâmica institucional, ressaltando a seriedade das proposições dessa política pública. Além disso, as redes sociais, os serviços, os gestores e as instituições devem estar articulados de maneira multidisciplinar e integral visando assegurar a qualidade dessas medidas de maneira singular, apesar do coletivo de adolescentes. Assim, destaca-se o potencial socioeducativo diante dessas práticas e a construção de uma perspectiva de desenvolvimento mais saudável e positivo.

Tecendo da paz: relato de uma experiência de intervenção com adolescentes autores de ato infracional

Clarissa Moreira Enderle (Polícia Civil de Santa Catarina),
Eduardo Turra, Nathália M.S. da Rocha (UFSC)

Introdução: Este trabalho consiste em um relato da experiência de aplicação da técnica de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como instrumento de promoção de saúde, paz e cidadania em uma Delegacia Especializada.
O projeto, intitulado “Teias da Paz”, iniciou-se no segundo semestre de 2015 e encontra-se me andamento com frequência semanal. Até o momento foram realizados 10 encontros, com adolescentes de 12 a 17 anos, com o objetivo de construir redes de solidariedade entre os capazes de ressignificar seus atos e pacificar suas relações sociais.
Foi escolhido o eixo temático 4. Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença (IRS), 4.1. Intervenções em rede em contextos de violência, devido ao trabalho se dar com adolescentes autores de ato infracional, envolvidos em contextos de violência tanto estrutural quanto urbana.
Objetivo: O objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre o papel das Delegacias especializadas na rede de sócio-assistencial de proteção ao adolescente, apresentação um relato de uma experiência de intervenção em um contexto de violência.
Metodologia: Foi utilizado o relato da experiência das rodas, bem como, a análise das narrativas dos jovens participantes. A discussão foi realizada a partir da escolha dos temas, dos relatos e dos feedbacks que os participantes emitiram na etapa de encerramento, conforme registrado nas fichas preenchidas após o final de cada roda.
Resultados: Dentre os temas escolhidos pelos adolescentes, destacaram-se aqueles relacionados ao sofrimento gerado pela inserção no mundo do crime e no tráfico de drogas, medo da morte e do futuro e medo de reincidir no crime. Também destacaram as dificuldades de inserção na escola, falta de oportunidades no mundo do trabalho, falta de apoio da família e sentimentos de culpa por atos cometidos no passado. As palavras mais pronunciadas no fechamento das reuniões foram força, apoio familiar, amizade, perdão, arrependimento, amor, coragem, futuro, auto-estima.
Discussão: Os relatos demonstram que as rodas funcionaram como um espaço de ajuda mútua, no qual os jovens, ao ouvirem o depoimento um dos outros, conseguiram tomar maior consciência de seu sofrimento e dos acontecimentos passados e sua influência no presente e no futuro e começam a perceber-se como sujeitos ativos e capazes de transformarem suas próprias vidas.
Considerações Finais: Neste trabalho, o fenômeno da violência foi discutido sob o ponto de vista teórico e os achados demonstram que a Delegacia Especializada pode exercer um papel importante de prevenção à reincidência junto os adolescentes autores de ato infracional. Com isso, a Polícia tem a oportunidade de agir no sentido de pacificar as relações sociais, papel condizente com o paradigma da segurança cidadã. A TCI mostrou-se uma valiosa ferramenta de promoção de segurança pública e de saúde para que os adolescentes pudessem refletir sobre suas vidas, tornando-se mais autônomos e capazes de escolhas mais saudáveis.

Desastres naturais e imigração involuntária: os impactos psicológicos em imigrantes haitianos

Allyne Fernandes Oliveira Barros, Lucienne Martins Borges (PPGP-UFSC)

Os desastres naturais, a depender da intensidade e dos efeitos,são eventos potencialmente traumáticos devido à severidade e intrusão na dinâmica das pessoas e grupos. Costumam ter desdobramentos psicológicos importantes que podem gerar impactos na saúde mental e sofrimento psíquico diante das perdas vivenciadas e das consequências sociais, econômicas e políticas. Ao agravar situações de vulnerabilidade em diversas dimensões, podem levar à migração. Sabe-se que as possibilidades de representação do evento catastrófico são atravessadas pela cultura, pois ela oferece rituais e discursos que orientam o sujeito ao longo da vida, inclusive nos acontecimentos inesperados e que excedem as possibilidades imediatas de representação psíquica. Porém, o processo migratório, principalmente nas migrações involuntárias, pode levar o sujeito a um estado de vulnerabilidade psíquica, pois muito daquilo que o orientava em sua existência é colocado em risco no contato com uma cultura diferente. Em janeiro de 2010 o Haiti foi atingido por um terremoto que devastou as principais regiões do país. A dificuldade em responder ao ocorrido agravou a situação precária da maioria de sua população. Assim, muitos haitianos emigraram para diversos países, sendo o Brasil um dos destinos – ainda que provisório. A partida de haitianos da terra natal não é novidade, mas a motivação desta ser a ocorrência de um terremoto não é irrelevante. Nesse sentido questionam-se quais os impactos de um terremoto que, além de levar a experiência do imprevisível pelo evento em si, foi seguido de uma migração necessária para a continuidade e reconstrução da vida. O presente estudo, qualitativo e exploratório, buscou responder a tais questões por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com imigrantes haitianos residentes em uma região de Santa Catarina. Orientado pelo olhar psicanalítico e etno psiquiátrico, procurou-se escutar a experiência desses sujeitos por intermédio de suas narrativas, únicas e ao mesmo tempo carregadas de algo em comum: a cultura de origem. A lembrança traumática, as perdas de pessoas queridas, casas, status, trabalho e educação foram acrescidas às dificuldades de uma migração que, apesar de facilitada legalmente, é vivida com dificuldade de integração pela maioria desses sujeitos. Os resultados sugerem que o contato com a rede social do país de origem foi e continua sendo um importante fator de proteção ao oferecer os elementos fundamentais de representação da experiência do terremoto e da migração. Sustentando o desejo de reconstrução da história individual e coletiva.

O trabalho do NUPSIM com Psicólogos, Migrantes e Refugiados em Curitiba

Luana Martins Sorrentino (NUPSIM/CASAL), Gabriela Carvalho Teixeira (UFPR), Mariana Bassoi Duarte da Silva, Isabela Cim Fabricio de Melo (NUPSIM/CASAL)

O Brasil possui hoje 81 nacionalidades distintas de refugiados. Segundo o relatório da ONU de 2015, o número de refugiados reconhecidos pelo CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados, teve um aumento de 1240%, nos últimos 4 anos. A procura pelo Brasil por parte de migrantes refugiados em busca de novas oportunidades e sobrevivência tem crescido anualmente. Na maioria das vezes, é a única opção na fuga de uma realidade que representa perigo à sua vida. As barreiras encontradas pelo estrangeiro são muitas. Dificuldades com a língua, com o choque cultural, lidar com as perdas e com todas as mudanças que representam um (re)começar, são apenas algumas delas. O refugiado carrega marcas de suas experiências, muitas vezes traumáticas, de situações difíceis até mesmo de serem nomeadas. A impossibilidade de simbolizá-las e de articular seu sofrimento em um discurso reconhecido por aquele que o acolhe pode ser desorganizador para alguns sujeitos. Sendo assim, os profissionais que acolhiam as demandas dos refugiados na região de Curitiba, passaram a se organizar em parcerias para repensar suas ações, formando então o NUPSIM - Núcleo de

Psicologia e Migrações. Esse núcleo integra os serviços de Psicologia realizados por diversas frentes em relação à população de refugiados, migrantes e apátridas e foi criado em agosto de 2015 com o objetivo de proporcionar um espaço para diálogo e reflexões sobre o tema, promovendo o estudo e a prática da psicologia no trabalho com migrações.
O projeto foi idealizado como parte da Rede de Apoio a Refugiados, Migrantes e Apátridas no Paraná e atualmente faz parte da Comissão de Direitos Humanos do CRP-PR. O Núcleo começou suas atividades buscando promover a conscientização e o diálogo sobre o tema com os psicólogos, estudantes de psicologia e a comunidade. Também tem reuniões mensais com a presença de alunos, professores e profissionais de diversas áreas, que sentiram a necessidade de trocar experiências e se atualizar. Atualmente os psicólogos de diversas instituições que atuam com migrantes têm apresentado seu trabalho nessas reuniões e esse espaço, rico em discussão, tem proporcionado o surgimento de alguns projetos de atuação, como uma parceria com a Secretaria de Saúde e projetos de intervenção em escolas. O NUPSIM também atua como representante do CRP-PR no CERMA (Conselho Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas) na articulação e promoção de políticas públicas no Paraná em relação à temática das migrações.

"Day In The Life": Um dia na vida de crianças migrantes em transição para o ensino formal

Alessandra Mafra Ribeiro (UFSC), Claudia Stella (Universidade Presbiteriana Mackenzie),
Anne Kathryn Hunt (University of New Brunswick),
Catherine Ann Cameron (University of British Columbia)

Este projeto é uma extensão brasileira de uma pesquisa desenvolvida pelas Dras. Julia Gillene Catherine Ann Cameron, em 2001, que investiga os primeiros anos de crianças "bem-sucedidas" em sete locais ao redor do mundo (Itália, Tailândia, Reino Unido, Turquia, EUA, Peru e Canadá), culminando em um livro, 'International perspectives on early childhood research: A Day in the Life' editado pelas mesmas autoras em 2010. Este estudo relata um "Dia na Vida" de crianças migrantes bem-sucedidas em sua transição para a escola formal e busca desenvolver uma compreensão de como essas crianças se adaptam e vivem interculturalmente, estes dados têm sido coletados no Canadá, na Itália, na Finlândia e agora no Brasil. Sabemos que crianças em transição, assim como adultos, são confrontados com desafios que cercam aculturação. Para crianças que vivem em duas culturas diferentes é necessário que assimilem os valores e crenças tradicionais da família, assim como do novo ambiente social e escolar. Para os fins deste estudo optou-se por identificar todas as crianças em transição como migrantes, que é um termo que inclui crianças indígenas, bem como crianças que têm um património cultural que é diferente da construção cultural de seu país ou localidade de moradia. As crianças participantes deste estudo foram previamente identificadas em seu ambiente escolar e familiar como bem adaptadas e obtendo sucesso em seu novo contexto. Elas foram filmadas em todos os ambientes em que participam durante um dia inteiro de suas vidas, procurando entender como navegam em seus relativamente novos ambientes de casa e escola e seu contexto cultural da comunidade de origem. Os dados utilizados para esta apresentação serão de duas crianças Canadenses e duas Brasileiras. Observou-se que a transição bem-sucedida destas crianças agregou a capacidade da escola, da família e da comunidade em apoiar o processo de aculturação da criança desde o início da transição.

Clínica Intercultural : Intervenções psicológicas com imigrantes e refugiados

Mariá Boeira Lodetti, Lucienne Martins Borges (UFSC)

A imigração involuntária refere-se àquela em que o deslocamento geográfico surge como única possibilidade do sujeito manter-se vivo. Nesta categoria encontram-se os refugiados, pessoas que foram vítimas de guerras, de genocídios, de perseguições por grupo social ou étnico ou de algum outro tipo de violência extrema. Dos dados divulgados pelo CONARE (Ministério da Justiça), conclui-se que houve um aumento de 211,02% no número de refugiados acolhidos no Brasil entre os anos de 2010 e 2016 e o órgão ainda declara que esse crescente tende a se acentuar cada vez mais. O Brasil aumenta sua visibilidade no cenário internacional como um possível país de destino para essas pessoas que são obrigadas a deixarem seus países em busca de vida. São percursos e condições de vida que se constroem em meio a experiências de fortes rupturas acrescidas do fato de que são sujeitos deslocados de seu país de origem e, por isso, encontram-se fora de seu berço cultural. Todas essas condições podem ter importante impacto na saúde mental e levar esses sujeitos a um estado de vulnerabilidade psíquica. Dessa forma, o presente estudo visa apresentar a experiência como terapeuta em um modelo de intervenção intercultural sensível à cultura, baseado na Etnopsiquiatria, disciplina que oferece um aporte epistemológico, metodológico e clínico para o atendimento de imigrantes e que apoia suas intervenções interculturais nos componentes culturais do sujeito em sofrimento psíquico. Como uma adaptação do Service d'Aide Psychologique Specialisée aux Immigrants et Réfugiés© (SAPSIR), existente desde o ano de 2000, na cidade de Québec, Canadá, a Clínica Intercultural consiste em um projeto de extensão, da Universidade Federal de Santa Catarina que oferece atendimento psicológico especializado às populações de imigrantes e refugiados. A Clínica Intercultural configura-se como um dos poucos serviços no Brasil que oferece um modelo de intervenção intercultural e, desde 2012, registra seu espaço de referência no cenário da rede de atenção psicossocial de Florianópolis e região.

A vivência do luto por suicídio

Edson Pilger Dias-Sbeghen (UNOESC), Lucia Cecília da Silva (Univ. Federal de Maringá)

As taxas de suicídio vêm aumentando de modo alarmante em todo o mundo, no Brasil está entre as três principais causas de morte, são aproximadamente 32 casos de suicídios diariamente, e muitas vidas são diretamente impactadas por esse tipo de morte, como familiares, amigos, colegas de trabalho. Compreendemos o suicídio como um fenômeno de múltiplas determinações, associado a fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, históricos, psicológicos, biológicos entre outros. Sendo assim, não é uma tragédia apenas individual, exclusivo daquele que escolhe se matar, mas um problema social, que denunciaum sofrimento no âmbito familiar e social, representando um sério problema de saúde pública mundial. O sofrimento dos que ficam é tão intenso que são denominados na literatura especializada como sobreviventes. Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, que teve como objetivo compreender a vivência de enlutados do suicídio.Com tal intuito, foi realizada uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica. A coleta de dados foi realizada mediante entrevista aberta com nove familiares de pessoas que morreram por suicídio, sendo que todos os cuidados éticos foram tomados. A análise dos dados resultou em sete unidades de significado que revelaram os principais aspectos do enlutamento: 1) Questionamentos; 2) Os sinais; 3) A culpa; 4) O alívio; 5) A ajuda; 6) As mudanças 7)

Significações do suicídio. O luto pelo suicídio é um processo que envolve sentimentos contraditórios que podem perdurar por muito tempo e uma busca de sentido para aquela morte, havendo uma permanente lacuna sobre os motivos que levaram o ente querido a se matar. Esse tipo de morte atinge os sobreviventes de tal maneira que os mesmos podem buscar o mesmo desfecho quando se encontram em situações difíceis, inclusive como forma de acabar com seu sofrimento pela perda ocorrida, o que ressalta a importância de se desenvolver programas de posvenção para os sobreviventes a serem oferecidos pela rede de atenção psicossocial.

Microcefalia e o luto do bebê imaginário

Aponira Maria de Farias, Alenilson da Silva Cruz, Elvira Lídia dos Santos Soares, Vanessa Pereira da Silva Rodrigues Félix, Franciane Hanel da Silva Ramos, Valdizia Maria Silva do Nascimento, Camila Araújo de Lima, Rafaela Barros Ramalho
(Faculdade Maurício de Nassau)

Neste presente resumo foi definido brevemente o que é microcefalia e como o profissional de Psicologia pode atuar na rede de suporte no cuidado das gestantes e de seus bebês acometidos por esta malformação. O objetivo foi descobrir como o acompanhamento psicológico e as técnicas específicas da Psicologia podem auxiliar na elaboração da morte do bebê imaginado. A metodologia de pesquisa foi revisão integrativa, com o intuito de contribuir para algumas reflexões sobre os processos envolvidos na gestação e diagnósticos de malformação do bebê. No que se trata dos procedimentos de coleta dos dados, foram consultados os bancos de dados Scielo, Pepsic, BVS, Periódicos Capes. Foram selecionados quinze artigos para compor a análise, a partir de critérios de inclusão e exclusão. Os descritores utilizados foram microcefalia, malformação, gestação, Psicologia, bebê imaginário e luto fetal. A microcefalia é uma malformação na estrutura crânio encefálica, que se diferencia pelo tamanho do cérebro onde o PC (perímetro cefálico) do bebê tem alteração no seu tamanho (OMS, 2016). Entre outubro de 2015 a maio de 2016, o Brasil já confirmou quase 8 mil casos de microcefalia. O período de gestação é marcado pela ideação do filho, um bebê perfeito quanto à constituição do seu corpo, como também às funções cognitivas, levando-se em consideração comparações com aspectos físicos dos genitores. Ainda há outra expectativa repleta de significados e conflitos relativos ao próprio nascimento do bebê imaginado. Atuações do profissional de Psicologia em casos de acompanhamento das mães e dos seus filhos com diagnóstico de microcefalia são descritos pelos autores quanto à criação de ambiente seguro e acolhedor para a escuta psicológica, como dispor de escuta empática, que significa ausência de julgamentos, presença de afirmações com base nos próprios valores do profissional de Psicologia; técnicas específicas do conjunto teórico da Psicologia e de domínio do profissional, que podem auxiliar na elaboração da morte do bebê imaginado. Dentro dos artigos pesquisados, evidencia-se uma lacuna no que se refere às consequências do zika vírus no desenvolvimento da criança com microcefalia e, principalmente, o papel do psicólogo na adaptação a esse bebê real, visto que as pesquisas publicadas após o surto de microcefalia, no final de 2015, priorizam aspectos médicos, funcionais, biológicos. Daí a necessidade da reflexão acerca das possíveis contribuições que o profissional de Psicologia pode disponibilizar para a dinâmica existencial em torno das malformações, em particular, a microcefalia.

Palavras-chaves: Malformação, Microcefalia, Acompanhamento psicológico, Bebê imaginário.

O luto e as redes sociais virtuais: uma revisão de literatura

Marina Menegueti Vaccaro, Lucia Cecília da Silva (Universidade Estadual de Maringá)

O aumento da utilização da Internet tem trazido mudanças significativas nos comportamentos, valores, costumes e, principalmente, nas relações entre as pessoas. Uma dessas mudanças está relacionada à forma de vivenciar o luto, agora não mais em resguardo, mas compartilhando sua dor e seu pesar no ambiente virtual. Este trabalho apresenta os achados de uma pesquisa que teve por objetivo revisar a literatura especializada sobre as contribuições das redes sociais virtuais para o processo de luto. Para isso buscou-se as referências nos bancos de dados *online* usando os seguintes descritores: luto *and* virtual; luto *and* internet e luto *and* redes sociais. Os resultados mostraram que o luto virtual, como é denominado por alguns autores, aparece de diversas maneiras, pode-se destacar: a manutenção do perfil virtual do falecido nas redes sociais; a criação, nestas mesmas redes, de grupos de enlutados que passaram por experiências semelhantes; grupos de usuários que se dedicam a listar os perfis dos mortos, estabelecendo uma espécie de cemitério virtual e até mesmo os sites obituários que se dedicam a publicar notas de falecimento, vender flores e coroas virtuais para que as pessoas possam adquirir para homenagear o falecido sem precisarem sair de sua residência. Foi possível perceber que o luto virtual consiste em uma nova e pouco estudada prática social, que vai à contramão dos hábitos cotidianos nos quais a manifestação do luto é cada vez mais relegada ao privado, rápido e superficial e que ainda não há consenso entre os autores a respeito das contribuições das redes sociais virtuais para o processo de luto. De um lado encontramos autores que defendem a ideia de que manter a pessoa por perto, através da manutenção do perfil virtual, pode ajudar a amenizar a dor do luto. De outro lado, há autores que afirmam que a vivência do luto no ambiente virtual pode atrapalhar o processo de elaboração, uma vez que pela imortalidade conferida pela internet, é possível manter com a pessoa falecida um vínculo próximo do que existia antes de ela morrer. Conclui-se que a prática do luto virtual envolve diversas questões que, por estarem longe de serem resolvidas, necessitam de novas reflexões e debates nas mais diversas áreas do saber e, principalmente, no campo *psi*, uma vez que, assim como o luto no mundo *offline*, o luto que se manifesta no mundo virtual também pode trazer consequências para a saúde das pessoas que dele se utilizam.

Educação para a morte na capacitação de profissionais de Saúde

Randolfo dos Santos Junior (Hospital de Base de São José do Rio Preto),
Loiane Leticia dos Santos (FAMERP)

Nas últimas décadas muitas diretrizes foram estabelecidas para melhorar a qualidade da assistência a pessoas com doenças em fase avançada sem possibilidades de cura, refletindo uma mudança global na prestação de cuidados paliativos. Além dos protocolos técnicos para controle de sintomas o paradigma do cuidado prevê uma assistência integral a aspectos psíquicos, sociais e espirituais dos pacientes, seus familiares e equipes de saúde. Para muitos profissionais a prestação de cuidados de fim de vida é um desafio e uma fonte de estresse importante uma vez que disciplinas relacionadas a morte e o morrer são raras nas grades curriculares dos cursos de formação. O objetivo desta apresentação será apresentar um programa de educação para a morte desenvolvido em um hospital de alta complexidade. Buscando atender a demandas de especialidades e também de equipes multiprofissionais este programa procura capacitar os profissionais para as demandas de cuidado integral aos

pacientes e seus familiares. Dentre os temas abordados nos encontros destacam-se: aspectos culturais da morte e do luto no ocidente; conceitos fundamentais do paradigma do cuidado; comunicação de más notícias; identificação e manejo do estresse ocupacional; o profissional da saúde diante da morte; mundo presumido e a morte do outro; o luto não reconhecido dos profissionais de Saúde; acolhimento familiar no luto imediato; dialogando sobre a morte e a finitude com pacientes e seus familiares; reações psicológicas diante da perda, da morte e do morrer; autocuidado e qualidade de vida do profissional da Saúde; conceito, avaliação e acolhimento da Dor Total; bioética e cuidados paliativos: eutanásia, distanásia e ortotanásia. Em encontros semanais com cerca de noventa minutos as atividades são desenvolvidas em grupo estimulando os relatos dos participantes e direcionando as discussões e treinamentos com o apoio de impressos, poemas, músicas, vídeos, técnicas de visualização e relaxamento, atividades vivenciais, role playing e debates conceitos fundamentais. Ao longo dos anos este projeto tem alcançado diversas categorias profissionais e contribuido para quebrar o silencio historicamente construido em torno das discussões sobre perdas e mortes nos hospitais.

Palavras-chave: Profissionais da saúde, Cuidados paliativos, Educação para a morte.

O trabalho da equipe multidisciplinar no contexto da saúde pública: um relato de experiência

Greice Kelly Barbosa, Thaynara Magalhães Vieira, Silvia Nogueira Cordeiro
(Universidade Estadual de Londrina)

O presente trabalho caracteriza-se por um relato de experiência, resultado da atuação e acompanhamento junto a equipe multidisciplinar da residência multiprofissional da saúde da mulher. As atividades foram desenvolvidas no Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina**,** sendo vinculadas ao projeto de extensão “Atendimento Psicológico em Equipe Multidisciplinar a Mulheres em Idade Reprodutiva”. A equipe multidisciplinar é composta por psicólogo, enfermeiro, nutricionista e farmacêutico. O período do relato de experiência se deu a partir do segundo semestre do ano de 2015. O objetivo do trabalho foi analisar as dificuldades e potências encontradas na realização de atividades de uma equipe multidisciplinar, a partir das vivências e observações do campo. As atividades foram realizadas semanalmente na maternidade e enfermaria feminina do hospital em questão, sendo que estas tinham duração de aproximadamente duas horas. A partir da experiência do campo nos deparamos com dificuldades ao que se refere a questões como a ética no trabalho, a resistência dos outros profissionais em relação a equipe multiprofissional e a ausência de humanização no ambiente hospitalar. Em relação as potências, com o decorrer do trabalho foi possível observar que a equipe multidisciplinar foi se tornando mais visível, sendo solicitada com maior frequência, foi implementada a inserção de um plano de humanização, o que tem facilitado a inclusão desta equipe e além disso, notou-se a relevância de uma equipe multidisciplinar, por parte dos demais profissionais no ambiente hospitalar, o que possibilitou discussões multiprofissionais dos casos. Desta forma, é possível constatar que apesar das resistências encontradas por parte dos outros profissionais ao que se refere a inclusão da equipe multidisciplinar e do pensamento individualizado por parte dos profissionais da área da saúde, a relevância da equipe multidisciplinar neste contexto se faz inquestionável, tendo em vista que olhares distintos sobre o mesmo caso traz avanços significativos para o mesmo.

A interface entre saúde mental e vulnerabilidade social

Carolina Francielle Tonin, Tatiane Muniz Barbosa (UNIPLAC)

A pesquisa objetivou conhecer o entendimento dos profissionais da Atenção Primária a Saúde, de uma unidade de saúde num município do interior de SC, sobre a interface entre Saúde Mental e Vulnerabilidade Social. Apreciado pelo CEP/UNIPLAC com parecer aprovado nº 721.689, o presente trabalho se relaciona com o eixo temático IAS ao provocar a reflexão e a construção de novas concepções e práxis nos cuidados em saúde. Uma vez que se percebe que o agravo, tanto na questão de Vulnerabilidade Social quanto de Saúde Mental, refere-se à falta de conscientização dos sujeitos envolvidos e de uma política assistencialista que prevalece no País. As pessoas vivenciam espaços estigmatizadores e vulneráveis e ainda se percebem diferentes, quando em sofrimento psíquico, assumindo determinadas posições de sujeito, pois, tornam-se vulneráveis aos olhos dos outros, em diferentes esferas de suas vidas. Diante disso, é preciso desconstruir estigmas cristalizados pela sociedade e pelos campos de saber que auxiliam na legitimação destes. Acredita-se que através da mobilização dos profissionais da APS estas mudanças podem se efetivar pois, são estes que investem nas potencialidades dos sujeitos/famílias, orientando-os e os preparando para lidar com as limitações referentes aos problemas de ordem mental, principalmente, quando em situações de Vulnerabilidade Social. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevista semiestruturada, com aplicação do TCLE, com dez profissionais de equipes de ESF e de NASF. Os dados, tratados por meio de análise de conteúdo, indicaram que os profissionais de saúde compreendem a saúde mental integrante da saúde “geral” e acreditam que a falta de educação formal, desconhecimento dos serviços da rede, estresse e desemprego são fatores que influenciam no sofrimento psíquico. Quanto à vulnerabilidade social, relacionaram com a questão econômica, mas também descreveram como falta de condições de saneamento básico, moradia, escolaridade e autonomia. Os dados demonstram que os profissionais veem relação entre Saúde Mental e Vulnerabilidade Social, pois, a exposição das pessoas a situações de vulnerabilidade social e risco de sofrimento psíquico não é resultante apenas de aspectos individuais, mas, também coletivos. Percebe-se que o cuidado em saúde mental ainda aparece fragmentado; Contudo, os profissionais de saúde têm buscado considerar novas estratégias para lidar com esta, bem como em relação à vulnerabilidade social, através de um trabalho multiprofissional, voltado às necessidades das famílias. Porém, ainda é evidente uma prática assistencialista, quando se faz necessário criar condições para que estas famílias se conscientizem e se tornem protagonistas de suas vidas.

VER-SUS: construindo um novo olhar sobre a saúde pública.

Camila Ferraz Bortolini, Jaqueline Miotto Guarnieri, Robert Filipe dos Passos
(Universidade de Passo Fundo – RS)

O trabalho apresenta o relato de experiência no projeto “Vivências e Estágios no Sistema Único de Saúde (VER-SUS)” realizado na cidade de Erechim (RS) no período de 2016/1. O objetivo do projeto é aproximar os estudantes da graduação à realidade do sistema público, além de proporcionar a vivência de uma prática interdisciplinar e intersetorial. Consideramos possível relacionar essa proposta com o Grupo de Trabalho de promoção da saúde e promoção da cidadania, pois o VER-SUS visa fomentar mudanças na formação profissional da área da saúde. É a partir do diálogo com os saberes produzidos pelos profissionais no serviço, e o contato com a realidade efetiva da rede, que os “viventes” tem a possibilidade de

repensar a sua formação. Nesta relação dialógica entre ensino-serviço, o VER-SUS vai permanentemente construindo e reconstruindo os conhecimentos em saúde, estes saberes produzidos conjuntamente são capazes de estabelecer práticas promotoras de saúde e cidadania. As bases teóricas deste projeto estão centradas na Educação Permanente em Saúde - EPS, que propõe uma abordagem construtivista, participativa e pautada na problematização. A EPS é uma estratégia de efetivação do quadrilátero da formação para a área da saúde, formado por ensino, gestão, atenção e controle social. Estudantes de vários cursos de graduação da área da saúde foram selecionados e durante 10 dias permaneceram em imersão na cidade de Erechim, onde visitaram instituições públicas e privadas que promoviam atenção à saúde. Ao final de cada dia de visitas eram efetuados relatórios sobre a vivência, e também foram realizadas discussões sobre temáticas como: Histórico e Legislação do SUS, Movimentos Estudantis, Humanização da Saúde, Saúde Mental, Atenção Básica à Saúde, Assistência ao Paciente Deficiente, Público x Privado e Assistência Social. O contato com estudantes de várias áreas, de vários estados e de várias universidades é, sem dúvida, um dos elementos fundamentais para ampliação das visões sobre concepções impostas pelo senso comum e pela lógica tradicional de saúde, que muitas vezes é reproduzida por nós, inconscientemente, na graduação. Ou seja, a interdisciplinaridade e a pluralidade na formação são fundamentais para constituir uma noção real do sistema. O VER-SUS é uma vivência que vai além dos conhecimentos pré-moldados das universidades, esse ambiente é aberto para todas as ideias, para que nós, viventes, possamos desconstruir paradigmas e dogmas que carregamos durante nossa formação.

Palavras-chave: Educação permanente em saúde, Interdisciplinaridade, Intersetorialidade, Saúde pública.

O significado de uma associação de usuários e familiares no tratamento e trajetória de vida de seus sócios

Martha Helena Oliveira Noal (HUSM, UFSM), Ana Cristina Garcia Dias (UFRS)

A Associação de Familiares, Amigos e Bipolares (AFAB) é um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Foi fundada em 1997 como uma associação sem fins lucrativos, tendo como objetivo geral oferecer às pessoas portadoras de Transtorno Bipolar do Humor (TBH) e a seus familiares uma abordagem terapêutica complementar ao tratamento clínico, que contemple aspectos psicológicos, educacionais, culturais, familiares e sociais, visando à reabilitação psicossocial de seus participantes, através da integralidade da atenção. O presente estudo qualitativo buscou compreender o significado da AFAB no tratamento e trajetória de vida de seus sócios. Pretende discutir junto ao Grupo de Trabalho “Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania” as possibilidades de trabalho através dessa modalidade de intervenção. Foram entrevistadas dez pessoas (5 mulheres, 5 homens), com idades de 38 a 80 anos. O grau de instrução foi heterogêneo (do ensino fundamental incompleto à pós-graduação), o tempo de participações variou de cinco meses a 15 anos. Seis entrevistados são portadores de bipolaridade e quatro são familiares. As entrevistas foram interpretadas pelo método de análise de conteúdo temática categorial. Os marcos referenciais utilizados foram: a teoria de Paulo Freire, os princípios e diretrizes da Política Nacional de Humanização, o modelo de educação em saúde e as perspectivas de empoderamento dos sujeitos. Três eixos temáticos principais emergiram das análises: 1) AFAB, história e significados; 2) TBH e suas repercussões; e 3) Psicoeducação: educação para a saúde e para a autonomia/cidadania. A partir destes eixos foi possível inferir diversas

categorias que apontaram para uma influência da AFAB na melhora da autoestima e qualidade de vida dos participantes, assim como um aumento em suas capacidades de autonomia e empoderamento. Conclui-se que a AFAB é uma entidade com potencialidades e fragilidades. Os resultados mostram sua importância como espaço de apoio e aprendizagem, de troca de afetos e acolhimento. Ela carece, ao mesmo tempo, de uma participação mais ativa de seus sócios, na sua própria condução como projeto. A polêmica forma de nominar as pessoas em tratamento evidencia-se aqui de uma forma diferente. Se não se preconiza o papel passivo de “pacientes”, a cômoda posição de “usuários” de um serviço também não é suficiente, no que tange à participação em uma associação. Necessita-se que os usuários e familiares não só usem o serviço, como também, se apropriem dele, em seus direitos e responsabilidades, propondo ações, disponibilizando-se a organizá-las, engajando-se em instâncias deliberativas de controle social, enfim, cogerindo uma associação que é de todos os sócios.

Coparentalidade em famílias biparentais heteroafetivas do sul do Brasil

Monica Barreto, Carolina Duarte de Souza, Mauro Luís Vieira (UFSC)

O GT Parentalidade, relações familiares e saúde familiar do eixo temático PCV aponta a coparentalidade como um dos temas principais a ser abordado no grupo de trabalho em virtude da sua importância para as discussões a respeito da parentalidade e do funcionamento familiar. Ao ter como objetivo apresentar a caracterização da relação coparental de famílias biparentais heteroafetivas do sul do Brasil, este trabalho pode enriquecer as reflexões sobre coparentalidade. Para tanto, foi aplicada a Escala da Relação Coparental (ERC) em 135 pais e mães de crianças pré-escolares da região sul do Brasil. A ERC mensura a qualidade da relação coparental em uma escala de sete pontos (entre zero e seis) em sete dimensões. Realizou-se teste de comparação de médias para amostras pareadas de pais e mães para todas as dimensões. Nas dimensões positivas pais e mães se perceberam reconhecendo a parentalidade do parceiro na maioria das vezes, M=5,28 DP=0,64 para pais e M=5,05 DP=1,05 para mães não correlacionados entre si e com diferença estatisticamente significativa [t(132)=2,228; p=0,02]; em uma relação de proximidade, M=4,83 DP=0,89 para pais e M=4,92 DP=0,82 para mães correlacionados entre si (r=0,24; p<0,01) e sem diferença estatisticamente significativa; em que realizam acordos coparentais, M=4,37 DP=1,30 para os pais e M=4,59 DP=1,23 para mães correlacionados entre si (r=0,39; p<0,01) e sem diferença estatisticamente significativa; oferecem suporte ao outro com frequência, M=4,73 DP=1,03 para pais e M=4,65 DP=1,14 para mães correlacionados entre si (r=0,43; p<0,01) e sem diferença estatisticamente significativa. A divisão de tarefas foi melhor percebida pelos pais M=4,11 DP=1,52 que pelas mães M=3,98 DP=1,54, entretanto essa dimensão não apresentou correlação nem diferença estatisticamente significativa. Os casais perceberam poucos conflitos coparentais M=1,01 DP=0,79 para pais e M=0,88 DP=0,89 para mães correlacionados entre si (r=0,31; p<0,01) e sem diferença estatisticamente significativa; e pouca sabotagem de sua parentalidade pela dupla M=0,81 DP=0,99 para pais e M=0,57 DP=0,77 para mães correlacionados entre si (r=0,24; p<0,01) e com diferença estatisticamente significativa [t(131)=2,58; p=0,01]. Conclui-se que essa amostra apresentou uma percepção positiva de sua relação coparental, entretanto parece que pais e mães utilizam critérios diferentes no reconhecimento da parentalidade do parceiro e percebem tanto esse aspecto de sua relação coparental de modo diferente como a sabotagem do/a parceiro/a.

Sofrimento psíquico em contexto familiar de pessoas LGBT

Geni Daniela Núñez Longhini (UFSC)

A heterossexualidade e a cisgeneridade (conceito analítico referente ao oposto da transgeneridade, tal como se usa heterossexualidade para orientações sexuais ou branquitude para questões raciais) compulsórias atuam como regimes políticos de controle, mais precisamente nos âmbitos da sexualidade e gênero. Diferentes instituições buscam assegurar esse controle, tais como: Estado, Escola, Família, Igreja e Ciência. Sujeitos que se desviam da norma heterossexual e/ou cisgênera sofrem pressão violenta para que se adequem a ela, pressão que se dá desde a localização dessas vivências como crime, pecado, doença, de modo alternado ou concomitante. Tem crescido nos últimos anos a quantidade de pesquisas concernentes às violências e vulnerabilidade a que pessoas LGBT estão sujeitas nas mais diferentes dimensões da vida, desde os campos profissionais, até no acolhimento por vezes precário que recebem nas instituições de saúde. Apesar deste crescimento, ainda é incipiente a discussão sobre as relações familiares de pessoas LGBT e o sofrimento psíquico muitas vezes decorrente. Na dimensão familiar, foco dessa proposição de pesquisa, um dos estratagemas que atuam em favor do apagamento dessas violências, dessas existências, é a sacralidade da instituição “Família”. O suposto avanço e abertura nas discussões sobre sexualidade parecem ter um menor impacto no ambiente familiar, onde a política do armário ainda é uma das mais severas. O objetivo deste trabalho é escutar e analisar as diferentes narrativas acerca dos modos de enfrentamento e resistência dos quais pessoas LGBT e suas famílias singularmente têm se valido e em como organizam para si esses processos. A pesquisa, no mestrado em curso, tem como inspiração metodológica a cartografia e dialoga com a proposta do Eixo Temático PCV, no subtema 1.5.
Importante lembrar que as áreas psi, historicamente em alguns de seus ramos, abstiveram-se de pautar essas questões ou o fez apenas pela via da patologização da sexualidade não-heterossexuais e transgêneras (ainda vigente no DSM). Dentro do espectro de uma psicologia social e politicamente implicada, este trabalho se propõe a escutar e visibilizar o que sujeitos que sofrem daqueles tipos de violência têm a dizer sobre suas vivências. Desta maneira, os objetivos deste trabalho se ancoram teórica e epistemologicamente na perspectiva da psicologia social crítica, com fundamentação também nos estudos pós-estruturalistas de gênero.

A psicologia na prática da educação em saúde: repensando o cotidiano de trabalho de agentes comunitários de saúde

Rafaela Quintana Marchesan, Patrícia Matte Rodrigues, Ana Caroline Secco, Dorian Mônica Arpini (UFSM)

Este trabalho é resultado de um projeto de extensão denominado “Educação Permanente para Agentes Comunitários de Saúde da Unidade de Saúde Kennedy: formação em desenvolvimento infantil e relações familiares”, que vem sendo realizado desde o segundo semestre de 2013 com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vinculados a uma Unidade Básica de Saúde de um município do Rio Grande do Sul. Nesse projeto são realizados encontros mensais de educação em saúde, com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos, onde se discutem questões diversas que envolvem a temática da saúde e que emergem do trabalho dos ACS junto à comunidade. Os encontros são coordenados por mestrandas vinculadas a um Programa de Pós-Graduação em Psicologia de uma

Universidade Federal. Até o presente momento foram discutidos os seguintes assuntos: Indicadores de Risco ao Desenvolvimento Infantil (IRDI); interação pais-bebê e desenvolvimento no primeiro ano de vida; relações familiares e desenvolvimento de crianças com algum tipo de deficiência física ou mental; amamentação; alergias e refluxo, este tema devido a sua especificidade contou com a participação das mestrandas em Enfermagem; violência contra crianças e adolescentes; questões relacionadas ao desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar, como fala e aprendizagem; guarda compartilhada e separação conjugal; saúde do trabalhador; além de discussões de casos com problemáticas relacionadas aos temas aqui expostos. Além disso, foram abordadas questões que envolviam a insegurança, medo e vulnerabilidade a que os ACS estão expostos em seu trabalho, tendo em vista que são sujeitos que residem na comunidade onde trabalham. Ao longo dos encontros foi possível perceber que os ACS fizeram desse espaço um momento para pensar sobre a sua prática, suas vivências, as potencialidades e limitações do seu cotidiano de trabalho. Dessa forma, essa escuta constitui-se em um momento de alívio de angústias e promoção de saúde aos trabalhadores, na medida em que os ACS se sentem acolhidos e com possibilidade de compartilhar as dificuldades cotidianamente enfrentadas, de onde advém a articulação com este grupo de trabalho denominado “Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania” - eixo temático IAS. A proposta tem possibilitado, além disso, a troca de informações e experiências, através da reflexão e problematização, tanto do saber científico, quanto da prática profissional.

O papel das mediações artísticas na reorganização das funções psicológicas patologicamente alteradas

Ana Flávia de Maschio Álvares, Melissa Rodrigues de Almeida (UFPR)

O presente trabalho deriva de uma pesquisa de monografia, cujo objetivo foi analisar o papel da arte no desenvolvimento da personalidade e na reorganização dos processos psíquicos alterados patologicamente, contextualizando a temática a partir do campo da saúde mental e das possibilidades da mediação da arte na reoganização dos processos psicológicos modificados em decorrência do adoecimento psíquico. Para isso, elegeu-se como perspectiva teórica a Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada no materialismo histórico-dialético, por tal concepção reiterar o papel da psicologia enquanto atuação crítica no entendimento da relação sujeito e sociedade. Considera-se seus pressupostos coerentes com os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira, na medida em que ambos concordam com a necessidade da superação de uma noção individualizante e estigmatizante dos sujeitos adoecidos psiquicamente. Nesse sentido, a discussão da pesquisa relaciona-se com a proposta do GT “Psicologia, Promoção de Saúde e Cidadania” (IAS), trazendo considerações sobre as potencialidades da arte na percepção e apropriação dos sujeitos sobre si e a dimensão ético-política da prática do psicólogo nesse contexto. A metodologia baseou-se em uma pesquisa teórico-bibliográfica acerca da constituição do psiquismo e desenvolvimento humano, do significado e papel da arte, bem como sobre os processos de desintegração ou modificação patológica da personalidade. Procurou-se também enriquecer o trabalho com exemplos práticos observados durante um estágio curricular em um CAPS e em outras pesquisas na área de saúde mental. Como resultado, concluiu-se que a arte configura-se enquanto instrumento cultural privilegiado tanto na organização da personalidade, como na reorganização dos processos psicológicos alterados, por sua capacidade de requalificar o entendimento dos indivíduos sobre a realidade e, assim, requalificar a própria consciência. Portanto, a arte tem a capacidade de sustentar e desenvolver o processo de personalização,

modificando a qualidade dos vínculos estabelecidos entre indivíduo e o mundo a sua volta, enriquecendo e complexificando sua singularidade com processos mais autoconscientes. As experiências relatadas e observadas em instituições de saúde mental, de oficinas e espaços terapêuticos com mediações artísticas parecem conferir tais afirmações. Percebeu-se a capacidade desses espaços em mediar os processos psicológicos de modo a conferir nova organização afetiva e cognitiva, apontando para o desenvolvimento de indivíduos mais livres e autoconscientes. Tal compreensão converge coma defesa advinda do movimento da Luta Antimanicomial por um modelo de atenção psicossocial que contextualize os sujeitos adoecidos em sua realidade, pelas condições sociais concretas e sua história de vida, desenvolvendo nos indivíduos a possibilidade de lidar com suas vidas de modo autodeterminado.

O histórico familiar de câncer de mama afeta o autocuidado?

Paola Otaran, Carolina Seabra, Maria Júlia Armiliato, Luisa Vital, Miguel Alves de Sousa, Ana Carolina Peuker, Elisa Kern de Castro (UNISINOS)

O câncer de mama é a neoplasia mais comum entre as mulheres no Brasil, respondendo por cerca de 25% dos novos casos de câncer a cada ano. A análise do histórico familiar da doença permite identificar a existência de características específicas que podem indicar maior risco para desenvolvê-la. É importante que a mulher conheça seu histórico familiar e os fatores de risco para o câncer de mama a fim de orientar seu autocuidado. Dependendo das consequências que o câncer de mama gerou ao familiar com a doença (morte ou sobrevivência, sofrimento), a mulher com histórico familiar pode perceber a doença como sendo evitável ou não, tratável ou não e tendo relação ou não com suas condutas de autocuidado, como por exemplo, a realização de exames de rastreio. O objetivo deste estudo é comparar a percepção de risco do câncer de mama e o autocuidado de mulheres saudáveis com e sem histórico familiar da doença (parentesco de 1º e 2º graus). Participaram deste estudo de delineamento de grupos de comparação 211 mulheres acima de 40 anos, usuárias da atenção primária. Destas, 53 mulheres (26,4%) tinham histórico familiar de câncer de mama. Os instrumentos utilizados foram um Questionário Sociodemográfico, Clínico e de Comportamentos em saúde e Escala de Percepção de Risco- quatro questões que variam em intensidade, desde zero (sem risco) a 10 (alto risco) com perguntas sobre a percepção de risco pessoal da mulher em vir a ter câncer de mama. Os resultados mostraram que tanto com relação à percepção de risco quanto aos comportamentos de autocuidado (realização de mamografia, ecografia mamária, autoexame e consultas médicas de rotina), as pontuações dos grupos não tiveram diferenças significativas. Esses achados têm relevância ao apontar que as mulheres com histórico familiar não percebem seu maior risco para ter a doença. A manutenção de hábitos de vida saudáveis (ex. dieta, exercícios físicos) para a prevenção da doença pode estar atrelada à percepção de risco de vir a ter a doença e sobre o potencial da mulher ema reduzir esse risco através de seus comportamentos em saúde. Conclui-se que é importante que mulheres com histórico familiar de câncer de mama percebam seu maior risco e que o psicólogo da saúde atue fomentando suas condutas de autocuidado.

Palavras-chave: Câncer de mama, Percepção de risco, Autocuidado, Psico-oncologia.

Atenção integrada: desafios da interdisciplinaridade nas patologias alimentares

Luísa da Rosa Olesiak, Camila Peixoto Farias, Fernanda Nardino, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Alberto Manuel Quintana (UFSM)

Nos serviços de atenção à saúde se apresenta a incidência constante de patologias psíquicas que possuem registro no corpo e no ato dos sujeitos, como é o caso dos transtornos alimentares, principalmente a anorexia e a bulimia. Frente às urgências psíquicas e as graves repercussões corporais e comportamentais dessas situações que, em casos graves, podem levar ao óbito, manifesta-se a complexidade diagnóstica e clínica que exige o engajamento de diferentes especialidades como Psicologia, Medicina e Nutrição. Com isso, objetiva-se compreender os desafios e a importância do trabalho interdisciplinar nas patologias alimentares. A relação com o Subtema “Interdisciplinaridade e Intersetorialidade na Formação e Atuação Profissional” (IAS), dá-se, pois, esta pesquisa visa oferecer possibilidades de instrumentalização aos profissionais na construção do trabalho interdisciplinar, para o aprimoramento da prevenção e tratamento nos serviços de atenção à saúde. Para tanto, se respaldará nos pressupostos psicanalíticos, realizando uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo com médicos e nutricionistas de um hospital público do interior do Rio Grande do Sul. Estima-se, como resultados, a estruturação de um arcabouço teórico que proporcione a construção de uma linguagem comum entre as diferentes áreas de atuação, perpassando os olhares diferenciados delas sobre o paciente com patologias alimentares. O uso dessa linguagem possibilita a criação de um diálogo entre os profissionais da equipe, entre esses e o paciente, bem como entre cada profissional com o paciente. Isso se deve, pois, a confiança necessária nas intervenções e diálogos da equipe com os pacientes se torna imprescindível na construção de um espaço de circulação e acolhimento, qualidades estas, muitas vezes, ausentes na dinâmica desses sujeitos. Serve-se assim, como porta de entrada para reflexões sobre como esses profissionais podem atuar na criação de ações interdisciplinares voltadas a singularidade de cada paciente, a fim de agir sobre a prevenção, bem como, promoção de saúde e reabilitação nesses casos. Nesse prisma, trata-se de estruturar uma análise complexa que rompa com a lógica fragmentada do cuidado, através da articulação entre os profissionais e as diferentes áreas. Para isso é necessário investir na abertura de espaços, tempos de escuta e integração dos atores envolvidos nessa gestão de cuidado, o que possibilitará a minimização dos efeitos físicos, psíquicos e sociais nocivos aos sujeitos. Em síntese, o trabalho interdisciplinar nas patologias alimentares coloca grandes desafios para a integralidade da atenção e interlocução com as redes e os profissionais nos seus saberes e práticas.

Atenção psicossocial do usuário de CAPSad com problemas relacionados ao uso de álcool: o vínculo como estratégia de cuidado

Claudia Daiana Borges (UFSC, Uniasselvi/Fameg), Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

O presente resumo refere-se ao recorte de uma pesquisa de mestrado realizada junto ao Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e tem como objetivo apresentar o processo de atenção psicossocial do usuário de CAPSad com problemas relacionados ao uso de álcool tendo o vínculo como estratégia do cuidado. Desta forma, encontra-se alinhado com os objetivos do grupo de trabalho: Atenção Psicossocial (IPR). Trata-se de um estudo de natureza qualitativa com um delineamento descritivo e de corte

transversal. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e construídos mapas de rede de oito usuários que tinham problemas relacionados ao uso de álcool e que estavam em acompanhamento, há pelo menos seis meses, em um CAPSad do sul do Brasil. Também foram realizadas entrevistas com membros da rede social significativa dos usuários, indicados por eles como alguém importante no processo do cuidado, tendo a participação de cinco membros, assim, participaram desta pesquisa um total de 13 sujeitos, sendo oito usuários e cinco membros da rede social significativa. A perspectiva teórica norteadora deste estudo foi a da Psicologia Sistêmica. Os resultados indicaram que o vínculo que os usuários estabelecem com os profissionais do CAPSad representam a principal estratégia de cuidado dentro do serviço, o acolhimento e o bom relacionamento com os profissionais foram destacados como mais importantes no processo do cuidado do que as próprias atividades desenvolvidas no serviço. Os usuários relataram sentirem-se respeitados e atendidos em suas necessidades no CAPSad. A atenção psicossocial oferecida busca ser fortalecida na perspectiva da integralidade. Também foi identificada a presença de vínculos fortes entre os usuários do CAPSad que tendem a ser fonte de apoio mútuo. Diante dos resultados encontrados, pode-se inferir que a presença de vínculos fortes e ativos atuam como promotores da saúde e de sentido para a vida dos usuários. Por outro lado, usuários cujos vínculos são ou estão fragilizados e pouco ativos, sentem-se desmotivados para o processo do cuidado e com pouco ou nenhum sentido para sua existência.

Palavras-chaves: Atenção psicossocial, Vínculo, Cuidado, Álcool.

Psicologia da saúde e promoção no contexto da adolescência em conflito com a lei

João Bezerra de Morais Segundo (UEPB)

Embora a Organização Mundial da Saúde já tenha reconhecido a violência como um problema de saúde pública, ainda parece prevalecer a visão de que se trata de uma questão pertencente estritamente à esfera jurídico-criminal. Neste trabalho, abordamos uma das ramificações da violência – a adolescência em conflito com lei. Tal situação no contexto brasileiro se mostra em dupla condição: seus protagonistas figuram como perpetradores e como vítimas e revelam um quadro de precariedade de proteção. A intenção aqui, ao articular este trabalho com a proposta do Grupo de Trabalho “Psicologia, Promoção de Saúde e Cidadania” portanto, é refletir sobre esta configuração de violência numa perspectiva de saúde, identificando as contribuições da Psicologia da Saúde com foco na prevenção e na promoção, uma vez que, levando em conta seus pressupostos teórico-metodológicos é possível estabelecer uma confluência de paradigmas alinhados com a *Doutrina da Proteção Integral* que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com as políticas públicas e em especial com a *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Adolescente em Conflito com a Lei em Regime de Internação e Internação Provisória* (PNAISARI). Neste sentido a Psicologia da Saúde mostra-se importante no contexto do atendimento socioeducativo, desde o ponto de vista teórico, da pesquisa e também da intervenção, objetivando a manutenção da saúde, a prevenção de doenças e melhoria na qualidade de vida. As ações compreendidas no âmbito da PNAISARI contemplam a perspectiva da promoção e proteção da saúde e favorecem um espaço de transformação social e de cidadania, no qual a Psicologia da Saúde, encontra lugar privilegiado de estudo e intervenção junto à equipes interdisciplinares podendo atuar no processo de acolhimento dos adolescentes, na construção do Plano Individual de Atendimento (PIA), no desenvolvimento de ações integradas entre serviços de saúde e outros setores (cultura, esportes, trabalho, educação) articulando políticas que proporcionem o bem-

estar físico, mental e social dos adolescentes. A PNAISARI prevê ainda ações de fortalecimento da rede social de apoio aos adolescentes e suas famílias; incentivo ao protagonismo juvenil; apoio a formação de grupos de adolescentes promotores de saúde; construção de propostas de desenvolvimento de habilidades abordando o sentido de propósito, pensamento crítico, autoestima, autocuidado, cidadania e projetos de vida; ações de educação em saúde, promoção da cultura de paz e prevenção às violências, bem como, atenção integral aos adolescentes com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, na perspectiva de redução de danos.

Acesso a serviços públicos e questões de saúde da população travesti e transexual de Santa Catarina

Mateus Pereira Benvenutti, Ana Paula Silva Hining, Jéssica Janine Bernhardt Fuchs, Maria Juracy Filgueiras Toneli (UFSC)

Esta comunicação oral pretende compartilhar alguns dos resultados obtidos numa pesquisa realizada pelas autoras que tem como foco a população de travestis e transexuais no Estado de Santa Catarina. A proposta do estudo foi identificar e discutir o cenário atual de violências que perpassam a vida das pessoas transexuais na cidade através do levantamento do perfil psicossocial desta população, seu histórico de uso de serviços e políticas públicas das áreas da Saúde, Educação, Segurança Pública e Assistência Social e as vulnerabilidades enfrentadas cotidianamente em suas trajetórias de vida. Foi elaborado e aplicado um questionário em 100 participantes travestis e transexuais de Santa Catarina que conta com 107 questões fechadas quantitativas e uma questão aberta. Também foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com pessoas transexuais, objetivando compreender os atravessamentos de gênero e sexualidade ao longo de suas trajetórias de vida. Como base para a análise dos dados, foram estudadas produções de diversas áreas de conhecimento com foco nos estudos de gênero e transfeminismos e autores como Paul Preciado e Judith Butler. Os dados obtidos pela pesquisa confirmam o que há muito tempo o movimento de pessoas transexuais vem denunciando com relação às violências subjetivas e físicas que sofrem diariamente: 45% já fizeram ou fazem uso de hormônios para mudanças corporais; deste total, 44% fazem ou fizeram sem acompanhamento médico e 28% já tiveram problemas de saúde em decorrência do mau uso. Sobre acesso, 72% afirmam não ter procurado auxílio médico quando houve necessidade e 23% destas apontam ser por dificuldade de acesso para pessoas trans. Ainda, 15% afirmam ter sido diagnosticadas com alguma psicopatologia, mas 82% dessas não fazem tratamento algum. Com relação às violências: 76% das participantes já passaram por situações de discriminação e 62% por violência física. Dentre os autores dessa violência, os serviços de saúde aparecem com 40%. Dentre as entrevistadas, apenas uma pessoa conseguiu hormonoterapia através do SUS, as outras iniciando o processo com orientação de colegas, amigos ou da internet. Também é citada a aplicação de silicone industrial como agravador de saúde. Conclui-se que a população de travestis e transexuais constitui um grupo de vulnerabilidade e é alvo de violência por parte da sociedade em geral. Violência que começa dentro de suas casas com suas famílias, se estende às escolas, aos serviços públicos de saúde, segurança e assistência. Deixa-se morrer quando se nega direitos e acesso aos serviços básicos, e faz-se morrer todos os dias nas ruas.

Apoio social, Suporte Familiar e perfil sociodemográfico de famílias acompanhadas pelo Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) em Porto Alegre

Ezequiel Simonetti Cargnelutti, João Luís Almeida Weber, Adolfo Pizzinato (PUC-RS)

Em 2004 foi formulada a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que versa sobre a construção e regulação do Sistema Único da Assistência Social (SUAS). A estratégia de atuação no SUAS está hierarquizada em dois eixos: a Proteção Social Básica (PSB) e a Proteção Social Especial (PSE). O objetivo da PSB é prevenir situações de risco, por meio do desenvolvimento de potencialidades, aquisições e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. A PSB atua por intermédio de diferentes serviços, sendo o mais importante o Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família (PAIF). Diante do exposto, o presente estudo objetivo identificar os índices de Apoio Social e Suporte Familiar em membros de famílias acompanhadas pelo Serviço PAIF em Porto Alegre, bem como traçar um perfil sociodemográfico dessa população e identificar correlações entre as variáveis.
Participaram do estudo 201 representantes de famílias vinculadas ao PAIF em Porto Alegre. Os indivíduos foram selecionados aleatoriamente a partir de uma listagem, caracterizando-se como uma amostra aleatória simples. O estudo é quantitativo transversal, em que foram utilizados três instrumentos fechados e padronizados, aplicados individualmente. O protocolo foi composto pelos seguintes instrumentos: a) Questionário de dados sociodemográficos, que possui questões relativas à renda, condições de moradia, ocupação etc.; b) Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), dividindo-se nos fatores Afetivo-Consistente, Adaptação Familiar e Autonomia; e c) Questionário de Apoio Social, dividindo-se nas dimensões Rede de apoio, Funções de apoio social, Apoio Social nos Sistemas Informais e Apoio Social nos Sistemas Formais. Os dados foram codificados, digitados, armazenados e analisados com o auxílio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 21. Inicialmente, foram realizadas análises descritivas de caráter exploratório. Após, foram realizados testes de correlação de Pearson para avaliar a associação entre as variáveis sociodemográficas quantitativas e entre os instrumentos.
Os resultados mostram que há uma clara predominância de mulheres (87,6%). A idade média é de 46 anos (DP=16,37), com uma média de 5,47 anos de estudo (DP=3,17). A renda familiar média é de R$ 822,65 (DP=590,89) e tempo médio de acompanhamento pelo PAIF é de 5,15 anos (DP=5,28). Foi identificado que a Integração Comunitária está positivamente correlacionada com o tempo em que o participante está sob acompanhamento do PAIF ($r=.145$, $p<0.05$) e o valor do benefício social que a família recebe ($r=.201$, $p<0.05$). Esses resultados convergem com os objetivos da política de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Uma revisão sistemática sobre reinternações psiquiátricas

Guilherme Severo Ferreira, Gabriela Lemos de Pinho Zanardo, Larissa Moraes,
Kátia Bones Rocha (PUC-RS)

O presente estudo intitulado “Uma revisão sistemática sobre reinternações psiquiátricas” tem como objetivo analisar os critérios utilizados para definir reinternações psiquiátricas frequentes e os seus fatores associados, como dados clínicos, sociodemográficos e rede de atenção. O trabalho está relacionado com o eixo temático IPR por fazer uma análise crítica dos dados relacionados a articulação da rede de atendimento na atenção psicossocial. O estudo procura conhecer como é feito o acolhimento na rede de apoio, a relação entre a taxa de reinternação com o tratamento na rede de atenção e os benefícios desse atendimento na rede extra hospitalar. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados eletrônicas

Pubmed, PsycInfo e BVS. As palavras-chave utilizadas foram “mental disorder” e “readmission”. Foram encontrados 3419 artigos na primeira busca. Para refinar a busca, foram utilizados os critérios de inclusão e posteriormente os critérios de exclusão. Nos casos de discordância entre os juízes, foi feita a revisão em conjunto dos artigos, até chegar em um consenso. Foram identificados e analisados 26 estudos no final da busca. Em relação aos resultados, não foi possível encontrar um critério padrão para reinternação frequente entre os autores. Foi encontrada uma variabilidade na caracterização da reinternação, no que diz respeito a combinação entre intervalo temporal (podendo ser 12 meses, 18 meses...) como no número de reincidências de internações (ao menos uma internação, 2, 3 ou mais). Em relação a rede de atenção, poucos estudos apresentaram o tipo de tratamento ou acompanhamento realizado após a internação. Em apenas seis estudos, ocorre algum tipo de análise em relação ao uso de bases comunitária ou de serviços de atenção à saúde mental extra hospitalar. Em um estudo, 90,3% dos pacientes que receberam acompanhamento tiveram uma baixa taxa de hospitalização em um ano, após terem feito tratamento em serviço psiquiátrico comunitário de base hospitalar. Na comparação de um ano antes e um ano após este tratamento, observou-se que houve uma redução significativa na hospitalização. Outros estudos avaliaram algum tipo de intervenção, como uso de psicoeducação, uso de mentor e utilização de follow-up contínuos durante um ano, todos apresentaram um menor número de internações quando comparado a um grupo controle, ou reduziram o número de internações após a intervenção. Destaca-se a importância de estabelecer um consenso sobre o critério de reinternação frequente, além de desenvolver mais estudos sobre a rede de atenção à saúde.

Intersetorialidade sob a luz dos Direitos Humanos: um estudo de caso

Mariana Luíza Becker da Silva (Centro de Referência de Assistência Social de Paulo Lopes)

O novo paradigma da ciência contemporânea compreende o ser humano como biopsicossocial e inserido em um contexto. O presente estudo pretende analisar a importância da articulação da rede intersetorial para a garantia dos Direitos Humanos e do atendimento integral das famílias acompanhadas. Esse estudo de caso decorreu de visitas domiciliares realizadas na casa de uma família, as quais foram registradas em prontuários. Para análise dos dados, foram estabelecidas três categorias de análises: a história da família, o impacto do adoecimento e as propostas para resolução das dificuldades. Trata-se de um homem, casado, com duas filhas (11 e 14 anos), que foi internado quando perdeu o movimento das pernas devido a complicações de saúde em decorrência do vírus HIV. Antes da sua internação, a família já passava por dificuldades, pois sua filha mais velha possui Transtorno Global do Desenvolvimento, sua esposa possivelmente tem umdéficit cognitivo (sem diagnóstico fechado) e a casa onde moram é íngreme e de difícil acesso. Em decorrência das dificuldades de acesso à casa e de locomoção da filha, o pai a levava no colo até a rua, onde passa o transporte escolar que a leva à escola e à APAE. . No entanto, após as complicações, o pai não está conseguindo auxiliá-la. A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, assegura-se que frequentar a escola, a APAE, a fisioterapia e o convívio a sociedade são direitos da criança e do adolescente e dever do Estado. Com isso, elaborou-se, a partir do movimento da assistência social, um plano de ações em uma reunião em que estavam representantes da Secretaria de Educação, da Saúde, da Assistência Social, da Escola e da APAE. Na reunião, foi possível criar estratégias e compartilhar responsabilidades entre os setores, a fim de garantir os direitos da adolescente e da família. Foi acordado que a Assistência Social disponibilizará o material para construção de um acesso adequado à casa. A escola e a APAE responsabilizaram-se por alocar uma pessoa para realizar a monitoria do

transporte escolar para o auxílio da transferência casa/transporte. A saúde acompanhará, por meio da agente de saúde da região, o caso e disponibilizará uma fisioterapeuta para atendimento domiciliar. O caso evidencia a importância da articulação da rede, tendo em vista que o ser humano vive em contextos e é multideterminado. Com isso, compreende-se a relevância de problematizar as práticas cotidianas dos profissionais de diferentes políticas públicas.

Orientação profissional no CRAS: promovendo saúde aos adolescentes

Michela da Rocha Iop (UNIVALI)

O presente trabalho almeja apresentar um relato de experiência de uma psicóloga solicitada a desenvolver um projeto de orientação profissional em um CRAS de um município do Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina. Este trabalho está relacionado ao GT Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde – IAS, considerando que as práticas profissionais desenvolvidas nos CRAS vão ao encontro da proposta das políticas públicas em promover saúde aos seus usuários. O CRAS busca desenvolver as potencialidades e fortalecer vínculos familiares e sociais dentro de uma perspectiva preventiva, valorizando os aspectos saudáveis dos sujeitos, compreendendo-os de forma integral. Uma das formas de prevenir e promover saúde se dá por meio das práticas de orientação profissional, caracterizadas por atuações pautadas na relação do homem com o trabalho, esta última categoria central da vida humana. Os primeiros contatos com a vida laboral costumam iniciar na adolescência, período em que os sujeitos passam a pensar nos possíveis rumos profissionais e, muitos, se deparam com ansiedade e insegurança, receosos de fazer escolhas não satisfatórias. A orientação profissional se torna um importante instrumento no amparo aos jovens na primeira escolha profissional. Considerando o que Silvia Lane apresentou como aportes na construção de uma psicologia comprometida, a orientação profissional pode ser concebida como uma importante intervenção na concretização do compromisso social da Psicologia, contribuindo para a ampliação da consciência do homem, ser social e histórico. O método usado para a efetivação desta experiência foi o trabalho grupal, desenvolvido com treze adolescentes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio da única escola do município. A divulgação deste projeto foi feita na escola pela psicóloga e assistente social do CRAS, as quais identificaram, através de contato com alunos, a necessidade de um trabalho de orientação profissional. Ocorreram doze encontros, nas dependências do CRAS, semanalmente, às quintas-feiras, das 14h às 16h. Os instrumentos utilizados foram técnicas de dinâmicas de grupo, vídeos, jogos, contatos com profissionais através de visitas em locais de trabalho. Os resultados desta intervenção apontam que os participantes adquiriram mais esclarecimentos, informações e, através de suas falas, expressarem sentirem-se mais seguros para tomar suas decisões. Esta intervenção mostra a relevância do CRAS enquanto dispositivo de proteção básica que pode oferecer aos seus usuários projetos que vão ao encontro de suas demandas e, da mesma forma, a importância da orientação profissional enquanto prática preventiva e promotora de saúde aos jovens.

Grupo “Pensando sobre Trabalho”: uma proposta de promoção da cidadania com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas

Mariane Comelli dos Santos (CREAS), Vanessa da Silva Domingos (UFSC),
Mariana Barreto Vavassori, Camila Murakami Delízio (CREAS)

O objetivo desse trabalho é apresentar uma síntese descritiva sobre o grupo “Pensando sobre Trabalho”, criado no Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) do município de Florianópolis/SC. O grupo surgiu com o objetivo de oferecer aos adolescentes atendidos nesse serviço, localizado no Centro de Referência Especializado de Assistência Social, um espaço para identificação e reflexão sobre seus interesses e habilidades pessoais e como esses fatores podem ser utilizados em situações de busca de um trabalho. Para isso, partiu-se do entendimento de que o processo grupal estimula a reflexão individual e coletiva, possibilitando que seus membros se conscientizem de sua identidade psicossocial, além de oferecer um espaço para novas relações, vínculos afetivos e expressão de opiniões e sentimentos (Martins, 2003).
A promoção da cidadania se faz presente na medida em que o grupo procura refletir sobre o lugar de cada trabalhador no mercado e, consequentemente, na sociedade. A preparação de cidadãos socialmente responsáveis e conscientes de suas potencialidades no mercado e de suas responsabilidades na sociedade é uma forma de promoção da saúde desses adolescentes e, ao mesmo tempo, uma estratégia de promoção da cidadania. Isso justifica a relação do presente trabalho com o GT “Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania”, do eixo IAS.
Partindo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner, que compreende o desenvolvimento como um processo contínuo e complexo, o grupo procura promover processos proximais, que são interações progressivamente mais complexas entre o ser em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos do ambiente ao seu redor que atuam como promotoras do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).
Participam do grupo seis jovens, todos do sexo masculino, na faixa etária dos 16 aos 18 anos. Foi organizado em seis encontros quinzenais, nos quais foram trabalhados os seguintes temas: introdução à temática, autoconhecimento, orientações sobre a colocação no mercado de trabalho (entrevista de emprego e currículo), reflexões sobre profissões e profissionalização. Os encontros são planejados por três psicólogas, uma assistente social e uma estagiária de Psicologia.
Como, até o presente momento, o grupo ainda encontra-se em andamento, seus resultados ainda são parciais. Contudo espera-se que esse trabalho possa promover interações e reflexões que auxiliem no desenvolvimento da noção de cidadania bem como na promoção de uma relação saudável de cada indivíduo com o trabalho.

Psicologia social na saúde: uma ampliação de possibilidades

Adriano de Sousa Barros, Aponira Maria de Farias (UFPB)

A psicologia no Brasil é uma ciência relativamente recente, em termos de regulamentação (pouco mais de cinquenta anos). A identidade desse profissional ainda está em construção, especialmente em relação ao psicólogo como profissional de saúde. As próprias políticas públicas de saúde que incluem o psicólogo na equipe interdisciplinar são relativamente recentes. Mesmo com a evolução e ampliação da atuação do psicólogo na saúde, ainda há equívocos na prática, especialmente fora do contexto clínico tradicional, como nas UBSFs, por exemplo. O problema estaria na graduação dos psicólogos, com formação específica na área de saúde ainda incipiente e/ou a dissociação entre pesquisa e prática em saúde. Nesse contexto, começa a se desenvolver, na década de 1980, no campo da pesquisa, a Psicologia

Social da Saúde, que aponta para variáveis psicossociológicas que influenciam os processos saúde-doença. Essa área tem crescido com o incremento das políticas públicas, absorvendo um contingente significativo de profissionais de psicologia, exigindo destes uma forma de atuação diferente da graduação e obrigando-lhes a se qualificar. Esta revisão bibliográfica analisa indícios da psicologia da saúde no Brasil. Essa área, que tem influências da psicologia social comunitária, exige do profissional uma postura mais flexível e abrangente, que foge da atuação clínica convencional, transmitida durante a formação. Nesse contexto, o objetivo foi, através da revisão de literatura, saber o que já há publicado na área e analisar se essas demandas podem ampliar a atuação do psicólogo na promoção de saúde e de cidadania. Durante a pesquisa se evidenciou a importância de se rever os currículos de graduação em Psicologia, adequando-o às transformações no mercado de trabalho na área, que tem crescido bastante nas duas últimas décadas em políticas públicas de assistência social e saúde. O que tem ocorrido é que os profissionais estão aprendendo na prática o que deveria ter sido durante a graduação, o que pode comprometer o resultado do trabalho. As lacunas na formação do psicólogo acabam se refletindo na sua prática. Muitos profissionais, que ao longo da graduação tiveram uma formação voltada para a clínica individual, quando se deparam com a realidade e as demandas nas comunidades, ficam sem saber o que fazer. A Psicologia Social da Saúde ainda não é tradicionalmente reconhecida no Brasil no ambiente acadêmico, apesar de haver pesquisas, aqui e em vários países, principalmente da América Latina e em Portugal, que tem um Mestrado na área.

Palavras-chave: Psicologia social da saúde, Atuação profissional, Saúde coletiva.

Trabalhadores em saúde e práticas medicalizantes

Renata Elisa F. Brust, Tatiana B. M. Braga (Universidade Federal de Uberlândia)

A presente pesquisa tem por objetivo verificar como problemáticas do cotidiano são compreendidas a partir da perspectiva da patologização e da medicalização das experiências. Partindo de uma abordagem fenomenológica, discute o processo de produção social e cultural da medicalização, bem como os espaços sociais e dispositivos que permitem a adoção de práticas medicalizantes por profissionais de saúde.
Aborda um processo altamente disseminado no Brasil, com raízes históricas aprofundadas nos problemas gerados pelo tratamento técnico da desigualdade social e da ausência de políticas sociais públicas. A conjuntura socioeconômica brasileira fomentou concepções voltadas à responsabilização individual das classes populares pelas más condições de vida, desconsiderando uma ampla rede de fatores historicamente construídos. Tal postura reafirma-se na cultura, em meios como a educação, a ciência, o modo de produção capitalista, a economia, em que são colocadas condições para sujeitos que devem se responsabilizar individualmente em sua solução. Este cenário consolida uma prática recorrente de naturalização dos sofrimentos e impasses intrínsecos às relações e suas dialéticas, por meio de discursos biológicos e patologizantes.
Em um segundo momento, trata problemáticas do cotidiano e sua experiência na população geral, analisando como tais questões se tornam passíveis de serem compreendidos a partir de um olhar voltado à doença. Para tanto, tem como primeiro passo metodológico uma descrição do fenômeno da medicalização a partir de pesquisa bibliográfica, elaborando a apresentação do panorama social e histórico em que ele emerge. Após essa abordagem teórica, foram aplicados questionários à população em geral a fim de verificar se determinadas

questões do cotidiano são de fato experienciadas pela maioria das pessoas, quais interpretações supõem a respeito e se/quais providencias foram tomadas.
Conforme os resultados obtidos, mais de 70% da população já passou pelas dificuldades cotidianas apontadas no questionário, a saber: impasses e suas "implicações sintomáticas" no trabalho, na escola/universidade e nos relacionamentos interpessoais. Diante disso, possuímos pressupostos fáticos para direcionar a pesquisa no sentido da abordagem profissional frente a essas demandas – que como os resultados apontam, são comuns e vivenciadas por muitos ou quase todos – apresentando-as a diversos trabalhadores em saúde em consultas ulteriores e verificando até que ponto a prática medicalizante está imersa na sua atuação terapêutica.

Reconhecimento de direitos e o olhar sobre a coletividade: oficinas de cidadania para jovens no contexto da assistência social

Maria Chalfin Coutinho, Luna CasselTrott, Alessandra Mafra Ribeiro (UFSC)

Cidadania pode ser entendida como qualidade de cidadão, pessoa que, como membro de um Estado, possui direitos que lhe permitem participar da vida política. Neste sentido, ser cidadão nos coloca como atores da vida social, protagonistas dessa construção. Os jovens e adolescentes têm sido vistos historicamente como excluídos da participação enquanto cidadãos, ficando postergado para o futuro o seu reconhecimento enquanto cidadãos plenos. Somente a partir da Constituição de 1988, os Jovens são reconhecidos pela primeira vez como sujeitos de direitos. Neste processo de reconhecimento de cidadania deste público, o conhecimento dos direitos e deveres é essencial para que se coloquem nessa posição ativa diante da realidade. A política de Assistência Social lista este como um dos temas a serem trabalhados nos serviços com o fim de promover a participação política das comunidades. Desta forma, este trabalho objetiva relatar um projeto realizado em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de Florianópolis que se propôs a construir espaços de reflexão e troca entre jovens moradores sobre a temática da cidadania articulada com situações e demandas sociais vivenciadas no bairro, através de oficinas. Foram realizados 8 encontros com os jovens moradores do bairro nos quais foram trabalhados temas relacionados à cidadania a partir de conversas, dinâmicas grupais, oficinas artísticas, pesquisas, entre outros. Dentre os resultados obtidos estão a promoção de um sentido de coletividade a partir das problemáticas comuns vivenciadas no bairro entre os jovens. As situações territoriais levantadas pelos participantes estão estreitamente ligadas principalmente ao direito à cidade, ao lazer, à educação e também à saúde. Neste sentido, as atividades desenvolveram uma reflexão interdisciplinar sobre as condições coletivas de vida, o que levaram a pensar os determinantes de uma vida saudável para a comunidade em que estão inseridos. Consideramos que estas atividades potencializaram o lugar de cidadania destes jovens a partir de um espaço de escuta e reflexão sobre seus modos de vida e de reivindicação sobre seus direitos.

Teatralidade e cuidado em saúde mental: reinvenções da clínica.

Gabriela Zuchetto (ESP-RS), Daniele Noal Gai (UFRGS)

Este trabalho narra trechos da vivência de uma psicóloga em um processo de formação Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Um dos espaços de formação e prática deu-se junto a um grupo de teatro vinculado a um projeto de

Desinstitucionalização no Hospital Psiquiátrico, formado por atores que “moram” em unidades do hospital psiquiátrico, outros que estão em residenciais terapêuticos, alguns que vivem com suas famílias e fazem tratamento em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e uma equipe de quatro profissionais. A proposta de inserir a comunicação deste trabalho nesse eixo se dá, pois, a narrativa e reflexão desta experiência de formação e intervenção articula-se com as políticas de saúde mental, com o campo da arte e cultura, visando um cuidado em direção a promoção de saúde e de cidadania. Este trabalho tem por objetivo pensar a intersecção entre a psicologia e as políticas públicas em saúde mental, fundamentadas no marco da Reforma Psiquiátrica com vistas ao processo de Desinstitucionalização; pensar sobre cuidado e a intervenção com Arte, a partir do relato da experiência vivida. A proposta do grupo enquanto um fazer no campo da arte- o teatro, demonstra-se como uma prática clínica em potencial, no caminho da construção de autonomia e de cidadania. Para Rolnik (2004), a clínica deve ser indissociada da arte e da política, ou seja, criar, curar e resistir tornam-se indissociáveis. A Reforma Psiquiátrica se iniciou no Brasil na década de 1970, e só foi instituída na Lei 10.216/2001 (Lei Paulo Delgado) que prevê a extinção gradativa dos hospitais psiquiátricos, e com isso a necessidade de reinvenção das práticas de cuidado e de desinstitucionalizaçao. Em todo país ainda vemos a disputa por modelos de tratamento e cuidado e a necessidade de reafirmação do modelo antimanicomial. Fica evidente que é preciso uma reforma no campo cultural. Nesse viés se propõe intervenções através da Arte, assim como Nise da Silveira apostou em seu trabalho, na década de 40 no RJ (FRAYZE-PEREIRA, 2003). Por fim, considera-se que as cenas extraídas desta experiência teatral, demonstram a promoção de vínculo, cuidado e autonomia no jogo e improviso corporal, e a impressão de um diálogo diferenciado da loucura com a sociedade, através das apresentações do grupo.

Promoção de saúde através do brincar: oficinas lúdicas em uma escola aberta

Joana Missio, Dorian Mônica Arpini, Patrícia Paraboni, Camila Almeida Kostulski, Fabiana Muller Schmitt, Renata Petry Brondani (UFSM)

Este trabalho aborda o uso do lúdico em oficinas de Psicologia em uma Escola Aberta. As atividades lúdicas fazem parte da proposta de um projeto de extensão coordenado pela Profa. Dra. Dorian Mônica Arpini, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Participam do projeto crianças e adolescentes, matriculados em uma Escola Aberta e que estão em situação de exclusão social. Os participantes são divididos pela faixa etária e pelo sexo. Neste trabalho, o foco será nas oficinas realizadas com meninos de idade entre 10 e 13 anos. Nelas, através do brincar, busca-se oportunizar um espaço de ressignificação de vivências de sofrimento, decorrentes da sua fase de vida, das relações familiares e de amizade, do contexto educacional e social em que estão inseridos. Pretende-se incluir este trabalho no Grupo de Trabalho “Psicologia, Promoção de Saúde e Promoção de Cidadania”, dentro do subtema “Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde” e do eixo de sigla “IAS”. Acredita-se que o presente trabalho se articula ao referido GT, pois apresenta o brincar como uma ferramenta importante de promoção de saúde psíquica e de novas possibilidades de ser e estar na sociedade. O brincar é fundamental para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, pois conduz aos relacionamentos interpessoais, além de se constituir em uma forma de comunicação. Deste modo, é um instrumento que apresenta grande potencialidade no trabalho com crianças e adolescentes acometidos por situações de violência. O espaço da brincadeira, no qual a espontaneidade é possível e permite a elaboração de vivências, é definido por Donald Winnicott como “espaço potencial”. Dentro dessa perspectiva, nas oficinas, que ocorrem quinzenalmente e tem duração de cinquenta minutos, são desenvolvidas diversas atividades lúdicas, utilizando colagens, cartinhas, desenhos, jogos em geral, brincadeiras, entre outros. Concomitantemente a isso, busca-se

ter um diálogo com os meninos, de modo que a fala, a escuta e a interação também comportem esse "espaço potencial" de transformação de vivências. Com essas atividades tem-se observado que o lúdico se constitui em uma interessante estratégia de trabalho, possibilitando momentos de lazer, descontração e potencialidade criativa, além da elaboração psíquica de possíveis vivências de sofrimento, inclusive aquelas despertadas pela fase de mudanças e transformações pela qual estão passando. O vínculo construído entre a equipe e os meninos também é um aspecto a ser destacado. As oficinas ocorrem há cerca de três anos, sendo avaliadas pela equipe e pela escola de forma positiva.

Uma proposta de avaliação do contexto hospitalar percebido pela criança e suas relações com indicadores de saúde e de *coping*

Kelly Ambrosio Silveira, Kely Maria Pereira de Paula (UFES)

Experiências adversas ligadas à hospitalização podem ser estressantes, contribuindo para problemas comportamentais e emocionais em crianças. Seguindo uma perspectiva motivacional, sabe-se que contextos sociais preenchem as necessidades psicológicas básicas do indivíduo, auxiliam no delineamento de crenças autorreferenciais e atuam de modo significativo na avaliação e no enfrentamento de situações estressoras. Desse modo, pacientes que percebem a satisfação de suas necessidades psicológicas durante o atendimento hospitalar podem apresentar autorregulação e adesão ao tratamento de modo mais expressivo, propiciando resultados mais positivos na saúde. Assim, a investigação do contexto hospitalar percebido pela criança é um tema relevante no campo da Psicologia Pediátrica. Considerando a carência de instrumentos que possibilitem tal investigação, pretende-se analisar indicadores de validade de uma medida de contextos sociais percebidos por crianças hospitalizadas e as suas relações com indicadores de saúde e de enfrentamento. Tal medida, inicialmente denominada Avaliação de Contextos Sociais Percebidos em Âmbito Hospitalar [ACS – H], basea-se no *Parent as Social Context – PASC*, no *Teacher as Social Context* – TASC e no *Health Care Climate Questionnaire* – HCCQ. Pacientes de hospitais infantis da região metropolitana de Vitória, ES, a partir de seis anos, e seus cuidadores comporão uma amostra de conveniência. A bateria de instrumentos inclui um questionário de identificação e o Inventário de Sintomas de *Stress* de Lipp [ISSL], respondidos pelos cuidadores. Também inclui a Escala de *Stress* Infantil [ESI], a Escala de Faces Revisada [FPS- R], para avaliação da dor, e os instrumentos de Avaliação do Enfrentamento da Hospitalização [AEH] e a Avaliação de Contextos Sociais Percebidos em Âmbito Hospitalar [ACS – H], respondidos pelas crianças. A etapa inicial da pesquisa consistiu na análise de características psicométricas preliminares do ACS–H, a partir da adaptação linguística, da validação de conteúdo e da análise empírica a partir de um estudo com seis juízes especialistas na área e 80 crianças entre seis e 14 anos. Os coeficientes de validade de conteúdo foram superiores a 0,80. O acordo entre os juízes foi aceitável, com kappa médio superior a 0,70. A versão atual do instrumento contém 35 itens. Espera-se que os resultados decorrentes desta pesquisa subsidiem propostas interventivas no contexto hospitalar e colaborem, também, para a formação acadêmica e profissional de profissionais das áreas de Saúde e de Desenvolvimento Infantil.

A avaliação psicológica no contexto do jovem infrator

Antonio de Pádua Serafim (UMESP, HCFMUSP)

O objetivo desse trabalho é apresentar as demandas e etapas da avaliação psicológica como recurso da perícia de jovens infratores atreladas ao GT Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde uma vez que traz a intersecção da saúde com a justiça. A crescente complexidade das relações sociais traz a cada dia desafios novos à justiça, confrontado-a com situações para as quais ela não está apta a lidar fiando-se apenas em seus instrumentos. Como parte dessa realidade destaca-se a violência que abarca uma questão de interseção com implicações de ordem física, mental social e jurídica. De especial interesse são as causas envolvendo, mais do que a saúde em geral, a saúde mental em particular, pois nessas ocasiões usualmente não basta o concurso da leitura do operador do Direito, havendo necessidade da intervenção de profissionais mais afeitos à psicopatologia humana e suas implicações legais, ou seja, o psicólogo forense. Neste escopo a dúvida do operador do Direito poderá relacionar-se ao jovem infrator. Método: Descrever as etapas de avalição psicológica forense: O que se avalia neste jovem? a) O entendimento, que visa identificar a presença de déficits cognitivos e /ou Retardo Mental. b) A personalidade em termos de estrutura e dinâmica e c) a psicopatologia para caracterizar a presença de um Transtorno mental. Resultados: Demonstrar como a perícia compreende aplicação dos métodos e técnicas da investigação psicológica e neuropsicológica com a finalidade de subsidiar ação judicial, seja esta de que natureza for (área do Direito), toda vez que dúvidas relativas à “saúde” psicológica do periciando, se instalarem. Conclusões: Neste contexto cabe ao psicólogo considerar os componentes subjetivos e/ou psicológicos: cognitivos, intelectuais, recursos de controle dos impulsos, agressividade em grau e natureza, dinâmica e estrutura de personalidade. Os aspectos sociais: capacidade de introjeção e adesão às normas e limites sociais, capacidade de adaptação social, grupo étnico, grupo social, fatores de risco delinquencial ou de recidiva do ato antijurídico, cultura, princípios religiosos. Além do espírito jurídico, ou seja, o grau de periculosidade do “agente”, grau de responsabilidade penal (imputabilidade) e medida de segurança e grau de capacidade civil, capacidade laboral, e no caso de jovens, a medida socieducativa.

Relato de experiência em avaliação psicológica: uma prática voltada ao desenvolvimento dos avaliados

José Tadeu Acuna, Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (UNESP – Bauru)

A fim de contribuir com as discussões do grupo de trabalho “Avaliação Psicológica em Psicologia da Saúde”, este manuscrito relata uma experiência de avaliação psicológica que se deu em um contexto escolar no qual o psicólogo foi convocado a promovê-la. Tal demanda surgiu devido as suposições de deficiência intelectual que a equipe pedagógica de uma escola municipal de Bauru construiu em relação a dois estudantes, um do sexo masculino e outro feminino, do ensino fundamental do ciclo I. Para esta tarefa, partiu-se do princípio que a avaliação psicológica deve estar a serviço da aprendizagem, portanto, do desenvolvimento dos alunos. Neste caso, deve-se avaliar com o intuito de levantar o maior número de informações sobre os avaliados, pontuando suas habilidades, limites e possibilidades para que este conteúdo subsidie intervenções em prol dos mesmos, deste modo, o psicólogo deve ter formação e fontes propiciadoras de conhecimento que o possibilite atuar neste modelo. Com o intuito de realizar a prática psicológica de forma a contemplar aspectos

biológicos, psicológicos e sociais relacionados aos avaliados, escolheu-se o instrumento WISC-IV para ser aplicado, realizou-se anamnese com os pais e consultou-se o relatório pedagógico elaborado pelos professores, bem como, seguiu-se as orientações do Sistema 2010 de avaliação de crianças com deficiência intelectual da Associação *Americana* sobre *Deficiência Intelectual* do Desenvolvimento (AADID). Os resultados oriundos do emprego das técnicas e o norte oferecido pelo Sistema da AADID permitiram concluir a existência de deficiência intelectual nos dois casos, aluno A com um coeficiente total de inteligência a 52 pontos compostos e aluno B a 58 na escala WISC-IV, ambos com problemas para manterem conversação, resultado inferior no Teste de Desempenho Escolar e problemas na gestação. Estas informações foram apresentadas a equipe pedagógica com o intuito de apontar as particularidades dos alunos e propor reflexão sobre as práticas educativas existentes na escola e possíveis transformações a favor da inclusão destes estudantes. Para além deste contributo, a equipe pedagógica pode encaminhar os alunos ao atendimento pedagógico especializado. Nesta direção, defende-se que toda avaliação psicológica é um serviço que demanda do psicólogo uma sólida formação e um vasto leque de conhecimento para que ela possa romper com a prática de classificação e rotulação dos alunos, estando a serviço da criação de condições viabilizadoras do seu desenvolvimento.

Dificuldades nas habilidades sociais de mulheres usuárias de crack no contexto hospitalar

Jéssica Limberger, Ilana Andretta (UNISINOS/RS)

Dentre as peculiaridades da Psicologia da saúde ao longo do ciclo da vida, o abuso de substâncias psicoativas insere-se num contexto de agravos à saúde, com implicações sociais. Nesse sentido, a literatura evidencia baixas habilidades sociais em usuários de drogas. Entretanto, carecem de estudos que investiguem como as baixas habilidades sociais repercutem no momento do tratamento. Desta forma, objetiva-se compreender as interações sociais estabelecidas entre as mulheres usuárias de crack no momento da internação hospitalar, a partir de uma perspectiva do campo teórico-prático das habilidades sociais. Trata-se de um estudo qualitativo, de casos múltiplos, com síntese de casos cruzados. Este estudo constitui-se de um recorte da dissertação: “Mulheres em Tratamento pelo Uso do Crack: Habilidades Sociais e Características Clínicas”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os critérios de inclusão foram: mulheres com baixas habilidades sociais, com idade entre 18 e 59 anos, em internação hospitalar entre o sétimo e o décimo quinto dia de internação, com os critérios diagnósticos do DSM-5 para Transtorno por Uso de Substâncias (crack). Foram excluídas participantes com síndrome psicótica (verificada através do *Mini International Neuropsychiatric Interview*) e com prejuízos cognitivos (verificado através dos subtestes vocabulário e cubos do *Screening* Cognitivo do WAIS-III). Os dados foram coletados pela pesquisadora em duas etapas, sendo a primeira composta pelo questionário de dados sociodemográficos e de uso de drogas, Inventário de Habilidades Sociais e SCID-II (*Structured Clinical Interview for DSM Disorders*). A segunda etapa foi composta por uma entrevista clínica que avaliouas habilidades sociais no decorrer da trajetória de vida e no contexto da internação hospitalar. Os casos de Isabel, Débora e Rita compartilharam dificuldades na utilização das habilidades sociais desde a infância. No momento da internação

hospitalar, foram referidas dificuldades na interação com os profissionais da saúde e demais usuárias, com predominância de comportamentos passivos e agressivos, ao invés de assertivos. As comorbidades psiquiátricas podem ter dificultado o uso das habilidades sociais, observando-se maior gravidade nas mulheres com transtorno de personalidade borderline. Evidencia-se que intervenções com vistas ao desenvolvimento das habilidades sociais podem contribuir com o tratamento, melhorando a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Além disso, indica-se que as comorbidades sejam consideradas na avaliação das habilidades sociais e no planejamento das intervenções.

Oficina de música em saúde mental – um relato de experiência

Gabrielle Schneider Pereira, Lavínia Gampert Scotti, Marion da C. Lencina,
Katia Simone da Silva Silveira (FISMA)

Esse trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de uma acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria, em uma oficina de musicalização. A vivência ocorreu a partir de um estágio curricular realizado em um Centro de Atenção Psicossocial, álcool e drogas (CAPS-AD), durante o segundo semestre de 2015. A oficina propõe a música como uma das formas de terapia com usuários que fazem uso abusivo de álcool e outras drogas. A musicalização é uma oficina terapêutica expressiva que visa promover a saúde de usuários com uso abusivo de substâncias psicoativas. Inicialmente, apresentou-se a proposta da oficina de musicalização, explicando os objetivos, os quais buscam promover novas experiências na produção de subjetividades dos participantes, assim como, diminuir a ansiedade e estresse. Além disso, essa oficina poderia estimular da coordenação motora, melhora da concentração e do raciocínio. A intervenção na terapia de música foi compreender a influencia no bem-estar psicológico dos usuários, para averiguar se a mesma se a mesma promove emoções positivas, relações familiares satisfação com a vida. As atividades consistiram-se construção de instrumentos musicais com materiais reciclados (latas de tintas, tubos PVC, tampinhas de garrafas, garrafas PET, madeiras e etc). Após a montagem, os participantes da oficina, puderam enfeitar as garrafas usando sua criatividade. Em seguida, esses mesmos instrumentos musicais foram utilizados para cantar musicais propostas pelos próprios usuários. Percebeu-se que a oficina terapêutica de musicalização proporcionou que os integrantes do grupo refletissem a respeito de suas vivencias sociais, desenvolvendo novas identidades. Por meio das oficinas terapêuticas expressivas os usuários do CAPS AD vivenciaram diferentes emoções que contribuíram para promover habilidades corporais e desenvolverem realizações de atividades que possibilitaram o estimulo a cidadania.

Palavras-chave: Terapia, Centro de atenção psicossocial, Saúde mental, Música.

**Oficina de artes marciais (muay thai) em saúde mental:
um relato de experiência**

Fabio Antonio da Silva de Oliveira, Douglas Casarotto de Oliveira, (FISMA),
Gabrielle Schneider Pereira, Katia Simone da Silva Silveira (FISMA)

Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de um acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA) em um estágio básico, tomando

como partida o dispositivo “oficina de arte marcial” inserida no Plano Terapêutico institucional de um Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad). A oficina propõe a prática de muaythai como uma das integração e senso de grupo. Essa experiência na construção de um dispositivo aliando conhecimentos do campo da psicologia e saúde com conhecimento de artes marciais foi se desenhando ao longo das oficinas. Após aproximadamente um mês se consolidou uma configuração que consistia em ser uma roda de conversa sobre assuntos relativos à história do muaythai e aos saberes dessa arte. Observou-se que a oficina terapêutica de muaythai produziu nos participantes uma maior interação interpessoal, expressão e comunicação de emoções, pontos de vista, experiências pessoais, assim como lazer e bem-estar físico. Dessa forma, por intermédio das oficinas de artes marciais, possibilitou-se aos usuários do CAPSad, experienciar o autoconhecimento além da propriocepção corporal, senso de grupo, maior respeito e cuidado entre os participantes da oficina. Essa experiência aborda a possibilidade de oferecer um plano de ação alternativo, onde o indivíduo pode ser tratado em sua totalidade, abordando o aspecto social, cultural forma de terapia com os usuários que fazem uso abusivo de álcool e outras drogas, em um modelo não explorado de intervenção psicológica e psicossocial. A intervenção ocorreu por meio de uma oficina terapêutica decorrente do estimulo de atividade física pela prática de arte marcial, que visou promover a saúde dos usuários de uso abusivo de substâncias psicoativas e sua reincorporação na sociedade. Inicialmente foi apresentada uma breve descrição da oficina de muaythai e seus objetivos que consistem em abrandar a ansiedade e estresse, proporcionar lazer e interação entre os usuários através da prática corporal, além de estimular a coordenação motora, disciplina, autoconfiança, concentração, e psíquico, humanizando e adaptando o trabalho do psicólogo de acordo com o modelo proposto de saúde ampliada.

Palavras-chave: Intervenção psicossocial, Oficina terapêutica, Centro de atenção psicossocial, Saúde mental, Arte marcial, Muaythai.

Desafios e possibilidades da assistência a indivíduos com problemas relacionados ao uso de substâncias: a perspectiva de profissionais da rede pública de São Paulo

Alessandra Nagamine Bonadio, Maria Valéria Contreras, Danilo Locatelli, Bruno Bittencourt, Tatiana Amato, Eroy Aparecida da Silva, Ana Regina Noto (UNIFESP)

Objetivo: Analisar desafios e potencialidades da assistência prestada a indivíduos com uso problemático de álcool e outras drogas, segundo o ponto de vista de profissionais da rede pública da cidade de São Paulo.
Relação com o eixo temático escolhido (**Sigla: IAS)**: A abordagem interdisciplinar e intersetorial no campo do uso de substâncias psicoativas faz-se necessária considerando-se a complexidade e multidimensionalidade características deste fenômeno. Contudo, na prática assistencial, tal abordagem é ainda marcada por inúmeras dificuldades, a exemplo da articulação da rede de serviços.
Pressupostos epistemológicos: Este estudo ancora-se na concepção bio-psico-social do consumo problemático de álcool e outras drogas, cuja complexidade solicita ações intersetoriais e interdisciplinares. O referencial teórico dos processos formativos pautou-se nos princípios da Educação Permanente, destacando-se o processo de ação-reflexão-ação como forma primordial de lidar com os desafios do cotidiano profissional.
Método: Foram realizados 7 grupos focais (GFs), com 70 profissionais de diferentes serviços da rede pública de São Paulo, participantes de cursos de capacitação oferecidos pelo Centro Regional de Referência (CRR) da UNIFESP. Os GFs foram gravados em audio, transcritos e

submetidos à análise de conteúdo. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP.
Resultados: Como principais desafios, destacaram-se a articulação da rede assistencial e a formação técnica para trabalhar com este tema. Quanto à rede, foi relatado: desconhecimento sobre o funcionamento dos serviços do território; dificuldades de comunicação e trabalho conjunto entre osserviços; sistema de encaminhamentos linear e segmentado, 'encaminhando' os indivíduos para outros setores, sem discussões, acordos ou acompanhamentos subsequentes, capazes de garantir a assistência integral. Quanto à formação, emergiu a presença escassa da temática do álcool e outras drogas nos currículos das diversas graduações e no decorrer da formação, associada à auto-percepção negativa dos profissionais sobre suas habilidades e competências para atuar nesta área. Como possibilidade de superação, apontaram a necessidade de espaços de troca entre equipes de diferentes serviços e a ênfase na formação permanente, pautada em discussão de casos clínicos e aspectos práticos do cotidiano profissional.
Considerações finais: Processos formativos em álcool e outras drogas, voltados a equipes multidisciplinares e baseados nos princípios da Educação Permanente, são centrais para aprimorar a assistência prestada a pessoas com dificuldades relacionadas ao uso de substâncias. Contudo é fundamental que enfatizem a temática do trabalho em rede, a fim de favorecer a oferta de cuidados efetivamente integrais e o consequente incremento da saúde e cidadania destes indivíduos.

Como estão os professores do ensino privado do Rio Grande do Sul: um estudo sobre riscos à saúde

Anelise Schaurich dos Santos, Janine Kieling Monteiro (UNISINOS)

Os professores compõem a segunda categoria profissional mais acometida por doenças ocupacionais em nível mundial. Não é raro que esses trabalhadores apresentem Distúrbios Psiquiátricos Menores (DPM), os quais englobam sintomas não psicóticos, como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas. Este estudo objetivou descrever as características sociodemográficas e laborais associadas aos Distúrbios Psiquiátricos Menores em professores da rede privada de ensino do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa de caráter descritivo. Participaram da pesquisa 475 professores do setor privado do referido estado. A maioria era do sexo feminino (68%), exercia suas atividades profissionais no ensino superior (61,3%), possuía mestrado (37,3%) e recebia até oito salários mínimos (79,3%). A idade dos participantes variou entre 18 e 77 anos (m=43,15; DP=19,20), o tempo de exercício profissional variou de 1 a 52 anos (m=15,30; DP=10,38) e o tempo de trabalho na instituição atual variou de 1 a 40 anos (m=10,24; DP=8,80). Os docentes responderam dois instrumentos disponibilizados de forma *online*: questionário sociodemográfico e laboral e *Self-Reporting Questionnaire-20* (SRQ-20), esse último identifica os sintomas de DPM. Empregou-se a ANOVA para analisar possíveis associações entre características pessoais e laborais dos participantes e as médias obtidas no SRQ-20. Os resultados demonstraram que as mulheres são significativamente mais acometidas por DPM que os homens (p=0,014), além dos professores com menor idade (p=0,000), menor tempo de trabalho como professor (p=0,000), menor tempo de trabalho na instituição de atuação (p=0,000) e menor renda mensal (p=0,000). Ademais, os docentes que exerciam suas atividades profissionais no Ensino Superior foram significativamente (p=0,001) menos acometidos por DPM quando comparados aos professores que exercem suas atividades nos demais níveis de ensino. Também os participantes com doutorado sofrem

menos de DPM que os docentes com Ensino Superior completo (p=0,023). Os dados revelaram que professoras mais jovens, com menor renda, escolaridade e tempo de atuação são mais suscetíveis ao desenvolvimento de sintomas compatíveis com os DPM. Conclui-se que é necessário procurar formas de minimizar o sofrimento dos professores, sobretudo em início de carreira, por meio de intervenções voltadas para a prevenção e promoção de saúde, uma vez que o aumento das psicopatologias relacionadas ao trabalho impacta não só na qualidade de vida desses profissionais, mas também na qualidade da educação do país.

Palavras-chave: Trabalho docente, Saúde do trabalhador, Transtornos mentais.

Relação trabalho-saúde psíquica dos profissionais enfermeiros da saúde pública de uma cidade do interior do RS

Jaciara Luana de Souza, Cláudia Reis Flores, Loren Aita Riss
(URI – Campus Frederico Westphalen/RS)

A pesquisa teve como objetivo investigar os processos no trabalho com possíveis interferências na saúde mental dos enfermeiros. A temática foi definida paraentender sobre os fatores de prazer/sofrimentorelacionados à saúde mental destes trabalhadores. Os enfermeiros, em seu contexto de trabalho, deparam-se com o sofrimento e morte dos pacientes, jornadas extras de trabalho, hierarquias distantes, entre outros. Estes fatores podem ser geradores de sofrimento, bem como possibilitar o prazer e o reconhecimento laboral. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa-descritiva, derivado de uma pesquisa maior, ainda em andamento, denominada: Clínica do trabalho: processo de saúde psíquica de profissionais de saúde pública. A coleta de dados está em andamento, sendo o instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, gravada e posteriormente transcrita, com os profissionais da enfermagem em seu local de trabalho, após o consentimento dos mesmos. Os dados foram analisados a partir do processo de análise de conteúdo proposta por Bardin. Dados preliminares apontam que, para estes profissionais, o fato de trabalharem no contexto da saúde é um desafio, exigindo coragem e responsabilidade para o enfrentamento de situações no dia a dia que perpassam pela prevenção e promoção de saúde. Entendem a organização do trabalhoe as relações socioprofissionais, pela composição de equipes multidisciplinares, o que possibilita a excelência na execução das atividades, ao serviço de minimizar o sofrimento do paciente.Outro ponto importante elencado pelos profissionais está relacionado à relação com as chefias, as quais demonstram ser tranquilas, primando por um bom diálogo.Por outro lado, mencionam quehá falta de espaços de interlocução entregestores e pares, gerando menor eficácia no desenvolvimento das atividades e das equipes. Frente aos possíveis pontos negativos, quanto às condições de trabalho, relatam a falta de recursos ea falta de compreensão do paciente, em relação à prioridade de atendimentos. O prazer no trabalho é vivenciado através da percepção de melhora do paciente, bem como pelo reconhecimento no trabalho.O sofrimento no trabalho relaciona-se com a perda dos pacientes e a tristeza resultante desta. Neste caso, referem que há sentimento de impotência, sendo esta minimizada pela possibilidade de amparo aos familiares. Da mesma forma, há desprazerlaboral quando não conseguem atingir os objetivospropostos e pela desunião das equipes. A pesquisa procurará contribuir paraampliar a reflexão acerca das características desse contexto laboral e para propor possíveis intervenções, que viabilizem a promoção de saúde.

Palavras-chave: Serviço Público, Saúde psíquica, Enfermeiros.

Saúde na aposentadoria: estudo sobre o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis

Aline Bogoni Costa (UFSC, UNOESC), Dulce Helena Penna Soares (UFSC)

A preocupação da Psicologia com a saúde no trabalho tem favorecido importantes estudos e debates, especialmente relacionados às rápidas mudanças contextuais da contemporaneidade. No entanto, ainda é recente o interesse desta Ciência pelos fenômenos psicológicos relacionados ao "não-trabalho", a exemplo da aposentadoria, tema central desta proposta de comunicação oral. Na cultura ocidental, a construção histórica do termo aposentadoria associa-se à expropriação do espaço-tempo dos sujeitos, pois, ao deixarem de ser trabalhadores, tendem ao recolhimento em seus "aposentos". Nesse contexto, a vivência da aposentadoria é acompanhada de transformações identitárias e no cotidiano das pessoas, que podem levar a adoecimentos e sofrimento psicológico. O presente trabalho apresenta os resultados de estudo doutoral do ano de 2015, que objetivou compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis. Tendo como aporte teórico o pensamento marxista de Henri Lefèbvre, empregou-se o método regressivo-progressivo, proposto pelo referido autor, em três momentos: a descrição do visível, a análise regressiva-progressiva e a progressão histórico-genética. No primeiro momento, por meio de análise documental e observação de campo, compreendeu-se que os espaços urbanos de Florianópolis passaram por significativas transformações, especialmente nas últimas três décadas, alterando-se os modos de vida e o cotidiano de seus moradores. Verificou-se que as pessoas aposentadas, muitas vezes, compõem o cenário urbano em lugares demarcados, sintoma de segregação associado ao modelo capitalista de produção. No segundo momento, por meio de entrevistas com aposentados e elaboração de registros fotográficos, identificou-se que o trabalho se constituía como central no estabelecimento das relações cotidianas nos espaços urbanos e, após a aposentadoria, há dificuldades de participação na cidade. Na progressão histórico-genética, percebeu-se que, aposentados e agora "libertos" de suas obrigações e dos horários, "de posse de suas vidas", os interlocutores experimentaram-se "sem lugar" e "inativos" na construção de seu habitar, passando a buscar um pertencimento inacessível. Desse modo, as estratégias do cotidiano na aposentadoria caracterizam-se pelo isolamento, pelo presente vivido por meio das lembranças do passado, pelos rompimentos com a noção do espaço-tempo e por projetos de vida geralmente irrealizáveis no contexto urbano florianopolitano. Compreendeu-se, por fim, que os espaços vinculados ao trabalho conferem aos sujeitos uma "identidade urbana" e a aposentadoria pode significar rupturas e descontinuidades com essa identidade, corroborando à ausência de lugares sociais e do próprio cotidiano, levando a adoecimentos e sofrimento psicológico, que carecem de ser melhor explorados e compreendidos cientificamente, pela Psicologia e por outras Ciências.

A visita em UTI Adulto: intervenções do psicólogo hospitalar

Paola Nunes Goularte, Leticia M. Gabarra, Maria Emilia Pereira Nunes (HU-UFSC)

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a atuação do psicólogo em Unidade de Terapia Intensiva Adulto, no que se refere a visitação de adultos e de crianças aos pacientes internados, e o impacto destas intervenções para os familiares e profissionais de saúde inseridos neste contexto. Relaciona-se com o Grupo de Trabalho "Intervenções psicológicas na atenção hospitalar", pertencente ao eixo temático IPR, subtema Atenção Hospitalar, uma

vez que versa sobre a prática do psicólogo em hospital geral e abrange o trabalho em equipe, atendimento ao paciente e a rede de apoio, considerando as singularidades do processo saúde-doença e os atravessadores de uma instituição de alta complexidade. O adoecimento, por si só, já tem um forte impacto emocional na família, quando associado a internação em Unidade de Terapia Intensiva, este impacto é exacerbado. Atualmente, a visitação em UTI Adulto costuma ser restrita em curtos períodos durante o dia; entretanto, a proposta da Política Nacional de Humanização (PNH) enfatiza a implementação da visita aberta e o direito a acompanhante. Entende-se que a família possui um papel importante no tratamento, podendo contribuir na adaptação do paciente, reassegurando a identidade do mesmo e representando um elo com o mundo externo ao hospital, desde que também seja acolhida e cuidada. Este trabalho trata de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, a partir das intervenções realizadas pelas psicólogas em Unidade de Terapia Intensiva de um hospital universitário de Santa Catarina, que conta com 12 leitos ativos de UTI Adulto, todos destinados exclusivamente ao Sistema Único de Saúde (SUS). Como principais resultados da intervenção, instituíram-se reflexões com a equipe durante o *round* multiprofissional sobre a visitação, com proposta de visitação ampliada, acompanhante contínuo e visitação de crianças; presença e atuação do psicólogo no momento de visita e do boletim médico; avaliação psicológica para as visitas infantis (crianças menores de 12 anos) e acionamento da rede de apoio caso se observe a ausência desta. Assim, acredita-se que os momentos de crises são também uma oportunidade de produzir crescimento, desenvolvimento e mudanças positivas, quando bem conduzidos por um profissional capacitado. Observa-se uma mudança de postura da equipe frente às visitas e uma maior sensibilização para as demandas presentes. Constata-se ainda, que o cuidado prestado com qualidade e empatia pela equipe multiprofissional pode ser um importante fator protetivo para o paciente e a família que experiência uma situação crítica.

Percepção do paciente sobre sua autonomia na unidade de terapia intensiva

Marina Damion (UFCS – Porto Alegre), Mariana Calesso Moreira
(UFCS – Porto Alegre, Universidade Autonôma de Barcelona)

O estudo buscou compreender a percepção de autonomia em pacientes internados em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) adulto. A autonomia configura-se como peça central na promoção de saúde e diz respeito a todos os setores envolvidos no processo saúde/doença, portanto caracteriza também a atuação dos profissionais em UTI. A relação entre autonomia e saúde implica em uma valorização do sujeito e de sua singularidade, sendo considerado um dispositivo promotor de saúde e envolvimento dos pacientes em seus processos terapêuticos, por esse motivo o trabalho em questão possui relação com o Grupo de Trabalho cuja sigla é IPR e o título denomina-se Intervenções Psicológicas na atenção hospitalar. Além disso, o trabalho foi realizado no contexto de residência multiprofissional em saúde com ênfase em terapia intensiva, que configura importante cenário para a reflexão entre atenção ao paciente em alta complexidade e a integralidade do cuidado pautada pela promoção da saúde. Trata-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório descritivo. Os participantes foram seis pacientes críticos e a coleta de dados baseou-se em um roteiro de entrevista aberta com questões norteadoras. A análise dos dados se deu por meio da Análise de Conteúdo, baseada no desenvolvimento de categorias temáticas. Os resultados obtidos através das entrevistas sugerem que os participantes dissociam a autonomia do campo da saúde e não se percebem como protagonistas do processo saúde/doença. A percepção dos participantes acerca da autonomia também aparece dissociada da promoção de saúde, assim como, predomina um

caráter assistencialista nas relações entre profissional e paciente, conjuntura que invalida o paciente de se tornar um sujeito com poder de decisão sobre sua saúde. Almeja-se que o paciente possa estar informado sobre seus direitos, consciente e capacitado para optar pelas melhores escolhas para si. A realização de mais pesquisas e reflexões acerca do tema abordado é importante para se atingir a maior parte dos profissionais de saúde e sensibilizar as equipes para a promoção de saúde no contexto da terapia intensiva. Também é importante destacar que o tema abordado no estudo deve estar presente na formação dos profissionais em saúde, visando uma prática congruente aos direitos do paciente.

As contribuições da Psicologia em uma unidade de isolamento hospitalar

Anne Luisa Nardi, Larissa Santana Cunha, Tamara Santos de Souza (HU/UFSC)

Este trabalho objetiva apresentar as contribuições da Psicologia em uma unidade de isolamento hospitalar. A escolha pelo eixo temático IPR, subtema Atenção Hospitalar, se justifica pelo trabalho apresentar e discutir práticas psicológicas e intervenções gestadas no contexto hospitalar. Tendo como pressuposto epistemológico o paradigma da Complexidade (Edgar Morin), no qual se busca a contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva, compreende-se o ambiente hospitalar enquanto um contexto de desenvolvimento humano que abrange, expressa e se faz através de uma complexa rede de inter-relações, e reconhece-se que o isolamento hospitalar representa um desafio, haja vista que a internação nestas unidades, organizadas de forma distinta, acaba por trazer repercussões ao indivíduo, sua rede de apoio e equipe. MÉTODO: Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, baseado nas intervenções do Serviço de Psicologia da Unidade de Isolamento do HU/UFSC. RESULTADOS E CONCLUSÃO: Em uma unidade de isolamento, o profissional precisa considerar em sua intervenção, as características singulares da unidade e sua dinâmica organizacional. Assim, além das demandas referentes ao adoecimento e à hospitalização, o psicólogo busca identificar o entendimento do paciente e da família referente à permanência nesta unidade, tanto no que diz respeito ao motivo da internação (bactérias multirresistentes – bMR), quanto às regras e cuidados necessários. Além disso, se propõe a avaliar se as especificidades da unidade impactam na condição emocional do paciente e dinâmica familiar, buscando junto a ele, família e à equipe, pensar em estratégias para auxiliar a compreensão, melhorar o ambiente e minimizar tal impacto. Constatou-se que, enquanto para alguns pacientes, o fato de não poder circular livremente pela unidade e ter o horário de visitas reduzido é percebido como fator estressor, para outros, o fato de ter um ambiente mais restrito (quarto e banheiro exclusivo) é visto como algo positivo, quando comparado às internações em outras unidades. Diante disso, há necessidade de considerar a singularidade dos sujeitos neste contexto, cabendo à Psicologia, enquanto parte da equipe multiprofissional, o papel de fomentadora de iniciativas que considerem a subjetividade humana e as relações estabelecidas nas práticas de saúde, por meio de ações que possam propiciar o estabelecimento de atitudes e espaços de genuíno encontro e de legitimação do outro (seja paciente, sua família ou equipe), promovendo a autonomia, a corresponsabilidade, a valorização da subjetividade e o protagonismo dos sujeitos.

Contribuições da Psicologia no contexto hospitalar: Experiências de intervenção sob a ótica de humanização da saúde

Adriano de Souza, Ana Paula Sesti Becker (UNIFEBE)

Promover a humanização do cuidado à saúde é instituir uma dinâmica relacional pautada na alteridade e no diálogo, entre profissionais da saúde, pacientes e familiares. Com base no Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar do Ministério da Saúde (PNHAH), a humanização é entendida como valor na medida em que resgata o respeito à vida humana, norteada pelas dimensões sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes nos relacionamentos humanos. Entretanto, garantir a sua prática, constitui-se um desafio na própria cultura organizacional e interdisciplinar no âmbito hospitalar. Isto, em vista da estigmatização do encontro com o outro, quando lhe é negada à percepção de sua subjetividade pela tipificação e classificações diagnósticas, desconsiderando a angústia do paciente e sua história de vida. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo apresenta rum relato de experiência referente ao Estágio específico em Psicologia com ênfase em Prevenção e Promoção à saúde, desenvolvido em um hospital do Vale do Itajaí (SC). Delineou-se para submissão desta proposta de intervenção, o Eixo Temático: Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde (IPR) – Subtema: Atenção hospitalar e ao Grupo de Trabalho (GT): Intervenções psicológicas na atenção hospitalar; em conformidade à categoria do GT. Adotou-se como pressuposto epistemológico para o desenvolvimento das ações, o Pensamento Sistêmico. Para tanto, foram realizados acompanhamentos terapêuticos breves destinados aos pacientes e familiares, internados na ala pré e pós-cirúrgica. Num primeiro momento, observações e entrevistas semiestruturadas foram feitas com a equipe de saúde para conhecer o funcionamento hospitalar. Posteriormente, foram acessados os prontuários dos pacientes e dado sequência ao acolhimento focal antes e após de serem submetidos à cirurgia. Utilizou-se como instrumento o Protocolo de Atendimento Psicológico Hospitalar, para caracterização dos casos atendidos. Tal intervenção teve como finalidade prestar uma escuta qualificada às demandas do paciente e de seus familiares; refletir sobre as representações de saúde e doença, adesão ao tratamento e enfrentamento das condições adversas de saúde. Os resultados demonstraram boa receptividade dos pacientes às intervenções propostas, uma vez que propiciou um espaço de acolhimento não desenvolvido anteriormente. Alguns pacientes e familiares relataram sentirem-se mais tranquilos e informados acerca do processo cirúrgico e de hospitalização. A equipe de saúde demonstrou maior abertura e reconhecimento à demanda dos pacientes. Considera-se que o papel da Psicologia no contexto hospitalar deve incitar o processo de humanização por considerar o intercâmbio interdisciplinar e a concepção sistêmica e integral de ser humano.

Palavras-chave: Psicologia hospitalar, Humanização, Pensamento sistêmico.

Genocídio da população jovem negra brasileira

Thiago S. Alves, Adriane Rubio Roso, Willian, Gefferson S. Trindade
(Universidade Federal de Santa Maria)

No presente trabalhopretende-se refletir criticamente sobre as questões relacionadas à violência coletiva/estrutural e suas incidências no genocídio da população jovem negra no contexto brasileiro da atualidade, mais precisamente no que tange ao genocídio da população jovem negra e periférica. O ensaio reflexivo busca fontes teóricas de modo intencional e situa-se no escopo da Psicologia Social Crítica em interface com autores do Direito e da Sociologia Crítica. A psicologia social crítica objetiva não somente a complexificação do simples, a diversidade teórica e metodológica, a interlocução entre as diferentes áreas da psicologia, como também, a posição ético-reflexiva em relação aos seus compromissos sociais e

políticos. O método de análise sustenta-se na bricolage. Com base nos textos estudados, resultados preliminares indicam que em 2014 houveram 59.627 homicídios no Brasil. Estas mortes representam mais de 10% dos homicídios registrados no mundo e colocam o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios. Aos 21 anos de idade, quando há o pico das chances de uma pessoa sofrer homicídio no Brasil, pretos e pardos possuem 147% a mais de chances de ser vitimados por homicídios, em relação a indivíduos brancos, amarelos e indígenas. Além disso, constatou-se que a violência coletiva, sendo um fenômeno típico das grandes cidades, está no imaginário das pessoas e assume uma característica de violência pós-moderna. Conclui-se que a violência coletiva está enraizada no discurso social, produzindo uma discriminação racial legitimada nas representações sociais e que o genocídio do jovem negro no Brasil é produto de uma estrutura construída sócio-históricamente. A partir deste entendimento, considera-se fundamental pensar sobre intervenções em contextos de genocídio.

Diálogo com a rede de atenção psicossocialsobre homicídios conjugais na grande Florianópolis

Ana Laura Tridapalli, Mariá Boeira Lodetti, Natália Lorenzetti da Rocha, Lucienne Martins Borges (UFSC)

Homicídio conjugal refere-se ao gesto violento fatal que ocorre dentro de uma relação amorosa, em que o casal mantinha um relacionamento oficial, ou não, como casamento, união estável ou namoro. A ocorrência de um homicídio conjugal é mobilizadora e pode causar um impacto relevante no grupo familiar e social, o que reflete na importância da construção deações que visem à explicitação dessa temática eo diálogo com profissionais que atuem na rede de saúde e de assistência social com a finalidade de prevenir e reparar o gesto homicida. Por meiode um mapeamento dos homicídios conjugais ocorridos na Grande Florianópolis, entre os anos de 2000 e 2010, foi possível constatar determinados indícios precursores ao gesto homicida, os quais podem indicar possibilidades de ações de intervenção que previnam à passagem ao ato homicida. Dessa forma, o presente estudo visa apresentar os resultados dos cursos de capacitação realizados pelo Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) voltados aos profissionais de saúde e de assistência social que atuam na região de Florianópolis. Realizaram-se 5 encontros, durante um período de 2 horas cada, dos quais participaram, no total,55 profissionais. Como principal resultado, verificou-se a sensibilização dos profissionais em relação ao gesto homicida e seus aspectos dinâmicos e relacionais. Percebeu-se que o curso de capacitação propiciou também um espaço para trocas e reflexões acerca de como intervir diante da constatação da presença de indícios precursores. Os profissionais avaliaram o curso de capacitação como satisfatório, visto que puderam integrar o conhecimento produzido na academia com sua prática profissional na rede. Por meio dessa experiência, ressalta-se a relevância de retornar à comunidade a produção do conhecimento realizada no âmbito acadêmico e da constante articulação dos conhecimentos teóricos e práticos.

Das marcas às possibilidades de enfrentamento: ressignificando o lugar de sujeito por adolescentes submetidas à violência sexual

Lusanir Sousa Carvalho (UNESA; UVA; SEMUS-NI RJ), Jorgelina Ines Brochier (UNESA), Maria Heloisa de Oliveira Bevilaqua (UNESA)

A violência sexual constitui um problema mundial de saúde pública que atinge todos as classes sociais com altas taxas de ocorrência entre adolescentes. O termo violência sexual, utilizado neste estudo foi norteado pelas diretrizes da Organização Mundial de Saúde - OMS (WHO, 2002). Estudos têm apontado a faixa etária da adolescência como período de elevada vulnerabilidade à violência sexual e predomínio junto ao sexo feminino (Mendoza & Hernández, 2009; Chavez et al., 2009; Martins & Jorge, 2010; Oshitaka et al., 2011). Apesar da significativa incidência é denominada "epidemia escondida" porque existe um hiato entre a ocorrência e a notificação.
Objetivo: O estudo teve como principal objetivo apontar marcas de violência e possibilidades de enfrentamentos de adolescentes submetidas à violência sexual.
Método: trata-se de uma pesquisa qualitativa da qual participaram 5 jovens, todas do gênero feminino, com faixa etária entre 11 e 15 anos e que se enquadravam em pelo menos um dos seguintes contextos de ocorrência da violência sexual: pelo pai/padrasto, vizinho, namorado ou ex-namorado. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada com um roteiro que funcionou como um guia para a interlocução durante a entrevista e que abordou dois aspectos prioritários: infância/adolescência e violência. A coleta de dados obedeceu às normas preconizadas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos. O estudo foi aprovado por comitê de ética e pesquisa da ENSP/FIOCRUZ (193/10 em 06/10/2010).
Resultados: Entre os dados obtidos, salienta-se que todas descreveram sentimentos de culpa, vergonha e medo reafirmando que a violência sexual envolve uma relação assimétrica e coloca a adolescente em uma posição de intimidação e alvo de chantagem, ficando mais vulnerável a outras formas de violência, conforme já salientado na literatura, tais como os trabalhos desenvolvidos por Carvalho (2012), Martins e Jorge (2010) e Oshitaka et al. (2011).
Conclusões: As reações de conflito frente à violência sexual foram variadas. A maneira singular que cada adolescente vivenciou o trauma esteve diretamente relacionada ao repertório simbólico para que essa elaboração fosse ou não bem-sucedida. A esse respeito, cabe enfatizar a importância da escuta psicológica articulada com uma rede de proteção que inclua profissionais das áreas da saúde, jurídica, educação escolar, assistência social, os familiares e os próprios adolescentes, criando um espaço potencializador para a efetiva compreensão da maneira peculiar de cada adolescente vivenciar tanto as marcas da violência quanto as possibilidades de enfrentamentos e ressignificações.

Olhares e práticas sobre saúde e apoio matricial no âmbito do SUS em um estabelecimento prisional feminino

Paola Fagundes Pase, Angelo Brandelli Costa (PUCRS),
Renata Maria Dotta Panichi (Fundação Escola Superior do Ministério Público/RS)

O objetivo do presente trabalho é verificar as ideias e as práticas em saúde e apoio matricial de profissionais que atuam em um estabelecimento prisional feminino e a relação dessas concepções com as políticas/diretrizes nacionais e internacionais para atuação nesse contexto. O trabalho foi desenvolvido a partir da análise temática de uma parte do material coletado em um projeto maior denominado "A situação das mulheres privadas de liberdade e o Apoio Matricial em Saúde Mental a Equipes de Atenção Básica inseridas no Sistema Prisional", o qual foi executado pela Coordenação Estadual de Saúde Prisional do RS, financiado pela FAPERGS (edital PPSUS), em parceria com a Escola de Saúde Pública, a Fundação Escola Superior do Ministério Público e a Universidade Federal do Rio Grande do

Sul. O projeto elaborado e executado durante os anos de 2013 a 2015 foi uma pesquisa-ação e utilizou a estratégia dos grupos focais e dos encontros de Apoio Matricial em Saúde. As análises e discussões aqui apresentadas fundamentam-se nas ideias da criminologia feminista e nas concepções e práticas que regem o Sistema Único de Saúde. A partir do material apresentado, uma das percepções encontradas foi a de que o conceito de saúde apresentado por alguns dos profissionais estava ligado ao bem-estar integrado de saúde física e mental. Outra demanda é em relação à prática profissional no contexto daquele estabelecimento prisional, sendo percebida como mais voltada para a solução de demandas físicas e pouco integrada entre os diversos setores de atenção às pessoas presas naquele local, demonstrando a necessidade para estratégias específicas dentro do ambiente do cárcere, como por exemplo, a intersetorialidade e a necessidade de vinculação da pessoa presa aos dispositivos de cuidado do território a qual pertencia antes de seu aprisionamento, possibilitando a continuidade da atenção as suas demandas de saúde/psicossociais para além da prisão.

Promoção da saúde e Interculturalidade. Resultados parciais de um estudo comparativo do impacto das NTIC nos jovens da França e do Brasil

Elaine Magalhães Costa Fernandez (UFPE)

Pensar a integralidade da saúde na contemporaneidade supõe considerarmos o processo saúde-doença como culturalmente determinado, resultado de forças complexas e plurais. Nesta perspectiva, a promoção da saúde, muito mais do que uma aplicação técnica e normativa, estaria relacionada à potencialização da capacidade individual e coletiva das pessoas para conduzirem suas vidas frente aos múltiplos dispositivos de uma realidade cada vez mais globalizada. Procura-se priorizar um olhar antropológico que contribua e relativize o enfoque da epidemiologia clássica de riscos e causalidade dos distúrbios de condutas no individual e biológico, através de estudos voltados para as relações entre saúde, condições de vida e pertencimentos culturais. Com este objetivo realizamos uma pesquisa internacional que visa identificar elementos que favorecem a promoção da saúde de jovens através das Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação (NTCI). No prosseguimento da pesquisa concluída em 2014 sobre o impacto do uso intensivo da Internet nos processos de subjetivação e de socialização de adolescentes entre 13 e 18 anos na cidade do Recife, este novo projeto utilizou o mesmo procedimento metodológico com adolescentes da mesma faixa etária e nível de escolaridade do sudoeste da França. Partimos da hipótese de que apesar de símbolo hegemônico da globalização, a apropriação feita pelos adolescentes das NTCI é função de seus múltiplos pertencimentos culturais. O objetivo geral consiste em compreender a parte do contexto e do pertencimento cultural no estabelecimento de vínculos entre os usuários e as novas tecnologias, de maneira a contribuir à definição de métodos de prevenção de riscos mais adaptados à realidade dos jovens e de seus familiares. A nível teórico, esta investigação integra estudos nacionais e internacionais sobre os efeitos gerados pelas NTCI e a ciber psicologia. A metodologia mista conta com uma fase quantitativa, análise pelo Programa SPSS das respostas ao questionário de autopreenchimento on-line traduzido e adaptado à nova realidade e uma fase qualitativa, baseada em grupos focais. Foram estudados a frequência e o tipo de relações sociais tanto em situação de conexão à Internet, em comunidades virtuais, nos jogos em rede, quanto no mundo real, no meio familiar e junto ao grupo de pares. Dos resultados obtidos serão definidos indicadores que permitam a construção de métodos de prevenção de riscos e de tratamento adaptados à cultura dos usuários. Na pesquisa realizada no Brasil foram levantadas pistas para que o acesso às redes

sociais e jogos em rede sirva a relançar o diálogo familiar. Esta nova investigação pretende verificar a aplicabilidade destes resultados no novo contexto cultural e assim contribuir, através da análise comparativa dos dados, à introdução de variáveis culturais e interculturais nas propostas de prevenção e de tratamento de riscos do Estado de Pernambuco.
Palavras chaves: Interculturalidade, Subjetividade, Promoção à saúde, Redes sociais; jogos em rede, Novas Tecnologias da comunicação.

Identidade, promoção de saúde e promoção da cidadania: relato de experiência das oficinas de turbante para mulheres negras em Salvador - BA

Laura Augusta Barbosa de Almeida, Edna Gonçalves de Oliveira Abadia, Raissa Santos Monteiro da Silva, Hellen Ferreira da Silva Santos, Sara Moura de Carvalho, Lara Rejane Gomes, Suzana Maiara Costa, Anita Gome Teixeira, Maiane Santos Sauer, Débora Cristina Pereira Borges Góes, Rosana dos Santos Silva (Faculdade Ruy Barbosa)

Este relato de experiência busca descrever a realização de oficinas de turbantes como ações de promoção da saúde e promoção da cidadania, por integrantes do Núcleo de Estudos e Formação em Saúde (NEFES), em Salvador-BA. A compreensão teórico-epistemológica sobre promoção de saúde que orienta este trabalho parte da premissa, discutida por Czeresnia (2003), que afirma que promover saúde envolveria o fortalecimento da capacidade individual e coletiva de transformar condições de vida e o lidar com a multiplicidade dos determinantes e condicionantes da saúde, através de ações que atendam as dimensões social e existencial dos sujeitos, embasadas na ética do cuidado e empoderamento, tornando concreto o exercício da cidadania. Pensando na importância de produzir reflexões sobre os determinantes gênero e raça e de criar espaços de troca, onde haja implicação dos sujeitos e representatividade, o NEFES buscou promover práticas alicerçadas no princípio da integralidade da atenção, através de articulações intersetoriais, validando assim o nosso espaço nesse Grupo de trabalho, na perspectiva da IAS. Foram realizadas duas oficinas de turbantes nos meses de outubro e novembro de 2015, dentro do ciclo de atividades temáticas do “Outubro das Mulheres” e “Novembro Negro”. Na intervenção realizada em outubro participaram estudantes de graduação e funcionárias de uma faculdade de Salvador. A segunda intervenção ocorreu em novembro, no Hospital das Clínicas da UFBA, participaram da oficina trabalhadoras do SUS e mulheres hospitalizadas. As participantes, em sua maioria, eram mulheres jovens e negras. Durante a realização das oficinas foram observadas às repercussões na percepção da autoimagem, a intensificação do pertencimento racial, o reconhecimento da história e a formação de laço social e identificação entre as mulheres. A construção e fortalecimento da identidade negra é entendida como uma tentativa de retorno ao passado histórico, afirmação da diferença e da pertença étnico-racial (Hall, 1997; Woodward, 2000). Sendo assim, a reconstrução de costumes, crenças, indumentárias e tradições africanas torna-se referencial para o trajeto da busca de identidades coletivas e individuais. As oficinas de turbantes, portanto, se apresentam como práticas possíveis para promoção da saúde e promoção da cidadania, construindo um espaço de formação e integrando saberes no diálogo entre saúde, identidade e política. As intervenções ainda favoreceram a ampliação dos olhares das proponentes, profissionais e participantes para um conceito ampliado de saúde e para construção de novas estratégias de atuação que valorizem o fortalecimento da autonomia e o processo de empoderamento.

A atuação policial no contexto da morte: quando a sociedade mobiliza maiores afetos

Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman, Alberto Manuel Quintana,
Cristiane Sperling Elesbão (UFSM)

Visando abarcar uma temática de difícil abordagem na atualidade - a morte - bem como uma profissão que elicia opiniões diversas na sociedade, o presente trabalho objetivo tratar da atuação dos policiais militares no contato cotidiano com a morte e sua relação com o julgamento social. Abarca o GT escolhido ao se considerar que a morte encontra pouco espaço para reflexão, assim como o público alvo deste estudo, já que tem sua profissão calcada na hierarquia e disciplina, havendo pouco ou nenhum estimulo ao raciocínio frente as tarefas desempenhadas. Sabendo-se que a impossibilidade de falar e pensar a morte implica no processo de luto, o que torna difícil a aceitação dessa enquanto intrínseca à vida, comprometendo a maneira como a enfrentamos. Apesar disso, muitas profissões, como as da área da saúde e da segurança pública, acabam encarregadas do embate com a morte, independente da dificuldade de se deparar e agir diante da finitude. Os policiais militares adentram neste contexto, trabalhando cotidianamente com esta, já que seu trabalho implica colocar-se diante do risco de matar ou morrer a todo tempo, sofrendo represálias da sociedade diante de sua atuação. Este trabalho é um recorte da pesquisa apresentada ao Programa de Pós-graduação de uma universidade federal do interior do Rio Grande do Sul, que buscou um entendimento acerca da representação social da morte pelos policiais militares. Esta foi de cunho qualitativo, tendo por instrumento para coleta dos dados, o uso de Grupos Focais. A categoria “Quando a morte não agride: o julgamento social” emergiu enquanto um dos resultados da dissertação, e serve como base para a realização deste trabalho. A partir desta, foi possível perceber que a morte em si nem sempre é o problema central na atuação do policial, mas sim são as represálias da sociedade que, por vezes, não entende o modo como atuam, que os afetam. Assim, esses profissionais encaram o temor diário de se defrontar com a própria morte, bem como do julgamento da sociedade quando, para defesa, precisam retirar a vida de alguém, o que implica na qualidade do trabalho desempenhado e em sua saúde. Desta forma, faz-se importante a criação de espaços de reflexão aos policiais militares, pois as vicissitudes do seu trabalho, como a atuação diante da morte, causam implicações subjetivas e práticas, que tem a relevância de criar alternativas para contribuir no desempenho profissional e qualidade de vida.

O trabalho da psicologia com famílias nas políticas públicas de saúde e assistência social

Ana Paula Benatti, Juliana Marion, Caroline Rubin Rossato Pereira (UFSM)

O presente trabalho apresentou um estudo de revisão de literatura com o objetivo de discutir acerca das especificidades do trabalho social da psicologia, realizado com famílias, nas políticas públicas de saúde e assistência social, tendo como foco o planejamento de ações voltadas à promoção da saúde e da cidadania da população atendida. A escolha desta temática para discussão no GT “Psicologia, promoção de saúde e promoção da cidadania” (IAS) deve-se ao fato de considerar que o trabalho social com famílias nas políticas públicas de saúde e assistência social demanda o desenvolvimento de ações voltadas para a promoção de saúde e para o desenvolvimento da cidadania dos usuários e famílias em questão. Desta forma, é necessário incentivar o conhecimento de direitos e deveres e a autonomia dos mesmos (usuários e famílias), construindo estratégias que viabilizam tanto o

empoderamento destes frente aos serviços que acessam, através da corresponsabilização junto aos profissionais, como também diante da sociedade, buscando recursos que possibilitem a vida digna de um cidadão. Com relação aos pressupostos epistemológicos, o estudo esteve embasado teoricamente pelo pensamento sistêmico. Como resultado do estudo, foi possível compreender que o trabalho do psicólogo, na área social, com famílias, exige uma metodologia adequada para dar conta da complexidade das demandas dos serviços de atenção à saúde e assistência social. Para isso, a prática desse profissional deve estar pautada pelo posicionamento ético e pela utilização de recursos teórico-metodológicos que favoreçam práticas de caráter psicossocial como, por exemplo, a criação e desenvolvimento de grupos para reflexão e discussão das situações vivenciadas pelas famílias ao longo de seu ciclo de vida. Além disso, faz-se necessário o conhecimento das diversas configurações familiares existentes e das funções da família para a proteção e desenvolvimento de seus membros, conhecimento este, que possibilita um fazer ético e livre de estereótipos e atravessamentos pessoais. Ainda, é importante que suas intervenções sejam definidas através do diálogo entre equipe e usuários/famílias, tornando-as mais eficazes ao contextualizá-las à realidade socioeconômica local e às necessidades e interesses das famílias.

Palavras-chave: Psicologia, Trabalho social com famílias, Políticas públicas de saúde, Assistência social.

Desenvolvimento cognitivo na infância e adolescência: aspectos neurocientíficos

Nivaldo Machado (UFSCar), Natanna Taynara Schütz (CNPq)

O presente trabalho é oriundo de pesquisa científica em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas (CNPq - UFSC). O objetivo proposto consiste em analisar o desenvolvimento dos processos cognitivos – em termos neurocientíficos – durante a infância e a adolescência. O eixo temático: *"Psicologia da saúde ao longo do Ciclo de Vida"* (sigla: PCV), subtema: *"atenção integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento"*, consiste, em termos gerais, na implicância que os processos cognitivos exercem no desenvolvimento dos seres humanos ao longo dessas etapas no ciclo de vida, assim como as importantes contribuições advindas dos campos da neurociência cognitiva e da psicologia cognitiva. Isto posto, o estudo acerca do desenvolvimento dos processos cognitivos demonstra-se fundamental para a prática da psicoterapia, uma vez que proporciona um embasamento técnico para os profissionais atuantes na área. Os pressupostos epistemológicos envolvidos no respectivo trabalho consistem em pesquisas desenvolvidas no campo da neurociência cognitiva e psicologia cognitiva. Por oportuno, menciona-se alguns dos importantes pesquisadores da área: Michael S. Gazzaniga, Georg Miller, Diane E. Papalia, Ruth Duskin Feldman, Robert Sternberg, Richard B. Ivry, George R. Mangun, Eric Kandel, Marisa L. Chudo, Roberto Lent e Bernard Rangé. Para tratar da temática em pauta, utilizar-se-á o viés metodológico analítico com um trilhar investigativo, sendo a pesquisa bibliográfica. Em relação aos resultados obtidos, mostra-se válido ressaltar que encontram-se em desenvolvimento, em razão da abrangência do tema e da limitação ainda existente, abrangendo a identificação das estruturas cerebrais evolvidas na execução de determinado processo cognitivo, mostrando-se, portanto, impreterível o constante aprimoramento da temática em questão. Ainda, ressalta-se que a respectiva temática no congresso propiciará ao meio acadêmico a discussão de um tema de grande importância, em especial à neurociência cognitiva, à psicologia cognitiva e ao fazer

clínico do psicólogo – a psicoterapia. Em suma, ao final da presente pesquisa, almeja-se obter maior clareza acerca dos aspectos neurocientíficos envolvidos no desenvolvimento dos processos cognitivos na infância e na adolescência, destacando-se a relevância na atuação do psicólogo.

Oficinas de educação sexual com adolescentes: promovendo o autocuidado, autonomia e responsabilidade

Léia Viviane Fontoura, Claudete Demetrio Meurer, Daiane Pereira Miguel Fernandes, Larissa Voigt Nunes, Nathan Haniel de Souza (UNIVALI)

O projeto de extensão Discutindo a Relação - D.R da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2015. É voltado para adolescentes e jovens matriculados em uma Escola de Educação Básica do município de Itajaí-SC. Tem como objetivo implementar ações para a promoção da saúde e fortalecer o desenvolvimento integral dos adolescentes para o enfrentamento das vulnerabilidades, envolvendo a comunidade escolar e os profissionais da estratégia de saúde da família. Estando de acordo com eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do ciclo da vida – PCV. Trata-se de uma proposta interdisciplinar que envolve três cursos vinculados ao Centro de Ciências da Saúde: Psicologia, Enfermagem e Biomedicina, buscando articular o tripé ensino, pesquisa e extensão. Cabe ressaltar que as ações estão em consonância com o Programa Saúde na Escola – PSE e as recomendações dos eixos e vetores do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – PRÓ/PET-Saúde que visa à formação de profissionais da saúde competentes para o trabalho multiprofissional e interdisciplinar. As ações com os estudantes foram desenvolvidas por meio de metodologias ativas, a partir do pensamento de Paulo Freire que considera os estudantes como protagonistas do seu aprendizado. Estas permitem visualizar, vivenciar e se aproximar de um discurso que não limite as ações do outro, mas possibilite uma escuta respeitosa e a participação dos envolvidos de forma autêntica. Foram realizadas no ano de 2015 nove oficinas com os adolescentes abrangendo as temáticas: puberdade, adolescência, sistema reprodutor/gravidez, métodos contraceptivos e gênero. Participaram em média de cada oficina 214 estudantes. Como resultados, dentro de uma amostra de 126 estudantes, obteve-se que os temas de maior apropriação foram: adolescência assinalada por 78% do público alvo, seguido de puberdade com 62% de respostas. Considera-se que a metodologia utilizada foi adequada à proposta, possibilitando a sensibilização dos adolescentes para a necessidade do desenvolvimento de postura pró-ativa para o autocuidado com autonomia e responsabilidade. Quando questionados sobre a utilização dos conceitos em sua vida cotidiana as respostas evidenciaram a apropriação correta dos mesmos em sua aplicabilidade.

Intervenção em grupo com famílias: aspectos metodológicos

Dóris Waldow, Geneniéve Tillmann Biz, Joyce Lúcia Abreu Pereira Oliveira (UFSC)

Intervenções psicoterapêuticas em grupo com famílias tem se configurado como uma possibilidadede atendimento interessante para a promoção de saúde a várias famílias ao mesmo tempo. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir os aspectos metodológicos utilizados no grupo

Multifamílias, modalidade de atendimento em grupo oferecido à famílias em um Instituto de formação em Terapia Relacional Sistêmica. Tal atividade se caracteriza como um grupo psicoterapêutico semiaberto para pais, mães e/ou cuidadores, crianças e adolescentes, com objetivos de: proporcionar um espaço de reflexão na busca de novas possibilidades de lidar com o sofrimento; propiciar o desenvolvimento do sentimento de pertencimento à uma nova rede de apoio; e identificar e valorizar os saberes de cada participante. Para tanto o Multifamílias busca ancoragem nos pressupostos teóricos e epistemológicos da Terapia Comunitária de Adalberto Barreto e nos
Processos Reflexivos de Tom Andersen. Participam dos encontros uma supervisora, dois coterapeutas que conduzem as sessões, dez terapeutas na equipe reflexiva e as famílias, que decidem quais e quantos de seus membros irão participar, sejam eles adultos, adolescentes ou crianças. A cada semestre um novo grupo se configura, sendo que ocorrem aproximadamente três encontros para estudo e preparação dos co-terapeuras e equipe reflexiva, oito encontros com as famílias e um encontro para avaliação do processo. Os co-terapeutas se responsabilizam também pela divulgação do grupo em instituições de ensino e realizam entrevistas com todas as famílias interessadas em participar. Os encontros seguem etapas determinadas: acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização, reflexões da equipe e conclusão. Os co-terapeutas da equipe são incentivados: a deixar de lado falas instrutivas; a destacar suas distinções dos fenômenos de modo que emergam múltiplas versões sem a necessidade de se chegar a um entendimento unificador; e a fazerem perguntas abertas que auxiliem na busca de novas distinções. Os membros da equipe reflexiva e a supervisora conversam entre si, fazendo emergir outras possibilidades de entendimento dos assuntos abordados; compartilhando sentimentos, experiências e vivências pessoais com finalidades terapêuticas relacionadas ao encontro; levantando hipóteses sistêmicas sobre o funcionamento das famílias; e/ou questionamentos reflexivos. As famílias ouvem o diálogo e no término do encontro compartilham suas reflexões. Os resultados da metodologia utilizada no Multifamílias apontam para a ampliação de habilidades para o trabalho com grupos e o manejo com a imprevisibilidade por parte dos co-terapeutas e para uma maior consciência dos sentimentos e das posturas por parte dos participantes da equipe que passa a transformá-los em falas reflexivas. As famílias participantes qualificam positivamente os encontros e destacam a reverberação das reflexões realizadas nos encontros em seus contextos familiar, profissional e social.

Palavras chave: Intervenção, Famílias, Terapia comunitária, Processos reflexivos.

Relato das atividades voltadas à saúde do adolescente na estratégia saúde da família, e a participação do psicólogo nestas atividades

José Doriberto Freitas, Elisangela Toth, Alexandre José Raad (USF-SP)

O objetivo deste trabalho foi desenvolver atividades voltadas à saúde dos adolescentes na Estratégia Saúde da Família e relatar a participação do psicólogo nestas atividades. Tendo uma relação direta com GT pois refere à aplicação dos conhecimentos da Psicologia da saúde ao segmento adolescente no eixo PCV. **Pressupostos epistemológicos**: Diante das mudanças geradas pela reforma sanitária brasileira, a psicologia busca uma compreensão mais ampla do processo saúde-doença-cuidado e seus determinantes, além de uma atuação integral e coletiva, utilizando referenciais teóricos e metodológicos que estimulem a participação e a autonomia das pessoas, no sentido da promoção da saúd**e.** Na atualidade, a adolescência tem sido foco de muitas pesquisas por profissionais das áreas da saúde e da

educação, e também tem despertado a atenção da mídia, tendo muitos de seus aspectos apresentados em diferentes veículos de comunicação. As famílias por sua vez estão atentas aos filhos adolescentes tentando protegê-los da violência urbana, dos riscos das drogas, da iniciação sexual precoce, das DST e AIDS, e da gravidez não planejada. **Metodologia**: Trata-se de uma pesquisa-ação, que além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. Foram desenvolvidos temas em sexualidade de acordo com o conteúdo programático das atividades. Experiência com grupo de adolescentes pertencentes do CSF do Distrito do Jordão e São Francisco em Sobral-Ce, trabalhou-se com cerca de 40 adolescentes entre 12 a 18 anos de ambos os sexos, através da atuação da psicologia no NASF. **Resultados**: Tiveram como resultado uma maior percepção corporal, consciência e mudança de atitude em relação ao uso dos métodos contraceptivos, houve a desmistificação de tabus e preconceitos relacionados ao exercício da sexualidade. **Conclusões**: O presente trabalho aponta para a importância da implementação de atividades grupais de esclarecimento e orientação aos adolescentes sobre temas relativos à sexualidade, visando a promoção da saúde através da um trabalho interativo que tenha como ponto de partida as sugestões, as dúvidas e curiosidades dos próprios adolescentes participantes, efetivando, desta forma, um programa que reflita os anseios e necessidades deste segmento.

Palavras-chave: Saúde da Família, Psicologia, Promoção da Saúde, Adolescentes.

Fenomenologia e práticas psicológicas na rede de atenção à saúde

Tatiana Benevides Magalhães Braga, Marciana Gonçalves Farinha,
Sashenka Meza Mosqueira (Universidade Federal de Uberlândia)

A inserção da Psicologia nas políticas públicas de saúde requer o deslocamento de perspectivas epistemológicas centradas na teorização individual e intrapsíquica para olhares que contextualizem as experiências humanas de modo plural: dimensões materiais, relacionais, ambientais, políticas, psicossociais... A racionalidade tecnicista, aplicando individualmente lógicas pré-formadas nas relações com outros e com o mundo, oblitera interpretações humanas imiscuídas no contato e transformação da realidade. Nesse cenário, a fenomenologia, partindo da criação conjunta da realidade objetiva e da experiência subjetiva, mostra-se como via para constituir práticas psicológicas mais pertinentes à relação entre homens e contexto social. O resgate da dimensão humana, apontando para a construção coletiva de saberes-fazeres, conduz ao questionamento e rearticulação das relações entre pesquisa e intervenção, teoria e prática, especialidades e transdisciplinaridades, atentando à dimensão ético-política da clínica. Os sujeitos são multiplamente dimensionados e necessitam ser compreendidos na transdisciplinaridade de seus aspectos e na territorialidade de sua experiência. A territorialização das práxis implica, assim, a desterritorialização dos saberes, tanto na ultrapassagem das fronteiras disciplinares quanto na circulação dos discursos em prol da construção plural do conhecimento.
A práxis psicológica que considera a experiência necessita do reconhecimento e da imersão em seu campo concreto e complexo de constituição, entrelaçando intervenção e pesquisa, teoria e prática e as múltiplas perspectivas de consideração da realidade. Na investigação clínica, a consideração do cenário social na construção de modalidades de prática psicológica direciona-se à pesquisa interventiva. No diálogo com as situações sociais concretas, pode-se atentar para a contextualização das práxis psicológicas, em sua necessária reinvenção enquanto ação voltada para o âmbito das relações humanas e do cuidado. A presente mesa

redonda apresenta propostas que partem da articulação teórico-prático-experiencial para a construção de metodologias interventivas em saúde, a partir da perspectiva fenomenológica.
O primeiro trabalho aborda o acompanhamento terapêutico na perspectiva fenomenológica, destacando seu aspecto de desconstrução da clínica tradicional para abordar o cuidado em saúde a partir do território. Enquanto modalidade de intervenção, o acompanhamento terapêutico volta-se a pessoas com dificuldades tais como: relacionamento e interação social devido a comprometimentos na área emocional, limitações físicas, sensoriais e/ou dificuldades de aprendizagem, a descobrir novas possibilidades de inserção social, através da ampliação de seu relacionamento interpessoal e sua área de circulação da pessoa atendida na família, no trabalho ou na comunidade, propiciando novas oportunidades de articulação com o social, que podem ocorrer nos vários espaços que a cidade oferece. O percurso das intervenções e os recursos a serem utilizados dependerão da realidade e necessidade do cliente. A meta é auxiliá-lo a compreender seus sentimentos e percepções sobre as relações que estabelece no mundo, seja com as pessoas ou com as situações do seu cotidiano. O AT é uma prática que atua no improviso, no qual as ferramentas consideradas são as situações do dia-a-dia na cidade; nas ruas; as relações entre as pessoas; a arquitetura e os objetos, o que significa vincular diretamente a práxis ao contexto social de apresentação do cotidiano dos sujeitos.
O segundo trabalho refere-se ao atendimento psicológico no campo da saúde frente a demandas de violação de direitos em conjunto com Centros Especializados da Assistência Social do Sistema Único da Assistência Social. A cartografia da rede de assistência e das situações de violência traz como horizonte a produção de condições que superem a vulnerabilidade social para o cuidado da violação de direitos. Em rodas de conversa, os profissionais manifestaram a necessidade de formação voltada a temas como desigualdade social, preconceito e construção da cidadania, articulados à promoção da saúde. A violação de direitos apresentou-se como um fenômeno multifacetado, com dimensões tanto da saúde quanto das condições sociais, e dialético, simultaneamente construindo e expressando a negação da cidadania enquanto o direito a ter direitos – fala e necessidades reconhecidas por outros. O aprisionamento dos agentes sociais a padrões prescritivos frequentemente restringiu possibilidades de ação e aceitação social na ampliação dos espaços de protagonismo dos sujeitos atendidos. A efetividade dos atendimentos implica diversificar a consideração das dimensões envolvidas na violência, incluindo psicoterapia, atendimento domiciliar, acompanhamento terapêutico, ações de Unidades do SUS e do SUAS, Conselho Tutelar, recursos da comunidade, sistema de justiça e outros dispositivos, exigindo maior articulação da rede na discussão conjunta dos casos e no conhecimento das estruturas funcionais e possibilidades assistenciais de cada instituição.
O terceiro trabalho trata da formação em Psicologia via atuação em saúde realizada em Clínicas Escola e em instituições da comunidade nos últimos anos da graduação. O atendimento oferecido pelos alunos revela que sua formação privilegia, ainda, visões do adoecimento psíquico referendadas na história familiar e privada dos atendidos, baseadas em sistemas explicativos previamente construídos na teoria psicológica. Em tempos de valorização extremada da vida interior, rareiam reflexões sobre a co-existência e abandona-se a noção de mundo como âmbito de manifestação simultanemente singular e plural do modo humano de ser. A relativa segurança adquirida nas teorias e técnicas psicológicas conduz a uma postura que desautoriza a autoexpressão de quem procura atendimento. Contrariamente a um convite a comunicar compreensões da situação que lhe faz sofrer, aproximando o profissional de quem sofre na tarefa comum de ampliar possibilidades de sentido ao vivido, a formação do estagiário/psicólogo tende a privilegiar a posição de detentor de conhecimento especializado sobre o outro. Pensar tal formação implica reconhecer que certas perspectivas de homem e mundo condicionam a intervenção "ensinada" e realizada. Perpetuar a ideia de

que existem subjetividades que adoecem a partir de travas ou falhas internas ou considerar a co-existência como constituinte do modo de ser e das relações humanas faz emergir a questão da Ética da Responsabilidade como pensamento que considera a alteridade, convocado à reflexão sobre transformações viabilizadas no encontro.
As três propostas articulam-se pela consideração ampla e complexa do campo interventivo, deslocando-se da centralidade num único modo de fazer da técnica moderna para encontrar e inventar articulações possíveis com os atores sociais e novos olhares sobre a realidade a intervir, tendo como eixo o cuidado ao sofrimento humano e o protagonismo dos sujeitos na apropriação de sua condição de ser.

Serviço-Escola de Psicologia da UFCSPA: oportunidades e desafios da Psicologia inserida na atenção básica em saúde

Mariana Calesso Moreira, Luciana Suárez Grzybowski, Sheila Gonçalves Câmara
(Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

A presente mesa redonda tem o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre as ações propostas pelo Serviço-Escola do curso de Psicologia da UFCSPA. Busca-se fomentar a discussão sobre as possibilidades de intervenção do psicólogo no âmbito da atenção primária em saúde, bem como compartilhar os desafios e oportunidades vislumbrados pelos professores e alunos inseridos na proposta (estagiários e extensionistas) que vivenciam práticas vinculadas ao distrito de saúde em consonância com os profissionais da rede. A iniciativa de construir o Serviço-Escola de Psicologia da UFCSPA surgiu da preocupação em adequar o curso às exigências do Ministério da Educação, entendendo a formação como o desenvolvimento de competências e habilidades, em detrimento daquela voltada à assimilação de conteúdo. Buscando uma alternativa para o modelo clinico tradicional, o Serviço-Escola inseriu-se em uma Unidade Básica de Saúde, no contexto do Distrito Docente Assistencial da universidade, localizado na zona norte da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tal iniciativa teve por objetivo integrar o ensino e as práticas de atuação do psicólogo no SUS, com uma visão ampliada do conceito de saúde no contexto comunitário, numa trajetória inovadora de vinculação com o território. Assim, o serviço está alocado dentro da comunidade, em sintonia com a lógica do protagonismo social da universidade e da descentralização das ações. Trata-se, portanto, de uma tarefa que exige pro atividade e familiarização dos docentes e acadêmicos para com o território. Nesse sentido, a presente proposta busca relatar, compartilhar e oportunizar reflexões sobre os esforços iniciais de implementação deste serviço desde o ano de 2012, a partir do relato das atividades desenvolvidas até os dias atuais. Inicialmente, foram desenvolvidas ações de mapeamento do território, atendimento direto a usuários através da acolhida em saúde mental, implementação de grupos abertos de acolhimento em saúde mental, além de atividades de capacitação de profissionais da área da assistência social e saúde para a atenção dos usuários e o cuidado com sua própria saúde, na qualidade de cuidadores. Avalia-se que as práticas realizadas foram importantes para o reconhecimento do território de atuação do serviço-escola, para a adequação das expectativas e noção sobre as diretrizes e demandas da atuação dentro da rede. Atualmente, as ações do Serviço-Escola, vem sendo estabelecidas através de três eixos de ação vinculados a atividades de ensino, extensão universitária e pesquisa. O primeiro deles se refere a um projeto que atua diretamente no matriciamento em saúde mental no distrito. Seu objetivo é qualificar o matriciamento contribuindo na caracterização dos usuários matriciados e sistematização dos dados, a fim de mapear o perfil e demandas em saúde mental. A proposta busca aprofundar as informações

recolhidas pela equipe, uma vez que os dados que não forem preenchidos durante o matriciamento serão completados através de uma visita domiciliar, o que oportunizará a observação do usuário em contexto diferenciado da unidade de saúde, ampliando o olhar para aspectos de sua realidade. Desta forma, entende-se que o projeto oferece a comunidade uma prática diferenciada em saúde mental através da realização de visitas domiciliares como ferramenta de atenção aos usuários no território; permite o levantamento do perfil sócio-demográfico e de saúde dos usuários encaminhados ao matriciamento; oportuniza a construção de um banco de dados do distrito; oferece o mapeamento das necessidades e demandas vinculadas à saúde mental, com vistas à proposição de ações na atenção primária; e oferece subsídios para o planejamento e construção de novas ações em saúde, em articulação com o Serviço-Escola de Psicologia da UFCSPA. O segundo foca-se no escopo de atenção à saúde da mulher e materno-infantil, com uma proposta de ação que pretende ouvir as expectativas das mães e os sentimentos relacionados ao fato de ser gestante, assim como dar voz aos pais/companheiros, propondo pontos de discussão, a fim de que seja possível o planejamento de uma intervenção psicossocial mais adequada a população que utiliza o Sistema Único de Saúde e participa do pré-natal. O objetivo geral desta intervenção é proporcionar um espaço de trocas de experiências e de construção de conhecimentos entre gestantes em diferentes momentos do ciclo gravídico-puerperal, com foco na promoção e prevenção de saúde individual e familiar. A proposta ocorre através de oficinas temáticas e grupos de discussão com gestantes e/ou puérperas e seus familiares, totalizando 6 encontros em cada Unidade de Saúde, em formato itinerante. Já o terceiro eixo foca suas ações na saúde do trabalhador através de estratégias que concebem o trabalho enquanto um componente central na construção da identidade e satisfação de vida, o que pode também oferecer fatores de risco apresentando importantes determinantes no processo saúde/doença dos trabalhadores. A proposta de intervenção considera a Saúde do Trabalhador de suma importância, tanto para atender as necessidades da população, como para preparar futuros psicólogos para o atendimento nesse campo de trabalho, que tem surgido como uma das principais causas de sofrimento/adoecimento psíquico. O objetivo principal é atender trabalhadores de todos os níveis organizacionais que apresentem dificuldades em seu contexto de trabalho, além de trabalhadores em situação de desemprego que buscam recolocação no mercado de trabalho ou jovens que buscam uma inserção profissional. Tratam-se de atendimentos individuais e grupais com trabalhadores que apresentem demandas relacionadas ao trabalho ou desemprego. A partir das ações que viemos desenvolvendo, acredita-se na superação da dicotomia ensino-serviço, realizando-se uma aprendizagem dos alunos consistentemente vinculada ao contexto social. Em termos da prestação de serviços, a Psicologia consegue ampliar a atenção aos usuários e expandir sua atuação para a comunidade em geral, de acordo com os valores e necessidades locais. O Serviço-Escola de Psicologia mostra-se, assim, um espaço valioso de atuação para os alunos do curso de Psicologia e um laboratório para se pensar o fazer do psicólogo no contexto da saúde pública, vinculado a realidade dos usuários e no contexto de uma prática extra-muros, importante para a formação profissional de psicólogos críticos e agentes de transformações sociais.

Bioética e clínica ampliada nos processos de morte e de luto na atenção hospitalar

Ivânia Jann Luna, Luisa Todeschini Pereira Oliveira, Márcia Lucrécia Lisboa
(Universidade Federal de Santa Catarina, Hospital Infantil Joana de Gusmão
(HU Polydoro Ernani de São Thiago/HU-UFSC)

A presente mesa redonda tem como objetivo geral descrever intervenções psicológicas nos processos de morte e de luto, especificamente nos contextos da Emergência Geral, Ambulatório e Unidade de Terapia Intensiva. Esses processos são esperados e cotidianos, porém nem sempre acolhidos na atenção hospitalar como fenômenos biopsicossociais, e que demandam intervenções permeadas por uma mudança paradigmática quanto à concepção de cuidado à pessoa gravemente enferma e/ou enlutada. Esta, portadora de um sofrimento existencial que ainda não foi descrito como uma entidade nosológica médico-psiquiátrica, muitas vezes, é negligenciada no cuidado em saúde, ou ainda, é apreendida pelas práticas de saúde como portadora do transtorno mental depressivo e, por isso, recebe atenção psicológica e psiquiátrica que mascara vivência subjetiva da 'dor total' pela perda da vida ou de uma pessoa significativa, nas palavras de Cecily Sanders. Os referenciais da Bioética, da Clínica Ampliada e dos Cuidados Paliativos possibilitam ampliar conceitos e modos de promover a assistência na dor do morrer e do luto, pois estabelecem alguns pressupostos que provocam a mudança de paradigma na atenção hospitalar, como o do cuidado/conforto, o da autonomia e da dignidade, e o da ação clínica que amplia o olhar para além da doença ou diagnóstico, ou seja, que busca a integralidade do cuidado no fim da vida e no luto. È por meio de uma mudança paradigmática na atenção hospitalar, e que discute o cuidado integral às pessoas que vivem um momento de crise existencial, que se apresentam três trabalhos que propõem modelos de intervenção psicológica no processo de morte e de luto. O primeiro trabalho "Comunicação de más notícias e o processo de luto antecipatório no contexto de uma Emergência Geral: intervenções psicológicas a partir da terapia narrativa" descreve as intervenções psicológicas realizadas no contexto de uma Emergência Geral, a partir dos recursos terapêuticos da Terapia Narrativa. Nesse sentido, será apresentado o contexto organizacional e o processo de trabalho e atendimento psicológico na Emergência Geral do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago; os pressupostos epistemológicos da terapia narrativa e da técnica denominada "clube da vida" adaptada à dinâmica de atendimento da Emergência; bem como de vinhetas de um caso clínico para ilustrar as intervenções realizadas no processo de comunicação de um diagnóstico de câncer e o processo de luto antecipatório que envolveu uma paciente, seus familiares e diversos profissionais de saúde. O segundo trabalho "Cuidados paliativos e morte no contexto da Unidade de Terapia Intensiva de Hospital Pediátrico" apresenta as intervenções realizadas pelo serviço de psicologia na Unidade de Terapia Intensiva, discutindo-as à luz dos princípios das práticas de cuidados paliativos, terapia familiar sistêmica e morrer na infância. Discutem-se as intervenções psicológicas relacionadas tanto no contexto da comunicação da impossibilidade de cura de crianças em situações agudas, do esgotamento das abordagens terapêuticas e da iminência da morte da criança, quanto no processo de luto inerente a esses momentos. O terceiro trabalho "Atendimento psicológico hospitalar ambulatorial a enlutados" apresenta o Projeto de Atendimento Psicológico Hospitalar Ambulatorial a Enlutados. Assim, descreve a realidade organizacional e institucional do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago no qual este foi idealizado, bem como o percurso realizado para a sua construção. Destacam-se os pressupostos epistemológicos da Cibernética de 2ª Ordem e do período pós-moderno e as técnicas psicológicas da Teoria e Psicoterapia do Luto e da Abordagem Sistêmica que subsidiaram a construção de um espaço ambulatorial hospitalar para o acompanhamento de pessoas no processo de enfrentamento e elaboração do luto. Analisa-se a implantação deste projeto, tendo em vista as implicações sócio-afetivas da experiência de luto no processo saúde e doença, bem como as dificuldades inerentes ao atendimento desta demanda do ponto de vista institucional. Discute-se nesta mesa a necessidade da mudança de paradigma para o cuidado de pessoas gravemente enfermas e/ou enlutadas e as limitações e avanços dos modelos psicológicos de intervenção sobre o processo de morte e de luto. Além disso, sugere-se a construção de espaços institucionais de

educação permanente em saúde sobre os pressupostos da Bioética, Clínica Ampliada e Cuidados Paliativos, além da discussão interdisciplinar sobre o processo de morrer com dignidade e a elaboração do luto como processos esperados, cotidianos e que podem ser acolhidos na atenção hospitalar como fenômenos biopsicossociais, para além de uma classificação diagnóstica.

Os desafios no cuidado pós-operatório ao paciente bariátrico na perspectiva da integralidade

Alessandra d´Avila Scherer, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Rejane de Farias (Universidade Federal de Santa Catarina)

O aumento da obesidade, tanto em nível nacional, como internacional, nas últimas décadas é considerado um grave problema de saúde que desafia a proposta de acolhimento realizada pelo sistema de saúde brasileiro. A mesma é compreendida como um fenômeno complexo e que emerge na contemporaneidade como consequência de estilos de vida e/ou relacionais. Dentre os tratamentos oferecidos para a obesidade considerados tradicionais, a cirurgia bariátrica tem demonstrado bons resultados com pacientes que apresentam obesidade considerada grave, se comparada aos tratamentos ditos tradicionais. Os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica apontam que em dez anos, o número de procedimentos realizados no país passou de 16 mil no ano de 2003 para 70 mil em 2012, representando um percentual de 350% de aumento. E quanto ao que é considerado sucesso cirúrgico na ótica médica, A ABESO - Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, afirma que para a obtenção do sucesso do procedimento, a manutenção da perda de peso deve ocorrer por cinco anos após a cirurgia, além dos ganhos relacionados ao tratamento das comorbidades relacionadas à obesidade. Mesmo que a constatação sobre o alcance de resultados satisfatórios nos primeiros anos após a intervenção seja evidente, compreender o tratamento cirúrgico para obesidade pela ótica exclusiva do ato cirúrgico evidenciou que os resultados obtidos com o procedimento não são mantidos com o passar do tempo, por ser a obesidade um fenômeno complexo e multifacetado. Nesse sentido, destaca-se que o Ministério da Saúde compreende o tratamento da obesidade de forma ampliada e necessariamente articulada por uma equipe multidisciplinar, aspecto esse que coexiste com o fenômeno da medicalização social, da fragmentação do trabalho em saúde e da visão reducionista sobre a obesidade enquanto questão exclusivamente médica. A crença de que aplacar o sintoma e controlar o risco de doenças crônicas (no caso da obesidade, reduzindo o peso) significa produzir uma falsa resolução. As repercussões na vida da pessoa operada são amplas, e envolvem desde dificuldades para adotar uma nova rotina de hábitos alimentares, problemas de ordem psicológica e psiquiátrica, até estressores interpessoais que produzem possíveis mudanças da dinâmica da rede social significativa dos pacientes. A propósito, o papel exercido pelas redes sociais no contexto da cirurgia bariátrica merece destaque, uma vez que a influência das redes no comportamento alimentar é constatada na literatura especializada. A vivência de enfrentamentos contínuos para adaptar-se a nova condição de forma integral e a frustração das expectativas da cura idealizada como imagem de um corpo magro são fatores que podem acarretar no reganho de peso no período pós-operatório. O reganho de peso, vem se mostrando uma das repercussões pós-operatórias mais discutidas e problematizadas no meio médico, por questionar a eficácia da técnica cirúrgica, vista com entusiasmo desde seu surgimento no Brasil no ano de 2000. O retorno do peso desafia o sistema de saúde e exige investimento na saúde coletiva, a partir da necessidade de aprimoramento das estratégias de

prevenção e de cuidados ao paciente bariátrico ao longo de todo o processo de tratamento. A recomendação do Ministério da Saúde é de acompanhamento pós-operatório sistemático com equipe multiprofissional, o que se torna em muitos casos um desafio no sentido de que o paciente que realizou a cirurgia para resolver a sua obesidade, muitas vezes se percebe curado, na medida em que perder peso se mostra como a solução do problema. Assim, a adesão ao tratamento pós-operatório fica comprometida, já que não raro, o paciente se vê obrigado pelos profissionais da equipe a dar continuidade ao tratamento após a cirurgia. Como modalidade estratégica para promover maior adesão, o atendimento em grupo é apontado como uma opção mais efetiva por apresentar bons resultados com doenças crônicas, a partir da facilitação do desenvolvimento de recursos de enfrentamento e da promoção da construção de vínculos que passam a configurar apoio ao paciente. Em síntese, a contemporaneidade exige a aproximação com a realidade complexa que rompe com a ideia da separação entre mente e corpo, bem como torna imperativo o atendimento ao paciente bariátrico por meio de intervenções que incluem a subjetividade e os contextos sociais nos quais a pessoa se insere. Apenas com a adoção do olhar da integralidade, será possível ultrapassar os desafios impostos pelo tratamento da obesidade.

Compreensão dos significados atribuídos à experiência de doenças crônicas em distintas etapas do ciclo da vida

Cibele Cunha Lima da Motta, Shana Hastenpflug Wottrich,
Marina Menezes (Universidade Federal de Santa Catarina,
Universidade Federal do Pampa, Universidade do Vale do Itajaí)

Doenças crônicas não transmissíveis constituem o principal desafio da saúde, uma vez que são a principal fonte de carga de doenças com alto impacto social, representando ameaça ao desenvolvimento humano. A compreensão do processo de adoecimento crônico demanda entendimento multidimensional, que, em consonância coma perspectiva do Pensamento Complexo, deve contemplar aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais e entender como se afetam recursivamente durante esse percurso. A doença crônica implica um modo de vida que demanda a convivência com a doença e por tempo indeterminado, mediante mudanças permanentes na rotina e nos hábitos de vida dos sujeitos e do seu entorno. Desse modo, requer adaptação das condições impostas pela situação, o que modifica as relações com as pessoas do entorno, especialmente a família. No decurso do adoecimento, as experiências relativas aos eventos da doença constroem significados que afetam o sujeito e a sua família nos mais diferentes níveis, repercutindo no ciclo de desenvolvimento individual e familiar. No tocante à construção de significados, a literatura se ancora nos pressupostos epistemológicos da complexidade e na compreensão do significado das narrativas representativas dos espaços interacionais; entende-se que a forma como as pessoas constroem os significados sobre a realidade em que vivem configura o modo de direcionar o agir no mundo em que vivenciam experiências. A partir desse cenário, este trabalho visa compreender os significados atribuídos à experiência de doenças crônicas em diferentes etapas do ciclo da vida. Para tanto, esta Mesa Redonda congregará três trabalhos que versam sobre distintos tipos de doença crônica em diferentes momentos do ciclo de vida – diabetes mellitus tipo 1 na adolescência, cirurgia bariátrica em mulheres e pacientes que passaram por cirurgia cardíaca. O trabalho intitulado “Significações de diabetes *mellitus* tipo 1 na adolescência” trata de uma etapa do ciclo vital em que se abordam as dificuldades da vivência da doença crônica em relação a essa fase do desenvolvimento humano. A adolescência tende a ser o período mais difícil para tal tipo de vivência. Assim, o início de uma doença que

demande a modificação de muitos dos hábitos, gostos, estilos de vida pode ser especialmente problemático. O fato de a adolescência ser a fase de redescoberta do corpo, das potencialidades e dos limites pode expor toda a problemática da doença e a do tratamento para o centro da atenção, levando o jovem a definir-se como particularmente diferente e "anormal" diante do grupo de pares. Nesse sentido, o trabalho objetivou compreender as significações do processo saúde/doença de adolescentes com diagnóstico de diabetes *mellitus* tipo 1. O estudo revelou que o diabetes interfere significativamente na adolescência, caracterizada como o período de transformações tanto físicas quanto psíquicas, que influenciam na adesão e na adaptação ao tratamento de doenças crônicas. Quanto ao segundo tema, a fase adulta foi enfocada no trabalho intitulado "Compreensão da repercussão das motivações e as expectativas no processo de decisão de pacientes que optam por realizar a cirurgia bariátrica", pesquisa realizada com mulheres candidatas a cirurgia bariátrica. A obesidade mórbida é considerada doença crônica de origem multifatorial e fator de risco para outras doenças; a cirurgia bariátrica tem se revelado o procedimento mais eficiente para tratar essa condição. Para realizar tal procedimento no Brasil, o Ministério da Saúde preconiza a avaliação multidisciplinar antes da intervenção cirúrgica, de maneira que se possam conhecer as motivações, a compreensão intelectual e as expectativas dos candidatos sobre a cirurgia. A partir desse contexto, a pesquisa visou compreender a repercussão das motivações e as expectativas no processo de decisão de pacientes que optam por realizar a cirurgia bariátrica. O estudo permitiu refletir sobre a complexidade dos significados que constituem a tomada de decisão pela cirurgia da obesidade e evidenciar que a a perspectiva da integralidade deve ser considerada pela equipe de saúde envolvida no tratamento cirúrgico. Com relação ao último assunto, a pesquisa "Significados atribuídos à doença cardíaca: perspectiva de pacientes pós-cirúrgicos" foi realizada com adultos em estágio intermediário ou tardio. A cirurgia cardíaca caracteriza-se como experiência engendrada em meio a uma complexa teia de acontecimentos que se sobrepõem. Esse conjunto de vivências que se deflagra em período temporal específico da vida do indivíduo marca o primeiro contato do paciente com a realidade da doença, seja com os sinais e os sintomas seja com o diagnóstico propriamente dito. A partir desse momento, segue uma série de acontecimentos e mudanças, que envolvem as diferentes possibilidades de tratamento, sendo uma delas a cirurgia. Nesse sentido, o ato cirúrgico constitui marco significativo, em termos da vivência da doença crônica, que requer uma série de adaptações na vida do sujeitoe nas relações pessoais estabelecidas com o entorno. Quanto a esse tema, a pesquisa almejou compreender os significados atribuídos ao momento pós-cirúrgico por pacientes submetidos à cirurgia cardíaca. Os resultados evidenciam que as vivências presentes após a cirurgia sinalizam para o paciente a cronicidade da doença, mediante a constatação da fragilidade do corpo e da saúde. As pesquisas que compõem esta Mesa são de cunho qualitativo e buscam construir diálogos que possibilitem melhor compreensão da construção dos significados a respeito da experiência do adoecimento crônico. Possibilitar essa discussão contribui para embasar conhecimentos e técnicas desenvolvidos para o enfrentamento das doenças crônicas no campo da Psicologia da Saúde.

Envolvimento e interação parental: Possibilidades de acesso aos fenômenos e implicações dos resultados para a saúde da família

Carina Nunes Bossardi, Rovana Kinas Bueno, Lígia de Santis
(Universidade Federal do Vale do Itajaí, Universidade Federal de São Carlos), Lauren Beltrão Gomes (FURB), Simone Dill Azeredo Bolze, Carolina Duarte de Souza, Mauro Luís Vieira, Maria Aparecida Crepaldi, Ana Maria Xavier Faraco (UFSC),

Elizabeth Joan Barham (UFSCar)

O sistema parental tem sido estudado com o objetivo de conhecer a relação e a participação dos pais com os filhos. O envolvimento parental vem sendo abordado para caracterizar tanto o envolvimento materno, quanto o paterno. O interesse está em configurar a participação parental frente às transformações socioeconômicas e identificar como as tarefas estão sendo realizadas por meio de cada progenitor. O estudo da interação pais/mães-criança no desenvolvimento social e afetivo infantil tem sido objeto de interesse durante anos. A interação social vem sendo investigada, na maioria dos casos, por meio da metodologia observacional. A observação envolve de modo sistemático e planejado, a investigação da interação. O envolvimento tem sido acessado quanti ou qualitativamente em termos de acessibilidade (presença e disponibilidade dos pais para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles), interação (engajamento ou contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer) e responsabilidade (papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança como levar o filho ao médico ou participar de reuniões na escola). O envolvimento paterno tem sido caracterizado como um construto complexo, multidimensional e multideterminado. Por esse motivo, é importante considerar o uso de instrumentos quantitativos e qualitativos na investigação do fenômeno. No Brasil, é necessário intensificar pesquisas com o pai, utilizando instrumentos respondidos por ele, além de incluir pesquisas quantitativas relacionadas às qualitativas com objetivo de fazer uma caracterização geral e, em seguida, aprofundar os dados por meio de informações obtidas por entrevistas. Também há a necessidade de pesquisas que permitam aliar o material referido à prática, o que se torna possível pela observação direta do comportamento. Além disso, é importante destacar que existem diferentes estratégias metodológicas para acessar o envolvimento e a interação do pai com seus filhos e filhas. Diante dos resultados produzidos podem-se elaborar propostas de intervenção que visem auxiliar na promoção da saúde psicológica dos membros familiares, especialmente no que se refere ao desenvolvimento infantil. Na atualidade, o padrão ideal que vem sendo constituído é de um pai cada vez mais participativo e envolvido com a família. Parte-se do pressuposto de que o pai deve ser entendido não mais como somente o provedor, mas como alguém importante para o desenvolvimento infantil. Uma das formas de melhor compreender e investigar como pais e mães estão interagindo e realizando as tarefas com seus filhos e filhas é discutir e configurar o modo de acesso a esses fenômenos no contexto acadêmico. Nesse sentido, a presente proposta tem como objetivo discutir algumas formas utilizadas na produção de resultados empíricos envolvendo a temática e relacionar os dados com a promoção do desenvolvimento infantil, e, consequentemente, à promoção da saúde no âmbito familiar. Para tanto, os trabalhos inscritos nessa mesa redonda versarão sobre as formas de investigação do envolvimento e da interação paternas e maternas. O enfoque está na união das metodologias direta e indireta. Dessa forma, serão apresentados resultados empíricos produzidos por meio da observação direta e indireta de pais com seus filhos e também resultados de uma revisão sistemática da literatura sobre estudos que incluíam dados empíricos sobre o envolvimento paterno. A observação direta consiste em uma técnica de coleta de dados que pode ser utilizada isoladamente ou associada a outros métodos. Fornece um registro sobre o fenômeno por meio do contato direto com as pessoas a serem observadas ou de instrumentos auxiliares, como as câmeras filmadoras. Observar cientificamente requer planejamento e registro sistemático dos dados, podendo fornecer uma análise minuciosa de um fenômeno ou parte dele. Enquanto que a observação indireta é produzida por meio de instrumentos padronizados tais como escalas, questionários e entrevistas, onde a abordagem do fenômeno ocorre por meio de perguntas a respeito das atividades que os pais realizam com seus filhos e filhas. Ambas as formas possuem suas vantagens e desvantagens, as quais também serão levadas

em consideração nas discussões dessa mesa redonda. Nessa proposta estarão incluídos três trabalhos que serão apresentados pelas autoras, Rovana Kinas Bueno, Carina Nunes Bossardi e Lígia de Santis. O trabalho desenvolvido por Rovana Kinas Bueno e colaboradores, intitulado: “Considerações sobre a adaptação de um procedimento observacional estruturado e seu protocolo de registro” abordará resultados produzidos por meio da técnica de observação direta em laboratório, e tem como objetivo principal apresentar o processo de adaptação de um procedimento observacional estruturado e seu protocolo de registro. Já o trabalho da autora Carina Nunes Bossardi e colaboradores, com o título: “Observação indireta e direta do envolvimento parental: um enfoque para a interação pai-criança”, apresentará a união de duas técnicas de coleta de dados envolvendo envolvimento e interação parental com a utilização da metodologia observacional naturalística e de um instrumento padronizado e adaptado para o contexto brasileiro, tendo como objetivo de conhecer a relação dos pais com os filhos de forma direta e indireta. Por fim, o trabalho de Lígia de Santis e colaboradora, intitulado: “Desfechos para a saúde em um modelo teórico de envolvimento paterno”, cuja proposta foi de desenvolver um modelo teórico de envolvimento paterno, pautado em dados empíricos já publicados, apresentará uma análise de 39 textos completos que incluíam dados empíricos sobre o envolvimento paterno. Espera-se que as discussões dos resultados desses estudos, aliadas às relações com as formas de promoção de saúde, possam gerar ações voltadas ao desenvolvimento infantil e à saúde da família. As ações de prevenção e de promoção em saúde, em nosso Sistema de Saúde ainda apresentam-se como desafios da atualidade. Cabe aos profissonais da área, a produção de estudos ou de discussões procurando unir resultados às variadas formas de ampliar ações em saúde, principalmente no que concerne à diferenciação entre prevenção e promoção. Faz-se necessário a ampliação do conceito de promoção de saúde e discussões como essas, aliadas a resultados empíricos podem ser úteis para o Sistema como um todo em direção à integralidade no cuidado em saúde.

Liderança autêntica, sentido e significado do trabalho e construção da felicidade nas organizações contemporâneas

Narbal Silva, Suzana da Rosa Tolfo, Cristiano Cunha
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Nesta mesa redonda, o objetivo principal será o de mostra as múltiplas relações entre os conceitos de liderança autêntica, sentido e significado do trabalho e a construção da felicidade nas organizações. A perspectiva epistemológica dominante é de natureza interpretativista e humanista da realidade social, o que implica também compreender, que os fenômenos psicossociais aqui discutidos foram construídos socialmente, ao longo da história, do tempo e do espaço. Por fim, o trabalho que aqui será apresentado, se constituiu por meio da combinação de três pesquisas documentais, do tipo revisão integrativa, as quais possibilitara mostrar, o atual estado da arte, de cada um dos conceitos, nas bases de dados nacionais (liderança autêntica, sentido do trabalho e felicidade) e internacionais (liderança autêntica e felicidade). A Liderança autêntica é uma das principais teorias de liderança surgidas nos últimos dez anos. Por meio de tal constructo, reside o desejo de construir organizações mais autênticas, com líderes conscientes e relações transparentes e éticas. Propôs-se aqui o desenvolvimento de uma revisão integrativa das publicações sobre o tema em periódicos indexados às bases de dados EBSCO, ISI Web of Knowledge, Scopus e SciElo, entre 2000 e 2013. Após as fases de busca e seleção da literatura, integraram a revisão 136 artigos. Foram constatadas três principais vertentes de estudos a respeito do tema: a primeira decorrente da

gestão escolar; a segunda, da enfermagem; e a terceira, da gestão organizacional. Com o avanço das pesquisas sobre o tema, a visão da gestão organizacional acabou consolidando-se, inclusive na área da educação e da enfermagem. Pode-se evidenciar a preponderância de estudos teóricos acerca do tema, tendo, após o desenvolvimento do Questionário da Liderança Autêntica (ALQ), as pesquisas se direcionado mais à confirmação e validação dos construtos e do instrumento, do que ao aprofundamento da teoria. Por fim, se descobriu que mais pesquisas ainda são necessárias sobre o tema, recomendando-se o desenvolvimento de estudos empíricos qualitativos, inclusive no contexto brasileiro, onde foram encontrados apenas dois artigos científicos que abordam diretamente a matéria. Intimamente relacionada ao conceito de trabalho, o exercício da liderança, poderá contribuir sobremaneira à construção de trabalhos revestidos de sentido, de significado e de felicidade. As profundas mudanças no contexto de trabalho e sua centralidade sociológica e psicológica indicam a importância de entender os sentidos e significados atribuídos a ele. Considerando isto, foram analisados os fundamentos epistemológicos das produções científicas nacionais em estudos empíricos sobre o fenômeno. Tal propósito se deu por meio de uma revisão integrativa de 25 artigos indexados nas bases de dados PePSIC e SciELO. Pode-se constatar o amplo desenvolvimento da produção científica, com a prevalência de estudos que utilizam a abordagem existencialista e a sócio-histórica, bem como os aportes da psicodinâmica do trabalho concomitante às demais. As perspectivas epistemológicas predominantes nessa produção localizam-se nos quadrantes subjetivos interpretativista e humanista radical e, inseridos no eixo da subjetividade em Psicologia do Trabalho e das Organizações. A diversidade de abordagens sobre o fenômeno remete à importância de uma maior compreensão teórica, evitando-se incongruências na construção de pesquisas, e também a ampliação do escopo do estudo com a inclusão de análises internacionais. Por fim, será apresentado, o estado atual da arte dos estudos referentes a felicidade, trabalho e respectivos significados. Para isto, nos meses de abril e maio de 2015 foram realizadas buscas na literatura nacional e internacional de publicações relacionadas a Psicologia Positiva no Trabalho e a Felicidade no Trabalho. Em tais buscas foram identificadas 47 publicações, que foram analisadas conforme critérios específicos de inclusão, restando ao final 24 artigos. A revisão da literatura sobre Psicologia Positiva foi utilizada como base e as temáticas apresentadas foram engagement, qualidade de vida e satisfação pessoal, espiritualidade, categorias de bem-estar, emoções no ambiente de trabalho e organizações saudáveis e resilientes. A base de dados Scielo indexou a maioria das publicações analisadas, em especial, nas revistas científicas brasileiras. Por meio deste estudo, foi possível identificar, a atualidade do tema, bem como, a sua recente circulação no contexto acadêmico. A guisa de conclusão, as pesquisas referentes aos quatro fenômenos, indicam múltiplas interfaces entre os conceitos de liderança autêntica, sentido e significado do trabalho e felicidade nas organizações. Ou seja, valores, crenças, atitudes e comportamentos, orientados pelos princípios da liderança autêntica, tendem contribuir à construção de trabalhos revestidos de mais sentido, significado e propósito, o que, por conseguinte será decisivo à construção da felicidade no trabalho, dentro de contextos denominados de organizações saudáveis. Tipos de organizações que visam equilibrar a otimização das condições materiais de existência, a excelência nas interações humanas e os propósitos espirituais (fortalecimento de virtudes e qualidades, aprendizagem sentido e realização) com os imperativos de produtividade e de qualidade, seja no 1º, 2º ou 3º setor.

Psicologia e saúde do trabalhador: a ética do trabalho contemporâneo e os desafios às ações e à *práxis* psicológica

Fábio José Orsini Lopes, Guilherme Elias da Silva, Lucas Martins Soldera
(Universidade Estadual de Maringá)

Esta proposta de Mesa-Redonda está voltada às discussões que consideram os impactos das transformações do Trabalho à saúde do trabalhador. Parte do pressuposto de que o trabalho, como categoria fundante e estruturante da subjetividade, passa, atualmente, por transformações que sinalizam um cenário de precarização e degradação das características coletivas e participativas do trabalho. Este cenário aponta para a ética da competição e para o desenvolvimento de competências individuais, em detrimento do fortalecimento dos espaços coletivos de negociação do desejo e trânsito intersubjetivo. Entre outras consequências, tal contexto implica no aparecimento de inúmeras doenças relacionadas ao trabalho, constatadas nos consultórios, nos dados oficiais e pelas notificações de agravos. Depressão, uso e abuso de drogas, ansiedade generalizada, somatizações, "dort", uma série bastante extensa de um quadro sintomatológico já verificado associativamente às transformações e à organização do trabalho. Como resposta, impõe-se à pesquisa e às práticas em Psicologia no âmbito do Trabalho aprofundamentos teóricos e conceituais e criatividade metodológica e instrumental. A proposta desta Mesa se encontra em meio à produção dos referenciais das Clínicas do Trabalho, em especial as contribuições da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicossociologia do Trabalho, para fundamentar suas análises e proposições. De forma sucinta, as Clínicas do Trabalho consideram este em seus aspectos conformadores da intersubjetividade e buscam analisar os obstáculos à ascensão do sujeito do plano individual ao político, movimento somente possível pela negociação coletiva do fazer laboral. Ausentes tais possibilidades, o cerceamento da expressão subjetiva e a precarização das relações coletivas pode desencadear processos psicopatológicos e expor sintomatologia clínica, relacionados ao trabalho.

Outra característica a ser explorada nesta Mesa refere-se ao cenário político em que se inserem as políticas públicas de atenção e saúde do trabalhador. O momento político brasileiro aponta para profundas incertezas e questionamentos no que respeita às propostas de ampliação e diversificação de uma Rede Nacional de Saúde do Trabalhador. A formação de um sistema nacional de identificação de agravos e de intervenções junto às demandas da saúde do trabalhador precisa ser objeto de constantes pesquisas e formação de conhecimento. Sendo assim, esta proposta de Mesa-Redonda se encontra numa seara de produção científica com profundas implicações e urgências a serem analisadas. As transformações do Mundo do Trabalho requerem renovada atenção dos pesquisadores e as propostas que caminham neste sentido merecem deferimento.

Para contemplar tal proposta de discussão, esta Mesa-Redonda será formada por professores pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/PR-UEM. Inicialmente, o Professor Doutor Guilherme Elias da Silva, proferirá palestra abordando os aspectos éticos provenientes das transformações do Trabalho, utilizando, para tanto, recorte teórico oferecido pelas abordagens das Clínicas do Trabalho. O autor remete ao conceito ampliado de Saúde, segundo o qual está é vista como o resultado dos arranjos e compromissos do trabalhador ao encontro da construção de sua trajetória pessoal e original diante das exigências da vida e do trabalho. Conclui indagando sobre quais práticas e ações em Psicologia do Trabalho podem, no âmbito da gestão organizacional, estar voltadas à promoção de saúde.

Em seguida, o Professor Doutor Lucas Martins Soldeira promoverá sua fala buscando aprofundar as indagações sobre o papel do Psicólogo atuante no âmbito do trabalho, oferecendo, para tal, um olhar de perspectiva sobre as evoluções e transformações dessa atuação. Contrastando com as práticas das fases da Psicologia Industrial ou exclusivamente Organizacional, o autor chama a atenção para as atuais exigências e demandas à Psicologia

no âmbito do Trabalho, destacando as possibilidades do exercício atrelado às preocupações com saúde do trabalhador e com a *práxis* psicológica.
Por fim, o Professor Doutor Fábio José Orsini Lopes promoverá sua fala abordando um aspecto mais específico presente em pesquisas sobre a relação trabalho e saúde mental. De forma ampliada, será proposta uma discussão que atente para a relação entre trabalho e uso e abuso de álcool. Serão consideradas as relações entre organização do trabalho, formação de ideologias defensivas e consumo coletivo de álcool, fenômeno intitulado de *alcoolização.* Alimentado pelo rereferencial da Psicodinâmica do Trabalho, a pesquisa pretende apresentar as consequências da organização do trabalho calcada no esvaziamento dos espaços de palavra e das possibilidades de negociação política do desejo, e sua relação com a formação de hábitos e práticas de consumo de álcool. As pesquisas apontam para a presença de fenômenos de alcoolização como estratégias defensivas coletivas e sugerem adequações às práticas de intervenção em Psicologia no âmbito do Trabalho. A proposta do autor inclui, também, tentativa de buscar correlação entre tais entendimentos com as atuais políticas públicas de saúde do trabalhador e de atenção aos usuários de drogas, em uma tentativa de buscar possíveis pontos de inflexão entre a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e a Política Nacional de Atenção ao Usuário de Álcool e outras Drogas. Embora formalmente em execução, em virtude do cenário político profundamente incerto e fruto da ilegitimidade flagrante do atual governo, tais políticas se encontram em posição questionada e os profissionais e pesquisadores que sobre elas se debruçam precisam concentrar seus esforços em defesa da garantia de direitos em saúde.

Saúde e relações familiares: o papel da família e sua influência na saúde e no desenvolvimento da criança

Adriana Leonidas de Oliveira, Paulo Francisco de Castro, Maria Geralda Viana Heleno
(Universidade de Taubaté, Universidade Guarulhos, Universidade Metodista de São Paulo)

Para a Psicologia a família apresenta uma importância central, uma vez que é o primeiro espaço psicossocial do ser humano. A família é considerada a matriz da identidade pessoal e social, pois nela se desenvolve tanto o sentimento de pertinência, que fundamenta a identificação social, quanto o sentimento de independência e autonomia, baseado no processo de diferenciação, que possibilita a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro. A família é fundamentalmente caracterizada pelas relações de afeto e compromisso, sendo seu propósito prover um contexto que supra tanto as necessidades primárias de seus membros referentes à sobrevivência (segurança, alimentação, lar), ao desenvolvimento (afetivo, cognitivo e social), e ao sentimento de ser aceito, cuidado e amado. A família deve se constituir em um espaço promotor de saúde e de bem-estar do indivíduo, compreendendo a saúde a partir do paradigma biopsicossocial, em que tanto questões referentes à saúde física, psicológica e social devem ser alvos de atenção e de cuidado para o pleno desenvolvimento de seus membros. A família acompanha o indivíduo por todo o seu desenvolvimento (infância, adolescência, fase adulta e velhice), sendo que a família também tem um ciclo de desenvolvimento próprio, denominado ciclo vital familiar. O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, e ambos os ciclos, familiar e individual, estão interligados por existirem mudanças que exigem um equilíbrio entre estabilidade e flexibilidade para que a família mantenha seu desenvolvimento saudável. Essa perspectiva é fundamental para o entendimento dos problemas e das formas de enfrentamento que as pessoas apresentam na medida que se desenvolvem juntas através do tempo. Embora o processo familiar não seja de modo algum linear, ele existe na dimensão linear do tempo. Ao

longo de seu ciclo de vida, a família vivencia tanto estressores desenvolvimentais predizíveis (transições de ciclo de vida, como casamento, nascimento, morte, entre outros), como estressores impredizíveis (como morte prematura, uma doença crônica, o nascimento de uma criança com deficiência, entre outros) (Carter & McGodrick, 1995). É muito importante compreender como as famílias vivenciam tais fenômenos e como lida com eles, para que trabalhos de promoção de saúde e de prevenção possam ser planejados e realizados de forma eficaz. A presente proposta foca-se na fase inicial da família, aqui denominada de Fase de Aquisição (Cerveny, 1997), a qual caracteriza-se pela vivência dos seguintes fenômenos psicológicos: a formação do casal, a chegada dos filhos, e a vida com filhos pequenos. Assim, a relação entre pais e filhos na infância será nosso alvo de análise, sob diferentes aspectos, tendo em vista a importância crucial da construção saudável dessa relação. O primeiro trabalho foca um estressor predizível da fase inicial da família, que é o nascimento do filho. Mais especificamente, foca-se na discussão sobre o filho único na família e suas vivências na infância quanto à dinâmica familiar. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, evidencia que apesar de no Brasil, o número de filhos únicos crescer expressivamente desde os anos 2000, a literatura científica quanto a esse fenômeno ainda é escassa. Uma análise de publicações nacionais e internacionais sobre o tema revela as principais dificuldades na relação entre pais e filho único na infância e permite indicar quais orientações na área de educação familiar são importantes para fortalecer a qualidade desse relacionamento e aprimorar a saúde emocional da família com tal configuração. O segundo trabalho aborda o desenvolvimento da criança com obesidade e sua relação com a figura materna. A relevância do trabalho fica evidenciada à medida que as crianças estão, cada vez mais, desenvolvendo quadros de obesidade precocemente e o papel da mãe e de sua relação com seu filho é fundamental para a compreensão do quadro. O trabalho tem como objetivo avaliar o processo evolutivo das crianças com obesidade e sua relação com a mãe e seus resultados evidenciam demandas de orientação em programas de promoção de saúde e prevenção de doenças no contexto familiar. Por fim, o terceiro trabalho enfoca um estressor impredizível que pode confrontar a família ao longo de seu ciclo de vida, que é a doença crônica. O estudo trata das convicções de saúde de pais e mães de crianças portadoras de diabetes mellitus tipo 1. O Diabetes Mellitus tipo1 é uma doença crônica degenerativa e quando acomete crianças e adolescentes repercute de forma dramática na vida dos pais e na dinâmica familiar como um todo. O objetivo deste trabalho foi descrever as convicções de saúde de pais de crianças portadoras de diabetes mellitus tipo 1, com vistas a apresentar indicações de como realizar o acompanhamento dos pais e mães por meio de medidas de promoção de saúde do tipo psicoeducativo, que possam ajudá-los no enfrentamento da doença de seus filhos. Espera-se que os trabalhos apresentados possam contribuir para a reflexão do papel da família e sua influência na saúde e no desenvolvimento da criança, compreendendo o grupo familiar como um conjunto que funciona como uma totalidade.

Avaliação do desenvolvimento de crianças em contexto da saúde: especificidades e desafios

Flávia Helena Pereira Padovani, Gimol Benzaquen Perosa, Olga Maria Piazentin Rolim
(Universidade Estadual Paulista)

Durante o século XX houve uma mudança do perfil da morbidade da faixa etária pediátrica, com diminuição dos casos de doenças infectocontagiosas, como a diarreia, por exemplo, e aumento na prevalência e incidência de doenças crônicas. O avanço científico e tecnológico das últimas décadas acarretou um aumento considerável na sobrevivência das crianças. Ao

mesmo tempo, criou uma nova demanda nos serviços de saúde para a melhoria das condições de vida das crianças.

Neste contexto, de significativas mudanças epidemiológicas, tornou-se tarefa essencial a implementação de intervenções adequadas, que contribuam para a prevenção de doenças, para sua detecção precoce e tratamento eficaz, bem como para a promoção da saúde. A identificação e intervenção precoces são fundamentais para o prognóstico das crianças com distúrbios do desenvolvimento. A preocupação com o desenvolvimento infantil passou a fazer parte das ações de promoção em saúde da criança propostas pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em meados da década de 90 e constitui-se, atualmente, uma prioridade das políticas de saúde do Ministério da Saúde (MS) para a população infantil.

O desenvolvimento infantil é considerado um processo complexo e multideterminado. Nas perspectivas teóricas mais atuais, o desenvolvimento infantil é tido como um processo dinâmico, que se inicia na vida intra-uterina e se estende ao longo de todo o ciclo vital, compreendendo vários aspectos: o crescimento físico, a maturação neurológica e a construção de habilidades relacionadas ao comportamento e às esferas cognitiva, social e afetiva da criança. Constitui um processo que objetiva a competência para responder adequadamente às suas necessidades e às do seu meio e, portanto, a melhor adaptação.

Entretanto, verifica-se, ainda hoje, dificuldade de grande parte dos profissionais de saúde na identificação, prevenção e tratamento de alterações do desenvolvimento neuropsicomotor, incluindo os problemas comportamentais e emocionais das crianças. A literatura aponta que, muitas vezes, apesar de os profissionais de saúde reconhecerem a importância do cuidado integral à criança, o que incluiria a avaliação do seu desenvolvimento neuropsicomotor, tal prática ainda é falha no seu dia a dia.

As dificuldades apontadas pelos profissionais podem estar relacionadas, entre outros aspectos, à falta de preparo, amplamente apontada na literatura, e de critérios e/ou instrumentos adequados para a realização da avaliação.

Nesta mesa redonda pretendemos apresentar três trabalhos do âmbito da psicologia da saúde, desenvolvidos em contextos diversos, apontando as especificidades e os desafios na avaliação do desenvolvimento infantil. Partindo-se do pressuposto da importância de avaliação sistemática do desenvolvimento neuropsicomotor, por meio de instrumentos padronizados, o primeiro trabalho a ser apresentado pela Profa. Adjunta Gimol Benzaquen Perosa avaliou crianças nascidas prematuras, em idade escolar e em um serviço de referência. Este trabalho teve como objetivo comparar a avaliação de crianças prematuras, a partir de instrumento padronizado, o WISC III, com a avaliação médica informal. Tomando como referência o instrumento padronizado, observou-se alta porcentagem de falsos positivos e de falsos negativos nas avaliações médicas. Esses resultados apontam que se, por um lado, crianças em risco não estão sendo encaminhadas para serviços de prevenção, por outro, crianças com bom desenvolvimento, são rotuladas como tendo atraso.

O segundo trabalho a ser apresentado aponta para a dificuldade em relação à tomada de decisão de critérios na realização da avaliação do desenvolvimento. O trabalho, a ser apresentado pela Profa. Adjunta Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues, também foi realizado com bebês nascidos prematuros e buscou investigar os efeitos da prematuridade no desenvolvimento aos quatro e seis meses de idade considerando tanto a idade cronológica, quanto a idade corrigida. Os resultados demonstram diferenças na avaliação realizada, de acordo com o critério utilizado: a idade corrigida ou a idade cronológica. Esses resultados apontam o risco de, ao corrigir a idade, concluir para a não necessidade de serviços de estimulação essencial. Dessa forma, desconsiderar-se-ia o papel da estimulação ambiental no desenvolvimento dos bebês prematuros.

Por último, será apresentado o trabalho da Profa. Dra. Flávia Helena Pereira Padovani, discutindo-se a dificuldade em relação à escolha de instrumentos mais adequados à avaliação

em um determinado contexto. Este trabalho buscou avaliar problemas comportamentais em crianças em diferentes faixas etárias e com diferentes condições de saúde, através de dois instrumentos amplamente utilizados: SDQ e CBCL. Os resultados apontaram a alta frequência de problemas comportamentais e/ou emocionais, independente da faixa etária, da condição de saúde das crianças e do instrumento utilizado. Entretanto, o SDQ, além da padronização brasileira e da fácil correção, permitiu avaliar também habilidades e recursos das crianças.
Os resultados dos três estudos a serem apresentados suscitam a discussão em relação aos desafios na prática de avaliação de desenvolvimento de crianças dentro do contexto da saúde, seja para a sensibilização da necessidade de vigilância do desenvolvimento, seja para a tomada de decisão de critérios e/ou de instrumentos. Espera-se, dessa forma, viabilizar o melhor planejamento de ações para assistência à criança, buscando-se o atendimento integral às suas necessidades, em consonância com as políticas públicas.

Os desafios do ciclo vital tardio: promoção de saúde da pessoa idosa, repercussões da aposentadoria e acesso às tecnologias de informação e comunicação

Marcos Henrique Antunes, Amanda Castro, Kelly Maciel Silva
(Universidade Federal de Santa Catarina)

A partir dos avanços tecnológicos no campo da saúde, assim como frente a efetivação de políticas públicas específicas para a população idosa, a ampliação do índice de longevidade é um fenômeno contemporâneo que se constitui concretamente no mundo, e que tem ocorrido de forma ainda mais acelerada em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Para além do fato de que as pessoas têm vivido por mais anos, elas têm, também, estado presentes e participado de modo direto em diferentes contextos da vida social. Nesse sentido, torna-se relevante pensar sobre as ações de cuidado à população idosa, o que inclui as políticas públicas de saúde no SUS, bem como o planejamento das ações de saúde direcionadas a essa população. No que se refere as políticas públicas de saúde relacionadas ao envelhecimento, destaca-se a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, que tem por finalidade recuperar, manter e promover a autonomia e independência dos idosos a partir de medidas coletivas e individuais de saúde. Ressalta-se que entre as diretrizes prioritárias desta política está a promoção do envelhecimento ativo e saudável e a atenção integral e integrada à saúde da população idosa. Percebe-se que, apesar da legislação em saúde ter avançado bastante, as ações que se realizam na prática ainda são insatisfatórias no que se refere ao atendimento das demandas de cuidado da população de maneira integral e contínua. Ainda em relação às ações de cuidado, cabe mencionar que a família se caracteriza como sendo um espaço privilegiado para as mesmas, pois, além de ser um contexto importante de desenvolvimento humano nesta etapa do ciclo vital, a ela é conferida socialmente a atribuição de cuidado com as gerações mais velhas. Esta concepção é particularmente relevante na discussão sobre aposentadoria, sendo esse um fenômeno que, comumente, ocorre entre o final da Fase Madura (adulta) e o início da Fase Tardia de ciclo de vida, acarretando um movimento de transição de alguns membros que diminuem seu envolvimento em atividades laborais e passam a contar com mais tempo livre. Usualmente, é no contexto familiar que o sujeito aposentado recebe acolhida, ocupa seu tempo, desenvolve relações afetivas significativas. Nesse sentido, para além das repercussões individuais, verifica-se que o funcionamento familiar se modifica expressivamente após a aposentadoria de um ou mais de seus membros, em função da revisão de aspectos concernentes à vínculos e papéis cumpridos na família e na sociedade. Assim, os cônjuges, por exemplo, precisarão revisar sua relação para, com isso, pensar se pretendem permanecer juntos e como isso irá ocorrer

a partir de então, tendo em vista a maior disponibilidade de tempo para realizar atividades individualmente e também no casal, bem como a necessidade de reorganizar o desempenho das funções e tarefas no lar, as quais, na maioria das vezes, levaram em conta uma divisão sexista e calcada pelos padrões tradicionais de relação de gênero. Ademais, tais vínculos e papeis também acabam sendo revistos em razão do crescente avanço tecnológico e da associação entre pertencimento social e inclusão digital que instala novos desafios na dinâmica relacional familiar, o que envolve diferentes membros da família numa linha intergeracional. Nessa perspectiva, visualiza-se, inclusive, a interlocução com o terceiro tema de interesse dessa proposta de mesa redonda, o qual se refere à inclusão digital. Desse modo, cabe enfatizar que a aceitação e o uso da internet por idosos sofre influência das representações sociais que estes possuem em relação à tecnologia, visto que o uso de ferramentas da internet altera elementos representacionais do objeto, favorecendo ou dificultando o processo de inclusão digital. Posto que a informação e os serviços tem se tornado mais acessíveis por meio da Internet, é importante compreender o que os idosos pensam sobre o uso das tecnologias, e particularmente da internet, e as razões atribuídas para o distanciamento ou proximidade em relação aos recursos tecnológicos. Isto é especialmente relevante no contexto de elaboração de potenciais novos serviços, não só para encontrar melhores maneiras de introduzir tecnologias para os idosos, mas também para melhorar o design de produtos digitais, de modo que eles sejam mais fáceis de usar e de aprender, o que pode implicar na adoção das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) por um número maior de usuários. Considerando as noções abordadas, bem como as breves problematizações acerca da promoção de saúde da pessoa idosa, as questões relativas ao processo de aposentadoria e a interação social através da tecnologia, observa-se que tais temas se revestem de complexidade, sendo que, na atualidade, o diálogo entre profissionais de distintos saberes, assim como a pesquisa e a intervenção são processos necessários para responder à uma realidade que se apresenta de forma significativa em diferentes contextos de prática do psicólogo da saúde. Acredita-se, portanto, que o debate a ser estabelecido por meio dessa mesa redonda poderá contribuir na atuação dos profissionais que trabalham com pessoas e famílias no ciclo vital tardio, dando visibilidade à elementos que perpassam a vivência dessa etapa. Além disso, visto que os três proponentes são pesquisadores e profissionais que atuam com a população idosa, pretende-se oferecer reflexões sobre as possibilidades de prática com esse público, através de uma percepção crítica e que permita analisar potencialidades de intervenção.

Avaliação do processo de implementação de programas preventivos: exigências e desafios a partir do estudo do *unplugged*.

Daniela Ribeiro Schneider, João Felipe Horr, Jane Moraes Lopes
(Univ. Federal de Santa Catarina, Universidade Regional de Blumenau, Ministério da Saúde)

As atividades de prevenção vêm ganhando, nas últimas décadas, lugar de destaque dentro do espectro da atenção em saúde, pois almejam intervir no contexto psicossocial para evitar que a situação vivida com dificuldade se converta em um problema social de grande magnitude. Agir preventivamente é antecipar-se a consolidação do problema e dos desfechos negativos em saúde. Com isso, ganha-se em qualidade de vida e evita-se gastos excessivos no sistema de saúde. No entanto, é preciso avaliar os modelos, concepções e práticas preventivas realizadas, visando verificar sua efetividade. A OMS considera que a avaliação em saúde tem se tornado um importante mecanismo de controle social, considerando que a avaliação representa a solução mais segura para o desafio da melhora dos programas e

serviços existentes. A implementação de programas em saúde tem, hodiernamente, o imperativo de serem sistematicamente acompanhados e avaliados em seu processo, visando a otimização de recursos, a fiabilidade de resultados e o controle social sobre investimentos de políticas públicas. Portanto, avaliar qualquer atividade de saúde significa produzir um julgamento sobre uma intervenção ou serviço, verificando as evidências que a mesma produz, com o objetivo de auxiliar na tomada de decisões sobre os mesmos. A proposição de modelos baseados em evidência envolve mudanças de paradigmas de prevenção e exigem adaptação cultural. Na saúde pública, o modelo de avaliação proposto por Donabedian em 1966, baseado na análise de vários níveis: estrutura, processo e resultado, tem apresentado grande aceitabilidade e, por isso, tem sido amplamente difundido. A questão da avaliação de programas preventivos segue estes indicadores e contempla várias possibilidades, entre elas a avaliação de processo, que busca descrever qualitativa e quantitativamente as etapas do programa, refletindo sobre o que se fez, as razões relacionadas as decisões práticas durante a implementação, o tempo despendido no mesmo, as dificuldades enfrentadas, as mudanças que se fizeram necessárias ao longo em seu desenvolvimento. Nesta mesa redonda serão discutidos os elementos centrais deste tipo de avaliação, incluindo aspectos como a fidelidade, a dose administrada, a dose recebida, o alcance, a aceitabilidade e a viabilidade do programa na realidade cultural específica, utilizando como exemplo o piloto da implementação do Programa *Unplugged* em escolas brasileiras, no ano de 2013, projeto desenvolvido pelo Ministério da Saúde e UNODC, em parcerias com a UNIFESP e UFSC. Este programa caracterizado como sendo de multicomponentes, focado em habilidades de vida, foi desenvolvido originalmente por sete países europeus, voltado para adolescentes entre 12 a 14 anos e dirige-se para a prevenção ao uso de álcool e outras drogas, sendo desenvolvido pelos professores, em classes regulares, planejado em 12 unidades, que devem ser efetivadas durante um semestre letivo. Serão descritos os métodos e os resultados obtidos nesta experiência de 2013, que tem sido base da expansão do programa para as escolas brasileiras em vários Estados, implementado como política pública pelo Ministério da Saúde. Foi utilizada a perspectiva da triangulação de métodos, que implica na combinação de múltiplas estratégias de pesquisa capazes de apreender as variadas dimensões do objeto, atendendo tanto os requisitos do método qualitativo, ao garantir a verificação do significado dos processos e eventos de prevenção para os atores envolvidos, quanto às ambições do método quantitativo, ao mensurar variáveis relacionadas à implementação e aos resultados do programa de prevenção. Serão apresentados três trabalhos articulados. O primeiro mais introdutório ao tema terá o título: “Exigências e desafios para a avaliação de processo de implementação de programas de prevenção”. Em seguida será apresentada uma dissertação e uma tese relacionados à avaliação do programa preventivo ao uso de drogas *Unplugge*d em seu processo de adaptação cultural para a realidade brasileira. O primeiro realiza a avaliação do processo do ponto de vista dos educandos, versando sobre a satisfação e percepção de resultados com o referido programa. O segundo descreve o processo do ponto de vista do professor, que é quem aplica o programa, verificando desde a formação, conhecimentos prévios sobre a temática, até a aceitabilidade e viabilidade para as escolas brasileiras. Verificou-se que o processo de avaliação pelo conjunto de sujeitos envolvidos em seu processo, ao considerar o protagonismo de seus atores, foi uma ação fundamental para qualificar a o programa em sua ampliação como política pública. Esta mesa redonda objetiva, com isso, discutir a importância da avaliação do processo de implementação de programas em saúde para o controle social, ao fornecer subsídios que garantam investimentos em programas que produzam resultados adequados para cada realidade cultural específica.

Processo saúde–doença no contexto hospitalar: considerações sobre profissionais e pacientes

Jéssica Limberger, Patrícia Dalagasperina, Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

O processo saúde-doença é compreendido a partir de uma perspectiva de atenção integral à saúde, pautado no cuidado às diferentes necessidades dos indivíduos, em vários momentos de sua vida. No contexto hospitalar, a psicologia da saúde contribui tanto para a avaliação como para a intervenção diante das variáveis que implicam na manutenção da saúde e no desenvolvimento de doenças. Desta forma, a presente mesa redonda objetiva discutir as especificidades do âmbito hospitalar, promovendo uma reflexão acerca do processo saúde-doença de pacientes e profissionais da saúde. Inicialmente, será abordada a percepção do gestor hospitalar acerca das vivências de trabalho dos profissionais de saúde, a partir da perspectiva da teoria da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Esse trabalho se insere em um contexto de intensas mudanças nas relações de trabalho, como o surgimento de novas tecnologias, a aceleração do ritmo laboral e as novas formas de organizar o modo de produção. Diante de tantas exigências, defrontando-se com a necessidade de uma postura ativa, qualificação permanente e variada e, consequentemente, com a diminuição do seu tempo livre, o trabalhador pode vivenciar alguma forma de sofrimento. Esta configuração se agrava quando a profissão escolhida caracteriza-se pelo manejo com situações angustiantes, como é o caso dos profissionais de saúde. Os trabalhadores da saúde, além de estarem expostos à doenças, também têm de lidar com o sofrimento do outro. No presente estudo, as dificuldades na realização do trabalho e o sofrimento dos profissionais, na visão do gestor, são superados com o reconhecimento dos serviços prestados. Nessa perspectiva, as dificuldades do relacionamento entre paciente e profissional podem ser ainda mais acentuadas quando há dificuldades na comunicação e no relacionamento entre ambos. Com isso, a segunda pesquisa a ser apresentada insere-se no campo teórico-prático das habilidades sociais, com um olhar sobre o relacionamento interpessoal de mulheres em internação hospitalar devido ao uso de crack. Nesse cenário, as habilidades sociais são compreendidas como um conjunto de comportamentos emitidos por uma pessoa em seu meio social, em que expressará seus sentimentos, seus desejos e suas opiniões, de maneira mais adaptativa e assertiva. Ao avaliar tais habilidades em mulheres usuárias de crack, foram identificados déficits na conversação e desenvoltura social, autoexposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade. Tais déficits implicam em dificuldades na utilização de normas de convivência e no traquejo social, bem como dificuldades no manejo de situações novas e no controle da raiva diante de situações aversivas. Com isso, o tratamento pode ser prejudicado pela carência de habilidades sociais, tendo em vista que as habilidades sociais implicam em menor sofrimento psíquico e maior qualidade de vida. Compreendendo o caráter situacional das habilidades sociais, dá-se ênfase ao fato de que as mulheres participantes do presente estudo, quando possuíam mais amigos que não usavam drogas, possuíam maiores habilidades sociais. Por sua vez, mulheres com mais amigos usuários de drogas possuíram menores habilidades sociais, indicando que as relações sociais caracterizadas como conflitivas e restritivas poderiam contribuir para um menor repertório de habilidades sociais. Diante deste cenário, percebe-se que as interações sociais deficitárias poderiam dificultar ainda mais o tratamento e a comunicação com os profissionais da saúde. Outra questão a ser considerada, são os processos traumáticos que tais pacientes podem ter vivenciado, e que podem desencadear alterações em diferentes áreas da vida dos profissionais que os atendem, como no caso do Estresse Traumático Secundário. A partir de uma corrente de investigações relacionadas ao trauma, que teve início na década de 80, a

terceira pesquisadora contextualizará os agravos à saúde dos profissionais, problematizando o estresse traumático secundário. Tal fenômeno constitui um risco psicossocial emergente, que afeta principalmente os profissionais que desenvolvem seu trabalho com pessoas traumatizadas. A definição de Estresse Traumático Secundário considera o fenômeno como um conjunto de emoções e condutas resultantes do contato com um evento traumático experimentado pelo outro. Este pode ser entendido também como o estresse resultante de ajudar ou querer ajudar pessoas que estão traumatizadas ou em sofrimento. O estresse traumático secundário é caracterizado por um "custo no cuidar", em que os profissionais que ouvem ou presenciam histórias de medo, dor e sofrimento, desenvolvem os mesmos sintomas de medo, dor e sofrimento de seus pacientes. Um dos modelos teóricos que busca explicar o estresse traumático secundário é o modelo processual. Este considerada as variáveis sociodemográficas, os antecedentes organizacionais referentes às dificuldades próprias da tarefa desempenhada e ao nível de satisfação em desempenhá-las, as variáveis de personalidade dando ênfase à empatia, a compreensão, ao desafio e ao senso de humor, e as consequências individuais, sociais ou organizacionais. Considera um conjunto de três fatores como o núcleo de todo processo do estresse traumático secundário: a fadiga por compaixão, as crenças e a sintomatologia pós-traumática. A sintomatologia do estresse traumático secundário manifesta-se por meio de uma série de reações cognitivas, emocionais, motoras e somáticas. Os efeitos desta síndrome classificam-se em: sintomatologia rápida, condutas evitativas e respostas de estresse pós-traumático. Frente ao exposto, os três trabalhos que compõe a mesa redonda permitirão uma importante reflexão acerca da complexidade e necessidade de intervenções no contexto hospitalar, com vistas a contribuir no diálogo entre as diversas abordagens teóricas.

Sintomas depressivos e processo gestacional

Camila V. de Almeida Procópio, Miria Benincasa, Victor Mantoani Zaia
(Universidade Metodista de São Paulo)

A gestação é parte do ciclo de vida do ser humano, tanto por ter nascido a partir deste processo e, por consequência, ter sido impactado pelos eventos que o envolveu; quanto por, na vida adulta, poder optar por ser pai ou mãe. Querer ter filhos envolve um grande investimento emocional e exige muitas adaptações e cuidados específicos na saúde da mulher. Pelo alto envolvimento emocional, a escolha por gestar e a gestação em si é um marcante momento na vida dos seres humanos. Se, em parte, tradicionalmente é marcado por aspectos positivos, em diversos casos pode levar a transtornos mentais, dentre os quais, relatado com grande frequência, a depressão. Um dos processos que podem levar à depressão é a infertilidade, que leva à um luto na capacidade de ser genitor, pela impossibilidade da mulher e do homem se verem como genitores, como capazes de criar um novo ser e família. São inúmeros os estudos que demostram a importância de rastrear, diagnosticar e tratar os transtornos mentais antes, durante e ainda no pós-gravidez para, assim, gerar melhor qualidade de vida para todos que estão envolvidos no processo (mãe, pai e bebê). Existem indícios de transtornos psiquiátricos associados ao período gravídico nos séculos XVII e XVIII, principalmente, na literatura médica francesa e alemã. O próprio DSM-V aponta para maiores níveis de depressão em mulheres quando comparadas com homens, são diversas pesquisas a associarem esses níveis com a gestação e puerpério, ainda que, não se tenha reconhecido uma depressão do período gravídico o puerperal como entidades distintas nos sistemas classificatórios, a prevalência de tais transtornos vem chamando atenção de profissionais de saúde. Durante o puerpério acontecem bruscas mudanças nos

níveis de ocitocina, dos hormônios gonadais e no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Este período é, reconhecidamente, o de maior vulnerabilidade para o surgimento de transtornos psiquiátricos durante a vida da mulher. Pesquisas atuais apontam que 10 a 15 % das mulheres apresentam diagnóstico de depressão pós-parto (DPP) em todo o mundo. Além deste transtorno, observam-se outros que incluem sintomatologia depressiva, tais como psicose puerperal e *tristeza materna* ou *baby blues*. A primeira apresenta uma prevalência abaixo de 3%, entretanto, o segundo quadro chega a atingir dois terços das puérperas, podendo evoluir tanto para a depressão quanto para a psicose. Quando não evoluem, tendem a manter-se presente por alguns meses, interferindo na competência materna, na vinculação com o bebê, na amamentação e na dinâmica familiar. Tais incidências podem gerar prejuízos duradouros a todos os envolvidos. Somando-se a prevalência destes diagnósticos, verifica-se que o tema é uma demanda de saúde pública e, buscar recursos que previnam ou minimizem estes agravos, tornou-se imprescindível para a saúde materno infantil e desenvolvimento da família. Os estudos sobre DPP têm contribuído com a compreensão deste fenômeno e intervenções cada vez mais eficientes. Entre os resultados mais comuns, observa-se que, gestantes que tiveram acolhimento e acompanhamento psicológico antes e durante a gravidez tem tido incidência mais baixa durante o pós-parto. O tema baby blues, entretanto, ainda tem gerado poucos estudos e é uma área a ser investigada e discutida entre profissionais envolvidos na assistência obstétrica. Essa mesa tem como objetivo discutir a saúde da mulher durante o pré e pós-parto por compreender que é um período extremamente rico, que gera transformações pessoais, sociais e físicas na mulher e, tais mudanças, frequentemente, repercutem em seu entorno. Pretendendo gerar uma discussão aprofundada, os pesquisadores optaram por eleger um tema que permeia todo o processo gravídico puerperal: a sintomatologia depressiva, independentemente da categoria diagnóstica. Todas as pesquisas que compõem a mesa são exploratórias, quantitativas e qualitativas, se caracterizam por serem estudos em Psicologia da Saúde, relacionados à Psicologia Clínica e à Psicologia do Desenvolvimento. Os três estudos têm bases epistemológicas oriundas de referenciais psicanalíticos e psicodinâmicos. A mesa inicia-se com o doutorando Victor Zaia que, partindo de suas pesquisas de mestrado e doutorado, discutirá os processos anteriores à gestação, que compreende desde decisão de ser genitor até a confirmação da gravidez. Será então abordado uma das dificuldades que podem ser encontradas para conseguir engravidar: a infertilidade, que acomete uma importante parcela da população e que pode ser acompanhada por diversas questões psicológicas, como a depressão, por exemplo, não somente devido à impossibilidade de tornar-se genitor, mas pelas vivências emocionais geradas pelo próprio tratamento. A segunda integrante da mesa é a doutoranda Camila Procópio que, em uma análise parcial de sua pesquisa de doutorado, apresentará a gestação em si, como uma fase marcada por mudanças significativas de aspectos e papeis sociais, profissionais, familiares, conjugais e pessoais, tantas modificações que podem gerar mudanças de humor e subsequentemente quadros de sintomatologia depressiva. Em seguida, terá fala a Dra. Miria Benincasa, que trará parte das bases epistemológicas de sua linha de pesquisa que envolve saúde da mulher, e apresentará aspectos do pós-parto, que é um período que pode estar associado à dor de moderada à intensa, sentida em todo o percurso gestacional e no nascimento do bebê, aumentando assim a probabilidade de mulheres desenvolverem transtornos psicoafetivos ou sintomas depressivos. A demanda desta nova condição, exige intensas e radicais adaptações da mulher, tais como: a identidade, agora inserindo a maternidade; a imagem corporal; a vida profissional, social, sexual, familiar etc. Como um todo, é proposta da mesa, não somente apresentar a sintomatologia depressiva envolvendo essa etapa do ciclo de vida, mas também discutir a importância do diagnóstico assertivo, da atenção psicológica dentro de uma equipe interdisciplinar, e propor possíveis condutas de acompanhamento para os genitores, e sobretudo mulheres que optam por iniciar

essa fase do ciclo de vida. Os três pesquisadores, em sua prática profissional, vêm lidando com essa demanda e gerando modelos de intervenção que em se mostrando efetivos no tratamento dos sintomas depressivos frente a possível infertilidade, durante o período gestacional e no puerpério e pós-parto. Apresentar, de maneira aprofundada as considerações relacionadas a esse tema e trazer modelos de intervenção que vem trazendo resultados para os pesquisadores, pode gerar uma interlocução rica entre aqueles que também lidam com a sintomatologia depressiva relacionada ao período gravídico puerperal.

Abordagem muldimensional em saúde

Zaira Aparecida de Oliveira Custódio, Elisangela Böing, Armanda Carla Teixeira Brandão Fragata Rufino (Hospital Universitário Prof. Polydoro Ernani de São Thiago/HU-UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina)

Na discussão do tema da Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida na perspectiva da abordagem integral e multidimensional em saúde, mostra-se de extrema importância a consideração da complexidade que envolve o conjunto das experiências humanas. Com base nesta condição, o modelo de atenção à saúde se encontra em determinado estágio do processo de transição paradigmática, em que se torna necessário a ampliação do alcance de seus fenômenos. O termo integralidade, neste sentido, possui um caráter polissêmico que tem buscado superar a fragmentação das práticas de atenção e cuidado, compreendendo a saúde a partir da interação recursiva de fatores físicos, mentais, sociais e espirituais.
A partir do exposto acima, esta mesa redonda pretende inicialmente abordar as múltiplas dimensões da saúde, buscando ampliar a compreensão da integralidade no contexto da formação e da atenção à saúde, compreendendo o processo saúde e adoecimento enquanto um campo complexo e dinâmico e que, por sua vez, envolve diversos fatores. Aqui, o conceito de saúde integral vai além da concepção “bio-psico-social” de saúde, bem como procura transcender as lógicas reducionista, curativista e biomédica que permeavam o modelo de atenção à saúde até então vigente. Além disso, as concepções epistemológicas e práticas em torno da compreensão de saúde integral vêm se ampliando, de forma que a dimensão espiritual da existência humana, por exemplo, passa a ser reconhecida cientificamente, por meio de um amplo e diverisificado volume de pesquisas demonstrando a relevância desta área e seu impacto sobre a saúde.
Nesta direção, o segundo proponente da mesa irá abordar o tema que envolve a interface espiritualidade e saúde, a partir do que apontam as evidências científicas. O crescente reconhecimento de que a Religiosidade/Epiritualidade (R/E) representa uma dimensão significativa da vida das pessoas em todo o mundo, bem como a comprovação de que as práticas e as crenças religiosas e espirituais dos pacientes influenciam o cuidado e a progresso nas questões referentes à saúde, tem levado a um interesse internacional de integrar a R/E no conjunto de práticas de atenção e cuidado clínico. Portanto, torna-se necessário conhecer os estudos que permeiam os aspectos espirituais da experiência humana, na busca da identificação dos mecanismos da relação saúde e espiritualidade e das maneiras de aplicar estes conhecimentos na prática clínica. No entanto, devido à falta de treinamento em temas ligados à esta relação, grande parte das evidências disponíveis ainda são desconhecidas por muitos profissionais de saúde, os quais possuem dificuldades em abordar questões vinculadas ao envolvimento R/E em situações da prática clínica.
Apesar das evidências sobre o assunto, ainda não existe um consenso científico sobre as definições de religiosidade e espiritualidade. Alguns autores definem a religiosidade como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados para facilitar a

aproximação com o sagrado. Espiritualidade, por sua vez, é compreendida como a busca da compreensão acerca do sentido e finitude da vida, sobre seu significado, sobre as relações com o sagrado ou transcendente, que pode ou não levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou formação de comunidades religiosas. Dessa maneira, a conceitualização destes construtos é de grande importância para as pesquisas, buscando-se manter o rigor científico nas investigações e evitando possíveis especulações metafísicas.

O terceiro assunto da presente mesa redonda objetiva abordar o subtema do eixo temático em questão, a saúde do trabalhador, com o título: saúde sistêmica - a saúde do profissional da saúde. Com base nos estudos científicos que apontam para o elevado número de adoecimento dos profissionais da área da saúde e do envolvimento emocional de muitos destes com seus pacientes, a proposta deste tema vai ao encontro da abordagem multidimensional em saúde. Esta relação se dá, na medida em que oferece ao profissional de saúde a possibilidade de uma nova visao e postura frente ao relacionamento com seus pacientes, desenvolvendo nestes a co-responsabilidade pelo seu processo de saúde. É uma proposta de intervenção advinda da Psicoterapia Sistêmica Fenomenológica - Constelação Sistêmica, a qual apresenta uma vasta gama de aplicações práticas devido aos seus efeitos esclarecedores no campo das relações humanas de modo geral.

A partir destas considerações, o atendimento à saúde, na perspectiva da integralidade e da multidimensionalidade do ser humano busca valorizar a subjetividade e os modos com que as pessoas se relacionam com a vida. Pretende-se com os temas supracitados desencadear um debate que privilegie reflexões acerca de aspectos que contemplam a aplicabilidade de novos paradigmas no campo da saúde. Dada a abrangência dos demais fenômenos envovidos neste contexto, não se tem a pretensão de esgotar o referido tema nesta mesa redonda, sendo necessário ampliar espaços científicos que estimulem a tentativa de estabelecer novas concepções e práticas no modelo de atenção à saúde.

Contribuições da psicologia da saúde e da psicologia pediátrica ao estudo de processos psicológicos no ciclo vital

Sônia Regina Fiorim Enumo, Maria Beatriz Martins Linhares,
Letícia Lovato Dellazzana-Zanon
(Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto)

A compreensão das relações saúde-doença tem exigido a adoção de uma visão e uma atuação interdisciplinar e multidisciplinar, que incluem tradicionalmente a Psicologia da Saúde, entendida como um dos subcampos da Psicologia que aplica princípios e conceitos psicológicos no estudo, tratamento e prevenção de doenças. Autores clássicos da área consideram que, não só as vulnerabilidades a doenças e os fatores biológicos, mas também os aspectos ligados à personalidade e às condições sociais devem ser analisados nesse processo saúde-doença. Contudo, lidar com essas condições exige uma conjunção de áreas de conhecimento que vai além, incluindo a interseção entre ramos da Biologia (Epigenética e Neurociências), da Ecologia (ambiente físico e social) e da Saúde e Desenvolvimento (aprendizagem, comportamento e bem-estar físico e social), em uma perspectiva das Ciências do Ciclo Vital. A Psicopatologia do Desenvolvimento, a própria Psicologia da Saúde, as Ciências Cognitivas, a Saúde Pública e as Ciências Sociais compõem as Ciências do Desenvolvimento Humano, que ajudam a compreender a diversidade de trajetórias de saúde física e mental das pessoas. Uma das áreas da Psicologia que contribui particularmente é a Psicologia Pediátrica, que utiliza conceitos advindos da Psicologia do Desenvolvimento Humano, da Psicopatologia do Desenvolvimento, da Psicologia Clínica, da Comunicação

Interpessoal e da Pediatria, além da própria Psicologia da Saúde. A Psicologia Pediátrica estuda o conjunto de temas relacionados ao desenvolvimento e à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias, visando à prevenção e promoção do desenvolvimento e da saúde em diversos contextos, como no âmbito escolar, na comunidade, além da própria família e dos profissionais de saúde. A diversidade de métodos e técnicas de pesquisa tem enriquecido o conhecimento na área, incluindo o uso de entrevistas, observações, estudos de caso, delineamentos experimentais. Como uma área essencialmente aplicada, a preocupação com a transferência do conhecimento obtido em pesquisa para a prática clínica ou profissional também caracteriza essa área. A ênfase desenvolvimental dá um norte à diversidade do conhecimento produzido, considerando os significados dos processos psicológicos apresentados em cada etapa do ciclo vital. Neste, as relações entre condições de saúde e os hábitos que constituem o estilo de vida são bem estudadas. O estilo de vida, em particular, inclui a escolha dos alimentos e das atividades ocupacionais, sociais e físicas, influencia a capacidade de evitar doenças, o nível de funcionamento físico e mental e o engajamento da pessoa com a vida. Ajuda nessa análise a abordagem de *fatores de risco*, entendidos como a probabilidade de ocorrência de desfechos (*outcomes*) negativos no desenvolvimento, podendo variar a magnitude dos riscos e compor *múltiplos riscos*, tais como pobreza, desemprego, baixo nível educacional, má alimentação, gravidez não desejada, exposição à violência, os quais afetam a saúde física e mental do indivíduo. Sem o delicado balanço dos *mecanismos de proteção*, especialmente a população de desempregados, de pessoas com baixa escolaridade e com baixa renda, somada a questões de gênero, sofrem o impacto dos fatores psicossociais na saúde mental. Essas relações se evidenciam em números altos em nosso país, tanto que os transtornos mentais são estimados na ordem de 30% da população (variação de 20% a 56%). Resultados positivos nessas condições de adversidades podem caracterizar processos de *resiliência*, entendida como um conceito interativo que se refere à resistência relativa a experiências de risco ambiental ou superação de estresse e adversidades. Propõe-se aqui que uma “perspectiva do curso de vida” apoiada em uma abordagem desenvolvimental (*developmental approach*) pode contribuir para a compreensão desses resultados em termos de saúde física e mental. Considerando essas questões de base, esta mesa redonda adota uma perspectiva desenvolvimental, apresentando três comunicações, cada uma relativa a uma dessas fases importantes do ciclo de vida – ao nascimento, na adolescência e na vida adulta. A Comunicação 1 - *Estresse precoce no desenvolvimento: impactos na saúde e mecanismos de proteção* - apresenta uma abordagem do desenvolvimento na área de saúde da criança, focalizando modelos teórico-conceituais sobre o impacto do estresse precoce no desenvolvimento e saúde. Serão apresentadas ilustrações de pesquisas na área de Psicologia Pediátrica realizadas no âmbito de um hospital universitário público, com neonatos e crianças hospitalizadas, cujas condições clínicas ou de tratamento médico envolviam situações altamente estressoras. A Comunicação 2 - *Quero ter filhos, quero ter marido, quero ter casa cheia”: projetos de vida de adolescentes sobre relacionamentos afetivos* – parte do princípio de que a elaboração de projetos de vida é fundamental para a inserção do adolescente no mundo adulto e possui uma estreita relação com o estabelecimento de um sentido para a vida. Dessa forma, considera-se que estudar como os adolescentes formulam seus projetos de vida, no que diz respeito aos relacionamentos afetivos, parece pertinente. Serão discutidos os dados obtidos com entrevistas com adolescentes de baixo nível socioeconômico, estudando em escolas públicas, utilizando-se o método clínico. As questões afetivas e de trabalho se destacam, em especial aquelas relativas a projetos de casamento, independentemente do aumento nos indicadores de separações e divórcios no país. A Comunicação 3 - *Impacto do estilo de vida sobre as condições de saúde do adulto* -parte de uma perspectiva do “curso de vida” apoiada em uma abordagem desenvolvimental que vai além do foco tradicional no desenvolvimento durante a

infância e adolescência, estendendo-se pelos múltiplos estágios da vida, tipicamente examinando as relações entre a infância inicial e a saúde do adulto mais tarde. Serão apresentados os preceitos científicos para uma vida saudável, os dados de saúde-doença da população e os fatores de risco para a qualidade de vida, discutindo as contribuições da Psicologia para compreender e intervir no engajamento de comportamentos saudáveis. Espera-se colaborar para avanços nas intervenções da Psicologia, evidenciando os conceitos e análises de derivados de estudos nacionais e internacionais na Psicologia da Saúde e da Psicologia Pediátrica.

Conjugalidade e desafios: Infidelidade, conflito e educação conjugal

Patrícia Sheeren, Marina Zanella Delatorre, Angélica Paula Neumann, Adriana Wagner
(Universidade Fedral do Rio Grande do Sul)

A vivência conjugal é uma das mais significativas na vida das pessoas, reverberando tanto no bem-estar individual dos cônjuges quanto dos demais membros da família. Partindo desse pressuposto, e pautada na teoria sistêmica, propomos a mesa redonda “Conjugalidade e desafios: Infidelidade, conflito e educação conjugal” com o objetivo de apresentar e debater dados de pesquisas e iniciativas voltadas a investigar e a intervir nas relações conjugais. De maneira mais específica, busca-se: a) refletir sobre fenômenos e desafios do viver a dois, b) mapear as características da infidelidade conjugal, c) apresentar dados sobre a vivência da infidelidade em homens e mulheres casados ou coabitando d) informar sobre os principais preditores da infidelidade em homens e mulheres e) refletir sobre os fatores de risco e de proteção no que tange à infidelidade conjugal, f) apresentar as estratégias de resolução de conflitos utilizadas por pessoas casadas, g) verificar como essas estratégias se agrupam em termos de perfis individuais de resolução, h) discutir a associação desses perfis a variáveis sociodemográficas, familiares e do relacionamento, i) discutir as formas de encaminhamento dos conflitos que contribuem para a qualidade do relacionamento, j) apresentar um programa de educação conjugal desenvolvido no Brasil, l) discutir dados parciais acerca dos estudos de validação deste programa, m) refletir sobre possibilidades de intervenção na conjugalidade no âmbito da prevenção e promoção de saúde. Esta mesa-redonda se inscreve no Eixo Temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” (PCV), e no subtema Saúde da Família. A mesa será composta por três psicólogas vinculadas ao Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os trabalhos contam com a orientação da Prof. Dra. Adriana Wagner. A primeira integrante da mesa, Patrícia Scheeren, é Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Bolsa CAPES). É formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e possui mestrado em Psicocriminologia e Vitimologia pela Université Pierre Mendès-France (França). Além da inserção acadêmica, Patrícia atua na clínica com famílias e casais tendo realizado especialização em terapia da família e casal com enfoque sistêmico (INFAPA). Em sua apresentação, Dra. Patrícia irá abordar a temática da infidelidade, um dos maiores causadores de divórcios e frequente motivo de busca de terapia, sendo um motivo de grave conflito entre os casais. A partir de uma pesquisa realizada com 1042 brasileiros, a apresentação irá abordar a vivência da infidelidade em homens e mulheres casados ou coabitando quanto a prevalência, frequência, tipos de comportamentos de infidelidade e motivos para busca de tal experiência. Além disso, Dra. Patrícia verificou em seus estudos os fatores preditores de infidelidade em homens e mulheres considerando os seguintes domínios: características pessoais, características do companheiro(a), do casamento e do contexto, aspectos que também serão abordados em sua apresentação. Dra. Patrícia visa

problematizar e contextualizar a vivência da infidelidade nos casais contemporâneos, apontando para fatores de risco e de proteção com relação a infidelidade conjugal. A segunda integrante da mesa, Marina Zanella Delatorre, é Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestre (Bolsa CNPq) e Doutoranda (Bolsa CAPES) em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sua apresentação, a doutoranda Marina irá abordar as formas de resolução dos conflitos conjugais. Serão apresentados perfis de resolução de conflitos identificados em uma amostra de 750 casais residentes no Rio Grande do Sul. Os perfis são compostos pela combinação das diferentes estratégias de resolução dos desentendimentos utilizadas pelos participantes para encaminhar seus conflitos. Além disso, serão apresentadas as variáveis associadas às características sociodemográficas, familiares e do relacionamento que se mostraram associadas a cada perfil. A terceira integrante da mesa, Angélica Paula Neumann, é Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. É Mestre (Bolsa CNPq) e Doutoranda (Bolsa CAPES) em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sua apresentação, a doutoranda Angélica irá apresentar o Programa Psicoeducativo para Casais Viver a Dois: Compartilhando este Desafio, uma intervenção desenvolvida por seis Universidades do Rio Grande do Sul e coordenada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com base em pesquisas com casais. Angélica também exporá alguns dados parciais acerca da validação do programa, resultado de sua tese de doutorado, ainda em andamento. Esta mesa redonda apresenta, a partir de aportes científicos, informações relevantes sobre a vivência da conjugalidade nos dias atuais, dando subsídios empíricos sobre o conflito conjugal, suas formas de enfrentamento e propondo estratégias para o encaminhamento das problemáticas inerentes a conjugalidade. A partir desta mesa, busca-se sensibilizar os ouvintes para a importância do investimento em pesquisas e intervenções desenvolvidas para a população brasileira sobre o tema da conjugalidade. Espera-se que a discussão da temática dessa mesa reverbere na qualificação do conhecimento, dos estudos e das intervenções psicossociais e terapêuticas com casais e famílias.

Satisfação e felicidade na construção de carreiras ao longo do ciclo de vida: interfaces entre trabalho e saúde

Aline Bogoni Costa, Dulce Helena Penna Soares, Narbal Silva
(Universidade do Oeste de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina)

O contexto de construção das carreiras contemporâneo caracteriza-se pela instabilidade e frequentes mudanças, suscitando às pessoas certas dificuldades de planejamento do futuro profissional e, ao mesmo tempo, imprevisibilidade quanto às formas e às possibilidades de trabalho. A compreensão do que significa ter uma carreira relaciona-se muito mais às metamorfoses do cotidiano do que às suas padronizações; o espaço e o tempo das carreiras constituem-se pouco delimitados (Savickas, 2009; Dias & Soares, 2012; Guichard et. al, 2012; Ribeiro, 2014a).
Nesse contexto, as necessidades subjetivas de elaboração de papeis e a identidade profissional tornaram-se mais transitórias, sendo que muitos trabalhadores experimentam várias carreiras ao longo de seu ciclo de vida, desenvolvendo-se cognitivamente em áreas de conhecimento diversas ou até contraditórias ou que, por vezes, sequer planejaram atuar (Savickas, 2004; Ribeiro, 2014a). Em vista disso, no âmbito da Psicologia, evidencia-se o aumento das demandas relacionadas à saúde, entendidas como sintomas psicológicos dos novos contornos assumidos pelas carreiras, a exemplo do estresse e sofrimento psíquicos no

trabalho e a síndrome de esgotamento profissional (*burnout*) (Borsoi, 2007, Trigo, Teng, & Hallak, 2007; Ribeiro, 2014a).

Buscando novas formas de entender as relações do ser humano com seu trabalho, a Psicologia Positiva tem se consolidado, especialmente nas últimas duas décadas, como um campo de atuação que objetiva desenvolver estratégias à compreensão de como estas mudanças impactam no cotidiano de trabalho e das organizações e podem se consolidar em intervenções que visem maior satisfação com a vida e felicidade subjetiva na construção de carreiras ao longo do ciclo de vida (Paludo & Koller, 2007; Snyder & Lopez, 2009).

A satisfação com a vida é um dos componentes do bem-estar subjetivo, juntamente com a dimensão afetiva de cada pessoa (Galinha & Ribeiro, 2005). Trata-se de um processo de julgamento das várias esferas da vida, com base em critérios subjetivos, incluindo julgamentos globais sobre as vivências e, também, específicos, como saúde, trabalho, relações conjugais, etc. Desse modo, é um fenômeno complexo e de difícil mensuração, que depende da comparação entre as circunstâncias de vida do indivíduo e um padrão por ele estabelecido (Joia, Ruiz & Donalisio, 2007). Estudos comprovam que escolhas assertivas de trabalho, de carreira e na aposentadoria, estão entre os principais fatores relacionados ao aumento da satisfação com a vida, possibilitando maior bem-estar e qualidade de vida, bem como diminuindo a possibilidade adoecimento físico e mental (Diener, Emmons, Larsen, & Grif, 1985; Isen, Rosenzweig, & Young, 1991; Diener & Biswas-Diener, 2000; Joia, Ruiz, & Donalisio, 2007; Bardagi, M. P, & Hutz, C. S., 2010; Panoso & Monteiro, 2013).

No âmbito da aposentadoria, que será discutido em um dos momentos desta mesa a partir do campo de Orientação Profissional e de Carreira, são comuns os processos de adoecimento relacionados à ausência do trabalho. A pergunta que muitos aposentados se fazem é: o que fazer com o tempo livre? Em pesquisa pós-doutoral, verificou-se que, quanto mais central for o trabalho na vida das pessoas, mais difícil pode ser para se lidar com o tempo livre e encontrar satisfação em outras atividades e, neste caso, são comuns os processos de adoecimento físico e mental, a exemplo da depressão. Diferentemente, as pessoas que costumam buscar satisfação para além das atividades laborativas ao longo do ciclo de vida, dividindo seu tempo entre trabalho e lazer, por exemplo, são mais presentes os sentimentos de apoio e o encontro de oportunidades para a aposentadoria com satisfação de vida.

Em outro momento e de forma integrada, será abordado nesta mesa o tema felicidade e carreira, a partir de noções conceituais e das atividades de pesquisa e de extensão realizadas no Laboratório de Psicologia Positiva nas Organizações e no Trabalho (LAPPOT), da Universidade Federal de Santa Catarina.

A felicidade, também denominada de bem-estar subjetivo, é entendida como a avaliação das pessoas sobre sua própria vida, tanto em termos da satisfação com a mesma, como dos afetos (Diener & Biswas-Diener, 2000). A abrangência do conceito possibilita uma posição de intersecção em vários domínios da Psicologia, a exemplo da Psicologia da Saúde e da Psicologia Clínica. Em se tratando das relações do ser humano com seu trabalho, a maneira como uma pessoa estrutura o trabalho relativamente aos outros âmbitos da vida é um aspecto importante para o bem-estar subjetivo (Seligman, 2004). Pesquisas indicam que, quando uma pessoa está feliz no trabalho, provavelmente terá maior qualidade de vida, tendo em vista os vínculos possibilitados para além da atividade ou renda recebida, como as oportunidades de relacionamento social, sentimento de identidade e estabelecimento de objetivos (Hart, 1999; Seligman, 2000). Desse modo, a felicidade no trabalho é um dos elementos preditores à saúde psicológica.

O LAPPOT tem realizado diversos estudos vinculados à temática, dentre as quais destacamos: felicidade no trabalho junto a docentes, bem-estar e satisfação na aposentadoria, resiliência no trabalho junto a executivos, entre outros, que serão compartilhados, de modo resumido, no debate desta mesa. Cabe destacar que tais estudos

buscam, ao mesmo tempo, compreender os elementos psicológicos positivos à produção da saúde no trabalho, porém sem desconsiderar o contexto, o espaço e tempo das carreiras que, na contemporaneidade, realiza-se em meio de intensas mudanças.
Por fim, com a realização dessa mesa redonda, espera-se possibilitar o debate e reflexões sobre os eixos trabalho e saúde, em três aspectos centrais: i) o contexto do trabalho e das carreiras na contemporaneidade, possibilitando discussões sobre as mudanças psicológicas ao longo do ciclo de vida e suas implicações à saúde; ii) aposentadoria, saúde e satisfação com a vida no tempo livre, apresentando e debatendo os resultados de pesquisa pós-doutoral em Orientação Profissional e de Carreira; e, iii) felicidade e carreira, buscando localizar conceitualmente este constructo de modo integrado aos demais temas da mesa e compartilhando algumas das pesquisas em andamento no LAPPOT.

Saúde do trabalhador: a influência do contexto de trabalho

Anelise Schaurich dos Santos, Luciana Gisele Brun, Loren Aita Riss
(Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos)

Prevalentemente, o mundo do trabalho atual é pautado pela política produtivista, pelo estímulo à competição e pela exigência crescente de maior qualificação profissional. Essas características fazem com que o exercício profissional da maioria dos trabalhadores seja realizado em um contexto emocional e psicológico desgastante. Para a teoria Psicodinâmica do Trabalho o contexto de trabalho é composto por três dimensões: (1) organização do trabalho (OT), (2) condições de trabalho (CT) e (3) relações socioprofissionais (RS). A primeira é constituída pelos elementos que definem e balizam o funcionamento das práticas de gestão, por exemplo, a divisão do trabalho, a produtividade requerida, os prazos e as tarefas a serem desempenhadas pelo trabalhador. A segunda é caracterizada pela infraestrutura do local de trabalho, como, o ambiente físico (espaço, ar, luz, temperatura, som), os equipamentos, os instrumentos e a matéria-prima disponíveis para a execução das atividades. Já a terceira é composta pelas interações sociais no ambiente de trabalho, a saber, relações hierárquicas (com chefias), relações coletivas (com membros da equipe e de outros grupos de trabalho) e relações externas (usuários, consumidores, vendedores). Essas dimensões do contexto de trabalho são basais para as vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores e estão intrinsecamente ligadas à saúde e ao adoecimento. Frente às dimensões do contexto de trabalho, o trabalhador deve conseguir mobilizar sua inteligência prática para a resolução dos problemas. Do contrário, a incapacidade de dissolução dos problemas corriqueiros ocasionará o sofrimento prolongado e o desenvolvimento de patologias físicas e/ou psíquicas. Diante desse entendimento, esta mesa redonda objetiva refletir sobre o impacto do contexto de trabalho na saúde e no adoecimento mental dos trabalhadores. Para tanto, cada uma das três proponentes da mesa apresentará uma pesquisa de caráter qualitativo–descritivo sobre como é o contexto de trabalho de categorias profissionais diferentes, exemplificando sua influência na saúde/adoecimento dos bancários, gestores e trabalhadores da saúde. Na pesquisa com bancários foram entrevistados onze trabalhadores (sete do sexo feminino e quatro do sexo masculino) provenientes de instituições financeiras públicas e privadas da região central do Rio Grande do Sul [RS]. Os participantes foram questionados sobre sua rotina dentro e fora do banco, as mudanças que eles percebiam em suas vidas após começar a trabalhar em uma instituição financeira, o relacionamento com os colegas, a estipulação de metas, as qualificações teóricas e técnicas exigidas pelo banco e as vantagens e as desvantagens desse tipo de trabalho. Os resultados apontaram que, atualmente, os bancários são, na verdade, vendedores, uma vez que a maioria dos produtos e serviços oferecidos pelas

instituições financeiras possuem metas de vendas a serem alcançadas, as quais são percebidas como inatingíveis. Vendas que não respeitam a vontade dos clientes e possibilidades de punição (demissão ou perda da função) por meio dos mecanismos de avaliação de desempenho fazem parte da rotina dos bancários, o que caracteriza um contexto de trabalho pautado por pressão e competitividade. Tais imposições e cobranças são as principais causas de sofrimento e preocupação dos bancários, os quais frequentemente apresentam problemas de saúde física e psíquica devido à pressão que sofrem. O estudo com gestores, por sua vez, foi desenvolvido por meio de entrevistas semiestruturadas com seis gestores de escolas privadas de médio porte (entre 450 e 2000 alunos) da região metropolitana do RS. Caracterizam os gestores estudados: a heterogeneidade da orientação pedagógico-filosófica das escolas, atuarem entre um ano e meio e dezesseis anos no cargo, com idade entre 30 e 55 anos, carga horária semanal entre 20 e 50 horas, casados, com dois ou três filhos, dois homens e quatro mulheres. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, foi realizada análise de conteúdo (Bardin). As questões do roteiro de entrevistas focaram no contexto de trabalho e na percepção de saúde ou adoecimento a este relacionada. Como fontes de prazer e saúde no trabalho os gestores citaram: ser desafiado, perceber os resultados do trabalho, relações com a equipe pedagógica e alunos e reconhecimento social. Como fontes de sofrimento os gestores citaram: a solidão do cargo, a burocracia e os problemas financeiros, a falta de reconhecimento, os conflitos internos, a dificuldade na separação da vida pessoal e profissional, dificuldade de atingir resultados. As consequências negativas na saúde foram: 1) sintomas físicos como: enxaqueca, bruxismo, insônia, dor de barriga, gastrite, dor nas costas; 2) sintomas psicológicos como: angústia, ansiedade, estresse, necessidade de chorar, sofrimento emocional, medo. Também foram mencionados os afastamentos do trabalho em função destes sintomas. A pesquisa com profissionais da saúde teve como foco os processos de saúde psíquica relacionados ao trabalho dos profissionais dos postos de saúde (Secretaria Municipal de Saúde) de uma cidade da Região Norte do Rio Grande Sul. O estudo buscou ampliar a compreensão dos processos de saúde/doença neste contexto de trabalho, assim como as repercussões na capacidade laborativa. Os participantes incluem dentistas, psicólogos, nutricionistas e enfermeiros. A coleta de dados ocorreu nos locais de trabalho a partir de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas para o procedimento de análise de conteúdo (Bardin). Resultados preliminares apontam que os trabalhadores compreendem seu trabalho como gratificante pela ajuda e promoção da saúde por meio de suas intervenções. O desejo pela profissão na área da saúde traz realização pessoal. Como aspectos positivos nas condições de trabalho citaram a autonomia, o reconhecimento da população por trabalharem em condições difíceis, participarem de equipes multiprofissionais, as relações sócioprofissionais, entre colegas e chefias e um bom ambiente de trabalho. Em relação aos aspectos negativos mencionam a falta de recursos e materiais, infraestrutura de trabalho, problemas de comunicação, desinformação, baixo salário, falta de planejamento e os atravessamentos políticos existentes. O sofrimento no trabalho foi relacionado aos atendimentos com os pacientes, além das tarefas delegadas fora de suas atribuições, incluindo ameaças, o sentimento de impotência, trabalho cansativo, dores físicas, o fato do paciente não compreender certas informações e agredir verbalmente. O prazer está presente na melhora de um paciente, por exemplo. Por fim, destaca-se a necessidade de atentar para a relação existente entre contexto de trabalho e/ou sofrimento psíquico podendo contribuir ou desencadear o adoecimento.

Pesquisa sobre *coping* em contextos de atenção à saúde: contribuições para avaliação e intervenção

Andressa Melina Becker da Silva, Jodi Dee Hunt Ferreira do Amaral, Claudiane Aparecida Guimarães (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Univ. Federal de Uberlândia)

Esta mesa redonda pretende discutir resultados de pesquisas referentes ao *coping* em diferentes contextos, em que condições de saúde são afetadas, como na internação hospitalar de crianças, na prática de atividade física (dança) por adolescentes, e no cuidado de crianças com leucemia pelas mães. Serão analisadas as possibilidades de avaliação e intervenção em situações estressoras vivenciadas por crianças, adolescentes e adultos nesses contextos. O *coping* ou enfrentamento é um construto que tem sido amplamente estruturado por várias áreas, incluindo a Medicina, as Ciências Sociais e a Psicologia. Particularmente na subárea da Psicologia da Saúde, os estudos sobre *coping* abrangem diversos campos de atuação do psicólogo e de pesquisa. Este constructo vem sofrendo transformações de conceituação ao longo da história da Psicologia, sendo a mais recente a Teoria Motivacional do *Coping* [TMC] de Ellen Skinner e colaboradores. A TMC compreende o *coping* como uma ação regulatória, que descreve como as pessoas regulam seus próprios comportamentos, emoções e orientações motivacionais sob condições estressantes. Assim, o *coping* envolve esforços individuais para manter, restaurar e reparar as necessidades psicológicas básicas – Autonomia (capacidade de escolha), Competência (ser efetivo em relações com o ambiente) e Relacionamento (sentir-se seguro e conectado com o outro). A ameaça ou desafio a essas necessidades básicas constitui-se em evento estressante, de forma que o estresse compõe o processo e*stresse-coping*. Dada a diversidade de formas de enfrentamento dos estressores, a literatura da área apresenta uma quantidade grande de categorias. Skinner e colaboradores realizaram uma revisão sistemática da literatura, sistematizando e organizando o construto em um sistema hierárquico, composto por categorias de baixa ordem (instâncias de *coping*), que podem ser agrupadas por suas características funcionais em "estratégias de enfrentamento", que, de acordo com suas relações funcionais com processos adaptativos, são organizadas em "famílias de *coping*". Propuseram como mais universais em termos de contextos e idades 12 famílias de *coping*, sendo seis adaptativas (quando o estressor é visto como um desafio ao *self* ou ao contexto) – Autoconfiança, Busca de suporte, Resolução de problemas, Busca de informações, Acomodação e Negociação; e seis mal adaptativas (quando o estressor é percebido como uma ameaça ao *self* ou ao contexto) – Delegação, Isolamento, Desamparo, Fuga, Submissão e Oposição. Também considerando o *coping* como um processo autorregulatório, B. Compas e colaboradores consideram que esse processo consiste de esforços conscientes e voluntários, que visam a regular a emoção, a cognição, o comportamento, a fisiologia e o ambiente em resposta aos eventos circunstanciais estressantes. Propõem instrumentos para a avaliação do enfrentamento do estresse, como o RSQ – *Response to Stress Questionnaire*. No Brasil, em relação à mensuração do *coping*, principalmente no que se refere à avaliação de populações específicas, é raro encontrar instrumentos com requisitos psicométricos básicos de qualidade, como validade e fidedignidade, além de adaptados para a população específica e o contexto cultural. Portanto, considera-se a relevância de trabalhos nessa área, para que se possa ter confiança nos resultados que são apresentados. Este é o tema central desta mesa redonda. Além de escalas, existem outras formas de se avaliar esse processo, com a utilização de entrevistas, por exemplo, como também será descrito em um dos trabalhos apresentados. Após a avaliação, é necessário intervir, e como toda intervenção, precisa ser bem estruturada, focada em objetivos desenhados após uma correta e fidedigna avaliação psicológica. Este é outro aspecto abordado em outra comunicação desta mesa redonda. Considerando que o construto

coping é essencial para compreender como os indivíduos lidam com os estressores em suas vidas, esta mesa redonda adota uma perspectiva desenvolvimental, apresentando três trabalhos que abrangem o construto do *coping*, analisado com base na TMC, cujos resultados podem ser aplicados em contexto de atenção hospitalar, em psico-oncologia e em uma população pouco estudada – os bailarinos. A Comunicação 1- *Proposta de uma escala de coping do processo de internação, doença e tratamento em crianças* - apresenta uma proposta de construção de uma escala de enfrentamento do processo de internação, doença e tratamento em crianças. Esta escala visa a mensurar como a população infantil e seus cuidadores lidam com o contexto de hospitalização, da doença e do tratamento. Neste trabalho, são apresentadas as etapas da construção da escala e uma aplicação-piloto. A Comunicação 2 - *Intervenção no coping da dor em bailarinas* - apresenta uma proposta de avaliação e análise de dados de uma intervenção psicológica atuando no *coping* da dor em bailarinos adolescentes utilizando o *software* IRAMUTEQ. Permite observar novas formas de análise de conteúdo qualitativo, acessando assim o processo de intervenção, garantindo uma melhor confiabilidade dos dados obtidos. A Comunicação 3 *Coping da leucemia infantil por mães* – apresenta uma análise das estratégias de enfrentamento utilizadas por cuidadores, no caso mães de crianças em diferentes estágios da leucemia. Essa avaliação é fundamental para uma futura boa intervenção e, nesse contexto, é possível perceber o quanto a própria avaliação psicológica acaba servindo como um acolhimento as demandas psicológicas desses cuidadores, que não recebem a devida atenção por parte de outros profissionais que compõem a equipe de saúde. As pesquisas relatadas nesta mesa redonda indicam benefícios para a população de demandas específicas, assim como para a comunidade científica, contribuindo para o avanço do conhecimento da área, bem como ampliar e fortalecer as possibilidades de atuação do psicólogo em ambientes de cuidado à saúde.

Coparentalidade e a promoção de saúde da família em diferentes contextos – Discussões sobre instrumentos de medida, envolvimento paterno e Transtorno do Espectro Autista

Carolina Duarte de Souza, João Rodrigo Maciel, Thais Ramos de Carvalho, Mauro Luís Vieira, Maria Aparecida Crepaldi, Elizabeth Joan Barham
(Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de São Carlos)

A educação e criação de crianças demandam investimento de recursos e de cuidados dos adultos. Essa incumbência vem sendo delegada à família, a qual consiste numa organização formada por membros que colaboram para a socialização e os cuidados voltados para a manutenção do grupo e para a transmissão de estratégias de sobrevivência para os mais jovens. Pesquisas apontam fatores determinantes para um maior ou menor envolvimento dos pais com os filhos, dentre eles à forma como os pais (ou outras figuras parentais) interagem, enquanto equipe, buscando combinar como lidar com as tarefas relacionadas à criação de um filho. Esse fenômeno, a coparentalidade, pode ser compreendido como o envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida de seus filhos.
Assim, toda família com crianças e adolescentes possui uma relação coparental entre os adultos responsáveis pelos filhos. Essa relação pode acontecer entre pais biológicos ou adotivos, adultos ou adolescentes, casais heteroafetivos ou homoafetivos, que vivam juntos, estejam separados ou ainda que nunca moraram juntos, ela ocorre também com padrastos/madrastas, avó(ô), irmã(o), tia(o) ou em situação de pena privativa de liberdade. Portanto, a coparentalidade é afetada pela idade e gênero das crianças e dos pais e pelos

diferentes arranjos familiares. Ela também sofre influência de aspectos individuais de cada pai (escolaridade, saúde mental, atitudes e sistemas de valores que seguem), da história familiar anterior à concepção da criança e de contextos fora da família (dificuldades no trabalho, financeiras e na rede de apoio).

Esse processo desenvolvimental pode ser considerado promotor de saúde, quando se compreende o conceito de promoção de saúde em sua complexidade, a partir de uma composição de fatores determinantes e condicionantes do contexto do sujeito. Assim, se funções exercidas e atribuídas pela dupla coparental na família influenciam a qualidade do relacionamento que eles estabelecem entre si; pode-se pensar em saúde como um processo pelo qual o sujeito interage com os eventos da vida gerando transformações individuais e coletivas na sua história. Ademais, de acordo com pesquisas atuais, o processo de desenvolvimento da criança é melhor explicado pela qualidade do relacionamento entre essa dupla que pela investigação da relação conjugal ou do relacionamento parental de cada progenitor com a criança isoladamente. Portanto, é objetivo dessa mesa redonda, coordenada por Carolina Duarte de Souza discutir alguns aspectos relativos à coparentalidade com vistas à promoção de saúde da família.

Nesse sentido, primeiramente é necessário pensar na própria mensuração desse fenômeno psicológico. A coparentalidade é um construto multidimensional complexo que não permite uma investigação profunda por meio de um único instrumento para mensuração do fenômeno. A investigação da relação coparental envolve diferentes arranjos metodológicos: observação direta das relações triádica entre a dupla coparental e a criança e indireta por meio de entrevistas e escalas/questionários. A observação direta é a melhor maneira de acessar os dados ao considerar-se a desejabilidade social e a diferença entre a percepção e o comportamento em si das pessoas. Entretanto, no caso da coparentalidade ela só permitiria o acesso às dimensões comportamentais observadas diretamente e num momento pontual, e não o acesso a processos contínuos. Diante disso, o trabalho de Thais Ramos de Carvalho e Elizabeth Joan Barham da Universidade Federal de São Carlos e apresentado pela primeira autora propõe três questionários e três protocolos observacionais com evidências satisfatórias de precisão e validade sobre coparentalidade, que, se adaptados, apresentam potencial para uso no Brasil.

A coparentalidade também tem sido estudada por meio de associações com outras variáveis como: os estilos parentais; as percepções dos parceiros sobre o estilo de apego; a saúde materna. Dentre essas variáveis, estudos apontam que o estabelecimento de uma relação coparental positiva e cooperativa entre os pais é um dos preditores mais forte e consistente de um envolvimento paterno adequado para pais em geral sejam adultos, adolescentes, casados ou divorciados. As pesquisas sugerem que isso ocorre pelo fato da relação pai-criança ser mais afetada por influências sociais e familiares que a relação mãe-criança. Outras pesquisas, entretanto, encontraram uma bidirecionalidade entre os fenômenos, e ainda existem resultados contraditórios entre estudos longitudinais: alguns concluem que o envolvimento paterno influencia o relacionamento coparental ao longo do tempo, e outra afirma que a coparentalidade influencia longitudinalmente o envolvimento paterno. Assim, Carolina Duarte de Souza, Mauro Luís Vieira e Maria Aparecida Crepaldi da Universidade Federal de Santa Catarina discutem os resultados de uma revisão sistemática e integrativa da literatura sobre os dois fenômenos. O trabalho será apresentado pela primeira autora e insere-se nessa mesa redonda ao buscar compreender a relação da coparentalidade com outro fenômeno importante para a saúde familiar: o envolvimento paterno.

É importante destacar ainda, que a criação de uma criança com doença crônica, com deficiência ou desenvolvimento atípico acarreta em outras repercussões que devem ser investigadas. Dessa forma, um gerenciamento positivo da relação coparental pode ser considerado um fator protetivo que modera a relação entre fatores de risco e o ajustamento

familiar. É por essa razão que João Rodrigo Maciel Portes e Mauro Luís Vieira objetivam ampliar a compreensão desse fenômeno ao propor uma revisão teórica sobre a relação coparental dos pais de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Esse trabalho será apresentado pelo primeiro autor e vai ao encontro da proposta dessa mesa redonda por discutir o fenômeno da coparentalidade em outro contexto de desenvolvimento, nesse caso de famílias de crianças com desenvolvimento atípico.

Otimização dos recursos disponíveis no SUS em equipes multidisciplinares

Marcela Silva Baccelli, Marcia Berbert Ferreira, Fábio Camilo da Silva
(Universidade Metodista de São Paulo)

Com a promulgação da Constituição Federal em 1988 e com regulamentação das Leis nº 8080/90 e nº 8.142/90, Leis Orgânicas da Saúde, ficou estabelecido no Brasil, um Sistema Único de Saúde (SUS) considerado dinâmico e complexo, baseado nos princípios da saúde como um direito de todo cidadão e um dever do Estado. O ideário do SUS tem como matéria constituinte uma atenção abrangente e universal, preventiva e curativa, por meio da gestão e prestação descentralizadas de serviços de saúde, promovendo a participação da comunidade em todos os níveis de governo.
Cabe ressaltar que o SUS vem sendo lapidado cotidianamente, ressignificando iniciativas e ações. Assim sendo, em 2003 foi implantada a Política de Humanização em Saúde (PNH) ou HumanizaSUS. Essa política engloba as iniciativas até então existentes, de forma a aproximá-las e potencializá-las, partindo de algumas experiências do SUS e visando ampliar a discussão sobre o conceito de humanização. Tem como princípios centrais, a inseparabilidade entre a gestão e a atenção em saúde e a transversalidade das práticas produtoras de valores como a autonomia, o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade, o estabelecimento de vínculos solidários, a construção de redes de cooperação e participação coletiva no processo de gestão numa tríplice inclusão (dos sujeitos, dos coletivos e dos conflitos ou analisadores sociais).
Considerando os desafios da concretização do Sistema Único de Saúde e de seus princípios de integralidade, equidade e universalidade, o Sistema de Informatização do SUS (DATASUS), no qual estão dispostos diversos dados de livre acesso, contribui para subsidiar o desenvolvimento de planos de ação mais alinhados à realidade, uma vez que permite a identificação de diversas informações úteis aos profissionais da saúde e seus gestores. Nesse sentido, a regionalização do atendimento à saúde, possibilita que as políticas e gestão dos serviços sejam realizados de forma a não considerar apenas as decisões macro, que atendam a todo o país, mas também as demandas regionais. Torna-se possível, assim, o desenvolvimento de políticas e estratégias alinhadas às características sócio-econômico-culturais no sentido micro, ou seja, considerando as necessidades específicas da população.
Diante do exposto, a presente mesa redonda busca refletir sobre os processos de produção de saúde, em suas relações com os modos de fazer a gestão e atenção. Parte-se, inicialmente, da relevância dos dados extraídos do DATASUS, com objetivo de discutir a utilização desses dados para o direcionamento de estratégias e possíveis modelos de atenção e gestão em busca da integralidade da atenção à saúde.
Também é abordada a questão da importância do registro das informações referentes à saúde infantil nas cadernetas que as crianças recebem ao nascer. Apesar de muitas vezes neglicenciados, os dados que podem ser dispostos nessa caderneta são de extrema importância para fornecer ao profissional de saúde alternativas para detecção e encaminhamento adequado de alterações detectadas precocemente. Considera-se que

realizando Intervenções que minimizem essas vulnerabilidades, haverá diminuição dos impactos no desenvolvimento das crianças, o que corresponde a uma abordagem preventiva, muito mais eficaz e econômica de possíveis distúrbios do desenvolvimento neuropsicomotor como o autismo, problemas de aprendizagem ou transtornos de conduta.
Por fim, aborda-se a intervenção em atenção à saúde a partir do trabalho do psicólogo desenvolvido numa Organização Não Governamental (OnG). Será discutido o modo de fazer articulado ao saber da Psicologia Comunitária, com o objetivo de quebrar os paradigmas existentes no cotidiano de uma comunidade e contribuir para a integralidade da atenção aos usuários em situação de vulnerabilidade. Esse processo consiste em iniciativas centradas nos conceitos de empoderamento, autonomia e a responsabilidade coletiva em desenvolver ações construídas através do fortalecimento da Rede de proteção e assistência à saúde.
Cabe ressaltar que o registro cotidiano dos serviços de saúde é um mecanismo eficaz na minimização da complexidade que permeia o SUS, podendo subsidiar ações voltadas para o alcance da integralidade da atenção à saúde, pois nota-se que um dos desafios enfrentados no cotidiano das práticas de saúde reside exatamente nos modos verticalizados de gestão e na dissociação entre modelos de atenção (modos de cuidar) e modelos de gestão (modos de gerir). O modo de fazer que pelo qual nos orientamos tem base na participação dos usuários como agentes de sua saúde, e coparticipantes na responsabilidade com a promoção de saúde, propondo uma intervenção que vá além do tradicional modelo biomédico.
Neste sentido, é importante destacar algumas ações que colocam em debate os modelos de atenção em vigor, pois o cuidado em saúde apartado dos processos de gestão do cuidado e dos modos de fazer a formação, sedimentam-se e (re)alimentam-se de algumas práticas naturalizadas que só reforçam os impasses que precisamos enfrentar.
Considerando-se que a área da saúde congrega uma amplitude de saberes e fazeres relacionados às diferentes áreas do conhecimento, a presente mesa aponta, portanto, para a necessidade de ressaltar modelos que apresentam um novo jeito de fazer saúde, capaz de articular aos conceitos de saúde, formas de cuidar e gerenciar este cuidado, utilizando-se da integração dados reais e ações práticas efetivas. Essa formatação exige responsabilidade coletiva em desenvolver ações construídas através do fortalecimento da Rede de proteção e assistência à saúde. Questões relacionadas aos desafios da concretização do SUS e modelos de atenção em diferentes segmentos precisam ser empoderadas pela Psicologia da Saúde e os autores sugerem que esta mesa seja um espaço para tais discussões.

Violência e questões de Gênero - Análises e reflexões de pesquisas para as práticas em saúde

Andréia Isabel Giacomozzi, Adriano Beiras, Maria de Jesus Hernández Rodriguez
(Universidade Federal de Santa Catarina)

A violência tem sido destacada como um dos maiores problemas de saúde pública mundial tendo sido em 2015 listada como agenda prioritária para as Nações Unidas. A Organização Mundial de Saúde - OMS define violência como: “O uso intencional de força física ou poder, por ameaça ou por ação contra alguém, um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação". A violência é portanto, fenômeno multifacetado, que atinge a integridade física, psíquica, emocional e simbólica de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no privado. Importante também ressaltar que atualmente nomeiam-se como violência acontecimentos que anteriormente eram práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais, como a violência intrafamiliar, contra mulher ou crianças

e violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias. No Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, três grandes tipos de violência são distintos: a violência auto-dirigida, a violência interpessoal, e a coletiva. Esta mesa redonda apresentará tres trabalhos sobre a violência interpessoal, que inclui a violência entre os indivíduos na comunidade, com objetivo de refletir acerca da influencia das questões de gênero nas violências perpetradas em diferentes contextos, a saber, violência contra mulheres focando nas narrativas dos autores de violência; nas representações sociais sobre violência e comportamento violento entre adolescentes a partir da perspectiva dos proprios adolescentes estudantes do nono ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio de escolas públicas; e na violência obstétrica institucional a partir da narrativa de mulheres que sofreram tais violencias no trabalho de parto e parto. A linha condutora que permitirá aos apresentadores articular os tres trabalhos serão as desigualdades de poder manifestadas através das questões de gênero. Questões de gênero tem sido relacionada a práticas violentas entre homens. Pesquisas tem demonstrado que homens relatam sentir menos culpa e ansiedade quando se envolvem em comportamentos agressivos, enquanto mulheres afirmam ter preocupação com possíveis retaliações, por isso tendem a evitar ser agressivas, adotando comportamento passive frente a violencia. As diferenças comportamentais de acordo com o gênero relacionam-se à educação e os estímulos que meninas e meninos são submetidos. De modo geral, meninos são ensinados a agir de forma agressiva e ativa, enquanto meninas são ensinadas a desenvolver um comportamento dócil e passivo. Tais dados são corroborados pelos três trabalhos que compõe a presente mesa. Compreender a violência no que tange as suas causas e consequências no âmbito da ação social, implica buscar os sentidos orientadores das condutas dos atores e compreender tais sentidos inseridos nos contextos sociais, nos quais são formuladas políticas públicas de enfrentamento da violência. Importa portanto investigar quais valores, crenças e sentidos estão em busca de hegemonia no contexto social, a partir do qual condutas violentas se desenvolvem como a forma mais imediata de resolução de conflitos. Existem, portanto, contextos (objetivos) mais ou menos favoráveis ao surgimento da violência enquanto o que é representado como violência (subjetivo) participa desta realidade. Assim uma violência que se constitui a partir de um contexto, pode produzir também violência como lógica de intervenção, como no caso da violencia institucional que será aqui discutida por exemplo. Pensando na relação objetivo/subjetivo já referida acima, seria viável admitir-se que se poderia falar de violência sempre que a alteridade fosse desconsiderada, ou negada. Em outras palavras, sempre que o outro fosse desconsiderado como sujeito e, em função disto, tratado como objeto, inviabilizando a interação social de forma consensual. Objetiva-se portanto a partir da presente proposta, contribuir com a construção de um corpo de conhecimento que possa auxiliar no combate a violência em diferentes âmbitos, usando como linha comum as questões de gênero envolvidas nestes distintos ambientes.

Trabalho e promoção da saúde

Nancy Julieta Inocente, Alvaisa Queiroz Calcagno, Janine Julieta Inocente, Quésia Postigo Kamimura, Renata da Silva Cardoso Rocha Tavares, Nicole Rascle
(Universidade Estadual de Campinas)

A Saúde no Trabalho se constrói com condições adequadas de trabalho em que incluem os aspectos ambientais, tecnológicos e organizacionais. Para que uma organização fortaleça uma abordagem preventiva à saúde no trabalho, é necessário identificar e agir sobre a origem do risco ocupacional, a fim de evitar que os trabalhadores sejam danificados.

A gestão de saúde nas organizações baseada no modelo biomédico (aspectos físicos e biológicos), não é suficiente para atender aspectos que podem e devem ser trabalhados em programas de promoção de saúde e qualidade de vida, que também envolvem os aspectos psicológico e social.
A visão de saúde corporativa como um componente das propostas de desenvolvimento e valor de mercado, de forma a articular e correlacionar os fatores de riscos de adoecimentos e acidentes a condutas de comportamento e questões sociais em saúde: É fundamental.
O estudo proposto intitulado "Saúde corporativa com vistas à sustentabilidade do capital humano", defende que ao investir em projetos de promoção de saúde coletiva, as empresas investem na saúde dos seus colaboradores ao longo prazo e pode influenciar para a sustentabilidade do capital humano.
Na gestão da saúde, principalmente quando o assunto é a promoção da saúde, excelentes ideias e projetos oferecem dificuldades quando se depara com as diferenças entre as pessoas, tanto individuais como coletivas, por padrões culturais e/ou condições sócio-econômicas, por políticas de saúde e pelo acesso, espécie e natureza do serviço ofertado. Com isso, estas diferenças resultam em um grande obstáculo para que se consiga a padronização dos processos e procedimentos e, dessa forma, a adoção de um tratamento gerencial adequado se faz necessário para se maximizar os benefícios para a população (ERDMANN *et al*, 2006).
Colauto e Beuren (2003, p. 168), apresentam que “as organizações modernas devem preocupar-se e responsabilizar-se pela qualidade de vida, atendendo aos valores básicos, crenças e objetivos fundamentais que norteiam a época e a sociedade na qual estão inseridas”.
Para Czeresnia (2003, p. 51), a promoção da saúde abrange um amplo espectro de estratégias técnicas e políticas que incluem tanto posturas conservadoras como aquelas consideradas radicais.
A Organização Mundial da Saúde – OMS – estima que os transtornos mentais menores acometem aproximadamente 30% dos trabalhadores ocupados, e os transtornos mentais graves, entre 5 e 10%. Existem evidências científicas que relacionam as condições adversas no trabalho com a saúde dos trabalhadores.
Para a Organização Internacional do Trabalho (1986) os principais fatores geradores de estresse estão presentes no meio ambiente de trabalho e contemplam os aspectos da organização, administração e sistema de trabalho e a qualidade das relações humanas.
O e*stresse* ocupacional é resultado da interação das condições de trabalho com as características do trabalhador com origem no contexto de trabalho, em ambientes profissionais com demasiada tensão e pressão que resulta em efeitos negativos constituindo-se um problema de saúde.
Um dos referenciais teóricos utilizados para se compreender o estresse ocupacional é o modelo Esforço e Recompensa no Trabalho, ERI (*Effort/Reward Imbalance)*, desenvolvido por Johannes Siegrist em 1986, na Alemanha. O modelo ERI enfatiza o estresse crônico no trabalho como decorrente do desequilíbrio entre o alto esforço (demandas no trabalho e motivação individual dos trabalhadores na situação de demanda) e a baixa recompensa (recompensa monetária, autoestima e controle social).
No modelo ERI, o esforço é visto como sendo uma resposta individual às demandas impostas sobre o trabalhador. As fontes de esforço constituem em: Esforço Extrínseco que refere-se ao esforço individual para lidar com as demandas externas (as exigências do trabalho); e, Esforço Intrínseco que refere-se à motivação individual do trabalhador para às suas expectativas frente às demandas do trabalho.
Síndrome de Burnout (inglês "burn-out" consumidos) também chamada de"esgotamento do trabalhador" é um tipo de estresse no trabalho crônico. Nos anos 70, o termo Burnout foi

definido por Herbert J. Freudenberger. Em 1986, os psicólogos americanos C. Maslach e Jackson S. definiram Burnout como uma síndrome de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal que ocorre naqueles indivíduos que trabalham em contato com os clientes e usuários.
Síndrome de Burnout (Inglês "burn-out" consumidos ou utilizados para cima) é caracterizada por exaustão física e mental progressiva, a falta de motivação para as tarefas executadas, e, sobretudo, importantes mudanças comportamentais em sofredores.Esta mudança de atitude, geralmente associada a "maus modos" a outros, ou maus tratos, é uma das variáveis para identificar as características de burnout.
Assim, a prevenção de doença e promoção da saúde no trabalho torna-se um dos principais objetivos da nova visão estratégica organizacional com tarefas prementes no sentido de encontrar formas de eliminar e/ou reduzir as consequências do e*stresse* ocupacional.
O objetivo geral da mesa é apresentar a temática da saúde do trabalho, em uma visão interdisciplinar, no sentido de reforçar a ideia de promover o bem-estar físico, emocional e social no local de trabalho e não somente ausências de acidentes de trabalho. A mesa está estruturada com os seguintes aspectos:
O objetivo do primeiro trabalho é analisar as ações de promoção à saúde e prevenção de doenças desenvolvidas em uma empresa do ramo industrial e de grande porte, instalada na região do Vale do Paraíba.
O objetivo do segundo trabalho e´ identificar a prevalência do Estresse Ocupacional docentes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na escola pública em Belém, capital do Estado do Pará.
O terceiro trabalho apresentado tem como objetivo verificar a influência de variáveis sócio-demográficas, contextuais (ligadas ao trabalho), psicossociais (grau de estresse profissional, sentimento de solidão) pessoais (grau de perfeccionismo) sobre o *burnou*t nos cirurgiões-dentistas.

Associação entre temperamento e comportamento em crianças nascidas pré-termo com hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar.

Fabiola Dantas Andréz Nobre, Doane Sábio Sevidone,
Maria Beatriz Martins Linhares (FMRP-USP)

O nascimento prematuro constitui-se em risco para problemas de comportamento na trajetória de desenvolvimento. Os problemas de atenção e hiperatividade são prevalentes em crianças com história de prematuridade. Os problemas de comportamento precisam ser prevenidos e entender as relações entre traços disposicionais de temperamento e comportamento pode contribuir para as estratégias de prevenção. O objetivo do estudo foi examinar as associações entre indicadores de temperamento e comportamento em crianças nascidas pré-termo com a presença de hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar. O estudo tem relação com o eixo temático PCV, subtema 1.1, pois foi realizado com crianças com o risco da prematuridade no contexto hospitalar, em que foram acompanhadas sistematicamente. O pressuposto epistemológico do estudo tem por base a abordagem da Psicopatologia do Desenvolvimento. A amostra foi composta por 50 crianças nascidas pré-termo com muito baixo peso ao nascimento, com idade entre seis e sete anos e 11 meses de idade, participantes de um programa de *follow-up* em um hospital universitário de nível terciário (HCFMRP-USP). Nesta amostra 50% tinham indicadores de hiperatividade e problemas de atenção. Foram utilizados o *Child Behavior Questionnaire (CBQ),* Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) e ficha de caracterização da amostra. A história clínica foi

analisada com base nos prontuários médicos. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e de correlação (teste de de Pearson) entre as variáveis temperamento (afeto negativo, extroversão e controle com esforço) e comportamento (total de problemas de comportamento, comportamento pró-social, sintomas emocionais, problemas de conduta e problemas de relacionamento com os colegas), respectivamente ($p \leq 0,05$). Os resultados indicaram que houve associação entre as variáveis do temperamento e do comportamento nas crianças nascidas prematuras com problemas de hiperatividade e problemas de atenção. Verificou-se que quanto mais afeto negativo e menos controle com esforço no temperamento, menos comportamento pró-social, e quanto mais extroversão no temperamento, mais sintomas emocionais e problemas de relacionamento com os colegas. Os achados mostram indicadores de dificuldade nos processos de regulação emocional e comportamental no desenvolvimento de crianças nascidas prematuras com indicadores de hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar. Medidas preventivas devem ser tomadas em fases iniciais do desenvolvimento desse grupo de crianças vulneráveis.

Palavras-chave: Nascimento pré-termo; Hiperatividade; Problemas de atenção; Temperamento; Comportamento.

Crianças e adolescentes hospitalizados: fatores de risco e proteção

Lauren Perdigão Affonso, Dolores Sanches Wunsch, Larissa Edom Bandeira, Loredana Amaral Marzocchella (Hospital de Clínicas de Porto Alegre)

A internação de um membro da família, em especial de uma criança ou adolescente, se constitui num período de importantes mudanças na organização e rotina familiar. As dificuldades enfrentadas ao longo desse período dependem, em muito, de aspectos relacionados ao ambiente hospitalar e à forma como cada família o vivencia. O objetivo do presente trabalho é discorrer sobre o ambiente da internação hospitalar pediátrica e fatores de risco e proteção associados ao desenvolvimento psíquico da criança/adolescente. Trata-se de um relato de experiência, baseado na inserção na Internação Pediátrica como psicólogas e enfermeira residentes de um hospital público. O trabalho enquadra-se no eixo “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida”, subtema “Atenção integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento”. O ambiente da internação hospitalar pediátrica possui particularidades quando comparado a outros setores do hospital, enfatizando-se a atuação de equipe multiprofissional. Como principais fatores de proteção à criança/adolescente hospitalizados estão o olhar singular da equipe para cada caso e intervenções mais humanizadas, abrangendo aspectos físicos, sociais e psicológicos. A inclusão da família e a comunicação efetiva com equipe médica e de enfermagem contribuem para o cuidado integral do paciente. Os pais podem ser considerados uma referência para a criança, auxiliando no enfrentamento da doença e da hospitalização. Outro fundamental fator de proteção que vem sendo valorizado, inclusive com a criação de brinquedotecas, são as atividades lúdicas desenvolvidas ao longo da internação. O brincar é uma importante forma de enfrentamento e elaboração da situação, podendo minimizar o ambiente hostil da internação hospitalar e auxiliar no melhor entendimento por parte da criança. Como fatores de risco, encontramos as dificuldades na comunicação com a equipe e no entendimento do quadro clínico e respectivo tratamento, pouca articulação entre profissionais e familiares. Ademais, problemas e conflitos de diferentes ordens que permeiam o cotidiano das famílias, independentemente à internação, podem influenciar a vivencia dessa família, citando-se o caso de crianças desacompanhadas por longos períodos de tempo. Considerando-se a

complexidade do contexto da internação pediátrica, é importante continuar refletindo e promovendo estratégias para que não ocorram prejuízos ao desenvolvimento da criança/adolescente. Um olhar atento para cada caso, a articulação da equipe multiprofissional e o fortalecimento do vínculo com as famílias, auxiliam na promoção e ampliação do cuidado em saúde dos pacientes e em seu processo de recuperação.

A percepção de universitários sobre as consequências do beber pesado episódico

Marília Ignácio de Espindola, Daniela Ribeiro Schneider (UFSC),
Carolina Bunn Bartilotti (Universidade Federal do Sul SC)

A pesquisa tem como objetivo caracterizar o padrão BPE entre universitários brasileiros e a percepção sobre as consequências desse tipo de abuso de álcool. Estudantes universitários têm apresentado um consumo de álcool e outras drogas de forma mais intensa e frequente comparado com outras populações em geral. O comportamento de Beber Pesado Episódico (BPE) ou Binge Drinking conceituado pelo consumo de volume excessivo de álcool num curto espaço de tempo tem sido considerado um dos padrões de consumo de álcool mais problemáticos, pelos vários riscos à saúde que comporta, principalmente em população jovem, sendo muito comum entre estudantes universitários. O presente trabalho evidenciou que o comportamento de BPE tem consequências negativas para quem o pratica e também é característico de jovens. Na revisão bibliográfica esse comportamento tende a diminuir com o passar do tempo, entretanto é na juventude que são feitas as escolhas mais importantes e que terão influência para o resto da vida do indivíduo. O abuso do álcool, principalmente na forma de BPE, pode afetar consideravelmente nessas escolhas. Há várias consequências desse comportamento como problemas de saúde e atraso nos estudos e que pode afetar o ciclo de vida desses estudantes. A pesquisa teve delineamento descritivo exploratório, de corte transversal com natureza quantitativa. Utilizou-se de questionário on-line com questões fechadas, aplicado em grupos de universitários de uma rede social. Participaram 2641 estudantes de todas as regiões do Brasil. Entre os participantes 56 % eram mulheres e 44% homens, sendo que a grande maioria tinha até 24 anos e estudavam em instituições públicas (82%). Considera-se um bebedor pesado 24,8% dos respondentes, sendo que 12,4% beberam de 5 a 10 doses em uma única ocasião de cerveja e 4,1% beberam acima de 11 doses, e ainda 8,8% já tomaram mais de 5 doses de destilados em uma única ocasião. Verificou-se que a bebida mais utilizada no BPE é a cerveja. Os homens praticaram mais o BPE (31,7%) do que as mulheres (19,5%). Dos que já praticaram o BPE, 75,8% responderam que repetiram esse consumo. Consideram que o BPE de médio risco 43,9% da amostra e 7,4% o definem como baixo risco. Conclui-se que uma parcela significativa dos universitários pratica o BPE e sua maioria não percebe o alto risco relacionado a esse comportamento.

Palavras-chave: Beber Pesado Episódico, Universitários, Abuso de Álcool.

Aproximação aos contextos naturais da criança: a intervenção precoce centrada na família e em parceria com a escola

Mônica Sperb Machado, Angélica Dotto Londero, Renata Petry Brondani,
Tamires Dias Santos, Camila Schmitt Pires (UFSM)

O presente trabalho visa relatar a experiência de estudantes de psicologia da Universidade Federal de Santa Maria no contexto de uma Unidade de Educação Infantil, na cidade de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul. A prática das estudantes está vinculada ao projeto de extensão denominado “A psicologia na clínica interdisciplinar de bebês”, registrado na referida universidade, e busca aproximar-se ao modelo português de Intervenção Precoce Centrada na Família (Franco, 2015). Este se caracteriza por intervenções interdisciplinares que objetivam responder às necessidades de crianças que tem seu desenvolvimento ameaçado por fatores de risco biológicos e/ou ambientais, bem como de suas famílias, buscando minimizar tais riscos e promover o máximo desenvolvimento destas. Assim, este trabalho aborda uma temática da psicologia da saúde relacionada à atenção integral em diferentes contextos de desenvolvimento de crianças. Considera-se alvos das intervenções as crianças na faixa etária dos 0 aos 6 anos que apresentam alterações nas funções ou estruturas do corpo, risco grave ao desenvolvimento, ou ainda, aquelas expostas à situações de risco no contexto familiar. Assim, o projeto acompanha cerca de 15 crianças que atendem a estes critérios. As práticas, que iniciaram no ano de 2016, envolvem encontros semanais para orientação acadêmica, supervisão, planejamento das intervenções e capacitação das estudantes, bem como em reuniões junto à psicóloga da Unidade. Incialmente foram identificadas as crianças com sinais de risco ao seu desenvolvimento, através de observações pelas estudantes e relatos das professoras ou psicóloga da unidade. Então, iniciou-se o processo de planejamento das intervenções. As intervenções propostas podem consistir em observações na sala de aula, conversas e orientações com as educadoras e com os familiares, realização de visitas domiciliares, ou ainda, encaminhamentos para diferentes especialidades no que o projeto conta com equipe interdisciplinar em IP. Entende-se que estas práticas permitem uma aproximação aos contextos de desenvolvimento naturais da criança, em geral família e escola, além da possibilidade de intervir nestes conforme necessário. Também, que estas atividades, no que puderem valer-se dos elementos presentes na rede comunitária da criança, podem fortalecer as competências destas instâncias, promovendo inclusão social, saúde e aprendizagem da criança e sua família. Considera-se relevante a realização deste trabalho, no que tenta aproximar-se dos modelos de IP que vem apresentando bons resultados em outras localidades e que, adaptados e aplicados na realidade local, podem acarretar importantes benefícios às crianças e suas famílias, no que diz respeito à promoção de seu desenvolvimento e bem-estar.

Da bolha ao sujeito: intervenções em estimulação precoce

Laura de Macedo Haeser, Thiciara Mattiazzi (Instituto Pais e Bebês

Este relato de experiência objetiva articular a prática clínica de estimulação precoce com os pressupostos teóricos da psicanálise freudo-lacaniana a partir de um estudo de caso. Contribuindo com os estudos da psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida, destaca-se uma especificidade da clínica com bebês com foco na prevenção da saúde, abordando os primórdios da constituição do sujeito e colocando-os em destaque no que tange aos problemas do desenvolvimento. Para a psicanálise, o desenvolvimento humano e a constituição do sujeito psíquico se dão nas relações e trocas que o bebê estabelece com os outros semelhantes desde os primórdios da vida. Este artigo discorrerá sobre as operações psíquicas fundantes do sujeito, dando ênfase à posição do agente da função materna, enquanto promotor dessas operações iniciais. Também abordará os riscos para a constituição psíquica do bebê quando ocorrem fraturas da função materna que podem apontar para os graves problemas de constituição subjetiva. A ilustração clínica será usada como guia de

discussão sobre o ato psicanalítico, a função do agente materno e a intervenção precoce, procurando localizar a posição do psicanalista no tratamento com bebês. Para ilustrar, serão usados fragmentos de um caso clínico de um bebê de sete meses que chega ao consultório por uma preocupação da mãe de que estaria apresentando sintomas autistas assim como o irmão de cinco anos, diagnosticado com autismo aos três. Na estimulação precoce, o clínico, por meio da intervenção, busca a produção de um sujeito no bebê, assim como promover as condições para que ele possa vir a se apropriar das aquisições instrumentais do desenvolvimento (psicomotricidade, linguagem, aprendizagem, hábitos de vida e socialização) e intervém a partir da produção de cada bebê e da escuta de seus pais. A cada intervenção a *direção do tratamento* é tecida de acordo com a produção do bebê. Muitas operações estão em jogo nessa passagem do *infans* à condição de sujeito, esse trabalho abordará algumas delas, ciente de que cada fragmento poderia abrir muitas outras questões teóricas que se apresentam na clínica.

Qualidade de vida e diabetes *mellitus* tipo 1 na adolescência

Marina Menezes, Leo Lynce Valle de Lacerda (UNIVALI)

O Objetivo do presente estudo foi avaliar a qualidade de vida em relação à saúde (QVRS) de adolescentes de 10 a 18 anos com diagnóstico de diabetes *mellitus* tipo 1 (DM1), usuários dos serviços de duas unidades de atenção secundária em saúde municipal, de uma cidade do sul do Brasil. Está relacionado ao Grupo de Trabalho de Psicologia Pediátrica, sob o Eixo Temático PCV, visto que aborda a relação entre saúde, doença e o desenvolvimento global de adolescentes. A DM1 é uma doença crônica caracterizada pela produção deficiente de insulina no corpo, com implicações na vida diária de adolescentes e suas famílias. O gerenciamento do controle e tratamento afeta a qualidade de vida, compreendida como um construto que abarca o ajustamento psicossocial, bem-estar, autoestima, estresse e estratégias de enfrentamento. Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal e de cunho quantitativo, sendo os dados coletados através do Questionário KIDSCREEN-52 versão brasileira, com 20 usuários, sendo 65% do sexo feminino, com idades entre 12 a 18 anos (60%), oriundos das classes socioeconômicas B e C (63%), com diagnóstico de DM1 entre 4 a 6 anos (30%). Para a análise dos dados foi utilizada estatística inferencial por meio das provas não paramétricas de Mann – Whitney, Kruskal – Wallis e a correlação de Postos de Spearman. Os resultados indicaram de maneira geral que os adolescentes possuem uma ótima percepção de QVRS, ressaltando os aspectos positivos da família e da ausência de discriminação e *bullying* entre colegas. Apenas na dimensão Saúde e Atividade Física, a mediana foi a menor de todas. Na análise entre idade e as dimensões de qualidade de vida observou-se relação significativa na dimensão Sentimentos e Ambiente Escolar e Aprendizagem, com medianas maiores para a faixa etária de 10 a 14 anos. Na relação entre QVRS e tempo de diagnóstico observou-se correlação positiva e significativa nas dimensões Autonomia e Tempo Livre e Amigos e Apoio Social. Os resultados revelaram que a DM1 parece afetar a percepção de saúde e atividade física dos adolescentes, porém o ambiente familiar e a família, assim como a ausência de discriminação e *bullying* entre os pares foram percebidos de modo positivo. Com relação à idade e o tempo de diagnóstico, os resultados encontrados sugerem que na medida em que o adolescente se adapta ao controle e tratamento da DM1, sua percepção acerca de sua autonomia e círculo de amizades é mais positiva.

Violência doméstica e crianças no cenário brasileiro: uma revisão de literatura

Luciane Guisso, Milena Carolina Fiorini (UFSC)

O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão de literatura referente à temática da violência doméstica e infância, com foco nas publicações nacionais. Referente ao eixo temático escolhido (Influência das redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença, subtema Intervenções em rede em contextos de violência), este tema tem relação, pois trata-se de uma investigação teórica com o intuito de identificar o que tem se produzido em âmbito nacional nos últimos cinco anos (2011-2016) a respeito do assunto: violência doméstica e infância. A violência é uma questão fundamental de ser pensada em função do impacto que provoca na vida das crianças que vivenciam essa experiência ao longo do seu desenvolvimento. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados Periódicos Capes, Scielo e Pepsic. Foram localizados ao total 122 artigos (34 artigos no periódicos Capes, 71 no Scielo e 17 no Pepsic). Foram excluídos artigos que não estavam dentro da temática, eram em outras línguas, repetidos e com data fora do estabelecido neste estudo. Ao final restaram 41 artigos que foram lidos na íntegra e analisados por meio de análise de conteúdo. Conforme as temáticas dos artigos, chegaram-se a 05 categorias*: 1) Concepção de profissionais de saúde sobre violência na infância* (cujos estudos apontam para a limitação na formação dos profissionais da área da saúde em detectar a violência doméstica, lidar e em realizar os encaminhamentos adequados); *2) Contextos de atendimento a violência infantil* (as pesquisas indicam que os órgãos, como o jurídico, não possuem um aparato de acolhimento e escuta qualificados para atendimento às crianças vítimas de violência familiar, o que provoca muitas vezes a revitimização da criança); *3) Violência e infância enquanto possibilidade de estudo* (uma vez que precisa-se conhecer mais dessa temática e seus impactos); *4) Família e os tipos de violência* (no que se refere à violência física e negligência, as pesquisas apontam que a mãe está mais envolvida, e em relação à violência sexual, o pai tem maior participação); e, *5) Crianças vítimas de violência e a relação com dificuldades de aprendizagem* (em que crianças que sofrem violência em suas famílias apresentam rendimento acadêmico mais comprometido). Considera-se, que a violência doméstica vivenciada por crianças é um fenômeno complexo, que necessita de maiores e estudos e investimentos em capacitação dos profissionais, políticas públicas adequadas, bem como auxílio aos pais, que muitas vezes também presenciaram práticas educativas semelhantes em sua infância.

Palavras-chave: violência doméstica, violência intrafamiliar, criança.

Caracterização de uma população envolvida em casos de violência doméstica

Samara Morais dos Santos, Maria Geralda Viana Heleno (UMESP)

A violência doméstica é caracterizada, principalmente, pela violência ocorrida contra a mulher dentro de sua residência e, muitas vezes, quem comete o crime é seu próprio parceiro. Tal crime foi e continua sendo muito frequente em diversas partes do mundo. E, embora nos últimos anos tenham surgido intervenções até mesmo em âmbito mundial para prevenir e extinguir a violência doméstica, este crime continua a ocorrer. Partindo destes pressupostos, o presente trabalho teve como objetivo caracterizar uma população envolvida em violência doméstica, de forma a identificar suas características, a partir de indicadores estabelecidos. Por ser realizada em um contexto de violência, a presente pesquisa relaciona-se com o Eixo

4: Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença. Para alcançar este objetivo foram utilizados os prontuários disponibilizados pela 2ª Vara Criminal, na região do Grande ABC Paulista. Os resultados mostraram que 18,5% das vítimas possui entre 30 e 39 anos, 50% possuem apenas o 1º Grau e se identificam 66,67% como brancas. Os agressores possuem em 13,6% dos casos 40 a 49 anos, 43,85% possuem o 2º Grau e também se identificam em maior número como brancos, sendo 64,86%. Durante a ocasião da agressão 30,49% das pessoas eram casadas e 73,85% mantinham o relacionamento a mais de seis anos. Esses dados mostram que a violência doméstica se perpetua no ambiente familiar. Pode-se hipotetizar a possibilidade de que a violência ocorra durante anos até que a vítima venha a denunciar os abusos ou a violência sofrida, que pode estar relacionada a falta de apoio familiar e social, decorrentes da questão de gênero. Apesar da pesquisa não contemplar um grande número de casos, mais dados estão sendo coletados.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Violência de Gênero; Caracterização Populacional.

Adolescentes em conflito com a lei: da violência à medida socioeducativa

Andressa Sauzem Mayer, Samara Silva dos Santos (UFSM)

Este trabalho tem como objetivo analisar as principais causas do envolvimento de adolescentes com atos infracionais, refletindo sobre as consequências e possibilidades das intervenções socioeducativas. Considerando a problemática entorno da violência e da infração juvenil, destacam-se a complexidade dos problemas estruturais, sociais, culturais e históricos que associados às sistemáticas violações de direitos convergem para essa resultante. A relação com o eixo temático “Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença”, sob a ótica do subtema “Intervenções em rede em contextos de violência” convergem à discussão dessa temática. Entende-se que o contexto familiar e comunitário muitas vezes apresenta a violência a esses adolescentes, refletindo-se sobre as redes sociais que permeiam essas questões ressaltando as possibilidades geradas diante das medidas socioeducativas. A partir dos pressupostos epistemológicos do Construtivismo Social em conjunto a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, compreendendo a adolescência através da inter-relação de fatores e recursos contextuais e individuais que refletem no seu desenvolvimento. Este trabalho deriva do projeto de pesquisa intitulado: “Psicologia e políticas públicas: saúde e desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade social” submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria. Foi utilizada uma entrevista piloto feita com uma psicóloga, de uma instituição de meio fechado que atua na socioeducação, e os dados analisados de maneira qualitativa, por meio da análise de conteúdo. A participante relata sobre as principais causas para os adolescentes em conflito com a lei ingressarem no sistema socioeducativo, revelando que os principais atos infracionais cometidos envolvem roubo ou o tráfico de drogas. Ela afirma a notável vulnerabilidade social que esses adolescentes se encontram e reflete sobre a associação com grupos e gangues. Problematiza-se acerca da adequação das medidas socioeducativas em relação ao ato infracional cometido. Dados atuais do levantamento do SINASE apontam para o aumento da taxa de internação em contraponto a diminuição de crimes hediondos, confirmando a vulnerabilidade social a que esses adolescentes estão expostos. Além disso, questiona-se a aplicação dessas medidas que vão de encontro com as ideias dessas políticas públicas. A relação com esses atos infracionais e as gangues indicam as dificuldades em torno do desemprego, da pobreza, da desigualdade e da exclusão social. Observa-se a importância da ampliação de programas de

medidas socioeducativas em meio aberto a fim de garantir a exploração de potencialidade pessoais e o desenvolvimento das redes sociais que o circundam de forma saudável.

O processo hermenêutico da violência no contexto da prática profissional de assistentes sociais: narrativas de experiência profissional

Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Cibele Cunha Lima da Motta, Scheila Krenkel, Helena Viana Fraga, Bruna Hainzenreder (UFSC)

Neste estudo, objetivou-se compreender como profissionais do serviço social identificam e interpretam as demandas de violência e quais os procedimentos de encaminhamentos realizados para o acolhimento das pessoas e/ou famílias atendidas. O pressuposto epistemológico norteador deste estudo é o Pensamento Complexo. Pesquisa de natureza qualitativa, em que foram entrevistados 13 assistentes sociais. A organização e análise dos dados ocorreu com base na *Grounded Theory,* com auxílio do *software* Atlas.ti 5.0. Foram estabelecidas sete categorias de análises: 1. Significados atribuídos à violência no contexto profissional; 2. Reconhecendo as situações e as narrativas de violência familiar; 3. Realizando o acolhimento dos envolvidos nas situações de violência; 4. A interpretação da informação sobre situações de violência; 5. Estereótipos de gênero nas narrativas de violência e na ação profissional. 6. Proposta de ações e estratégias profissionais de intervenção junto à informação de violência; 7. Reflexões sobre o impacto da violência na prática profissional e o papel da mídia e das políticas públicas na intervenção junto à violência. Todas as participantes foram mulheres, com idade entre 26 e 47 anos. A maioria com curso de especialização na área de violência e/ou especialização similar. Sete eram casadas, com média de dois filhos. Houve predomínio da religião católica e espírita. O tempo de atuação junto aos programas de violências variou entre dois anos e meio e 17 anos. Dos resultados das categorias de análise, destacam-se: a) para as profissionais, a violência é uma atitude extrema dos seres humanos e de difícil compreensão em certos momentos; b) Reconhecem a impossibilidade, na prática, de definir a violência devido a suas diferentes manifestações e que uma não pode ser pensada sem a presença das demais; c) Acreditam que as causas da violência estão relacionadas, principalmente, aos estereótipos de gênero; d) Reconhecem a importância de perceber os limites profissionais do acolhimento, pois depende do vínculo o que eles conseguem trabalhar com as famílias. Conclui-se destacando a qualificação das participantes e seu interesse em aumentar sua gama de recursos para melhor acolher as demandas. Igualmente, registra-se a ausência total, por parte de gestores e instituições envolvidas, de dispositivos efetivos de qualificação, aperfeiçoamento profissional e acolhimento à saúde mental dos profissionais que atuam junto às situações de violência. Este estudo vai ao encontro do eixo temático Influência das Redes sociais e de suporte social nos processos de saúde e doença, visando contribuir para a reflexão e discussão das práticas profissionais relacionadas à temática.

Palavras-chave: Prática profissional, Assistência social, Violência.

Revisão de literatura: acolhimento psicológico de pessoas em situação de migração forçada e refúgio

Juceleine Pereira Wako, Silvia Viodresinoue (UNISANTOS)

Introdução: Até 2014no Brasil 7.490 estrangeiros foram reconhecidos como refugiados pelo (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS **-** ACNUR, 2014). Sem perspectivas para a resolução dos conflitos e desastres responsáveis por esse quadro, a migração forçada e refúgiotendem a aumentar nos próximos anos. A situação de refúgio ou migração em si não tornam o indivíduo propenso a transtornos mentais, o expõe a estressores que influenciam a saúde mental e adaptação ao país acolhedor. Para a maioria dos refugiados e migrantespreocupações atuais, incertezas sobre o futuro e dificuldades pós migração são os principais desencadeantes de sofrimento emocional (ARAGONA et al, 2011; SHEDLIN et al, 2014) cujo impacto pode ser amenizado com acolhimento adequado às necessidades e com serviços básicos, segurança e suporte social (GAGLIATO et al, 2015).
Objetivos: identificar a produção científica sobre acolhimento psicológico de pessoas em migração forçada e refúgio e analisar estratégias de acolhimento psicológico no país acolhedor.
Métodos: Trata-se de uma revisão da literatura publicada entre2005 a 2015sobre acolhimento psicológico de pessoas em migração forçada e refúgio. O levantamento foi realizado nas bases Scielo, Pubmed e BVScom os termos “refugiados”; “migrantes forçados” e “imigrantes forçados” combinados e alternadamente com os termos “acolhimento psicológico”; “atendimento”; “intervenção” e “acolhimento”, nos idiomas Português, Inglês e Espanhol, excluíram-se resenhas, editoriais e livros.Os artigos selecionados foram sistematizados por Título, Autor, Ano de publicação, Periódico, Objetivos, Tipo de Estudo, População, Local do Estudo, Resultados e Conclusões.
Resultados: a busca resultou em 203 artigos, em seguida excluíram-se artigos com: réplicas (N=42); título sem ao menos uma combinação das palavras-chave (N= 62); artigos sobre saúde mental (N=29), dados estatísticos (N=11), artigos que abordavam o tema superficial e perifericamente (N=13). Incluiu-se relatos de experiência (N=13), relatos de pesquisa(N=23), proposta de intervenção (N=4) e revisão de literatura (N=6). Dos 46 artigos,8abordavam o acolhimento em atenção básica na busca por cuidados à saúde física; 19o acolhimento na clínica por profissionais da saúde mental. Destes últimos10 abordam estratégias com suporte social e da comunidade, 3 o acolhimento no primeiro contato, 3 o acolhimento culturalmente adaptado, 2 o acolhimento como prevenção em saúde mental e 1 a perspectiva dos acolhidos.
Conclusão: Ainda é escassa a literatura sobre acolhimento nos primeiros contatos, em especial com ênfase no acolhimento psicológico associado ao cuidado interdisciplinar.Tais práticas são preventivas em saúde mental e facilitadoras da adaptação e integração dos refugiados.

Intervenção com Haitianos em Balneário Camboriú

Fernanda Veiga, Maria Vitória Schizzi Tiepo, Raíssa Didzan (UNIVALI)

Eixo temático: Intervenções em rede em situação de imigração.
Este projeto de intervenção foi desenvolvido durante o período curricular da matéria de Ambientação Profissional, tendo como objetivo aproximar-se da realidade em que imigrantes Haitianos vivem no Brasil. A princípio, a pesquisa iria ocorrer em uma instituição física, porém, durante a chegada à comunidade, percebeu-se que não existia estrutura para acolher esses imigrantes. Dessa forma, foi feito um levantamento de demandas, entrevistas abertas e discorreu-se sobre as dificuldades e fragilidades que permeiam o cotidiano desses sujeitos. A intervenção ocorreu no dia 22 de setembro de 2015, durante o período vespertino. O bairro das Nações, local aonde foi feita a visitação, é conhecido como grande polo de imigrantes Haitianos, principalmente por ser de fácil acesso econômico e geográfico. Para a realização

da coleta de dados, o tipo de pesquisa utilizada foi a entrevista semiestruturada, com entrevistas abertas e informais. Foram desenvolvidas cinco perguntas abrangendo aspectos culturais, pessoais e profissionais referentes a adaptação em um novo contexto social. Durante a conversa entre acadêmico e imigrante, procurou-se manter uma postura neutra, sem interferência de concepções e costumes pessoais. Conseguinte a isso, pôde-se realizar um trabalho de maneira ética e humanizada, desmistificando preconceitos e opiniões que subjuguem aquilo que gera estranheza. Durante a visita muitas demandas foram levantadas, percebendo a frequência de questões referentes ao trabalho, à inserção social e ao preconceito. Portanto, a partir de uma análise, foi feito um projeto de intervenção tencionando a fragilidade desse imigrante à realidade de um novo contexto social e podendo oferecer informações a respeito das políticas públicas que asseguram o direito à saúde, educação e assistência.

Limites e infância: um estudo sobre a construção de limites por mães, pais e responsáveis de crianças pré-escolares e escolares

Jennifer Vanessa Avila dos Santos, Carolina Prietto Ferrazza, Carolina Schmitt Colomé, Gabriela Sarturi Rigão, Isadora Cristina Putti Paludo, Daniele Dalla Porta, Marina Peripolli Antoniazzi, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

A construção de limites é um tema de grande relevância ao se pensar na educação infantil. Alvo de pesquisas em diversas áreas do saber, a infância é considerada um importante período de aquisição de habilidades sociais. Assim, as estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos são consideradas determinantes nesta fase e irão permear o desenvolvimento da criança no decorrer de sua vida. A educação dos filhos é uma temática que merece ser discutida, pois é na família que as crianças desenvolvem as habilidades básicas de convivência que serão utilizadas mais tarde em outros meios sociais. Desta forma, o objetivo deste estudo foi conhecer como os pais e/ou responsáveis de crianças pré-escolares e escolares impõem limites na educação de seus filhos. Essa pesquisa se insere no eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida (PCV) e subtema Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento. Trata-se de um estudo qualitativo, que se encontra em andamento e pretende entrevistar cerca de 60 mães, pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas na educação infantil e no ensino fundamental em escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, sendo que essa amostra será dividida entre escola pública e privada. Para essa análise preliminar, foram entrevistados 10 participantes. Foram utilizados, para a coleta dos dados, os seguintes instrumentos: ficha de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada sobre práticas educativas e questionário sobre os direitos da criança e do adolescente. A partir da análise de conteúdo de Bardin, realizada com dados preliminares, foi possível observar que a imposição de limites se apresenta de forma distinta. Nesse sentido, alguns participantes mencionaram impor limites através do diálogo e negociação. Em contrapartida, outros apresentam dificuldades em estabelecer limites com esses recursos, passando então a impor limites através de atitudes repressoras como castigos e palmadas. É importante, neste contexto, que os pais reconheçam o papel de autoridade que tem e devem representar, sem, no entanto, serem autoritários no sentido de não encorajar a autonomia da criança, ao procurar modelar e controlar o comportamento dos filhos através de regras rígidas estabelecidas. Desta forma é fundamental a promoção de espaços de esclarecimento de dúvidas sobre a educação infantil e a postura dos pais e/ou responsáveis frente às adversidades que permeiam o dia a dia.

Orientações multiprofissionais em saúde às famílias de bebês prematuros

Jaqueline Borella, Talya Pedron Alves, Josiane da Silva Delvan (UNIVALI)

A prematuridade pode trazer prejuízos ao bebê, principalmente a sua capacidade de interação com os pais e a formação do apego. As orientações em saúde às famílias com bebês prematuros realizadas por meio das atividades do estágio obrigatório tiveram como objetivos acompanhar o desenvolvimento dos bebês de risco, bem como esclarecer possíveis dúvidas, angústias e receios que a família venha apresentar com relação a estes bebês, bem como observar a existência de vínculo afetivo entre os bebês e seus pais. Os atendimentos aos bebês prematuros e suas famílias aconteciam semanalmente por uma equipe multiprofissional formada por estudantes e profissionais de psicologia e medicina. Os atendimentos eram realizados no Ambulatório de Neonatologia da Unidade de Saúde Familiar e Comunitária da UNIVALI que atende bebês em sua maioria prematuros, de baixo peso e egressos da UTI Neonatal encaminhados pelas unidades de saúde do município e de outras cidades por ser referência neste tipo de atendimento. Antes dos atendimentos, a equipe multiprofissional fazia a discussão do caso para a compreensão do mesmo e a elaboração de possíveis orientações em saúde aos bebês e suas famílias. Os resultados alcançados no atendimento às famílias com bebês prematuros se referem à ampliação das habilidades parentais no cuidado com o bebê, bem como a formação do apego, de forma a assegurar o desenvolvimento saudável dos membros da família. Portanto, esta experiência pode ser inserida no eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida (PCV), compreendendo os subtemas: 1.1 Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento e 1.4 Saúde da família.

Palavras-chave: Bebês prematuros, Família, Equipe multiprofissional

---

Aceitabilidade como categoria em desenhos avaliativos: uma possibilidade de implicação da perspectiva do adolescente em programas de saúde

João Fillipe Horr (FURB), Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

O presente estudo tem por objetivo discutir a construção de um modelo lógico avaliativo, utilizando a categoria de aceitabilidade para expressar a satisfação dos adolescentes na implementação do programa preventivo *Unplugged*. Integra-se, portanto, ao eixo temático 1, no subtema 1.1. Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento. As políticas e programas de prevenção, baseados em evidências, no campo do abuso de drogas, representam o modelo contemporâneo adotado na maioria dos países desenvolvidos. Além disso, o público-alvo destes programas é majoritariamente crianças e adolescentes, devido aos diferentes níveis de exposição aos riscos e as implicações dos desfechos negativos em saúde no seu desenvolvimento. No entanto, há uma lacuna de estudos existentes a respeito das expectativas ou de satisfação de adolescentes em relação às intervenções em saúde, apesar de evidências significativas da relação entre a satisfação do cuidado e o impacto das intervenções em saúde de acordo com o público-alvo adulto. Há uma hegemonia na visão centrada na perspectiva do adulto de diversas políticas voltadas para crianças e adolescente, necessitando verificar a adequabilidade das práticas em relação ao público-alvo. Na avaliação de programas a aceitabilidade pode ser considerada o grau de responsividade do público-alvo diante das intervenções realizadas pelos programas no contexto de aplicação. Cada ator é capaz de avaliar a aceitabilidade de determinada prática

na sua perspectiva e do papel que ocupa no contexto, sendo um indicador para avaliar o grau de correspondência das ações com o público-alvo. No entanto, no caso de programas de prevenção voltados para adolescentes, a aceitabilidade pode ser um indicador importante devido à complexidade de fatores determinantes no abuso de drogas. Construiu-se um modelo lógico da aceitabilidade, através da satisfação, enquanto dose recebida do programa pelas seguintes dimensões: a) apreciação da participação no programa; b) percepções positivas ou negativas em relação a metodologia desenvolvida em sala de aula; c) percepção de mudanças ou impacto das intervenções do programa no aprendizado de habilidades na perspectiva dos educandos e, por fim; d) percepções positivas ou negativas do professor enquanto mediador do programa. A experiência da pesquisa avaliativa da aceitabilidade com adolescentes viabilizou resultados apontando para possíveis fragilidades na implementação, como as expectativas e atitudes dos educandos em relação aos professores que implementaram o programa. Assume-se a aceitabilidade como categoria avaliativa possível para pesquisas avaliativas e a valorização da perspectiva dos adolescentes na implementação dos programas em saúde.

Determinantes interrelacionais na construção social da identidade de adolescentes

Maiara Descovi de Freitas, Hallana Höher Bohrer, Andressa Sauzem Mayer,
Ana Cristina Garcia Dias, Samara Silva dos Santos (UFSM)

Este trabalho objetivou analisar as respostas dos adolescentes sobre si mesmos, investigando sua percepção pessoal e a relação do contexto escolar com a construção da identidade. E sobre o contexto social representado pela escola. Fundamenta-se a partir dos pressupostos epistemológicos do Construtivismo Social, utilizando-se da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para refletir essas questões. Esta teoria compreende a construção da identidade adolescente a partir de suas características biopsicossociais, das inter-relações e padrões relacionais que ocorrem numa base de tempo e se estabelecem nos diferentes contextos sociais. Dessa forma, nesse período, o adolescente enfrenta o desafio de construir sua identidade a partir da integração das diferentes identificações vivenciadas ao longo de sua trajetória de vida. Este estudo refere-se a uma pesquisa quantitativa baseada no Questionário da Juventude Brasileira [QJB], composto por 77 questões, que foram analisadas com o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS). Compuseram a amostra da pesquisa 535 adolescentes, sendo 54,6% (n= 292) do sexo feminino e 45,4% (n= 243) do sexo masculino, com idades entre 13 a 18 anos. Em relação à escolaridade, 12,1% (n= 65) dos adolescentes frequentavam o terceiro ano do Ensino Médio, 24,8% (n= 133) o segundo ano, 40,4% (n= 216) o primeiro ano e 22,6% (n= 121) o Ensino Fundamental. Os resultados indicaram que 51,8% (n=267) dos adolescentes responderam sempre se sentir como uma pessoa de valor tanto quanto as outras; 43,2% (n=224) afirmaram estar satisfeitos consigo mesmos. Com relação às respostas dos participantes sobre a interação com a mesossistema, 31,4% (n=164) indicaram confiar nos colegas da escola. Os resultados reforçam a influência de aspectos individuais de cada adolescente, como a autopercepção, e de aspectos socioambientais, como o relacionamento com outras pessoas no contexto escolar, na formação da identidade. Tendo em vista a autovalorização como atributo pessoal e a confiança nos colegas da escola como determinante interrelacional, verificam-se as possibilidades entorno das vivências escolares sobre a construção da identidade e o desenvolvimento psicossocial de forma saudável. Dessa forma, discute-se a importância do contexto escolar nessa formação destacando as potencialidades de intervenções com essa população acerca dessas questões.

O impacto da dor crônica na sexualidade de mulheres com fibromialgia: um estudo clinico qualitativo

Neftali Beatriz Centurion, Rodrigo Sanches Peres (UFU)

A fibromialgia é uma síndrome reumatológica predominantemente feminina, caracterizada por um estado doloroso crônico sem causa aparente, mas comumente gerador de repercussões físicas, sociais e emocionais. Este estudo deriva de um projeto de pesquisa mais amplo e tem como objetivo compreender o impacto da dor crônica na sexualidade de um grupo de mulheres com fibromialgia conforme a perspectiva das mesmas. Nesse sentido, o presente estudo contempla um tópico concernente ao subtema “Saúde da mulher” e, assim, possui uma relação direta com o eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” (PVC). Optou-se pela utilização do método clínico-qualitativo, o qual privilegia a interpretação de significações relativas ao processo saúde-doença. Portanto, o presente estudo tem como pressupostos epistemológicos básicos a necessidade de o pesquisador se debruçar sobre aquilo que um certo fenômeno representa para os participantes, e não se ocupar do fenômeno em si, sendo que, para tanto, deverá buscar o aprofundamento da compreensão de seu objeto mediante a abrangência de um grupo social específico, independentemente de sua representatividade numérica. Compuseram a amostra do presente estudo oito mulheres com diagnóstico de fibromialgia há, no mínimo, seis meses, e com idade de 40 a 60 anos. A coleta de dados teve como *locus* um grupo psicanalítico de discussão desenvolvido ao longo de quatro encontros com cerca de uma hora e trinta minutos cada. Os dados foram analisados de acordo com os procedimentos metodológicos estabelecidos pela análise de conteúdo. Os resultados concernentes à categoria que se articula mais diretamente ao objetivo do presente estudo revelam que, para as participantes, o impacto da dor crônica na sexualidade, invariavelmente, foi considerado negativo. Para a maioria, a dor reduziu significativamente o desejo sexual, ou até mesmo o eliminou por completo. Porém, as participantes sinalizaram que, a despeito da dor crônica, poderiam se mostrar mais disponíveis para relações sexuais se seus companheiros agissem de modo mais carinhoso e atencioso durante o dia como um todo, e não apenas quando têm interesse sexual. Logo, conclui-se que, segundo as mesmas, o impacto da dor crônica na sexualidade poderia ser minimizado ou potencializado por fatores que se referem ao compromisso de seus companheiros com o relacionamento. Tais resultados acrescentam à literatura atualmente disponível sobre o assunto, de modo que seria interessante considerá-los na assistência em saúde oferecida a mulheres com fibromialgia.

A humanização em interface com os princípios da integralidade: cuidado à criança hospitalizada

Aline de Almeida Silva, Marina Menezes (UNIVALI)

O presente estudo objetivou analisar as práticas na assistência à saúde da criança hospitalizada, baseadas nas concepções de humanização e integralidade efetivadas a partir do cuidado de profissionais de enfermagem da clínica pediátrica de um hospital do Centro-Sul do Brasil. Relaciona-se ao Grupo de Trabalho de Psicologia Pediátrica, sob o Eixo Temático PCV, pois a assistência integralizada preconiza a promoção da saúde, a prevenção de agravos e a recuperação da saúde, mas para que tais direitos sejam garantidos é necessário que os governos federal, estadual e municipal proporcionem condições adequadas para uma vida saudável, bem como boas condições de trabalho para a sociedade de modo geral. A humanização da atenção à criança hospitalizada busca estimular a aproximação entre

o profissional e o usuário do sistema de saúde favorecendo o protagonismo de crianças e seus familiares nas práticas de cuidado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, realizada na clínica pediátrica de um Hospital público da Região Centro-Sul do Brasil. Participaram dez enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuavam na clínica pediátrica, selecionados a partir da apresentação da proposta do estudo e do interesse dos mesmos na participação da pesquisa. A coleta dos dados ocorreu a partir da Metodologia da Problematização com a realização de cinco oficinas temáticas que objetivaram efetivar a cadeia de ação-reflexão-ação, na qual existe a participação ativa e o diálogo constante entre os sujeitos envolvidos no processo de produção do conhecimento. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo, sendo organizados a partir de três categorias, a saber: Conceituação de Humanização e Integralidade, Situações-problemas e Propostas de Humanização, a segunda e a terceira categorias derivaram as subcategorias: comunicação, relacionamento interpessoal, gestão, rotinas hospitalares e procedimentos e técnicas. Os resultados indicaram que a equipe de enfermagem explicita e reconhece a necessidade de prestar assistência humanizada, contudo não há um projeto coletivo de humanização da assistência, e sim ações cotidianas fragmentadas de humanização. As práticas na assistência à saúde da criança se mostraram efetivamente tecnicistas quanto à atuação profissional. Embora tenha sido evidenciada a expressão da responsabilidade e comprometimento referentes às suas práticas, os participantes referiram poucas vivências em seu cotidiano, relativas à proposta de humanização e integralidade em sua totalidade. Este estudo não pretendeu esgotar a temática abordada, mas buscou favorecer reflexões tanto da gestão, quanto dos profissionais da enfermagem e usuários do serviço de saúde na construção de práticas humanizadas.

Autoestima como potencializador da saúde no âmbito escolar

Jamile de Souza Soares, Viviane Américo Florentino,
Sílvia Batista Von Borowski (ESUCRI)

Este relato de experiência acadêmica está vinculado ao estágio obrigatório em processos educativos da Escola Superior de Criciúma (ESUCRI). Vincula-se ao eixo temático escolhido de Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento e, objetiva descrever o trabalho do psicólogo no contexto escolar, demonstrando a sua importância em intervenções com os alunos, na construção de sentidos, histórico-social e identidade de jovens estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, gerando melhora na autoestima e, consequentemente, suas relações e o desempenho escolar. As dificuldades escolares podem levar a problemas socioemocionais, de maneira que a incompetência pessoal gera baixa autoestima e alienação acadêmica, fazendo assim com que esses alunos passem por sentimentos de vergonha e dúvida, desinteresse e isolamento. (MARTURANO; LOUREIRO,2003). De acordo com Cukier (2015) a autoestima vai estar ligada com aquilo que o indivíduo sente, se está satisfeito ou insatisfeito nas situações. Quando está satisfeito, o indivíduo se sente confiante, corajoso, capacitado e valorizado. Utilizou-se como metodologia, a pesquisa qualitativa e supervisão semanal com profissional habilitado. O grupo atendido foi composto por adolescentes do ensino fundamental (7º ao 9º Ano) e que frequentavam atividades extracurriculares de reforço escolar, em turno invertido ao ensino regular. A proposta de intervenção sobre autoestima foi articulada, neste grupo, quinzenalmente, através de palestras, dinâmicas em grupo e folders ilustrativos com a temática. Resultados: Melhoria significativa do desempenho escolar, convívio social e nas relações interpessoais. Ampliação do desempenho das múltiplas capacidades de cada um

deles nas atividades escolares. Além de representar uma promoção ações preventivas na saúde mental deste público. Tais interações repercutiram no entendimento dos motivos para os problemas que estavam ocorrendo com estes adolescentes e problematizar através de reflexões e busca por novas soluções – mais eficazes e que respeite valores essenciais em relações interpessoais. Por fim, considera-se que a autoestima elevada tem a capacidade fortalecer o individuo e, no contexto educacional, torna-se, essencial. Além disso, cuidar das emoções de cada aluno e da forma como este se relaciona com os colegas/professores e consigo mesmo, interfere significativamente, na aprendizagem.

Dermatite atópica na criança: quando o corpo fala

Priscilla Terumi Moraes, Carolina de Vasconcellos Mazoni (Hospital Universitário/UFSC)

Este trabalho apresenta um estudo de caso de uma criança atendida com dermatite atópica na pediatria de um Hospital no Sul do Brasil. Encaixa-se no eixo “Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento”. O objetivo é apresentar as questões psicológicas envolvidas no quadro clínico, que indicavam uma reação psicossomática à ruptura drástica da simbiose mãe-criança após o nascimento do irmão (8 dias). A compreensão das afecções dermatológicas, em uma visão ampliada, se basearia na ideia de que a pele delimita nossa área corporal, sendo responsável por fazer a separação e apresentar o indivíduo ao outro e ao mundo. A criança tinha 2 anos e 8 meses, usava fraldas e seu corpo estava tomado por pontos de dermatite. Nunca tinha ido à creche, ficando sob os cuidados intensivos de sua mãe. Na internação, a equipe de saúde informou a mãe que ela não poderia permanecer com o recém-nascido, devido ao risco de infecção. Sendo assim, a mãe aguardou que a menina dormisse e foi para casa com o bebê. As acompanhantes eram a avó e a tia paternas da menina. Elas não respondiam e desconversavam, quando a criança perguntava onde estava sua mãe. Avaliamos que a paciente tinha a vivência de ter sido abandonada por seus pais no hospital. Durante a internação, seu quadro de saúde piorou, teve picos febris, sendo necessário sua ida para o isolamento. Incentivamos que a família ligasse, contasse sobre a mãe e recebesse visitas dela. Há uma relação entre os fatores imunológicos e psicológicos. As manifestações de pele podem apresentar um componente psicossomático, uma vez que, através destas, o sofrimento psíquico pode ser transposto para o corpo, recebendo uma forma de representação que independe da palavra e da vontade consciente do indivíduo. Em discussão de caso com a equipe, apresentamos os prejuízos que ficar longe da família e, principalmente da mãe, poderiam estar causando para o estado emocional da criança, agravando seu estado clínico. A paciente foi de alta, com a dermatite em estado grave e encaminhamento para psicoterapia familiar. A dermatite atópica pode causar diversos tipos de prejuízos, tanto em nível social quanto em níveis educacionais e impactos na família, de maneira geral, como desgaste emocional, prejuízos financeiros, sofrimento e ansiedade. Sendo, portanto, necessário o acompanhamento e tratamento destes casos em uma visão multidisciplinar.

Desenvolvimento da linguagem na educação infantil

Anaíra Espíndola Pereira Kienen, Alana Carmine Alban, Isabela Ecker Dresch, Marina Corbetta Benedet, Thaiany Domingues Matos (UNIVALI)

O presente trabalho visa apresentar as intervenções realizadas no estágio básico em oficinas do contra turno de uma escola da educação infantil com crianças de quatro e cinco anos. Visamos o planejamento e execução de atividades que possam estimular e auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças dentro do ambiente escolar, visando tirá-las da zona de conforto, muitas vezes proporcionada pelos pais e professoras, por um viés de promoção da saúde integral, ao instigá-las na busca pelos signos e sentidos de suas ações e ajudá-las a desenvolver suas Zonas de Desenvolvimento Proximais. Entendemos que o psicólogo, ao participar do cotidiano do processo educativo, estará junto às equipes colaborando para que conhecimentos e práticas possam resultar em experiências enriquecedoras para a formação do coletivo, no qual ele está incluído. Esse processo permitirá o planejamento, desenvolvimento e avaliação de diferentes possibilidades de intervenção. Desta forma encaixando-se no eixo PCV, com subtema Atenção Integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento. Além disso, a percepção sobre a importância do brincar foi também um dos pontos colocados pelas professoras, as quais valorizaram muito essa dimensão. As atividades foram realizadas com sucesso entre o trabalho interdisciplinar e a importância do mesmo. A integração entre os saberes da Psicologia dentro da Educação é facilitadora de aprendizagem e procura compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. Buscamos através da brincadeira proporcionar dispositivos para o desenvolvimento, e compreendemos que desta forma diminuímos margens de risco para problemas decorrentes da falta de estimulo adequado. Com objetivo de promover e auxiliar no desenvolvimento da linguagem através de atividades lúdicas. As intervenções semanais nas oficinas de Inglês e Matemática, com crianças de 4 a 6 anos, utilizando de brincadeiras e atividades lúdicas dirigidas, de maneira interdisciplinar com planejamento conjunto entre estagiários e professoras responsáveis pelas oficinas. Assim a troca de saberes entre psicologia e pedagogia possibilitou o planejamento de atividades que puderam destacar o papel da brincadeira no desenvolvimento das crianças no período da educação infantil. As intervenções se fundamentaram na teoria de Vygotsky (1991) com a Zona de Desenvolvimento Proximal e a aprendizagem através da brincadeira. Contudo, as atividades abrangeram assuntos cotidianos dos alunos de forma lúdica, o que contribuiu para a internalização dos conceitos trabalhados. Além disso, pudemos observar a relevância da troca e parceria entre os profissionais da educação (professores e psicólogos) visando a promoção do desenvolvimento integral da criança.

Menina mulher: um projeto de extensão

Ariádny Suci de Campos Abbud, Claudete Santos Demetrio, Léia Viviane Fontoura
Eloysa Nezello Mosimann, Ionice Maria Amaral, Janaina Souza de Liz,
Cristina Morsch (UNIVALI)

Este é o relato das atividades do projeto de extensão “Coisas de Mulher”, envolvendo os cursos de Enfermagem, Nutrição e Psicologia da Univali, no bairro Imaruí (Itajaí-SC), com os grupos:“Mulheres especiais”, com mulheres climatéricas/menopausadas, e “Menina Mulher”, com adolescentes. Este trabalho é um recorte das atividades desenvolvidas com as adolescentes. Esta etapa, entre infância e idade adulta, é marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento. Deste modo, faz-se necessário cuidar das necessidades de saúde e desenvolvimento dos adolescentes para que possam fazer uma transição saudável para a vida adulta. As atividades têm respaldo nos eixos e vetores do Pró-Saúde, visando desenvolver ações de educação, promoção à saúde e prevenção de agravos, propiciando o exercício da cidadania e auto-cuidado; desenvolvimento da auto-estima e

autonomia, através de encontros e oficinas mensais. Inspirado no pensamento de Paulo Freire, o projeto baseia-se em metodologias ativas de aprendizagem, favorecendo a participação ativa e qualificada através de recursos lúdicos para facilitar a reflexão e tomada de consciência de aspectos importantes envolvidos no seu dia-a-dia. Os temas são escolhidos pelos grupos na primeira reunião do ano, baseados nas necessidades de seu cotidiano. A partir deste levantamento, o grupo extensionista elabora os projetos de atuação para as oficinas. Estas são divididas em três momentos que: dinâmica quebra gelo, debate sobre o tema e avaliação. Até dezembro de 2015, foram realizados oito encontros com o grupo "Menina Mulher", tendo, em média, 18 participantes por oficina. Os temas escolhidos pelo grupo foram: dengue, maquiagem, alimentação saudável, namoro e gravidez na adolescência, violência sexual, formação profissional, moda e fotografia e, música. Para avaliação do nível de satisfação, é utilizada uma escala hedônica, com sinal manual de positivo, regular e negativo. Também é utilizada a observação participante com registro em diário de campo. A partir dos dados verificados, pôde-se observar que 100% das participantes avaliaram como ótimas as escolhas das temáticas; 100% avaliaram ótimo o aprendizado referido, e 97% para o quesito metodologia. Pode-se concluir através dos registros que as adolescentes participam ativamente e, estão satisfeitos com as ações desenvolvidas. Observou-se que houve sensibilização das adolescentes com relação aos temas abordados, além da criação de vínculo com o grupo extensionista. Além disso, o projeto proporciona o desenvolvimento de postura crítico/reflexiva da realidade, contribuindo para a formação de profissionais com perfil de atuação interdisciplinar e multiprofissional.

Palavras chave: Adolescência, Promoção em saúde, Educação em saúde.

Dor crônica infantil: atenção a criança nos diferentes contextos de desenvolvimento

Taise Girardi Scheffmacher, Katia Gonçalves, Luís Otavio Matsuda (UNIVALI)

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema dor crônica infantil, com a finalidade de identificar possíveis fatores de risco relacionados tanto ao seu surgimento, quanto a sua prevalência ao longo da infância. A dor crônica infantil é um fenômeno complexo que pode surgir espontaneamente após uma doença, infecção, ferimento, cirurgia ou por causa idiopática. Nesse sentido, a atenção integral à criança em seus diferentes contextos de desenvolvimento e a dor ao longo do ciclo de vida como foco do eixo temático, relacionado à dor crônica infantil é fundamental. Em contraste com o conhecimento epidemiológico relacionado à dor crônica em adultos, há poucas informações epidemiológicas sobre as crianças. Para o alcance dos objetivos realizou-se a busca de artigos indexados em bases de dados eletrônicas por meio das palavras-chave *chronic pain/children e chronic pain/risk factors*; foram selecionados artigos publicados de 2006 á 2016 relativos a estudos empíricos realizados exclusivamente com crianças. As pesquisas encontradas sobre fatores de risco para dor crônica infantil usam em sua maioria crianças e familiares como informantes. Segundo os dados encontrados nas pesquisas, é evidente a existência de alguns fatores que contribuem para o aparecimento de dor crônica na infância e adolescência, podendo estar ligados ao sexo e idade, além dos fatores psicológicos e comportamentais como as características da família, os tipos de enfrentamento dos pais, história de dor crônica, características ambientais e eventos estressantes. Apesar de a literatura indicar a existência desses fatores, poucas pesquisas são encontradas sobre o assunto, mostrando que este é um importante campo a ser explorado. Existe também a dificuldade em encontrar fatores que são comuns ou específicos a certas dores crônicas da

infância, pois as dores recorrentes podem ter características bastantes diferentes uma das outras. Isso ressalta a necessidade de pesquisas específicas para alguns tipos de dores. O surgimento de novas pesquisas na área e o aumento do conhecimento acerca dos fatores envolvidos na dor crônica infantil beneficiaria projetos de intervenção em populações consideradas em risco, melhorando o manejo da dor infantil, prevenindo a manutenção da dor até a fase adulta e o aparecimento de outras comorbidades relacionadas à dor crônica ao longo do ciclo de vida.

Palavras-chave: Dor crônica, Criança, Psicologia. Saúde.

Terapia familiar sistêmica com crianças: um recorte da literatura

Milena Fiorini, Luciane Guisso (UFSC)

Este estudo insere-se no eixo temático “Psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida” e no subtema “Atenção integral à criança e ao adolescente em diferentes contextos de desenvolvimento. ”O objetivo do trabalho é apresentar um recorte do estado da arte relacionado à aplicação da Terapia Familiar Sistêmica com crianças. A família, sob um olhar sistêmico, configura-se como uma estrutura de interdependência mútua entre seus membros. Nesse sentido, as crianças, assim como os adultos, representam integrantes ativos do sistema familiar, sendo, portanto, tanto receptoras quanto atoras da influência recíproca entre o todo e as partes. Investigações sobre a inclusão das crianças em processos terapêuticos sistêmicos ainda são escassas em âmbito nacional. No contexto internacional, alguns autores têm explorado a temática com maior ênfase. De modo geral, defendem a hipótese de que o sintoma da criança constitui uma resposta ao padrão de funcionamento da família. Este trabalho trata-se de um estudo bibliográfico, portanto, apresenta caráter teórico. Além dos livros e artigos científicos utilizados para embasar os pressupostos teóricos, foi realizada uma busca no Portal de Periódicos CAPES, utilizando aexpressão “*Systemic Family Therapy” (*Terapia Familiar Sistêmica), somada à palavra-chave “*child**” (criança*). Aplicando-se os critérios iniciais (presença das expressões no título do artigo e ausência de delimitação de data específica), foram encontrados 26 artigos. Desses, 6 publicações apareceram de forma repetida, e 2 trabalhos tratavam-se de resenhas de livros, portanto, não foram contemplados no estudo. Restaram, portanto, 18 artigos para análise, que foram lidos na íntegra e categorizados em quatro temáticas centrais: 1) Revisões de literatura sobre intervenções sistêmicas com crianças e adolescentes; 2) Estudos de caso que utilizaram intervenções focadas na Terapia Familiar Sistêmica em contextos e/ou problemas específicos, envolvendo crianças; 3) Relatos de intervenção, estudos de caso e ensaios teóricos que compreendem questões institucionais relativas à saúde mental da criança; e 4) Estudos de caso de abuso sexual infantil, que empregaram a Terapia Familiar Sistêmica como intervenção terapêutica. A primeira categoria abarcou 6 publicações, enquanto cada uma das demais abrangeu 4 publicações.Os resultados permitem constatar que a aplicação da Terapia Familiar Sistêmica com crianças tem se mostrado efetiva, especialmente em casos de problemas relacionados ao sono, à alimentação, questões de apego; abuso sexual infantil e negligência; problemas de conduta; emocionais; transtornos alimentares; e problemas somáticos. Além disso, destaca-se o emprego de intervenções familiares sistêmicas em distintos âmbitos institucionais focados na saúde mental infantil.

Palavras-chave: Terapia familiar sistêmica, Crianças, Família.

Intervenção psicológica com famílias em ambiente de uti neonatal como estratégia de promoção e prevenção de saúde mental

Ana Paula Magosso Cavaggioni, Célia Mendes de Souza, Miria Benincasa (UMESP)

Apesar das taxas atuais de sobrevivência dos bebês prematuros excederem os 85%, estima-se que 50 a 70% dos recém-nascidos pré-termo/baixo peso desenvolvem disfunções, incluindo cognitivas, comportamentais e atrasos no desenvolvimento socioemocional, motor e da linguagem, que persistem ao longo da vida e impactam de forma significativa na crescente incidência de transtornos psicopatológicos da infância. A OMS estima que 15 a 20% das crianças que frequentam consultas pediátricas de rotina apresentam diagnóstico psicopatológico. Há consenso entre profissionais de diversas áreas do conhecimento acerca da importância das primeiras experiências do bebê para seu desenvolvimento emocional, comportamental, cognitivo e físico. É imprescindível o desenvolvimento de intervenções voltadas às necessidades psicossociais dos bebês pré-termo e seus pais, prevenindo interferências nas interações estabelecidas entre eles, fundamentais para a instauração do processo de constituição do sujeito, organizadoras do desenvolvimento das funções orgânicas e instrumentais do bebê. Este estudo apresenta uma revisão da literatura sobre intervenções realizadas com famílias de neonatos prematuros que incluem a participação do psicólogo e atuem na promoção e prevenção da saúde mental, inserindo-se no eixo temático PCV, subtema 1.1. Foi revisada a produção científica dos últimos 5 anos, partindo das bases de dados MEDLINE, Index Psicologia – Periódicos Técnicos-Científicos, Lilacs, IBECS e BDENF – Enfermagem, utilizando as palavras-chaves: prematuro, família e psicologia. Foi realizada leitura inicial dos resumos dos artigos e categorização das referências de acordo com o tema abordado: “intervenção”, “relato de caso” e “avaliação”. Foram eliminados aqueles que se encontravam em duplicidade e as categorias que não correspondiam ao tema estudado. Após leitura integral dos artigos selecionados na íntegra, foi realizada uma segunda categorização, mantendo-se todos que se encaixaram na categoria “intervenções com famílias de prematuros”, totalizando 15 artigos analisados no presente estudo. Verificou-se um número extremamente reduzido de intervenções psicológicas familiares, retratando o predomínio do reconhecimento da importância do desenvolvimento biológico e comportamental, em detrimento do desenvolvimento psíquico. Observou-se a subutilização dessas intervenções, entraves em sua implementação e delegação de ações que pertencem ao campo da psicologia e da psicanálise a outros profissionais. São fundamentais novas pesquisas abarcando o desenvolvimento e implementação de estratégias que reduzam a falha que se forma entre o recém-nascido prematuro e seus pais, que forneçam a estes o suporte necessário na sustentação de sua posição de Outro em relação ao bebê, mantenham o investimento libidinal necessário ao desenvolvimento psíquico e constituição de um sujeito, e possam destinar a ele um local de filiação.

Palavras-chave: Prematuro, Família, Psicologia.

LAPPOT: utilizando a psicologia Positiva como forma de promoção de saúde nas organizações, no trabalho e em outros espaços de vida

Amanda Isabela Nórcio Scapini, Thaís Cristine Farsen, Narbal Silva (LAPPOT)

A psicologia positiva tem ganhado destaque na última década por extrapolar os limites das abordagens circunscritas às patologias e se endereçar teórica e empiricamente à construção

de qualidade de vida subjetiva e objetiva dos seres humanos, tanto em nível individual, quanto grupal (SELIGMAN, 2009). O LAPPOT (Laboratório de Psicologia Positiva nas Organizações e no Trabalho) foi criado com a proposta de realizar projetos de pesquisa e extensão que aliem essa abordagem inovadora ao contexto das organizações e do trabalho, a fim de compreender experiências positivas (como esperança, felicidade, resiliência), características positivas individuais (como caráter, forças, virtudes), e organizações consideradas saudáveis, humanizadas ou positivas (como organizações baseadas no sucesso e potencial humano, sejam locais de trabalho, escolas, famílias, hospitais, comunidades, sociedades ou ambientes físicos e psicossociais considerados saudáveis) envolvidas nesse âmbito. Os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do laboratório (professor e estudantes de graduação, mestrado e doutorado) utilizam de métodos qualitativos, quantitativos e mistos; uma vez que o saber em psicologia positiva ainda encontra-se em estágios iniciais e seus fenômenos de interesse precisam ser melhor descritos e compreendidos em seus contextos (TASHAKKORI e CRESWELL, 2007). Dentre os temas pesquisados estão: Gestão de pessoas, prevenção e combate ao assédio moral em organizações saudáveis; Saliência do papel de trabalho, decisão de aposentadoria e satisfação de vida; Políticas e práticas de gestão de pessoas e felicidade no trabalho; Felicidade e significados atribuídos ao trabalho para professores; Resiliência no trabalho de executivos do setor têxtil de Santa Catarina; Mindfulness; Relações entre níveis de resiliência e criatividade, entre outros. A apresentação da proposta do LAPPOT no eixo temático com subtema de saúde do trabalhador possui relevância por expor uma nova forma de percepção de saúde no trabalho e nas organizações; que consegue romper o paradigma das doenças e transtornos e promover saúde mental para o trabalhador ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento organizacional, uma vez que previne, e muitas vezes evita a incidência de problemas como burnout, assédio moral, absenteísmo, estresse negativo, baixo desempenho, etc. Espera-se, assim, que as descobertas feitas através deste projeto possam proporcionar subsídios à construção de instrumentos de natureza qualitativa e quantitativa, bem como orientar a elaboração de estruturas, processos, políticas e práticas organizacionais, que possam gerar consequências positivas como, por exemplo, qualidade de vida no trabalho, bem-estar e menos estresse negativo, assédio moral, entre outros malefícios tão perniciosos à saúde física e psíquica dos seres humanos quando em situações de trabalho.

Os benefícios de um grupo operativo terapêutico na saúde do trabalhador

Mérope Spohr Pereira Vedana, Patrícia Sanches (Qualirede)

O trabalho em grupo tem finalidade de proporcionar o desenvolvimento pessoal e social das pessoas, buscando autoconhecimento e reflexão do processo saúde-doença. O “Grupo Vida” tem como objetivo promover melhor qualidade de vida aos participantes, diminuindo os sintomas decorrentes do quadro depressivo, de ansiedade e estresse, por meio de encontros multidisciplinares. Para este estudo foi utilizada no início e no término do grupo, a Escala Baptista de Depressão (EBADEP), instrumento de auto aplicação para avaliação de sintomatologia depressiva (0 - 100%). Participaram do grupo 19 usuários de uma operadora de saúde de Florianópolis, com idade média de 55 anos, de ambos os sexos. O percentil resultante do EBADEP identificou redução considerável na média percentual do grupo, que passou de 41,6% para 35,26%. Foi observada a redução dos sintomas de depressão em 12 participantes, sendo que para alguns destes, a queda foi acentuada (de 41% para 6%; de 41% para 10%), o que demonstra que os sintomas depressivos passaram a ser menos evidentes após o trabalho realizado. Considerando a idade dos participantes, percebe-se que

não houve diferença relevante entre percentis de sintomatologia nas diferentes idades avaliadas. No encerramento do grupo as pessoas relataram melhora em aspectos voltados à resolução de problemas, confiança em si mesmo, relacionamento social e disposição em realizar atividades. Além de ter proporcionado um maior nível de autoconhecimento, o que os auxilia a buscar recursos para lidar com seus problemas. Foi possível perceber que a realização de grupos operativos no ambiente corporativo pode ser uma alternativa eficiente para melhora da qualidade de vida do trabalhador, através de mudanças no estilo de vida, independentemente do tempo de serviço e idade do trabalhador, haja visto que o trabalhador pode encontrar-se em situação de estresse ou depressão em diversas etapas de sua vida. Considerando o fato de que a qualidade de vida engloba a saúde do indivíduo como um todo e que a saúde mental necessita de cuidados específicos para auxiliar as pessoas a lidarem com as dificuldades advindas da vida moderna, observa-se que o trabalho realizado pelo "Grupo Vida" teve êxito principalmente no que corresponde ao autoconhecimento e alívio emocional.

Avaliação da vulnerabilidade ao estresse no trabalho identificada em um grupo de militares

Gustavo de Oliveira Maximiano, Lara Soares Fortes, Paulo Francisco de Castro (UNITAU)

Este trabalho possui o objetivo de descrever os dados referentes à aplicação de uma escala para avaliar a Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho em um grupo de militares do Exército, identificando os fatores que influenciam o referido construto. A relação desta pesquisa com o eixo Psicologia da Saúde ao Longo do ciclo de vida, com ênfase na saúde do trabalhador, se justifica pelo fato da identificação dos componentes laborais que podem ser geradores de estresse na rotina de trabalho dos militares. O Exército é uma instituição pública brasileira, com mais de três séculos de existência, com abrangência nacional e inserção em variado grupo de atividades. Enquanto ambiente de trabalho, possui um conjunto de tarefas e de organização hierárquica que a diferencia de outras autarquias federais e, por esse motivo, deve ser analisada sob uma ótica específica. Participaram deste estudo 59 indivíduos, todos do sexo masculino, com idade entre 18 e 50 anos e escolaridade entre médio e superior, militares do Exército Brasileiro e na ativa. Todos os participantes foram submetidos à aplicação da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho - EVENT, de acordo com as especificações técnicas do instrumento. A EVENT é um teste de organização psicométrica, com estrutura em autorrelato, que avalia a vulnerabilidade ao estresse e a influência de três fatores relacionados ao trabalho: clima e funcionamento organizacional, pressão no trabalho, infraestrutura e rotina. Os testes foram corrigidos e os dados foram ponderados de acordo com os valores normativos do instrumento, obtendo-se os seguintes resultados mais incidentes: vulnerabilidade ao estresse em valores rebaixados (71,2%), acompanhado de diminuição dos fatores que compõem o instrumento em clima (86,4%), rotina (61,1%) e pressão (50,9%). Os dados do teste indicam que a maioria dos militares da amostra deste estudo não indicou vulnerabilidade ao estresse em suas atividades de trabalho, consideram que o clima organizacional, a rotina do trabalho e a pressão nas atividades profissionais não contribuem para o desenvolvimento de situações de tensão profissional. Além disso, observou-se correlação significativa entre os três fatores e a vulnerabilidade ao estresse total no nível de significância em $p<0.0001$, o que indica validade do instrumento e dos resultados. Apesar do exposto, observa-se que a pressão no trabalho foi o fator menos incidente em valores rebaixados, podendo indicar que seja o componente das atividades profissionais mais

propenso a situações de estresse entre os militares. Pela importância do tema, outros estudos com ampliação da amostra e inclusão de outras áreas militares mostram-se relevantes.

Palavras-chave: Estresse no trabalho, Militares, Avaliação psicológica.

Níveis de stress em universitários de instituição particular do período noturno

Áurea E Om Spricigo Siqueira, Caio Soares Holzmann,
Cloves Antonio de Amissis Amorim (PUCPR)

Estudar também pode causar stress, sobretudo quando o indivíduo acometido também trabalha. O objetivo desta pesquisa foi avaliar os níveis de stress em alunos do primeiro período dos cursos de pedagogia e ciências sociais do turno noturno em uma instituição de ensino particular de Curitiba. O presente estudo se enquadra no eixo temático 1. Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida (PCV), no subtema 1.6 Saúde do Trabalhador, pois parte significativa da amostra trabalha e estuda concomitantemente, e esta é uma variável fundamental no estudo, que aponta conclusões importantes para a saúde o trabalhador. O stress é compreendido como uma reação psicofisiológica complexa do organismo que ocorre em resposta a uma situação ameaçadora, geralmente de difícil controle que demande adaptação do sujeito frente a uma nova experiência. Participaram desta pesquisa 69 acadêmicos, sendo 27 do sexo masculino e 42 do sexo feminino. A faixa etária variou entre 18 a 41 anos, sendo que 31.88% tinham 19 anos (n=22), 27.53% trabalhavam e estudavam (n=19) e 72.46% participantes apenas estudavam. Utilizou-se o instrumento ISS (Inventário de Sintomas de Stress de Lipp para adultos), com aplicação coletiva, realizada pelos autores e o instrumento recolhido ao término do preenchimento. Os resultados encontrados informam que dos 69 participantes, 78.26% se encontravam com algum nível de stress. Dentre estes, 64.81% se encontram na fase de resistência e 35.18% na fase de exaustão, não tendo sido encontrado nenhum participante na fase de alerta. Encontrou-se também maior incidência da manifestação de sintomas físicos (55.55%), seguindo-se dos psicológicos (38.88%) e dos dois sintomas concomitantemente (5.55%). Quando se analisam as variáveis causadores do stress, elas podem estar associadas as disciplinas (prestígio da disciplina, professor da matéria, metodologia, avaliação, e características da mesma); ao aluno, incluindo motivação para aprendizagem e auto percepção para aprender e ainda o seu desempenho. Em função do elevado número de estudantes acometidos pelo stress, considerando ainda que estudam à noite, e as consequências que o stress pode causar a saúde do acadêmico, são necessárias intervenções para prevenir ou manejar a presença deste fenômeno.

Burnout em funcionários de uma unidade básica de saúde localizado no Vale do Itajaí

Simone J. P. de Simone, Rafaela M. M. Buran, Samir Sarda (UNIVALI)

Embora o estresse seja amplamente pesquisado na psicologia, as pesquisas sobre *Burnout* são recentes e limitadas a algumas categorias de profissionais da área da saúde. A Síndrome de *Burnout* é caracterizada por uma reação de estresse excessiva relacionada ao trabalho, decorrente do desgaste emocional crônico do trabalhador. Esta pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os fatores que contribuem para estresse e sintomas da Síndrome de Burnout em profissionais de uma UBS localizada no Vale do Itajaí. A proposta de trabalho

relaciona-se ao eixo temático: Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida com o subtema: Saúde do trabalhador. A presente pesquisa de natureza exploratória descritiva foi realizada a partir de entrevista semiestruturada e do MBI/HSS (*Maslach Burnout Inventory HSS*) aplicados em 22 profissionais de saúde municipais de uma UBS. Os dados quantitativos foram analisados através de estatística descritiva e inferencial e as análises das entrevistas foram feitas através de análise de conteúdo. Os resultados indicam que dois participantes satisfazem os critérios para a síndrome de *Burnout* segundo o método proposto por Maslach e Jackson (1986). Por outro lado, adotando os critérios de Ebisiu (2008), 18,2% da população pesquisada apresenta sintomas de *Burnout.* Por sua vez, de acordo com Grunfeld (2000), 54,5% da população pesquisada apresentam sintomas de *Burnout.* As análises feitas a partir das entrevistas realizadas apontaram que atendimento ao público, constrangimentos com reclamações de pacientes descontentes com o atendimento realizado, falta de medicação para pacientes e o trabalho repetitivo foram elencados como os maiores fatores estressores. Outro fator que está intimamente ligado ao desenvolvimento da Síndrome diz respeito à administração pública, pois os serviços prestados são mais suscetíveis á má administração acarretando inúmeros problemas relacionados à estrutura necessária para a realização do serviço. Os resultados desta pesquisa confirmam os descritos pela literatura, o que sugere que é preciso investir em planejamento e estratégias organizacionais visando à promoção à saúde dos trabalhadores a fim de promover a saúde mental destes profissionais.

Palavras chaves: Estresse ocupacional, Burnout, Unidade básica de saúde.

Um diagnóstico do trabalho: o serviço de psicologia na emergência de um hospital público da grande Florianópolis

Maria Luiza Bianchi, Renata Biava, Selma Maria Coelho Pitz,
Suzana da Rosa Tolfo, Carlos Naujorks (UFSC)

O presente trabalho objetivou a familiarização de acadêmicos com o processo de diagnóstico do trabalho realizado no serviço de psicologia da emergência de um hospital público. O processo de diagnóstico do trabalho consiste em elucidar condições de trabalho que podem ser determinantes para a saúde do trabalhador, o que justifica a sua relação com o eixo temático. Para realizar o diagnóstico foram caracterizadas as práticas profissionais e suas influências através de entrevista, utilizando um questionário semi-estruturado, e análise de documentos, com predomínio da perspectiva interpretativista de coleta e análise das informações. Participaram da pesquisa uma psicóloga concursada e um psicólogo residente que atuavam na emergência de adultos do hospital. Seguindo o modelo de análise de conteúdo foram utilizadas as seguintes categorias de análise: Condições para a realização do Trabalho e Saúde do Trabalhador, Relações Hierárquicas, Trabalho Prescrito e Trabalho Real, Contrato Psicológico, Significado e Sentido do Trabalho e, Avaliação do Trabalho. Verificou-se a existência de riscos à saúde do trabalhador vinculados a aspectos do ambiente de trabalho, da organização do mesmo e das relações envolvidas nesse processo, porém percebe-se que existe um potencial de promoção de saúde e prevenção de riscos que poderiam ser exploradas. Não observou-se uma distância significativa entre o trabalho prescrito e o real. Os contratos psicológicos encontrados no serviço de Psicologia foram: contrato relacional entre a psicóloga concursada e o hospital; e, contrato normativo que se dá entre a psicóloga e o residente. Verificou-se que os sentidos atribuídos pelos profissionais aos seus trabalhos estavam relacionados com os objetivos de cada um no campo: para o residente o sentido era vinculado à formação e experiência, já para a psicóloga era uma conquista para

si mesma e uma responsabilidade para com a instituição. Por vezes o significado atribuído por outros profissionais ao trabalho do psicólogo não coincide com o atribuído por estes. Observou-se que a avaliação do trabalho serve como medida à competência do profissional, sendo apontado pelos entrevistados como um processo importante para os mesmos. Percebe-se que a rigidez das relações hierárquicas pode comprometer os princípios que regem as atividades de tais profissionais, assim como as relações envolvidas no processo de trabalho. Esse estudo deparou-se com algumas limitações, portanto um diagnóstico efetivo poderia abarcar e/ou aprofundar em sua proposta alguns elementos como, verificação cuidadosa de competências requeridas dos profissionais, processos de gestão dos profissionais que atuam em hospitais e avaliação do trabalho, entre outros aspectos.

Perícia psicológica administrativa em saúde do servidor público em Santa Catarina: percurso histórico

Mariana Bonomini Fogaça de Almeida, Roberto Moraes Cruz (UFSC),
Rafaela Trevisan, Elaine Cristina Soares da Silveira (GEPEM)

A perícia administrativa realizada no âmbito do serviço público consiste na avaliação técnica das condições de saúde relacionadas à capacidade para o trabalho de servidores públicos, geralmente realizada por equipes multiprofissionais. É solicitada em casos de acidente de trabalho, doenças relacionadas ao trabalho, que envolvem afastamentos temporários, readaptação funcional, remoção do local de trabalho, em casos de capacidade residual para o trabalho, ou aposentadoria no caso de incapacidade total. Na perícia administrativa cabe ao psicólogo perito a tarefa de examinar as condições psicológicas e funcionais do periciado e, quando for o caso, vistoriar o trabalho, para o estabelecimento de nexo entre adoecimento e capacidade laborativa por meio do processo de avaliação psicológica. O objetivo deste trabalho é analisar o percurso histórico da construção da perícia psicológica administrativa em saúde do serviço público estadual de Santa Catarina. No estado de Santa Catarina esta atividade é desenvolvida pela Gerência de Perícia Médica, criada em 1978, na época denominada Divisão Estadual de Perícia Médica, na qual a atividade era restrita aos médicos-peritos. Somente em 1984 são incorporados profissionais da assistência social, os quais apontaram a demanda crescente de afastamento dos servidores públicos estaduais por Transtornos Mentais e Comportamentais e a necessidade do órgão pericial contar com psicólogos, o qual passou a compor a equipe técnica no ano de 1995. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório a partir de documentos institucionais e entrevistas com profissionais que participaram da construção e estruturação do serviço. Os resultados obtidos revelaram um percurso histórico que permitiu a organização, operacionalização e aprimoramento do serviço de perícia, inclusive com a implementação de várias ações inovadoras no órgão pericial, destacam-se: criação da Comissão Técnico Pericial (CTP), Comissão Multissetorial (COMSET), Núcleo de Promoção de Saúde do Servidor e Núcleo de Estudos de Saúde do Servidor Público. Conclui-se que a atuação de psicólogos foi propulsora para mudanças do paradigma na avaliação pericial, ou seja, a superação do modelo tradicional da abordagem em saúde, que priorizava o aspecto fisiológico/biológico, para um modelo que contempla uma abordagem mais abrangente, em conformidade com abordagem biopsicossocial preconizada pela Organização Mundial de Saúde.

Estresse traumático secundário: quando o psicólogo adoece.

Patricia Dalagasperina, Thaís Massom, Elisa Kern de Castro (UNISINOS)

O Estresse Traumático Secundário (ETS) foi definido como uma consequência natural do comportamento e das emoções, que resulta do conhecimento de um evento traumatizante significativo, experimentado por outro. Ele decorre da tentativa de querer ajudar pessoas traumatizadas ou sofrimento. Desenvolve-se com frequência entre os profissionais da saúde, cujo ofício faz com que presenciem situaçãoes adversas no dia dia de trabalho. A empatia, tão utilizada pelos psicólogos, possui relação direta com o ETS, quanto mais elevada a capacidade de empatia do profissional, maior é a pré disposição para o desenvolvomento do transtorno. Este estudo investigou os sintomas de ETS vivenciados pelos psicólogos que atuam na área da saúde. Fizeram parte do estudo 138 profissionais de diferentes estados. Destes 94 % são mulheres com idade entre 22 e 68 e apresentam em média 10 anos de experiência de trabalho. A coleta dos dados foi realizada de forma on-line e os participantes responderam os seguintes instrumentos: Questionário de Dados Sócio-demográficos e de Eventos Estressores; *Cuestionário de Estrés Traumático Secundario e Post-traumatic Stress Disorder Checklist*. Para análise dos dados foram utilizadas estatísticas descritivas, correlação de Pearson e teste *t*. Os resultados revelam que os níveis de Estresse Traumático Secundário, neste estudo, não foram elevados, porém verificam-se resultados importantes no que diz respeito à escala de personalidade, idade e horas de trabalho na semana. É possível que os profissionais mais jovens estejam em maior risco para ETS quando combinadas às características positivas de personalidade. Além disso, profissionais com empatia, satisfação, capacidade de compreensão e desafio podem se sentir envolvidos e motivados com seu trabalho, o que pode ter relação com a maior carga horária semanal. Embora nesse estudo o tempo de experiência não tenha se correlacionado significativamente com ETS, a idade se correlacionou - quanto maior a idade dos psicólogos menor o risco de desenvolver ETS. Conclui-se que a características positivas de personalidade, apesar de benéficas para o atendimento ao indivíduo traumatizado, também podem ser um fator de vulnerabilidade para desenvolver Estresse Traumático Secundário em psicólogos. A escala de personalidade tem relação principalmente a idade do psicólogo e com a sobrecarga laboral, que pode interferir no processo de desenvolvimento do ETS. Ressalta-se como limitação do estudo a coleta de dados realizada por conveniência e o número desproporcional de homens e mulheres participantes.

Palavras-chave: Transtorno de estresse pós-traumático, Estresse traumático secundário, Psicólogos da saúde.

Processo de restauração do estresse em um hospital de custódia: um método de investigação

Bettieli Barboza da Silveira, Maíra Longhinotti Felippe, Ariane Kuhnen, Camila Klein (UFSC)

A presente proposta para a sessão interativa de pôsteres se insere no tema da saúde do trabalhador (PCV). Em Psicologia Ambiental, entende-se que o ambiente sociofísico é capaz de encorajar ou desincentivar certos modos de interações humano-ambientais com efeitos sobre o bem-estar das pessoas. No contexto dos estudos acerca da influência ambiental na saúde humana por alterações dos níveis de estresse, Roger Ulrich (1983) propôs uma teoria que trata da restauração ou recuperação, por efeito do ambiente, de recursos psicofisiológicos

afetados em razão de fator estressor. Desde esse marco, tem crescido significativamente o interesse pelo estudo dos chamados ambientes restauradores: lugares que promovem ou permitem a restauração, a partir da condição de estresse ou de quaisquer condições cotidianas que envolvam o comprometimento de recursos biopsicossociais. Inserida nesse contexto, a presente proposta explicita um método de levantamento de dados que objetiva a investigação da relação pessoa-ambiente em um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, mais especificamente, busca compreender as contribuições desse ambiente para o processo de restauração do estresse em seus usuários. A pesquisa foi desenhada com caráter exploratório e descritivo, tem natureza qualitativa e adota uma abordagem multimétodos. Primeiramente, envolve o exame das características e modificações físicas do hospital, através de análise documental e inspeções locais. Em seguida, prevê a aplicação de técnica de fotografia do ambiente por funcionários, a fim de desvendar, por meio da imagem, aspectos relevantes da interação pessoa-ambiente. Por fim, compreende o desenvolvimento de entrevista semiestruturada em situação individual, a partir das fotografias realizadas pelos participantes em etapa anterior, para se obter dados subjetivos e singulares a respeito do assunto pesquisado. O tratamento dos dados envolve análise de conteúdo. Acredita-se que estudos com tal ênfase possam fornecer uma base científica para a elaboração de políticas públicas direcionadas ao planejamento de um ambiente de internação psiquiátrica com qualidades restauradoras.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental, Ambientes restauradores, Restauração do estresse, Hospital de custódia, hospital psiquiátrico.

Desenvolvimento de competências profissionais e aconselhamento psicológico em bombeiros militares

Jeisa Benevenuti, Karina Martins (UNIFEBE)

O trabalho dos profissionais Bombeiros Militares envolve lidar com situações de estresse diariamente, afetando em algumas situações sua saúde física e emocional. Os objetivos foram identificar possíveis aspectos associados ao estresse no cotidiano de profissionais Bombeiros Militares de Guabiruba – SC além de caracterizar a esses profissionais os prejuízos que o estresse pode causar e sugerir estratégias visando melhorar sua qualidade de vida por meio de oficinas de apoio ao desenvolvimento de habilidades sociais com enfoque no repertório comportamental do indivíduo baseado na análise do comportamento, estabelecendo a importância da aprendizagem de novos comportamentos para uma participação bem sucedida dos indivíduos em suas relações sociais. Neste sentido, foi utilizado em primeiro momento, uma entrevista semiestruturada, que investigou variáveis relacionadas a profissão de Bombeiro Militar e os possíveis aspectos indicados como relacionados ao estresse. Nessa ocasião, foi apresentado uma carta de apresentação contendo o Termo de Consentimento Livre ao participante. No segundo momento, foram realizadas oficinas que aconteceram em forma de dinâmicas, abordando o fenômeno estresse e suas implicações para as relações interpessoais no grupo. Além disso, houve o acompanhamento por parte da pesquisadora nas ocorrências prestando acolhimento para as vítimas e acompanhantes em situações de emergência, buscando compreender os procedimentos técnicos realizados pelos Militares e amenizar estresse ocasionado pela gravidade das ocorrências. Os resultados revelaram que os aspectos relacionados ao estresse como ansiedade e taquicardia, não concentram-se apenas nas ocorrências, onde o ciclo de estresse é eliminado em pouco tempo, mas também ocorrem principalmente no ambiente de trabalho desses profissionais. As atividades

desenvolvidas nas oficinas auxiliaram a identificar que o principal aspecto relacionado ao estresse encontra-se na relação interpessoal dentro do quartel, onde a convivência diária e as diferenças pessoais geram diversos conflitos. Com o planejamento das oficinas, foram preparadas várias atividades que proporcionaram ao grupo desenvolver habilidades sociais diretamente relacionadas a comunicação, autoconhecimento, empatia, relação interpessoal, trabalho em equipe, motivação, autoconfiança, sociabilidade e administração de conflitos. A psicologia como área de conhecimento e campo de atuação profissional pode auxiliar na melhoria da qualidade de vida desses profissionais que prestam um importante serviço à comunidade. Esses profissionais enfrentam situações altamente estressantes, que põem em risco suas vidas para salvar o próximo, consequentemente, podendo estar expostos ao adoecimento precoce. Neste sentido, o apoio e aconselhamento psicológico com foco no desenvolvimento de habilidades sociais são importantes ao profissional Bombeiro para que esses possam criar estratégias de enfrentamento para lidar com situações de estresse.

Correlação entre desemprego e sofrimento psíquico em trabalhadores desempregados

Elaine Silva do Nascimento Mendes, Tatiane Cabral de Araujo, Erica Hokama (USJT)

O desemprego pode ter diversos conceitos que se relacionam diretamente a elementos que influenciam e são influenciados pelas dimensões ideológicas, sociais, históricas, políticas, éticas, nos mais variados níveis de relações. O trabalhador desempregado pode experimentar a sensação de (des)socialização progressiva, podendo resultar em um forte sofrimento psíquico, uma vez que o trabalho tem papel importante na estruturação psíquica e na formação da identidade desses trabalhadores. Levando em consideração que no Brasil, atualmente, existem doze milhões de pessoas desempregadas (aproximadamente), esta pesquisa teve como objetivo investigar as consequências do desemprego em trabalhadores desempregados, buscando correlacionar desemprego e sofrimento psíquico. Participaram desta pesquisa, 188 trabalhadores desempregados, provenientes de diversas camadas da população, a maioria da amostra é do sexo feminino (71,8%), a idade dos participantes varia entre 18 e 62 anos, com média de 31,7 anos, solteiros (51,6%) e em média 10 meses desempregados, estudantes do ensino superior (68,75%). Foram aplicados a “Escala para Avaliação de Sofrimento Psíquico-Social de Trabalhadores Desempregados”, o Questionário de Saúde Geral – QSG-12, sendo que a análise deste questionário para os itens negativos as respostas variam de 1 (absolutamente não) a 4 (muito mais que de costume); e no caso de itens positivos, variam de 1 (mais que de costume) a 4 (muito menos que de costume), e um questionário de dados sociodemográficos. Os resultados encontrados através da análise estatística dos itens demonstram que existe sofrimento interno (média=4,12 e desvio padrão=0,73) e sofrimento social (média=2,62 e desvio padrão=1,00). Quanto à saúde geral, a média foi 2,92, com desvio-padrão de 0,68, mostrando que as condições de saúde da população estudada estão prejudicadas. O desemprego traz sofrimento psíquico e coloca em risco a saúde mental de trabalhadores nesta situação. O trabalho faz parte da construção da identidade dos mesmos e promove a inclusão social do trabalhador. É necessário elaborar novas formas de identificar e potencializar saberes para que as pessoas atingidas pelo desemprego possam reorganizar suas vidas, transformando habilidades e potencialidades em possibilidades de enfrentamento para o desemprego, e é de suma importância refletir sobre estas estratégias de enfrentamento, neste eixo temático, a fim de minimizar o sofrimento psíquico e levantar dados para pensar, a partir das informações, os indicadores de risco de adoecimento de trabalhadores em situação de desemprego.

Palavras-chave: Desemprego, Trabalho, Sofrimento psíquico, Saúde mental.

A família "saudável" na visão de psicólogos dos cras

Juliana Marion, Ana Paula Benatti, Marilise Ferreira, Caroline Rubin Rossato Pereira, Samara Silva dos Santos (UFSM)

O presente estudo teve por objetivo conhecer e analisar a concepção de "família saudável" de psicólogos que atuam nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS). Este trabalho está relacionado ao GT “Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar” (sigla PCV) por abordar o entendimento desses profissionais sobre saúde familiar, podendo servir como subsídios para o planejamento de ações efetivas de proteção e promoção de bem-estar biopsicossocial nas famílias atendidas nesses serviços. Esse trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa exploratória, a qual descende de um projeto de pesquisa maior intitulado "Psicologia e políticas públicas: Saúde e Desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade social", desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade de Brasília com objetivo de investigar a inserção, formação e atuação do psicólogo no campo das políticas sociais no Brasil. Como pressuposto epistemológico, o presente estudo tem como base a Teoria Sistêmica Familiar e utilizou entrevistas semiestruturadas como instrumento para coleta de dados. Participaram do estudo todos os cinco psicólogos que atuavam nos CRAS (quatro CRAS) de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Como resultado, encontrou-se que, para esses profissionais, uma família "saudável" pode ser entendida como aquela onde há um vínculo afetivo e respeito entre os membros, onde cada um desempenha seu papel dentro do sistema familiar e que, unidos, conseguem superar as dificuldades que aparecem no dia-a-dia. Em contraponto, uma família em que as pessoas não estão bem é percebida como aquela onde a comunicação falha e não se encontra solução para os conflitos, o que fragiliza o sistema e o torna suscetível a situações de violência. A partir destes resultados, percebe-se que a saúde familiar é um tema necessário de ser pensado junto às ações de proteção e promoção de bem-estar biopsicossocial promovidas na assistência social, especialmente por estar relacionada com a efetividade dessas e com a resiliência das famílias, como pode ser inferido através das respostas dos entrevistados.

Direitos da criança e do adolescente: Um estudo sobre a percepção dos pais

Carolina Schmitt Colomé, Carolina Prietto Ferrazza, Gabriela Sarturi Rigão, Isadora Cristina Putti Paludo, Jennifer Vanessa Avila dos Santos, Daniele Dalla Porta, Marina Peripolli (UFSM)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, constitui-se marco relevante na regulamentação dos direitos das crianças e adolescentes. Recentemente, uma alteração no ECA esclareceu o direito desses últimos à educação sem o uso de castigos físicos e/ou tratamento cruel/degradante, inclusive a palmada. Em consequência, a educação na infância e adolescência passou a ser foco de discussões e dúvidas, uma vez que as novas disposições trazidas pela legislação questionam algumas estratégias educativas utilizadas pelos pais. Dessa forma, é fundamental que estes últimos, bem como a sociedade em geral, conheçam e compreendam os direitos da criança e

do adolescente, atuando como fator de proteção para um desenvolvimento saudável. Assim, o objetivo deste estudo foi conhecer a percepção dos pais, mães e/ou responsáveis de crianças pré-escolares e escolares acerca dos direitos da criança e do adolescente. Essa pesquisa se insere no GT "Parentalidade, Relações Familiares e Saúde Familiar" (eixo temático: PCV). Trata-se de um estudo qualitativo que busca entrevistar 60 mães, pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas na educação infantil e no ensino fundamental de duas escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Até o momento, tem-se apenas dados preliminares, tendo em vista que a pesquisa está em andamento – foram entrevistados até o momento 10 participantes. Para a coleta dos dados, está sendo utilizado um questionário sobre os direitos da criança e do adolescente. A partir da análise de conteúdo de Bardin, pode-se perceber que a maioria dos entrevistados possui informações consistentes no que se refere às leis e aos direitos das crianças/adolescentes, uma vez que demonstraram reconhecer que a criança tem direito a brincar, à educação e à saúde, por exemplo. Ainda, os pais identificaram violência, falta de alimentação, falta de higiene e ausência de oportunidade de entrar na escola como situações de violação dos direitos. Além disso, os participantes classificaram bater, rejeitar e discriminar como uma violência na vida dos filhos, que pode causar danos. Contudo, foram identificadas algumas divergências em relação à compreensão do abuso sexual, já que os participantes demonstraram ter dúvidas em relação ao ato ser de responsabilidade do abusador, dos pais e/ou da criança/adolescente. Dessa maneira, percebe-se a importância de pesquisas como esta, a fim de que se possa abrir espaços para a discussão e entendimento dos direitos da criança e do adolescente por parte da família e da sociedade.

Controle e poder materno no contexto pós-divórcio: trabalhando a coparentalidade em prol do bem-estar dos filhos

Gabriela Clerici Christofari, Dorian Mônica Arpini, Ângela Roos Campeol, Patrícia Paraboni (UFSM)

As separações conjugais são entendidas, atualmente, como um processo que ocorre com frequência, inclusive fazendo parte do ciclo de vida familiar. Tendo em vista as relações familiares no contexto pós-divórcio, sabe-se que a manutenção dos vínculos entre pais, mães e filhos é de fundamental importância. Considerando tais questões, este trabalho objetiva apresentar um relato de experiência sobre a questão do controle e poder que algumas mães exercem no que tange à relação pai-filhos no contexto pós-separação. Esses aspectos foram observados durante a prática no programa de extensão denominado "Serviço de Psicologia junto ao Núcleo de Assistência Judiciária: uma orientação familiar", no qual são realizadas ações como entrevistas, mediações de conflitos familiares e acompanhamento de pais em função de processos referentes ao fim do relacionamento conjugal, pensão alimentícia, guarda dos filhos, dentre outros. Assim, entende-se a relação da proposta de trabalho com o eixo temático "Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida" (PCV), bem como com o GT proposto, "Parentalidade, Relações familiares e Saúde Familiar", uma vez que as atividades desenvolvidas pelo Serviço de Psicologia atentam para as relações familiares e para o exercício da coparentalidade após a separação conjugal, visando ao bem-estar de todos os integrantes das famílias atendidas. Na atualidade, ainda parece prevalecer a concessão de guardas unilaterais às mães. Isso se deve, dentre outros aspectos, à crença difundida de que as mulheres teriam um instinto biológico materno para cuidar dos filhos. Entretanto, a partir das proposições sobre o conceito do mito do amor materno, do entendimento de que o processo de tornar-se mãe/pai está ligado ao desejo de cada um e de sua história de vida,

além de um novo posicionamento e maior participação paterna no cuidado e proteção dos filhos, transformações ocorreram no contexto da parentalidade. Portanto, através da experiência no programa de extensão, nota-se a importância de trabalhar a coparentalidade e a responsabilização parental conjunta, por exemplo, a partir da proposta da guarda compartilhada. Assim, pretende-se ultrapassar a concepção de que apenas a mãe seria imprescindível enquanto o pai ocuparia um papel secundário e, por vezes, inferior no cuidado e convívio com os filhos. Entende-se que o trabalho com as mães que tentam controlar as relações e o convívio entre o pai e os filhos é um dos aspectos fundamentais para que, na situação pós-divórcio, os conflitos sejam amenizados e novas configurações relacionais possam se estabelecer, beneficiando, especialmente, os filhos.

A Psicologia e o trabalho interdisciplinar no âmbito do direito de família

Ângela Roos Campeol, Dorian Mônica Arpini, Patrícia Paraboni, Camila Kostulski, Gabriela Clerici Christofari, Gerusa Morgana Bloss Lucca, Luísa da Rosa Olesiak (UFSM)

Ao acompanhar as mudanças sócio-político-culturais é possível compreender os padrões adotados pelas famílias, em diferentes momentos da história. A família é definida como um sistema dinâmico, que se desenvolve de modo não linear. Assim, intersecções fazem parte da trama de vida familiar, dentre elas a dissolução da união conjugal, assim como outros eventos estressores, podendo constituir momentos de crise no ciclo evolutivo familiar, desencadeando um processo complexo de mudanças que tem reflexos na dinâmica emocional e na organização de todos os envolvidos. E, por entender que aspectos subjetivos e conteúdos psicológicos estão implicados nas questões familiares, este trabalho objetiva apresentar o programa de extensão “Serviço de Psicologia junto ao Núcleo de Assistência Judiciária: uma orientação familiar”. O projeto de extensão teve início no ano de 2005 e em 2012 passou a categoria de programa. As ações são desenvolvidas em parceria entre o Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria e o Núcleo de Assistência Judiciária Gratuita da instituição. O trabalho interdisciplinar atenta para a complexidade e totalidade das relações familiares, cabendo ao Direito dispor sobre as normas jurídicas e a convivência familiar, enquanto a Psicologia abrange a subjetividade e compreensão de aspectos emocionais e da dinâmica familiar. Nesse sentido, acredita-se na articulação das atividades do programa de extensão ao eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” (sigla PCV), estando em consonância com o grupo de trabalho “Parentalidade, relações familiares e saúde familiar”. Uma vez que, a proposta do Serviço de Psicologia está em minimizar o sofrimento de famílias que estejam passando por situações de crise, separações conjugais, trabalhar questões relacionadas à guarda dos filhos, auxiliar na reflexão de aspectos referentes à paternidade/maternidade, facilitar a comunicação entre as partes, impulsionando a busca de soluções em conjunto. A resolução de conflitos familiares visa a realização de atendimentos individuais a fim de conhecer as demandas de cada caso. É ofertada a possibilidade de diálogo com a intenção de alcançar um entendimento comum e restabelecer as relações fragilizadas. Esta é uma prática alternativa à via litigiosa, contudo, não há a exigência de que acordos sejam formalizados. Para a Psicologia, a efetividade de seu trabalho está na vivência cotidiana dos acordos estabelecidos. Assim, no ano de 2014, incluiu-se ao programa o acompanhamento de pais pós-acordo de guarda dos filhos. Aliada ao Direito, a Psicologia mostra-se como uma importante ferramenta na área jurídica.

A construção de vínculo mãe-bebê-famílianocontexto da prematuridade à luz do modelo bioecológico do desenvolvimento humano – Reflexões e implicação para a psicologia

Djenifer Samantha Marx, Natielen Peixe, Isadora Conversano de Azevedo, Amanda Kliemann, Zaira Aparecida de Oliveira Custódio, Elisangela Böing (UFSC)

Em uma perspectiva sistêmica, a internação neonatal pode ser compreendida como um evento estressor horizontal impredizível, pois não é esperada dentro do movimento de desenvolvimento familiar e, como tal, pode ocasionar disfunções e sofrimento dentro do sistema. Assim, a intervenção da Psicologia nesse contexto atua na promoção de vínculos saudáveis, na identificação e fortalecimento de recursos para o manejo das situações de crise dentro da família. Esse estudo visa apresentar a aplicação prática do Método Canguru no setor da Unidade Neonatal de um Hospital Universitário do sul do Brasil, identificando benefícios e desafios enfrentados pelas mães e pelos bebês pré-termos internados na unidade. Numa perspectiva da prevenção e promoção de saúde, tanto dos recém-nascidos, como de suas mães e das famílias - vista como um sistema integrado -, o estudo está contemplado no eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida”, uma vez que o momento de nascimento de um novo membro faz parte de um processo de transição dentro do desenvolvimento do ciclo de vida familiar. A partir de pesquisa bibliográfica abarcando os temas da prematuridade, construção de vínculo afetivo mãe-bebê, internação neonatal e execução da política de atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso - Método Canguru, bem como da experiência profissional das autoras, o presente estudo tece reflexões acerca da construção de vínculo mãe-bebê-família no contexto da prematuridade, tendo como base teórica o Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano proposto por Bronfenbrenner. Discute-se a influência e especificidades dos fatores relacionados aos processos-proximais, às características de pessoa, ao contexto e ao tempo para a construção e manutenção do vínculo afetivo mãe/família com os infantes pré-termos internados em uma UTI-Neonatal. Esses fatores atuam recursivamente de forma a propiciar ou dificultar o vínculo. Por fim, são desenvolvidas reflexões sobre as possibilidades e limitações do acompanhamento psicológico com as mães dos bebês internados, ilustradas por um caso clínico.

Concepções de psicólogos sobre a saúde da família no contexto de violação de direitos

Dalila Moreira dos Santos, Gabriela Clerici Christofari, Juliana Marion, Marilise Ferreira, Caroline Rubin Rossato Pereira (UFSM)

Este trabalho teve como objetivo investigar como os psicólogos que atuam nos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) entendem o conceito de saúde do sistema familiar. A relação com o eixo temático escolhido está na importância do conhecimento e reflexão acerca das concepções desses profissionais para o planejamento de ações adequadas e efetivas de proteção e promoção de bem-estar biopsicossocial voltadas para famílias atendidas nesses serviços. Este estudo faz parte do projeto de pesquisa "Psicologia e políticas públicas: Saúde e desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade social", desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade de Brasília. Em relação ao método, utilizou-se a Teoria Sistêmica Familiar como pressuposto epistemológico e a

aplicação de entrevistas semiestruturadas como instrumento para a coleta de dados. Ao total, foram realizadas cinco entrevistas com psicólogos que atuavam nos CREAS de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. A concepção de saúde familiar para os profissionais entrevistados era formada pelas representações de suas famílias de origem e pela percepção das famílias atendidas. Dessa forma, os psicólogos da amostra entendem por saúde familiar a capacidade de suprir emocionalmente e afetivamente os filhos, oferecendo uma rede de apoio e suporte que possibilite ao indivíduo o sentimento de pertença a um grupo. Por outro lado, como um fator disfuncional presente nas famílias atendidas, citou-se a fragilidade dos vínculos afetivos familiares, a presença de violência e violação de direitos. Através desses resultados foi possível verificar que a saúde da família, para esses psicólogos, encontra-se diretamente relacionada com a presença de afeto, diálogo e desempenho das funções parentais. Com isso, pretende-se que os resultados deste estudo sirvam como subsídio para a reflexão e a formação dos psicólogos que atuam em ações voltadas para a família.

O projeto de vida familiar na perspectiva de adolescentes que vivenciaram a separação conjugal de seus pais

Mirela Heinen Rediss, Caroline de Abreu Prola Fritsch,
Caroline Rubin Rossato Pereira (UFSM)

A separação conjugal e o divórcio se tornaram eventos familiares cada vez mais frequentes, ocupando um lugar de destaque entre os estressores na vida de um número cada vez maior de crianças e adolescentes. Entende-se que este evento não pode ser compreendido como uma dissolução ou fim da família, mas como um período de reestruturação de papéis e readaptação, como outros momentos do ciclo evolutivo que a família vivencia ao longo de sua existência. Como parte de um estudo maior, intitulado “Separação Conjugal: O Papel dos Filhos Adolescentes”, este trabalho específico teve como objetivo investigar as expectativas que os adolescentes que vivenciaram a separação conjugal possuem sobre suas famílias de origem e sobre as famílias que constituirão no futuro. Para tanto, participaram do estudo nove adolescentes com pais separados que responderam a entrevista de dados demográficos e uma entrevista semiestruturada sobre a separação conjugal, além da construção do genograma da sua família. Os dados coletados foram transcritos e analisados qualitativamente a partir da análise de conteúdo, constituindo-se uma estrutura de categorias temáticas. Em relação ao método, utilizou-se a Teoria Sistêmica Familiar como pressuposto epistemológico. Como resultado, observou-se nas falas dos entrevistados um intenso desejo de que a separação dos progenitores jamais tivesse ocorrido, e até mesmo a esperança de que eles pudessem reatar o relacionamento. Além disso, identificou-se que a família de origem foi referida como um contra modelo a ser evitado por esses adolescentes no futuro. Foi possível notar, ainda, que a experiência da separação conjugal dos pais, mesmo que associada a sentimentos de desconforto, pôde ser ressignificada no desejo de viver uma história diferente. Entende-se que este trabalho reflete o recorte de uma ampla realidade do país, estando implícitos os aspectos culturais, crenças e valores da população participante. Neste sentido, reitera-se a necessidade da continuidade de estudos neste fenômeno familiar em diversos contextos, colaborando para o conhecimento científico e para a prática em psicologia com adolescentes e suas famílias.

Interação familiar no contexto de uso/abuso de substâncias psicoativas

Célia Mendes de Souza, Ana Paula Magosso Cavaggioni,
Manuel Morgado Rezende (UMESP)

Muitas pesquisas têm sido realizadas associando diversos fatores ao uso e abuso de substâncias psicoativas e apontam que as experiências familiares durante a infância e a adolescência têm sido amplamente relacionadas ao uso de drogas. Esta revisão, que abrange o período de 1996 a 2014, destaca a relação de um padrão familiar com o uso/abuso de substâncias psicoativas, incluindo-se no eixo temático 'PCV', subtema 1.4 - Saúde da família. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em diversas bases de dados, com a utilização dos seguintes descritores: padrão familiar, uso, abuso e substâncias psicoativas. As referências encontradas, tratavam da prevalência de uso de substâncias, de padrão de comportamento individual no uso e abuso de drogas, formas de prevenção, perfil dos usuários, elaboração de instrumento para avaliação e relação de padrões familiares com o uso e abuso de substâncias psicoativas, sendo este o foco para este estudo. Os resultados mostram que, nas famílias de dependentes de substâncias psicoativas há um padrão repetitivo de vínculo disfuncional ao longo das gerações, destacando situações que se sucedem, se repetem e se cronificam no interior da família. A família, devido ao desgaste das relações pode apresentar baixa tolerância e dificuldade de aceitação aliada à falta de condição psicoemocional de lidar com seus conflitos internos. A dependência de substâncias psicoativas pode, então, emergir como sintoma de organização psicopatológica. Porém, de algum modo, a família também pode atuar como fator protetivo a seus membros antes mesmo que tenham um primeiro contato com as drogas. Assim como o dependente faz parte de um sistema (família) que não encontra suporte e estrutura necessários à sua recuperação, a família também faz parte de um sistema (bem maior, a sociedade) que precisa criar condições de atender às necessidades deste núcleo menor, que também apresenta a necessidade de uma estrutura de apoio. Portanto, como foi identificado nos resultados dos estudos supracitados, a família pode adquirir um caráter protetivo ou de risco no que diz respeito ao uso e abuso de substâncias. Para isso, se faz necessário olhar para essa família, com todas as suas potencialidades e sintomas. Deste modo, é fundamental a aquisição de uma perspectiva científica, transformadora do clássico modelo da repetição, abstinência e recaídas do consumo de produtos psicoativos. Daí a emergência gritante da implantação de projetos de políticas públicas promotoras de saúde com o atendimento ao paciente identificado e de seu grupo familiar e comunitário.

Palavras-chave: Padrão familiar, Interação, Abuso de substâncias psicoativas.

Estudo epidemiológico de pacientes com neoplasias intracranianas

Clemilson Sombrio Gomes (PUCPR), Bruna Almeida (Univ. Tuiuti), Renan Kintopp,
Talita Perboni, Cloves Antonio de Amissis Amorim, Samanta Fabricio Blattes da Rocha
(PUCPR), Ricardo Ramina (Instituto de Neurologia de Curitiba)

As neoplasias que afetam o cérebro são associadas à déficits cognitivos e psicológicos. Estima-se que sejam diagnosticados cerca de 11 milhões de novos casos e que sete milhões de pessoas morram devido ao câncer no sistema nervoso central todo ano. Estudos epidemiológicos são importantes para compreensão dos eventos relacionados à ocorrência desta doença na população, à exemplo do aumento da incidência de gliomas entre pessoas idosas devido à melhora diagnóstica nos últimos anos. Os sintomas neurocognitivos são

relacionados em parte à localização estrita do tumor e em parte à outras características decorrentes do tipo histológico da lesão, como capacidade infiltrativa, efeito de massa, edema perilesional e grau de agressividade da doença. O presente estudo de coorte é retrospectivo e foi realizado em banco de dados de hospital privado do sul do Brasil. Insere-se no eixo de interdisciplinaridade e intersetorialidade: em busca da integralidade da atenção à saúde, com objetivo de articulação intersetorial e rede de atenção a saúde dentro do serviço hospitalar especializado no atendimento a pacientes com neoplasias intracranianas. A população estudada é composta por indivíduos de ambos os sexos operados no Instituto de Neurologia de Curitiba avaliados pela equipe de neuropsicologia do hospital. 89 pacientes revisados sendo 55% do sexo masculino e 45% do feminino. 6,74% tinham entre 10 e 20 anos, 57,30% tinham entre 20 e 50 anos e 35,94% tinham entre 50 e 90 anos. 34 pacientes tinham lesão no lobo temporal e 23 no lobo frontal. Os pacientes com lesão frontal em comparação aos com lesão temporal tiveram escore Z inferior em testes de aprendizagem verbal e não verbal. Em 29 pacientes o exame histopatológico confirmou glioma de baixo grau em 41,38%, alto grau em 31,03%, meningeomas em 13,79% cavernoma em 6,89 e lesões não neoplásicas em 6,89%. O diagnóstico na terceira idade vem aumentando ao longo dos últimos anos, o que traz implicações na tomada de decisão cirúrgica, tendo em vista a fragilidade da saúde desta população – seja pelo impacto da própria doença, seja pelas comorbidades frequentes nesta faixa etária. Déficits de memória vistos em lesões frontais evidenciam o papel destas estruturas na codificação da memória. O grupo com lesão de baixo grau em lobo temporal se mostra mais assintomático em termos de memória verbal do que o de alto grau, sugerindo haver efeito de algum mecanismo de plasticidade neuronal presente.

Teses brasileiras sobre o luto – um estado da arte

Caio Soares Holzmann, Áurea E Om Spricigo Siqueira, Caique Lima Sette Franzoloso, Cloves Amorim, Ana Maria Moser, Aline Queiroz de Souza (PUCPR)

O fenômeno do luto é provavelmente uma grande ocasião para o desenvolvimento do sujeito. Esta experiência nos remete ao amor e à transitoriedade da vida. O luto é entendido enquanto vivência de um conjunto de reações ligadas a uma perda significativa. Este estudo visou analisar teses que abordassem o tema “Luto” com o objetivo de apontar quais são as lacunas e contribuições, bem como sugerir novas pesquisas. A realização de produções do tipo estado da arte possibilita efetivar o balanço de determinada área em uma lacuna temporal. A presente pesquisa se encaixa no eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida – PCV”, no subtema “1.8 Morte e processo de Luto”, por realizar um estado da arte sobre as produções brasileiras que retratam o luto. No que tange aos pressupostos epistemológicos, recorremos ao pioneiro trabalho de Sigmund Freud e à autores que deram prosseguimento às pesquisas, tais como Colin Parkes, William Worden, Maria Helena Pereira Franco e Wilma da Costa Torres, sendo que, atualmente, são muitas as áreas do conhecimento que se ocupam dessa temática. Dessa forma, realizou-se a análise dos resumos das teses produzidas de 2007 a 2013, cujos descritores utilizados foram: luto, Psicologia do luto, luto e resiliência. O critério de inclusão foi a disponibilidade de teses no banco de dados BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). Os estudos realizados em 15 teses apontaram a ampliação, na última década, do interesse pelo tema, além de uma forte concentração dos estudos no Estado de São Paulo. Também foi possível constatar que o luto é um processo de vivência e subjetividade singular, que pode desencadear/eliciar sofrimento, independente da fase desenvolvimental do indivíduo.

Concluiu-se que há escassez de trabalhos envolvendo o processo do luto em crianças, doentes mentais, e fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, dentro do período estudado.

Doação de órgãos: motivos de recusa familiar no Distrito Federal

Isabela Castelli, Áderson Luiz Costa Junior (UnB)

Entre janeiro e junho de 2015 ocorreram, no Brasil, 2848 entrevistas com familiares de pacientes em morte encefálica (ME), visando obtenção de consentimento para doação de órgãos e tecidos. Destas, 44% (1254 entrevistas) não obtiveram consentimento para doação. No mesmo período, a fila de espera para transplantes tinha 32.000 pessoas. A análise dos procedimentos adotados pelos profissionais de saúde, para abordar e entrevistar os familiares, assim como a compreensão dos argumentos referidos pelos familiares, pode permitir a identificação de crenças disfuncionais e dificuldades de compreensão de conceitos que envolvem a ME e o transplante de órgãos. Esta identificação poderia ajudar a aumentar o número de transplantes. O objetivo desse trabalho foi levantar os principais motivos, referidos para recusa familiar à doação de órgãos, no contexto do Distrito Federal, no ano de 2014. Realizou-se análise documental de prontuários de ME que atendiam ao critério de não doadores, por motivo de recusa familiar, encontrando-se 77 prontuários válidos. Os resultados foram organizados em 11 categorias temáticas, explicativas de recusa: (a) sem justificativa, por registro indevido ou não explicitação dos familiares (n = 40); (b) paciente era não-doador em vida (n = 14); (c) atraso na liberação do corpo (n = 9); (d) família não aceitou, ou não compreendeu, diagnóstico de ME (n = 6); (e) impedimentos religiosos (n = 4); (f) desejo dos familiares de preservar a integridade física do corpo (n = 3); (g) família acreditava que paciente não tinha condições físicas para doação (n = 2); (h) inviabilidade legal (n = 1); (i) família manifesta-se contrária à doação (n = 1); e (j) família tem receio de que órgãos sejam objeto de tráfico (n = 1). Os dados obtidos corroboram a literatura. Entre os argumentos, contidos nas categorias temáticas, estão a não compreensão do diagnóstico de ME (21%), dogmas religiosos impeditivos (19%), falta de habilidade da equipe para esclarecer dúvidas dos familiares (19%) e atrasos na devolução do corpo (10,2%). Os dados obtidos apontam para uma contribuição potencial que poderia ser executada por psicólogos: (a) esclarecer crenças errôneas, dos familiares, sobre o processo de doação de órgãos; (b) efetuar treinamento de habilidades de comunicação e atuar como mediador do processo de interação entre equipe e familiares; (c) efetuar acolhimento dos familiares reduzindo estresse emocional e facilitando o processo de tomada de decisão quanto à doação; e (d) compreender como conceitos religiosos interferem sobre a intenção de doação.

As mudanças psicossociais advindas do luto materno

Bruna Fraga Tristão, Vanessa Czerwinski Ferreira,
Viviane Oliveira de Almeida Jeremias (Escola Superior de Criciúma)

A presente pesquisa é de cunho qualitativo do tipo estudo de caso realizado com duas mães que perderam seus filhos em um período de 2 a 11 anos, com o intuito de pesquisar mudanças psicossociais provenientes a perda de um filho, elucidando o processo de luto e as mudanças ocorridas na vida destas mulheres, que englobam questões profissionais, sociais, de relacionamento conjugal e sintomas psicoemocionais. Possui extrema relevância para o eixo temático PCV 1.8, de forma que contribui significativamente socialmente e para os

profissionais da área da saúde. Conclui-se que os sintomas do luto vão sendo amenizados com o passar do tempo, porém o sofrimento é diário quando remetido às lembranças, e que a retomada do papel profissional foi fundamental na elaboração do processo de luto, observa-se como um refúgio para não ficar na solidão. Verificou-se também que as crenças religiosas auxiliaram as mães enlutadas a terem um objetivo de vida. Os sentimentos se assemelham conforme a fase do processo de luto na qual estão vivenciando. Nestes estudos de casos, fora possível compreender de que forma as mães vivenciaram o luto de seus filhos, de modo que elaboraram um luto saudável, demonstrando resiliência no processo. Além disto, na relação conjugal podem-se perceber conflitos no casamento. E na relação social, ocorreram situações diferentes, no caso A, a mãe procura se isolar de lugares que lhe remetem lembranças de seu filho e no caso B, a mãe acredita que precisa enfrentar, pois se ela não o fizer ninguém fará por ela. Contudo, podem-se constatar os intensos sentimentos que despertaram em suas vidas no real sentido de ser mãe, de modo que este acompanha o sentido de proteção responsabilidade que por um motivo não normativo, é rompido e deixa muitos sentimentos ambivalentes.

Grupo de apoio a familiares e cuidadores enlutados do Serviço de Atenção Domiciliar de Blumenau (SAD)

Jerusa Wilbert (Prefeitura Municipal de Blumenau)

O SAD tem como papel acompanhar cuidadores e auxiliá-los na rotina do cuidado, com capacitação contínua e possível suporte a eles. Quando ocorre a possibilidade de morte de alguém querido, o cuidador pode apresentar sentimentos de raiva, culpa, alívio e estes dificilmente são reconhecidos e aceitos pelas pessoas. Diante desta perspectiva, deseja-se realizar suporte psicológico na modalidade de grupo para cuidadores e familiares enlutados, com o objetivo de viabilizar uma aceitação sobre a morte. Foram realizados encontros de atividades reflexivas com a Psicóloga e com a estagiária, através de leituras, dinâmicas de grupo e discussões do cotidiano de cada participante, sendo que a condução dos temas depende sempre da vontade e necessidade deles. Trata-se de um grupo aberto e homogêneo quanto às dificuldades dos participantes, ou seja, familiares e cuidadores que estão enfrentando um processo de luto. O atendimento grupal exige um contrato ético, permeado pelo sigilo, que será contratado com os participantes no grupo e reforçado em cada encontro do grupo. Como principais resultados do trabalho têm-se a prevenção e redução do estresse e da sobrecarga mental dos cuidadores; possibilidade dos familiares e cuidadores reconstruírem uma posição saudável em relação ao luto do familiar, não apenas através da narrativa das problemáticas do cotidiano, mas, da escuta de outros cuidadores que passam pelas mesmas dificuldades em relação à perda; aumento da qualidade de vida dos cuidadores e familiares; retomada de vínculo social a partir dos encontros; melhor satisfação dos usuários do SUS. Por meio também do questionário de pesquisa de satisfação, pode-se comprovar que o cuidador sente bastante a perda e pode compartilhar essa dor com os demais, pois vive a vida em função do outro e devido estar o maior tempo junto com o ente querido, muitas vezes sem folga e sem lazer. Notou-se também a importância de planejar o futuro, pensar em outras atividades, olhar mais para si. Enquanto profissional mediadora do grupo percebe-se sinais de recuperação dos enlutados como dormir e alimentar-se melhor, voltar à capacidade de cuidar das coisas cotidianas, sentir-se livre para rir e se divertir. Uma das dificuldades encontradas foi a pouca adesão dos participantes comparados ao número de óbitos, no período de um ano. Os enlutados foram recrutados através de uma ligação telefônica ou

pessoalmente pela equipe do SAD e não foram eles que procuraram ajuda, o que se considera como uma das razões da pouca adesão.

As diferentes concepções sobre a morte e o processo de luto

Fernanda Nardino, Luísa da Rosa Olesiak, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Camila Peixoto Farias, Alberto Manuel Quintana (UFSM)

A morte se configura como um tema de constante reflexão da vida, mas, contraditoriamente, pouco falado. Sua concepção sofreu alterações ao longo dos tempos e a forma como as pessoas a encaram, consequentemente, mudou. Na Antiguidade a morte fazia parte do ambiente doméstico das pessoas, sendo entendida de forma natural. Já na sociedade ocidental atual, ocorre o inverso e a morte é tratada como tabu, sendo extinguida das pautas sociais. No mesmo sentido, o luto, que remete a uma elaboração psíquica difícil e dolorosa, é barrado e o sujeito, frequentemente, depara-se com a ausência de espaços para elaborar suas perdas. Com isso, objetiva-se conhecer as configurações que a morte e o processo de luto foram adquirindo ao longo do tempo, bem como, as repercussões das concepções atuais para os sujeitos. Dessa maneira, o trabalho se insere no eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida. Tal relação ocorre em função de que os processos de morte e luto perpassam a vida e a Psicologia da Saúde que, por sua vez, está intimamente relacionada com o modo que os sujeitos lidam com tais processos. O método utilizado consiste em uma revisão bibliográfica, onde se buscou materiais acerca da morte e do processo de luto. O trabalho apoia-se nos pressupostos psicanalíticos. Os resultados obtidos demonstraram que, antigamente, os sujeitos estabeleciam uma relação mais próxima com a morte, tendo espaços para conviver com seus familiares nos momentos finais de vida, bem como se despedir deles. Tal configuração permitia que pudessem refletir sobre a própria vida, proporcionando uma maior possibilidade de aceitação do processo de morrer e da morte. Já o sujeito contemporâneo, desprendido dos costumes do passado e, diante da frequente indiferença e insensibilidade para com o outro e para os rituais tradicionais, vê a morte de forma higiênica, onde expressões de dor e manifestações de intenso sofrimento são desaprovadas pela sociedade atual. Nesse tocante, não ponderar a existência da morte pode inibir o desenvolvimento de significações e ressignificações para a própria vida. Assim, entende-se que a maneira como se lida com a morte pode gerar, consequentemente, dificuldades na elaboração do processo de luto. Há, com isso, um barramento das manifestações de sentimentos de dor e sofrimento, que ecoam não só no sujeito e na família, como na sociedade em si, que passa por um processo de esvaziamento simbólico.

Palavras-chave: Luto, Morte, Simbolismo.

Análise de um programa de intervenção na implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem

Maria Celina Trevisan Costa, Glaucia Fredericci Trazzi, Isabella Nali Freire, Rita de Cassia Silva Oliveira, Tamires Miguel Mancusi, Thaís Quinaglia Guimarães, Thamiris Morais Silva (UNIFEV)

Nas últimas décadas, o sentimento de não pertencimento dos homens a espaços da saúde tem contribuído para o elevado número de óbitos desta população. Visando transformar essa

realidade e potencializar o acesso da população masculina aos serviços e ações de saúde, foi instituída no Brasil, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), pela Portaria nº 1.944/GM, do Ministério da Saúde, de 27 de agosto de 2009, sendo a **Coordenação Nacional de Saúde dos Homens** (CNSH) responsável por sua implementação. Nessa perspectiva, o curso de Psicologia/UNIFEV, por meio dos Estágios Supervisionados Básicos I e II desenvolveu o projeto: saúde dos motoristas que transportam universitários para o município de Votuporanga - SP, tendo como objetivo a implantação da PNAISH junto ao público alvo. Foram realizados 22 encontros, com a participação de 80 motoristas, moradores de diversos municípios da região, que realizavam o transporte de estudantes todas as noites para Votuporanga/SP. As intervenções elaboradas pelos estagiários abordavam os cinco eixos da PNAISH (Acesso e Acolhimento; Saúde Sexual e Reprodutiva; Paternidade e Cuidado; Doenças prevalentes na população masculina e Prevenção de Violências e Acidentes), utilizando diversos recursos metodológicos (palestras, dinâmicas de grupo, vídeos, rodas de conversas, entre outras) no Centro de Convivência do Centro Universitário de Votuporanga, toda terça-feira, das 19h30 às 21h00. Foram realizadas parcerias com o curso de Enfermagem e Medicina/UNIFEV, médicos da comunidade, Associação Antialcoólica, Polícia Rodoviária, Coordenação da Saúde Mental e Centro de Referência e Atendimento à Mulher. A inserção do psicólogo no contexto das práticas de promoção da saúde masculina tem se apresentado como um desafio contemporâneo. Por meio do desenvolvimento desse programa, foi detectado o empoderamento da amostra como sujeitos em sua totalidade, com o resgate da condição de atores sociais, históricos e políticos, por meio de espaços críticos-reflexivos, compreendendo a complexidade dos modos como os homens exercem sua masculinidade e sua implicação no âmbito da saúde coletiva.

Histórias de perdas: uma proposta de (re) leitura da experiência de luto

Ivânia Jann Luna, Carmen Ojeda Ocampo Moré (UFSC)

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da pesquisa que teve como objetivo geral compreender as tramas narrativas, relacionais e de significados co-construídas e que sustentam a experiência de luto de pessoas que vivenciaram a morte de um membro familiar. Participaram do estudo 12 pessoas que perderam um membro familiar em circunstâncias antecipada ou repentina. Para coleta de dados utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, que subsidiada por roteiro previamente construído e pelos instrumentos, Genograma e Mapa de Redes possibilitaram a construção da História da Perda e de Redes Pessoais Significativas para cada um dos participantes. O processo de integração e organização do conjunto de dados baseou-se nos princípios da *Grounded Theory*. Nesse processo delinearam-se três dimensões temáticas, que congregaram 11 categorias de análise. Os resultados demonstraram que a primeira dimensão temática - histórias de vínculo e de perdas - evidencia a construção de histórias sobre o vínculo que se tinha com a pessoa que morreu e histórias sobre a trajetória de perda, reação à perda e a consequência da perda. È na segunda dimensão - rede social de apoio - que se visualizam os personagens das 4 histórias descritas. Configuraram-se redes pessoais significativas grandes e muito grandes, sendo estas compostas por pessoas da família, amigos, prestadores de serviço e colegas de trabalho e estudo que foram qualificadas pelo seu grau de compromisso relacional como íntimas e sociais, tendo em vista as funções desempenhadas, como de apoio emocional, companhia social, ajuda material e ajuda cognitiva. Visualizou-se também que essas redes foram o eixo em torno do qual se dá construção dos “sentidos da perda”, terceira dimensão do fenômeno pesquisado, na medida em que se problematiza a construção do significado por

meio do aporte do construcionismo social. Essa dimensão visibiliza também a singularidade das experiências vividas pelos participantes quanto ao que foi perdido, o que causou a perda, qual sofrimento foi gerado pela perda e quais os legados do luto. A proposta de (re)leitura da experiência da experiência de luto se dá por uma compressão ampliada desse fenômeno, no sentido de congregar e/ou integrar narrativas, relacionamentos e significados. Sendo assim, essa experiência pode ser compreendida como um processo de construção social de Histórias de perdas, processo no qual se articulam diferentes roteiros linguísticos, protagonistas e significados em torno da transformação do mundo presumido da pessoa que vivenciou a perda de um membro familiar.

ATITUDES E CRENÇAS DE PACIENTES COM DOR CRÔNICA

Loiane Letícia dos Santos, Randolfo dos Santos Júnior (FAMERP)

Estudo transversal com o objetivo de avaliar variáveis como depressão, ansiedade, autoeficácia, crenças e atitudes de pacientes frente à dor crônica, comparando as variáveis entre os pacientes considerados ativos e inativos (aposentados; afastados; desempregados). A dor crônica é considerada um problema de saúde pública que acomete indivíduos em todas as fases do desenvolvimento, especialmente adultos em fase produtiva – por meio de acidentes de trabalho, e também idosos. Para este estudo foi realizado um levantamento no arquivo de avaliações psicológicas de 187 pacientes da Clínica de Dor do Hospital de Base de São José do Rio Preto, a partir do seguinte Protocolo de instrumentos: Entrevista Clínica e Psicológica; Escala Numérica de Dor; Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HAD); Inventário de Crenças e Atitudes Frente a Dor versão breve (IAD) e Escala de Autoeficácia para Dor Crônica (AEDC). Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e testes não paramétricos ($p < 0,05$). Os dados apontam predominância do sexo feminino (68,4%), casados (64,7%), com idade média de 47 anos, escolaridade primeiro grau (65,8%) e intensidade média da dor de 7,7 pontos. Cerca de 71,1% encontram-se inativos. Grande parte dos pacientes apresentaram indicadores de baixa autoeficácia (74,9%), ansiedade (73,8%) e depressão (71,1%), dentre estes, 63,1% apresentaram escores indicadores para ansiedade e depressão concomitantes. Comparando os resultados entre pacientes ativos e inativos observa-se diferença estatisticamente significante nas variáveis autoeficácia ($p=0.0007$), ansiedade ($p= 0.0003$) e depressão ($p=0.0003$) e nas sub-escalas do IAD: controle ($p=0.0332$), dano físico ($p=0.0464$), medicação ($p=0.0018$) e incapacidade ($p=0.0182$). O perfil sócio demográfico dos participantes é compatível com outros estudos nacionais. Observa-se um percentual significativo de indicadores de ansiedade e depressão, especialmente entre os pacientes considerados inativos. Outro estudo brasileiro utilizando a mesma escala aponta incidência menor de ansiedade e depressão em outro ambulatório de dor, a resposta para tal divergência poderá ser tema para novos estudos. O estudo destaca a importância das variáveis psicossociais na adaptação dos pacientes com dor crônica. Baixa autoeficácia, crenças disfuncionais, vulnerabilidade a ansiedade e depressão mostraram-se mais associados aos pacientes considerados inativos.

Palavras chave: Dor crônica, Psicologia da saúde, Atitudes frente à doença.

A atuação do psicólogo em equipe interdisciplinar junto a pacientes com doenças inflamatórias intestinais

Thaís Bolognini, Eloisa Leoni, Jeisiani M. Caldeira, Simone J. Pereira,
Sueli Terezinha Bobato (UNIVALI)

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência de estágio em Psicologia realizado em um Ambulatório Interdisciplinar de Doenças Inflamatórias Intestinais em uma Unidade de Saúde no Vale do Itajaí/SC, entre agosto de 2015 a maio de 2016. Os atendimentos são realizados na modalidade de interconsulta, viabilizados a partir da integração do ensino e serviço, contando com a participação de profissionais e estagiários dos Cursos de Medicina, Nutrição e Psicologia. Relaciona-se ao eixo 2, Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: em busca da atenção à saúde (IAS) e ao subtema: 2.2 Interdisciplinaridade e Intersetorialidade na Formação e Atuação Profissional. Os objetivos consistiram em avaliar a dinâmica biopsicossocial dos pacientes e estimular a assertividade comportamental frente aos eventos estressores ou demais aspectos que impactam sua condição de saúde; apresentar e discutir os dados junto à equipe interdisciplinar para maior resolubilidade das demandas avaliadas; fornecer suporte psicológico por meio de atendimentos individuais, conforme as necessidades identificadas. Como pressupostos epistemológicos adotou-se o modelo biopsicossocial na modalidade de interconsultas, procedimento este que possibilita um atendimento integral. Por meio da discussão de cada caso é estabelecido um plano de tratamento interdisciplinar, possibilitando uma intervenção estruturada na avaliação, diagnóstico e tratamento. Quanto aos resultados, os dados sociodemográficos indicaram que dentre os 53 pacientes atendidos na modalidade de interconsulta, 29 são mulheres e 24 homens. A faixa etária predominante foi de 41 a 60 anos, oscilando entre o ensino fundamental completo e o ensino superior incompleto. Dos 53 pacientes, 4 estão inativos em decorrência da doença e 7 estão aposentados. Em relação ao diagnóstico, identificou-se a prevalência da retocolite ulcerativa (27), seguido da doença de Crohn (22). A maioria (28) possui o diagnóstico há cerca de 5 anos ou mais. Quanto ao perfil clínico dos pacientes atendidos, 19 verbalizaram em seus relatos a presença de traços de ansiedade, 9 referiram traços depressivos e 8 mencionaram sintomatologias de diferentes fases do estresse. Este trabalho evidenciou a relevância do psicólogo no contexto das DII juntamente com os demais profissionais em decorrência das intensas reações emocionais observadas, advindas do tratamento de doenças inflamatórias intestinais. A atuação das estagiárias de Psicologia junto à equipe nas interconsultas tem favorecido o acolhimento dos usuários, a realização do psicodiagnóstico interventivo sob uma perspectiva breve, com ações psicoeducativas. Tal processo estimula a emergência dos fatores protetivos que favorecem o processo de saúde e a qualidade de vida dos pacientes, impactando positivamente a adesão ao tratamento.

A psicologia no contexto dos cuidados paliativos: uma revisão crítica da literatura

Carolina Villanova Quiroga (PUC RS),
Tatiana Prade Hemesath (Hospital de Clínicas de Porto Alegre)

Cuidados Paliativos (CPs) é o conjunto de abordagens que visam o controle de dor e maior qualidade de vida de pacientes com enfermidades que ameaçam a vida e/ou incuráveis. Estas podem acometer o sujeito em qualquer fase do ciclo vital, sendo percebidas como crises psíquicas. Geralmente são decorrentes de diagnósticos de doenças crônicas. Preconiza-se

que a abordagem seja realizada por uma equipe multiprofissional, buscando oferecer assistência global e individualizada. A assistência psicológica deve ser feita por psicólogos da saúde. Este estudo buscou reunir a literatura recente publicada por autores psicólogos sobre CPs, a fim de estudar os temas mais recorrentes nas publicações. Realizou-se uma revisão bibliográfica nas bases de dados PsycInfo, Scielo, Pubmed e Medline com os descritores *Paliative Care, Psychology, Terminally e Hospice Care* em diversas combinações, buscando artigos publicados entre 2009 e 2014. Foram excluídos artigos não oriundos do campo de conhecimento da Psicologia e incluídos os publicados por autores psicólogos ou por diversos autores que incluíssem ao menos um autor com formação em Psicologia. Após levantamento dos artigos realizou-se Análise Temática de Conteúdo, buscando gerar categorias temáticas oriundas do *corpus* de análise. Estas foram estabelecidas *a posteriori* da leitura, uma vez que o objetivo visa identificar e assim discutir as temáticas emergentes. A partir da análise dos artigos encontrados, foram geradas seis categorias temáticas, denominadas respectivamente: a) Aspectos emocionais; b) Espiritualidade; c) Possibilidade de escuta das demandas emocionais; d) Atuação e intervenção do psicólogo; e) Equipe multiprofissional; f) Formação acadêmica e produção científica. Observamos que os temas mais frequentes nos estudos são os que deram origem a categoria Aspectos Emocionais, englobando questões psíquicas relacionadas ao paciente, família e equipe assistente. A categoria Espiritualidade apresentou menor frequência de temáticas abordadas. A partir da análise se percebeu que a produção científica exclusiva da psicologia é ainda escassa. A grande maioria das publicações utilizadas neste trabalho é de autoria multidisciplinar. Durante a busca de artigos encontramos diversos trabalhos da área da enfermagem que abordam a identificação e manejo de conteúdos emocionais. Considerando a análise da revisão realizada concluímos ser de suma importância o investimento em pesquisas empíricas na área dos CPs, buscando embasar a atuação do psicólogo da saúde neste contexto com a utilização de abordagens baseadas em evidências. Para melhor preparo dos profissionais consideramos importante uma reformulação na base da graduação dos cursos da área da saúde, abordando a importância da intervenção psicológica durante esta fase de crise vital.

Como homens e mulheres acessam os serviços de saúde? Problematizações sobre as demandas contemporâneas

Sabrina Daiana Cúnico (PUCRS, Cesuca - Faculdade Inedi), Andressa Botton, Marlene Neves Strey (PUCRS)

Este trabalho teve por objetivo abordar as diferenças de inserção de homens e mulheres nas pautas de saúde pública, problematizando o quanto os estereótipos de gênero ainda permeiam tal inserção. A partir de uma revisão de literatura, observamos que, historicamente, as políticas de saúde tiveram por base a saúde das mulheres e das crianças, não tendo como prioridade receber e acolher as demandas masculinas. A organização do cuidado em torno do binômio mãe-bebê é resultado de um processo histórico de vinculação das ideias médicas com ações políticas voltadas ao corpo feminino. Um corpo visto, prioritariamente, a partir da sua capacidade de gestação e não do reconhecimento da mulher como um sujeito de direitos, necessidades e individualidade. Os homens, por outro lado, crescem influenciados por uma noção de masculinidade que exige uma eterna vigilância dos gestos, das emoções e do próprio corpo, o que produz reflexos no campo da saúde, principalmente no tocante à promoção de medidas preventivas. Diante deste contexto, temos um círculo vicioso que invisibiliza e, também, exclui os homens dos discursos de promoção e prevenção da saúde. Além de não serem educados para a prática do (auto)cuidado, os serviços de atenção primária

são despreparados para receberem os homens. Da mesma forma em que há setores da saúde da mulher que ficam invisibilizados e, consequentemente, negligenciados. É o caso das demandas relacionadas ao sofrimento pela jornada dupla/tripla, à violência doméstica, à saúde psíquica e à prática da sexualidade com este fim, desvinculado do objetivo da reprodução. Nesse panorama, argumentamos que reconhecer que homens e mulheres são seres gendrados, possibilita os entendermos em sua dimensão histórica, a qual é altamente influenciada por aprendizagens socioculturais que determinam as regras e as maneiras de cada gênero se posicionar na estrutura social. Tomando por base esta definição, problematizamos a importância da desconstrução dos estereótipos de gênero nos espaços de saúde, estereótipos estes que ainda vinculam as necessidades da mulher à uma possível gestação e desconsideram a importância da inserção dos homens nas práticas de (auto)cuidado. Compreendemos, ainda, que o reconhecimento das necessidades de homens e mulheres de acordo com suas particularidades para além destes estereótipos, poderia possibilitar que os discursos produzidos no âmbito da saúde fossem direcionados para a construção de políticas que atinjam igualmente homens e mulheres entendendo, nas particularidades de cada um/uma praticar o (auto)cuidado, a possibilidade de produzirmos homens e mulheres mais saudáveis, de forma integral.

Narrativas na produção subjetiva do autocuidado em doenças crônicas

Giselda Faes Kichler, Marta Orofino (Grupo Hospitalar Conceição)

Objetivo: relatar a experiência de escuta em consultas sequenciais realizadas por profissional da medicina, e acompanhadas por residente de psicologia, com pacientes hipertensos e diabéticos em uma unidade de saúde de Porto Alegre-RS.
Relação com o eixo temático escolhido: Psicologia da Saúde ao Longo do Ciclo de Vida. A investigação de aspectos subjetivos das doenças crônicas, que se produzem ao longo do ciclo de vida, impactando em sua qualidade, contribui para uma melhor compreensão e manejo destas.
Pressupostos epistemológicos: as doenças crônicas são condições prevalentes, multifatoriais, com coexistência de determinantes biológicos e socioculturais. A fim de promover um olhar integral sobre o tema, e mobilizar o sujeito a ser protagonista de seu tratamento, propõe-se a narrativa e o autocuidado apoiado enquanto estratégia de promoção de saúde.
Método: estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica, através da narrativa.
Resultados parciais: análise de dois casos de consultas sequenciais, em relação a aspectos subjetivos. Em um caso, percebe-se uma ambiguidade entre abandonar o tratamento e o receio de morrer e deixar a família. No outro, a rotina atribulada do sujeito, que não encontra tempo para as consultas de rotina; tampouco para cuidados com alimentação e exercícios físicos.
Discussão: em ambos os casos, dificuldades de aceitação da doença e manutenção de mudanças no estilo de vida impactam negativamente no tratamento. Assim, verifica-se a importância da escuta dos profissionais para questões subjetivas, de modo a considerar a singularidade na proposição do tratamento. Nisto, as narrativas são utilizadas como técnica para viabilizar o entendimento de percepções e reflexões de profissionais, estudantes e pacientes em vários aspectos; entre eles, o cuidado. Pretendem uma ampliação deste, quando auxiliam a escuta em dimensões perceptivas e dialógicas, visando um cuidado construído de forma integral. Um dos princípios e diretrizes listados para a organização da Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas é a autonomia, através da

composição de estratégias de apoio ao autocuidado. Orienta-se que estas estratégias sejam incorporadas, juntamente com o cuidado compartilhado, e assim manejar o processo de evolução das doenças crônicas.
Considerações Finais: através de uma escuta ampliada das questões, facilitada pela psicologia, ao trabalhar com a forma e o conteúdo com que o sujeito narra seu contexto, oportuniza-se um cuidado mais singular. Assim, é promovido um comprometimento do sujeito enquanto colaborador e protagonista de seu tratamento.

Obesidade e transgeracionalidade: uma revisão sistemática da literatura

Aline Orlandi Coradini, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (UFSC)

Doenças crônicas como a obesidade, vem atingindo um número cada vez maior de pessoas, sendo atualmente considerada uma epidemia mundial. Dentre os objetos de investigação de pesquisas relacionadas à doença, a transmissão entre gerações dentro da família tem recebido destaque nos últimos anos. Este estudo apresenta uma revisão sistemática da literatura com publicações *nacionais e internacionais*a respeito da relação entre obesidade e transgeracionalidade, inserindo-se no eixo temático PCV, subtema 1.11 (Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida). Os fundamentos epistemológicos que norteiam o presente trabalho estão pautados na perspectiva da complexidade, proposta por Edgar Morin. Para esta revisão, foi realizada uma busca nas bases de dados *Portal de Periódicos CAPES, LILACS e Scopus*. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: (1) Ter sido publicado em formato de artigo científico, (2) Ter sido publicado entre os anos de 2006 e 2016, (3) Estar escrito em língua inglesa, portuguesa ou espanhola, e (4) Investigar especificamente a relação entre obesidade e transgeracionalidade. Após a seleção de acordo com os critérios estabelecidos, de um total de 481, foram incluídos no estudo 14 artigos, em que a relação entre obesidade e transgeracionalidade foi enfocada. Os resultados evidenciaram a diversidade de abordagens nas investigações sobre a temática, e a forte associação entre o desenvolvimento da obesidade e a transgeracionalidade, demonstrando que há uma grande influência familiar na etiologia do excesso de peso. A obesidade enquanto doença crônica, vem sendo estudada sob a ótica dos aspectos biomédicos e comorbidades relacionados à ela, no entanto, ao adentrar nas narrativas individuais destes pacientes, é possível perceber a presença de histórias de conflitos ao longo de seu desenvolvimento. Desta forma, a sustentação do processo da obesidade se assenta fortemente na história dos vínculos afetivos, constituindo uma trama relacional, a qual compreende os padrões de relacionamento, os hábitos de vida, e os modelos de comunicação estabelecidos pela família. Neste sentido, a proposta de abordar tal temática permite visibilizar este aspecto, pois pensar em transgeracionalidade é trazer à tona vínculos que permanecem invisíveis aos membros da família. A relação entre obesidade, família e transgeracionalidade, se constitui uma grande triangulação temática em que se observa a necessidade de uma maior produção de estudos no campo científico. Desta forma será possível fornecer subsídios para os tratamentos da doença em uma perspectiva de integralidade, que inclua a família como objeto de intervenção.

A experiência de adoecer crônico em pacientes com Doença de Crohn – Uma perspectiva fenomenológico-existencial

Ana Talita Costa Ribas, Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

O presente estudo se enquadra como uma pesquisa qualitativo-fenomenológica, de caráter exploratório, e buscou compreender os sentidos subjetivos da experiência de adoecimento de pacientes acometidos pela Doença de Crohn (DC). Foram realizadas três entrevistas abertas, com a pergunta disparadora: "Você pode me contar como é conviver com uma doença crônica?". Os resultados foram analisados pelo método de Giorgi que organiza as experiências vividas em constituintes essenciais. A DC é crônica e pode afetar qualquer parte do sistema digestivo, principalmente intestino delgado e cólon. Tem como sintomas clássicos diarreia, dores abdominais e febre, pode alterar a qualidade de vida de pessoas acometidas, especialmente em períodos de agravamento, gerando mudanças de grande impacto em seu modo de vida. Fatores psicossociais são importantes no desencadeamento das crises. O modo como a fenomenologia-existencial aborda o adoecer, abordagem do presente estudo, se diferencia do modelo biomédico, pela ênfase no modo como se experiencia tal processo. O relato dos entrevistados foi dividido em três eixos de análise, o primeiro deles, o corporal, foram agrupadas as seguintes constituintes: dor, vergonha do corpo e não se reconhecer; o segundo eixo, ser-com-o-outro, agrupou: vergonha, desamparo e restrição de experiências; e por fim, o terceiro eixo, ser-doente, agrupou: angústia, associação a estados emocionais, sentimento de morte iminente, vivência da espiritualidade, autoconhecimento, sofrimento, serenidade, auto aceitação e autocuidado.
Discussão: os resultados apontam para uma relação entre a gravidade da doença e a intensidade das experiências. Analisando as constituintes é possível pensar o adoecimento como abertura de possibilidades e não apenas como restrição, tal como descrito pela literatura. O adoecer apresenta o desafio de encontrar novas formas de se viver, como nota-se nas constituintes espiritualidade, autoconhecimento, serenidade, auto aceitação e autocuidado. Ao ser-doente abrem-se incontáveis oportunidades de repensar a existência e suas relações. Além disso, gera abertura para compreensão de si mesmo, do corporar e ainda da possibilidade de ser-para-a-morte e novas formas de ser-no-mundo. O desamparo sentido pelos entrevistados nos alerta sobre a necessidade da capacitação dos profissionais de saúde. A incidência de doenças crônicas na atualidade e o desconhecimento de seus impactos, nos convoca à reflexão sobre as alterações que trazem, tais como o papel das redes de apoio e dos profissionais de saúde. Novos estudos a respeito da Doença de Cronh podem auxiliar na compreensão a respeito do adoecimento na cronicidade, em suas dificuldades e possibilidades existenciais.

Considerações acerca da vivência em entrevistar homens diagnosticados com câncer de próstata: relato de experiência

Maira Julyê Mota Fernandes, Gabriela Borges Carvalho, Cintia Bragheto Ferreira, Stefanie Miranda Porto (UFG – Regional Jataí)

O presente trabalho visa apresentar um relato de experiência de acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, em entrevistar homens com o diagnóstico de câncer de próstata para um projeto de pesquisa aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer de n. 120/13. Deste modo o eixo Psicologia da Saúde ao longo do ciclo de vida alinha-se aos dados deste relato por retratar vivências de entrevistadas que conversaram com homens com uma doença crônica, no caso o câncer de próstata, que no Brasil em 2016, estimam-se 61.200 novos casos (INCA, 2016). Para tanto, estabeleceu-se contato com um Núcleo Regional de Combate ao Câncer sediado no município onde os dados foram coletados e, posteriormente foram convidados para participar do estudo os homens cadastrados, com câncer de próstata, entre janeiro de 2014 e março de 2015. O período

escolhido foi definido a partir da perspectiva de que as conversas sobre o diagnóstico do câncer seriam muito mais presentes nas entrevistas quanto mais próximas as mesmas fossem realizadas da data de recebimento da notícia sobre a confirmação da doença, o que resultou na escolha de 20 homens, tendo por fim participado efetivamente da pesquisa 8 homens. Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, gravadas, que foram transcritas cuidadosamente. Quanto à idade dos participantes da pesquisa, a faixa etária encontra-se entre 56 e 82 anos. Especificamente sobre a oportunidade de estar com os entrevistados, foi possível identificar temas como: a identidade masculina diante do adoecimento por câncer de próstata; o diagnóstico e, o tratamento e suas implicações. Tais temáticas proporcionaram a descoberta da reconstrução da identidade masculina após o diagnóstico, as dificuldades e o medo enfrentados pelos homens e, por fim, as implicações do tratamento. As pesquisadoras concluíram que estar com os participantes deste estudo promoveu também uma significativa aproximação dos sentimentos de homens que adoecem de câncer, que por serem homens, muitas vezes, têm seus sofrimentos socialmente desconsiderados.

Impactos pós-operatórios da cirurgia bariátrica no vinculo conjugal: um estudo de caso

Morgana Martins de Medeiros, Nikole Fernandes, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Rejane de Farias, Cibele Cunha Lima da Motta (UFSC)

A obesidade mórbida caracteriza-se como doença crônica não transmissível de origem multifatorial. A cirurgia bariátrica - CB - é considerada a forma de tratamento mais eficaz para obesos mórbidos e prevê acompanhamento pré e pós-operatório. Além da perda de peso e melhora no quadro geral de saúde, as transformações decorrentes da intervenção cirúrgica afetam a experiência de vida do paciente como um todo. Nesse contexto, esse estudo objetiva promover reflexões e discussões acerca do pós-operatório de cirurgia bariátrica como um estressor do vínculo conjugal. Esse estudo relaciona-se com o eixo temático PCV – Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo da vida e parte da perspectiva do Pensamento Complexo com o intuito de contemplar a interação das dimensões biológica e psicossocial na compreensão do fenômeno. Trata-se de um relato de caso de uma paciente em pós-operatório de seis meses. O estudo foi desenvolvido no período de dezembro de 2015 a maio de 2016 em um hospital público de Santa Catarina, por meio de avaliação de registros de prontuário e atendimentos ambulatoriais, caracterizados por entrevista psicológica mediante roteiro semiestruturado contendo perguntas abertas as quais se referiam a temas que investigaram a relação do paciente com o tratamento, incluindo os relacionamentos familiares. Para análise dos dados foram delimitadas as seguintes categorias: avaliação do tratamento cirúrgico e repercussões no subsistema conjugal. O caso refere-se a uma mulher de 38 anos, dois filhos casada há 24 anos, com obesidade de grau III antes da CB. Observou-se que houve boa evolução do tratamento do ponto de vista médico e nutricional (perda de 52% do excesso de peso com seis meses) e a paciente apresentou bom grau de adesão à nova rotina. Do ponto de vista psicológico, a perda de peso refletiu no aumento da autoestima e sentido de realização pessoal. As mudanças vivenciadas repercutiram no subsistema conjugal na medida em que a paciente relatou ciúmes e dificuldades de adaptação do cônjuge à nova condição da esposa, configurando-se um estressor na relação. Nesse sentido, evidencia-se que as mudanças proporcionadas pela perda de peso decorrentes da CB podem exigir a reconfiguração do subsistema conjugal. O acompanhamento psicológico durante pós-operatório tardio visou a sensibilização destas questões, a fim de prevenir que os conflitos gerados ciúmes configurem-se em dificuldades na manutenção do tratamento.

Os comportamentos sociais de acadêmicos e profissionais da sicologia diante da fibrose cística

Renata de Souza Princival, Claudia Consuelo do Carmo Ota (UniBrasil)

A Fibrose Cística é uma doença genética e incurável que afeta as glândulas exócrinas de seus portadores. O contato físico do paciente torna-se limitado, uma vez que seu quadro de saúde pode piorar com a contaminação por outras doenças. Além disso, a expectativa de vida do paciente varia conforme o período em que diagnosticada a doença e iniciado o tratamento. O diagnóstico da Fibrose Cística em um dos membros da família gera impactos no meio familiar, pois requer uma adaptação às particularidades da doença. Além de modificar a rotina e os hábitos do grupo de forma notável, principalmente do familiar que acolhe o papel de cuidador. A Psicologia adquire considerável importância no que concerne às questões emocionais apresentadas pelos portadores e familiares no desenvolvimento da Fibrose Cística, corroborando para melhor qualidade de vida a todos. Neste contexto, a pesquisa “Os Comportamentos Sociais de Acadêmicos e Profissionais da Psicologia diante da Fibrose Cística” possui como objetivo elencar as principais características comportamentais do público afetado direta e indiretamente pela doença. Com avanços no diagnóstico, a expectativa de vida do paciente com Fibrose Cística tem aumentado ao longo dos anos. Portanto, a demanda de pacientes que buscam acolhimento e orientação de profissionais da área da Psicologia tem crescido. Frente a esta demanda, espera-se que o estudo possa contribuir na apuração do conhecimento e comportamentos apresentados pelos psicólogos e futuros psicólogos caso encontrem-se mediante a esta procura. A importância do conhecimento deste profissional da saúde sobre a doença reside no fato de que a Psicologia é uma área específica da saúde que, diferentemente de outras, possibilita oferecer o suporte necessário e o espaço de escuta para que paciente e seus familiares possam conciliar suas angústias diárias relacionadas ao cotidiano e a doença. Os dados serão coletados através de aplicação de questionário semiaberto a uma amostra de discentes e profissionais da área de Psicologia (aproximadamente 150 participantes), do sexo feminino e masculino. A análise dos dados será qualitativa, explorando quais aspectos relacionados à doença os acadêmicos e profissionais possuem conhecimento, e associada à análise quantitativa dos dados obtidos através do instrumento. Tendo como referência a Análise do Comportamento, a pesquisa configurou-se relacionada ao eixo temático Doença Crônica e Dor ao longo do Ciclo de Vida, discutindo a importância e papel assumido pelo psicólogo no tratamento e convívio de familiares e portadores da doença.

A reconstrução de si na paraplegia adquirida

Luísa da Rosa Olesiak, Camila Peixoto Farias, Alberto Manuel Quintana,
Cristine Gabrielle da Costa dos Reis (UFSM)

A grande maioria das vivências afetivas e corporais intensas produzem abalos na identidade do sujeito e na relação com sua imagem corporal. O corpo sente e assimila as vivências, sofrendo com as perdas e marcas. Nesse viés, mudanças ocorridas a partir de acidentes ou doenças, como nos casos de paraplegia, exigem uma reestruturação da imagem e da identidade até então constituída. Com isso, tem-se na paraplegia adquirida, diversas conflitivas e angústias que perpassam diferentes fases, desde o diagnóstico, a negação e a reconstrução da imagem. Dessa forma, objetiva-se compreender como os sujeitos que adquiriram paraplegia reestruturam sua imagem corporal e quais sentimentos se encontram

nesse processo. O estudo está alicerçado nos pressupostos psicanalíticos, consistindo em uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, que utilizar-se-á, para a coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com pessoas paraplégicas em serviços prestados a comunidade. Nessa lógica, a relação com o Eixo Temático: Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida e Subtema: Processo de Resiliência no desenvolvimento, apresenta-se, pois a paraplegia adquirida manifesta o processo de elaboração do novo corpo e da reconstrução do sujeito, o que perpassa sua saúde psíquica e corporal, bem como seu ciclo de desenvolvimento e transformações. Compreende-se que, o sujeito que se torna paraplégico se confronta com o desmoronamento de toda construção até então obtida sobre sua imagem corporal e relação com o mundo. Ainda, esse é um processo que se configura por meio de difíceis exigências, visto a velocidade de instalação do mesmo e a necessária integração da cadeira de rodas ao seu cotidiano. Diante disso, instaura-se um abalo decorrente da perda da unificação corporal, apresentando-se uma acentuada angústia identitária. Nesse sentido, um corpo transformado abruptamente precisa se reaver frente as suas perdas e conflitos, bem como se defrontar com o olhar da sociedade, envolto, muitas vezes, de sentimentos de piedade e estranheza. Tendo isso em vista, as emoções obtidas nesse corpo, desde medos referentes a se transformar em um fardo aos cuidadores, a intensos sentimentos de angústia e desespero, figuram o difícil processo da reestruturação de si. Enfim, a paraplegia adquirida coloca em evidência o corpo e as suas vivências subjetivas, exigindo a redefinição das fronteiras físicas e psíquicas. Dessa maneira, destaca-se a importância da promoção de uma escuta e de ferramentas aos profissionais para compreensão das vivências desses sujeitos, bem como para que estes possam elaborar esse processo e se relacionar de modo saudável com sua imagem.

A relação entre controle cognitivo e processamento emocional em universitários

Carolina Baptista Menezes, Rebecca Anne Pimenta- Blight (UFSC)

A fase universitária pode ser bastante suscetível ao estresse, sendo importante investigar processos de resiliência nesta etapa da vida. A regulação emocional (RE), considerada uma forma de resiliência, caracteriza-se pelo grau que um indivíduo consegue controlar o impacto de estímulos emocionais negativos sobre o seu processamento mental. Na perspectiva da Psicologia Cognitiva, evidências demonstram que estímulos emocionais, principalmente negativos, tendem a ser processados de forma automática. Contudo, também sabe-se que um maior controle cognitivo ajuda a reduzir a automaticidade com que processamos emoções. Utilizou-se um delineamento experimental para investigar a RE (considerando a relação entre controle cognitivo e processamento emocional) em uma amostra de 147 universitários (*M*idade= 24.5, *DP*=4,4; 58,5 % mulheres; 91,2% solteiros) através de uma tarefa computadorizada de discriminação. Nesta, imagens neutras e emocionais (negativas), flanqueadas por duas barras periféricas equidistantes do centro da figura, foram randomicamente distribuídas e apresentadas em dois blocos: baixa e alta exigência atencional. Olhando sempre no centro da imagem, os participantes deveriam ignorá-las e prestar atenção às barras laterais para responder se estas estavam paralelas, ou não. A tarefa buscava avaliar se a alta exigência atencional (difícil detecção da diferença das barras), ajudaria a diminuir o tempo de resposta quando imagens emocionais apareciam (i.e. sua interferência). Uma ANOVA de medidas repetidas indicou um efeito principal do fator emoção: independente da exigência atencional, o tempo necessário para julgar as barras na presença de imagens emocionais (efeito de interferência) foi maior relativo às imagens neutras. No entanto, quando os grupos foram divididos conforme a variabilidade de tempo que levaram na

tarefa (índice de maior ou menor estabilidade atencional), houve uma interação entre emoção e exigência atencional. Para pessoas com maior variabilidade, as imagens emocionais interferiram em todas condições: a exigência atencional não ajudou a modular o processamento privilegiado da emoção. Já para as pessoas que apresentaram menor variabilidade, na condição de alta exigência atencional não houve interferência emocional: estímulos emocionais tiveram um processamento privilegiado apenas na condição de baixa exigência atencional. Portanto, a exigência atencional de uma tarefa e o respectivo controle cognitivo necessário para realizá-la pode ajudar a diminuir a automaticidade do processamento de emoções negativas (quando este é o objetivo), mas apenas para aquelas pessoas que possuem maior controle da estabilidade atencional. Estes dados sugerem que intervenções visando treinar habilidades atencionais (p.ex. práticas meditativas), podem ser uma ferramenta para ajudar a desenvolver maior RE e resiliência entre estudantes para lidar com eventos estressores.

Palavras-chave: Estresse, Resiliência, Regulação emocional, Controle cognitivo, Universitários.

Autonegligência na velhice: implicações biopsicossiais

Janete Furtado Duarte, Laura Maza Garrido (Anhanguera São Bernardo)

No cenário mundial, a expectativa de vida é cada vez maior.Há pessoas envelhecendo com saúde e bem-estar, algumas envelhecem com doenças crônico-degenerativas, outras são negligenciadas, e ainda há as que se autonegligenciam, recusando-se a aceitar qualquer ajuda e assumindo um comportamento de risco à sua saúde. A autonegligência é um fenômeno ainda não muito estudado no Brasil. Trata-se de uma violência que o idoso pratica contra si mesmo, na medida em que se recusa em aceitar ajuda e permanece aprisionado em um estilo de vida que põe sua saúde física ou mental em risco.A autonegligência parece estar relacionada com a forma como o idoso percebe a si mesmo. Indivíduos que se veem como velhos e inúteis tendem a ser solitários, deprimidos, ansiosos, infelizes e menos competentes para manejar os seus próprios assuntos.O envelhecimento é uma área relativamente nova no aspecto social que vem associado a um grande desafio no campo das questões psicossociais. **Objetivo:** investigar os fatores que desencadeiam a autonegligência na velhice, pesquisar os aspectos biopsicossociais que permeiam o envelhecimento e abordar as possíveis intervenções da Psicologia para a promoção da saúde da pessoa idosa. **Método:** para a realização deste estudo escolheu-se a pesquisa bibliográfica, utilizando-se o referencial teórico psicanalítico.**Discussão:** foi possível inferir que muitas vezes, o idoso está em busca de uma ressignificação, de um senso de integridade, contudo, sozinho não consegue. O importante é auxilia-lo a estar ativo e a adotar comportamentos preventivos e de autocuidado, sem que tenha que se despersonalizar nesse processo. **Considerações finais:** Dar importância à capacidade de recuperação diante de situações estressantes e adversas enfrentadas pelo idoso, o auxilia na desconstrução do mito dodeclínio na idade avançada. Perdas no aspecto biológico podem ser compensadas com ganhos no enriquecimento psicológico. Desta forma, percebe-se a importânciada intervenção da Psicologia da Saúde nesse campo, bem como sugere-se a consonância das ações com crenças, valores e necessidades dos idosos, sobretudo de forma articulada com as demais áreas da saúde.

Palavras-chave: Autonegligência, Prevenção de doenças, Promoção de saúde.

As repercussões da intergeracionalidade nos processos de aposentadoria: um estudo com casais aposentados

Marcos Henrique Antunes, Dulce Helena Penna Soares,
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (UFSC)

Este estudo possui como objetivo compreender as repercussões da intergeracionalidade nas experiências de casais aposentados. A proposta de inserção no referido eixo temático, especificamente no subtema “processos de envelhecimento e saúde”, deve-se, sobretudo, à relevância de discutir a aposentadoria como um evento de ciclo de vida que acarreta mudanças tanto no indivíduo quanto no contexto familiar, considerando-se devidamente a perspectiva da saúde na apreensão desse processo. Em termos de orientação teórico-epistemológica, o estudo ancora-se nos pressupostos do pensamento sistêmico. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, tendo sido realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicado o Genograma Familiar. Os participantes foram 06 casais com estrutura familiar tradicional, composta pelos subsistemas conjugal e parental. Destaca-se, ainda, que os membros do casal encontravam-se aposentados há, pelo menos, um ano. Os dados foram analisados e organizados por meio da Grounded Theory. O conjunto de dados obtidos a partir da coleta possibilitou a elaboração de duas categorias, com seus respectivos elementos de análise. A primeira categoria, denominada as vivências de aposentadoria nas famílias de origem dos cônjuges, apresenta elementos da história das famílias acerca de como se vincularam com o trabalho e as decorrências que o desligamento laboral ocasionou no relacionamento entre o casal e destes com seus filhos. Em certa medida, essas histórias demonstraram um vínculo estreito com o trabalho, que se fundamentava tanto no suprimento de necessidades financeiras quanto na constituição da identidade das pessoas. Com a aposentadoria, ocorreu o tensionamento desses elementos, uma vez que, no novo momento, havia a necessidade de pensar a organização de vida individual e também familiar. A segunda categoria, por sua vez, destaca os comportamentos e as reações frente às experiências de aposentadoria vivenciadas nas famílias de origem. Verificou-se que, enquanto alguns participantes buscaram fazer diferente da forma como perceberam as vivências de seus antepassados, outros reproduziram e repetiram a história em relação à aposentadoria. Analisa-se, portanto, que a intergeracionalidade influenciou os padrões relacionais e comportamentais dos participantes nesse período da vida, por meio de ações e/ou reações aos modelos visualizados nas gerações passadas. Dessa maneira, enfatiza-se a importância de considerar a intergeracionalidade como recurso problematizador do processo de aposentadoria, o que pode promover um melhor acolhimento das mudanças que acontecem tanto com o indivíduo quanto no contexto familiar em decorrência da transição para esse período.

Grupos de mulheres com doenças crônicas: relato de experiência

Isabela Otechar Barbosa, Greice Kelly Barbosa, Silvia Nogueira Cordeiro
(Universidade Estadual de Londrina)

O presente trabalho caracteriza-se por um relato de experiência de um grupo operativo na área da saúde no qual as mulheres participantes eram portadoras de doenças crônicas, mais precisamente de fibromialgia e lúpus, atendidas pelo Ambulatório Multiprofissional de Saúde da Mulher do Ambulatório de Especialidades Clínicas do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina (AMASM/AE). Essa equipe é constituída por enfermeiro,

psicólogo, nutricionista, farmacêutico e educador físico. O período relatado se refere ao segundo semestre do ano de 2015. O objetivo foi criar um espaço de escuta para que as pacientes pudessem falar sobre as vivências relacionadas ao adoecimento e as repercussões na sua vida pessoal. O método consistiu em um grupo operativo com técnicas de dinâmicas de grupo com o objetivo de facilitar a participação das pacientes, esses encontros foram realizados pela equipe multiprofissional dos residentes do AMASM/AE e o estagiário de psicologia. Os temas trabalhados caracterizavam-se por assuntos relativos à saúde, bem-estar, adesão ao tratamento, atividade física e a integração entre o grupo. Ressalta-se que na condução dos grupos participavam dois profissionais da equipe multiprofissional por encontro, somente o psicólogo, coordenador do grupo, participou de todos os encontros. Foram realizados 10 encontros semanais, com 1h30 de duração, com média de 6 pacientes por grupo. Observou-se pelo relato das pacientes que o grupo foi benéfico, pois, sentiram um alívio por poder relatar as suas experiências e compartilhar com outras pessoas aspectos relacionados ao adoecimento. Também relataram que sentiram valorizadas pela equipe multiprofissional pois, no momento da consulta com o médico não é possível falar de aspectos da vida pessoal que com a equipe multiprofissional foi possível compartilhar. Apesar da avaliação das pacientes de que participar do grupo foi importante para elas, consideramos que ainda há um número pequeno de participantes nos encontros. A avaliação da equipe multiprofissional em relação a número reduzido de pacientes por grupo é de que o Ambulatório Multiprofissional de Atenção a Saúde da Mulher é novo e que os trabalhos realizados pela equipe devem ser melhor difundidos.

Divulgação de material educativo para encontrar mães que renunciam a maternidade

Gabrielle Barbieri Bressa, Marina Peripolli Antoniazzi, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

As mulheres que renunciam a maternidade e manifestam o desejo de entregar o filho para adoção estão assistidas por lei. Contudo, essa assistência não é conhecida por muitas mulheres e nem garantida pelas instituições sociais e de saúde. A partir desse diagnóstico, surgiu o projeto de extensão “Mães que entregam os filhos para adoção em foco”, cujo objetivo é lançar discussão sobre o direito da mulher de entregar o filho em instituições sociais e de saúde e oferecer a elas uma escuta psicológica antes e após a entrega, cujas ações é foco da presente comunicação científica. A partir da Teoria Bioecológica e com fundamentação epistemológica fenomenológica, as ações foram: divulgação do serviço psicológico às mulheres, reuniões com responsáveis pelas instituições sociais e de saúde (Setor materno-infantil de hospitais públicos, Estratégias da Saúde da Família, Conselhos Tutelares, Acolhimentos Institucionais, entre outros), confecção de material informativo (folders, cartazes, flyers e uma página na rede social). Os materiais informativos foram construídos com base na legislação e na literatura nacional e internacional sobre a entrega voluntária de um filho para adoção, focalizando os direitos dessas mulheres previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente, a diferença entre entrega e abandono, além de desmistificar todo preconceito existente, descrevendo que a mulher não será julgada se recusar a maternidade, pois para Badinter esse sentimento é construído e não inerente a todas as mulheres. Como resultados, foi possível evidenciar o desconhecimento tanto de profissionais quanto de cidadãos que estão à frente de instituições assistenciais sobre esse tema, produzindo um maior conhecimento do fenômeno. Algumas instituições foram colaborativas em indicar mulheres ao serviço, contudo outras foram mais resistentes, alegando que ao falar com essas mulheres, estariam as expondo e evidenciando seus sofrimentos. O trabalho tem relação com o eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” (PCV), que envolve como

subtema a saúde da mulher. As ações realizadas demonstraram a complexidade do fenômeno, pois nenhuma mulher foi encaminhada e atendida. Porém, entende-se que esse trabalho é importante para o esclarecimento e para a garantia dos direitos tanto da mulher quanto da criança. Consideram-se fundamentais ações para promover assistência às mães doadoras, principalmente no sentido de tirá-las do anonimato e da exclusão. Por fim, possibilitar à sociedade entender e aceitar a decisão da mulher que entrega seu filho, visto que é seu direito e poderá estar em sintonia com o princípio do melhor interesse da criança.

Comparação dos índices de depressão pós-parto em mães de bebês com síndrome de Down e mães de bebês típicos

Tahena Silva Ferreira, Bárbara Camila de Campos,
Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP Bauru)

A interação entre a mãe e seu filho começa a ser construída ainda no período gestacional. O nascimento de um bebê que necessita de cuidados especiais pode afetar a interação com sua mãe. Dentre as inúmeras patologias que afetam a infância, a Síndrome de Down (SD) destaca-se por provocar alterações globais no desenvolvimento humano. Essa interação com o bebê deve ser facilitada pela mãe ou cuidador. Nesse contexto, a responsividade e a boa saúde da mãe são variáveis relevantes para que essa interação se dê de uma maneira positiva, possibilitando um desenvolvimento relacional, afetivo, motor e cognitivo adequado. Estudos indicam que a saúde metal da mãe pode influenciar nessa relação, mães deprimidas podem ter dificuldades ao interagir e estimular seus bebês. O presente estudo teve como objetivo comparar as variáveis sociodemográficas e o índice de depressão pós-parto considerando a Síndrome de Down. Participaram 26 mães de bebês de quatro a seis meses de idade (nove bebês do sexo masculino e 17 do feminino), divididas em G1 (grupo de bebês com SD) e G2 (grupo controle). Para avaliação foi utilizada a “Escala de Edinburgh de Depressão Pós-Parto (EPDE). As seguintes características sociodemográficas estiveram associadas estatisticamente com o índice apresentado no EPDE, a saber: idade entre 19 e 47 anos; união estável; escolaridade superior completa (N=13), seguida de ensino médio completo (N=10) e ensino fundamental completo (N=3); em média 3,88 pessoas residindo no mesmo domicílio; trabalham fora (N=15); e média de 1,96 filhos. Na EPDE, o G1 teve em média 5,38 pontos e o G2 uma média de 5,92 pontos. Os dados foram submetidos ao teste T, porém, não houve diferenças significativas nos grupos. Os resultados sugerem que mães de bebês com Síndrome de Down apresentam um índice de depressão pós-parto considerado não clínico, o que pode indicar que mesmo com as dificuldades vivenciadas pelo acometimento de seu bebê, os comportamentos maternos ditos adequados, como a facilitação da interação entre a díade e a responsividade materna, são preservados. Por fim, é importante ressaltar que esse é um estudo em andamento, o que pode acarretar em novos achados, e, para além disso, reconhecemos a necessidade de mais pesquisas referentes a essa temática.

Cesárea eletiva: Um estudo de caso sobre as repercussões psíquicas na mulher

Neliane Lazarini de Sousa (FAPESP), Adriana Navarro Romagnolo,
Miria Benincasa Gomes (UMESP)

Para a Organização Mundial de Saúde, não existem justificativas para índices superiores a 15% de cesarianas em qualquer região do mundo. Este procedimento, contudo, vem sendo realizado em larga escala no Brasil por vários motivos como: redução da sensação de dor, realização de laqueaduras, interesses médicos, conforto para mulher, entre outros. Em populações economicamente privilegiadas o uso é excessivo, desnecessário e, muitas vezes, está associado a consequências negativas à mãe e ao bebê e a riscos desnecessários. Pesquisas indicam que a cesárea eletiva gera um início tardio da amamentação e oferece mais risco de interrupção no primeiro mês de vida ao se comparar com a cesárea de emergência ou o parto normal. O objetivo desse estudo foi identificar as implicações psíquicas relacionadas com a cesárea eletiva em uma mulher primigesta. Este trabalho se justifica por estudos anteriores que relatam as implicações dos diferentes modelos de parto na vida da gestante, tanto psíquica quanto social. É importante identificar aspectos que influenciem na saúde da mulher no ciclo gravídico puerperal. A relevância se mostra na possibilidade de aprimorar a discussão sobre o tema, embasando-a cientificamente, para que nós psicólogos possamos entender nosso papel no contexto da gestação e do parto. Como instrumentos foram utilizados a entrevista psicológica, Desenho-História com tema e o Teste de Apercepção Temática (TAT). Pela análise qualitativa das técnicas projetivas e da entrevista, verificou-se que a participante apresenta baixa autoestima, pois a representação que faz de si mesma é depreciativa, além de não conseguir integrar os papéis de mulher e mãe. Seu relacionamento conjugal e com outros familiares é fonte de insatisfação. A gestação e o parto levou-a a ressignificar vínculos e questionar a qualidade dos mesmos. Foi possível concluir que o processo de parto pode influenciar em diversos aspectos psíquicos da mulher, tais como, autoestima, a ocorrência de baby blues, depressão pós parto e, também, na qualidade do relacionamento conjugal e familiar. É evidente a importância do tema no campo da Psicologia, pois tanto a mulher, como seu/sua companheiro (a) e aqueles com quem convivem vivenciam mudanças de vários tipos durante a gestação, o parto e o puerpério. Um acompanhamento psicológico poderia minimizar efeitos negativos nas relações e facilitar a vivência do puerpério.

Autoeficácia para a realização do autoexame das mamas na prevenção do câncer de mama

Carolina Seabra, Miguel Luis Alves de Souza, Luísa Vital de Souza, Maria Júlia Armiliato, Ana Carolina Peuker, Elisa Kern de Castro (UNISINOS)

A detecção precoce do câncer de mama (CM) é importante porque melhora o prognóstico, aumentando as chances de cura da doença. Para que isto ocorra, a mulher deve comprometer-se na adoção de comportamentos para autocuidado em saúde. Além da realização de consultas ginecológicas regularmente, o autoexame das mamas se constitui um importante recurso de autoeficácia, permitindo que as mulheres sejam ativas no processo de rastreamento da doença. Embora esta ação educativa não tenha efeito diagnóstico, pode caracterizar-se como um recurso favorecendo a autonomia individual e ser um importante adjuvante no rastreamento do CM. Este estudo teve como objetivo examinar a autoeficácia de mulheres saudáveis frente a realização do autoexame das mamas. A Psicologia da saúde é uma área que investiga e intervém sob os comportamentos e aspectos psicológicos individuais que contribuem para a promoção de saúde e prevenção de doenças. Participaram da pesquisa 211 mulheres (M=59,11 anos; DP=8,54) acima de 40 anos e sem histórico pessoal da doença, das quais 148 (70,1%) afirmaram realizar o autoexame. Foram aplicados: 1. questionário sociodemográfico, clínico e de comportamentos em saúde e 2. Inventário

sobre o autoexame das mamas (elaborado pelos autores) que contem ilustrações corretas e incorretas das diferentes etapas do autoexame, nas quais as mulheres devem indicar as imagens certas em suas respostas.Os resultados apontaram que a maioria das participantes sabe realizar o autoexame de maneira correta, entretanto observam-se ainda alguns equívocos que mostram o desconhecimento de algumas mulheres sobre algumas etapas do procedimento. O autoexame das mamas possibilita o protagonismo da mulher no cuidado de sua saúde, apropriando-a do conhecimento em saúde e provendo autonomia para que não seja dependente exclusivamente dos profissionais para se prevenir da doença. Dessa forma, aponta-se para a importância da conscientização/ psicoeducação das mulheres para que haja uma prática adequada e regular do autoexame das mamas. Este procedimento, quando realizado, contribui diretamente na prevenção da doença e, quando aliada aos demais comportamentos preventivos, tal como a consulta ginecológica regular e exames preventivos promove uma abrangência significativa a aspectos da saúde da mulher contemplando a detecção precoce do câncer de mama.

Mulheres especiais: promovendo o climatério e menopausa saudáveis

Janaina Souza de Liz, Claudete Santos Demetrio, Léia Viviane Fontoura, Eloysa Nezello Mosimann, Ionice Maria Amaral, Ariádny Suci de Campos Abbud, Cristina Morsch (UNIVALI)

Este é o relato das atividades do projeto de extensão “Coisas de Mulher”, no bairro Imaruí, Itajaí/SC. O Projeto envolve os cursos de Enfermagem, Nutrição e Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí, com os grupos “Menina Mulher”, composto por adolescentes e “Mulheres Especiais”, composto por mulheres climatéricas/menopausadas, objeto deste trabalho. O climatério é um fenômeno biopsicossocial, representando a fase final da vida reprodutiva. É uma fase de transição da vida adulta para a velhice, constituindo um período crítico, marcado por instabilidades hormonais e emocionais. Já a menopausa corresponde à cessação da menstruação, em virtude da queda hormonal. Deste modo, faz-se necessário orientá-las quanto às mudanças que ocorrem nesse período, para que possam passar por essa transição de forma saudável. As atividades têm respaldo nos eixos e vetores do Pró-Saúde, visando desenvolver ações de educação, promoção à saúde e prevenção de agravos, propiciando o exercício da cidadania e do auto-cuidado; desenvolvimento da auto-estima e autonomia, através de encontros e oficinas mensais. Inspirado no pensamento de Paulo Freire, os temas são escolhidos pelo grupo na primeira reunião do ano, a partirdas necessidades de seu cotidiano. A partir deste levantamento, osextensionistas elaboram os projetos de atuação. A ação é dívida em: dinâmica quebra gelo, debate sobre o tema e avaliação. Até dezembro de 2015, foram realizados oito encontros, tendo, em média, 22 participantes por oficina. Para avaliar o nível de satisfação, é utilizada uma escala hedônica, pois algumas mulheres nunca frequentaram a escola. Também é utilizada a observação participante, com registro em diário de campo.A partir dos dados verificados, 95% das mulheres classificaram como ótima a escolha da temática; 96% avaliaram como ótimo o aprendizado referido e 96% consideraram como ótima a metodologia utilizada. Pode-se observar que o grupo participa ativamente dos encontros e está satisfeito com as ações desenvolvidas. Observou-se que houve sensibilização das mulheres com relação aos temas abordados, além do vínculo entre as participantes e o grupo extensionista. A proximidade com a comunidade, a vivência com as participantes e os profissionais da Estratégia de Saúde da Família foram essenciais para conhecer os problemas e fragilidades do bairro Imaruí, indicando a importância da continuidade das ações interdisciplinares desenvolvidas. Além disso, o projeto proporciona o

desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva sobre a realidade por parte dos acadêmicos dos cursos envolvidos, contribuindo para a formação de profissionais com perfil de atuação interdisciplinar e multiprofissional.

Paravras-chave: Saúde da Mulher; Educação em saúde; Promoção em saúde; Climatério

---

Prevenção de desastres e educação: a psicologia inserida na defesa civil na escola

Jones Ivan Dias, Roberta Borghetti Alves (UNIFEBE),
Edevilson Cugiki (Defesa Civil de Brusque/SC)

No decorrer do ciclo de vida dos indivíduos podem ocorrer diversas adversidades, dentre elas destaca-se a ocorrência de desastres socioambientais. Parte-se do pressuposto que tais desastres são eventos ocasionados pela ação do homem sobre o meio ambiente suscetível a ocorrência de desastres. A fim de contribuir para prevenção de desastres foi construído o Programa Defesa Civil nas Escolas. Tal programa propõe a formação de crianças e de adolescentes inseridas no ensino regular a fim de construir ações que contribuam para a gestão de desastres. Frente à existência desse projeto realizou-se o estágio específico da sétima fase do Curso de Psicologia da UNIFEBE. O objetivo do estágio foi implementar o Projeto Defesa Civil nas Escolas em Brusque/SC. Utilizou-se o pressuposto teórico de Vygotsky para elaborar as metodologias dos encontros. A intervenção ocorreu na Escola de Ensino Fundamental Professor José Vieira Corte com a participação de vinte estudantes com faixa etária entre dez a treze anos. A implementação do projeto ocorreu por meio da construção de temáticas condizentes com a realidade dos educandos, tais como: 1) Defesa Civil e suas ações; 2) Desastre, risco e vulnerabilidade; 3) Identificação de áreas de risco; 4) Visita a Defesa Civil de Brusque; 5) Ações de prevenção de desastres; 6) Preservação ambiental; 7) Preparação de uma ocorrência de desastre; 8) Técnicas de primeiros socorros; 9) Simulação de uma evacuação na escola em caso de deslizamento; 10) Fase da reconstrução: ações da Defesa Civil e do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE); 11) Construção do Plano de Contingência para a escola. Durante cada encontro utilizou-se metodologias ativas que propiciassem a participação dos educandos, dentre eles destaca-se: a realização da gincana, visita a Defesa Civil, Corpos de Bombeiros e SAMAE, identificação do pluviômetro e construção de maquetes para compreender o que são áreas de riscos. Após a conclusão da formação os alunos receberam o certificado de participação do Programa e tornaram-se Agentes Mirins da Defesa Civil. Destaca-se que as temáticas abordadas e as metodologias utilizadas possibilitaram a interação e a construção do conhecimento entre os participantes e os preponentes da formação. Além disso, foi possível construir estratégias de prevenção, mitigação, preparação e resposta ao desastre. Desse modo, evidencia-se a importância da implementação do Programa Defesa Civil nas Escolas nos munícipios que já realizam esse projeto a fim de realizarem uma formação próxima a realidade dos educandos para que esses possam propagar o conhecimento apreendido.

A Internet como espaço autobiográfico: compartilhando experiências de transição de gênero em vídeos no Youtube

Hellena Bonocore Morais, Marlene Neves Strey (PUCRS)

Nas últimas décadas os blogs e redes sociais vem ganhando espaço na troca de conteúdo e informação, e sites como o Youtube têm proporcionado um local onde o autor dos vídeos pode se colocar de forma autobiográfica. O processo de transição de gênero é uma dessas experiências tão subjetivas que vem sendo compartilhadas virtualmente por pessoas que expõe seus primeiros anseios, as primeiras consultas médicas, o acesso aos profissionais, tratamentos hormonais e decisões importantes acerca de procedimentos invasivos como cirurgias. O objetivo deste trabalho é compreender o processo de transição em pessoas transgênero que compartilham suas jornadas a partir de vlogs publicados no *site* Youtube. Os dados advindos serão analizados qualitativamente, utilizando o método de Análise de Conteúdo que descreve e reinterpreta o conteúdo das mensagens transmitidas pelos participantes para que se compreenda intensamente, não obtendo apenas uma leitura rasa. Por tratar-se de uma pesquisa onde os dados estão num ambiente virtual, o uso da netnografia se faz necessária. É apontado também as diferenças entre as terminologias transexual e transgênero, sendo transexual geralmente associada aos discursos médicos que caracterizam transexualidade como disforia de gênero e colocam como uma suposta "vantagem" utilizar tal diagnóstico para garantir possibilidade de tratamentos médicos. A Teoria Queer, que será utilizada para fundamentar esta pesquisa, traz a compreensão de gênero como construto social e também desconstrói a ideia de sexo como biológico, porém coloca que esse biológico também é construído socialmente. A pesquisa está em andamento, portanto ainda não apresenta resultados finais, mas pretende-se analisar e discutir e levantar questionamentos importantes acerca do acesso da população trans aos serviços de saúde, principalmente no que diz respeito à cirurgia de redesignação sexual, aos tratamentos hormonais e ao acompanhamento psicológico fornecido pelo Sistema Único de Saúde e saúde privada em nosso país, dialogando também com os tratamentos e acompanhamentos fornecidos em outros países.

Efetividade de um programa de intervenção online multidimensional para mudar atitudes de profissionais da saúde brasileiros em relação à população de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans

Ramiro Figueiredo Catelan (PUCRS), Heitor Tomé da Rosa Filho (UFRGS), Paola Fagundes (PUCRS), Sílvia Helena Koller, Henrique Caetano Nardi (UFRGS), Angelo Brandelli Costa (PUCRS)

Estudos apontam que profissionais de saúde discriminam pessoas LGBT. Além de impactar a qualidade do atendimento, o preconceito faz com que usuárias/os LGBT evitem os serviços, acarretando agravos. O Instituto de Psicologia da UFRGS criou, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul (SES), uma ação que objetivou promover competências para atenção à saúde de pessoas LGBT, protegendo-as de discriminação e violação de direitos e propondo discutir suas necessidades. A ação foi desenvolvida no ambiente Moodle e teve três componentes: educação, intervenção e interação. O primeiro componente consistiu em aulas semanais, cujo conteúdo foi desenvolvido e validado por profissionais de saúde, especialistas em gênero e sexualidade e membros da comunidade LGBT. As aulas apresentavam o panorama jurídico de acesso à saúde, conceitos de gênero e sexualidade e boas práticas de atenção. Na componente intervenção, os participantes foram instigados a relatar em fóruns sua experiência como usuária/os LGBT, avaliar suas necessidades de saúde e organizar uma ação local para promover a atenção a essa população. O componente interativo deu-se em fóruns onde as/os participantes interagiram em grupos, acompanhados por um tutor. Foram tutores 17 profissionais de saúde, ativistas

LGBT e estudantes de graduação, que discutiram dúvidas, fomentaram debates e moderaram manifestações de crenças preconceituosas. Os convites para o curso foram enviados para profissionais de saúde (assistência e gestão) que atuassem no estado, de todos os níveis de atenção, através dos canais institucionais da SES. A primeira edição da ação aconteceu em março de 2014, e a segunda em agosto do mesmo ano. No início e no final da ação, as/os participantes foram convidadas/os a responder um questionário na plataforma eletrônica. O questionário continha um instrumento de 18 itens desenvolvido para avaliar atitudes preconceituosas contra diversidade sexual e de gênero. Quatrocentos e cinquenta e sete participantes de todas as 19 Coordenadorias Regionais de Saúde foram inscritos, concluíram as duas edições do programa e responderam à avaliação. A intervenção reduziu de forma estatisticamente significativa o nível de preconceito. Além disso, as/os participantes relataram a realização de ações positivas em seus serviços. Intervenções online para reduzir preconceito contra diversidade sexual e de gênero no âmbito da saúde, envolvendo a comunidade acadêmica e a rede de serviços em saúde, de acordo com nosso resultado, são ações efetivas. A instituição de intervenções continuadas, como nossa proposta, garantirá que o sistema de saúde brasileiro cumpra seus princípios de forma mais equitativa.

Relato de experiência com grupo de jovens no ensino médio: Cinema como mediador de diálogos

Luccas Silva Machado, Gabriela Borges Carvalho, Hugo Ribeiro de Souza (UFG – Regional Itajaí), Tales Vilela Santeiro (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Renata Magalhães Naves (UnB)

Este relato objetiva retratar a experiência de estagiários de um Curso de Psicologia de Instituição Pública de Ensino, localizada na região Centro-Oeste, na coordenação de grupo de promoção de saúde com estudantes de primeiro ano do Ensino Médio, visto ser um momento de adaptação à nova realidade estudantil. O objetivo do projeto era acolher os jovens e favorecer reflexões sobre o momento vivenciado, com mediação de filmes comerciais. O eixo temático “Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde” seguido pelo subtema “Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação” corresponde aos princípios deste relato por retratar as interfaces da Psicologia da Saúde na Educação e a interdisciplinaridade da promoção de saúde. O Ensino Médio é marcado por um momento de pressões externas, próprias do ambiente escolar e familiar, e internas, características das idiossincrasias dos estudantes, nesse momento, incertezas e dúvidas são resultantes comuns. O trabalho foi oferecido inicialmente na modalidade de grupo aberto e após o terceiro encontro operou com formação fechada, visando favorecer condições de obtenções de novos aprendizados. Os trabalhos ocorreram semanalmente, com a participação de 5-6 integrantes de ambos os sexos, entre 15-16 anos, totalizando nove encontros. Incialmente, o silêncio prevalecia por parte dos estudantes, causando dificuldades na construção de diálogos verbalizados. Estrategicamente, os estagiários buscavam pontuações que instigassem trocas verbais, favorecendo a noção coletiva de um grupo, instigando compartilhamento das percepções sobre o filme assistido. Os jovens gradativamente perceberam a diferente realidade proposta pelo projeto, contrastado pelo cotidiano em salas de aula, marcado por conteúdos acadêmicos, fazendo com que vínculos e questões subjetivas pudessem ser compartilhados e refletidos pelo coletivo. De forma geral, a busca dos jovens pela integração aos processos grupais foi observada, mesmo quando não verbalizavam sobre suas experiências. Esta experiência possibilitou aos estagiários integrar teoria-prática sobre a

atuação de psicólogos em instituições escolares, experimentar a linguagem fílmica como mediadora de diálogos e promotora de saúde, construindo novos e mútuos aprendizados com as subjetividades de estudantes e estagiários.

Grupo de Mulheres na Atenção Básica à Saúde: a intervenção focal como possibilidade de atuação

Isabella Queiroga Ramos Floering; Manuela Pimentel Leite, Marina Gonzalez Valeton, Marina Paula Silva Viana, Maurício João Costacurta
(Secretaria Municipal de São José dos Pinhais - PR)

A inserção da Psicologia na Atenção Básica à Saúde enfrenta o desafio de atender a demandas crescentes, com consequente limitação do tempo paraas intervenções. Deste modo, o presente trabalho tem o objetivo derelatar uma experiência de intervenção psicológica focal com um grupo de mulheres, realizada numa Unidade Básica de Saúde de um Município da Região Metropolitana de Curitiba (PR). A Atenção Básica é definida pelo Ministério da Saúde como porta de entrada da população e o centro de comunicação com toda a rede, desenvolvida com alto grau de descentralização, capilaridade e próxima da vida das pessoas. Orienta-se pelos princípios da universalidade, acessibilidade, vínculo, continuidade do cuidado, integralidade da atenção, responsabilização, humanização, equidade e participação social (BRASIL, 2012). Em meio às demandas da população, atividades grupais se configuram como estratégia para promover saúde, melhorar a qualidade de vida e estimular mudanças. Neste contexto, utilizou-se a técnica do Grupo Operativo proposta por Pichón-Riveière, fundamentada na relação dinâmica e dialética entre sujeito e objeto, com a aprendizagem como fator terapêutico central, processo permanente que decorre da relação da pessoa com o outro e com o meio (PICHÓN-RIVIÈRE, 1988). O grupo foi coordenado por duas psicólogas e composto por cinco mulheres, com idades entre 20 e 62 anos, realizado no período de março a maio de 2016, com duração de oito encontros de uma hora e meia cada. Dentre as técnicas utilizadas, destacam-se: “Cubo das emoções”, “Caixa do espelho”, “Gosto e faço”, “Caixinha do meu eu” e “Da pétala à flor”. As participantes haviam procurado o serviço da triagem da psicologia na Unidade Básica de Saúde entre junho de 2015 e março de 2016, apresentando queixas como: depressão, ansiedade, baixa autoestima, tristeza e nervosismo. Como resultado do trabalho, ao final dos encontros, percebeu-se uma melhora geral na expressão dos sentimentos, a possibilidade de elaboração de vivências traumáticas e o grupo funcionando como continente das angústias e suporte mútuo. Conclui-se que, mesmo com tempo e objetivos limitados, o Grupo Operativo no formato escolhido pode ser utilizado como método de intervenção eficaz na Atenção Básica à Saúde, constituindo-se como importante aliado do profissional de saúde, por possibilitar o uso do potencial de ajuda das pessoas que convivem com problemas ou situações semelhantes e articulando-se com o que está preconizado na política de saúde mental do Brasil, na perspectiva de prevenção e promoção à saúde.

Psicologia Hospitalar: Considerações sobre assistência, ensino, pesquisa e gestão

Diego da Silva, Alessandra Rego Barros, Daniela Carla Prestes, Esther Tribuzy, Juliane Gequelin Rosa, Giovana Cristina Angioletti, Lúcia Maria de Oliveira Santos, Raphaella Ropelato de Souza (CRPPR - Comissão de Psicologia Hospitalar)

O presente trabalho tem por objetivo realizar considerações sobre a assistência, ensino, pesquisa e gestão no que se referem ao cotidiano do trabalho do psicólogo hospitalar. O eixo temático escolhido para nortear o trabalho foi o que trata das intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde – Atenção Hospitalar. Este é o eixo que mais se aproxima da Psicologia Hospitalar. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica utilizando-se literatura especializada e documentos oficiais do Conselho Federal de Psicologia no que envolvem às temáticas deste trabalho (assistência, ensino, pesquisa e gestão). A Psicologia Hospitalar se desenvolve no Brasil desde a segunda metade do século XX e desde então a atuação do psicólogo hospitalar visa minimizar o sofrimento e trabalhar os aspectos emocionais envolvidos no processo de doença/hospitalização, focando na tríade paciente, família e equipe multiprofissional. A assistência se dá por meio de técnicas científicas reconhecidas, como as entrevistas, a escuta clínica, as observações sistemáticas, o uso de protocolos/testes psicológicos validados, entre outros. A pesquisa ainda é carente na rotina do psicólogo hospitalar, entretanto, é necessária para conhecer e desenvolver cientificamente os objetos de estudo do psicólogo inserido nesse contexto e validar as práticas na área. Na atualidade, com o advento das residências multiprofissionais, o psicólogo hospitalar pode atuar de forma mais significativa no ensino, através das supervisões, aulas e até mesmo orientações de pesquisas dos residentes. Além disso, pode ministrar aulas de Psicologia Hospitalar em universidades e oferecer cursos de extensão na área. A gestão envolve tanto a coordenação do serviço de Psicologia, que responde junto à direção da instituição pelo setor, quanto a sistematização do trabalho. A sistematização do trabalho em Psicologia Hospitalar ainda pode ser considerada recente na história da profissão, portanto, precisa evoluir dia após dia para que os profissionais tenham bases éticas, teóricas e científicas em sua atuação. Desta forma, faz-se necessário que mais pesquisas e publicações na área se tornem viáveis e façam parte do cotidiano do psicólogo hospitalar. Assim, a Psicologia pode crescer e se destacar cada vez mais nesse campo que é tão importante para a qualidade de vida dos pacientes, familiares e equipe multiprofissional.

A busca ativa no contexto hospitalar: contribuições para a psicologia clínica

Gelson Panisson, Magda do Canto Zurba, Anne Luisa Nardi (UFSC)

A presente proposta de comunicação oral visa problematizar o atendimento psicológico quando este se dá por busca ativa na atenção hospitalar. Busca-se refletir sobre as possibilidades de atuação em psicologia clínica no contexto hospitalar, especialmente no que se refere ao atendimento ao paciente acamado, em situação de internação em leito de clínica médica, cuja queixa ou demanda psicológica não é definida ou explicitada a priori. Nesses casos, o recurso amplamente utilizado em intervenções clínicas em hospitais é a “busca ativa”, considerado como um recurso de ir ao encontro do usuário, verificar sua realidade, levantar demandas e realizar acolhimento. Dessa forma, a apresentação deste trabalho está relacionada ao GT Eixo Temático 3: Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde (Sigla: IPR); subtema 3.3: Atenção Hospitalar. Tal indicação se justifica pelo fato de a presente proposta ter como objetivo refletir sobre possibilidades e desafios das ações numa unidade de um Hospital Geral, especificamente a prática da busca ativa no atendimento psicológico junto a pacientes. Além disso, visa-se apresentar particularidades da busca ativa em relação ao manejo clínico psicológico, bem como discutir sobre o papel do hospital-geral na rede de atenção psicossocial quando as demandas psicológicas aparecem através da busca ativa. Baseado na perspectiva hermenêutica-dialética, este trabalho configura-se como pesquisa qualitativa e descritiva. A partir do levantamento de demandas

nos atendimentos psicológicos realizados por busca ativa numa unidade de um hospital-geral no período de dez meses, 25 pacientes participaram deste estudo. Verificou-se que as demandas psicológicas prementes são aquelas relacionadas a algo externo à internação hospitalar. Discute-se sobre o recurso da busca ativa constituir-se como um espaço em que é possível compreender o sujeito na sua integralidade, tornando-se, concomitantemente, um fazer clínico e político. Tendo isso em vista para a discussão, considera-se que a atuação do serviço de psicologia no contexto hospitalar deve ser pautada em práticas de cuidado que visem a integralidade e a autonomia dos sujeitos, bem como a resolubilidade nos serviços de atenção em saúde. Também se reitera o fato de que a busca ativa ser uma importante ação dirigida como atitude de promoção de saúdena atenção hospitalar.

Uma proposta de intervenção da Psicologia no âmbito das migrações contemporâneas: atuação junto aos estudantes intercambistas do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)

Gabriela Carvalho Teixeira (UFPR, NUPSIM, CASLA), Luana Martins Sorrentino (NUPSIM e da CASLA), Caroline França Biasi, Mariana Bassoi Duarte da Silva (UFPR)

O objetivo da presente comunicação é apresentar o trabalho desenvolvido junto aos alunos intercambistas do programa PEC-G no Centro de Línguas (CELIN) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O PEC-G é um programa do governo brasileiro com mais de 50 anos que oferece a alunos de outros países, signatários do acordo, a oportunidade de cursar a graduação no Brasil. Os alunos entre 18 e 23 anos advém principalmente da América Latina e África e participam de um processo seletivo no país de origem, aonde escolhem o curso. Antes de entrarem efetivamente na universidade e receberem uma bolsa, eles precisam ser aprovados no CELPE-BRAS, o teste de proficiência em língua portuguesa. Esses jovens então vêm para o Brasil um ano antes de começarem sua graduação, às suas custas, para estudar português. O CELIN recebeu esse ano 16 alunos desse programa, oriundos de países africanos e da América Central. Esses jovens, recém saídos do seio de suas famílias, encontram-se em uma situação vulnerável, pois além de precisarem lidar sozinhos com diversas situações novas, normais de um intercâmbio (novo país, nova língua, novos colegas, novas possibilidades, morar sozinhos), ainda precisam lidar com a pressão de estudar para a prova que definirá seus próximos anos, se manter em outro país sem custeio financeiro e sem poder trabalhar, devido ao visto de estudante. Adicionando a esse sofrimento, enfrentam fenômenos sociais difíceis como a intolerância, o racismo, a xenofobia, e que são temas recorrentes nos trabalhos com o grupo. Com tantas fontes de sofrimento, esses sujeitos podem apresentar dificuldades no aprendizado da nova língua. Assim, são realizados encontros mensais com esse grupo de intercambistas, com a proposta de promover um espaço de escuta e intervenção com foco para além das diferenças culturais e do processo migratório, mas em como estas questões influenciam o sujeito, a fim de que possam elaborar seus sofrimentos e luto pelas perdas, resignificando suas escolhas nas novas possibilidades de vida.

Escola e identidade: influência das relações na constituição pessoal de adolescentes

Hallana Höher Bohrer, Maiara Descovi de Freitas, Andressa Sauzem Mayer, Ana Cristina Garcia Dias, Samara Silva dos Santos (UFSM)

A adolescência é contemporaneamente definida pela integração de dimensões institucionais, socioculturais, históricas e biológicas. Entre determinantes do desenvolvimento psicossocial de adolescentes, está a escola. Este trabalho objetiva discutir influências do cenário educacional na formação da identidade de adolescentes, enfocando sua relação com a escola. Parte-se da noção de integralidade do sujeito e da interdependência de setores educacionais, culturais e de saúde na constituição dessa identidade. Tem como base os pressupostos epistemológicos sistêmicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, seguindo a compreensão da adolescência como fase integradora de recursos individuais e contextuais. Foi utilizado o Questionário da Juventude Brasileira [QJB], contendo 77 questões. Foram analisadas as asserções sobre a relação desses adolescentes com o ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa quantitativa na qual o programa Statistical Package for Social Science (SPSS) foi usado para análise de dados. A amostra foi composta por 535 adolescentes, 54,9% (n= 292) do sexo feminino e 45,1% (n= 243) do sexo masculino, com idades entre 13 e 18 anos (M=15,9; DP=1,4), dos quais 22,6% (n= 121) frequentavam o Ensino Fundamental, 40,4% (n= 216) o primeiro ano do Ensino Médio, 24,8% (n= 133) o segundo e 12,1% (n= 65) o terceiro ano. Os dados revelaram que 52,1% (n=269) dos adolescentes desejam continuar seus estudos na escola, 35,2% (n= 183) gostam de ir para a escola, 34,7% (n=181) gostam da maioria dos professores e 28,6% (n=146) confiam nos mesmos. Observaram-se divergências em relação ao número de alunos que desejam continuar seus estudos na escola e os que gostam de ir para esse ambiente, também sobre a porcentagem de alunos que gostam e confiam nos professores. Entende-se que esse ambiente pode assumir uma forma receptiva, promovedora do desenvolvimento de potencialidades individuais, sendo espaço para construção identitária positiva, mas, por vezes, também pode se assumir na forma da regularização e da tradicional escolarização. Observa-se que a principal vontade dos alunos em continuarem na escola provem da possibilidade do sentimento de pertencimento e reconhecimento, influenciada também, pela identificação com professores. Em relação a possibilidade de confiança nos professores, percebe-se que a escola pode se constituir como instituição de controle, desprovida da segurança de um mesossistema socialmente integrado. Dessa forma, propõe-se o desenvolvimento de ações integrativas de setores sociais, viabilizando a positiva constituição identitária de adolescentes a partir da interdisciplinaridade e suporte entre redes de ensino e práticas de prevenção, promoção, recuperação e manutenção da saúde.

Famílias nucleares e práticas educativas: um estudo sobre as diferenças parentais no modo de educar os filhos

Carolina Prietto Ferrazza, Carolina Schmitt Colomé, Daniele Dalla Porta, Gabriela Sarturi Rigão, Isadora Cristina Putti Paludo, Jennifer Vanessa Avila dos Santos, Marina Peripolli Antoniazzi, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

O modelo de família nuclear, constituído por pai, mãe e filhos (as), se insere num contexto ocidental e patriarcal, onde o papel do homem e da mulher na sociedade, bem como na família, já estava delimitado. No que diz respeito à educação dos filhos, o papel materno e paterno seguia um padrão, constituído no imaginário social, de uma mãe afetiva com papel vinculado aos cuidados da prole e do lar, e de um pai autoritário, responsável pelo provimento material. Embora os papéis sociais do homem e da mulher venham sofrendo transformações na contemporaneidade e algumas famílias busquem se ajustar a um modelo mais cooperativo na educação dos filhos, ainda são percebidas características dos padrões tradicionais nos

métodos de educação parentais. Em decorrência, o presente estudo se alinha ao eixo temático PCV, no subtema Saúde da Família. Desse modo, o objetivo geral desse estudo foi verificar as práticas educativas utilizadas por um grupo composto por 60 pais, mães ou responsáveis de crianças de 3 a 6 anos, matriculadas em escolas públicas ou privadas de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. O estudo está embasado na abordagem qualitativa e os dados vêm sendo coletados através de três instrumentos: ficha de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada sobre as práticas educativas e questionário sobre os direitos da criança e do adolescente. Através da análise de conteúdo de Bardin realizada com os dados preliminares dos 10 primeiros entrevistados, foi possível observar diferenças nas práticas educativas utilizadas pelo casal, cuja configuração familiar é nuclear. Evidenciou-se através desse recorte que as mães geralmente têm um papel mais assertivo, reparador e afetivo com os filhos. Em contrapartida, o pai foi apontado como uma figura de autoridade, utilizando, muitas vezes, práticas mais coercitivas e tendo as suas solicitações obedecidas com maior facilidade. De acordo com a fala dos entrevistados, tais diferenças interferem no comportamento da criança e na relação que ela estabelece com cada um dos pais. Além disso, podem gerar uma dupla mensagem para a criança, de modo que a educação e a transmissão de valores não se consolidem de forma adequada. Assim, concebida como uma responsabilidade a ser compartilhada pelo casal, a tarefa de educar se apresenta como um instrumento apto à construção de um ambiente familiar saudável, sendo por esta razão necessário refletir sobre a forma que os papéis parentais vêm sendo executados e como avançar para um modelo mais

---

O morrer da criança e o processo de luto dos pais

Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Camila Peixoto Farias, Mikaela Aline Bade München, Fernanda Nardino, Luísa da Rosa Olesiak, Alberto Manuel Quintana (UFSM)

Sabe-se que existe uma concepção de vida e de morte pautada na dimensão cronológica: o sujeito nasce, desenvolve-se, é cuidado pelas figuras parentais, reproduz-se e morre. Nessa perspectiva, a morte é configurada como um evento que ocorre apenas quando se finaliza o ciclo vital, podendo facilmente ser negada quando atinge a infância ou juventude. Dessa maneira, esquece-se que os sujeitos que não realizaram essa sequência linear também morrem e a morte passa a ser figurada como um elemento contraditório e estranho que interrompe a continuação do viver e altera a ordem natural que se espera da vida. Considerando-se isso, o processo de luto, que se caracteriza como um trabalho psíquico intenso e dispendioso pode possuir uma grande dificuldade para ser desenvolvido. Com isso, objetiva-se, na presente pesquisa, compreender como a morte de um filho na infância atua sobre a vida das figuras parentais, bem como entender o singular processo de luto nesses casos. A relação com o eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo da Vida, no subtema Morte e processo de Luto, dá-se, pois a morte, mesmo a de uma criança cerceia, inevitavelmente, os processos vitais, bem como, consequentemente, o trabalho de luto. Para tanto, apoiar-se-á nos pressupostos psicanalíticos, realizando uma revisão bibliográfica pertinente aos assuntos de morte e luto. Entende-se que a morte de um filho é tomada como algo muito abrupto e chocante, pois se supõe, culturalmente, que os pais por terem mais tempo de vida e por possuírem mais idade, deveriam morrer antes. A morte de um filho criança abala a rede de significados da família e produz ainda mais estranheza pois fere a vivacidade concedida à infância e a retira de um lugar protegido pelo amor parental. A perda de um filho se caracteriza, portanto, como um fenômeno muito doloroso, de extrema angústia e de difícil compreensão. Posto que o luto retrata um movimento de elaboração psíquica da perda,

quando há uma dificuldade da assimilação e do processamento desta, o trabalho de luto pode ser prejudicado. Assim, a morte do filho traz não só o sofrimento intenso, como também, muitas vezes, o sentimento de solidão e culpa. O morrer de um filho pode causar consternações emocionais de grande proporção às figuras parentais, sendo necessário, muitas vezes, o acompanhamento profissional especializado a fim de conduzir-lhes a uma atenuação do sofrimento psíquico e uma reconstrução simbólica da vida.

Palavras-chave: Morte, Criança, Luto.

Instituto Pais/Bebês: espaço especializado em psicologia perinatal

Ana Laura Tridapalli, Juline Aldanê Silveira da Silva, Thiciara Mattiazzi (IPB)

O objetivo deste trabalho é apresentar o Instituto Pais/Bebês, uma instituição sem fins lucrativos especializada em prestação de serviços na área da psicologia perinatal. O IPB, idealizado pela Psicóloga Maria Helena Moraes, surgiu a partir do desejo em comum de profissionais que têm se dedicado ao estudo e ao trabalho na área de psicologia da gravidez, parto e pós-parto. Seguindo os pressupostos epistemológicos desenvolvidos pela psicanálise, teoria sistêmica e psicologia do desenvolvimento, evidencia-se a família como lugar primordial no crescimento emocional da criança. Os desafios em relação à parentalidade apontam para a urgência na construção de estratégias e políticas de acolhimento e suporte psicológico às famílias nas etapas da gravidez, puerpério e primeiros anos de vida do bebê. Na medida em que cuidamos dessas etapas da vida, desenvolveremos prevenção em saúde mental, uma vez que numerosos estudos comprovam os efeitos nocivos da privação das necessidades básicas (afetivas, sociais e materiais) do bebê e da família. A construção ou a dissolução dos vínculos que acontecerão ao longo da vida dependerá consideravelmente dessa vivência inicial e o núcleo familiar é responsável cultural, social e psicologicamente pela estruturação psíquica do sujeito. É especialmente da complexa interação mãe/pai e bebê (e/ou cuidadores) nos primeiros anos da vida que depende o quão saudável ou patológico pode vir a ser o desenvolvimento da criança. Nesse sentindo, a qualidade desta relação íntima e contínua, a privação dos cuidados maternos por razões diversas, bem como a forma como são vividos esses complexos processos psíquicos, podem implicar em dificuldades na construção de vínculos futuros, incluindo a possibilidade de desenvolvimento de psicopatologias. Em consonância com a perspectiva da integralidade na saúde materno-infantil, o IPB se propõe a realizar assistência psicológica de gestantes, casais grávidos, parturientes e puérperas preventivamente, mas principalmente quando a patologia já se instaurou, priorizando a dimensão subjetiva na construção da parentalidade. A proposta é dar acolhimento e voz, por meio da escuta clínica, ao sofrimento psíquico instaurado nas mães, pais e bebês nesse momento tão especial do ciclo da vida humana, proporcionando atendimento psicológico especializado e diferenciado. Como campo de estudo, o Instituto Pais/ Bebês oferece cursos de qualificação profissional em psicologia perinatal, e como campo de atuação, disponibiliza clínica psicoterapêutica social e privada, bem como programas de prevenção e promoção à saúde mental.

A vivência da família frente ao morrer de um filho no cenário do câncer infanto-juvenil

Mikaela Aline Bade München, Cristine Gabrielle da Costa dos Reis, Sandra Regina Sallet, Murilo Domingues Alves, Alberto Manuel Quintana (UFSM)

O sujeito contemporâneo vem mudando sua relação com a morte, sendo esta permeada, frequentemente, por uma imagem negativa. Dentro dessa perspectiva, a vivência do luto também é modificada. As doenças crônicas, como o câncer, que, muitas vezes, evocam a ideia de morte e geram um longo processo de adoecimento, podem acarretar desgastes físicos e emocionais nos familiares, além de sentimentos ambivalentes. Diante disso, entende-se que a morte de um filho se configura como um desfecho absurdo para pais, pois representa uma inversão da ordem natural que se espera da vida. Nesse sentido, a relação com o eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo da Vida e subtema morte e processo de luto se dá ao investigar, apoiando-se em pressupostos psicanalíticos, o morrer infanto-juvenil como parte do ciclo vital, ligado ao processo de luto dos pais. Foi levando-se em conta essas questões que se criou o projeto de pesquisa-ação intitulado Morte Digna no Cenário do Câncer Infanto-Juvenil, desenvolvido em um hospital público no interior do Rio Grande do Sul. O objetivo é investigar os enfrentamentos dos familiares ao vivenciarem os períodos de pré-morte imediata e pós-morte e instituir uma ampliação da linha de cuidado institucional voltado à assistência desses familiares durante esses períodos. A pesquisa está se dando a partir da realização de grupos focais com os familiares de pacientes que foram a óbito no Centro de Tratamento da Criança e do Adolescente com Câncer, sendo procedentes da cidade onde se localiza o hospital. Para análise dos resultados que estão sendo obtidos está se utilizando a análise de conteúdo. Alguns resultados preliminares nos mostram que há uma tentativa dos familiares em encontrar um responsável pela morte do filho. Além disso, há uma busca por tratamentos alternativos, quando o método oficial não dá mais retorno. Diante do sofrimento que se apresenta, verifica-se a importância do trabalho de uma equipe multiprofissional que auxilie e ampare os familiares desde o momento do diagnóstico, que traz profundas mudanças na organização familiar, até o momento em que as dificuldades e angústias se exacerbam. A partir disso, é possível fazer com que se sintam acolhidos, de maneira que possam significar sua dor e buscar outros sentidos que lhes permitam prosseguirem suas vidas. Assim, destaca-se a importância de direcionar um olhar atento para a vivência dos pacientes e familiares e, por meio dos resultados que serão obtidos na conclusão do projeto, aperfeiçoar o fazer da equipe.

Influência da auto eficácia e das crenças em saúde no tratamento antirretroviral de pessoas com HIV/AIDS que não aderem ao tratamento

Gehisa Amábille Rech, Gisele Regina da Cunha, Giovana Delvan Stühler (UNIVALI)

O HIV/AIDS é uma doença imunossupressora que embora não tenha cura, com o tratamento correto passa a ter uma cronicidade controlada. Esta, devido à característica de irreversibilidade do diagnóstico, a condição de incurabilidade, a necessidade continua de tratamento e o uso de medicação, que implicam, muitas vezes, em modificar o estilo de vida e fazer readaptações frente à nova situação. Desta forma, a não adesão ao tratamento é um dos maiores comprometedores da eficácia das ações para controlar a doença e, conhecer o que pensam as pessoas que vivem com HIV/AIDS e como estes pensamentos inferem em seus comportamentos diante do tratamento, pode fomentar estratégias que favoreçam uma boa adesão. O presente estudo mostra-se adequado ao eixo temático “Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida”, promovendo reflexões a partir da visão de pessoas que vivem com HIV/AIDS, contribuindo para uma melhor adequação das práticas realizadas por profissionais de saúde que compõem a rede social destas pessoas e para o desenvolvimento de um olhar mais singular para o indivíduo e seus comportamentos. Para tanto, seu objetivo foi avaliar a influência da auto eficácia e das crenças em saúde no tratamento antirretroviral de pessoas

com HIV/AIDS que não aderem ao tratamento. Participaram da pesquisa oito pessoas com HIV/AIDS. A coleta de dados foi realizada através de questionário constituído por dados sociodemográficos, clínicos e crenças em saúde e a Escala de Expectativa de Auto-Eficácia para Seguir Prescrição Antirretroviral. Os resultados deram origem a quatro categorias: Suscetibilidade, Severidade, Benefícios e Barreiras. Na categoria suscetibilidade, a forma de infecção predominante foi por via sexual, demonstrando que a vulnerabilidade à doença ainda é percebida como algo distante da realidade até o momento do diagnóstico. Na categoria severidade prevalece a associação de HIV/AIDS com a morte. Demandas psicológicas ocasionadas pelo impacto do diagnóstico, preconceitos e discriminação também são apresentados nesta categoria. Na categoria Benefícios, os participantes apontam que tomar a medicação ajuda na manutenção da saúde e do bem-estar. Na categoria Barreiras, o impacto inicial do diagnóstico e prognóstico, a falta de informação, os efeitos colaterais da medicação, a adaptação da medicação as rotinas diárias e os aspectos emocionais por estressores diversos, são os maiores motivos para a não adesão. A aplicação da Escala obteve uma média de adesão de 76,77% entre os participantes, indicando uma baixa adesão, pois para obter efeitos máximos desejados são necessários 95% de adesão. Constatou-se que a possibilidade do agravo da doença e o aparecimento de sintomas podem produzir efeitos na superação das barreiras existentes desencadeando comportamentos de adesão à TARV.

Palavras-chave: Auto eficácia, Crenças em saúde, Adesão a TARV.

Atendimento interdisciplinar a mulheres com Síndrome de Fibromialgia: o uso de material educativo no incentivo do autocuidado

Giovana Delvan Stuhler, Mônica Lindner, Taciane Cristina Schlindwein,
Thiago Costa (UNIVALI)

A Fibromialgia (FM) é caracterizada pela ocorrência de dor generalizada pelo corpo, com presença de pontos dolorosos e sem sinais inflamatórios articulares ou musculares. Não há causa definida para essa condição que afeta principalmente mulheres, e que está relacionada a ansiedade, depressão, alteração de sono, distúrbios alimentares, sensação de fadiga constante e outros sintomas secundários. O Programa de Assistência Interdisciplinar a Mulheres com Síndrome de Fibromialgia oferece atendimento a esta população por meio de um tratamento e cuidado integral, nas áreas de fisioterapia, nutrição e psicologia, em atendimentos semanais durante o período de um semestre. Os atendimentos da Psicologia utilizam por base a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) e têm por objetivos abordar temas referentes à forma de enfrentamento e manejo para lidar com os sintomas da síndrome, promover autonomia e superação, repercutindo no processo saúde e doença das participantes por meio de estratégias psicoeducativas e vivenciais. Neste processo, utiliza-se material educativo, como folders, vídeos e recursos gráficos, cujo conteúdo se apresenta de acordo com a necessidade das participantes, estimulando o desenvolvimento de ações que proporcionem autoconhecimento e autocuidado. O material distribuído é elaborado a partir da literatura científica, afim de garantir a fidedignidade das informações, sendo disponibilizado numa linguagem acessível para a compreensão de todas as participantes. Estes materiais se mostram úteis na ampliação da compreensão sobre fibromialgia, uma vez que vem auxiliando as participantes na tomada de decisões relacionadas aos cuidados e estratégias de enfrentamento, resultando em melhoria na qualidade de vida. Por ser desenvolvido priorizando as necessidades observadas nos atendimentos, o material educativo se apresenta

como uma estratégia bem-sucedida de apoio a esta população atendida, que pode ser pronta e permanentemente resgatada pelas participantes. Este trabalho se relaciona com o eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida”, articulando-se com o subtema “Doença Crônica e Dor ao longo do ciclo de vida”, na medida que busca mobilizar suas participantes na aceitação da síndrome, e consequentemente na construção de sua autonomia e autocuidado.

Palavras-chave: Fibromialgia, Material Educativo, Autonomia, Autocuidado.

Saúde Pública: inserção, possibilidades e práticas em psicologia da Saúde

Gênesis Rodrigues Sobrosa, Patrícia Dalagasperina (UNISINOS), Jana Gonçalves Zappe, Naiana Dapieve Patias (UFRGS), Pascale Chechi Fiorin, Ana Cristina Garcia Dias (UFSM), Anelise Schaurich dos Santos (UNISINOS),
Eliane Maria Lume (Hospital do Círculo de Caxias do Sul - RS)

Esta pesquisa apresenta uma breve discussão sobre a saúde pública no Brasil e a inserção da Psicologia da Saúde no Sistema Único de Saúde (SUS). Primeiramente, aborda-se a história da saúde pública, com vista a compreender como a Psicologia da Saúde se desenvolveu e se inseriu neste contexto. Em um segundo momento, apresenta-se o campo da Psicologia da Saúde, conjecturando sobre suas limitações e perspectivas para o futuro no cenário brasileiro. Para tanto, realizou-se uma revisão não sistemática da literatura sobre o campo da Psicologia da Saúde e sua inserção na Saúde Pública. A leitura dos trabalhos seguiu o método proposto por Gil (2008), composto por quatro etapas: leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. Na primeira etapa, procurou-se entrar em contato com os textos em sua totalidade, para que, em um segundo momento, fosse realizada uma leitura aprofundada das partes que interessavam aos objetivos do trabalho (leitura seletiva). O próximo passo consistiu em ordenar e sumariar as informações encontradas, identificando-se as ideias-chave dos textos, para realizar uma construção de sínteses (leitura analítica). Na última etapa, a leitura interpretativa, procurou-se estabelecer relações entre o conteúdo dos textos pesquisados, agrupando-os, para então realizar uma leitura analítica e reflexiva. A partir dessas configurações explicitadas considera-se que o psicólogo, ao inserir-se no campo da saúde pública, precisa rever suas teorias e práticas, pois as mesmas ainda se encontram direcionadas no foco da doença e desconsideram aspectos históricos e contextuais relacionados com os processos de saúde-doença. Apesar dos avanços relativos à inserção do psicólogo no campo da saúde percebe-se que a área da Psicologia da Saúde ainda se encontra em construção, sendo necessária uma integração entre a formação disponibilizada nas universidades e as demandas para a atuação do psicólogo neste contexto.Percebe-se que muitos profissionais não sabem como executar o seu fazer e onde atuar nesse campo, sendo ainda exercido, no contexto da saúde pública e coletiva, apenas atividades baseadas no paradigma clínico-individual.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde, Sistema Único de Saúde, Saúde Pública.

A percepção de doadores de sangue sobre as campanhas de incentivo

André Teixeira Stephanou (Escola de Saúde Pública – RS),
Mariana Calesso Moreira (UFCSPA)

Campanhas de incentivo à doação são uma das principais ferramentas utilizadas para aumentar o comportamento de doar. Entretanto, estudos sugerem pouca influência de campanhas no comportamento de doadores. Este trabalho teve como objetivo investigar a percepção de doadores de sangue sobre o papel das campanhas de incentivo à doação, captação e fidelização de novos doadores, de modo a fornecer subsídios para o planejamento de campanhas mais precisas. Participaram do estudo 6 doadores, sendo 4 do sexo feminino, com idades entre 18 e 24 anos, ensino superior completo ou em andamento e número de doações ao longo da vida variando entre 1 e 10 vezes. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico em conjunto com uma entrevista semi-estruturada, abordando a experiência dos doadores, suas percepções sobre o que leva as pessoas a doarem e sobre as campanhas de incentivo às quais foram expostos. Os dados coletados foram examinados utilizando a análise de conteúdo temática qualitativa, sem categorias pré-definidas. Foram delimitadas três categorias principais: campanhas de incentivo à doação; motivação ante a doação; e reflexos da experiência de doar. O conteúdo das campanhas foi criticado por seu viés informativo e pouco envolvente. Foi questionado o pouco uso das mídias sociais como solução para ampliar o alcance das campanhas. Além do altruísmo, a motivação por ganho secundário surgiu em relatos estreitamento de amizades e sentimentos de autorrealização. A própria experiência satisfatória de doação foi ressaltada como facilitadora do retorno dos doadores. A percepção de rigidez nas normas que regulam a doação, assim como dificuldades para inserir o tempo de doação na rotina diária está entre os entraves apontados. O desenvolvimento de autoeficácia e uma identidade enquanto doador surgem como estratégias válidas para captar mais doadores e favorecer seu retorno. O reconhecimento da importância da doação e a garantia de uma experiência positiva são formas de atingir este objetivo. Estes achados corroboram estudos que utilizam de teorias sociocognitivas como para a formulação de estratégias de incentivo a comportamentos pró-sociais. É importante também considerar a inserção no espaço cada vez mais relevante das mídias sociais, pouco discutido na literatura. O escasso registro de estudos experimentais com este referencial teórico no Brasil ressalta a importância de inovação na área por parte da psicologia e suas intersecções com saúde pública e comunicação.

Desempenho e rendimento acadêmico em estudantes universitários: uma revisão de literatura

Jéssica Costa Machado, Cinara Miraglia Ferreira, Ana Cristina Garcia Dias (UFSM)

Este estudo objetivou discutir os artigos publicados em língua portuguesa, relacionados ao rendimento acadêmico (RA) e desempenho acadêmico (DA) em estudantes universitários (EU). Entende-se por RA a capacidade do aluno de dar uma resposta a estímulos educacionais que foram estabelecidos como, por exemplo, tirar uma nota superior em uma prova. Já o DA pode ser compreendido como as estratégias que o aluno utiliza para alcançar estas notas. O presente trabalho busca compreender como as variáveis RA e DA podem influenciar ou não ao processo de adaptação à universidade, apresentando relação com o eixo temático IAS e o subtema Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação. O trabalho sustenta-se no positivismo, uma vez que busca realizar um levantamento das pesquisas publicadas sobre os temas através de uma metodologia sistemática. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática de artigos nas bases de dados Scielo e Pepsic com os descritores: “RA *and* universitários” e “DA *and* universitários”. Os critérios de inclusão de trabalhos foram: ser um artigo científico, publicado

em língua portuguesa entre os anos de 2000 a 2016 e que tratassem do tema do RA ou DA em EU. Foram identificados com os termos “RA *and* universitários” na base Scielo 02 artigos e na base Pepsic 01 artigo, já com os descritores “DA *and* universitários” foram identificados 08 trabalhos na base Scielo e 02 na base Pepsic. Das 13 referências encontradas, 02 estavam repetidas e 01 trabalho estava redigido em inglês. Dez trabalhos compuseram a amostra desse estudo. Todos trabalhos encontrados eram empíricos e apresentavam um delineamento quantitativo. Uma das pesquisas foi realizada com estudantes portugueses e as demais com brasileiros. Sete artigos se referiam ao DA, sendo que quatro abordavam as estratégias de aprendizagem adotadas, dois o acesso ao ensino superior, um a influência do trabalho e um era a validação de escalas de desempenho. Apenas dois artigos versavam sobre a questão do rendimento acadêmico, sendo que um enfocava o tema da adaptação acadêmica e outro as estratégias de aprendizagem. Considera-se importante o desenvolvimento de projetos que abordem as dificuldades dos estudantes universitários e fatores promotores de saúde e melhor desempenho acadêmico, através da oferta de intervenções que propiciem apoio psicológico e psicopedagógico.

Avaliação e ações preventivas: revisão sistemática da literatura científica em bases nacionais

João Fillipe Horr, Sara Boege Pickler (FURB)

Este trabalho tem por objetivo situar, a partir de uma revisão sistemática, o panorama das intervenções preventivas ao abuso de drogas e a presença ou não de estratégias avaliativas na sua aplicação no contexto brasileiro. Situa-se no eixo temático IAS, com ênfase no subtema 2.1., com objetivo de discutir a produção do conhecimento e o diálogo com as políticas públicas sobre uso de drogas. Os problemas decorrentes do uso abusivo de drogas avançaram contemporaneamente como um problema de saúde pública complexo, exigindo diferentes estratégias interventivas, dentro dos espectros da promoção de saúde, da clínica e da prevenção. Neste sentido, a prevenção tornou-se gradualmente uma ciência com exigências próprias, sustentada no modelo baseado em evidências, em métodos padronizados e na construção de estratégias avaliativas para verificar a efetividade de suas práticas. Portanto, as intervenções preventivas e a avaliação das mesmas tornaram-se um aspecto fundamental para a ciência preventiva e para a confiança de gestores públicos na tomada de decisões para programas preventivos ao uso de drogas. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura, buscando identificar as pesquisas no contexto brasileiro, a partir dos seguintes descritores: prevenção AND drogas AND avaliação. Para os critérios de inclusão, foram priorizados artigos que descreveram ações preventivas em diferentes padrões de uso e/ou estratégias avaliativas na área. Para os critérios de exclusão, foram utilizados: a) artigos com enfoque clínico ou de reabilitação psicossocial; b) artigos de pesquisa básica sobre o uso de drogas; c) artigos que focavam em terapêuticas de determinadas drogas; d) revisões sistemáticas, pesquisas bibliográficas e relatos de experiências e, e) Teses, manuais e documentos. Foi localizado um total de 10 artigos publicados considerados aptos a participarem desta revisão. Concluiu-se que, apesar da demanda urgente de avaliações de ações preventivas e da expressão de alguns pesquisadores na área, a produção científica sobre avaliação das intervenções preventivas ainda é incipiente e que não há padronização dos procedimentos avaliativos de acordo com os parâmetros internacionais na área. Com isso, afirma-se que a construção de metodologias preventivas adequadas, a elaboração de avaliações e o diálogo com as políticas públicas é urgente e necessária para a produção científica nacional.

O teste de desempenho escolar de alunos de uma escola na grande São Paulo

Bernardete Bezerra Silva Imoniana, Marilia Martins Vizzotto (UMESP)

No Brasil desde a década de 90 vem ocorrendo um aumento significativo da frequência escolar, principalmente nos primeiros anos básicos da educação. Segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2013 mostra que o país ultrapassou as metas previstas para os anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental em 0,3 ponto. O Ideb nacional nessa etapa ficou em 5,2, enquanto em 2011 havia sido de 5,0. Aprendizado é o processo de aquisição de informação, padrões de comportamento ou capacidades novas e relativamente duradouras, caracterizado por modificação de comportamento como resultado de pratica, estudo e experiência. As crianças com dificuldade ou transtorno na aprendizagem são aquelas que apresentam uma discrepância entre seu rendimento escolar e seu potencial intelectual estimado. O presente estudo objetivou explorar o desempenho escolar de alunos de uma escola pública situada na grande São Paulo. Participaram 20 crianças, sendo 8 meninos e 12 meninas, com idade variando entre 9 a 10 anos de estudantes matriculados na 5ª. serie. Aplicou-se, individualmente, o Teste de Desempenho Escolar é um instrumento psicométrico que busca oferecer de forma objetiva uma avaliação das capacidades fundamentais para o desempenho escolar. O T.E.D. que é composto por três sub testes que abrangem as áreas de escrita, aritmética e leitura. Os resultados apontaram que os alunos apresentaram classificação de desempenho inferior em sua grande maioria, isto é, 85% e sendo que 15% ficaram com desempenho médio. E esses dados nos leva a questionar sobre o efetivo acompanhamento tanto a nível escolar como familiar sobre a aprendizagem e o desenvolvimento escolar dessas crianças. E refletir de que as dificuldades de aprendizagem podem ser entendidas na complexa interação entre os fatores intra e extra-escolares.
Palavras chave: criança, educação básica, desempenho escolar

Uma análise crítica da medicalização na educação: o caso do TDAH

Bianca Nicz Ricci, Leticia de Amorim Cini (Psicóloga/Autônomo),
Maísa Pannuti (Universidade Positivo)

Em tempos em que “medicar” é considerado mais fácil e prático do que “educar” e de estatísticas que evidenciam o grande aumento na produção e prescrição do metilfenidato no Brasil, problemas escolares têm sido comumente relacionados a causas orgânicas, tendo como consequência o aumento da prescrição de medicamentos (como o metilfenidato no caso do TDAH), para a melhora do desempenho escolar. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi provocar uma reflexão sobre a medicalização no campo da educação, principalmente nos casos de indivíduos diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A pesquisa relaciona-se com o Eixo 2 IAS “2.1 Interfaces da Psicologia da Saúde com as Políticas Públicas de Saúde, de Assistência Social e de Educação” pois permite uma análise sobre as atuais políticas de tratamento para o TDAH, a ótica medicalizadora e a visão da sociedade sobre tal diagnóstico. Além disso, discute os papéis do psicólogo na rede de apoio, na escola, no sistema de saúde e no consultório. A pesquisa teve caráter teórico, com o objetivo de identificar diferentes posições sobre o assunto. O trabalho está ancorado nos pressupostos da Psicologia Escolar em uma visão crítica, baseado nas contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, buscando, no entanto, discutir a questão da medicalização com abordagens diversas, especialmente aquelas que justificam o uso do metilfenidato em alguns casos. A coleta de dados foi realizada em publicações entre 2000 e 2015, nos idiomas

português, inglês ou espanhol. Os dados foram organizados visando evidenciar diferentes abordagens em relação à medicalização, bem como as possibilidades de intervenção no caso do TDAH. Foram encontradas diferentes propostas para o tratamento desse transtorno, como o exclusivamente medicamentoso; medicamentoso com psicoterapia ou apenas psicoterápico. Concluiu-se que não é possível realizar julgamento da efetividade ou não da medicação, pois recentes pesquisas têm provado sua eficácia. No entanto, vale a reflexão sobre o TDAH como um sintoma não apenas orgânico, mas também como fruto do sistema e do ambiente, com um olhar para a criança além do "transtorno". É necessário refletir sobre outros meios de intervenções a serem aliados à medicação. Devem ser consideradas alternativas abrangentes, não limitadas apenas a uma queixa ou ambiente, pois estas intervenções não afetam e não modificam somente o indivíduo com o transtorno, mas também o ambiente em sua volta. Para isso é preciso uma rede de apoio, onde família, escola e profissionais envolvidos estejam preparados e estruturados para auxiliarem no tratamento.

A sala de espera enquanto espaço de cuidado à saúde: experiência de atuação interdisciplinar na Atenção Básica

Manuela Pimentel Leite, Isabella Queiroga Ramos Flöering, Kesia,
Angelina Souza Barros, Bianca Vieira dos Santos, Mauricio João Costacurta,
Janyne Dayane Ribas (Secretaria Municipal de Saúde de São José dos Pinhais - PR)

A Atenção Básica, dentre suas atribuições, abrange ações de promoção e proteção visando impactar positivamente na situação de saúde das coletividades e incluir práticas de estímulo à autonomia e ao protagonismo dos sujeitos envolvidos. Neste contexto, foi realizada uma experiência de atuação interdisciplinar em sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde de um Município da Região Metropolitana de Curitiba (PR), a qual este trabalho pretende relatar. Como parte de uma campanha de Saúde da Mulher, a ação buscou promover um espaço de discussão sobre a temática autoestima, vinculando o tema ao cuidado com a saúde física e mental. Os recursos interventivos basearam-se na Abordagem Centrada na Pessoa, a qual busca valorizar o potencial da pessoa e estimular sua autonomia, de forma empática, humanizada e integral. Preconizada pela Lei 8.080/1990, a integralidade opõe-se à fragmentação das práticas e dos saberes e é entendida enquanto um princípio básico do Sistema Único de Saúde, devendo este contemplar ações que atendam os usuários a partir da articulação de diferentes serviços. Desta forma, torna-se possível a atuação interdisciplinar, com a compreensão comum de uma problemática e a busca de um fazer coletivo. As intervenções na sala de esperada Unidade Básica de Saúde foram conduzidas por três Psicólogas e uma Enfermeira em três momentos distintos, cada um com aproximadamente 30 minutos de duração. A metodologia utilizada contou com a realização de uma dinâmica com o grupo de mulheres que aguardava as consultas, com o intuito de estimular a discussão sobre autoestima, seguida de uma ação de educação em saúde a respeito do exame Citopatológico. Com a participação, no total, de 32 usuárias, a ação possibilitou a compreensão de vivências, fantasias e dúvidas sobre as temáticas surgidas durante as discussões, tais quais: manutenção da autoestima, autocrítica, questões de gênero, autoconhecimento e procedimento de coleta do material citopatológico. No contexto da educação em saúde, ressaltou-se a importância do comparecimento anual ao Serviço de Saúde para a consulta ginecológica de rotina. Observou-se o engajamento da população na discussão dos temas abordados, abrindo-se um espaço de acolhimento, reflexão, integração e responsabilização da mulher com sua saúde física e mental. Em conclusão, a sala de espera mostrou-se um espaço para ações de cuidado integral à saúde, especialmente para o

fortalecimento do vínculo do usuário com o serviço e seu protagonismo frente sua condição de saúde.

Uso da palmada por responsáveis na educação dos filhos e as crenças associadas

Gabriela Sarturi Rigão, Carolina Prietto Ferrazza, Carolina Schmitt Colomé, Daniele Dalla Porta, Isadora Cristina Putti Paludo, Jennifer Vanessa Avila dos Santos, Marina Peripolli Antoniazzi, Aline Cardoso Siqueira (UFSM)

A maneira que os pais têm educado seus filhos está sendo amplamente debatida, trazendo aos responsáveis os questionamentos se devem ou não usar a punição física. Estudos realizados no campo psicológico evidenciam o caráter falho do uso da punição física na educação, demonstrando que a criança agredida pela família, agride outros indivíduos. Esse tema relaciona-se com o eixo temático Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida (PCV-saúde da família), pois a educação das crianças repercute nos diferentes contextos do seu desenvolvimento. O presente estudo traz um recorte de uma pesquisa mais abrangente, que tem como pressuposto epistemológico a fenomenologia, buscando descrever e investigar fenômenos experienciados conscientemente e compreender os significados que os sujeitos atribuem ao uso da palmada como estratégia educativa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual participarão 60 mães, pais ou responsáveis de crianças pré-escolares e escolares de escolas públicas e privadas de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Para a coleta dos dados, são utilizados: questionário biossociodemográfico e laboral, entrevista semiestruturada sobre práticas educativas, questionário sobre os direitos da criança e do adolescente. A pesquisa encontra-se em andamento, os dados estão sendo analisados com base na análise de conteúdo de Bardin. A partir da análise das 10 entrevistas já realizadas, foram identificadas três categorias referentes ao uso da palmada como estratégia educativa, sendo elas: 1) Pais que usam a palmada com frequência, 2) Pais que usam a palmada como o “último recurso”, 3) Pais que não se utilizam da palmada. Assim, conclui-se que o uso da palmada está relacionado com o significado que os responsáveis atribuem à punição física. Os pais que usam a palmada como prática educativa não a percebem como uma ação violenta e causadora de danos, pelo contrário, acreditam que é um recurso para a educação e obediência, necessária para impor limites e ensinar “o certo”. Outros pais priorizam estratégias como a conversa, explicação e gritos, utilizando “palmadinha” como último recurso, que é aceitável, e difere do “bater”. Os pais que não usam a palmada, acreditam que a melhor estratégia educacional é dialogar com os filhos. Muitos pais apresentam dúvidas quanto a melhor forma de educar as crianças refere ter ouvido falar da Lei da Palmada, mas poucos a conhecem na íntegra. Assim, é fundamental realizar projetos que possibilitem aos responsáveis esclarecimentos sobre possíveis danos da palmada e elaboração de formas não violentas para educar.

Oficinas educativas com profissionais da saúde: um relato de experiência

Léia Viviane Fontoura, Claudete Demetrio Meurer, Daiane Pereira Miguel Fernandes, Larissa Voigt Nunes, Nathan Haniel de Souza (UNIVALI)

Este trabalho relata oficinas educativas, desenvolvidas pelo projeto de extensão Discutindo a Relação - #DR., com profissionais da saúde de uma Unidade de Saúde de Itajaí/SC. O # D.R. objetiva desenvolver ações para a promoção da saúde e o enfrentamento das

vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento integral do adolescente, envolvendo comunidade escolar e profissionais da Estratégia de Saúde da Família. Tem como norte os temas preconizados pelo Programa Saúde na Escola – PSE. Articulado ao PSE encontra-se o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas - SPE, que é uma estratégia de formação continuada que contribui para a aprendizagem compartilhada por profissionais da educação, saúde, outras instituições públicas e organizações da sociedade civil, visando a redução da vulnerabilidade de adolescentes e jovens às Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS (BRASIL, 2007). Ressalta-se que este projeto está em consonância com as recomendações do ProPet-Saúde, que visa a formação de profissionais competentes para o trabalho multi e interdisciplinar. O #D.R. é constituído por docentes e discentes dos cursos de Psicologia, Enfermagem e Biomedicina, articulando o tripé ensino, pesquisa e extensão com postura interdisciplinar. Portanto, relaciona-se com o eixo temático interdisciplinaridade e intersetorialidade na formação e atuação profissional, em busca da integralidade da Atenção à Saúde (IAS). Os encontros de formação são mensais através de metodologias ativas, na perspectiva de Paulo Freire. Implica o encontro dos sujeitos para refletirem sua realidade concreta. Freire (2003) denomina este encontro de saberes de “círculo de cultura”, que envolve a “problematização” e “dialogicidade”. No ano de 2015 foram realizadas 6 oficinas, com participação média de 12 profissionais, sendo a maioria Agentes Comunitárias de Saúde. Os conteúdos trabalhados foram Puberdade, Adolescência, Sistema Reprodutor/Gravidez, Métodos Contraceptivos, Sexualidade e Gênero. As participantes avaliaram as oficinas com nota 10,0 em relação à metodologia utilizada e 9,0 em relação ao aprendizado referido. Citaram como exemplo de efetividade do trabalho a utilização do aprendizado na vida profissional e pessoal através de expressões como “Orientei as adolescentes da minha área sobre gravidez, DST”; “ Conversei com minhas sobrinhas a respeito de DST”; “Orientei sobre camisinha”. Acredita-se que houve sensibilização dos profissionais para as problemáticas envolvendo a adolescência e instrumentalização para o trabalho com os adolescentes. Considera-se que a metodologia foi adequada, pois houve participação ativa nos encontros e debate do cotidiano de trabalho problematizado com as temáticas propostas, ampliando os saberes de todos os envolvidos, incluindo-se a equipe do # D.R.

Grupo de acolhimento para pacientes em pré-operatório da cirurgia bariátrica no HU

Nikole Fernandes, Morgana Martins de Medeiros, Rejane de Farias,
Francielle Lopes Alves, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré,
Cibele Cunha Lima da Motta (UFSC)

A Cirurgia Bariátrica é reconhecida como o método mais eficiente no tratamento da obesidade mórbida e comorbidades associadas, problema caracterizado como de saúde pública. O ministério da saúde prevê que pacientes candidatos a cirurgia bariátrica recebam acompanhamento pré e pós-operatório para maior adesão e continuidade do tratamento relacionado à intervenção cirúrgica. Atividades reparatórias para a cirurgia configuram-se como dispositivos técnicos facilitadores do desenvolvimento do tratamento no contexto de alta complexidade. A partir dessa premissa, o objetivo desse trabalho é discutir como a atividade em grupo pode auxiliar o paciente na adesão ao tratamento cirúrgico. Trata-se de um relato de experiência sobre o Grupo de Acolhimento do Serviço de Atenção ao Portador de Obesidade Grave do Hospital Universitário de Santa Catarina, que se propõe acolher os pacientes e acompanhantes a fim de esclarecer suas dúvidas e facilitar a compreensão do processo de tratamento cirúrgico da obesidade. Coordenado pela Psicologia e Serviço Social,

consiste em uma iniciativa de trabalho interdisciplinar dentro do serviço, justificando a escolha do eixo 2: “Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: Em busca da Integralidade da Atenção à Saúde: IAS” e o subtema “Interdisciplinaridade e Intersetorialidade na Formação e Atuação Profissional”. A interdisciplinaridade na condução do grupo evidencia a perspectiva epistemológica do trabalho que se sustenta no Pensamento Complexo. Duas categorias de análise foram delineadas: caracterização do grupo e repercussões no processo de adesão ao tratamento. O grupo é realizado com pacientes no início da fase pré-operatória e seus familiares, possui caráter psicoinformativo, com periodicidade mensal, e aborda temáticas relativas às distintas etapas do tratamento e ao fluxo do atendimento. Os encontros possibilitam o acolhimento dos pacientes e acompanhantes e se configuram como um espaço de esclarecimento de dúvidas e ansiedades frente ao tratamento. Dessa forma, oferece orientações que facilitam o processo de avaliação, reforça recomendações de tratamento indicadas pelos profissionais e favorece uma melhor comunicação com a equipe. Os conteúdos trabalhados nos encontros possibilitam a compreensão e conscientização da obesidade como uma doença complexa e multifatorial e proporciona reflexões acerca do conhecimento que os pacientes já possuem sobre os temas de reeducação alimentar e hábitos saudáveis, tornando-os mais ativos no tratamento. Observa-se que o grupo promove maior adesão às orientações e, por conseguinte contribui com o tratamento integral da obesidade. Esse trabalho evidencia ainda a importância do trabalho multiprofissional no preparo para o tratamento cirúrgico ao ampliar a garantir a disponibilidade do tratamento em sua integralidade ao conjunto dos usuários.

Análise da articulação da rede intersetorial de um centro de referência de assistência social

Camila Paravisi Frizzo, Felipe Faria Brognoli (Faculdade CESUSC)

A sociedade atualmente tende a se organizar em redes, e a difusão destas modifica a forma de operar e os resultados de processos produtivos e de experiência, poder e cultura. As pessoas criam vínculos entre si e constroem organizações que originam diferentes redes sociais, que são articuladas e possibilitam a satisfação das necessidades humanas. Assim, a articulação de rede é fundamental para o fortalecimento de vínculos na comunidade que embasa os princípios e diretrizes do Centro de Referência de Assistência Social. Deste modo, este trabalho apresenta uma pesquisa sobre a articulação da rede intersetorial de três CRAS’s a partir de uma experiência de estágio do curso de graduação em Psicologia da Faculdade CESUSC. A metodologia consiste em observação participante, coleta de dados a partir do material encontrado e de entrevistas semiestruturadas com membros das áreas da Saúde, Educação e ONGs, e na análise destas informações. Foi realizado um levantamento do funcionamento das Reuniões de Rede Intersetoriais, a partir da transcrição das atas e de outros registros que portavam opiniões e sugestões dos membros destes encontros. O material foi sistematizado por aspectos positivos e questões a melhorar, dos quais emergiram pontos como: a articulação, a organização da rede, a oportunidade de integração e de conhecimento das demandas das comunidades, assim como questões sobre acessibilidade que poderiam ser melhoradas. Nas entrevistas, todos demonstraram compreensão da função da reunião de rede e da importância dos membros participarem e se articularem. Sobre a evasão e ausência nas reuniões, justificaram-se a partir de suas agendas e compromissos de trabalho. Mas até que ponto estes encontros são importantes para se tornarem prioridade? O que falta para que a rede seja viabilizada de tal modo que discursos se transformem em ações coletivas? Os entrevistados sugerem mais articulação entre setores e a realização de projetos

multidisciplinares, porém afirmam que a rede já os auxiliou de alguma forma, o que mostra a necessidade de se continuar a aprimorar estratégias para o estabelecimento de vínculo entre instituições. A pesquisa foi apresentada para os CRAS's e seus membros, e então se discutiu a possibilidade de um novo formato das reuniões. Este implica em resgatar os objetivos e expectativas dos encontros, com um planejamento de prioridades a serem construídas. Portanto, as reuniões devem ser um espaço para análise das demandas do território, e por isso podem viabilizar ações em conjunto.

O método de Rorschach nas pesquisas em psicologia da saúde

Muriell da Silva Coelho (UnG), Paulo Francisco de Castro (UnG, UNITAU)

O objetivo do presente trabalho centra-se em descrever a aplicabilidade do Método de Rorschach em diferentes pesquisas na área de Psicologia da Saúde, por meio da análise da produção científica publicada, com foco nos quadros psicopatológicos e orgânicos. Relaciona-se ao eixo temático sobre integralidade da atenção à saúde, pelo fato de buscar identificar processos de avaliação psicológica, com ênfase no Método de Rorschach, na compreensão da dinâmica psicológica de diferentes quadros, com vistas a uma visão interdisciplinar de saúde. O Método de Rorschach é um reconhecido instrumento para avaliação psicológica dos componentes de personalidade dos indivíduos, com forte tradição de pesquisas nas áreas de psicopatologia e psicossomática, alvos da presente investigação. A análise de produção científica permite uma visão contextualizada do material publicado sobre determinado assunto, descrevendo o estado da arte em várias áreas do conhecimento. Foram levantadas pesquisas com este foco na Biblioteca Virtual de Saúde (www.bvs-psi.org.br), utilizando-se os indexadores "Rorschach" e "Psicologia da Saúde", obtendo-se 130 artigos científicos sobre o tema. Após a leitura, levantamento e análise dos dados, os principais resultados são os seguintes: não há indicação clara do sistema de classificação das respostas do Rorschach (78,5%) e dos que assinalaram, o sistema compreensivo é o mais incidente (15%). Foram publicadas no período entre 2000 e 2009 (35%) no Boletim da Sociedade de Rorschach de São Paulo (17%), de autoria única (48%) e profissionais da Universidade de São Paulo (30%), tratam de pesquisas de campo (61%) com a utilização apenas do Método de Rorschach (65,1%) em adultos (65,4%). Em relação ao tema estudado, tem-se 52% das pesquisas referentes a quadros de psicopatologia e 48% a quadros orgânicos, sendo os mais incidentes de cada categoria estudos sobre psicoses (29%) e de cunho neurológico (21%), respectivamente. A maior parte das pesquisas enfatiza a aplicabilidade do referido instrumento como estratégia eficiente na compreensão da relação entre a personalidade e o desenvolvimento de diferentes quadros clínicos, principalmente os psicopatológicos e psicossomáticos. Os dados expostos caracterizam a utilização do Método de Rorschach nas pesquisas em Psicologia da Saúde, porém outros estudos com esta mesma tratativa mostram-se relevantes, utilizando-se outras estratégias para coleta de dados, além de aprofundamento das informações contidas em cada uma das investigações.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde, Avaliação Psicológica, Teste de Rorschach.

Interdisciplinaridade nos atendimentos ambulatoriais às doenças inflamatórias intestinais: experiência na extensão universitária

Igor Machado de Castro, Sueli Terezinha Bobato (UNIVALI)

As doenças inflamatórias intestinais (DDI) são enfermidades crônicas que consistem em processos inflamatórios do trato gastrointestinal, sendo as mais comuns a Retocolite Ulcerativa Inespecífica e a Doença de Crohn. A doença pode evoluir para quadros graves e incapacitantes e os sintomas mais comuns são febre, diarreia com muco e sangue, dor abdominal e tenesmo. A etiopatogenia ainda não é clara, evidenciando-se fatores genéticos, socioambientais, microbiológicos e imunológicos como fatores de risco. Por tratarem-se de doenças com resposta terapêutica variável, com repercussões psicológicas e sociais, seu tratamento é complexo envolvendo diversos profissionais da área da saúde. Diante deste cenário, em 2011 foi criado o Ambulatório Interdisciplinar de DIIs na Unidade de Saúde e da Família na UNIVALI. **Objetivos**: Relatar as experiências nas atividades de Extensão no Ambulatório Interdisciplinar de DII, a metodologia aplicada e resultados. **Procedimentos metodológicos**: Foram realizados atendimentos na modalidade interconsulta, com foco nas demandas psicológicas dos pacientes, junto aos estagiários da Medicina, Nutrição e Psicologia; discussões dos casos entre a equipe; psicodiagnóstico interventivo, grupos de apoio realizados em parceria com a ABCD - Associação Brasileira de Colite Ulcerativa e Doença de Crohn; campanhas educativas para orientação e conscientização em prol da melhoria da qualidade de vida dos pacientes, além de atividades administrativas. **Resultado e discussão:** A atuação interdisciplinar na modalidade de interconsulta possibilita uma melhor integração do trabalho realizado por alunos e professores, resultando em uma melhora do vínculo entre os membros da equipe e um acolhimento integral e humanizado dos pacientes, com maior resolubilidade na atenção à saúde. A atuação da Psicologia, em específico por meio do psicodiagnóstico interventivo favorece a identificação e reconhecimento dos fatores psicossociais que interferem na condição de saúde do paciente, na adesão ao tratamento da doença e em sua qualidade de vida. Possibilita conhecer as inquietações e conflitos que envolvem a condição do adoecimento, bem como os diferentes estágios emocionais frente ao diagnóstico de doença crônica. Permite a busca de alternativas conjuntas para o enfrentamento das dificuldades, bem como possibilita ao paciente tornar-se um protagonista ativo no processo de cuidado de si, minimizando o impacto da doença. Portanto, a atenção psicológica junto à equipe no tratamento das DII tem culminado em benefícios aos pacientes, especialmente no que se referente ao melhor gerenciamento das emoções e à assertividade na relação com os demais, haja vista que a atividade da doença tem sido associada à perpetuação do estresse em sua rotina diária.

Contribuição de disciplina teórico-prática para a formação em psicologia: uma oportunidade de aproximação com o SUS

Tatiane Maraschin Fermiani, Manuela Pimentel Leite, Melissa Rodrigues de Almeida (UFPR)

(Objetivo): A atuação da Psicologia na saúde pública enfrenta diversos desafios, desde a carência de recursos e profissionais, até mesmo o despreparo destes diante das demandas. O objetivo deste trabalho é relatar as contribuições de uma disciplina teórico-prática da graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná para a formação de profissionais capacitados para atuar no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir de visitas a instituições públicas de saúde. (**Relação com o eixo temático)**: O cuidado à saúde no SUS não deve realizar-se com atuações isoladas de áreas profissionais, mas na inter-relação de diferentes práticas e saberes. O conhecimento desta rede de serviços permite ao profissional da Psicologia trabalhar de forma articulada com outras áreas, garantindo a integralidade preconizada pela lei 8.080/1990. (**Pressupostos Epistemológicos)**: No entanto, a prática do

psicólogo no SUSencontra-se pouco delimitada e frequentemente equivocada, utilizando-se do tradicional modelo clínico individual, levando diferentes estudos a apontarem a necessidade de melhor formação e capacitação de psicólogos para esta atuação. (**Metodologia)**: A disciplina teórico-prática em questão almejou aproximar os estudantes da prática desenvolvida nos serviços públicos de saúde em diferentes níveis de atenção, estimulando reflexões sobre as possibilidades de atuação do psicólogo. As visitas, realizadas em 2014 por duas alunas à época no 8º período, contaram com observações de uma Unidade de Saúde e de um Centro de Especialidades na região metropolitana de Curitiba (PR), registradas em diário de campo e analisadas em um relatório. (**Resultados)**: A disciplina proporcionou contato com os serviços e suas dificuldades, tais como: sobrecarga emocional dos funcionários, dilemas éticos, superlotação e falta de articulação entre profissionais. A antecipação destas questões à época da graduação, acompanhadas de debate teórico, possibilitou uma formação profissional crítica e preocupada em superar o modelo clínico tradicional, de forma a respeitar os princípios norteadores do SUS. (**Discussão)**: Em descompasso com o observado nas instituições visitadas, aonde percebeu-se fragmentação dos saberes e inconsistente articulação das disciplinas, entende-se a importância da garantia do cuidado integral ao usuário, assim como da promoção de ações em resposta às necessidades da comunidade. (**Conclusão)**: Enquanto oportunidade de formação, a disciplina teórico-prática contribuiu para o enriquecimento da grade curricular da graduação, ampliando as possibilidades de uma atuação do psicólogo comprometida com os princípios do SUS, na medida em que possibilitou o contato com questões da prática profissional *in loco*. Considerando sua importância na graduação, julga-se fundamental que seja oportunizado aos profissionais um processo de formação continuada.

Intervenção em saúde preventiva: com grupos operativos de avós no ambiente hospitalar

Eliane Maria Lume (Hosp. do Círculo de Caxias do Sul – RS), Mariana Calesso Moreira (Hosp. Moinhos de Vento/Inst. de Educação e Pesquisa - Porto Alegre – RS), Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa (UNISINOS / FAMUR), Patrícia Dalagasperina (UNISINOS)

O presente estudo foi elaborado a partir do relato de experiência de uma psicóloga hospitalar, através da apresentação de uma proposta de intervenção, com foco na prevenção primária, desenvolvido junto à equipe interdisciplinar de um hospital privado, localizado na cidade de Caxias do Sul/RS. Sob a luz da teoria psicanalítica, esse trabalho teve por objetivo tecer algumas considerações a respeito do impacto da transgeracionalidade no desenvolvimento psíquico da criança. Bem como, ressaltar a importância da atuação do psicólogo hospitalar como mediador de práticas que visem à promoção da saúde da comunidade como um todo, não apenas do sujeito. Para tanto, o método utilizado foi a técnica de grupos operativos. O qual tem por objetivo proporcionar processos de aprendizagem para os participantes do grupo. Foram realizados seis encontros bimestrais durante um ano. Cada encontro iniciava com a saudação de boas-vindas da equipe de saúde às avós e uma breve apresentação das enfermarias do Centro Obstétrico, Maternidade, Pediatria e UTI Neonatal, através de uma exposição com auxílio de “data-show” com fotos e orientações sobre a importância e finalidade de cada ambiente. Na sequência, as atividades eram desenvolvidas através de módulos, onde cada profissional utilizava de seus conhecimentos para orientar as avós com tópicos relevantes, que propiciavam uma reflexão acerca dos novos papéis constituídos com o nascimento do bebê. A chegada de um filho traz mudanças na vida do casal. É um momento permeado de sentimentos e emoções. O nascimento do bebê configura a constituição de uma

nova família e de novos papéis sociais, marcando a passagem para outra fase no ciclo de vida familiar. Trata-se de um período de transição que acarreta modificações, não só na estrutura familiar, mas na estrutura psíquica dos membros da família de origem. Assim, novas identidades serão criadas pela exigência dos novos papéis que são adquiridos, os filhos passam a ser pai e mãe, os pais tornam-se avós e, nesta relação, sendo constante a interação ou não, influenciam e são influenciados uns pelos outros. Como resultados, aponta-se que os relatos possibilitaram reflexões acerca da importância do papel da avó em uma fase de grandes mudanças na vida do casal com a chegada de um bebê e no processo de desenvolvimento psíquico desta criança.

Palavras-chave: Transgeracionalidade, Intervenção interdisciplinar, Psicologia hospitalar.

Análise da produção científica sobre psico-oncologia: instrumentos de avaliação psicológica empregados e quadros psicopatológicos associados

Jadir Martins Francisco Júnior, Maicon Oliveira da Silva (UnG),
Paulo Francisco de Castro (UnG, UNITAU)

O objetivo do presente trabalho foi apresentar os dados referentes à análise da produção científica sobre as publicações sobre psico-oncologia, com ênfase nos instrumentos de avaliação psicológica empregados nos estudos e na reflexão dos quadros psicopatológicos associados ao quadro. Relaciona-se ao eixo temático sobre integralidade da atenção à saúde, pelo fato de buscar identificar as diferentes ações de avaliação psicológica, bem como dos quadros psicopatológicos associados ao câncer, nas pesquisas científicas publicadas. O câncer é descrito pelo surgimento de células anormais que se proliferam e instalam-se em órgãos e tecidos vizinhos, em decorrência de um crescimento celular desordenado. A psico-oncologia é considerada parte especifica da psicologia da saúde e procura compreender as diferentes dimensões do câncer, principalmente no que tange ao estudo dos componentes psicológicos que podem ser observados no desenvolvimento do referido quadro clínico. Por meio da Biblioteca Virtual de Saúde (www.bvs-psi.org.br), foram identificados os artigos publicados sobre o tema, a partir do indexador “Psico-oncologia” em suas diferentes formas de grafia, identificando-se 61 artigos científicos sobre o tema. Após a leitura, levantamento e análise dos dados, os principais resultados são os seguintes: Em relação aos componentes formais dos artigos analisados, observou-se que a maior parte dos textos foi publicada em 2013 (14,8%), nas Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (13,1%), por dois autores (49,1%) e provenientes do Estado de São Paulo (28,5%). No que tange às estratégias de avaliação psicológica utilizadas como instrumentos para a coleta de dados para a pesquisa tem-se predomínio de entrevista semiestruturada (21,1%), questionário (7%), consulta aos prontuários (8,4%) e observação (5,6%); em termos de instrumentos objetivos para avaliação, observa-se o uso de diferentes escalas para identificação de vários construtos (17,1%), além da aplicação do Teste de Apercepção Temática - TAT em dois trabalhos publicados e incidência de uma pesquisa com os dados de testes psicológicos padronizados: Escala Beck de Ansiedade - BAI e Inventário Fatorial de Personalidade - IFP. Em relação aos quadros psicopatológicos associados, tem-se que 13,8% dos estudos não focou tal elemento em seus resultados e discussões e os quadros de maior incidência nas informações das publicações foram ansiedade (25,9%), estresse (18,1%), depressão (15,5%) e angústia (12,1%), dentre outros de menor frequência. Em síntese, tem-se a possibilidade de se verificar o estado da arte das publicações sobre psico-oncologia em uma base de dados, outros estudos ampliando

o material analisado mostram-se relevantes para maior abrangência da produção científica na área.

Palavras-chave: Psico-oncologia, Avaliação Psicológica, Psicopatologia.

A prática supervisionada em Psicologia Hospitalar como ferramenta na formação profissional: relatos de experiência em curso de extensão teórico-prático

Gabriele Beatriz Waack (PUCPR), Tatiane Maraschin Fermiani (UFPR),
Ana Paula Burgath (FAE Centro Universitário), Raphaella Ropelato,
Luciane Bozza Bertoncello (Care Psicologia Hospitalar – Hospital Vita – Curitiba - PR)

O objetivo do trabalho é discutir os benefícios da prática supervisionada em Psicologia Hospitalar como possibilidade de expansão dos conhecimentos teóricos, pela proposta de formação em curso de extensão teórico-prático. A formação dos profissionais da saúde ainda ocorre de forma muito individualizada, logo, a oportunidade de realizar cursos que contemplem a prática supervisionada possibilitando o entendimento sobre as demandas intrínsecas, a ampliação do aprendizado sobre a relação e integração multiprofissional e as possibilidades de intervenção psicológica, enriquece a formação profissional do psicólogo. A teoria da aprendizagem social e o processo de modelagem, sustentam que o homem aprende e adquire experiências observando as consequências dentro do seu ambiente, e a partir das vivências à qual é submetido. Para tanto, o contato com a prática hospitalar e suas vicissitudes proporciona o desenvolvimento de habilidades e atitude científica, assim como é proposto nas teorias positivistas. Utilizou-se a descrição de relatos da experiência de três alunas (duas graduandas e uma recém-formada) do curso de extensão teórico-prático da Care Psicologia Hospitalar – Ctba (PR), supervisionadas por duas psicólogas. Os relatos basearam-se em roteiro semiestruturado aberto, sistematizado em três categorias: a) descrição do contato com a área hospitalar durante a graduação; b) autoavaliação no ingresso do curso; c) autoavaliação após cursar 75% do programa proposto. 2 – Avaliação das alunas pelas supervisoras, conforme tabela adaptada Gorayeb, 2015 (Avaliação das atitudes, comportamentos, aspectos cognitivos e afetivos formação – Psicologia Hospitalar). 3 – Análise de conteúdo das avaliações alunas x conceitos avaliados pelas supervisoras. Apenas uma aluna cursou disciplina específica durante a graduação, as demais cursaram disciplinas de Psicologia da Saúde. No início do curso todas afirmaram buscar o desenvolvimento de habilidades para a atuação profissional hospitalar. Ao cumprir 75% do curso, as alunas relataram habilidades/comportamentos aperfeiçoados individualmente durante o período. Nos conceitos avaliados pelas supervisoras, houve predomínio de habilidades insuficientes ou básicas no início do curso. Após a exposição de conceitos e treinamento in loco, foi identificado o desenvolvimento/avanço nas habilidades/conhecimento das alunas. A graduação em Psicologia ainda privilegia as aulas teóricas como meio de formação. Entretanto, modalidades de formação complementar de ensino contribuem para o treinamento em ambiente hospitalar e oportunizam o desenvolvimento personalizado dos alunos. Os cursos de modelo teórico-prático, mostram-se como um diferencial positivo no processo de formação de psicólogos, por permitirem a exposição de alunos com monitoramento e orientação de supervisores na realidade hospitalar, aprimorando a teoria adquirida na graduação.

A atuação do psicólogo em equipe interdisciplinar junto a pacientes com doenças inflamatórias intestinais

Thaís Bolognini, Eloisa Leoni, Jeisiani M. Caldeira, Simone J. Pereira,
Sueli Terezinha Bobato (UNIVALI)

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência de estágio em Psicologia realizado em um Ambulatório Interdisciplinar de Doenças Inflamatórias Intestinais em uma Unidade de Saúde no Vale do Itajaí/SC, entre agosto de 2015 a maio de 2016. Os atendimentos são realizados na modalidade de interconsulta, viabilizados a partir da integração do ensino e serviço, contando com a participação de profissionais e estagiários dos Cursos de Medicina, Nutrição e Psicologia. Relaciona-se ao eixo 2, Interdisciplinaridade e Intersetorialidade: em busca da atenção à saúde (IAS) e ao subtema: 2.2 Interdisciplinaridade e Intersetorialidade na Formação e Atuação Profissional. Os objetivos consistiram em avaliar a dinâmica biopsicossocial dos pacientes e estimular a assertividade comportamental frente aos eventos estressores ou demais aspectos que impactam sua condição de saúde; apresentar e discutir os dados junto à equipe interdisciplinar para maior resolubilidade das demandas avaliadas; fornecer suporte psicológico por meio de atendimentos individuais, conforme as necessidades identificadas. Como pressupostos epistemológicos adotou-se o modelo biopsicossocial na modalidade de interconsultas, procedimento este que possibilita um atendimento integral. Por meio da discussão de cada caso é estabelecido um plano de tratamento interdisciplinar, possibilitando uma intervenção estruturada na avaliação, diagnóstico e tratamento. Quanto aos resultados, os dados sociodemográficos indicaram que dentre os 53 pacientes atendidos na modalidade de interconsulta, 29 são mulheres e 24 homens. A faixa etária predominante foi de 41 a 60 anos, oscilando entre o ensino fundamental completo e o ensino superior incompleto. Dos 53 pacientes, 4 estão inativos em decorrência da doença e 7 estão aposentados. Em relação ao diagnóstico, identificou-se a prevalência da retocolite ulcerativa (27), seguido da doença de Crohn (22). A maioria (28) possui o diagnóstico há cerca de 5 anos ou mais. Quanto ao perfil clínico dos pacientes atendidos, 19 verbalizaram em seus relatos a presença de traços de ansiedade, 9 referiram traços depressivos e 8 mencionaram sintomatologias de diferentes fases do estresse. Este trabalho evidenciou a relevância do psicólogo no contexto das DII juntamente com os demais profissionais em decorrência das intensas reações emocionais observadas, advindas do tratamento de doenças inflamatórias intestinais. A atuação das estagiárias de Psicologia junto à equipe nas interconsultas tem favorecido o acolhimento dos usuários, a realização do psicodiagnóstico interventivo sob uma perspectiva breve, com ações psicoeducativas. Tal processo estimula a emergência dos fatores protetivos que favorecem o processo de saúde e a qualidade de vida dos pacientes, impactando positivamente a adesão ao tratamento.

Os desafios da hipercolesterolemia familiar: uma abordagem interdisciplinar

Ana Borges França (Psicóloga), Isabela de Carlos Back (CCS - Depto de Pediatria),
Katia Cilene Bertoncello (CCS - Depto de Enfermagem), David Alejandro Gonzalez Chica
(CCS - Depto de Nutrição), Lia Kubelka Back (Laboratório Biogenética), Edson Luiz da Silva
(CCS-Depto de Análises Clínicas), Andreia Valle (Genzyme do Brasil),
Yara Maria Franco Moreno (CCS - Depto de Nutrição),
Sergio Fernando Torres de Freitas (CCS - Depto de Saúde Pública)

Objetivo principal: Avaliação e atendimento interdisciplinar de famílias brasileiras, portadoras de hipercolesterolemia familiar (HF) **Objetivos específicos**: 1. Avaliação de risco cardiovascular; avaliação clínica; avaliação nutricional; avaliação psicológica; avaliação de enfermagem. 2. Tratamento dos pacientes. 3. Criação da rede de apoio local. 4. Aumento do grau de suspeição da doença no Brasil e na América Latina. **Relação com o eixo temático escolhido:** A intervenção é interdisciplinar, sendo a equipe formada por profissionais da saúde de diversas áreas: medicina, nutrição, psicologia e enfermagem. **Pressupostos epistemológicos:** Acredita-se que menos de 20% das pessoas portadoras de HF saibam que são portadoras, e que menos de 10% tenham um tratamento adequado. Por ser uma doença tipicamente de populações isoladas do interior, relativamente rara e de caráter genético de alta penetrância, seu tratamento difere do habitual oferecido pelo SUS a pacientes com dislipidemia. **Métodos:** Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido com portadores de HF monogênica. É uma parceria com a Empresa Genzyme, especializada no tratamento de doenças raras de caráter genético. Nesta ação, os "mutirões" são destinados às cidades para a avaliação interdisciplinar, onde a coleta de dados é realizada a partir do perfil de risco no âmbito da avaliação médica, nutricional, psicológica, de enfermagem e de imagem, na qual se investiga aterosclerose subclínica e esteatose hepática. As análises são trazidas à UFSC, aos laboratórios dos Programas de Pós-Graduação da Enfermagem, Saúde Coletiva, Análises Clínicas, Nutrição e Psicologia. O retorno e orientação ideal individual são entregues de forma confidencial aos pacientes e a uma equipe local de saúde, referentes ao uso de medicamentos, modificações do estilo de vida, nutricional visando controle do perfil lipídico e aos aspectos psicológicos e emocionais com encaminhamento para profissionais locais, quando indicado. **Resultados e discussões:** Tem havido total aceitação das famílias e das redes de assistência locais na aplicação dos "mutirões". Está sendo criado um laboratório interdisciplinar no HU-UFSC, para o acolhimento de pacientes de alto risco e desenvolvimento de um ambulatório especializado para o tratamento destes pacientes e de outros portadores de dislipidemias. **Conclusões:** O tratamento da doença HF implica nas intervenções de fatores de risco multivariados. O tratamento diferenciado para estes indivíduos contribui para rede de apoio e pesquisa, melhorando a qualidade de vida dos pacientes, facilitando seu acesso à assistência em saúde e determinando o perfil destes pacientes, a fim de pleitear novas ações que aumente a sua sobrevida e diminua a sua morbidade.

Palavras-chave: **h**ipercolesterolemia familiar, Doença da artéria coronariana, Interdisciplinaridade.

Levantamento sobre a presença do tema "Humanização em Saúde" nos currículos dos cursos de Psicologia das IES Públicas do Paraná

Debora Lydines Martins Corsino, Maíra Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina)

Com a Universalização do acesso à saúde e ausência de devidos investimentos, a demanda dos serviços de saúde pública cresceu consideravelmente, prejudicando os valores de respeito aos indivíduos. A Humanização em Saúde surge como medida para resgate desses valores e minimização do sofrimento dos usuários, profissionais e gestores em relação às deficiências estruturais dos serviços. Surge em 2003 a Política Nacional de Humanização (PNH) que objetiva tornar a Humanização uma política pública, com prática recorrente nos variados setores da saúde e regulamenta o ensino das práticas de Humanização em instituições que formam profissionais da saúde. Contudo, poucas são as instituições que se dedicam a incluir o tema nas ementas dos cursos de graduação. Diante deste cenário,

almejou-se investigar a presença do conteúdo “Humanização em Saúde” nos currículos de graduação em Psicologia. Trata-se de um levantamento documental, empreendido por meio da consulta aos currículos vigentes nos cursos de Psicologia das universidades públicas do Paraná - UEL, UEM, Unicentro e UFPR. Para análise dos dados, procurou-se nas ementas de cada disciplina dos currículos a indicação explícita do tema “Humanização em Saúde”. Como resultado obteve-se que apenas uma instituição aborda diretamente o tema junto aos graduandos, entretanto, como matéria optativa de uma ênfase de atuação. Logo, não são todos estudantes formados pela instituição que obtém acesso ao tema Humanização em Saúde. Além disso, se por um lado há ementas de instituições que possuem conceitos humanísticos em algumas disciplinas, por outro elas se apresentam apenas como margeações, sem abordar diretamente o tema. Sabe-se que os trâmites institucionais para a modificação de um currículo em universidades públicas são demorados, entendendo-se que esse fator pode surgir como barreira para a não presença do tema nas ementas. Além disso, nota-se ser possível o acesso dos graduandos ao tema por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Os docentes também podem inserir o tema no cronograma das disciplinas, a despeito dele não constar nas ementas, ou seja, não sendo assim um conteúdo obrigatório. Apesar da PNH contar com mais de dez anos, observou-se que ela ainda não foi absorvida pelos currículos dos cursos de Psicologia. Considera-se, assim, ser pertinente a realização de pesquisas que visem compreender quais os motivos que norteiam as escolhas das instituições de ensino superior por não inserir este conteúdo como obrigatório, especialmente em um curso cuja formação deve promover um olhar integral e humanizado do ser humano.

Reflexões teóricas sobre a promoção da saúde no Brasil, Canadá e Cuba

Gabriela Cristina Maximo, João Rodrigo Maciel Portes, Ariádny Suci de Campos Abbud, Flávia da Silva Bezerra, Thaiany Domingues Matos (UNIVALI)

Este trabalho dialoga com os objetivos do GT *Psicologia, promoção da saúde e promoção da cidadania* ao propor uma reflexão sobre as dimensões políticas da promoção de saúde em diferentes contextos. O objetivo do trabalho é comparar as políticas de promoção da saúde entre Brasil, Canadá e Cuba, tendo em vista a integralidade no cuidado em saúde. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Para tanto, realizou-se uma busca nas bases de dados: Pepsic, Lilacs, e Portal de periódicos da CAPES. Além disso, realizou-se acesso aos sites do Governo Federal dos diferentes países, bem como os sites dos Ministérios da Saúde. Ao todo, foram encontradas 21 publicações que atendiam aos critérios de publicação. No Brasil entende-se promoção de saúde de modo a cooperar quando as equipes atuam de forma multidisciplinar. Busca-se contextualizar os sujeitos, compreendendo como ação a prevenção, quando a equipe empodera para que esse sujeito de agência alcance sua autonomia, e assim exista uma interação dialética. Para que isto seja assegurado, o SUS compreende diferentes pontos de atenção: primário, secundário e terciário, os quais estão diretamente relacionados aos conceitos de promoção, proteção e recuperação da saúde. Em Cuba de acordo com a Lei 41, que estabelece princípios básicos para a regulação das relações sociais no campo da saúde pública a fim de ajudar a garantir promoção da saúde, a prevenção de doenças, a restauração da saúde, a reinserção social dos pacientes e o bem-estar social. O Sistema de Saúde através de seus programas tem a responsabilidade de compreender o indivíduo e a seu estado de doença de forma integral, buscando como se dão suas relações de família, seu cotidiano e indícios de seu território que o influenciam e por quem são influenciados, visando à prevenção de doenças e a promoção de Saúde. No Canadá por dispor de um Sistema de

Saúde considerado um modelo de gestão, a promoção de saúde e a prevenção são realizados através da qualidade deste sistema, onde se efetiva a prática da promoção de saúde. Conclui-se que as políticas públicas nesses países também exercem influência na construção da psicologia da saúde e permitem uma expansão do diálogo dessa área no âmbito da formação e da atuação profissional do psicólogo.

Palavras-chave: Promoção à saúde, Brasil, Canadá, Cuba.

Atuação do psicólogo em uma Unidade de Internação Ginecológica: relato de experiência no contexto da Residência Multiprofissional em Saúde

Amanda Kliemann (HU/UFSC, PPGP/UFSC), Camila Angelina de Moraes (HU-UFSC)

Este trabalho tem por objetivo apresentar possibilidades de atuação do Psicólogo em uma Unidade de Internação Ginecológica, partindo da experiência de uma das autoras, no contexto da Residência Multiprofissional em Saúde -Ênfase em Saúde da Mulher e da Criança do Hospital Universitário da UFSC. A metodologia deste trabalho será a de relato de experiência. Na unidade em questão a equipe de saúde atende demandas variadas, entre elas cirurgias ginecológicas, cirurgias ginecológicas oncológicas; investigação, diagnóstico e tratamento de alterações ginecológicas, além de demandas obstétricas como perdas gestacionais; gestações ectópicas e interrupção legal da gestação. Deste modo, a atuação da Psicologia nesta unidade é bastante diversificada, de acordo com as necessidades e contexto de cada situação. O atendimento psicológico sustenta-se em princípios gerais como: acolhimento, escuta qualificada, integralidade, clínica ampliada, respeito à autonomia do paciente, trabalho em rede intra e intersetorial, trabalho em equipe e interdisciplinaridade, em consonância com os princípios e diretrizes do SUS. Nesse contexto, são realizadas intervenções pautadas nas técnicas de psicoterapia breve visando o apoio emocional e o fortalecimento de recursos de enfrentamento adaptativos frente a hospitalização, adoecimento e/ou procedimentos cirúrgicos. Nesse sentido, são oferecidos atendimentos psicológicos para pacientes que necessitam realizar cirurgias invasivas como as de retirada de mama, útero, ovários ou vulva; acompanhamento psicológico pós-cirúrgico; apoio psicológico frente ao diagnóstico e tratamento cirúrgico de câncer; avaliação e monitoramento da condição emocional ao longo da internação; incentivo à comunicação com a equipe e ao esclarecimento de dúvidas quanto ao diagnóstico ou quanto ao procedimento cirúrgico a ser realizado, apoio psicológico à familiares, discussão de casos com a equipe multiprofissional, dentre outras. Percebeu-se, ao longo dessa experiência, a importância da atuação do Psicólogo acontecer em equipe multidisciplinar, seguindo os príncipios e diretrizes preconizados pela Política Nacional de Humanização, de forma a garantir que o atendimento psicológico nesse contexto se configure como parte da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM).

Psicologia e educação: problematizando a interdisciplinaridade por meio de um levantamento bibliográfico

José Tadeu Acuna, Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (UNESP Bauru)

O presente trabalho parte das constatações que o professor da sala comum não está sendo preparado suficientemente em sua formação inicial e continuada para atuar de acordo com os pressupostos da educação inclusiva, a qual entende a escola como um espaço da diversidade

promotor de aprendizagem e desenvolvimento de todos os discentes incluindo os alunos público-alvo da educação especial (PAEE). Como recurso de resolução desta problemática, o trabalho coletivo multi e interdisciplinar dentro dos espaços escolares, tendo vários agentes contribuindo com o processo educativo, se constitui como possível via para o enfrentamento desta demanda e a efetiva inclusão dessas pessoas. Nesta direção, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre obras que relatam experiências de trabalho coletivo entre psicólogos e professores do ensino fundamental. Desta forma, foram encontrados na base de dados Scielo e portal CAPES entre 2011 à 2016, por meio das palavras chaves "Psicologia, Educação e Inclusão Escolar; Professor e Psicólogo; Educação Inclusiva e Psicologia; Educação Inclusiva e Psicólogo" apenas 2 artigos que ilustravam parcerias colaborativas entre estes dois agentes, tendo como atividades conjuntas reuniões para a discussão de como otimizar o processo educativo de alunos com deficiência e problemas de comportamento, bem como a proposição de treinamento de habilidades sociais educativas. Nota-se que a edificação de parceria é positiva no sentido de suprir as necessidades dos docentes e que a produção científica nesta área no Brasil ainda é baixa, levando a hipotetizar que a cultura de trabalho coletivo multi e interdisciplinar nos espaços escolares ainda não é difundida. Nesta direção, conclui-se este trabalho com alguns apontamentos pertinentes que se coadunam ao eixo temático "Articulação intersetorial e rede de atenção à saúde": Se a interdisciplinaridade é prevista por lei como estratégia de inclusão de alunos PAEE, por que não se encontra na produção científica tal conteúdo? O que é necessário para ocorrer esta articulação entre profissionais da saúde com os da educação?

Relacionamento médico-paciente no diagnóstico de câncer sem possibilidade de cura: análise a luz da lógica de cuidado

Thais Laudares Soares Maia, Juceleine Pereira Wako (Universidade Católica de Santos), Silvia Regina Viodres Inoue (Univ. Católica de Santos, Cátedra Sérgio Vieira Mello)

Um dos principais medos do paciente oncológico está relacionado ao aparecimento de metástases ou recidiva da doença, assim consulta com oncologista é sempre um momento de expectativa e apreensão. A analise da comunicação no cuidado médico parte da noção de cuidado da psicologia social: cuidado 'fundamentado na escolha', um modelo mercantilizado, contratual fechado. A lógica do tratamento 'fundamentada no cuidado' é uma ação contínua com participação ativa dos atores envolvidos. Este estudo analisou a partir da perspectiva do paciente a interação médico paciente na descoberta do diagnóstico do câncer avançado.
Método: Estudo qualitativo com dez pacientes realizadoentrevista semiestruturada com eixos temáticos: Diagnóstico clinico e Comunicação. Realizado em 2016 no Ambulatório de oncologia de um hospital estadual de São Paulo.
Discussão: O diagnóstico do câncer em fase avançada foi categorizado em: (1) Percepção de sintomas - a busca de cuidados ocorreu após sentirem dor persistente, perda e peso. (2) Sofrimento e perda/luto - um acontecimento importante de perda foi associado à percepção ou início do sintoma. A doença e o adoecimento possuem valores e significados particulares, cada pessoa atribui um significado diferente à experiência do adoecimento. (3) Exames de rotina - a descoberta da doença foi através de exames realizados no acompanhamento médico. Os sintomas e exames são como uma ponte que direciona o encontro pessoal entre paciente e profissional. Cada sujeito reconhece em graus diferentes de domínio técnico, o que revela e o que indicam os sintomas e os exames, o que talvez não reconheçam é o sentido particular destes no cotidiano um do outro. A comunicação do diagnóstico foi categorizada em: (1) Cuidado com base na tecnociencias - para os pacientes o médico não os comunica

o que eles têm, mas relatam procedimentos médicos que deverão ser realizados, como quimioterapia ou cirurgia. (2) Comunicação centrada na doença: o médico informa o diagnóstico pressupondo a compreensão pelo paciente. O profissional direciona a comunicação biomédica da existência do tumor e nega a existência dos sentidos que da doença para o paciente em diferentes aspectos.
Considerações: O tratamento como cuidado contínuo e participação ativa dos envolvidos se pauta na comunicação dialógica, em lugar do exclusivo tratamento da doença e dos sintomas. Este estudo a partir experiências de uma população pouco inserida na literatura, pessoas com câncer avançado e sem possibilidades de cura, abre pauta para reflexões acerca do tratamento focalizado no cuidado e na importância da comunicação.

Práticas psicoterápicas em psico-oncologia: relato de experiência

Gabriela Borges Carvalho, Maira Julyê Mota Fernandes, Déborah Leitão Gomes, Cintia Bragheto Ferreira (UFG - Regional Jataí)

O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de acadêmicas no projeto de extensão intitulado “Psico-Oncologia: sentidos e práticas”, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás - UFG, Regional Jataí, aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer de n. 120/13. O eixo temático “Psicologia da Saúde ao longo do Ciclo de Vida” e subtema “Doença Cônica e Dor ao longo do ciclo de vida”, corresponde aos princípios deste relato pois o projeto oferece atendimentos psicológicos a pacientes com câncer, seus familiares e profissionais de saúde. O câncer é considerado uma doença crônica e, no Brasil, em 2016, é estimado que 596 mil novos casos sejam diagnosticados (Brasil, 2015). Historicamente o câncer é associado a uma doença fatal, inglória, reservada aos imorais, invasora e maldita (SANT`ANNA, 1997). O trabalho de campo do projeto consiste no atendimento individual (nos domicílios dos usuários e/ou no Serviço de Psicologia Aplicada – SPA, da UFG) de pacientes e familiares. As técnicas psicoterápicas utilizadas ancoram-se na terapia narrativa, portanto, com foco na compreensão das experiências narradas (CARRIJO; RASERA, 2010), assim como separar a pessoa do problema que cause sofrimento intenso e, manter distanciamento de descrições totalizantes (FOX, 2011). Com o intuito de tornar mais evidente a referida prática, apresentamos o estudo de caso de um paciente com câncer de próstata atendido desde 2013. Inicialmente suas queixas estavam constantemente relacionadas aos problemas no coração e coluna, tendo dificuldades para se locomover, bem como, problemas familiares e financeiros. Sempre se demonstrou nervoso e ansioso e, por isso, foram propostas intervenções ancoradas na arte (músicas e poesias), sendo percebido que nesses momentos o paciente se acalmava, relatava histórias de sua infância e adolescência. Atualmente, continua seu tratamento de câncer e se encontra bem de saúde, sem dificuldades para se locomover, relatando não se encontrar mais nervoso e ansioso. Assim, os atendimentos realizados se constituíram como espaços terapêuticos nos quais o participante pode criar novos significados para as suas relações e experiências vivenciadas. Dessa forma, o câncer e suas dificuldades, além das outras doenças do participante, deixaram de ser o foco de sua vida, possibilitando assim a construção de práticas mais resilientes. Foi possível concluir ainda, por meio do caso atendido, o princípio da terapia narrativa de que permanecer curioso e evitar a expertise na vida e nos problemas dos pacientes (FOX, 2011) pode alargar as possibilidades conversacionais e promover a amenização de seus sofrimentos.

Protocolo de avaliação psicológica em situações de comunicação de diagnóstico recente a pacientes internados na emergência de um hospital geral

Waleska Jerusa de Souza Mendonça, Simone Scremin (Hosp. das Clínicas de Porto Alegre)

O número de indivíduos com os mais diversos tipos de câncer cresce exponencialmente há anos, e muitos destes diagnósticos são fornecidos aos pacientes - e suas famílias - em salas de emergência de hospitais gerais. Receber tal *notícia,* por si só, já é um fator de estresse emocional, uma vez que o estigma da fatalidade está associado a doença. Somado a este *primeiro impacto* (de receber um diagnóstico de câncer, sem ainda saber ao certo a possibilidade de tratamento e prognóstico) o fato de estar em uma emergência (um ambiente desconhecido, ansiogênico e estressante) potencializa ainda mais o sofrimento psíquico e físico. Frente à problemática apresentada, e diante de em um ambiente pouco acolhedor - seja pela superlotação, pela ausência de tempo para elaboração da má notícia, ou até mesmo pelo despreparo da equipe assistente (cujo objetivo é estabilizar o paciente, cuidar da situação aguda e não tratar situações crônicas), o recebimento deste tipo de diagnóstico exige a atuação precoce do psicólogo, a fim de prevenir possíveis complicações emocionais decorrentes do adoecimento físico, fornecendo apoio, acolhimento e tratamento humanizado ao paciente e a seus familiares. Assim, através do relato de experiência, o presente estudo tem por objetivo apresentar o fluxo de trabalho da Equipe de Psicologia, em situações de diagnóstico recente, principalmente de pacientes oncológicos, na Unidade de Emergência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, tendo como foco o eixo temático de intervenção psicológica nos diferentes fragmentos da rede de atenção a saúde, e a psico-oncologia o ponto contemplado nesta apresentação. Imersos no ambiente supracitado, a avaliação psicológica deve ser considerada uma importante ferramenta no diagnóstico diferencial, já que pode aproximar a dimensão afetiva do paciente e oportunizar um lugar de escuta e ressignificação da vida. Igualmente, favorece a detecção precoce de problemas comportamentais e/ou fatores de risco patológico decorrentes de agravos de saúde. Além disso, a intervenção psicológica contribui à promoção da qualidade de vida destes pacientes, a adesão ao tratamento e a construção de estratégias de enfrentamento à nova realidade (Capitão *et al.,* 2005; Carvalho & Parsons, 2012). Portanto, é importante que o psicólogo esteja instrumentalizado com fluxos específicos e adaptado à realidade de um serviço de urgência e emergência, que possa garantir o atendimento contínuo e conectado aos demais pontos da rede de saúde, visando um plano de cuidado efetivo ao paciente.

Propostas de intervenção em psicologia a partir da análise do perfil sociodemográfico dos usuários de uma clínica oncológica

Késya Martha dos Santos Cruz Silva, Guilherme de Carvalho (UFF)

O presente trabalho apresenta algumas informações coletadas em uma Clínica Oncológica e também UNACON – Unidade de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia, no interior do estado do Rio de Janeiro. A partir de um panorama de atendimentos formais, pretendeu-se elencar qual o perfil de paciente mais compatível com a proposta de atendimento psicológico em função da avaliação de risco psicossocial e psíquico associados à doença e seu diagnóstico. Estudos sugerem que o risco de câncer em uma determinada população depende das condições sociais, ambientais, políticas e econômicas que a rodeiam, bem como das características biológicas dos indivíduos que a compõem. Apesar do fator genético exercer um importante papel na formação dos tumores, são raros os casos de câncer que se

devem exclusivamente a fatores hereditários: de todos os casos de câncer, 80% a 90% estão associados a fatores ambientais. Apresenta-se o tema a partir da proposta da Política Nacional de Atenção Oncológica -que contempla ações de promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos– e do princípio da integralidade proposto pelo SUS. Foram analisados 159 prontuários de usuários abertos entre janeiro de 2010 e dezembro de 2011, na dupla entrada — através do SUS e via particular. Os dados coletados informavam desde o perfil sociodemográfico apresentado até informações relativas ao local do câncer primário, estadiamento, *performance status – PS* (no início do diagnóstico), tipo de tratamento, presença de hábitos de vida de risco e comorbidades. Verificou-se que o câncer de maior incidência entre as mulheres é o câncer de mama e, entre os homens, o câncer de próstata. Apesar da importância dos fatores ambientais no surgimento e prevenção do câncer, não há um número significante de prontuários com essas informações. Aproximadamente 85% dos prontuários consultados não constam informações sobre etilismo e tabagismo. A partir das informações observadas, sugere-se a implantação de um roteiro de avaliação psicológica na admissão dos pacientes com o intuito de promoção da saúde do paciente e da observação do princípio da integralidade proposto pelo SUS. O roteiro de avaliação psicológica tem como objetivo orientar o foco de intervenção e avaliar continuadamente o processo evolutivo da relação do paciente com sua doença e tratamento, contribuindo, assim, para a integração entre paciente, equipe e familiares, além de possibilitar ao paciente o conhecimento acerca de seus limites e possibilidades no processo do adoecimento.

Oncologia pediátrica: transformações corporais causadas pela doença e seus significados para a criança com câncer

Ana Aparecida da Silva Azevedo, Brígida Lorana da S. Rodrigues da Silva,
Lucas Ferreira Alves, Guilherme de Carvalho (UFF)

Dentre os vários diagnósticos patológicos que acometem crianças e que preocupam a sociedade nos dias atuais, um dos que mais assustam as pessoas é o diagnóstico oncológico, principalmente devido à grande incidência de mortes relacionadas a essa doença e aos efeitos agressivos de seu tratamento. O presente trabalho objetiva pensar o câncer não enquanto uma doença universal, conceitual e categórica, mas enquanto uma doença rodeada por significações, às quais são construídas individualmente, de maneira simbólica, propondo e analisando possíveis intervenções psicológicas junto aos sujeitos que recebem tal diagnóstico. Para isso torna-se indispensável voltar a atenção não somente para a fisiologia, mas para o sujeito que está doente e suas representações acerca das modificações corporais e sociais causadas pela doença. O foco principal de análise deste trabalho está na relação das crianças diagnosticadas com câncer com seu próprio corpo, submetido a mudanças potenciais ao longo do tratamento oncológico, e a atuação do psicólogo com esses pacientes. Para desenvolver o presente trabalho fez-se uma breve revisão literária e, como forma de coleta de informações sobre a realidade do tema em questão, foi estabelecido contato com o setor de oncologia pediátrica de um hospital de referência da cidade de Campos dos Goytacazes, realizando visitas, entrevistas e outras atividades junto à profissional de psicologia atuante no setor. Foram analisados relatos de oito crianças, entre seis e doze anos, – expressos oralmente ou através de desenhos produzidos individualmente -, experiências dos familiares e da própria profissional de psicologia. Com esse trabalho foi possível observar como as crianças lidam com o diagnóstico oncológico e com todo o processo de tratamento, o qual inclui sofrimento – físico e psíquico -, além de mudanças corporais significativas e restrições na rotina de vida, assim como a postura e importância da família durante todo o

processo. Possibilitou também ampliar a reflexão acerca da atuação do psicólogo na área de oncologia infantil e descrever propostas de trabalho psicológico nesse campo, a partir de atividades lúdicas associadas ao reconhecimento do corpo e das mudanças que o acometem.

Palavras-chave: Psico-oncologia, Infância, Corpo

O significado atribuído à “cura” por pessoas sobreviventes de câncer na infância

Daniele Albino, Alessandra d´Avila Scherer (UNISUL)

Diante do crescente número de casos de câncer na infância, os avanços no tratamento têm possibilitado melhora significativa no prognóstico. Contudo, o câncer concebido no estudo com um fenômeno complexo, afeta consideravelmente os sobreviventes em diversos âmbitos de suas vidas, diante da possibilidade das sequelas a que estão expostos. O estudo objetivou investigar a percepção de “cura” de pessoas sobreviventes de câncer na infância. Caracterizou-se como pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, estudo de caso e corte transversal, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com seis pessoas sobreviventes de câncer na infância, dentre elas três do sexo feminino e três do sexo masculino, com faixa etária de 20 a 33 anos. A entrevista abordou os significados atribuídos ao recebimento do diagnóstico, ao período de tratamento, e aos efeitos tardios da doença. Quanto ao recebimento do diagnóstico, os resultados demonstraram que esse momento foi percebido na pesquisa tanto como choque, o que indica a construção social do câncer como estigma de doença fatal, mas também referido com tranquilidade associada à forma como foi transmitido pela equipe médica e a idade na ocasião do início da doença. Quanto ao impacto da vivência do tratamento, os entrevistados associaram esse período, sobretudo à interrupção da vida escolar e às consequentes perdas dos vínculos sociais, além das repercussões de ordem física e emocional. E sobre os efeitos tardios, apontam mudanças na vida familiar e o sentimento de tristeza relacionada ao acompanhamento médico frequente, às sequelas permanentes e às memórias sobre a fase de adoecimento. A técnica de análise de dados foi a Análise de Conteúdo de Bardin, com a construção de categorias a partir dos objetivos da pesquisa e do conteúdo das entrevistas, analisadas por meio do referencial teórico pré-definido no estudo. Foram respeitados os preceitos éticos, tais como a manutenção do sigilo e anonimato dos entrevistados, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento para Gravação de voz, tendo sido o projeto submetido anteriormente ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Sul de Santa Catarina. Conclui-se que a apreensão e insegurança interferem nas diferentes esferas da vida dos entrevistados, pois a ambiguidade entre o status de cura pela medicina e a necessidade de acompanhamento médico constante, o medo de recidiva ou aparecimento de alguma sequela da doença se faz presente e acarreta em estressor psicológico.
Palavras-chave: sobrevivente, câncer; infância.

Apoio Matricial em Saúde Mental no NASF

Renata Eisermann Rodrigues (UNISINOS), Caroline Silveira da Silva (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS), Neusa Beatriz Barcelos de Farias (UFRGS), Patrícia Kopaef Ferreira, Rosecler Tavani Kich (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS)

O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) tem como objetivo ampliar e qualificar as ações das Equipes de Estratégias da Saúde da Família (ESF) dos territórios sob sua responsabilidade. Na Gerência Distrital Centro de Porto Alegre/RS, trabalha-se em conjunto com três Unidades Básicas de Saúde (UBS): a Unidade Básica Santa Marta, a Unidade Básica do Centro de Saúde Modelo e a Unidade Básica Santa Cecília; com o Consultório na Rua e com seis ESF: Duas do Centro de saúde Santa Marta, uma do Centro de Saúde Modelo e três do Centro de Saúde Santa Cecília. Uma das áreas estratégicas de atuação do NASF é a Saúde Mental, que utiliza o Apoio Matricial como uma ferramenta importante no suporte a essas equipes. Esta ferramenta possui uma dimensão técnico-assistencial e outra pedagógico-terapêutica, objetivando também o apoio educativo para a equipe de referência. Diferentemente do atendimento realizado por um especialista da unidade de atenção primária tradicional, o matriciador presta suporte especializado para as equipes de referência, ampliando o seu campo de atuação e aperfeiçoando as suas ações. Além da retaguarda especializada da assistência, o Apoio Matricial busca o fortalecimento do vínculo interpessoal no processo de construção coletivo de projetos terapêuticos. Suas ações são realizadas por profissionais de áreas diferentes, através de consultas conjuntas, visitas domiciliares conjuntas, participação ativa no Projeto Terapêutico Singular (PTS) e discussões de casos. O PTS é flexível e pode ser alterado a qualquer tempo, conforme a necessidade. Sua construção leva em consideração as dimensões biológicas, farmacológica, psicossocial, familiar, o acesso aos sistemas de saúde e a rede comunitária existente. Este modelo integral de cuidado é planejado nas discussões de casos, principal instrumento de trabalho do Apoio Matricial na Atenção Básica. Esse encontro interdisciplinar permite a construção do entendimento integral do processo de saúde e de doença, estruturando e ampliando a abordagem psicossocial e a construção dos projetos terapêuticos, além de facilitar a troca de conhecimentos, resultando em um potente instrumento de educação permanente. No Apoio Matricial também são trabalhadas junto às equipes da Atenção Básica as suas dificuldades advindas dos atendimentos que realizam, visando melhor entendimento sobre como lidar com tais questões, ao mesmo tempo em que podem falar sobre os sentimentos secundários que estes atendimentos despertam neles, chamados na psicanálise de contratransferência.

O tempo como limitador na atuação das clínicas-escola de Psicologia

Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman, Susan Lusca da Silva (UFSM)

Os atendimentos psicológicos realizados nas clínicas-escolas de Psicologia visam complementar a formação dos estudantes do curso de graduação, propiciando a aplicação de técnicas cuja teoria é ensinada em sala de aula. Além de fornecer experiência em atendimentos clínicos aos alunos, esse serviço estende-se até a comunidade e possibilita um entrelace da academia com a sociedade. É importante salientar que, em muitos locais, a Clínica Psicológica acaba desempenhando a função de reabilitadora, ou seja, de promoção de cura tornando questionável sua atuação nos cuidados de nível primário, no sistema de saúde em um âmbito geral. Dessa forma, o serviço acaba fazendo uma filtragem entre a população e os serviços de saúde especializados. Dentro deste cenário as clínicas-escola encontram um paradoxo: a quem estão servindo primeiro, ao acadêmico ou a comunidade? Este trabalho é um relato de experiência de duas alunas estagiárias do Centro de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria, cujo objetivo é descrever e explorar de que modo esta modalidade de serviço público tem realizado um trabalho curativo, ao responder a um prazo de validade: o término do estágio; ao refletir sobre a prestação de serviços à sociedade, faz seu entrelace com o GT escolhido. A questão-chave

num cenário de clínica-escola é o paradoxo posto entre o desejo de cura, por parte do estagiário, e de ser curado por parte do paciente. Porém, este serviço é referência ao aprendizado, ao desenvolvimento da prática, com um tempo determinado para que se faça efetivo. Para tanto, a experiência das autoras trouxe a reflexão de que o olhar que é dado deve estar pautado pela finitude, desde o início. Isto gera um impasse, pois se percebeu na experiência prática, que o término do atendimento depende da caminhada do paciente e, assim, o "fazer clínico" do estagiário parece responder a uma lógica mais paliativa do que curativa, já que possibilita uma solução pontual as demandas dos pacientes, realizando encaminhamentos breves até que possa ser retomado o trabalho psicológico em outro momento. Assim, essa modalidade de clínica deve se propor a executar trabalhos que contribuam para melhorias sociais, estando vinculada aos demais serviços de saúde e assistência, buscando desenvolver ferramentas que atendam as reais necessidades da população. Coloca-se como importante uma constante reflexão diante do serviço ofertado, tendo em vista a qualidade das intervenções ofertadas, para que a clínica encontre lugar de relevância na comunidade acadêmica e em sociedade.

Do conto ao terapêutico

Renata Eisermann Rodrigues (UNISINOS), Caroline Silveira da Silva (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS), Neusa Beatriz Barcelos de Farias (UFRGS), Patrícia Kopaef Ferreira, Rosecler Tavani Kich (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS)

Este trabalho visa compartilhar uma das experiências profissionais da Equipe do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) da Gerência Distrital Centro/Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Segundo a portaria Nº 154 de 24 de janeiro de 2008, o NASF trabalha no apoio às Equipes da Atenção Básica nas práticas em saúde, priorizando o atendimento compartilhado e interdisciplinar. Através da análise e demanda da população atendida, observou-se que as famílias vivem em situação de vulnerabilidade social, sendo que muitas das crianças já haviam passado por sofrimento, abandono e negligência, além de precariedade quanto ao acesso a atividades de educação, cultura e lazer. Constatou-se, assim, a necessidade de criar um dispositivo que auxiliasse aquelas crianças a ressignificar as suas vivências, sentimentos e emoções. Para a criança, é difícil expressar através da linguagem oral sentimentos confusos, perturbadores ou dolorosos, que aparecem comumente na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, tais como: ansiedade, hostilidade, comportamento agressivo, desempenho escolar prejudicado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, etc. Por outro lado, é possível acessar a esses sentimentos através da metáfora, imagens, brincadeiras e ainda por intermédio das histórias. Para este caso, elegeu-se a oficina de contos infantis como ferramenta de trabalho por proporcionar um espaço terapêutico de escuta e intervenção de uma forma lúdica. Os recursos utilizados foram os contos infantis e os fantoches. As histórias auxiliam no enfrentamento dos problemas de uma forma saudável e criativa, aumentando o repertório de soluções diante dos obstáculos, proporcionando uma nova forma de pensar sobre os sentimentos. Através da oficina de contação de histórias foi possível abordar de maneira simples e simbólica temas como perdas, luto, medos, abandono, violência, etc. Além da ressignificação dos sentimentos e emoções, a narrativa dos contos proporcionou também um momento prazeroso, ao mesmo tempo em que incentivou a busca e o interesse pela literatura.

Descrição do processo de avaliação psicológica na atuação profissional do psicólogo no sistema único de saúde

Edson Sigueyoshi Hamazaki (UnG), Paulo Francisco de Castro (UnG, UNITAU)

Este estudo teve como objetivo descrever a atuação profissional do psicólogo que atua no Sistema Único de Saúde - SUS, principalmente no que tange aos procedimentos empregados para a avaliação psicológica dos usuários. A presente investigação relaciona-se com o eixo temático sobre intervenções psicológicas na rede de atenção à saúde por refletir sobre a prática profissional do psicólogo nesse contexto, com vistas à avaliação psicológica empregada em sua atuação técnica. A Constituição Brasileira define a saúde como um direito de todos e dever do Estado, por meio de acesso irrestrito e igualitário, a promoção, proteção e recuperação da saúde devem ser garantidos pelo estado por meio das políticas públicas. A avaliação psicológica tem grande importância nas atividades clínica e de saúde, garantindo a efetividade do atendimento psicológico, a partir da identificação das demandas apresentadas pelos pacientes, com vistas ao planejamento das ações que devem ser implantadas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 24 psicólogos que atuam nos diversos locais de atendimento à população ligados ao SUS. Em relação ao perfil dos profissionais entrevistados, tem-se que todas as profissionais entrevistadas são do sexo feminino, com idade entre 29 e 60 anos, com variada experiência na área e a maior parte com pós-graduação (92% - N=22), em sua maioria aperfeiçoamento ou especialização (80% - N=19) e a abordagem teórica predominante é a psicanalítica (38% - N=9). Em termos de atuação profissional, a avaliação psicológica é realizada pela maioria dos profissionais (86% - N=18), em relação aos procedimentos técnicos adotados tem-se que os instrumentos mais utilizados para a avaliação psicológica são entrevista (N=13) e observação lúdica ou clínica (N=6), além disso, são utilizados também recursos expressivos (N=4), questionário de saúde mental (N=2) e outras estratégias com indicação de apenas um profissional, tais como: ASSIST, Desenho da Figura Humana - DFH, Escala de depressão de Beck, testes de Fator G (G 36 e G 38), Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP, Teste das Pirâmides coloridas de Pfister, além das Escalas Wechsler (WAIS e WISC) e Teste Wisconsin. Em síntese, observa-se que a maior parte dos profissionais entrevistados utilizam instrumentos subjetivos de avaliação, como entrevistas, observação e técnicas expressivas, além disso, poucos psicólogos aplicam testes padronizados para a realização da avaliação psicológica. Os dados levantados podem subsidiar várias investigações específicas na área, permitindo aos pesquisadores observar, de forma panorâmica, o tema sobre avaliação psicológica no atendimento psicológico na saúde pública.

Palavras-chave: Sistema Único de Saúde, Avaliação psicológica, Psicologia da saúde.

Experiência de trabalho na adesão ao tratamento de HIV/AIDS

Victória Noremberg Bitencourt (PUCRS), Jorge Ondere Neto (PUCRS, UFRGS)

O presente estudo tem dois objetivos: 1) relatar a experiência de trabalho na adesão ao tratamento de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA); 2) mostrar os resultados obtidos a partir do trabalho de adesão. Ele consiste em uma intervenção psicológica desenvolvida no Serviço de Atenção Terapêutica (SAT) em HIV/AIDS localizado no Hospital Sanatório Partenon na capital do Rio Grande do Sul. Seu fundamento epistemológico está embasado pela psicologia sanitária cujos aspectos teóricos estão envolvidos com a psicologia da saúde

e as aplicações da técnica condizem com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). O método empregado consiste em monitorar mensalmente a dispensação de medicamentos dos usuários em readesão ao tratamento medicamentoso para avaliar a adesão e prevenir outro abandono. Se for constatado a não retirada de medicamento do usuário, realiza-se uma busca ativa por meio de telefonema para compreender sua situação e oferecer, caso necessário, ou atendimento com a equipe de saúde do SAT ou encaminhamento. No período de 2011 a 2016, 477 usuários retornaram ao serviço para readesão: 252 são acompanhados mensalmente; 79 aderem há um ano ou mais; 15 não possuem indicação de ARV. E 131 usuários ou foram a óbito, ou transferidos a outro serviço, ou se perdeu contato direto (celular) ou indireto (rede de apoio). Os usuários que estão em acompanhamento mensal são 53% e os que estão em adesão por doze meses contínuos são 17%. Em relação aos índices estatísticos obtidos, o trabalho demonstra efetividade em realizar o acompanhamento mensal; entretanto, quanto à adesão contínua, parece haver dificuldade em função de seu baixo índice. A hipótese é que o método empregado possui limitação em fazer com que os usuários de acompanhamento mensal retirem a medicação de maneira contínua por, no mínimo, doze meses. É muito provável que há outros fatores envolvidos que interferem na adesão contínua como condições sociais, nível de escolaridade, acesso ao serviço e entre outros. Portanto, a adesão ao tratamento de HIV/AIDS requer tanto intervenções nos serviços quanto nas diferentes esferas das políticas públicas e sociais.

Palavras-Chave: Pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA), Adesão, Monitoramento.

Educação Permanente: Possibilidade de Atuação do Psicólogo na Atenção Básica

Luana de Souza dos Santos
(Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul)

Objetivo: Apresentar uma intervenção interdisciplinar em formato de curso realizada pelo Núcleo de Apoio de Saúde da Família (NASF) com os profissionais da Atenção Básica de uma Unidade Básica de Saúde. O objetivo do curso foi ampliar o conhecimento técnico sobre as patologias, prevenção, manejo e cuidados com pacientes acamados, assim como fomentar discussões e reflexões críticas sobre os modos de vida desses pacientes e familiares
Relação de trabalho com o Eixo Temático escolhido: O presente trabalho apresenta uma intervenção possível para o psicólogo na Atenção Básica, atuando de maneira interdisciplinar e focado na execução de políticas públicas, como é o caso da Educação Permanente.
Pressupostos epistemológicos: Conforme a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, a educação permanente se faz muito importante no cotidiano dos profissionais de saúde, consiste no desenvolvimento pessoal e deve ser potencializado, a fim de promover, além da capacitação técnica específica dos sujeitos, a aquisição de novos conhecimentos, conceitos e atitudes.
Método: Durante as reuniões de matriciamentos com as Equipes de Saúde da Família, discutiram-se temas pertinentes para a elaboração do curso. Cada núcleo profissional presente no NASF abordou as temáticas relativas a sua competência profissional em formato de aula interativa. Foram realizados quatro encontros quinzenais, aos sábados e todos os profissionais da UBS foram convidados.
Resultados: Participaram do curso 16 profissionais da unidade, o que representa 46% dos profissionais convidados, e todos os componentes do NASF, cinco profissionais e cinco residentes. O Curso de Cuidadores apresentou ser importante no processo de ampliar o olhar dos profissionais frente aos cuidados com os pacientes acamados e seus familiares. OS ACS,

que representaram a maior parte dos participantes, buscaram no curso um aprimoramento técnico para o seu fazer, visto que sua entrada na área da saúde nem sempre garante o conhecimento de muitas das questões que eles encontraram no cotidiano do trabalho. Além disso, nas discussões realizadas no curso ficou evidente a importância de conhecer a rede de atendimento e saber acioná-la, quando necessário.
Conclusões: O curso foi um momento importante para refletir sobre o processo de adoecimento e de seu caráter multicausal. Os questionamentos e apontamentos trazidos pelos profissionais que denotam uma compreensão mais integral da pessoa, o tencionamento de diferentes núcleos para que atuassem juntos e a valorização da contribuição de cada profissional na discussão dos casos, apontaram que foi possível ampliar a compreensão da pessoa como um ser integral.

O psicólogo na sala de espera: possibilidade de acolhimento na atenção básica

Vanessa Visockas Wiezel, Ana Júlia L. Rodrigues, Maria Elizabeth B. Tavares dos Reis
(Universidade Estadual de Londrina)

O Projeto de atendimento psicológico em equipe multidisciplinar a mulheres em idade reprodutiva da Universidade Estadual de Londrina conta com a participação de alunos do curso de graduação em Psicologia, os quais compartilham algumas das ações desenvolvidas pelos residentes do programa Residência Multidisciplinar em Saúde da Mulher. O projeto abrange atividades realizadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). O presente estudo aborda uma das etapas do projeto que consistiu em conhecer as atividades realizadas em uma UBS, com o objetivo de repensar o papel do psicólogo naquele contexto. Durante quatro meses foram observadas diversas atividades realizadas pela equipe multidisciplinar de saúde, tais como: visitas puerperais, consultas compartilhadas, atendimento multiprofissional a grupos de mulheres e acolhimento aos usuários em sala de espera. Ao longo do trabalho, foram constatados os seguintes aspectos: desmotivação da equipe de saúde; falta de conhecimento detalhado das funções e responsabilidades de cada cargo; falta de coesão entre a equipe; dificuldade de organização das atividades; intervenções pontuais sem continuidade de cuidado ao paciente e incômodo vivenciado pelos usuários enquanto aguardavam pelos respectivos atendimentos. A partir do diagnóstico foram planejadas estratégias de ação, dentre elas a atuação do psicólogo em sala de espera, através da escuta da fala espontânea dos presentes, com a função acolher as demandas de saúde dos usuários, conhecer a visão acerca das características do atendimento prestado pelos profissionais de saúde e realizar encaminhamentos para outros serviços oferecidos pela UBS. Verificou-se que o acolhimento realizado pelo psicólogo na sala de espera possibilita minimizar o desconforto vivenciado durante o período em que permanecem aguardando, desenvolver uma visão mais humanizada acerca do atendimento prestado pelos profissionais das diferentes áreas, mais especificamente, na familiarização da população com o serviço prestado pela psicologia, de forma a construir uma atuação abrangente do psicólogo na área de assistência à saúde. Além disso, algumas estratégias de intervenção em grupos realizadas em sala de espera encontram-se em fase de implementação.

Possibilidades de atuação da psicologia na atenção básica através de um Grupo Aberto de Apoio Psicológico (GAAP)

Lucas Mentor de Albuquerque Nobrega (UFSC), Lucila Rosa Matte Massignani (NASF Continente), Joselma Tavares Frutuoso, Andréia Isabel Giacomozzi (UFSC)

O objetivo deste trabalho foi identificar as possibilidades de atuação do profissional psicólogo dentro de um Grupo Aberto de Apoio Psicológico na atenção básica de um território da Grande Florianópolis. Em relação ao eixo temático, o Protocolo de Saúde Mental orienta que o território de atenção contará com pelo menos um Grupo Aberto de Apoio Psicológico (GAAP), conduzido por um profissional de saúde mental. Sendo assim, o GAAP corresponde a uma possibilidade de atuação da psicologia perante a atenção básica. Como pressupostos epistemológicos, identificou-se que as intervenções no grupo ocorriam por meio de co-terapia, entre uma psicóloga e uma enfermeira, com enfoque em psicoterapia breve. A co-terapia é uma práxis em que dois terapeutas compartilham a compreensão da dinâmica do atendimento, possibilitando a integração e multiplicação de percepções acerca da clínica. A psicoterapia breve compreende manifestações da doença ou da descompensação clínica de forma psicodinâmica na vida cotidiana do usuário. A metodologia utilizada como procedimento para coletas de dados foi o diário de campo, cujo instrumento de investigação social foi a observação participante, com oito encontros em uma unidade básica de saúde da Grande Florianópolis, objetivando identificar os fenômenos através das manifestações comportamentais. Os resultados denotam práticas relacionadas às técnicas de coordenação de grupos, manejo clínico para elaboração de sofrimento psíquico, psicoeducação sobre hábitos de vida, treinamento de técnicas de enfrentamento (*coping*) e orientações referentes a quadros clínicos. Discute-se que os grupos terapêuticos auxiliam nos processos de pensar, tomadas de decisão e de melhoria da qualidade de vida de seus integrantes. É fundamental explicitar que o papel das coordenadoras do espaço residia em suas capacidades de intervirem na gama de relações grupais, inserindo-se no grupo de forma empática e participativa. Logo, as co-terapeutas eram facilitadoras de diálogos e mediadoras de informações advindas do grupo. Conclui-se que ao verificar as intervenções no Grupo Aberto de Suporte Psicológico na Atenção Básica, foi possível identificar técnicas sobre coordenação de grupos e desenvolver noções sobre manejo de pessoas com sofrimento psíquico na atenção básica, sendo esta, uma das práticas do profissional psicólogo. Nesse sentido, o resultado da análise reforça a importância da psicologia na condução de situações que causam sofrimento à comunidade na atenção básica.

Atuação do psicólogo na estratégia saúde da família: prescindível ou irrelevante

Alice A. Oliveira, Andrelise H. Bittencourt, Ariana R. Machado, Caroline P. Labhardt, César J. E. Medeiros, João Pedro B. Borges, Karoláine B. Sizenando, Marilia C. Machado, Rosane Romanha, Taynan M. Silva, Verônica G. Yamashita
(Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL)

O trabalho é resultado de uma pesquisa realizada como atividade prática da disciplina Núcleo Orientado em Psicologia e Saúde I, do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Sul e teve como objetivo realizar um levantamento comunitário acerca da compreensão da atuação do profissional psicólogo nas ações das equipes de Estratégia Saúde da Família - ESF, conhecendo a percepção da equipe interdisciplinar e a compreensão da comunidade a respeito da atuação do profissional psicólogo como membro da equipe,

destacando as atividades que estes acreditam ser atribuição do mesmo. Foi classificada como pesquisa de campo, do tipo quantitativo e de caráter exploratório. A coleta dos dados se deu através de um questionário, com perguntas fechadas. Foram entregues 647 questionários à pessoas da comunidade e à profissionais das equipes de cinco municípios no Sul de Santa Catarina, sendo respondidos 485, os quais foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicaram que os participantes da pesquisa entendem que a atuação do profissional psicólogo nas equipes de ESF é prescindível, na medida em que este fortalece o cuidado e integra a saúde física e mental nas ações, aumentando a qualidade do trabalho desenvolvido e proporcionando à população um diferencial técnico. Além disso, os dados obtidos revelaram que existe o atendimento do profissional psicólogo junto a ESF dos municípios pesquisados, porém, o mesmo não consta na folha de pagamento, revelando que este profissional é cedido por outros setores, podendo essa ser uma fonte de negação e desinformação da participação deste profissional na equipe. Concluiu-se que os municípios contam com profissionais da psicologia, porém, o atual número não é suficiente para as demandas da comunidade/equipe, mostrando a necessidade de contratações permanentes, o que deixa evidente a importância da criação de um cargo específico para a atuação deste, para que sejam desenvolvidas intervenções mais eficazes.

A práxis do psicólogo nas políticas públicas de um CAPSad de Santa Catarina

Isabella Kszani dos Santos, Camila Paravisi Frizzo (CESUSC)

O Centro de Atenção Psicossocial está inserido dentro das políticas públicas atuais em saúde mental, que tem como objetivo a assistência a partir de cuidados em âmbito extra-hospitalar e redução do número de leitos nos hospitais psiquiátricos, passando assim de um modelo hospitalocêntrico para um modelo assistencialista de cuidado. A partir disso, este trabalho buscou identificar as possibilidades e limitações da atuação do psicólogo no campo das políticas públicas de saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas – CAPSad, e foi elaborado para a disciplina de Psicologia Comunitária do curso de graduação em Psicologia do CESUSC. A metodologia utilizada consistiu em observação participante e a realização de uma entrevista semiestruturada com a psicóloga local, além de correlacioná-las com artigos encontrados sobre a atuação do psicólogo neste contexto. Foi possível observar que o CAPSad atua em uma lógica de redução de danos e oferece atividades como: oficinas, acolhimento, atendimentos psicológicos e construção de um projeto terapêutico. O psicólogo deve ter uma escuta qualificada e postura acolhedora, dando subsídios para que o sujeito busque uma cidadania emancipatória e assim favoreça uma maior autonomia e promoção de direitos. Assim, além de ter o conhecimento específico, o profissional deve ter sua função atrelada a um trabalho multidisciplinar e intersetorial. Encontraram-se limitações no âmbito das políticas públicas no que se refere à ausência de um CAPSad III, o que possibilitaria quantitativa e qualitativamente um melhor cuidado com os usuários. No entanto, exalta-se que há uma tentativa cada vez maior de articulação de rede, promovendo uma troca de informações entre, por exemplo, unidades básicas de saúde e a saúde mental. Portanto, nota-se que a atuação do psicólogo é importante não só no serviço, mas também dentro das políticas públicas, para que haja um movimento de mudança e de ampliação de suas potencialidades.

Atendimento psicológico a usuários de substâncias psicoativas em CAPSad e Hospital Geral – traçando paralelos

Larissa Santana Cunha, Paola Nunes Goularte, Douglas Ferraz de Araújo (HU-UFSC)

Este trabalho tem como objetivo traçar um paralelo entre os atendimentos realizados a usuários de substâncias psicoativas no CAPSad e no Hospital Universitário; além de refletir sobre as potencialidades, no tratamento da dependência, destes dois pontos da rede de atenção à saúde. Insere-se no eixo IPR – Atenção Psicossocial – Psicologia da Saúde ao longo do ciclo de vida e o abuso de substâncias psicoativas, pela concordância com o objetivo de explorar a atuação do psicólogo junto aos usuários de substâncias psicoativas abrangendo a questão do ciclo de vida, tanto do paciente em si, como da família e do território em que está inserido. A dependência química corresponde a um fenômeno amplamente discutido no contexto atual, uma vez que o uso abusivo de substâncias psicoativas se tornou um grave problema social e de saúde pública em nossa realidade. Tratar esta questão implica discutir não só os aspectos orgânicos e psicológicos envolvidos, mas também a dimensões social, política, econômica, legal e cultural inerentes a esse fenômeno. Portanto, o fenômeno da drogadição é complexo e multifatorial. O método utilizado é do tipo descritivo, qualitativo de cunho exploratório a partir do relato de experiência profissional de psicólogos residentes do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, de um hospital do sul do país, referente à atuação na instituição e durante estágio em um CAPSad da mesma cidade junto a usuários de substâncias psicoativas. No hospital geral, a internação pode ser em decorrência do uso abusivo de substâncias ou devido a outras questões de saúde que também podem estar relacionadas à dependência destas substâncias. O foco do atendimento pela psicologia no hospital tem como foco a sensibilização para adesão ao tratamento da dependência, fortalecimento dos recursos de enfrentamento presentes, bem como de sua rede de apoio. Já no CAPSad o atendimento é realizado de acordo com o projeto terapêutico singular do usuário, onde o psicólogo pode fazer uma reflexão sobre os fatores envolvidos na dependência, os impactos que esta apresenta em suas vidas e auxiliar na adesão ao tratamento. Diante das vivências nestas duas instituições foi possível observar que no CAPS a realidade social “grita”, no hospital a doença e o corpo “gritam”, e por detrás destas duas demandas há um sujeito que precisa ser exposto, em suas dores e potencialidades de ressignificações.

PAV – Projeto de Apoio à Vida

Adriana Cristina de Jesus Rosa, Alencar Venâncio Silva Tognon,
Maria Celina Trevisan Costa, Mariana Mateus de Queiroz, Valéria Queiroz (UNIFEV)

A saúde psicossocial da população em geral, vem sendo afetada ao decorrer dos anos, devido as constantes transformações sociais, das quais recorrem às crises existenciais, ideações suicidas e a perda da perspectiva de vida. Frente a essa demanda, o PAV – Projeto de Apoio à Vida, visou através de um grupo terapia realizado semanalmente, no Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV, buscar na totalidade do sujeito, motivos que o emponderassem a busca de motivos para uma vida saudável e efetiva. Dessa forma, teve como objetivo ampliar perspectivas, e encontrar através de catarses e insights grupais, algo que os impulsionassem à vida, de modo que não restringissem somente a eles, mas sim, que os motivassem a passar os ensinamentos adiante, conseguindo estabelecer uma rede viral de apoio à vida. Foram desenvolvidas estratégias com bases em dinâmicas que proporcionaram criação de vínculo e

diálogos grupais, estabelecendo parcerias, no qual os mesmos encontravam soluções através da troca de informações e catarses grupais. O grupo terapia se pautou em 08 (oito) encontros com 08 (oito) participantes entre 19 (dezenove) e 65 (sessenta e cinco) anos de idade, com a duração de 01 hora e 15 minutos cada sessão. Através de uma escala de 0 a 10, aplicada aos participantes, obtivemos uma média de 9.8 de aprovação referente à avaliação da eficácia do grupo. Todos os participantes afirmaram que obteve uma melhora nos relacionamentos com outras pessoas, aumento da autoestima, obtenção de novos amigos, alívio, motivação, facilidade em ajudar o próximo, autoconhecimento, superação de problemas, que outrora eram inatingíveis. Os integrantes do grupo afirmaram se sentiram a vontade de passar sua aprendizagem adiante e prezam para que o grupo tenha continuidade. O Projeto de Apoio a Vida visa atingir o status de “Programa de Apoio à Vida”, visando que essa rede se concretize de modo que possamos conquistar um segmento mais amplo e que a Saúde Psicossocial atinja um público cada vez maior, através da proposta da “Rede Viral de Apoio a Vida”.

Implicações das práticas atuais de diagnóstico psicopatológico

Amanda Luiza Stroparo, Luana Dallo (PUCPR)

Existem diversas concepções de psicopatologia. Portanto, suscita-se neste trabalho quais são as implicações do modelo diagnóstico hegemônico e quais as possíveis alternativas a este. Sendo assim, o tema motivador desta investigação é a saúde mental e a forma como é abordada, isto é, a atenção psicossocial. Busca-se sintetizar referências sobre as epistemologias do diagnóstico psiquiátrico, verificar suas implicações para o sujeito e identificar perspectivas alternativas. Para alcançar tais metas, coletou-se informações a partir de documentos científicos e livros. Primeiramente, analisou-se a epistemologia do diagnóstico psiquiátrico atual. Em seguida, investigou-se as possíveis implicações desta para o sujeito. Por fim, foram levantadas perspectivas alternativas à predominante. Foi possível verificar, através destes procedimentos, que o modelo diagnóstico atual se baseia no modelo “biomédico. O diagnóstico psiquiátrico concebe a doença como uma desregulação biológica a ser classificada. Desta forma, considera-se que este modelo possui limitações, tal como a inexistência de indicadores biológicos. A psiquiatria encontra-se, portanto, em crise. Na psiquiatria, o tratamento do sujeito seria biológico, portanto tem-se a “medicalização” e o “estreitamento da normalidade”, responsável pela inflação diagnóstica. Há, então, uma culpabilização do sujeito, o que pode intensificar o sofrimento. Como modelos alternativos, identificam-se as contribuições dos seguintes autores: Karl Jaspers, com a compreensão empática; Michel Foucault, com a construção social da “loucura” e controle social pela psiquiatria; Ronald Laing, que promoveu a ideia da humanização e da importância do contexto; Thomas Szasz, que problematizou a existência dos transtornos mentais; Erving Goffman, apontando a estigmatização dos sujeitos; Georges Canguilhem, para quem a saúde seria a reconstituição da normatividade do sujeito pelas suas próprias regras. Logo, conforme verificado nesta literatura, identificou-se a impossibilidade do foco exclusivo ou hegemônico na dimensão biológica do ser humano, que não contemplaria seus aspectos pessoais, existenciais, históricos, sociais e políticos. Isto, por sua vez, pode prover intensas consequências à sua subjetividade, senso de identidade, aspectos existenciais e, mesmo, possibilidade de melhora. Propõe-se, então, estabelecer concepções integradas. Ademais, todas estas necessidades devem sempre se pautar nos direitos humanos, valores estes evidenciados pelo movimento da Reforma Psiquiátrica e pelo Movimento Antipsiquiátrico. Contudo, estes seriam apenas passagens de transição para outros modelos e práticas que

devem ser delineados a partir dos questionamentos evidenciados. Considerar o ser humano em sua totalidade mostrou-se de extrema relevância para seu processo de cura.

A importância da família no programa de estimulação essencial

Ana Helena de Lara Janke Toigo, Louise Neiverth, Nathalie Baril (Escola Nilza Tartuce)

O trabalho está relacionado com o eixo temático número três: Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde, dentro do subtema: Atenção Psicossocial. A relação com o eixo temático se dá a partir das estratégias de intervenções terapêuticas nas crianças com algum déficit intelectual e\ou motor que são consideradas tanto nos aspectos físico, cognitivo e emocional como nos aspectos relacionais e sociais. Entende-se a criança não só com suas características intrínsecas, mas sim como uma intersecção do ambiente em que vive e da maneira que as relações familiares acontecem. Sendo a criança considerada um ser global, os programas de estimulação essencial são de grande valia para o seu desenvolvimento, pois abrange todos os aspectos citados acima, de uma maneira interdisciplinar. Quando um bebê\criança participa do programa de estimulação essencial, deve-se ter como objetivos diminuir ao máximo o atraso neuropsicomotor que apresenta e oferecer oportunidades para novas experiências e aprendizagens. Para isso, é submetida a estímulos que envolvem sessões de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia, sempre baseadas nos aspectos teóricos do desenvolvimento motor, de linguagem e cognitivo respectivamente. A família recebe orientações e suporte do serviço social e de médicos especializados. Dessa maneira, a criança e a família estão conhecendo e internalizando novas formas de aprendizagem que serão úteis por toda a sua vida. Mas para isso ocorrer da melhor maneira possível e se obter um nível satisfatório de aproveitamento, é necessário existir uma interação familiar adequada e funcional. A terapia familiar sistêmica é de suma importância, sendo um diferencial no programa de estimulação essencial. Nesse sentido, as demandas dos pais são trabalhadas em paralelo com os aspectos físicos e cognitivos da criança. Entendemos que as fases de idealização do bebê, negação, culpabilização e luto quando bem acompanhadas e trabalhadas por um terapeuta familiar sistêmico, desenvolvem a resiliência nos pais e, consequentemente, promovem uma coesão familiar adequada e reestruturação da dinâmica familiar. Dessa forma, favorecendo o alcance dos objetivos da estimulação essencial em todas as áreas do desenvolvimento. As discussões sobre a relevância dos acompanhamentos terapêuticos fazem com que na avaliação, a intervenção e a participação da família possibilitem recursos para focar em aspectos individuais e ampliar para os relacionais e de grupo.

A prática do psicólogo na atenção psicossocial: um relato de experiência

Emanuele Musskopf, Tamires Dartora, Camila Martins Sirtoli (UNISINOS)

Introdução: O campo da saúde mental apresenta-se como um cenário de atuação do profissional da psicologia, no qual suas práticas viabilizam a reinserção social dos usuários, a orientação de familiares, entre outros, através da realização de acolhimentos, atendimentos individuais, coordenação e participação de oficinas e grupos terapêuticos. Estudos que buscaram conhecer a experiência de psicólogos que trabalham nessa área revelam que o impacto inicial destes profissionais é de frustração e despreparo acadêmico. **Objetivo:** Subsidiar a sistematização de conhecimentos sobre o fazer do psicólogo em saúde mental e

favorecer a troca de conhecimentos. **Método:** Este estudo consiste em um relato de experiência a partir da inserção de três psicólogas no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), com atuação nos três Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de São Leopoldo/RS. **Resultados e Discussão:** O psicólogo nos serviços de saúde mental trabalha na perspectiva de clínica ampliada juntamente com uma equipe multiprofissional, na qual se apresenta como recurso que auxilia na resolução de casos e superação de dificuldades. Umas das principais atividades desenvolvidas pelo psicólogo nos CAPS são os grupos terapêuticos, sendo seu papel mediar às discussões, incentivar a livre expressão, além de colaborar na evolução dos sujeitos incentivando-os a criar suas próprias soluções para seus problemas. O psicólogo que trabalha no campo da saúde mental tem a função de trabalhar na ligação do usuário com a vida cotidiana, promovendo modificações também no meio social em que ele está inserido. Incluir e trabalhar com as famílias também é um dos trabalhos realizados nos serviços de saúde mental. A família é uma grande aliada para o tratamento e adesão dos usuários, além de muitas vezes também necessitar apoio para exercer esse papel. No trabalho em saúde mental por vezes nos deparamos com alguns empecilhos da prática, comuns aos serviços públicos, e em relação a grande demanda e complexidade dos casos. **Conclusões:** Acredita-se que espaços de formação, como a Residência Multiprofissional em Saúde Mental, possibilitam a realização de reflexões a respeito das práticas nos serviços de saúde mental, transformando conhecimentos e qualificando o profissional para o cotidiano do trabalho. Visa--se a importância da graduação em Psicologia que contemple a temática da saúde pública e das práticas relacionadas ao campo da saúde mental. Desta forma, julga-se o investimento em qualificação para os profissionais uma estratégia que auxilia na construção da prática do psicólogo na saúde mental.

Psicologia ampliando a rede de apoio de usuários nos Centros de Referência da Assistência Social

Ana Paula M. Freitas, Aline C. Siqueira, Cassiele Pauli (UFSM)

O apoio social possibilita uma profunda influência na saúde e no bem-estar do indivíduo, sendo capaz de mitigar os efeitos negativos de um evento estressor. O trabalho dos psicólogos junto a assistência social vem se desenvolvendo mais intensamente a partir de 2005 com a estruturação do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), e desde então as atividades realizadas por esses profissionais são cada vez mais direcionadas às populações em situação de vulnerabilidade social. Assim, a equipe dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) pode fazer parte da rede de apoio social desses usuários. Uma das atividades que são realizadas pelos psicólogos na assistência social é a visita domiciliar, a qual possui como um de seus objetivos capacitar as famílias a utilizarem recursos próprios na resolução de seus problemas, proporcionando assim maior autonomia ao enfrentar as demandas que surgem em seu cotidiano. Considerando a recente inserção desse profissional no campo da assistência social, a presente pesquisa buscou compreender como as visitas domiciliares estão sendo realizadas por psicólogos dos CRAS de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e quais os objetivos e desafios enfrentados por esses profissionais. Participaram da pesquisa cinco psicólogos, de 28 a 39 anos e de quatro a nove anos de atividade profissional. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, áudio-gravada, com um roteiro de questões à respeito da formação e atuação profissional dos entrevistados. Foi possível perceber que as visitas domiciliares são realizadas apenas para responder à demanda de órgão públicos e que os profissionais enfrentam muitas dificuldades

para concretizar a realização das visitas devido à falta de recursos públicos. Com isso, aponta-se que a visita domiciliar ainda não está sendo explorada como um recurso de apoio social, o qual busca o desenvolvimento das potencialidades humanas, atuando de forma preventiva.

Princípio da integralidade em ações de saúde em oficina terapêutica para adolescentes no CAPSi

Talita de Oliveira Custódio (UFSC), Fernanda Costa Nicolazzi (Centro de Atenção Psicossocial Crianças e Adolescentes – Florianópolis)

Com o advento de políticas nacionais no Sistem Único de Saúde (SUS) que promovem cuidados integrativos, um conjunto de práticas e estudos vem sendo desenvolvidos, proporcionando uma reflexão referente aos fundamentos paradigmáticos desses cuidados em saúde, ao abordar discussões de novos paradigmas para a medicina, medicina complementar e corporeidade, práticas alternativas enquanto opção à medicalização social. Tendo em vista a referida transição paradigmática de práticas no campo da saúde, enfatiza-se a integração dos cuidados a partir de uma visão integrativa e sistêmica. O Centro de Atenção Psicossocial para crianças e adolescentes (CAPSi) é um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) que presta serviços de atendimento a crianças e adolescentes com grave sofrimento psíquico, pautado na lógica da Reforma Psiquiátrica e preza pela atenção multiprofissional e interdisciplinar. No CAPSi são oferecidas diversas atividades de atenção e cuidado à saúde dos usuários, tendo a integralidade, princípio preconizado pelo SUS, elemento orientador das políticas públicas do setor. Nesse sentido, a integralidade assume centralidade nos processos de atenção em saúde, compreendendo o processo de saúde-doença como amplo bem-estar, que envolve uma interação complexa de fatores físicos, sociais, emocionais, mentais e espirituais. As oficinas terapêuticas nos CAPS são estratégias de expressão de idéias e sentimentos, espaços de autoconhecimento, criação, socialização e protagonismo dos usuários. Nesse sentido, a Oficina de Corpo e Movimento desenvolvida junto a adolescentes no CAPSi tem como objetivo propiciar um espaço terapêutico coletivo de expressão, onde se resgata a corporeidade no processo de existência do adolescente no mundo, realizando atividades que buscam ampliar a consciência corporal dos participantes através de exercícios de respiração, relaxamento, alongamento, contato, jogos de improvisação e movimentos livres. Evidenciou-se uma mudança significativa na qualidade de vida dos adolescentes, percebidas por meio de suas relações sociais, auto-estima e auto-cuidado. Percebeu-se, portanto, a relevância das práticas integrativas no cuidado em saúde mental, ampliando a consciência corporal, potencializando capacidade de escolhas e respostas frente a situações da vida e, consequentemente, à forma de estarem no mundo e transformarem suas condições de existência. Nessa perspectiva, torna-se necessário refletir sobre os fundamentos paradigmáticos da ação terapêutica das práticas supracitadas e analisar o caráter integral e complexo de suas aplicações, abrindo-se para novas práticas de humanização no contexto da saúde mental.

O recurso artístico enquanto dispositivo terapêutico em grupo de familiares no CAPSi de Florianópolis

Lílian Maria Pagliuca (Centro de Atenção Psicossocial Crianças e Adolescentes - Florianópolis), Talita de Oliveira Custódio (UFSC)

O Centro de Atenção Psicossocial para crianças e adolescentes (CAPSi) de Florianópolis é um dispositivo de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde que atende crianças e adolescentes com sofrimento psíquico grave pautado na lógica da Reforma Psiquiátrica e do Sistema Único de Saúde (SUS) e preza pela atenção multiprofissional e interdisciplinar. A presença do sofrimento mental carrega um determinante impacto no sistema familiar, provocando a necessidade de desenvolver estratégias para lidar com a situação, no âmbito familiar e social e, com as implicações da cronicidade do quadro clínico podem produzir sobrecarga, conflitos, medo, sentimentos ambivalentes, visto que a família vivencia uma situação de desgaste. Nesse sentido, reconhece-se a importância em inserir as famílias em espaços terapêuticos diversos (terapia familiar; grupos e oficinas terapêuticas; atendimentos familiares, etc), para que cada membro da família perceba que desenvolve um papel fundamental para o tratamento de seus filhos. O grupo terapêutico de familiares, marjoritariamente composto por mães de adolescentes, é um excelente recurso e, uma estratégia essencial de cuidado às famílias, onde encontram um apoio no serviço, desenvolvendo diálogos relacionados às suas necessidades, desejos, histórias e proporcionando uma troca de experiências. Além disso, o atendimento em grupo com participantes que vivenciam a mesma situação facilita a identificação, a troca de confidências, particularidades e intimidades entre os membros, e possibilita à equipe de saúde conhecer as reais necessidades e anseios desses familiares e ainda, objetiva-se que estas pessoas entrem em contato com seus próprios sofrimentos/transtornos no sentido de autoconhecimento em direção a um processo de mudança mental. Para realizar esta abordagem buscando dar conta da integralidade do cuidado e de promoção da saúde, utiliza-se, também, de elementos artísticos que podem contribuir para a externalização de sentimentos e crenças que permeiam a experiência singular psíquica, encontrando, assim, expressão por meio da linguagem cultural. Os recursos culturais e artísticos são importantes dispositivos estratégicos transformadores da realidade e do paradigma vigente em saúde mental. A partir desta perspectiva, uso do grupo de familiares como recurso terapêutico pode colaborar para a construção de uma prática assistencial humanizada e acolhedora para crianças e adolescentes.

Reforma psiquiátrica e atenção psicossocial na perspectiva das redes sociais

Jeovane Gomes de Faria, Claudia Daiana Borges (UFSC, Uniasselvi/Fameg)

O presente trabalho refere-se a um estudo teórico que teve como objetivo levantar, analisar e discutir estudos acerca da Reforma Psiquiátrica Brasileira e do Modelo de Atenção Psicossocial em Saúde Mental, pautando tal discussão nos modelos de Redes Sociais, com arcabouço teórico do enfoque sistêmico-novo paradigmático. Estando desta forma alinhado com os objetivos do grupo de trabalho Atenção Psicossocial (IPR). O estudo constituiu-se em pesquisa teórica realizada a partir da busca de publicações nas seguintes bases de dados: PsycInfo, MEDLINE, SciELO, Biblioteca Virtual de Saúde, BIREME e Lilacs. No início da busca os descritores utilizados foram “rede social(s)” combinado com “reforma psiquiátrica”, “atenção psicossocial”, “saúde mental” e/ou “sistêmico(a)”. Devido à variedade de definições sem um consenso de utilização, o termo “rede social(s)” foi substituído pelo termo “redes comunitárias” e “redes de suporte”, onde se fez as mesmas combinações da primeira pesquisa. Finalizando a busca foi combinado o termo “sistêmico(a)” com “saúde mental”, “atenção psicossocial” e/ou “reforma psiquiátrica”. Os critérios de inclusão dos trabalhos para análise foram: ser estudos nacionais publicados entre os anos de 1984 e 2014 e cujo tema estivesse em consonância com os objetivos deste estudo. Foram encontradas e selecionadas

um total de 33 produções divididas em 23 artigos científicos, sete dissertações de mestrado, duas teses de doutorado e uma monografia de conclusão de curso. Os resultados demonstraram que o conceito de redes sociais se apresenta inserido de forma bastante intrínseca nos processos de reorganização da Atenção Psicossocial a partir da Reforma Psiquiátrica, o que se pode identificar com as produções encontradas por este estudo. Contudo, constatou-se uma fragilidade das relações interinstitucionais e falta de formação específica e cultura dos profissionais para o trabalho na perspectiva de redes, tornando-se importante a reflexão sobre os modelos de Atenção Psicossocial em saúde mental a partir do conceito de rede social. A visão sistêmico-cibernética novo-paradigmática como aporte teórico aparece como possibilidade ao desenvolvimento de uma postura construtivista, focada em uma atenção direcionada à compreensão intersubjetiva do sujeito e sua rede de apoio, com direcionamento para a menor dependência dos usuários em relação aos profissionais.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica, Atenção psicossocial, Redes sociais.

Projeto terapêutico singular: dispositivo de cuidado para a singularidade do usuário de saúde mental

Tamires Dartora, Camila Martins Sirtoli, Emanuele Musskopf, Vivian Marx,
Ana Carolina Einsfeld Mattos (UNISINOS)

O relato de experiência de trabalho se propôs a problematizar a construção do projeto terapêutico singular aos usuários de centros de atenção psicossocial, compreendendo o quão importante se faz a ativa participação do sujeito na elaboração do seu plano, colocando-o como ator principal de seu tratamento.
Introdução: O Projeto Terapêutico Singular (PTS) trata-se de um conjunto articulado de objetivos e ações terapêuticas advindas da discussão entre a equipe interdisciplinar e o sujeito e/ou grupo em questão. Propicia o olhar integral na busca da singularidade de cada caso. Neste processo, procura-se o envolvimento do usuário e familiares, a fim de promover autonomia e garantia de singularidade. Crenças, valores e opiniões dos indivíduos devem ser levados em conta, tendo como base a aliança dos mesmos com o seu próprio caso. **Objetivo:** Descrever as percepções sobre a construção do PTS e a valorização da singularidade do usuário no tratamento de saúde mental. **Método:** Através da atuação de cinco residentes de Saúde Mental dos núcleos de Psicologia e Nutrição inseridas em três Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da região metropolitana de Porto Alegre/RS, propôs-se uma discussão teórico-prática referente a maneira de conduzir o tratamento em saúde mental, com ênfase no estímulo a singularidade do usuário na construção do PTS. **Resultados/Discussão:** A partir das experiências vivenciadas, foi possível observar a interdisciplinaridade contida nos processos de trabalho. Ao elaborar o PTS, a equipe e o usuário se deparam com a contrariedade: PTS Ideal x PTS Possível. Nem todas as atividades dos serviços contemplam a preferência do usuário, logo o processo da singularidade torna-se coadjuvante, cabendo ao profissional adequar a necessidade e interesse dos indivíduos ao que está disponível nos serviços. O vínculo estabelecido com o Técnico de Referência (TR) é uma tecnologia leve de significativo impacto na adesão ao tratamento e sucesso na implementação do PTS. Observa-se que os usuários que possuem um bom vínculo com o TR, sentem-se mais a vontade para opinar sobre o plano, protagonizando seu tratamento. Entende-se que um bom PTS precisa levar em consideração a atenção integral em saúde do usuário, necessitando contemplar ações de outros dispositivos da rede e do território, conforme cada situação. Em alguns casos – geralmente os mais complexos e de maior demanda – nota-se uma boa articulação destes

serviços de saúde mental com outros dispositivos de cuidado. **Conclusão:** Conclui-se que o processo de elaboração do PTS é complexo e exige diferentes modalidades de intervenção. Apesar das conquistas alcançadas, diferentes desafios deparam-se diariamente na prática do trabalho, exigindo uma reflexão constante da atuação e da organização dos serviços ofertados. Sugere-se o desenvolvimento de indicadores de avaliação do fortalecimento dos serviços da rede pública de saúde, visando à oferta de cuidados integrais ao sujeito em sofrimento.

Critérios científicos e metodológicos para a avaliação de eficácia de programas de intervenção em saúde

Helen Durgante (UFRGS), Thais Cristina Delazeri (Hospital Mãe de Deus), Elisabeth Homercher (Fundação La Salle), Eduardo Remor (UFRGS)

O objetivo deste trabalho é apresentar os critérios científicos para a avaliação da eficácia de programas de intervenção em Psicologia da Saúde, bem como sugerir um roteiro (*checklist*) para que profissionais da área possam utilizar-se destes critérios já existentes, para avaliar o resultado de suas práticas profissionais. Nas últimas décadas, tem-se enfatizado a necessidade de utilizar critérios empíricos para a avaliação de resultados dos programas de intervenção em Psicologia. O conceito de 'Prática Baseada em Evidências' em psicologia representa a integração de dados empíricos e especialização clínica profissional, com base nas características do paciente, sua cultura e preferências, visando um tratamento personalizado e otimizado em saúde. Porém, ainda são poucas as práticas psicológicas em saúde que cumprem rigor metodológico-científico para avaliar os resultados dos serviços prestados. Foram realizadas buscas em guias e relatórios da *American Psychological Associatione* da *Society for Prevention Research*, sobre os critérios existentes, até o momento (ano de referência 2016), para a avaliação da eficácia de programas de intervenção em Psicologia. Estes documentos foram avaliados por equipe multidisciplinar (pesquisadores, psicóloga clínica e pedagoga), e um roteiro (*checklist)* foi elaborado, contendo aqueles critérios que servem como diretrizes para a avaliação de resultados das práticas profissionais na área da Psicologia da Saúde. Ao todo foram identificados 14 critérios indispensáveis – e respectivos subcritérios – a serem seguidos como padrão para a avaliação de programas de intervenção. Estes critérios foram listados seguindo uma ordenação de complexidade e relevância para uso dos profissionais e pesquisadores. Os resultados serão discutidos no pôster enfatizando a necessidade de uma praxe profissional embasada em critérios empíricos, com rigor metodológico-científico, para avaliar as práticas e/ou serviços profissionais prestados pela Psicologia da Saúde. Tanto na pesquisa aplicada como na prática profissional faz-se necessário a utilização de metodologias para a avaliação dos resultados. Esta prática propicia uma série de benefícios para a Psicologia da Saúde, que passa a contar com um portfólio de intervenções com resultado demonstrado. A facilitação de recursos como um roteiro (*checklist*) pode contribuir para o aumento na adoção destes critérios.

Reorganização familiar face o impacto do diagnóstico oncológico: um estudo de caso.

Samira de Mello, Luísa Susin dos Santos (UFSC), Claudete Marcon (HU/UFSC), JoselmaTavares Frutuoso (UFSC, HU/UFSC)

O presente estudo de caso objetiva propor reflexões acerca da necessidade dereorganização familiar, frente ao processo de adoecimento do paciente oncológico, bem como identificar os desafios e possibilidades encontrados na atuação do Psicólogo no contexto hospitalar. O câncer é uma doença permeada de significados que afeta a vida do enfermo em todas as suas dimensões. Considerado doença crônica, de caráter progressivo, ocasiona problemas específicos e demandas particulares, que variam com a evolução da doença e do tratamento. Em decorrência da sua gravidade, as consequências da doença acometem não somente o paciente, como também sua família, exigindo modificações importantes na rotina dos membros, nas funções e papéis familiares e na própria dinâmica relacional. Sob esse prisma, buscou-se subsídios nos pressupostos epistemológico da teoria sistêmica do Ciclo de Vida Familiar (Carter e McGoldrick, 1995) e Teoria de Estrutura Familiar (Minuchin, 1982), para apoiar a compreensãoe intervenções psicológicas as quais destinam-se elucidar, respectivamente, as alterações vivenciadas pelas famílias e a compreensão da subjetividade dos envolvidos. Além disso, a compreensão da atuação profissional também é norteada pelas concepções do protagonismo do sujeito da Clínica Ampliada e seu suporte teórico apoiado nos pressupostos da Psicoterapia Breve. No que se refere a metodologia empregada, este estudo caracteriza-se como sendo exploratório-descritivo, de natureza qualitativa, visto ser um estudo de caso. Tem seu foco no atendimento psicológico de paciente e seus familiares, face o diagnóstico e tratamento de Leucemia Mieloide Aguda, atendido no Serviço de Psicologia de um Hospital Universitário, do Sul do país. O paciente em foco tem 69 anos, sexo masculino, casado, 3 filhas, aposentado. Observam-se que os resultados obtidos com as intervenções realizadas, seja em uma perspectiva individual quanto familiar, oportunizaram: identificar a dinâmica relacional familiar, a qualidade das relações, os papéis desempenhados no subsistemas e as dificuldades em vivenciar o momentos do ciclo de vida familiar e pessoal na presença de uma doença crônica. Diante do exposto, justifica-se a escolha do grupo de trabalho intitulado Intervenções Psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde (IPR), no subtema Atenção Hospitalar, uma vez que o entendimento e a atenção dispensados ao contexto sócio-afetivo em que se desenvolve a doença possibilitam ao psicólogo abordar o paciente em sua integralidade e pautar sua atuação na singularidade do paciente e da dinâmica familiar construída e constituída.

A utilização do período de observação passiva como ferramenta para inserção do residente no ambiente hospitalar

Marjorie Rodrigues Wanderley, Jessica Molina Quessada, Maria Fernanda Moura da Cunha
(Faculdades Pequeno Príncipe)

O programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente das Faculdades Pequeno Príncipe, na área de Psicologia, tem como campo de estágio no primeiro ano o hospital infantil. Tal programa foi estruturado de modo a abarcar um período inicial de duas semanas nas quais os residentes realizam a observação passiva em diversas unidades do Hospital. O objetivo desta pesquisa é verificar como um período de observações passivas pode auxiliar na inserção do residente no ambiente hospitalar. O tema relaciona-se com o eixo Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde (IPR), no subtema Atenção Hospitalar, na medida em que avalia uma ferramenta que vem a possibilitar maior aproveitamento do residente na Atenção Hospitalar, facilitando o processo da sua inserção na equipe de saúde. Por meio da observação passiva, o profissional pode discernir qual metodologia será mais adequada, quais ajustes técnicos serão necessários e quanto de flexibilidade será exigida na convivência com a equipe. A observação passiva é conceituada

como uma ferramenta que possibilita o contato do pesquisador com a realidade estudada, permanecendo alheio aos dados colhidos. Nesse período, o residente não realiza nenhum tipo de ação para além da observação, buscando elaborar hipóteses acerca da dinâmica de cada unidade de internamento e da interação equipe e pacientes. O estudo foi realizado por meio da análise comparativa entre revisão da literatura sobre o tema e relato de experiência das autoras residentes do programa. Os resultados indicam que a literatura traz a observação passiva como uma ferramenta útil no ambiente hospitalar para a coleta de dados, análise da estrutura física e da dinâmica das relações interpessoais. Por meio dos relatos de experiência, acrescenta-se como utilidade do período de observações a inserção gradual do residente na equipe de saúde. Tendo em vista que o residente nem sempre é familiarizado com o contexto hospitalar, recomenda-se a implementação de um período exclusivo de observações passivas.

Morte e Luto no contexto do Transplante Hepático Infantil: o papel do Psicólogo Hospitalar

Loredana Amaral Marzocchella, Lauren Perdigão Affonso, Márcia Camaratta Anton
(Hospital de Clínicas de Porto Alegre)

O Transplante Hepático Infantil (THI) é um procedimento cirúrgico complexo e de alto risco. Caracteriza-se como uma alternativa de tratamento para doenças hepáticas terminais, possibilitando a sobrevida da criança/adolescente (ANTON; PICCININI, 2010). Este processo necessita grande preparação pré-transplante e cuidados contínuos no período pós-transplante e no decorrer da vida do indivíduo. O psicólogo exerce um papel fundamental nesse contexto, na avaliação e acompanhamento terapêutico dos pacientes e seus familiares. O objetivo desse trabalho é relatar a experiência das autoras no acompanhamento psicológico nos casos de óbito dos pacientes. Esse relato traz uma importante contribuição no sentido de ampliar discussões da prática dos psicólogos na atenção hospitalar. É um relato de experiência de trabalho, ao longo de um ano, como psicólogas residentes inseridas na equipe do THI de um hospital escola. Essa equipe caracteriza-se pelo seu caráter de atuação interdisciplinar e atendimento integral através do Sistema Único de Saúde. A inserção do psicólogo na equipe do THI se dá por meio da participação em reuniões multiprofissionais, realização de avaliação psicológica e atendimentos psicoterapêuticos. Segundo Anton e Piccinini (2010) “o diagnóstico de uma doença crônica em um membro da família, e em particular em uma criança, tende a afetar o funcionamento de cada um e do sistema familiar como um todo”. Assim, podem surgir diferentes emoções que devem ser abordadas ao longo dos atendimentos, pois irão influenciar a forma como a família lida com a doença e sua adesão ao tratamento. Ao longo do processo podem ocorrer complicações que levem ao óbito na lista de espera pelo órgão, durante ou após a cirurgia. Aqui se destaca o papel do psicólogo, para auxiliar no processo de luto das famílias e também dos próprios profissionais, o mesmo deve facilitar a expressão dos sentimentos, além de agir como mediador na comunicação entre os membros da família e equipe. Essas importantes intervenções do psicólogo contribuem para a elaboração do luto, permitindo a ressignificação de sentimentos, e a prevenção de sintomas psicopatológicos futuros nos enlutados (SCHIMIDT; GABARRA; GONÇALVES, 2011). A experiência das autoras de atuação em uma equipe multiprofissional de THI permitiu aprimorar a técnica de atendimento em situações de luto, compreendendo os aspectos psicológicos envolvidos nesse contexto. Além disso, foi possível vivenciar diferentes situações que contribuem para o amadurecimento profissional. Portanto, conclui-se a fundamental

relevância de psicólogos inseridos nas equipes que lidam com a complexidade de fenômenos como doença crônica e morte.

Avaliação de Risco de Suicídio e Articulação com a Rede de Saúde no Contexto de uma Unidade de Emergência

Juliana Macchiaverni (HU/UFSC), Lucienne Martins Borges,
Lecila Duarte Barbosa Oliveira (UFSC)

Este pôster está inserido no eixo temático 3 (Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde), subtema 3.3 (Atenção Hospitalar), e abordará possíveis intervenções do psicólogo no contexto do atendimento ao paciente com comportamento suicida hospitalizado em uma Unidade de Emergência Hospitalar.
O comportamento suicida causa impactos importantes na sociedade em geral e nos serviços de saúde. A região sul do Brasil é a que apresenta as maiores taxas de suicídio, sendo que Santa Catarina é o segundo estado brasileiro com as taxas mais elevadas (WAISELFISZ, 2011). A Unidade de Emergência do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina recebe frequentemente pacientes que tentaram suicídio, que necessitam de atenção quanto aos aspectos orgânicos, mas também à saúde mental. Nestas situações, em especial, o Serviço de Psicologia da unidade tem importante participação, realizando atendimento psicológico ao paciente/familiares, avaliação do risco de nova tentativa de suicídio e o encaminhamento para outros serviços da rede de saúde que possam proporcionar a continuidade do tratamento. Para que esses encaminhamentos sejam realizados com qualidade é crucial que os profissionais conheçam os recursos disponíveis no município em que o paciente reside e quais demandas eles atendem. Foi então estabelecido como objetivo deste estudo a construção de um fluxograma de encaminhamentos para os pacientes atendidos por tentativa de suicídio pelo Serviço de Psicologia na Emergência.
Foi identificada a necessidade de, inicialmente, estabelecer uma classificação relacionando o tipo de atendimento que o paciente necessita com as características/sintomas que ele apresenta no momento da avaliação. Acredita-se que este estudo e os instrumentos elaborados a partir dele possam contribuir para facilitar os atendimentos realizados pelos profissionais. Espera-se também que colabore para uma melhor articulação da rede de saúde e que os usuários não necessitem percorrer diversos serviços até ter suas demandas atendidas, sendo acolhido em um período de tempo reduzido, no local adequado.

Convergências, divergências e complementaridades de conceitos técnicos e a prática em Psicologia Hospitalar

Francielli Angelotti, Hevellin Nattany Piai Dal Bem, Jessica Molina Quessada,
Simone Susana Saad Freitas Passos Valesi, Daniela Carla Prestes
(Faculdades Pequeno Príncipe)

A eficácia e a eficiência do trabalho do psicólogo serão demarcadas em grande parte pelo seu conhecimento acerca dos procedimentos de triagem e avaliação psicológica. No contexto hospitalar, por tratar-se de um ambiente desafiador com muitas peculiaridades, a execução dos procedimentos exige do psicólogo um preparo específico. O trabalho então deve estar alicerçado em um corpo de conhecimento teórico e técnico acumulado pela articulação teoria

e prática. Essas circunstâncias podem causar dúvidas e insegurança ao psicólogo iniciante que está em fase de construção de seu saber. Sendo assim, conhecer, compreender e se apropriar dos conceitos técnicos da psicologia parece ser um caminho adequado para permitir uma atuação qualificada do psicólogo em ambiente hospitalar e no âmbito multi/interdisciplinar. Diante disso, esta pesquisa visou averiguar convergências, divergências e complementaridades de conceitos técnicos – de Triagem, Avaliação Psicológica, Observação e Entrevista – e a interface na prática em Psicologia Hospitalar. O presente estudo utilizou a metodologia qualitativa por meio de revisão de literatura, do tipo narrativa, não tendo como intento refutar ou comprovar hipóteses. O tema relaciona-se com o eixo Intervenções Psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde (IPR), no subtema Atenção Hospitalar, à medida que conhecer tais técnicas pode refletir na prática do profissional iniciante no contexto hospitalar. Verificou-se que há muito mais convergências e complementaridades do que divergências entre os conceitos, porém há diferenças semânticas quanto a sua designação, o que pode gerar dúvidas e insegurança do psicólogo no início do exercício profissional. Dessa maneira, o esclarecimento das designações e objetivos das técnicas utilizadas neste contexto auxilia o psicólogo a apropriar-se teórica e tecnicamente da atividade que está realizando e a organizar-se em sua prática, conferindo seriedade e cientificidade à assistência prestada ao paciente e sua família e ao trabalho em equipe multidisciplinar, podendo trazer mais credibilidade ao psicólogo em início de prática.

O ambiente da UTI Neonatal e a atuação do psicólogo hospitalar

Zaira Aparecida de Oliveira Custódio (HU/UFSC)
Lauren Perdigão Affonso (HC de Porto Alegre)

Um nascimento é um evento que causa importantes mudanças familiares, gerando sentimentos ambivalentes e necessidade de adaptação por parte dos pais. Evento que se torna mais complexo quando se trata de um bebê pré-termo, que necessita de cuidados diferenciados e internação na UTI Neonatal. Neste contexto, ocorre a atuação de diferentes profissionais, dentre eles o psicólogo hospitalar. Objetiva-se discorrer sobre o papel do psicólogo e possíveis intervenções no contexto da UTI Neonatal, o qual se enquadra no eixo "Atenção Hospitalar", destacando as atividades desenvolvidas no nível terciário de atenção. Trata-se de um relato de experiência, baseado nas intervenções realizadas em estágio enquanto psicóloga residente em UTI Neonatal de um hospital escola. O ambiente da UTI Neonatal suscita o trabalho articulado dos profissionais, visando atender demandas dos pacientes e dos familiares. Tornar o ambiente mais acolhedor e menos ansiogênico para os pais é um dos desafios, considerando-se a importância de auxiliar em sua participação nos cuidados, esclarecendo os procedimentos realizados e o quadro clínico do bebê, potencializando a vinculação entre a tríade (pais-bebê). Além da atuação multiprofissional, a família deve ser valorizada como um dos principais instrumentos de intervenção. O psicólogo transita em diferentes espaços, neste contexto, fazendo-se presente na passagem dos plantões; conhecendo o diagnóstico e prognóstico dos casos, além das futuras intervenções; auxiliando em dificuldades da equipe médica e de enfermagem, acompanhando o período de visita e amamentação; oferecendo acompanhamento psicológico para os pais e familiares mais próximos, como avós e irmãos, destacando-se a importância de facilitar a proximidade, contato e comunicação entre a família e o bebê, ações estas preconizadas pela Atenção Humanizada ao Recém-Nascido Pré-Termo e de Baixo Peso – Método Canguru. É necessário o constante acompanhamento dos pais, possibilitando um espaço de comunicação verbal, em que possam entrar em contato com essa problemática e auxiliando na aproximação com o

bebê. Intervenção fundamental nos momentos em que a família se encontra mais fragilizada e que inclui a elaboração de seus sentimentos e sua organização prática. É necessário pensar a UTI Neonatal como um ambiente de promoção de saúde, onde o sucesso depende tanto dos profissionais quanto da inserção dos pais do bebê. Percebe-se a importância da articulação dos profissionais e da atuação do psicólogo, que apresenta papel de mediador e oferece suporte emocional para que o casal vivencie esse período.

Formação de psicólogo para atuação em espaços hospitalares: integralidade, humanização e desafio da ação em psicologia da saúde no hospital geral

Ana Maria Pereira Lopes, Maria Angela Giordani Machado,
Alessandra d´Avila Scherer (UNISUL)

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio profissionalizante em Psicologia da Saúde do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. A Psicologia Hospitalar se baseia na promoção de mudanças, atividades de prevenção e diminuição do sofrimento causado pela hospitalização e pelos desdobramentos da situação de adoecimento e busca contribuir para o alcance da complexidade do processo saúde e doença. Esse estudo tem como objetivo descrever atividades de estágio em psicologia da saúde, de alunos da UNISUL, Grande Florianópolis, no espaço hospitalar, e a partir delas avaliar possibilidades e limitações para a prática da assistência integral na perspectiva da humanização hospitalar. O estágio é realizado no Imperial Hospital de Caridade em Florianópolis e teve início em 2005, sob a orientação de docentes de diferentes sistemas teóricos, que orientam os estagiários na referida instituição. As intervenções estão pautadas em estratégias: auxiliar os pacientes a enfrentar aspectos emocionais relativos à doença, internação e/ou cirurgia; minimizar ansiedade do paciente e de seus acompanhantes frente à situação de hospitalização; promover adesão e adaptação dos pacientes e familiares ao tratamento; preparar pacientes e familiares para o processo de alta hospitalar e processo de recuperação; esclarecer, de uma forma geral, o processo de hospitalização ao paciente e à família; facilitar a comunicação e relação entre pacientes e equipe técnica; e, trabalhar junto à equipe, interdisciplinarmente, no que se refere ao atendimento do paciente, acompanhantes e familiares. Para efetivar as intervenções realiza-se: atendimentos individuais junto ao leito durante a internação; atendimentos pré e pós-cirúrgicos; atendimento junto aos familiares e/ou acompanhantes; trabalho junto à equipe de saúde, visando à intervenção interdisciplinar; atendimentos em grupo; e, encaminhamentos para a rede de atenção psicossocial. Observa-se que o trabalho desenvolvido envolve recursos e capacidades relacionais dos acadêmicos e até mesmo técnicas mais sistematizadas do campo psicológico. As dificuldades encontradas se referem à predominância de uma centralidade do modelo médico de atendimento, na contramão das políticas mais atuais de saúde, que requerem integralidade da assistência e humanização nas relações. Há necessidade de estabelecimento de uma rede de assistência, para o seguimento da atenção em linhas de cuidado, em especial a psicossocial, para ampliação da perspectiva de cuidado gerado no próprio hospital. Esse conjunto de condições requer compreensões sobre vicissitudes da organização do campo da psicologia da saúde e dos desafios colocados à psicologia hospitalar para a composição desse campo.

Vivências traumáticas sobre acidentes de trânsito: percepção do momento

Camilla Victória Weigert, Maria Clara Bittencourt de Faria Santos (Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos), Ramylla Saldanha Penha (Univ. Federal de São Carlos), Juliana Fernandes Tedesco, Andrew Carlos de Arruda Serrão (Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos), Cássia Regina Rodrigues (Universidade Federal São Carlos)

Objetivo: Analisar as percepções sobre o momento do acidente de trânsito de vítimasinternadas no serviço terciário de uma cidade de médio porte do estado de São Pauloe de seus familiares.
Eixo Temático: IPR, subtema: Atenção Hospitalar, ambiente de desenvolvimento do presente trabalho.
Pressupostos Epistemológicos: Os acidentes de trânsito são uma das principais causas de morte em todo o mundo, bem como levam a incapacidades e prejuízo econômico. Consideramoso pressuposto de que, nestes eventos, tanto a vítima, quanto o familiar (ao receber a notícia) sofrem um trauma, caracterizado como uma ferida no âmbito psicológico, sendo reconhecido porsuas reações psicológicas e até mesmo fisiológicas no individuo.Tomamos o estudo do processo de trauma, fundamentado na teoria freudiana apresentada em*Além do Princípio do Prazer*.
Método: Fundamentados pelo método de qualitativo, os dados foram colhidos através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas em vídeo e transcritas, no período de outubro de 2015 a maio de 2016. Essas entrevistas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo temática, composta da: pré-análise, exploração do material, constituição dosnúcleos de sentido e interpretação dos dados.
Resultados: Compuseram a amostra intencional 30 indivíduos, sendo 15 vítimas (sendo onze homens e quatro mulheres) e 15familiares (sendo trêscônjuges/companheiros, cinco pais, quatro mães e três de outros graus de parentesco).Destacaram-se a queda de motocicleta e afratura dos ossos da perna como o tipo de acidentee lesão mais prevalentes, respectivamente.Quatro núcleos de sentido foram configurados: “eu não vi”, “eu não me lembro de ter acontecido”, “eu fiquei perdido”, “eu fiquei com medo” e “eu fiquei desesperado”.
Discussão: Os núcleos de sentido caracterizarammatizes de reações psíquicasao evento traumático consequentemente: confusão, pânico, medo, nervosismo e desesperança. A ausência de reaçõesobservada nas falas denota que os estímulos externos, neste tipo de situação, ultrapassam o escudo protetor do indivíduo, levando a um estado de um distúrbio no funcionamento de energia do organismo e, consequentemente, a adoção de mecanismos protetivos.
Conclusão: Os resultados encontradosrefletem a importância em compreender a intensidade e a incapacidade do sujeito à reação que o acidente provoca. Esperamos com este estudo contribuir para o atendimento integrado no ambiente hospitalar, bem ao manejo clínico mais efetivo a essas pessoas nos serviços de saúde.

O arquétipo da sombra nas instituições hospitalares

Talita Fabiele Karasinski, Andressa Clara França, Mariana do Pilar Rosa Dias
(Centro Universitário Franciscano do Paraná)

A hospitalização e o processo de adoecimento, acarretam significativas mudanças na vida dos pacientes e de seus familiares. O trabalho desenvolvido corrobora com as propostas do eixo temático IPR - Intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à

saúde, na Atenção Hospitalar. Teve como objetivos aplicar, no conteúdo prático e analítico do estágio, a visão do simbólico - arquétipo da sombra na instituição, enquanto uma potencialidade criativa e problematizar sobre a necessidade de ampliação do modo de atuação do profissional da saúde, frente ao enfermo. O profissional se depara com as diferentes demandas entre instituições hospitalares, pacientes e familiares, tendo como desafio a integração e mediação entre essas necessidades. Sua atuação precisa ampliar os seus conhecimentos teóricos e, assim contribuir para uma prática efetiva. A psicologia hospitalar, respaldada por um referencial teórico da Psicoterapia Breve de Orientação Analítica busca compreender, pelo diálogo e por recursos expressivos, o significado simbólico dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento. A atuação se deu na condição de Estágio Supervisionado - Psicologia Hospitalar/Saúde, em Hospital Geral, na cidade de Curitiba-Pr, ao longo de três meses. Houve uma intervenção conjunta com demais profissionais, não perdendo de vista a subjetividade das relações entre “doente /equipe/ hospital”. A intervenção na Psicologia Hospitalar Junguiana não se limitou à dor do paciente, mas incluiu angústia declarada da família e a angústia negada da equipe de saúde, por meio de entrevistas, intervenções de grupo/individual e prescrição de prontuário. As intervenções ocorreram em estâncias diferentes: Grupo de Gestantes – 40 gestantes participantes; Atendimento de rotina ao Leito – 35 atendimentos; Observação em Grupo Psicoeducacional para Obesidade. Os resultados foram positivos referente as intervenções, orientado na direção da essência do sujeito e na importância do psicólogo nas instituições. O psicólogo na instituição hospitalar poderá contribuir com o desenvolvimento psíquico do paciente e com a ampliação de consciência de todos os envolvidos o processo de adoecimento.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar, Sombra, Psicoterapia Breve, Instituições Hospitalares.

Desafios na construção de um caderno temático em Psicologia Hospitalar: relato da experiência da Comissão de Psicologia Hospitalar do CRP 08

Alessandra Rego Barros, Daniela Carla Prestes, Diego da Silva, Esther Tribuzy, Juliane Gequelin Rosa, Giovana Cristina Angioletti, Lúcia Maria de Oliveira Santos, Raphaella Ropelato de Souza (CRP-PR)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os principais desafios que a Comissão de Psicologia Hospitalar do Conselho Regional de Psicologia do Paraná – CRP 08 encontrou na construção de um caderno temático na referida área de atuação dos psicólogos. O eixo temático escolhido para nortear o trabalho foi o que trata das intervenções psicológicas nos diferentes pontos da rede de atenção à saúde – Atenção Hospitalar. Este é o eixo que mais se aproxima da Psicologia Hospitalar. A construção do Caderno Temático em Psicologia Hospitalar foi solicitada pela diretoria da atual gestão do CRP 08, a fim de proporcionar a categoria profissional bases teóricas, técnicas e éticas na atuação em hospitais. O caderno foi dividido em temas que envolvem assistência, ensino, pesquisa e gestão. Os integrantes da comissão formaram subgrupos para escrever sobre as temáticas que, de alguma forma, estivessem presentes em seu cotidiano de trabalho. As fontes de pesquisas para a construção do caderno foram variadas. Em um primeiro momento foram realizadas discussões teóricas acerca do conceito de Psicologia Hospitalar e suas vicissitudes na assistência hospitalar, tendo como fundamentação a literatura especializada. Feito isso, foram apontadas portarias e legislações nacionais que tratam da atuação do psicólogo no âmbito hospitalar. As fontes de dados foram documentos oficiais do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e Conselho

Nacional de Saúde (CNS). Posteriormente, a partir de fóruns, conferências e eventos realizados entre o ano de 2012 e 2015 pela Comissão de Psicologia Hospitalar, registrados em vídeo, os autores do caderno produziram textos sobre os temas abordados nesses eventos, fazendo um paralelo com o material discutido no primeiro momento. Os desafios e dificuldades encontradas na construção do caderno foram os seguintes: prazos curtos para a entrega do material; uniformidade na escrita do caderno, uma vez que várias pessoas estavam envolvidas na construção do mesmo; preocupação com a escrita, pois se trata de uma publicação voltada para a categoria profissional, então é importante que esteja em uma linguagem técnica/científica, entretanto, acessível e clara; preocupação ética com possíveis entraves jurídicos sobre direitos autorais posteriores a publicação, visto que parte do caderno foi escrito baseado em palestras de outros profissionais. Apesar dos desafios e dificuldades é possível concluir que a construção desse material foi importante uma vez que mobilizou profissionais, criou espaços de reflexão e elaborou produções teóricas que podem subsidiar a atuação do psicólogo hospitalar.

O olhar para a família diante da crise no contexto da onco-hematologia

Luísa Susin dos Santos, Samira de Mello (UFSC), Claudete Marcon (HU Polydoro Ernani de São Thiago - HU/UFSC), Joselma Tavares Frutuoso (UFSC)

O presente trabalho objetiva retratar os desafios e peculiaridades da intervenção psicológica com familiares frente à iminência de morte de uma paciente onco-hematológica. Espera-se contribuir para as discussões do GT “Intervenções Psicológicas na Atenção Hospitalar (IPR)” acerca da atuação do psicólogo diante da complexidade dos diferentes cenários do hospital, principalmente em relação ao acolhimento dos familiares e no que tange à intervenção em situação de crise, tal qual se configurou o caso.

Este estudo remete a uma situação que se diferencia na conjuntura dos atendimentos da onco-hematologia, uma vez que o agravamento da condição clínica da paciente e consequente morte, deu-se de forma rápida e abrupta, com tempo muito curto entre o diagnóstico e desfecho. Dessa maneira, distancia-se da rotina de atendimentos do setor, que permite a formação de vínculo aprofundado com o paciente – além do conhecimento da dinâmica familiar - e assemelha-se à prática em outros contextos do hospital, especialmente em Unidades de Pronto Atendimento e de plantão hospitalar.

As situações de crise envolvem a interrupção de um estado normal de funcionamento dos indivíduos, desorganizando e desequilibrando o sistema e excedendo os mecanismos de enfrentamento. Cabe ao psicólogo, então, atuar a fim de aliviar o impacto do evento traumático, acionando recursos diante da nova situação. Para tal, a intervenção em questão foi pensada a partir dos pressupostos da psicoterapia breve, da teoria da crise e da terapia do luto.

Sobre a metodologia, tem-se o caráter exploratório-descritivo do estudo de caso. Foram realizados atendimentos psicológicos com três membros da família de uma paciente com diagnóstico de Leucemia Mielóide Aguda. Tais intervenções aconteceram nos dias de agravamento abrupto e foram realizadas pelo Serviço de Psicologia da Hematologia de um Hospital Universitário.

Torna-se possível, então, considerar que os resultados do trabalho com esta família, apesar da impossibilidade do contato prévio, envolveu atenção integral às suas necessidades no momento da crise, propiciando um espaço de acolhimento e escuta, auxiliando no momento crítico, mediando a comunicação a equipe, orientando rituais de despedida e auxiliando na compreensão da situação. Nesse sentido, deparamo-nos com questões que permeiam o

enfrentamento da iminência de morte e o luto dos familiares, que surgem como desafio diante da especificidade de cada sujeito e contexto familiar. Outro aspecto a ser mencionado, diz respeito à importância destas situações para formação dos futuros profissionais, garantindo espaços de atuação devidamente monitorados e com suporte necessário, garantindo crescimento e amparo às angústias vivenciadas pelos alunos envolvidos.

Palavras-chave: Psico-oncologia, Psicoterapia breve, Crise psicológica, Luto.

Psicologia da saúde ao longo do ciclo de vida e o abuso de substâncias psicoativas

Joseane de Souza, Marciana Gonçalves Farinha
(UNISINOS, Universidade Fedral de Uberlândia)

O grupo de trabalho foca um aspecto específico das intervenções psicológicas na saúde que, no entanto, abrange múltiplas relações com a rede de assistência, tanto na interface com outros profissionais de saúde quanto com outras políticas públicas, como a educação e a assistência social. Nesse sentido, o grupo de trabalho aponta para um aspecto relevante do eixo temático, intervenções psicológicas com usuários de substâncias psicoativas, tendo como objetivos reunir estudiosos e pesquisadores interessados em: a) pesquisar o tema de álcool e drogas; b) discutir a temática do de uso e abuso de álcool e drogas ao longo do ciclo vital bem como o impacto deste para os usuários (familiares e dependentes químicos); c) debater diferentes perspectivas teóricas e metodológicas de estudo que versem sobre álcool e drogas na perspectiva de consumo, intervenções na rede de atenção psicossocial e nos diversos níveis de prevenção; d) levantar os impactos do consumo de substâncias psicoativas na vida e as dificuldades decorrentes desse uso em diferentes regiões e com diferentes metodologias; e) discutir ações de intervenção em diferentes perspectivas e enfoques; f) promover intercâmbio entre pesquisadores e interessados na área construindo bases para desenvolver parcerias e colaborações. Nas últimas décadas os padrões de mortalidade da população sofreram grandes transformações e a predominância de mortes por doenças infecto-contagiosas deu lugar a doenças ligadas ao estilo de vida. Tais modos de adoecimento estão diretamente articulados às condições sociais e à cultura, trazendo para a discussão, no campo da saúde, fatores psicossociais, ambientais, culturais e estruturais das sociedades em que emergem. Entre as doenças ligadas ao estilo de vida, estão aquelas decorrentes do uso de substâncias psicoativas (SPA), encontram-se entre as mais significativas pelo aumento desse uso no Brasil e no mundo, principalmente entre jovens e adultos jovens. Por volta de dois bilhões de pessoas no mundo usam álcool e cerca de 170 a 250 milhões consumiram alguma droga ilícita pelo menos uma vez no ano de 2007. Além disso, a Organização Mundial da Saúde, estima que 2,5 milhões de mortes por ano estão associadas ao uso de álcool, e, em torno de 10% das pessoas que vivem em centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente substâncias psicoativas. As relações familiares estabelecidas no ambiente em que um dos membros é dependente químico, por exemplo, pai alcoolista, têm sido apontadas como um dos fatores de risco para o desenvolvimento de dependência química e de distúrbios psicológicos nas crianças. A literatura descreve algumas caraterísticas destas famílias: interações tensas, com altos níveis de conflito, falta de clareza em sua organização, isolamento interpessoal e a comunicação em geral é prejudicada. Tudo isso leva as pessoas a conviverem com um legião de problemas, desde dificuldades financeiras até conflito conjugal e diferentes formas de violência. Desta forma, observase que todos os familiares são prejudicados pelo abuso de substâncias psicoativas, por exemplo, os filhos apresentam mais problemas de comportamento, dificuldades emocionais e mais comportamento de risco e as

esposas desenvolvem depressão. Quanto a questão de gênero observa-se que o número de mulheres que tem consumido bebidas alcoólicas aumentou nos últimos anos. Os prejuízos do álcool são maiores para as mulheres, elas têm mais sintomas de depressão que os homens e ainda se fizerem uso de SPA durante a gestação os bebês têm risco aumentado de nascer com problemas neurodesenvolvimentais, comportamentais e de aprendizagem. Esses bebês podem nascer com a síndrome álcoolica fetal. Dados epidemiológicos apontam que cerca de 20% das gestantes fazem uso de álcool, elas não tem conhecimento sobre os prejuízos desta substâncias para sua saúde física e mental e também o quanto essas substâncias afetam o desenvolvimento do bebê. Estes dados apontam a relevância da divulgação das pesquisas realizadas com esta população que possam auxiliar nas diretrizes dos programas de saúde pública. Nesse contexto, elaborar políticas de cuidado e ações interventivas que deem conta do problema implica a consideração dos múltiplos aspectos, sociais, culturais e familiares envolvidos na produção do uso e abuso de substâncias psicoativas (SPA): informações epidemiológicas, o conhecimento das condições de vida e do acesso à cultura, ao lazer, à educação, características do cuidado em saúde e outros estudos compõem a fundamentação de propostas interventivas pertinentes. Além disso, é necessário considerar prejuízos secundários e o impacto social causado pelo abuso de SPAs, como a associação a situações de risco no trânsito, absenteísmo no trabalho, situações de violência, maior risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, violência domestica, abuso sexual infantil, custo alto nas internações, prisões e evasão escolar em adolescentes e crianças, etc. Para tanto, é preciso considerar a complexidade do cenário em que o uso e abuso de SPAs ocorrem, considerando informações como a faixa etária da população, características familiares, condições de escolarização, emprego e renda, etc. Discutir como está a assistência na rede, como a questão das drogas aparece na mídia, na indústria e como ela está presente em vários campos da realidade cotidiana. Temas que podem ser trazidos neste GT. Na perspectiva de considerar amplamente diferentes perspectivas para compreender o fenômeno do consumo de SPA e suas repercussões a presente proposta do Grupo de Trabalho pretende acolher estudos e discussões que versem sobre reflexões sobre o uso, abuso e dependência de álcool e outras drogas e os impactos deste para o usuário, familiares e a sociedade. Espera-se receber trabalhos de ampla diversidade de metodologias de pesquisa bem como diferentes enfoques e problemáticas que tratem o tema álcool e outras drogas acerca de programas de intervenções, impactos do consumo abusivo das SPA e estratégias de prevenção.

Índice dos Autores

Áderson Luiz Costa Junior – 277
Adolfo Pizzinato – 110, 181
Adriana Cristina de Jesus Rosa – 326
Adriana Leonidas de Oliveira – 219
Adriana Navarro Romagnolo – 86, 293
Adriana Wagner – 139, 231
Adriane Rubio Roso – 198
Adriano Beiras – 148, 240
Adriano de Sousa Barros – 184
Adriano de Souza – 197
Adriano Valério dos Santos Azevêdo - 68
Alana Carmine Alban – 257
Alberto Manuel Quintana – 69, 178, 203, 278, 288, 303, 304
Alencar Venâncio Silva Tognon – 326
Alenilson da Silva Cruz – 169
Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman – 203, 329
Alessandra d´Avila Scherer – 158, 212, 328, 348
Alessandra Mafra Ribeiro – 167, 186
Alessandra Nagamine Bonadio – 192
Alessandra Rego Barros – 299, 350
Alexandre José Raad – 105, 206
Alice A. Oliveira – 334
Aline Bade München – 304
Aline Bogoni Costa – 195, 232
Aline Cardoso Siqueira – 88, 93, 111, 252, 292, 302, 312, 339
Aline Daniela Gonçalves de Oliveira Farias – 147
Aline de Almeida Silva – 255
Aline Orlandi Coradini – 95, 285
Aline Queiroz de Souza – 276
Allyne Fernandes Oliveira Barros – 100, 165
Alvaisa Queiroz Calcagno – 241
Amabli Fumagalli – 114
Amanda Castro – 137, 222
Amanda Isabela Nórcio Scapini – 261
Amanda Kliemann –78, 273, 323
Amanda Luiza Stroparo – 337
Amanda Schöffel Sehn – 130
Amanda Valério Espíndola – 160
Ana Aparecida da Silva Azevedo – 327
Ana Borges França – 320
Ana Carolina Bertoletti De Marchi – 88
Ana Carolina Einsfeld Mattos – 342
Ana Carolina Peuker – 177, 294
Ana Carolina Tittoni da Silveira - 102
Ana Caroline Secco – 160, 175
Ana Cláudia Maba – 146
Ana Cláudia Wanderbroocke – 161

Ana Cristina B. Cunha – 82, 84
Ana Cristina Garcia Dias – 112, 173, 254, 301, 307, 308
Ana Cristina Pontello Staudt – 139
Ana Flávia de Maschio Álvares – 176
Ana Helena de Lara Janke Toigo – 338
Ana Júlia L. Rodrigues – 333
Ana Laura Tridapalli – 199, 304
Ana Lúcia Mandelli de Marsillac – 97
Ana Maria Moser – 276
Ana Maria Pereira Lopes – 348
Ana Maria Xavier Faraco – 87, 214
Ana Nathália Eduarda Farias da Silva – 92, 108
Ana Paula Araújo de Freitas – 91
Ana Paula Benatti – 203, 270, 319
Ana Paula Corrêa de Oliveira Freitas – 93
Ana Paula M. Freitas – 339
Ana Paula Magosso Cavaggioni – 261, 275
Ana Paula Ramos de Souza – 131
Ana Paula Sesti Becker – 77, 79, 197
Ana Paula Silva Hining – 180
Ana Regina Noto – 192
Ana Talita Costa Ribas – 285
Ana Teresa Fernandes Barros – 132
Anaíra Espíndola Pereira Kienen – 257
André Teixeira Stephanou – 307
Andrea Regina de Rezende – 158
Andreana Marchi – 120
Andreia Giacomozzi – 137
Andréia Isabel Giacomozzi – 240, 334
Andréia Piana Titon – 145
Andreia Valle – 320
Andréia Vieira Zanella – 145
Andrelise H. Bittencourt – 334
Andressa Botton – 283
Andressa Clara França – 349
Andressa Melina Becker da Silva – 236
Andressa Sauzem Mayer – 164, 249, 254, 301
Andrew Carlos de Arruda Serrão – 349
Anelise Schaurich dos Santos – 193, 234, 307
Ângela Roos Campeol – 271, 272
Angélica Dotto Londero – 245
Angélica Paula Neumann – 231
Angelo Brandelli Costa – 200, 297
Anita Gome Teixeira – 202
Anndrey K. Sangaletti – 115
Anne Kathryn Hunt – 167
Anne Luisa Nardi – 197, 300
Annie Maldonado Brito - 137
Antonio de Pádua Serafim – 189
Aponira Maria de Farias – 169, 184

Ariádny Suci de Campos Abbud – 258, 295, 322
Ariana R. Machado – 334
Ariane Kuhnen – 116, 267
Armanda Carla Teixeira Brandão Fragata Rufino – 288
Aruna Noal Correa – 131
Áurea E Om Spricigo Siqueira – 264, 276
Bárbara Camila de Campos – 293
Barbara Maria Barbosa da Silva – 143
Beatriz Bermudez – 105
Beatriz da Fontoura Guimarães – 97
Beatriz Schmidt – 109, 130, 139, 152
Bernardete Bezerra Silva Imoniana – 310
Bettieli Barboza da Silveira – 267
Bianca Nicz Ricci – 72, 310
Bianca Vieira dos Santos – 31
Brígida Lorana da S. Rodrigues da Silva – 327
Brigido Vizeu Camargo – 137
Bruna Almeida – 275
Bruna Caron – 135
Bruna Fraga Tristão – 277
Bruna Hainzenreder – 250
Bruna Sorensen – 145
Bruno Bittencourt – 192
Caio Soares Holzmann – 264, 276
Caique Lima Sette Franzoloso – 276
Camila Almeida Kostulski – 126, 139, 187
Camila Angelina de Moraes – 323
Camila Araújo de Lima – 169
Camila Cássio Schutz – 158
Camila Ferraz Bortolini – 153, 172
Camila Gonçalves Labrêa – 147
Camila Klein – 267
Camila Kostulski – 272
Camila Martins Sirtoli – 338, 342
Camila Murakami Delízio – 183
Camila Paravisi Frizzo – 314, 335
Camila Peixoto Farias – 69, 178, 278, 288, 303
Camila Schmitt Pires – 245
Camila Stolf Marques Pottes Lins – 146
Camila V. de Almeida Procópio – 226
Camilla Victória Weigert – 349
Camilla Volpato Broering – 72
Cariele do Sacramento Souza – 98
Carina Nunes Bossardi – 109, 214
Carlos Eduardo Máximo – 147
Carlos Naujorks – 265
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré – 95, 158, 161, 163, 212, 250, 280, 285, 287, 291, 313
Carolina Baptista Menezes – 289
Carolina Bunn Bartilotti – 245

Carolina D. de Souza – 115
Carolina de Vasconcellos Mazoni – 257
Carolina Duarte de Souza – 107, 109, 113, 153, 174, 214, 237
Carolina Francielle Tonin – 172
Carolina Prietto Ferrazza – 88, 252, 270, 302, 312
Carolina Schmitt Colomé – 88, 252, 270, 302, 312
Carolina Seabra – 177, 294
Carolina Villanova Quiroga – 282
Caroline de Abreu Prola Fritsch – 274
Caroline França Biasi – 301
Caroline P. Labhardt – 334
Caroline Rubin Rossato Pereira – 104, 203, 270, 273, 274
Caroline Silveira da Silva – 328, 330
Cássia Regina Rodrigues – 349
Cassiele Pauli – 339
Catherine Ann Cameron – 167
Célia Mendes de Souza – 261, 275
César J. E. Medeiros – 334
Charlie Paulina Ody – 134
Cibele Cunha Lima da Motta – 213, 250, 287, 313
Cigala Peirano Iglesias – 85
Cinara Miraglia Ferreira – 308
Cintia Bragheto Ferreira – 286, 325
Ciomara Benincá - 160
Clarissa Moreira Enderle - 165
Claudete Demetrio Meurer – 205, 312
Claudete Marcon – 343, 351
Claudete Santos Demetrio – 258, 295
Claudia Consuelo do Carmo Ota – 288
Claudia Daiana Borges – 178, 341
Cláudia Reis Flores – 135, 194
Claudia Stella – 167
Claudiane Aparecida Guimarães – 236
Clemilson Sombrio Gomes – 275
Cloves Antonio de Amissis Amorim – 264, 275, 276
Cristiane Antunes Espindola Zapelini – 142
Cristiane Sperling Elesbão – 203
Cristiano Cunha – 216
Cristina Morsch – 258, 295
Cristine Gabrielle da Costa dos Reis – 69, 178, 278, 288, 302, 304
Daiane Pereira Miguel Fernandes – 205, 312
Dalila Moreira dos Santos – 273
Daniela Carla Prestes – 299, 346, 350
Daniela Ribeiro Schneider – 123, 125, 126, 128, 178, 223, 245, 253
Daniele Albino – 328
Daniele da Veiga – 140
Daniele Dalla Porta – 88, 252, 270, 302, 312
Daniele Noal Gai – 186
Daniele Souza Steglich – 123
Danilo Locatelli – 192

David Alejandro Gonzalez Chica – 320
Dayane Canello – 114
Débora Cristina Pereira Borges Góes – 202
Debora Diana da Rosa – 117
Debora Lydines Martins Corsino – 321
Déborah Leitão Gomes – 325
Denise Cord – 121
Denise Jordão – 124
Denise Macedo Ziliotto – 124
Diego da Silva – 299
Diego da Silva, 350
Diogo Picchioni Soares – 156, 157
Djenifer Samantha Marx – 273
Doane Sábio Servidone – 75
Doane Sábio Sevidone – 243
Dolores Sanches Wunsch – 244
Dorian Mônica Arpini – 99, 126, 139, 150, 160, 175, 187, 271, 272
Dóris Waldow – 205
Douglas Casarotto de Oliveira - 191
Douglas Ferraz de Araújo – 158, 336
Dulce Helena Penna Soares – 195, 232, 291
Edevilson Cugiki – 296
Edi M Alnoch – 103
Edilene Freire Queiroz – 101
Edna Gonçalves de Oliveira Abadia – 202
Edson Luiz da Silva – 320
Edson Pilger Dias-Sbeghen – 168
Edson Sigueyoshi Hamazaki – 331
Eduardo Grapp – 90, 138
Eduardo Remor – 343
Eduardo Turra – 165
Elaine Cristina Soares da Silveira – 266
Elaine Magalhães Costa Fernandez – 201
Elaine Silva do Nascimento Mendes – 269
Eleonora Arnaud Pereira Ferreira – 71
Eliane Cadoná – 145
Eliane Maria Lume – 307, 317
Elisa Eggers Luiz - 142
Elisa Kern de Castro – 177, 267, 294
Elisabeth Homercher – 343
Elisangela Böing – 78, 79, 96, 105, 115, 206, 228, 273
Elisangela Toth – 206
Elizabeth Joan Barham – 214, 237
Eloisa Leoni – 282, 320
Eloysa Nezello Mosimann – 258, 295
Elvira Lídia dos Santos Soares - 169
Emanuele Musskopf – 338, 342
Erica Hokama – 269
Érica Santana Candian – 117
Eroy Aparecida da Silva – 192

Esther Tribuzy – 299, 350
Ezequiel Simonetti Cargnelutti - 181
Fabiana Muller Schmitt – 126, 187
Fabiana Pinheiro Ramos – 70
Fabio Antonio da Silva de Oliveira – 191
Fábio Camilo da Silva – 144, 239
Fábio José Orsini Lopes – 218
Fabiola da Silva Miranda – 112
Fabíola Dantas Ansréz Nobre Arantes de Carvalho – 75, 243
Fabiola Polo – 157
Felipe Faria Brognoli – 314
Fernanda Costa Nicolazzi – 340
Fernanda Furini – 134
Fernanda Martins de Souza – 96
Fernanda Nardino – 69, 178, 278, 303
Fernanda T. Carvalho – 103
Fernanda Torres de Carvalho - 102
Fernanda Veiga – 251
Flávia da Silva Bezerra – 322
Flávia Helena Pereira Padovani – 76, 220
Franciane Hanel da Silva Ramos – 169
Franciane Moreira Moresco – 93
Franciele Cardoso Camilo – 140
Francieli Sufredini - 163
Francielle Lopes Alves – 313
Francielli Angelotti – 346
Francine Simon – 123
Francisca Yana B. A. Souza – 144
Gabriela Arantes Wagner – 157
Gabriela Borges Carvalho – 286, 298, 325
Gabriela Carvalho Teixeira – 166, 301
Gabriela Clerici Christofari – 271, 272, 273
Gabriela Cristina Maximo – 322
Gabriela Gehlen – 81, 84, 141
Gabriela Lemos de Pinho Zanardo - 181
Gabriela Mello Sabbag – 153
Gabriela Sarturi Rigão – 88, 252, 270, 302, 312
Gabriela Zuchetto – 186
Gabriele Beatriz Waack – 319
Gabrielle Barbieri Bressa – 93, 111, 292
Gabrielle Schneider Pereira – 143, 191
Gehisa Amábille Rech – 305
Gelson Panisson – 300
Geneniéve Tillmann Biz – 205
Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa – 225, 307, 317
Geni Daniela Núñez Longhini – 175
Gerusa Morgana Bloss Lucca – 272
Gilberto do Carmo Solano – 120
Gimol Benzaquen Perosa – 76, 220
Giovana Cristina Angioletti – 299, 350

Giovana Delvan Stühler – 305, 306
Girlane Mayara Peres – 127
Giselda Faes Kichler – 284
Gisele Regina da Cunha – 305
Glaucia Fredericci Trazzi – 279
Greice Kelly Barbosa – 171, 291
Guilherme de Carvalho – 326, 327
Guilherme Elias da Silva – 218
Guilherme Severo Ferreira – 181
Gustavo Affonso Gomes – 102
Gustavo da Silva Machado – 118
Gustavo de Oliveira Maximiano – 263
Hallana Höher Bohrer – 254, 301
Hanna Oliveira Silva – 149
Heitor Tomé da Rosa Filho – 297
Helen Durgante – 343
Helena Viana Fraga – 250
Hellen Ferreira da Silva Santos – 202
Hellena Bonocore Morais – 296
Henrique Caetano Nardi – 297
Hevellin Nattany Piai Dal Bem – 346
Hilda Rosa Capelão Avoglia – 150
Hugo Ribeiro de Souza – 298
Idonézia Collodel Benetti – 120
Igor do Nascimento Mesquita – 95
Igor Machado de Castro – 316
Ilana Andretta – 190
Inaê Benchaya Duarte – 71
Ionice Maria Amaral – 258, 295
Isabel Fernandes de Aguiar – 72
Isabela Castelli – 277
Isabela Cim Fabricio de Melo – 166
Isabela de Carlos Back – 320
Isabela Ecker Dresch – 257
Isabela Otechar Barbosa – 291
Isabella Goulart Bittencourt – 113
Isabella Kszani dos Santos – 335
Isabella Nali Freire – 279
Isabella Queiroga Ramos Floering – 299, 311
Isadora Conversano de Azevedo – 273
Isadora Cristina Putti Paludo – 88, 252, 270, 302, 312
Isadora Nogueira Freire – 110
Ivânia Jann Luna – 89, 210, 280
Izabel Carolina Martins Campos – 134
Jaciara Luana de Souza – 194
Jadir Martins Francisco Júnior – 318
Jamile de Souza Soares – 256
Jana Gonçalves Zappe – 307
Janaina Souza de Liz – 258, 295
Jane Moraes Lopes – 223

Janete Furtado Duarte – 290
Janine Julieta Inocente – 241
Janine Kieling Monteiro – 193
Janyne Dayane Ribas – 311
Jaqueline Borella – 253
Jaqueline Campiol – 158
Jaqueline Conz – 102, 103, 147
Jaqueline Miotto Guarnieri – 172
Jaqueline Patrícia do Amaral – 75
Jeisa Benevenuti – 268
Jeisiani M. Caldeira – 282, 320
Jennifer Vanessa A. dos Santos
Jennifer Vanessa Avila dos Santos – 88, 252, 270, 302, 312
Jeovane Gomes de Faria – 341
Jerusa Wilbert – 278
Jéssica Costa Machado – 308
Jéssica Janine Bernhardt Fuchs - 180
Jéssica Limberger – 190, 225
Jessica Molina Quessada – 344, 346
Joana Missio – 126, 187
Joanneliese de Lucas Freitas – 285
João Bezerra de Morais Segundo – 179
João Felipe Horr – 128, 223, 253, 309
João Luís Almeida Weber - 181
João Paulo Koltermann – 107, 113, 115
João Pedro B. Borges – 334
João Rodrigo Maciel – 237
João Rodrigo Maciel Portes – 87, 153, 322
Jodi Dee Hunt Ferreira do Amaral – 236
Joelma do Nascimento Lameu – 122
Jones Ivan Dias – 296
Jorge Castellá Sarriera – 163
Jorge Ondere Neto – 331
Jorgelina Ines Brochier - 200
José Doriberto Freitas – 105, 206
José Tadeu Acuna – 189, 323
Joselma Tavares Frutuoso – 334, 343, 351
Joselma Tavares Frutuoso – 351
Josiane da Silva Delvan – 81, 253
Joseane de Souza - 352
Josiane Lieberknecht Wathier Abaid – 94
Josiane Teresinha Ribeiro de Souza – 147
Josieli Piovesan – 88
Joyce Lúcia Abreu Pereira Oliveira – 79, 205
Juçara Clemens – 110
Juceleine Pereira Wako – 324
Júlia Mognon – 160
Juliana Fernandes Tedesco – 349
Juliana Frainer – 132, 155
Juliana Macchiaverni – 346

Juliana Marion – 203, 270, 273
Juliana Rego Silva – 100
Juliana Vieira Almeida Silva – 114
Juliane Gequelin Rosa – 299, 350
Juline Aldanê Silveira da Silva – 304
Karina Martins – 268
Karina Sena Müller Argenta - 129
Karoláine B. Sizenando – 334
Kathellyn Kazeker – 72
Kátia Bones Rocha – 102 – 103, 110, 147, 181
Katia Cilene Bertoncello – 320
Katia Gonçalves – 259
Katia Simone da Silva Silveira – 191
Katia Simone Ploner – 138
Kelly Ambrosio Silveira – 188
Kelly Maciel Silva – 137, 222
Kely Maria Pereira de Paula – 70, 188
Kesia Angelina Souza Barros – 311
Késya Martha dos Santos Cruz Silva – 326
Klara Zoz de Souza – 158
Lais Freitas Saraiva de Oliveira – 159
Lara Rejane Gomes – 202
Lara Simone Dias – 142
Lara Soares Fortes – 263
Larissa Edom Bandeira – 244
Larissa Fetter Wegner – 113, 115
Larissa Moraes – 181
Larissa Paraventi – 107, 113, 115
Larissa Santana Cunha – 197, 336
Larissa Voigt Nunes – 205, 312
Laura Augusta Barbosa de Almeida – 202
Laura Christofolettida Silva Gabriel – 140
Laura de Macedo Haeser – 246
Laura Maza Garrido – 290
Lauren Beltrão Gomes – 109, 214
Lauren Perdigão Affonso – 244, 345, 347
Lavínia Gampert Scotti – 191
Leandro Oltramari – 125
Lecila Duarte Barbosa Oliveira – 346
Léia Viviane Fontoura – 205, 258, 295, 312
Leo Lynce Valle de Lacerda – 247
Leticia de Amorim Cini – 72, 310
Letícia Lovato Dellazzana-Zanon – 229
Leticia M. Gabarra – 118, 119, 195
Leticia Scartazzini – 155
Lia Kubelka Back – 320
Lígia de Santis – 214
Lílian Maria Pagliuca – 340
Loiane Leticia dos Santos – 170, 281
Loredana Amaral Marzocchella – 244, 345

Loren Aita Riss – 135, 194, 234
Louise da Silveira Predotti – 108
Louise Neiverth – 338
Luana Dallo – 337
Luana de Souza dos Santos – 332
Luana Martins Sorrentino – 166, 301
Luana Sabrina Correa – 136
Luana Tonial – 74, 106
Lucas Ferreira Alves – 327
Lucas Martins Soldera – 218
Lucas Mentor de Albuquerque Nobrega – 334
Luccas Silva Machado 298
Lucia Cecília da Silva – 168, 170
Lúcia Maria de Oliveira Santos – 299, 350
Luciana Amorim, Aline Battisti Archer,
Luciana Gisele Brun – 234
Luciana Leonetti Correia – 82, 84
Luciana Oliveira de Jesus – 123
Luciana Suárez Grzybowski – 81, 84, 141, 209
Luciane Bozza Bertoncello – 319
Luciane Guisso – 248, 260
Luciane Najar Smeha – 92, 108
Luciano Franzim Neto – 132
Lucienne Martins Borges – 91, 118, 155, 165, 168, 199, 346
Lucila Rosa Matte Massignani – 334
Luís Otavio Matsuda – 259
Luísa Almeida Scaff – 142
Luísa da Rosa Olesiak – 69, 178, 272, 278, 343
Luísa Susin dos Santos – 343, 351
Luisa Todeschini Pereira Oliveira – 210
Luísa Vital de Souza – 177, 294
Luiza Harger Barbosa – 123
Luna Cassel Trott – 142, 186
Lusanir Sousa Carvalho - 200
Magda do Canto Zurba – 300
Maiane Santos Sauer – 202
Maiara Descovi de Freitas – 254, 301
Maicon Oliveira da Silva – 318
Maíra Almeida Carvalho - 117
Maíra Bonafé Sei – 321
Maira Julyê Mota Fernandes – 286, 325
Maíra Longhinotti Felippe – 267
Maísa Hodecker - 91
Maísa Pannuti – 310
Manuel Morgado Rezende – 129, 144, 275
Manuela Pimentel Leite – 299, 311, 316
Marcela Silva Baccelli – 239
Marcia Berbert Ferreira – 239
Márcia Camaratta Anton – 345
Márcia Lucrécia Lisboa – 210

Márcia Pinheiro Schaefer – 129
Marciana Gonçalves Farinha – 207, 352
Marcos Henrique Antunes – 222, 291
Maria Angela Giordani Machado – 348
Maria Aparecida Crepaldi – 68, 78, 86, 109, 152, 214, 237
Maria Beatriz Martins Linhares – 75, 229, 243
Mariá Boeira Lodetti – 168, 199
Maria Celina Trevisan Costa – 279, 326
Maria Chalfin Coutinho – 186
Maria Clara Bittencourt de Faria Santos – 349
Maria Cristina d'Avila de Castro – 156, 157
Maria de Fátima Minetto – 72, 105
Maria de Jesus Hernández Rodriguez – 240
Maria Elizabeth B. Tavares dos Reis – 333
Maria Emília Pereira Nunes – 118, 195
Maria Evanir Vicente Figueira – 108
Maria Fernanda Moura da Cunha – 344
Maria Geralda Viana Heleno – 84, 116, 219, 248
Maria Heloisa de Oliveira Bevilaqua – 200
Maria Júlia Armiliato – 177, 294
Maria Juracy Filgueiras Toneli – 180
Maria Luiza Bianchi – 265
Maria Luiza Iusten da Silva - 79
Maria Paula Vieira, Tatiana Rozenfeld – 100
Maria Valéria Contreras – 192
Maria Vitória Schizzi Tiepo – 251
Mariana Barreto Vavassori – 183
Mariana Bassoi Duarte da Silva – 166, 301
Mariana Bonomini Fogaça de Almeida – 266
Mariana Calesso Moreira – 196, 209, 307, 317
Mariana de Oliveira Bortolatto – 81
Mariana do Pilar Rosa Dias – 349
Mariana Luíza Becker da Silva – 182
Mariana Mateus de Queiroz – 326
Mariana Moura dos Santos - 79
Mariana Schubert Backes - 79
Mariane Comelli dos Santos – 183
Marilda Gonçalves Dias Facci – 132
Marilena Deschamps Silveira – 100
Marilia C. Machado – 334
Marília Ignácio de Espindola – 245
Marilia Martins Vizzotto – 310
Marília Parra Ribeiro Scabora - 140
Marilise Ferreira – 270, 273
Marina Corbetta Benedet – 257
Marina Damion – 196
Marina Gonzalez Valeton – 299
Marina Grossi Tollendal - 110
Marina Marinho – 95
Marina Menegueti Vaccaro - 170

Marina Menezes – 72, 74, 106, 213, 247, 255
Marina Paula Silva Viana – 299
Marina Peripolli Antoniazzi – 88, 93, 111, 252, 270, 292, 302, 312
Marina Zanella Delatorre – 231
Marion da C. Lencina – 191
Marjorie Rodrigues Wanderley – 344
Marlene Neves Strey – 145, 283, 296
Marlon Xavier – 148
Marta Orofino – 284
Martha Helena Oliveira Noal – 173
Mary Neide Damico Figueiro – 112
Mateus Pereira Benvenutti – 180
Maurício João Costacurta – 299, 311
Mauro Luís Vieira – 86, 87, 107, 109, 113, 153, 174, 214, 237
Meiridiane Domingues de Deus – 112
Melissa Rodrigues de Almeida – 176, 316
Mérope Spohr Pereira Vedana – 262
Michela da Rocha Iop – 183
Michele Patriota de Lima – 159
Miguel Alves de Sousa - 177
Miguel Luis Alves de Souza – 294
Mikaela Aline Bade München – 69, 303, 304
Milena Carolina Fiorini – 248, 260
Milene Strelow – 126
Mirela Heinen Rediss – 274
Miria Benincasa Gomes – 86, 226, 261, 293
Mônica Barreto – 107, 115, 153, 174
Mônica Lindner – 306
Mônica Sperb Machado- 245
Morgana Martins de Medeiros – 287, 313
Muriell da Silva Coelho – 315
Murilo Domingues Alves – 304
Naiana Dapieve Patias – 307
Nalu Silvana Both – 102, 103
Nancy Julieta Inocente – 241
Narbal Silva – 216, 232, 261
Natália Lorenzetti da Rocha – 199
Natanna Taynara Schütz – 204
Natasha Erthal – 90, 138
Nathália M. S. da Rocha – 165
Nathalie Baril – 338
Nathan Haniel de Souza – 205, 312
Natielen Peixe – 273
Natielle Lopes Borges – 136
Neftali Beatriz Centurion – 255
Neliane Lazarini de Sousa – 86, 293
Neusa Beatriz Barcelos de Farias – 328, 330
Nicole Rascle – 241
Nikole Fernandes – 287, 313
Nivaldo Machado – 204

Noemia Cavalheiro – 105
Olga Maria Piazentin Rolim – 220, 293
Paola Fagundes Pase – 200, 297
Paola Nunes Goularte – 118, 119, 195, 336
Paola Otaran – 177
Pascale Chechi Fiorin – 307
Patrícia Dalagasperina – 225, 267, 307, 317
Patrícia Kopaef Ferreira – 328, 330
Patrícia Matte Rodrigues – 150, 175
Patrícia Paraboni – 99, 126, 187, 271, 272
Patrícia Sanches – 262
Patrícia Sheeren – 231
Paula Biazetto Machado Sombrio – 147
Paula da Silva Kioroglo Reine - 159
Paulo Francisco de Castro – 150, 154, 219, 263, 315, 318, 331
Paulo Vitor Silva – 140
Priscila Gasperin Pellegrini – 109
Priscilla Terumi Moraes – 257
Quésia Postigo Kamimura – 241
Rafael Pereira – 142
Rafaela Barros Ramalho – 169
Rafaela de Almeida Schiavo – 76
Rafaela Luiza Trevisan – 133, 266
Rafaela M. M. Buran – 264
Rafaela Quintana Marchesan – 175
Raieli Ciscato Bressan – 92, 108
Raíssa Didzan – 251
Raissa Santos Monteiro da Silva – 202
Ramiro Figueiredo Catelan – 297
Ramylla Saldanha Penha – 349
Randolfo dos Santos Júnior – 170, 281
Raphaella Ropelato de Souza – 299, 319, 350
Raquel de Andrade Souza Ew – 147
Raquel Ghizoni Argenta – 147
Raquel Lima Pedrosa – 101
Raquel Pereira Branco Santos – 154
Rebecca Anne Pimenta- Blight – 289
Regiane Ribeiro de Aquino Serralheiro - 116
Rejane de Farias – 212, 287, 313
Rejane Rosaria Grecco dos Santos - 110
Renan Kintopp – 275
Renata Biava – 265
Renata da Silva Cardoso Rocha Tavares – 241
Renata de Souza Princival – 288
Renata Eisermann Rodrigues – 328, 330
Renata Elisa F. Brust – 185
Renata Fabiana Pegoraro – 110
Renata Magalhães Naves – 298
Renata Maria Dotta Panichi – 200
Renata Petry Brondani – 126, 187, 245

Ricardo Ramina – 275
Rita de Cassia Silva Oliveira – 279
Rita de Cassia Sobreira Lopes – 130
Robert Filipe dos Passos – 172
Roberta Borghetti Alves – 91, 116, 296
Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente – 70
Roberta de Alencar Rodrigues - 148
Roberto Moraes Cruz – 132, 153, 155, 156, 157, 266
Rodrigo Sanches Peres – 255
Romilda Guilland – 155
Rosana dos Santos Silva – 95, 202
Rosane Gonçalves Nitschke - 137
Rosane Romanha – 334
Rosecler Tavani Kich – 328, 330
Rovana Kinas Bueno – 86, 107, 115, 214
Rute Grossi Milani – 140
Sabrina Daiana Cúnico – 283
Samanta Fabricio Blattes da Rocha – 275
Samara Morais dos Santos – 248
Samara Silva dos Santos – 164, 249, 254, 270, 301
Samir Sarda – 264
Samira de Mello – 343, 351
Sandra Regina Sallet – 304
Sara Boege Pickler – 309
Sara Helen Kolacki – 77
Sara Moura de Carvalho – 202
Sashenka Meza Mosqueira - 207
Scheila Krenkel – 250
Selma Maria Coelho Pitz – 265
Sergio Fernando Torres de Freitas – 320
Shana Hastenpflug Wottrich – 213
Sheila Gonçalves Câmara – 209
Silvana Alba Scortegagna – 88, 153, 160
Sílvia Batista Von Borowski – 256
Sílvia Helena Koller – 297
Silvia Maria Azevedo dos Santos – 137
Silvia Nogueira Cordeiro – 171, 291
Silvia Regina Viodres Inoue – 324
Simone Dill Azeredo Bolze – 109, 152, 214
Simone J. P. de Simone – 264
Simone J. Pereira – 282, 320
Simone Scremin – 326
Simone Susana Saad Freitas Passos Valesi – 346
Simone Vieira de Souza – 121
Sônia Regina Fiorim Enumo – 70, 229
Stefanie Miranda Porto – 286
Sueli Terezinha Bobato – 90, 282, 316, 320
Susan Lusca da Silva – 104, 329
Suzana da Rosa Tolfo – 216, 265
Suzana Maiara Costa – 202

Taciane Cristina Schlindwein – 306
Tagma Marina Schneider Donelli – 129
Tahena Silva Ferreira – 293
Taís Xavier Rigobello – 110
Taise Girardi Scheffmacher – 259
Tales Vilela Santeiro – 298
Talita de Oliveira Custódio – 340
Talita Fabiele Karasinski – 349
Talita Perboni – 275
Talya Pedron Alves – 253
Tamara Santos de Souza – 197
Tamires Dartora – 338, 342
Tamires Dias Santos – 245
Tamires Miguelao Mancusi – 279
Tânia Maris Grigolo – 125
Tatiana Amato – 192
Tatiana Benevides Magalhães Braga – 149, 185, 207
Tatiana Prade Hemesath – 282
Tatiana Silveira Michaelsen – 94
Tatiane Cabral de Araujo – 269
Tatiane Maraschin Fermiani – 316, 319
Tatiane Medianeira Baccin Ambrós – 131
Tatiane Muniz Barbosa – 172
Taynan M. Silva – 334
Thaiany Domingues Matos – 74, 106, 257, 322
Thaís Bolognini – 282, 320
Thais Cristina Delazeri - 343
Thaís Cristine Farsen – 261
Thais Laudares Soares Maia – 324
Thaís Massom – 267
Thaís Quinaglia Guimarães – 279
Thais Ramos de Carvalho – 237
Thais Salete Chirnev – 153
Thamiris Morais Silva – 279
Thaynara Magalhães Vieira - 171
Thiago Costa – 306
Thiago S. Alves – 198
Thiciara Mattiazzi – 246, 304
Thyale Brizolara, Zelma Freitas Soares – 95
Tiago Lopes - 72
Tiago Zanatta Calza – 163
Valdizia Maria Silva do Nascimento – 169
Valéria Queiroz – 326
Vanessa Czerwinski Ferreira – 277
Vanessa da Silva Domingos – 183
Vanessa Pereira da Silva Rodrigues Félix – 169
Vanessa Russi Fiorini – 81, 84, 141
Vanessa Visockas Wiezel – 333
Vera Lúcia Messias Fialho Capellini – 189, 323
Verônica G. Yamashita – 334

Victor Mantoani Zaia – 226
Victória Niebuhr Loos – 81
Victória Noremberg Bitencourt – 331
Vivian Marx – 342
Viviane Américo Florentino – 256
Viviane Oliveira de Almeida Jeremias – 277
Waleska Jerusa de Souza Mendonça – 326
Wanderson Fernandes de Souza – 122
Willian, Gefferson S. Trindade – 198
Yago Luksevicius de Moraes – 129
Yara Maria Franco Moreno – 320
Yve do Prado Albuquerque - 75
Zaira Aparecida de Oliveira Custódio – 228, 273, 347
Zuleica Pretto – 75